

Soares Feitosa

*P*oética

A

A



Copyright © 2023: Francisco José SOARES FEITOSA
Facebook: Soares Feitosa (soares.feitosa.9)
jornaldepoesia@gmail.com

Capa: “CABEÇA DE MULHER”, Leonardo da Vinci, Galleria Nazionale, Parma, Itália.

Contracapa: “Tentativa de retrato da alma do poeta”, Maura Barros de Carvalho, Rio, 1996, escritório adv. Francisco Feitosa, Fortaleza, CE.

Ficha catalográfica:

Soares Feitosa

*P*oética

Poetas,

Este projeto, dois livros:

a) POÉTICA, versão digital, um “livro de leitura”, a reunir os leitores, incentivar uns e outros a essa grande festa que é a Poesia, em especial aqueles que se manifestaram sobre alguns destes poemas (não incluídos no livro “PSI”), publicados no formato “panfleto” ou *e-mail*. Imagino que, até mais importante que os poemas, os comentários dos leitores, fundamentais ao debate.

b) POÉTICA, livro físico, papel-e-tinta, somente os poemas, texto limpo e seco, como todo mundo faz, neste segundo semestre de 2023.

Por favor, os elogios, nesta versão digital, não são pessoais. A maioria dos comentaristas, sequer os vi pintados. Ao texto — análise crítica, viagem, vertigem e crescimento. Palavras do poeta Hildeberto Barbosa Filho, *Facebook*, “Pensamentos Provisórios”, mar/2023:

“Não se faz poema sem outros poemas. Não há poeta sem outros poetas. Toda poesia que se preze é sempre um prosear”.

Vivo dizendo, até para quem não quer ouvir, que **“Ler é mais difícil que escrever, senão tanto”**. O fato é que lendo e relendo os comentários deste livro, dou-me conta de “outras viagens”, sequer imaginadas. Um enriquecimento, com certeza.

Vale esclarecer que nunca houve uma troca prévia, de escrever e pedir sugestão. Não, isto não. A “corrente” acontecia via *e-mail* e também via “panfletos”, do tipo uma folha A-4 na horizontal, formando quatro páginas; doze folhas, quarenta e oito páginas; pura farra: imprimir, dobrar, grampear, dedicar de próprio punho e levar ao Correio. Sim, um trabalho, muito mais prático na gráfica. Era o prazer do fazer, *faber* – mãos. Um total de quatro panfletos, de mundo afora. Uma integração muito interessante que, agora retomo com esta versão digital.

O bom daquele intercâmbio é constatar que o escrito repercutiu. Alguns que nunca escreveram uma linha – escreveram. E, certeza maior: leram mais.

O péssimo desta história toda tem sido a minha “viuvez”: amigos a quem nunca vi (mas o convívio-escrita dava conta de “vê-los”) – caíram na bobeira de morrer. Quem? O Iosito Aguiar, a Sonia Alves Dias, dentre muitos outros. A Rita Brennand, a Yeda Schmaltz, a Adriana Lustosa – uma longa lista.

Cito-me, sobrevivente, “Estudos & Catálogos – Mãos”, neste livro:

“Ah, meu caro *Vergilius* – Nunes Maia ou Publius Maro, tanto faz –, a legitimidade do nosso canto é tão-só a sustentar o júbilo. Se cantamos a vida, cantemo-la como a não morte; se cantamos a morte, que seja um **psalmo** de ressurreições.”

Esta frase, o Dr. Rogério Lima (à época, advogado do nosso escritório; hoje, *Jurídico* do BNB) emoldurou e me deu de presente, aqui, na parede, a quem chegar. O Dr. Rogério anda com ela, num papelucho plastificado, pra cima e pra braixo. Eu também ando, tatuada no peito, lado de dentro.

Dos amigos que se foram, este outro registro especial: J. Romero Antonialli, um professor no interior de São Paulo, Casa Branca, dizer que o maior prazer, então aposentado: dissecar, em ampla profundidade, alguns poemas que lhe mandei; que estava a aprender grego para analisá-los melhor.

Que a morte os cubra de glória.

E, ausência das mais sentidas que, simplesmente sumiu: Maria Alice Villa Fabião, cultíssima, tradutora da União Europeia, Portugal-Holanda. Sim, cadê a Alícia?! Alícia, eu vou gritar o teu nome.

[...]

Agora, este “panfletão”, um *Livro Vivo*? Sim, isto mesmo. Quiser participar, será um prazer. **Permanentemente atua-**

lizado, on line, no Jornal de Poesia. Edição digital, com dedicatória pessoal, “caneta ótica”, do *tablet* (aprendi a fazer); no modo “pix-zero”, isto é, gratuito, na mesma linha do Jornal de Poesia, a famosa cláusula “**NR-NP — Nada recebemos, nada pagamos**”.

Poeta, isto é um convite.

Projetos:

a) Ressuscitar o “Jornal de Poesia”. Prioridade absoluta aos poetas que participaram deste ágape, desde “PSI”. (A quem for chegando, também). E quem morreu? Isto lá é conversa!, sobretudo em respeito ao senhor Bibliotecário, Djalma Ribeiro Cavalcante, em sua cela, no Carandiru (demolido), noite de 13 para 14 de março do Século Cem, de Ésquilo, vide estrofe primeira da “Ode Triunfal”, de Pessoa, quando homenagearemos o *Menino* (Castro Alves) e resolveremos um monte de pendências, deuses e demônios, poema Salomão. Se trabalhamos com esta grandeza, o Século Cem, de Ésquilo, reunião marcada para a Noite do *Menino*, 14 de março do ano 10.000 — convido-os! —, é porque desacreditamos a morte.

b) Publicar “SALOMÃO”, neste mesmo molde, os leitores “de dentro”;

c) Publicar, digital, “PSI, A PENÚLTIMA”, poema a poema, com os comentários e posfácios, também mesmo molde deste livro.

O abraço do

SOARES FEITOSA

Rua Canuto de Aguiar, 1055, apto 500

60160-120, Fortaleza, CE

jornaldepoesia@gmail.com



Em sendo este um “livro de leitura”, com maior destaque a seus intérpretes, trago-lhes o índice de cada texto e respectivos comentaristas, tal e qual no Jornal de Poesia. A consequente necessidade de espaço gráfico-digital; a folha em branco, o arejamento, a quem for chegando.

“Leitor, este pedaço de folha de papel em branco é teu. Escreve! Vai, escreve! É a tua parte! Anda, leitor, bate logo o tal retrato. Lápis e borracha novos. Escreve!”. (Diálogo de Francisco e SF, no próximo livro, “PSI, a penúltima”;

“deixavam espaços em branco,
em branco,
para as coisas que não sabiam”
(Ezra Pound, Canto 13,
tradução Irmãos Campos
e Décio Pignatari, Ed. Hucitec).

Links. Montá-los, links, de modo que clicando em cada poema, fração de segundos, “caia” no poema e seus comentaristas (Ainda em construção). A ampla navegabilidade, tal e qual o Jornal de Poesia, na Internet. Além do mais, o recurso “Control-F”: achar, por exemplo a Ana Cabreira e, num segundo, aqui está a sra. Ana Cabreira. Afinal de contas, onde anda essa Ana Cabreira? Cultíssima, não a encontro, Ceca e Meca, lamparina na mão, eu... Prevenido, o espelhinho do poema “Não é aqui não”, debaixo do braço — ainda “veve”? Parece-me que seria Anadege Cabrera, do RS; adaptou para Ana Cabrera, depois Ana Cabreira. Escreve, sim, muito que bem, ela; excelente.

Atualização semanal, é a ideia.

Pronto, aqui está o índice dos poemas, com o santo nome dos comentaristas:

Poética, Índice

Da Petição às Musas...	36
1. Dedicatória ...	37
2. Architectura...	42
3. Um cronômetro para piscinas...	52
4. As carnaubeiras de Catuana: Octavio Paz / SF...	70
5. Nunca direi que te amo...	81
6. Noite, dois excertos...	93
7. Estudos & Catálogos – Mãos...	99
8. Se...	154
9. Não é aqui não...	158
10. Habitação...	168
11. O prisioneiro...	184
12. Ma fi Allah!...	194
13. Da caixa postal aos corrós de açude...	202
14. Relato de uma peregrinação adolescente...	219
15. Gêmeas eram as senhas das torres gêmeas...	255
16. Dos sapos e dos livros, três pequenos enigmas...	271
17. Adolecíamos...	282
18. Eram os olhos...	288
19. Uma pequena lição de cavalaria...	295
20. A menina afegã...	320
21. O homem sem cabeça, um quadro de Hélio Rola...	338
22. Milenium, o retrato do peixe...	349
23. Fui eu, um quadro de Valdir Rocha...	352
24. Uma canção distante...	362
25. As chaves do Sertão, quadro de Micheliny Verunsch...	380
26. À vista de ti...	382
27. Os varapaus de Mateus...	387
28. Hanna, suas versões ao passado...	405
29. Nordestes...	434
30. Carlos Augusto Viana entrevista SF...	441
31. Batraquiais...	449
32. André de Sena entrevista SF...	454

33. Eleuda Carvalho entrevista SF... 471
34. Tentarei tatear um relógio... 479
35. Posfácio a um livro do poeta W. J. Solha... 482
36. Olha, Tomé, o teu pássaro foi-se embora... 486
37. Sim, não era a morte, era a vida... 502

**1. Dedicatória,
página... 37**

Ana Guimarães	Nilto Maciel
Antonio Palmeira	Nilze Costa e Silva
Edna Oliveira de Sant'Ana	Regine Limaverde
Fabricao Oliveira	Rodrigo Magalhães
Hilton Deives Valeriano	Rodrigo Marques
Izacyl Ferreira Guimarães	Valdir Rocha
José Inácio Vieira de Melo	Vicente Freitas
Luís Antonio Cajazeira Ramos	Vicente Pellegrini
Luiz Paulo Santana	Yvelise Castro
Maria do Carmo Vieira	

2. Architectura, página... 42

Alexandre Palermo Ramos	João Gomes Moreira
Beatriz Fernandes	Jose Nêumanne Pinto
Carla Pereira	Julio Rodrigues Correia
Carmen Beltrão	Lindair
Danillo V. B da Silva	Luiz Paulo Santana
Diatahy Menezes	Lustosa da Costa
Edna Menezes	Maria Alicia Vila Fabião
Elíude Viana	Natália
Eloí Elisabet Bocheco	Nei Duclós
Emílio Burlamaqui	Paulo Torquato Tasso
Geraldo Vasconcelos	R. Roldan-Roldan
Helder Ventura	Sonia Alves Dias

3. Um cronômetro para piscinas, página... 52

Adriano Espínola	Heraldo Amaral
Alexandre Forte	Izacyl Guimarães Ferreira
Ana Cabreira	Katia Mendes
Ana Luísa Peluso	Laeticia Jensen Eble
Antônio Cícero	Luciano Bonfim
Carlos Felipe Moisés	Luiz Paulo Santana
Cleberton Santos	Mantovanni Colares
Clivânia Teixeira	M ^a Lourdes Aragão Catunda
Diatahy Menezes	Rafael Montandon
Edson Alves Damasceno	Ricardo Alfaya
Elizabeth Lorenzotti	Rita Brennand
Emerson Damasceno	Rodrigo Gurgel
Erorci Santana	Rogério Lima
Fagundes de Oliveira	Ruy Espinheira Filho
Francisco Perna Filho	Valdir Rocha
Frederico Max	Yêda Schmaltz
Gisele Leite	

**4. As carnaubeiras de Catuana:
Diálogo SF / Octavio Paz,
página... 70**

Aricy Curvello	Marigê Quirino Marchini
Erorcy Santana	Nelly Novaes Coelho
Herculano Moraes	Regina Souza Vieira
Iosito Aguiar	Rodrigo Petronio
José Peixoto Júnior	

**5. Nunca direi que te amo
página... 81**

Adelaide Lessa	João Barcellos
Alckmar Luiz dos Santos	Joaquim Alves
André Seffrin	Jônio
Anita Costa Prado	José Maria Pinto
Antônio Augusto	José Nêumanne Pinto
Antônio Pereira	Júlio Neves Pereira
Bruno Kampel	Lau Siqueira
Cheryl Hatfield	Lindair
Cristiane França	M ^a Fátima Delfina Moraes
Cyro de Mattos	Maria Cristina
Daisy Maria Gonçalves Leite	Marlene Andrade Martins
Diatahy Menezes	Olympia Salete Rodrigue
Eduardo Marciel	Paulo Torquato Tasso
Elizabeth Lorenzotti	Rodrigo Garcia Lopes
Eloí Elisabet Bocheco	Rodrigo de Souza Leão

Flora Ferreira	Ruy Câmara
Gerana Damulakis	Ruth Souza Saleme
Gizelda	Ruy Espinheira Filho
Hélio Pólvora	Sonia A. Dias
Helena Monteiro	Souza Santos
Itacildo	Stela Fonseca
Ivone Medeiros Tönig	Virgínia Schall

**6. Noite, Dois excertos,
página... 81**

Aníbal Beça	Gizelda
André Seffrin	Hilton Deives Valeriano
Flora Ferreira	Rosel Soares

**7. Estudos & Catálogos – Mãos,
página... 99**

Adail Sobral	José Augusto de Carvalho
Adelaide Lessa	José Batista de Lima
Adelino Brandão	José Carlos A. Brito
Albertus Marques	José Geraldo Neres
Alcir Pécora	Júlio Rodrigues Correia
Alfredo Fressia	Lauro Marques
Álvaro Seiça Neves	Lêdo Ivo
Amélia Marcionila	Leonardo Aldrovandi
Ana Cabrera	Leônidas Arruda
Ana Carolina Elias Pedretti	Leotino Filho
Ana Elisa Ribeiro	Lucas Tenório
Ana Peluso	Luciano Tosta
Anderson Braga Horta	Lucius Matos
André Seffrin	Luiz Costa de Lucca Silva
Andrea Cristina Lopes	Luiz Paulo Santana

Andréa Santos	Luizir de Oliveira
Antero Barbosa	Lurdinha Leite Barbosa
Antônio Carlos Secchin	Majela Colares
Antônio Lauri de Oliveira	Marcelo Ariel
Antônio Mariano Lima	Marco Antônio Cardoso
Aparecida Mariano de Barros	Marco Aqueiva
Ascendino Leite	Maira da Conceição Paranhos
Astrid Cabral	Maria Consuelo C. Campos
Augusto Barbosa Coura Neto	Maria Fortuna
Aura Regina Sorrentino	Maria da Graça Almeida
Bernadette Lyra	Maria Georgina Albuquerque
Camilo Martins	Maria Helena Neri Garcez
Carlos Felipe Moisés	Maria Lilia Martins Carneiro
Carlos Gildemar Pontes	Maria Rosolem Sanches
Carlos Herculano Lopes	Maria Socorro Cardoso Xavier
Carlos Nejar	Marigê Quirino Marchini
Cida Sepúlveda	Marília Gonçalves
Cláudio Aguiar	Mário Cezar
Cleberton Santos	Mauro Mendes
Clotilde Tavares	Nelly Novaes Coelho
Cristiane França	Nerino de Campos
David Medeiros Oliveira	Nicodemos Sena
Dean Falek	Nilto Maciel
Deise Assumpção	Paulo Cauim
Dimas Macedo	Paulo de Toledo
Domi Chirongo	Pedro Rogério
Edna Menezes	R. Roldan-Roldan
Edivaldo de Jesus Teixeira	Ray Silveira
Diatahy Menezes	Regina Lyra
Eduardo Gomes A. Maciel	Regina Souza Veira
Erika Jane	Renata Palottini
Ererci Santana	Renato Azevedo
Fernando Matos	Renato Suttana
Flávio Bertelli	Ricardo Alfaya
Foed Castro Chamma	Rita Brennand
Francisco Carvalho	Rodrigo Magalhães
Francisco Francijési Firmino	Rodrigo Marques
Fco. José Aguiar Moura	Rodrigo Petronio
Francisco Miguel de Moura	Ronaldo Costa Fernandes
Gilberto Alves Jr	Rosalice Sherffius
Gizelda Morais	Salomão P. Maia
Gláucia Lemos	Sandra Regina S. Baldessin
Graça Graúna	Sérgio Godoy
Helena Armond	Sílvio Roberto Santos
Ildásio Tavarre	Socorro Carneiro

Izacyl Guimarães Ferreira	Sonia Sales
Jackson da Silva Lima	Teresa Schiappa
Jaumir Valença	Terezinha Carvalho de Moraes
Jerônimo Fagundes de Souza	Valdir Rocha
João A. Campato Júnior	Vicente Freitas
João Batista de Oliveira Filho	Virgílio Maia
Jon Tonucci	Xênia Antunes
Jorge Tufic	Wellington Almeida Pinto

**8. Se,
página... 154**

Alckmar Luiz dos Santos	José Nêumanne Pinto
André Seffrin	M. Luísa Vasques Dinis
Joaquim Alves	Mauro Mendes
João Domingues Maia	

**9. Não é aqui não,
página... 159**

Elaine Pauvalid	Regina Souza Vieira
Ererci Santana	Marigê Quirino Marchini
Herculano Moraes	Sônia Alves Dias
Nelly Novaes Coelho	

**10. Habitação,
página... 168**

Adriana Patrícia de Souza	Luiz Nogueira Barros
Antônio Massa	Maria Alice Vila Fabião
Bárbara Jô	Maria Azenha
Carmen Beltrão	M ^a Conceição Carneiro [Frô]
Daniela Mayumi Ushizima	Maria Maia
Eloí Elisabete Bocheco	Miguel Sanches Neto
Ernâni Getirana	Mirna Gleich
Gláucia Lemos	Ruth de Paula
Iosito Aguiar	Ruy Vasconcelos
Iuri Dantas	Silvana Rossi
João de Deus Souto Filho	Souza Santos
Joaquim Alves	Stela Fonseca
Lau Siqueira	Vanda Donadio
Lígia Neves	Vito Cesar Fontana

**11. O prisioneiro,
página... 184**

Adail Sobral	Fernando Alves Sales
Ângelo Bruno	José Alcides Pinto
David S. Almeida	

**12. Ma fi Allah!,
página... 194**

Abilio Terra Júnior Luiz Paulo Santana
Antônio Palmeira Ricardo Alfaya
Celso Brito

**13. Da caixa postal aos corrós de açude
(Visita ao poeta Ascendino Leite),
página... 202**

Ademir Demarchi Luciano Maia
Aderson Braga Horta Luciano Tosta
Adriana Zapparoli Luciene Reis
Affonso Romano de Sant'Ana Luís Manoel Paes Siqueira
Alfredo Fressia Luís Pais
Ana Cordeiro Luiz Edmundo Alves
Anderson Braga Horta Luiz Eduardo Campelo
Andréa Santos Luiz Paulo Santana
André Seffrin Luiz Ruffato
Anísio Lage Neto Luiz Sérgio dos Santos
Antônio Carlos Secchin Maria da Conceição Paranhos

Antônio Lauri de Oliveira	Maria Helena Nery Garcez
Daniel Mazza	Mauro Mendes
Cláudio Willer	Miguel Sanches Neto
Deise Assumpção	Nicodemos Sena
Donizete Galvão	Nilto Maciel
Eliana Bueno Ribeiro	Paulo de Toledo
Erorci Santana	Paulo Torquato Tasso
Everaldo M. Veras	Raquel Naveira
Foed Castro Chammas	Renato Suttana
Francisco Perna Filho	Rodrigo Magalhães
Gizelda Moraes	Ronaldo Cagiano
Gustavo Dourado	Rosa Alice Branco
Ivo Barroso	Rosalice Scherffius
Izacyl Guimarães Ferreira	Sandra Regina S. Baldessin
João Filho	Silvana Amorim
José Pedreira da Cruz	Ruy Espinheira Filho
José Peixoto Jr	Valdir Rocha
Lau Siqueira	Vicente Freitas
Lauro Marques	Weydson Barros Leal
Leônidas Arruda	

14. Relato de uma peregrinação adolescente
página... 219

Abílio Terra Júnior	José Aloise Bahia
Adriana Zaparolli	José Felix
Adriles Ulhoa Filho	José Peixoto Júnior
Alckmar Luiz dos Santos	Luís Manoel Siqueira
Aldo de Oliveira Jr	Maria A. S. Coquemala
Alfredo Fressia	Maria da Conceição Paranhos
Aline Lages Tomás Coelho	Maria de Lourdes Hortas
Ana Peluso	Mario Cezar Coivara
Angela Togeiro	Marina Leitão
Antero Barbosa	Mauro Mendes
Antônio Carlos Secchin	Nei Duclós
Antônio Seixas	Nilto Maciel
Astrid Cabral	Ozório Couto
Carlos Felipe Moisés	Paulo Gondim
Carlos Roberto Lacerda	Paulo Rezende
Carmen Cinira	Paulo Rosenbaum
Cecília Quadros	Paulo de Toledo
Cida Sepulveda	Raquel Naveira
Cissa de Oliveira	Ray Silveira
Claudio Willer	Regine Limaverde
Edna Oliveira de Sant'Ana	Renato Suttana
Edson Bueno de Camargo	Rita Brennand
Efer Cilas dos Santos Jr	Rodolfo Lopes
Elidia Maria Franzin	Ronaldo Costa Fernandes
F. Silveira Souza	Ruy Espinheira Filho
Fátima Leal	Sandra Baldessin
Floriano Martins	Sérgio de Castro Pinto
Francisco Cordeiro	Vera Queiroz
João Arlindo Corrêa Neto	Vicente Franz Cecim
João Soares Neto	Willis Santiago Guerra

**15. Gêmeas eram a senhas das torres gêmeas
ou
O homem limpo de coisas é a medida do homem,
página... 255**

Ana Peluso	J. Romero Antonialli
Claudio Willer	José P. di Cavalcanti Jr.
Floriano Martins	Luciano Maia
Helio Polvora	Nelly Novaes Coelho
Guilherme Neto	Pedro Nunes Filho
Ildasio Tavares	Teresa Rivero
Ivo Barroso	

16. Dos sapos e dos livros, três pequenos enigmas
página... 271

Anderson Braga Horta	Mariza Penchel D'Aparecida
Edson Alves Damasceno	Nei Duclós
Fagundes de Oliveira	Paulo Rosenbaum
Izacyl Guimarães Ferreira	Ricardo Alfaya
Luiz Paulo Santana	Sandra Regina S. Baldessin
Maria Helena Neri Garcez	Valdir Rocha

17. Adolescíamos,
página... 282

Adriana Bernardi	Maria da Graça Almeida
Beatriz Fernandes	Paulo de Tarso Pardal
David Medeiros Oliveira	Regine Limaverde
Flora Figueiredo	Rosana Piccolo
Helena Armond	Ruth de Paula
	Wenio Pinheiro Araújo

**18. Eram os olhos,
página... 288**

Ans Guimarães	Luciano Lanzillotti
Celso Alencar	Luis Antonio Cajazeira Ramos
Eliane Pantoja Vaidya	Luis Avelima
Floriano Martins	Remisson Aniceto
Francisco José C. Linhares	Rodrigo Rosas Fernandes
Hildeberto Barbosa Filho	Sebastião Cesar Aguiar Vale
Joca da Costa	Valdir Rocha
José Henrique Calasans	W. J. Solha
Jussara Trindade	

19. Uma pequena lição de cavalaria
página... 295

Abílio Terra Júnior	Luiz Paulo Santana
Afonso Luiz Cornetet	Maria da Paz Ribeiro Dantas
Alcina Maria Azevedo Silva	Marisa Cajado
Anderson Braga Horta	Mary Silveira
Aníbal Beça	Miguel Carneiro
Antero Barbosa	Nicolau Saião
Antônio Palmeira	Nilto Maciel
Bernadette Lyra	Paulo Gondim
Carlos Felipe Moisés	Paulo de Toledo
Carlos Roberto Lacerda	Ray Silveira
Circe Vidigal	Ricardo Alfaya
Cissa de Oliveira	Roberto Pires
Diego de Carvalho	Rodolfo Lopes
Edna Menezes	Rodrigo Magalhães
Edson Bueno de Camargo	Rodrigo Petronio
Fátima Irene Pinto	Sandra Baldessin
Gildemar Pontes	Sérgio de Castro Pinto
Gustavo Dourado	Solange Stopiglia
Ivo Barroso	Urariano Mota
José do Vale	Vássia Silveira
Luís Manoel Paes Siqueira	Vicente Franz Cecim
	Vicente Freitas

20. A menina afegã
página... 320

Alexandre Forte	José Félix
Ana Behrens	José Lira
Ana Peluso	José Paulo di Cavalcanti
Antônio Carlos Secchin	Juarez Leitão
Aroldo Ferreira Leão	Leontino Filho
Ari Pedro Balieiro Jr	Lilian Maia
Barone	Manoel H. A. Sória
Carla Aka	Márcia Theóphilo
Cida Torneros	Marco Polo Guimarães
Cláudio Willer	M ^a Aparecida M. Costa
Dênio Magno Cunha	M ^a Helena N. Garcez
Edson Alves Damasceno	M ^a de Lourdes Hortas
Eduardo Diatahy	M ^a Teresa Lima
Erorci Santana	Marília Gonçalves
Eurivo Ribeiro da Cruz	Maurício Matos
Foed Castro Chammas	Mavisante
Francisco Perna Filho	Max Moreira
Fred Souza Castro	Micheliny Verrunsch
Geraldo Chacon	Oriana Almeida
Geraldo Peres	Pedro Lyra
Gerana Damulakis	R. Leontino Filho
Hebe Lopes de Almeida	Rafael Montandon
Helena Armond	Ricardo Alfaya
Irinete Alves	Rita Brennand
Ivo Barroso	Roberto Pires
Izacyl Guimarães Ferreira	Rodrigo Rosas Fernandes
João Batista da Silva	Ronaldo Castro
João de Abreu Borges	Rosa Lucas
João Filho	Ruy Espinheira Filho
Jorge Ribeiro	Simone Ostrowski
José Almino de Alencar	Vicente Franz Cecim
José Carlos Teodorovicz	Weydson Barros Leal

21. O homem sem cabeça, quadro de Helio Rola... 338

Antônio Filho	Regina Lyra
Eduardo Diatahy	Rogério Lima
Fabício Carpinejar	Rosa Esteves
Jamesson Buarque	Vera Queiroz
João Arlindo Corrêa Neto	Vicente Franz Cecim
Marília Gonçalves	Vitor Szejder
Rafael Montandon	

22. Milenium, o retrato do peixe... 349

André Seffrin Luciano Maia

23. Fui eu, quadro de Valdir Rocha... 352

André Seffrin	Mantovanni Colares
Cláudio Willer	Marília Gonçalves
Fernando Henrique	Marina Leitão
Helena Armond	Ricardo Alfaya
João Filho	Rita Brennand

24. Uma canção distante, página... 362

Abílio Terra Júnior	Joaquim Saial - Portugal
Ana Peluso	Junot Silveira
Cláudio Portella	Luciano Maia
Daniel Glaydson	Luiz Paulo Santana
Edna Oliveira de Sant'Ana	Maria da Paz Ribeiro Dantas
Edson Alves Damasceno	Marco Aqueiva
Elídia Maria Franzin	Nilto Maciel
Floriano Martins	Paulo Rosenbaum
Francisco Perna Filho	Regine Limaverde
Givaldo Amaral Santos	Vivaldo Lima de Magalhães
Izacyl Guimarães Ferreira	

**25. As chaves do sertão, quadro de Micheliny,
página... 380**

**26. À vista de ti,
página... 382**

Lucas de Souza Márcia Sanchez Luz
Luciana Martins Ruth de Paula

**27. Varapaus de Mateus
página... 387**

Abilio Terra Júnior Mara Alanis
Adriano Espíndola Maria Helena Nery Garcez
Afonso Luiz Cornetet Maria Isabel Araújo
Albano Martins Ribeiro Mario Cezar
Antônio Aurelino S. da Costa Mario Moreira
Aricy Curvello Milton Larentis

Auro Ruschel	Nilto Maciel
Betwel Cunha	Ozório Couto
Carlos Felipe Moisés	Rodrigo Magalhães
Claudio Willer	Rogério Lima
Floriano Martins	Rubenio Marcelo
Francisco Gomes de Moura	Ruy Espinheira Filho
Frederico Pereira	Sérgio de Castro Pinto
Geraldo Peres Generoso	Sergio Wanderley
Helena Pedra	
Henrique César Cabral	Silvio Piassarollos
Izacyl Guimarães Ferreira	Valdir Rocha
Lauro Marques	Walkiria de Souza
João Soares Neto	Wladimir Saldanha
José Arlindo Salgado DeSouza	Weydson Barros Leal
Luiz Paulo Santana	Zilmar Pires Mota

**28. HANNA, suas versões ao passado,
página... 405**

Abílio Terra Júnior	Luciene Barrel Tameirão
Adriana Zapparoli	Luís Manoel Siqueira
Adriano Espíndola	Luiz Paulo Santana
Adriales Ulhoa Filho	Mano Melo
Alcina Maria Silva Azevedo	Mantovanni Colares
Álvaro Alves de Faria	Marco Aqueiva
Aíla Magalhães	Marco Aurélio Rodrigues Dias
Alberto da Cruz	Maria do Carmo Ferreira

Aleilton Fonseca	Maria Gomes
Alexandre Forte	Maria da Paz Ribeiro Dantas
Ana Flávia Azeredo de Marins	Miguel Carneiro
Ana Guimarães	Myrian Peres
André Seffrin	Nicodemos Sena
Antônio Carlos Secchin	Nicolau Saião
Antônio Jackson S. Brandão	Nilto Maciel
Antônio Mariano	Paulo Ghiraldelli Jr
Antônio Miranda	Paulo Rezende
Antônio Palmeira	Rafael Barreto
Astrid Cabral	Raquel Naveira
Augusto Nesi	Raymundo Silveira
Aurelino Costa	Regina Lyra
Bruno Miquelino	Regina Vilarinho
Camilo Martins Neto	Ricardo Alfaya
Carlos Felipe Moisés	Ricardo Santhiago
Carmen Rocha	Renato Suttana
Cida Sepúlveda	Rodrigo d'Almeida
Claudio Willer	Rodrigo Hésed
Daniel Mazza	Rodrigo Magalhães
Dimas Macedo	Rosa Pena
Diatahy Menezes	Rosane Villela
Edna Menezes	Rosemary Hanai
Edson Alves Damasceno	Ruy Câmara
Eliane Accyoli Fonseca	Sandra Fasolo
Elvira Lima	Sandra Sanches Baldessin
Floriano Martins	Sérgio Sant'Anna
Francisco Perna Filho	Silas Corrêa Leite
Francisco Manuel A. Soares	Solange Stopiglia
Gilberto Mendonça Teles	Teresa Schiappa
Gustavo Dourado	Túlio Monteiro
Henrique Marques Samyn	Tavinho Paes
Ieda Estergilda de Abreu	Urariano Mota
Inez Figueiredo	Vânia Moreira Diniz
Ivo Barroso	Vera Queiroz
Izacyl Guimarães Ferreira	Vicente Franz Cecim
João de Moraes Filho	Vicente Monteiro
Joaquim Saial	Waldir Barcelos
Jorge Humberto	Wanderlino Arruda
Jorge Pieiro	Weydson Barros Leal
José Inácio Vieira de Melo	Washington M. Lemos
José do Vale	Wladimir Saldanha
Juarez Leitão	Zilmar Pires Mota

29. Nordeste, página... 434

Adelaide Lessa	Joca da Costa
Ana Behrens	Luciano Lanzillotti
Anibal Beça	Luis Antonio Cajazeira Ramos
Ernani Getirana	Regina Vieira de Souza
Francisco José Aguiar Moura	Stela Fonseca
Ivone Alencar	Stelo Queiroz
João Batista Alencar	

30. Carlos Augusto Vina entrevista SF, página... 441

Nei Duclós

31. Batraquiais, página... 449

João Batista Silva

32. André de Sena entrevista SF, página... 454

Ariela Boaventura	Luizir de Oliveira
Claudio Willer	Marco Antônio Cardoso
Eduardo Maciel	Maria Lilia Martins Carneiro
Davi Máximo	Maria de Lourdes Horta
Elaine Oliveira	Maurício Matos
Georgina Albuquerque	Mauro Mendes
Hélio Schwartzman	Ney Duclós
Ivo Barroso	Nilto Maciel
Izacyl Guimarães Ferreira	Pedro Lyra
Jason Carneiro	Renato Suttana
Lau Siqueira	Victor Az
	Ruy Vasconcelos

33. Eleuda Carvalho entrevista SF, página... 471

34. Tentatei tatear um relógio, página... 479

Ruth de Paula

**35. Posfácio livo poeta W. J. Solha,
página... 482**

**36. Olha, Tomé, o teu pássaro foi-se embora,
página... 486**

Alckmar Luiz dos Santos	Gustavo Dourado
Aleilton Fonseca	Kátia Mendes
Ana Cabreira	Izacyl F. Guimarães
Aníbal Beça	Laeticia Jensen Eble
Antônio Carlos Secchin	Luciano Maia
Antônio Cícero	Mantovanni Colares
Batista de Lima	Márcio Catunda
Carlos Augusto Viana	Marco Polo G. Martins
Clivânia Teixeira	Nilto Maciel
Elizabeth Lorenzotti	Ricardo Alfaya
Ergógiro Dantas	Roberto Pires
Erorci Santana	Rodrigo Petronio
Glaucia Lemos	Vicente Franz Cecim

**37. Sim, não era morte, era vida,
página... 502**

Cristina Bittencourt	Luciano Lanzillotti
Hildeberto Barbosa Filho	Lulu Chaves
Luis Antonio Cajazeira Ramos	Rodrigo Rosas Fernandes
Joca da Costa	Sergio de Castro Pinto
	Valdir Rocha

Requerimentos

“Vem, Calíope,
venham também as outras oito,
“Ereupokal-Kliumterthal”,
quero todas e,
sob Apolo, a lira.”

(Soares Feitosa, Antifona, *in* “Psi, a Penúltima”)

“Sim, Calíope,
não te esqueças, hei de pedir
às outras oito a coragem... de fugir.
— Fugir, senhora Musa?
Elas dirão que não!

Clio à frente, troando História,
Clio atrás, apalpando História;
porque entre enlevo e ódio,
Urânia, numa noite dessas, me dissera:
— A onda é alta, Coronel, mirai os céus.

— Vai, negro, o veleiro é teu!

Fumo, aguardente, panos;
o azogue, o jugo, o jogo, e a ferros-gentes...
e todo o ódio e as nossas almas — prajejamos;

(Soares Feitosa, “Salomão”, inédito)



Dedicatória

O ar, amor –
este ar que eu te respiro.

SF, Fortaleza, 30.10.2006, tarde em sol

ANA GUIMARÃES: Soares, amei sua *Dedicatória* minimalista. Não é só em decoração que o menos muitas vezes é mais.

ANTONIO PALMEIRA: Tomei um susto. Quando refeito, as lembranças se transformaram em breves apneias, uma para cada uma, desenterradas do passado. Isso é vida. Felizmente, amigo, agora já tenho quem respirar, a idade me deu... Obrigado pelo direito de ler esse longo, muito longo poema sintético.

EDNA OLIVEIRA DE SANT'ANA: Poxa, poeta! Você aí respirou fundo, hein?!

FABRICIO OLIVEIRA: Concluí a leitura de *POÉTICA*. Que livro impactante. Imagens arrebatadoras. Ritmo cativante. Muito bom ler esse livro importante. *POÉTICA*, com seus poemas e textos de outros autores, veio para ficar.

HILTON DEIVES VALERIANO: Dedicatória: o imprescindível amor e sua essência vital. Como o ar que respiramos e que a

tudo circunda onipresença –, inerente à própria vida. Fator constitutivo de toda existência. Belo poema! É característico de grandes poetas dizer muito com poucas palavras. É sempre uma grande satisfação dialogar com você. É um aprendizado.

IZACYL FERREIRA GUIMARÃES Compadre especialíssimo: Gostei muito do curtíssimo poema. Às vezes, o menos consegue ser mais. Abraços. Izacyl

JOSÉ INACIO VIEIRA DE MELO: Soares Feitosa, poeta das vastidões cearenses, irmão de lira de Gerardo Mello Mourão, filho de Luiz Vaz de Camões, neto de Homero e de Safo, os deuses sejam louvados! Pelo que vejo o poeta dos versos de muitas léguas, do livro Salomão, encontrou o verso curto. E com que beleza, tu, Feitosa, expressas o amor no fôlego da síntese. Chegaste próximo do ideal de perfeição: dizer tudo o que se sente, tudo o que existe, tudo o que está para além da compreensão, com uma única palavra, e, sobretudo, de uma maneira diferente, nova, inaugural.

LUIS ANTONIO CAJAZEIRA RAMOS: Um feitosiano autêntico e primoroso, uma dedicatória digna do autor, para quaisquer de suas, única musa.

LUIZ PAULO SANTANA: Você

devia estar inundado de poesia, nessa “tarde em sol”, transbordando a emoção que daria para lavrar um poema-livro! Mas bastaram dois versos, únicos, para derramar todo o aluvião lírico, acumulado nessa longa hibernação. Seja quem for a musa, ela sabe que é para sempre.

MARIA DO CARMO VIEIRA: Poeta Soares: O sentimento não precisa de muitas palavras... está aí a prova, neste poema.

NILTO MACIEL: Bela dedicatória ao Amor, como só tu sabes escrever. Parabéns e abraços ecumênicos. Nilto

RODRIGO MAGALHÃES: Oito anos depois, o homem escreve a epígrafe do poema “Arquitetura”. À altura de! Abraço, Rodrigo

RODRIGO MARQUES: Soares Feitosa surpreende. Feitosa é um poeta largo, ele não economiza papel, não tem pena do papel, na pena dele acho que nem toda tinta chega. Pois lá vem Feitosa com um poema minúsculo, contido, depois de muito silêncio; há quanto tempo Feitosa não entregava um poema, poema mesmo, na tradição, cafeinado, sem contar é claro com o novo gênero criado por ele: os “ensaíotes poemados”? Dedicatória, um poema

minúsculo que dá para escrever na areia. “O ar, amor” – este verso, se reparar, só tem apenas quatro letras: a - m - o - r; daí ele tira o resto, uma vírgula, um travessão, um suspiro; em seguida, o segundo verso que a rigor nem existe, mera respiração do primeiro, mas como existe o segundo verso! Com ele, Feitosa completa as vogais, e, como se sabe, as vogais precisam de ar; acho também que Feitosa cometeu uma fraude no segundo verso, quero dizer, uma fraude poética, feitosiana, que não faz mal a ninguém e só faz, quer ver, repare: este ar que eu te respiro Este verso não é verso, só ar, respiração, só para respirar e nada mais, repetições de um mesmo fôlego: o és, te, o ar, o que, o eu, o te (de novo), o res (a coisa), o piro (o fogo, a raposa): este ar que eu te respiro. Vogais, fôlego, narinas, nada existe aqui. Balões apenas. Dedicatória? A quem? Um poema ao portador, ao invés da tão criticada e inventada por ele mesmo “crítica ao portador”, o poema ao portador é o que todo poeta deseja: esquecer-se, virar fumaça no ar, deixar o poema para quem quiser. Eu tenho o meu: *Dedicatória*, que dedico a quem eu amo e nada mais.

VALDIR ROCHA: Caro SF, poeta dos “bão”. Não se deve dizer muito da sua Dedicatória, até porque qualquer acréscimo seria mero penduricalho: o

amor é vital, mas de um jeito que só se pode dizer com poesia.

VICENTE FREITAS: Li o seu poema – Dedicatória – e senti logo o desejo de lhe falar com toda a franqueza. Aliás, você já sabe o juízo que faço dos seus versos: poesia da melhor que se faz atualmente no Brasil.

VICENTE PELLEGRINI: Dedicatória — esse mínimo poema faz inveja a um haicai.

YVELISE CASTRO: O mar, amor. Um maremoto, teu amor. Ou terá sido uma *tsunami*?

Architectura

Um dia, *Ela*
desenhará em chãos longínquos a casa só nossa,
que eu farei com estas mãos.

Os tijolos, eu os amassarei com os meus pés.

Às telhas —
hei de aprontar o barro mais macio,
e as formas serão por mim,
uma a uma, completadas.

Ela as alisará longamente —
seus dedos molhados de um profundo silêncio:
só os pássaros.

ALEXANDRE PALERMO RAMOS: (Um dia, *Ela* desenhará em chãos longínquos a nossa casa) Já, eu achei magnífico a forma que ele dedica o poema a ela, lembrei da carta à minha noiva. Olha que forma mais poética de dizer que ele será apenas um servidor aos desejos da amada (*Ela* desenhará no chão) a ele não cabe nem interpretar uma planta, ela dará forma efetiva à casa (desenhando-a no chão). Isso para mim também tem o significado

que ela definirá os alicerces de suas vidas. Não bastando isso, ele desfecha o verso, com (que eu farei com essas mãos), ele agora construirá com as próprias mãos a casa, dependerá das mãos dele, do trabalho dele – a sobrevivência!.. e o abrigo do casal. Adiante, ele define que os materiais, e o que todos comprariam: ele fará. Com os pés no barro, um contato primitivo com a natureza, com a terra (para mim significa a harmonia com o universo, a comu-

nhão a paz de espírito). Aí vem um verso lindo, *Às telhas – Hei de aprontar com o barro mais macio*. Para o telhado, aquele que os abrigará do sol árduo, das tempestades, do sereno frio da noite; ele tem o cuidado de preparar com o barro mais macio. É o compromisso de cuidar e acariciar, proteger com zelo. *As formas serão por mim, uma a uma, completadas*. Agora sim ele preocupa-se em dar forma, em criar, diferente do alicerce e da forma da casa, onde ela as define; agora ele definirá e moldará as telhas, uma a uma; a proteção, a segurança, o cuidar cabe a ele, e com o barro mais macio. *Ela as alisarà longamente – seus dedos molhados de em profundo silêncio*: A ela, cabe alisar as telhas, acariciá-lo. Sem contar que *dedos molhados* tem também sentido de masturbação, de satisfação sexual. Em profundo silêncio... só o mais puro amor curte-se em silêncio... sente-se! *Só os pássaros* (deixou-me com a imensa vontade, também, de construir meu ninho).

BEATRIZ FERNANDES: Quanto à *Architectura*... Ah! *Architectura*... Já o tinha lido, não uma, mas várias vezes... O que interessa, a forma, o ritmo, a estrutura da frase... O delicioso sentido da construção do ninho, como aparece nos comentários que eu li? O mais importante é o sentimento que ele desperta além do ninho... A sensualidade do amassar do

barro... A excitação do alisar as telhas... Diz-me, ó Poeta!!! Como uma simples mortal pode descrever com palavras estas sensações?

CARLA PEREIRA: Um dia desenharei essa casa feita apenas à nossa medida, a casa que ele construirá com as suas mãos e eu com as minhas mãos hei-de ao fim do dia acarinhar as suas mãos cansadas. Carla

CARMEN BELTRÃO:

Ar, o ar presente em seu poema a paisagem que não é pequena não é fundo, não é tema apenas desenha em cores mansas o silencioso encontro

Chi, *chiov*e talvez, ou faça sol não importa, haverá arrebol e abóbada estrelada no ninho da palavra anunciada

Tec, tecnicamente perfeito em simplicidade e música em forma e jeito em sintetismo cortante porque nos encara e nos faz derramar rios represados de sentimentos e emoções (des)concertantes

Tu, docemente invades nossos âmagos protegidos e nos roubas a pintura do amor primevo idealizado no olvido de nossas vidas secretas de poetas

Ra, raiz de nossa terra eis-te faraó-deus que te projetas imortal nas palavras, embora, tal qual cada um de nós o mais ínfimo dos homens besta e anjo a povoar nossos sonhos e (ainda bem) as nossas realidades. Ave!

DANILO V. B. SILVA: Usando as palavras de forma “arquitônica” construiste um Templo à POESIA, cuja forma foi desenhada por Ela e Tu; como mestre, atijolaste as paredes, com tijolos por ti amassados, com o mesmo carinho que um amassador de uvas o tem no preparo de um fino vinho; subindo-as até a cumieira que cobriste com telhas por ti formadas e, por delicadas mãos, alisadas com ternura. Verdadeiro Templo ao Amor, a duas mãos. O Silêncio é para a meditação.

EDNA MENEZES: Soares, esse poema *Architectura*, parece-me uma emanção mágica que “deambula” entre o branco e o incolor, entre o silêncio e a falta de som, entre a lágrima e a dor. É a construção de um ser em suspense, eternidade de palavra que pensa ser concreto. E como diria Manoel de Barros “pelas palavras posso ver o quanto é branco o silêncio do orvalho”.

EDUARDO DIATAHY: O que me encanta é essa loucura da cinestesia criada pelas imagens, que só a língua do poeta é capaz de criar. Por isso ele é perigoso e merece ser perseguido pelos poderosos do momento: ele anuncia mundos virtuais que, no entanto, existem em nossa sensibilidade. Vate, vade-rectro!

ELOÍ ELIZABET BOCHECO: Que *surprise* bonita! Um poema

escrito em 19.11.98! Gosto tanto dessa ordem sintática que você usa e que dá um toque de beleza e força ao dito. “Os tijolos, eu os amassarei com os meus pés”. Também em “hei de aprontar o barro mais macio” – “hei de aprontar” é quase um repouso.

ELIUDE VIANA: *Architectura* ou “Gênesis”, Poeta? Pois não haveria melhor resumo à primeira parte da literatura bíblica, Profeta, que esse teu poema. Porque nele, além da presença, quase palpável, do amor, que não foi explicitado no livro da criação, ainda teríamos o resgate da figura da mulher-protagonista-cúmplice, alijada (pois “culpada”) no relato da construção do mundo primeiro. Teu louvor sensual ao companheirismo entenece. E nos enobrece, a nós, mulheres.

EMÍLIO BULARMAQUI: Caro poeta SF: Em mãos os poemas *Habitação* e *Architectura*, ambos do mais assinalado valor. A Sra. Fabião, em transatlânticas observações, disse tudo. Ela mesma poeta — sua prosa plena de iluminuras. E oleira, posto que sabe que barro se alisa com os dedos molhados. Depois da lusitana Maria Alice, pouco me restaria a comentar. Como ela, fiquei pasmo com o magnífico “só os pássaros”! A beleza foi a moradora primeira das duas vivendas. O encontro de dedos (desta vez feito sobre o oceano), Michelangelo chegou a es-

boçar na Capela Sistina. Mas lá, não chegaram a se tocar — jamais o farão. Parabéns, Poeta grande; cumprimentos à Sra. Fabião e o abraço do Emílio Burlamaqui.

GERALDO VASCONCELOS: Poeta, permita-me duas palavras, com toda licença de Hölderlin, Rilke e Heine, pois poucas vezes vi da poesia sublimar-se beleza e delicadeza em forma de poema tão lírico e amoroso e humano; como dixit: só os pássaros... Forte abraço, Geraldo Vasconcelos.

HELDER VENTURA: Poética na arquitectura diz-se uma realidade espacial que pela sua proporção, harmonia e funcionalidade, potencia uma das mais clarividentes e reveladoras experiências que nós humanos podemos viver. A poética arquitectónica assentará no desprendimento e na capacidade de abstracção, mas também na interpretação do que se procura materializar como espaço, na modelação e controle da luz, no “assentamento” na paisagem e na convergência dos tempos de acção, esta última talvez a condição mais difícil de obter... No entanto, lê poesia apenas quem a procura... A terra, a transcendência do Amor, a necessidade de (ar)riscar, o sonho, a transformação, são tudo matéria do espaço arquitectónico. Obrigado por me ter provocado esta leitura esquecida da minha profissão.

JOÃO GOMES MOREIRA: Parabéns pela beleza, concisão, progressão rítmica: uma obra de Arte!

JOSÉ NÊUMANNE PINTO: *Architectura* é de um lirismo rasgado, aberto, sem vergonha. Melhor dizendo, sem vergonhas. É de um lirismo que canta, fingindo contar. Mas é também de um lirismo que dói. Ele faz que cura, mas, na verdade, fere, e fere fundo, a paisagem cinzenta deste nosso mundo sem amor e sem humor, o mundo da globalização que desemprega e do mercado que nos vende tudo, em troca de nossa mera alma impura. *Architectura* é de um lirismo agoniado, fora de moda. De um lirismo também cruel. Porque dá inveja, muita inveja, não saber construir um poema assim, não poder construir um poema assim, não construir um poema assim. O poeta-architecto é um fazedor, e “faze” tão completamente, que “faze” o amor que deveras sente. Vai ser inspirado assim lá em Pau Grande, no Raiz da Serra, ô meu vaqueiro.

JÚLIO RODRIGUES CORREIA: Acabo de ler *Architectura*. Primoroso em todos os sentidos. Parido de uma mente alcandoradamente privilegiada, de um poeta que sabe verdadeiramente versejar castiço. Poeta, se você não produzisse mais nada depois desse poema, todos nós compreenderíamos.

Só este poema basta para colocá-lo como um dos grandes poetas deste Brasil. Parabéns, poeta. Do Julio Correia

LINDAIR ARAÚJO: Francisco, desculpe a forma rude e pouco poética, mas, *Architectura* é uma paulada... Não tive outra coisa a fazer senão me debulhar em lágrimas... Aliás, este não é meu estilo... Mas não deu para fazer de outro jeito, tive que chorar mesmo! Já pensou? Eu, uma coroa, uma profissional experiente... Todos esses rotulozinhos que a gente acumula pela vida afora (a propósito, tenho 27 anos de psi) absolutamente desmanchada! Mas, devo lhe dizer que ler sua poesia valeu muito mais que todas as sessões de análise que pudesse ter. A propósito, você me autoriza a imprimi-la e enviá-la para algumas pessoas amigas? Bom, muitas coisas ainda poderia dizer, mas prefiro me recolher e ouvir somente os pássaros...

LUIZ PAULO SANTANA: Francisco, rejubilo-me por você, com tão belas e profundas manifestações. Superam a poesia que é a sua fagulha, o ritual do desprendimento, o rito que embla o voo. Helder Ventura é perfeito ao metaforizar *Architectura*: um poema cuja “moradias”, uma doce e bem aventurada paz de espírito. E, com justiça, Elídia se derrama em poesia. Insuportável. Porque não é para suportar. É para se deixar le-

var na torrente. Como esquecer? Jamais!

LUSTOSA DA COSTA: Sua poética é muito maior do que pensa e do que pensam os contemporâneos. É o que me ocorre dizer ao ler *Architectura* e reler Thiago.

MARIA ALICE VILA FABIÃO: Quase escultura... Acha que posso achar lindo, mesmo assim? Você, às vezes, escreve versos tão belos que magoam! Como posso não achar lindo? O culminar nessa terceira estrofe!... Sufoca. Não importa que as “leónidas” não tenham chovido como se sonhara, nem que SF estivesse por ali meio bobo, ou que a manhã de 19 ainda não tivesse chegado: afinal não só não está incapaz de escrever um único verso como escreve versos como estes! Que me deixariam, também a mim, em profundo silêncio, não fora ter esse lugar “reservado para a sua opinião”... É belo. Não se admire do aparente laconismo da minha reacção à surpresa com que deparei no endereço que me deu. Subitamente, fiquei confusa, devo confessar. Demasiadas ideias ao mesmo tempo, e os olhos a caírem-me, sem explicação na data: não, não era um poema que eu ainda não conhecia, mas sim um, acabado de fazer, quase no minuto; mais: que, para dizer a verdade, só iria ser escrito dali a algumas horas, já que o dia 19 ainda era futuro. *Arquitectu-*

ra — escrevemos nós — não é o mesmo que escultura, mas no poema era, pelo menos para mim. Por quê? Se tivesse conseguido desenredar todos os sentimentos, todos os pensamentos que nada deviam ao raciocínio frio, eu teria conseguido escrever muito e muito mais. Assim fiquei-me pela reacção instintiva: dizer-lhe que o achava belo, como continuo a achar. É um poema (recuso-me a chamar-lhe poemeto, como a outros que assim classifica) contido, tão completo e perfeito em si mesmo como a mais ínfima, mas perfeita, das moléculas de que podem nascer mundos — porque em si os contém, já. Desde o primeiro instante, no aturdimento provocado pela surpresa inicial, o meu cérebro estabeleceu, instintivamente, uma conexão natural, em que a palavra fundamental estava lá, perturbante, quase aparentemente deslocada, inexplicável, no final do poema: pássaros. Em tempos, entre as muitas traduções feitas, houve o caso de uma pequena enciclopédia de animais, para crianças. Foi uma época de pesquisar a vida dos animais na natureza, um deslumbramento de descobertas que não mais iria esquecer. Entre eles, sobressaía um pássaro: o jardineiro..., cujo nome completo não consigo recordar. Mais tarde, conheci-o pessoalmente, num programa de televisão. Nem sei se será brasileiro. Não tinha a plumagem das aves-do-

paraíso, nem qualquer outra característica que o tornasse particularmente atraente aos olhos dos humanos. No entanto, para mim, ele ficou um símbolo, para todo o sempre (Como gostava de me lembrar do nome completo, porque também ele significativo... Vou chamá-lo apenas jardineiro). Na época de cortejar a amada, o jardineiro não tomava nenhuma das atitudes, por vezes ridículas, por vezes de uma graciosidade maravilhosa, que os seus confrades tomam para conquistar a companheira da época ou da vida. Em vez disso, limitava-se a fazer o ninho, mas a fazê-lo com todo o rigor, com o maior dos cuidados. Era um ninho feito no chão, quase uma casa, à frente da qual estendia o seu jardim. E não era qualquer flor que lhe servia: o jardineiro punha requintes de bom gosto na obra que queria oferecer à sua amada: só pétalas de flores azuis, nada de outras cores, que tornariam a sua obra vulgar. Pétalas, vidrinhos, tudo quanto fosse azul... (Não era azul a flor da felicidade, para Novalis? Quem sabe se ele não encarnaria a alma do poeta, na sua procura de felicidade?) Poeta ele era, o jardineiro. Arrumava, voltava a arrumar, mudava as coisas de sítio, escolhia os melhores ângulos... Ficava-se a olhar, a estudar efeitos... Mais do que todos, ele sabia do verdadeiro amor. O seu poema? A parada nupcial é, nos pássaros, como muito

bem sabe, sobretudo, um complexo conjunto de gestos e comportamentos, entre os quais, fundamental, sobressai a construção do ninho. "Só os pássaros". SF, o seu poema é extremamente perturbador, além de belo. Você põe o mesmo requinte do jardineiro na construção da sua oferenda a "Ela". O trabalho - seu: as mãos, que, tal como na escultura, representam o contacto directo, sobressaem, poderosas... O cumprimento dos rituais nos mais ínfimos pormenores, ali: o começar por amassar os tijolos com os próprios pés Não compra, não procura: faz, amassando, no gesto fundamental, o barro-terra, com os pés (gesto simples, do homem também da terra), para o transformar nos elementos fundamentais da sua oferenda. Para as telhas - o culminar da sua obra - guarda o barro mais macio... Quantos mais pormenores? As formas, uma a uma, apenas completadas pelo poeta - que a Ela o desenho, a escolha da oferenda que espera receber: a casa, símbolo de união e intimidade - quando "só nossa". "Ela as alisarà longamente" - alisar... longamente... O gesto de aceitação, de colaboração, naquele ritual de acasalamento... O coração ficou-me, no fim, naquele verso: "seus dedos molhados de um profundo silêncio:" Que outro verso podia estar ali? Você, SF, sabe do que fala, da arte do ritual de construir, com as suas próprias mãos: o alisar

o barro, exige as mãos molhadas — o ritual do amor partilhado, mais puro no silêncio profundo. Palavras para quê? "Só os pássaros." Sei que não consegui desembaraçar a confusão de pensamentos suscitados pelo seu poema. Só sei que, inexplicavelmente, me calou fundo. O que eu não fui capaz de dizer, leia-o você mesmo, SF. Aposto que lançou as palavras, sem mesmo se dar conta da perfeição da sua própria *Architectura*. Uma contenção plástica perfeita e uma "plasticidade concreta", se é que se pode dizer tal coisa, igualmente perfeita. Você disse tudo: nada a pôr, nada a tirar. Acabo, depois de ter dito tudo isto, com a mesma frustração que ontem me manteve quase silenciosa. Sei que não consegui traduzir os sentimentos (não posso falar de pensamentos, neste caso) em palavras. "Ela" compreenderá, sem necessidade de explicações, tenho a certeza. E você saberá que o achei tão belo, que dá vontade de nos embrulharmos nele - e sonharmos com jardineiros-pássaros e flores azuis, de Novalis. Alicia - 19.11.98.

Architectura foi realmente escrito na manhã do dia 18.11.98. Por engano, datei-o com 19. Isto, naturalmente, assustou os leitores. Alicia, no primeiro *e-mail* comenta "que a manhã de 19 ainda não tivesse chegado". As "Leónidas", referidas por Alicia, a intensa chuva de micrometeoritos anunciada de

véspera pelos astrônomos do mundo inteiro.

NATÁLIA SILVEIRA: Não entendo nada de poesia... Adoraria comentar *Architectura* com as palavras de quem sabe os nomes e as características de fases poéticas, como quem estudou ou aprendeu de tanto ler... Não tenho essa facilidade. Suas palavras me encantam... É só isso.

Um dia, o barro
Amor, risco
de areia.
Casa, futuro
suor.

Poema: pássaro
virá do vento
soprar o barro.
O traço em busca
do próprio torso.

Depois de breve
mergulho
a palavra
cala.

A palma toca telha
e tijolo.
O dedo molhado
sonda o deserto.

PAULO TORQUATO TASSO:
Architectura cheira a terra, cheira a origem, cheira a mato, cheira a primórdio, cheira a raiz. As pessoas se deslumbram com isto por estarem, talvez, em busca de algo que não encontram no nosso mundo. O que parece é que você também

não está encontrando, haja vista a emoção concentrada em dose cavalara que conseguiu colocar em apenas duas dúzias de palavras. Contudo, traduziu não só sua agonia, mas a de milhares de pessoas: daí a magia do artista.

R. ROLDAN-ROLDAN: Belo poema. Belíssimo. Plumas e diamantes no oco do silêncio. O sangue contido. Fervendo.

SONIA ALVES DIAS: Sê mesmo Sozinho, és Todo e Tudo. Só tu és capaz de trazer os pássaros do ninho para escutá-los num silêncio que o gesto traz mas que o momento o toma num arrebatamento assustador. Belíssima construção que faz com que tenhamos a sensação do toque suspenso do deslizar das mãos numa *Architectura* de barro num pisar sobre barro num calar de terra no chão e que lá fora os pássaros continuem cantando e contemplando a “Ela”, seja frágil poema, seja forte presença, seja *Architectura* inteira que os pássaros tragam no bico o barro para que façam tua morada e de tua amada. Feliz estou por estar em ti através de tuas palavras.

Um cronômetro para piscinas

Um instante só de minha distração, e Alídio, o comerciante, dizendo-se cliente do Coronel, contou a história do próprio pai, um matuto muito trabalhador, valente e cheio de mulheres, lá das brenhas dos sertanejos, perto de Arapiraca.

Contou que só de mulheres com o nome de Vera, o pai montara casa para três, novas e bonitas, mas havia outras, com outros nomes, uma infinidade de Marias, Antônias e Franciscas.

Um dia, ele desconfiou que uma daquelas Veras o traía. Fez que ia de viagem e foi, mas voltou antes do fim do caminho, a ponto de chegar no romper da barra. Buzinou e focou a luz da camionete bem em cima da casa. Só deu tempo ver, bem ligeira, a janela do oitão lateral se abrir como se fosse uma lufada de vento ao contrário, e, no seu rastro, a pernada do cabra. Um corisco teria sido mais lerdo, fugindo, seminu, para o matagal, o cabra. Dois tiros rápidos, do pai, mas não acertou nenhum.

Então, súbito, na sequência da pernada, surgiu, na janela, um rosto na direção do cabra, fugindo. E voltou-se, em rosto, bem na direção aos tiros...

“Meu filho — assim me disse meu pai —, era um olhar tão doce e gentil, que, imediato, lancei-lhe a desistência. Sim, acho que ela me viu. Era contra os faróis do carro, mas era a favor da luz do Sol, que acabara de nascer. Viu, sim! Ela me viu! A Vera, de remorsos, olhando só para mim! O problema, meu filho, e por favor repare nos seus irmãos pequenos, é que o terceiro tiro já havia sido disparado. Bem no meio da testa — e se benzeu —, lá nela”.



O comerciante prosseguiu, baseado no que lhe dissera o pai:

— Ela, ali, pelo lado de dentro da casa, ciscando como uma galinha quando a gente lhe puxa o pescoço. As crianças acordando e chamando pelo nome dele, pai, a Verinha e o Francisco; e pelo dela, mãe, o nome. Já estão crescidinhos, sabem ler e escrever, mas não esquecem. Dizem que não perdoam, mas o pai faz de tudo pelos pequenos. Eu também faço, são meus irmãos, só de pai é certo, mas são.

— ?

— Conte essa história ao Coronel quando fui-lhe pagar uns honorários de outra questão e lhe levei de agrado um pacote de castanhas torradas. Ele abriu um uísque e tomou três cálices, sorvendo-os, na ponta da língua, sem gelo, sem nada, como quem toma chegada de um vinho raro.

— ?

— Não, nunca vi ninguém beber daquele jeito! Não era emborcando o copo de goela abaixo. Era assim, de leve, na ponta da língua, debicando com muito cuidado, mas rapidamente tomou três cálices e comeu meio prato de castanhas torradas na manteiga, com sal. Nunca vi ninguém beber uísque em cálice. Ele insistiu comigo, mas eu não estava bem da gastrite.

— ?

— Agora, essa história de que a finada se virara para meu pai justamente para levar o tiro bem no meio da testa, lá nela, e que os olhares se haviam cruzado, isto quem inventou foi ele, o senhor Coronel.

— ?

— Sim, ele mesmo, o Coronel! A história que eu havia contado era bem simples. Meu pai havia errado os tiros no cabra, mas acertou um na testa de Vera. Mas assim que terminei de contar, aliás, à medida que eu ia contando, ele botava



esses enfeites de que ela olhara primeiro para o cabra, depois na direção de onde vinham os tiros. Também o lance da aurora, das luzes se cruzando, da camionete e do Sol, ele que inventou. Confesso que fiquei muito emocionado, sobretudo com isto de o senhor Coronel dizer que meu pai a perdoara. Acho difícil, meu pai é um homem brabo, do sertão.

— ?

— Mas, pensando melhor, talvez o senhor Coronel esteja certo. Meu pai não pode falar no nome dela que já começa a tossir. E, com pouco fica vermelho. Sei não, talvez ele, naquela hora, fosse perdoando com uma mão e atirando com a outra...

— ?

— Perdoou, sim, tanto que

não mandou matar o cabra, o que é de lei, lá, dando-lhe tempo de fugir para um seringal do Acre. Depois, meu pai disse a um parente do cabra que ele podia voltar, como de fato voltou, e ambos rezam, sem se cumprimentar, é claro, no túmulo da finada, mas quem chega por último espera que o outro termine.

— ?

— Depois de comer as castanhas, aliás, comendo-as e falando, o Coronel me garantiu que o homem valente é aquele que anda desarmado. Pediu meu revólver. Eu entreguei. Ele disse que daria fim nele... acredito que tenha dado.

— ?

— Então, ele mandou um abraço para o meu pai. Mandou a senhorita estagiária comprar dois presentes para as crianças, os filhos da finada, meus irmãos de pai.

— ?

— Sim, ele me deu um presente: um cronômetro de piscinas que eu nem sabia como funciona, mas ele ensinou.

— ?

— Ele me disse: “Alídio, em qualquer aflição, acuda-se deste cronômetro. Marque o tempo que quiser e repare no ponteiro correndo em direção do eterno. Que pode ser morte, que pode ser vida, que a diferença é nenhuma. Quem dirá

o lado vencedor será sua mão, sua mãe... Assim, ó!” E botou a mão em pé, como quem mede a altura de um porco, virando-a para a direita e para a esquerda, lá e cá, à fortuna. Só então me dei conta de quanto é frágil o pender da morte, da sorte.

— ?

— Eu ando com o meu! Na saída passei na loja em frente ao escritório do Coronel e comprei um cronômetro de piscinas igualzinho para meu pai — disse o comerciante, Alídio.

Ah, meu caro leitor e minha distinta leitora, como se não pudesse existir história mais confusa do que esta, o comerciante engasgou-se com a própria fala. A mãe do Coronel socorreu-lhe um cálice do vinho das paridas. Ele retemperou-se e chispou na mesma carreira em que havia chegado.



Acho que o cabra que saltou a janela da cama de dona Vera — que Deus a tenha! — ficara menos aflito, ainda que correndo das balas no garranchal do sertão, do que Alídio, o comerciante.

O fato incontestado, ali, na frente de todo mundo, é que a história do pai de Alídio, o comerciante, fora remendada pelo Coronel. O monge reclamou:

— Senhor Coronel, esse comerciante contou a vergonhosa história de um triste assassinato. Com que direito o senhor lhe enfeitou a versão, inventando esse lance da troca de olhares? Perdão?! Quem já viu assassino perdoar ninguém?!

Antes que o Coronel respondesse, alguém falou que fora com esses ornatos que ele ganhara a questão do pai do comerciante e, evidente, novos pagamentos, novas castanhas e outros uísques a debicar no cálice.

Sim, eu concordo que a história seca seria algo bruto, mas, com o lance do trágico, da força impossível de atender, mais o lance do perdão — e algum dinheiro do comerciante, é claro —, fora assim que o Coronel lhe soltara o pai.

Não! Não deu para identificar de quem, mas em meio a essas divagações, uma voz, que até desconfio tenha sido o próprio monge, de ventríloquo. Não será surpresa se tiver sido ele. Ou, quem sabe, tenha sido do Profeta a voz que nos pegou a todos de surpresa:

“Nisto a Arte, meu caro senhor monge Jorge! Porque só a Arte tem o legítimo poder de transformar o puro em imundo; o imundo em sagrado. Onde se lia o Mal, leia-se o Bem!”

E, numa compulsão terrível, desta vez reconhecido, assim falou o senhor Capitão:

— Só a ARTE, meu caro Bibliotecário Djalma! Só a ARTE!

Eu disse que sim, aliás, nada disse, apenas meneei com a cabeça, e, lá longe, o vulto do comerciante pelas costas.

*_*_*

ADRIANO ESPÍNOLA: Comecei e não parei mais. A narrativa pega. Mas não é linear, requer releitura; uma estória como se fosse contada por várias pessoas, com várias versões. Início de um romance? Estou na fila para comprá-lo/lê-lo. Se você me mandou um bode, digo-lhe que você é um cabra bom da peste. Sua escritura tem essa característica: pega o leitor, atíça-lhe

a curiosidade; é arte que transforma o leitor e a realidade.

ALEXANDRE FORTE: O poeta, como o soberano antigo, tem dois corpos. Um é mortal, sujeito às contingências humanas; o outro, imoral, para além de toda decrepitude do bem e do mal. O corpo mortal do poeta está sujeito aos vícios e virtudes, passível de cometer e ser vítima do

mal e do bem. O corpo imortal do poeta, porque imoral e irresponsável, só conhece da tragédia humana: bem e mal imbricados como dois amantes. O poeta de “Mein Kampf” não pode ser responsabilizado pelos atos do corpo mortal do Führer; nem o poeta da Terra Prometida pode ser responsabilizado pelos saques e atentados ao povo egípcio. Somente despidos da túnica de poetas e, por conseguinte, de profetas, podem ser responsabilizados. No princípio, o poeta, o profeta e o soberano encarnavam o verbo divino. Os atos do ofício divino são irresponsáveis, porque emanados de uma fonte supra-humana. Não por acaso, Platão excluiu os poetas da utopia republicana. Aceitar o poeta como estadista seria introduzir a tragédia na História, excluindo por completo qualquer tentativa racional de distinguir o bem do mal. Não que os poetas sejam incapazes de valorar. Ninguém mais capacitado para dizer o bem do mal e vice-versa. A verdade pura jorra da boca dos poetas. Aos demais mortais resta apenas a relatividade dos conceitos, os limites sensoriais do corpo. O poeta no desfrute da imoralidade é um feiticeiro de alta grandeza. Para além e aquém da sensorialidade, o poeta se faz desbravador do mundo, do universo. O corpo mortal do poeta, no entanto, não resiste a muito experimentalismo. Ao primeiro choque com os limites tetradimensionais se espedaça. Mas, o poeta não pode ser cul-

pado. Goethe não induziu ninguém ao suicídio com Werther. Como poeta, está tocado pelo sagrado. E santos os que pereceram. A perdição do poeta é colocar o corpo imoral a serviço do corpo mortal: os grandes crimes que o digam. O corpo mortal deve estar a serviço do corpo imoral, imortal, reunindo no compasso cósmico – vide Soares Feitosa – as musas regentes da epopeia humana. Somente o poeta que coloca o corpo perecível a serviço daquel’outro tem autoridade para dizer: “O bem é o mal — vestido de bem; e vice-versa”. Afinal, o que é o sumo bem diante da pequenez humana? A única salvação do poeta é a epopeia. A tragédia humana é a argamassa que reúne justos e injustos. Por isso: — A Arte, só a Arte!

ANA CABREIRA: Mas que coisa é a Arte, não? O senhor vai lá, amontoa umas palavrinhas – aquelas mesmo que, tão comportadinhas na fila do dicionário, nem dão piado – e transforma tudo num rio revoltado, aluvião, remoinho, belezura... Tudo tão bonito, tchê! Aí está o que chamo de Arte: aquele estranhamento que agudiza nossa percepção do real. Agora quero mais...

ANA PELUSO: Tua obra é uma arte. “Nisto, a arte, meu caro senhor monge Jorge! Porque só a Arte tem o legítimo...” Poder da verdade enredada em cantos que o Feitor faz e nela cre-

mos. E lá fui eu crendo na primeira narrativa e quando vi Alídio me aludia a Vera de remorsos, olhando o Pai. Ah, ele me paga, viu, Coronel Feitor? E vais tecendo a história como tear de mentiras, que é o que faz um verdadeiro/bom escritor (e vai saber se das mentiras, algumas verdades?) e quando vemos, levamos uma bela rasteira num “bordado madrigal”. Te ler é ler poesia em forma de conto! E te aplaudo, te beijo e me benzo, porque não é sempre que Djalma, o bibliotecário, entra em cena e se contenta com as interrogações. Ou será, vi demais? O que fará ele com o que viu, ouviu, presenciou e participou (magistralmente bem agarrado sem direito a dizer sim ou não: tascado lá feito testemunha de Salo que vem pra frente, intuo eu), só o próprio Salo sabe. Eu aguardo. E guardo os momentos que vi a vida sendo feita. Ah, Feitor, o que me fazes?! Hoje segue um pedaço de meu coração pra ti. Isso sem contar que dependendo de quem conta uma história, ela pode levar um tipo de recado. E a memória da humanidade anda suja à beça. Apesar dele ter dado o tiro em Vera na cara (exata) dura, eu prefiro imaginar que as luzes que se cruzaram são as culpadas dos dois (in)distintos cavalheiros trocarem a gentileza de se revezarem diante do túmulo da Vera de muitos, casada com o Pai das três Veras e tantas, uma infinidade: Marias, Antônias e Franciscas.

ANTONIO CÍCERO: Caro Soares Feitosa, obrigado pelo conto, que é muito bonito e misterioso. Boas festas e um feliz ano novo! Antonio Cicero

CARLOS FELIPE MOISÉS: Gostei muito da multiplicação de vozes no relato do Alídio, que reconta ao leitor a história contada pelo pai, a mesma história antes recontada, pelo filho, ao Coronel, que teria introduzido alguns acréscimos, e por aí vai. Gostei muito do contraste entre a rudeza dos eventos e a delicadeza do palavreado sutil (Entendi bem?). Se entendi, acho que de confusa a história não tem nada, é até muito simples. A técnica do relato é que é elaboradíssima; como toda boa literatura, não é para leitor qualquer. Taí o que o texto tem (a meu ver) de melhor: induz o leitor a se julgar mais perspicaz do que é. Em suma: beleza pura, o prazer da escrita e o prazer da decifração da escrita.

CLEBERTON SANTOS: No tom dos “bons e velhos” causos do sertão, sua narrativa é instigante/intrigante, prendendo o leitor ao desejo da leitura e ao desvendamento do episódio que se passa com o comerciante. Traços de lirismo acompanham o fluxo da narrativa. A transformação de uma estória popular pela voz do narrador/clássico em arte ficcional é fabulosa. As interrogações durante o diálogo me chamaram bastante a atenção. Acredito que este recurso

deu um efeito de imagem muito representativo para a narrativa (chego a visualizar uma das personagens do diálogo apenas com o ar de interrogação e movimento a cabeça). Bem, desculpe pelas bobagens que acabo de dizer, pelo menos tento ser sincero quando escrevo sobre algum trabalho literário. E quando não gosto, silêncio. Estas são apenas impressões de leitura de um jovem poeta e entusiasmado pesquisador da literatura nacional.

CLIVÂNIA TEIXEIRA: Grata surpresa numa data especial! Retribuo com todo este calor que toda prosa e poesia possam revelar. É muito bom escrever só para desfrutar de espaços com pessoas como você. Seu texto? Magnífico, criatividade a toda prova de BALA! É para quem SABE escrever e para SORTE dos que o leem. Um grande e fraterno abraço. Clivânia

DIATAHY MENEZES: Don Francisco: Faz tempo que quero conversar com você! E não encontramos tempo. Passei uns 5 dias a viajar. Enquanto isso, fui lendo umas coisas que me faziam pensar em você o tempo todo. Agora, abro o meu correio e, em meio à pletora de mensagens acumuladas nesses dias de jejum cibernético, encontro esse monumento de narrativa: a história de vida à volta de um cronômetro de piscina! Ora veja: que faz esse muiiraquitã num sertão sem água e muito menos

piscina? Mas o que me toca é o modo próprio de dizer, algo que, mesmo se não houvesse narrativa, confusa ou de simplicidade banal, este algo nos transportaria ao universo transfigurado por essa estética do inesperado, com seu perdão *a posteriori*. É a fala que é arte aqui, é ela que tem a força de transmutar o mal em bem, o hediondo em hierofante e assim por diante. Eis por que o Bode preto é belo e sereno!

EDSON ALVES DAMASCENO:

Poeta, o verdadeiro homem é o desarmado! Sua arma é a palavra. A bala do terceiro tiro foi mais rápida que o arrependimento. O pai do comerciante ao alinhar o olhar com o de Vera... Veio o perdão, mas a bala foi muito mais rápida. Poeta, o texto está estupendo, incrível e lindo, comparável aos demais escritos do grande poeta Soares Feitosa.

ELIZABETH LORENZOTTI:

Que bichinho arretado esse seu bode. Achei um tanto difícil de entender no início, mas depois, como sempre, amei. Fiz uma entrevista recentemente com o cineasta Ugo Giorgetti, que entre outras coisas boas filmou “Boleiros”, um filme sobre velhos jogadores de futebol. Ele está terminando um documentário sobre uma usina falida no interior de São Paulo, da família Morganti. O documentário, na verdade, é sobre a capela, que foi pintada pelo Volpi. A indús-

tria está em ruínas, a arte na capela sobrevive. Comentei com ele sua máxima – só a arte fica – e ele disse que você certamente gostaria de ver esse documento. Eu também acho. Eu acho, como já te disse, que a arte salva, sempre.

EMERSON DAMASCENO: Espasmos. É essa a conclusão a que chego em meio às divagações noturnas do último dia do ano. As reminiscências do passado me provam de forma insofismável que somos pequenos átomos de luz na história. Percebo que um punhado de anos são somente dias atrás. Fatos acontecidos há algumas décadas parecem-me semanas apenas. Tudo tão vívido e próximo. Imerso nessas reminiscências nostálgicas. Vidas que transcorrem em alguns meses. Frágil tempo, o que dizer-lhe colosso? E nessa ode ao passado morto, tão vivo, eu pensava nesse diletantismo notívago, o que dizer sobre o tempo. Eis que recordo da ímpar poesia de Soares Feitosa, mentor do instigante “Jornal de Poesia” amigo e poeta. Um cronômetro para piscinas, onde percebo que a arte liberta! Talvez mais do que o desabrochar dos grilhões que nos solapam os devaneios. A arte materializa o encontro que não tive, os caminhos que não percorri, este beijo que eu não te dei. Nesse ambiente cujo ilogismo é concreto, o tempo se arrasta sofregamente. Um cronômetro para nossas vidas, o tempo nem sempre rege

a razão no que a arte não lhe permite. A arte não cria, apenas materializa ao agregar letras, a dor lancinante do poeta. E dor é também o prazer infinito, como diria Schopenhauer. E percebo que quando o Poeta Feitosa estava a agrupar as letras que deram causa a “Um cronômetro para piscinas”, no alfarábio de sua escrivantina, trazia consigo um sorriso nos lábios, murmurando à cumplicidade alguns arremedos que lhe ditava o Coronel, que balançava-se sentado na cadeira de balanço ao seu lado. E quando lhe faltavam palavras era ajudado pelos seus cúmplices de poesia. E vejo que o Poeta fazia do imaginário esse mundo maravilhoso que só a arte liberta. Assim vivemos no Século Cem de Êsquilo. E agora enquanto digito estes últimos suspiros de palavra, o Coronel me chega e brada, açoitado com a paráfrase – eu ousaria chamar licença poética – desautorizada, um plágio esdrúxulo dum fato que nunca se deu, mas antes que puxe o gatilho da Lugger que sacara da baíha dos algozes da cultura, ele sorri com os lábios cerrados e me diz: “É, doutor, só mesmo a Arte, só ela...”.

ERORCI SANTANA: Feitosa, caríssimo, gostei do conto e do bode. E acho que a gentileza do convite ainda renderá um poema, que vai principiar mais ou menos assim:

“Quando vens ao Ceará?”

Tens um amigo aqui: eu.”
E de pronto construí no pensamento
mais esse Paraíso
pra guardar como reserva
no meu vasto coração,
com simplicidade e realeza:
um bode majestoso, um sol ardido,
ao qual chamaram inferno uns flagelados
e uns turistas chamaram arrebol.

Mas Paraíso, sim, que é lugar de eleição:

Um Siarah com poetas Feitosas,
Tufics,
Dimas, Florianos, *tuaregs*,
sustos e suspiros, promissões e rezas,
em que a esperança seja um verso só,
seja um fio d’água no sertão,
jangadas,
engenhocas de pau pra marinar
como aquelas talhadas pelos anônimos
homeros de Derek Walcott,
uma palmeira debruçada na marinha
farfalhando sob o vento, uma cantata se elevando
ao céu muito do azul.

Archiabraço amigo do
Erorci Santana

FAGUNDES OLIVEIRA: Exuberante! Há que ter visão dos valores metalinguísticos. Da dimensão das ideias. Do calor vocabular. Do expressionismo sustentador do nível autorial. Na minha linguagem: Esplêndido.

Bode deste porte ornamenta minha pasta de guardados-reliquia. Obrigado pela oportunidade-presente E este bode com cheiro de gente, trabalha em que grau? Exuberante! Há que ter visão dos valores metalinguísticos. Da dimensão das ideias. Do calor vocabular. Do expressionismo sustentador do nível autorial. Na minha linguagem: Esplêndido.

FRANCISCO PERNA FILHO: É, de fato, uma bela “história”, a trajetória de um Alídio, cheio de alumbramentos, dando-se a conhecer pelos remendos da memória de resgate, num magnífico ensaio sobre o fazer ficcional. Reafirmo a sua capacidade criacional e o seu compromisso com as letras, além de apreciar a sua inventividade artística e o seu engenho linguístico.

GISELE LEITE: Só a arte pode fazer comédia de uma tragédia, ou transformar uma tragédia numa comédia. Gostei muito, parabéns... Você é o melhor contador de histórias que já li... Principalmente pelas entrelinhas...

HERALDO AMARAL: Sim, você me é caro pelo que a beleza da tua obra me causa – e eu teimo em imaginar tal beleza aparentada contigo, a quem, em verdade, não conheço! Te digo com muita objetividade – já que não há *site* ou página para você saber de mim: sou meio médico,

meio monstro, ou seja, funcionário público – engenheiro sanitário concursado pela Prefeitura de Divinópolis (MG) – e artista – escritor bissexto, compositor e músico. Componho canções com alguma assiduidade – esse ofício termina por me fazer também algum poeta –, estou preparando um CD e terminei há pouco a revisão de meu primeiro conto, que estou te enviando anexo. Creio que uma obra de neófito mereça quase sempre algum tipo de crítica, do tipo “vá em frente, você leva jeito” ou “desista enquanto isso ainda está entre amigos”. Fique à vontade. Louvo Machado de Assis quando afirma de nada valer sobre o quê escreve um escritor, mas como escreve – estética é tudo. Amo o Ceará, onde estive há dois anos conhecendo Fortaleza e Jericoacoara (passei por tua cidade natal, colada em Fortaleza, não é mesmo?) – seria a Via Catuana a estrada que liga uma a outra? Lembro-me de carnaubais e cajuais sem fim ao longo desse trajeto. Tenho um grande amigo músico que é professor da Escola de Música da UFC. Chama-se Márcio Resende – um saxofonista/flautista genial. Perdi o seu paradeiro, e ando atrás do telefone da UFC para um novo contato – tenho planos de gravar em Fortaleza. Belíssima a estória do pai do comerciante! Contada com um estilo fascinante, ofereceu-me enorme prazer. Prefiro-a, por enquanto, aos poemas – igualmente lindos, de fôlego criativo

descomunal – precisamente por saber o quanto tenho ainda que explorá-los, ao passo que a estória já se consumou de pronto, singrando de uma margem a outra no lago brumoso e tranquilo das minhas veleidades matinais desta 2^a-feira modorrenta. Grato por fazê-la melhor!

IZACIL GUIMARÃES FERREIRA:

Só a ARTE, meu caro Feitosa! Só a ARTE, como a sua, seu filosófico cinematógrafo de um sertão maior que o mundo, nos salva da mesmice generalizada ao redor (ressalvadas umas quantas exceções, pois claro). E vai o abraço natalino.

Izacyl

KATIA MENDES:

Feitosa, chegou como um presente de Natal. Dia 24, quase meia-noite. O único *e-mail* do dia. Obrigada pela lembrança, estória, o tempo de se perceber o olhar, o tempo de saber quanto foi dito em tão pouco tempo. Antes do tiro. Coisa da arte da poesia. Coisa de um poeta Noel. Feliz Natal!

LAETICIA JENSEN EBLE:

Li com carinho seu presente (“Um cronômetro para piscinas”), extremamente criativo e que me deixou muito curiosa para ler o resto de Salomão. Não tenho muita experiência em analisar textos, mas me sinto à vontade para tecer alguns comentários que me chamaram a atenção: 1. a presença ideológica machista, tipicamente cultural brasileira, em que o pai de Alídio po-

dia manter relação com várias mulheres ao mesmo tempo e isso era plenamente aceito, porém ao menor deslize de uma delas (Vera), esta mereceu um tiro mortal. E ainda a “compreensão” alegórica e interesseira do coronel com o fato, dá a entender que se fosse ele teria feito a mesma coisa, reforçando a ideia machista. 2. aquele recorrente “— ?” é genial. Abre um espaço em que o leitor se projeta, faz ele mesmo os questionamentos acerca dos absurdos que o comerciante conta. O leitor ali entra e se instala como personagem da cena, é onde ele se identifica. 3. e a citação em que diz “só a Arte tem o legítimo poder de transformar o puro em imundo”, aproxima a arte de todos nós. A arte é um fingimento, e nisso todos somos experts. Quem nunca se viu fazendo o mesmo que o coronel? Enfeitando e ornando uma verdade, lhe acrescentando significado em favor próprio? A meu ver essa citação do monge (?) coroou o capítulo e deu um colorido especial ao seu conteúdo, foi o “fecho de ouro”.

LUCIANO BONFIM: Caro poeta, este bode dá bode... E como existem deles nos sertões de Craeteús e Inhamuns. Mas antes, surpresa me causou, e das boas e de vera, não a do coronel, nem a vera nem a surpresa, ao acessar e encontrar e ler as mensagens do/no correio eletrônico, aquele SF, e me surpreendi ainda mais com o pai de chiquei-

ro... Após a leitura, fico a imaginar, pensar, cogitar sobre o restante, o já existente e o vindouro, do bode, digo, do cronômetro para piscinas, e por passo à frente, no “Salomão” (conto? novela? romance?), aguardo o convite para o lançamento, mas antes deste acontecimento, gostaria de outros pedaços deste churrasco de bode, não amarre o bode... Algumas palavras e expressões, tão nossas, talvez causem estranheza aos de fora ou aos de dentro que estão fora ou que se sentem como tal (O que é ser cearense? É nascer, crescer e padecer por aqui? Ou não nascer por aqui e padecer por causa, a favor daqui? Não apenas padecer, pois isto é muito cristão para o meu (anti)gosto... Indo além, ou aquém, por exemplo, literatura, o que é literatura cearense, a que é feita por aqui e não nos diz nada ou a que é feita “fora” e nos é tão próxima? Não apenas pela geografia ou pela vizinhança ou por ser compadre ou... A sua consegue nos fazer encontrar o Ceará e a sua literatura, “consigo mesma”, é por dentro, sem contudo, mas com tudo. Contudo, não captei, ainda, depois de algumas leituras, por exemplo: a Monalisa integrando o corpo do texto, será ela o resumo de todas as Veras, Marias, Antônias e Franciscas e Zuleicas e Kareninas e Btatvaskis e Bovarys e Lolitas e... De Salomão ou do pai de Alídio ou do próprio, ou do coronel, por que não do monge? Existem tantos escândalos na história, e re-

centemente então... Mesmo sendo sobre o sertão, ou como você diz “das brenhas dos sertanejos” só me lembrei de G. Rosa, quando te referes ao “garanchal” e a palavra o trouxe a mim,... creio,... que esta voz do texto, é a tua, própria, diria, a tua própria e particular, agora socializada, e como isto me deixa feliz, pois estou farto de pessoas falando com “línguas” que não são suas. Há um trecho, perto do final, quando surge a fala do/de (um) narrador, que não esta claro para mim a sua “intromissão” no texto. Outro, onde estava o monge, até a sua fala? – sobre a fala do monge, questionando o direito do coronel de enfeitar a versão contada, pergunto, para além do texto, ao autor: a religião não suporta a arte? Nem o conhecimento? Neste momento me lembro de Nietzsche no nascimento da tragédia e na Genealogia da moral, mas essa ideia de colocar um personagem modificando dentro do próprio texto o próprio texto é de esbagaçar as bandas, não a do bode. São duas ou mais possibilidades de contar uma mesma história, é uma “oficina”, um ofício, um estudo, Metalinguagem ou meta linguagem e com calma(risos)... lembrei-me de Fantoches do E. Veríssimo, não pelo conteúdo ou pela forma, mas porque eu lembrei mesmo, é isso e só. Não fiz revisão de nada. Neste caso a dispersão e o sentimento trazido pelo texto com método, nestes casos: Bode revisto é cabrito

ou cabra, e não é da peste. Soares Feitosa, parabéns pelo seu incansável trabalho em prol da literatura e da vida, e da arte, que modifica a vida e a própria arte e a arte dos gregos..., mas “onde se lia o mal, leia-se o bem!”.

LUIZ PAULO SANTANA: Li e reli os textos. Reli o poema “Salomão”. O poema é impressionante, é uma vertigem, comparado com a relativa calma, assim mesmo relativa, da prosa de “Um cronômetro...” e “A prova do fogo”. No poema a atemporalidade se destaca como em tempestade: a cada clarão, um tempo, ou mesmo vários tempos, o que relampeia, o que troveja, o que chove, o que corre pelo chão, tudo em fúria. Na prosa a mesma atemporalidade. Mas os ritmos, as velocidades, são diferentes. Ou por outra, viajam em mais palavras. O caminho é mais longo. O fogo atravessando os tempos, desde Prometeu, passando pelos navios negreiros, pela senzala – a gravura de Rugendas – o Coronel aprendiz, as frutas, que o monge cego disse não conhecer, e que a mãe do Coronel prometeu servir ali, naquela horinha, como se fosse ontem, como se fosse hoje, como se fosse sempre. E o inusitado cronômetro, mais um sinal dos tempos. Que marca pedacinhos do tempo, recortes. Na cabeça do narrador ampliando, como uma lupa, o instante fatal, o momento em que tudo pode acontecer para o bem ou para o mal.

O cronômetro, uma vez disparado, pode ser detido? E nós sempre procurando auxílio num deus cronômetro. É assim mesmo. Somos pequenos mas não desistimos. É curioso não é, senhora Liberdade, senhor Livre-Arbitrio? Não, nada disso, desconfio. É que não podemos. Tomara que você consiga concluir o seu livro nesse 2003. E que ele lhe seja tão bom quanto. Mando-lhe, já, já, um outro *e-mail* (em resposta ao que você me enviou, falando do bode — que não acredita em horóscopo — em que você me pede que fale de meus escritos, de minhas leituras e de minha distinta (sic) pessoa. Farei isso já, já.

MANTOVANNI COLARES: O enigmático texto “Um cronômetro para as piscinas” – que já reparei ser da sua essência lançar enigmas, como nos faz a vida - me levou a uma viagem que tem a ver com mulheres e nossa eterna incompreensão do universo feminino. Até porque – e isso não me escapou – você usou a trindade como ponto de equilíbrio: três tiros, três cálices de uísque; e a passagem mais bela do texto, os três personagens/vítimas unidos no cemitério, a ponto de um aguardar o outro, exatamente para formar a tríade do traidor, do traído e da falecida. Somente a oração por sobre o túmulo foi capaz de unir aquela tríade em cumplicidade. Pesquei lá no fundo o triângulo amoroso que permeia a trajetória dos grandes romances, va-

lendo só para citar o maior de todos de nossa terra, o “Dom Casmurro”. Belo texto, sensações de estarmos também perdidos na compreensão da volúpia feminina, que não aceita as regras do jogo (Vera sabia ser uma dentre outras, mas não tinha o direito de pretender fazer de seu protetor um a mais dentre outros), e que nos remonta a uma das mais instigantes cantigas de roda, onde a Terezinha de Jesus deu a mão ao terceiro – olha aí a tríade de novo – recusando a de seu pai e irmão, pois afinal o coração da mulher um dia rompe com suas raízes e se entrega ao terceiro que passará a ser o primeiro.

RAFAEL MONTANDON: O texto sobre o cronômetro de piscinas se sobressai entre os demais; é um dos melhores que já li de sua autoria.

RICARDO ALFAYA: Vi a caprina história assim: “Cabra” é uma das chaves, jogo da imagem “cabra” com “cara”. Refere-se sobretudo ao personagem principal da história, o pai que cometeu o crime. Quanto ao assassinato, trata-se de episódio talvez simples, seco e direto, que foi todo ornamentado. Três Veras. Vera é verdade. São três os tiros e, a despeito da confusão, são pelo menos três versões (três verdades / veras) as que sobressaem: a do pai (o cabra); a do filho (comerciante); e a do coronel. Patativa, literato popular homenageado que ornamenta os

acontecimentos com o uso da palavra. Aqui, sinônimo de arte. Você, escritor de formação intelectual, que ornamenta o acontecimento com o uso da palavra. Aqui, sinônimo de arte, também. Por outro lado, as fotos dos dois ornamentam agora a palavra. Há um jogo de ironia aqui. Monalisa é Vera na janela. Porém, mais do que isso, simboliza o enigma do texto. O famoso “riso enigmático” de Monalisa, de quem se diz representar o próprio riso de Da Vinci. Parece-me que a modelo que pousou para o quadro era uma pessoa comum da época. Ornamentada pela arte, tornou-se grandiosa e eterna. Decifra-me ou te devoro. As interrogações vão descendo pela página. Interrogações, Monalisa, Cabra, sua foto, Patativa, assim como o próprio texto em si. O texto parece querer chamar a atenção do leitor para o fato de que ali existe um enigma. Só que, contraditoriamente, os recursos para revelar a existência do enigma, terminam eles mesmos acrescentando enigmas ao enigma. Até mesmo a “Moral da História”, que surge na possível fala do monge (nada parece palpável na narrativa) possui um caráter ambíguo, de crítica e de elogio, ao mesmo tempo. Por certo há outros enigmas, outros detalhes. Como bem já observou Yêda Schmaltz, na opinião anterior, há uma “discussão do discurso dentro dele próprio”. Esse é um dos pontos, ou talvez mais precisamente o ponto: na dimensão em

que vivemos, a verdade é formada por múltiplos discursos que se intercalam, sendo fugidio, talvez impossível, o conceito de verdade absoluta. Isso me faz recordar alguma coisa que li em Michel Foucault a respeito. Para encerrar, diria que ocorreu, enquanto escrevia essas palavras, uma espécie de “visualização espontânea”, na qual apareciam três folhas em branco suspensas no ar como plataformas. Em cada uma delas se moviam os acontecimentos das três diferentes versões. Talvez adotar como verdade todas as versões fosse uma solução para o problema. A versão, afinal, é sempre maior que o fato. E toda versão (todo “boato” como talvez preferisse Uilcon Pereira) tem um fundo (falso?) de verdade. Por outro lado, se fôssemos proceder assim no cotidiano, isto é, aceitando todos os discursos e versões como verdadeiros, terminaríamos sufocados ou perdidos pela impossibilidade de compreender com clareza até mesmo os mais corriqueiros fatos, tal como, até certo ponto, sucede tanto aos personagens envolvidos na deliberadamente confusa história, como com todo aquele que a lê. Talvez resida na constatação e na proposta desse fenômeno o principal objetivo da narrativa. Será que a minha versão chegou perto da “verdade verdadeira” a que se propõe o texto ou fui devorado pela Cabra-esfinge-da- peste?

RITA BRENNAND: Monalisa. Coronel, você não prega um pre-

go sem estopa. Na primeira olhada, o indefinido, ambíguo. Qual das histórias ... -? Qual o personagem que -? O monge Jorge defende a lei do sertão? Quem tem muitas mulheres... Em cada uma, as outras... O gemido do aconchego, o cheiro de Vera. O jeito dengoso de uma das Veras enquanto alisa, mesmo que nas mãos, o cheiro de bode requentado {o corisco pela janela}. Alídio contou uma história -? A medida que, no decorrer dela, os enfeites e a história recontada.

Veja bem a fotografia desse gesto. Com as mãos lá e cá, pra direita ou pra esquerda, assim Ó... As mãos como quem mede um porco. Só um gênio, sertão, e Ceará. O comerciante FILHO SÓ de PAI paga em agrados de castanhas a outra questão. Pagará todas. Essa história de bode enfeitado... Em processo... Castanhas, Scotch Whisky. Tem precisão de muita arte e manha. Fico à espera enquanto o bode se defende. Só a ARTE, Coronel! Abro os braços, meu beijo também. Rita

RODRIGO GURGEL: Acabo de ler a história que me enviou e gostei muito. O momento do tiro na testa de Vera é perfeito. Mas o melhor tiro é o olhar certo dela, olhar que prenuncia a própria morte, pede perdão e, ao mesmo tempo, fere para sempre aquele que a molesta. Um olhar inesquecível.

ROGÉRIO LIMA:

“Marque o tempo que quiser e repare no ponteiro correndo em direção ao evento. Que pode ser morte, que pode ser vida, que a diferença é nenhuma. Quem dirá o lado vencedor será sua mão, sua mãe... Assim, ó!...”

Filósofo, permita-me, mas colho o que bem entendo, pois o texto, seu é que não é mais.

Parece um Tiago sertanejo ensinando que a vida é como uma névoa, que repentinamente se dissipa. O tempo corre e não nos espera e nem nos dá trégua. Nossas escolhas devem ser rápidas, caso contrário a vida não nos permitirá escolher coisa alguma.

Todavia, filósofo, sob as bênçãos do Pai pois caso contrário, nossas escolhas serão trágicas. Que o Senhor, por Sua misericórdia, não nos permita jamais apontar o ponteiro! Com o grande abraço. Rogério

YEDA SCHMALTZ

EXCELENTE!!! Eita estorinha confusa...rsssss... E você pensa que o povo sabe o que é oitão da casa? Isto é só coisa de quem, como nós, lida com as peixeiras. Admirável o seu lidar com a metalinguagem, a discussão do discurso dentro dele próprio, coisa de mestre. Vou guardar aqui para futura publicação no boletim, posso? Obrigada pelo momento de prazer estético.

Yêda

Octavio Paz (absens)
e
Soares Feitosa (presens)

EL AUSENTE
(Octavio Paz)

As carnaubeiras de Catuana
(Soares Feitosa)

Quem falou em ausente?

Àquele que se fizer ausente lhe recaia
a maldição dos alhures,
a mancha dos distantes,
e sob um silêncio,
todo silêncio é frágil.

I
Dios insaciable que mi insomnio alimenta;
Dios sediento que refrescas tu eterna sed en mis lágrimas,
Dios vacío que golpeas mi pecho con un puño de piedra,
con un puño de humo,
Dios que me deshabras,
Dios desierto, peña que mi súplica baña,
Dios que al silencio del hombre que pregunta
contestas con un silencio más grande,
Dios hueco, Dios de nada, mi Dios:
sangre, tu sangre, la sangre, me guía.
La sangre de la tierra,
la de los animales y la del vegetal somnoliento,
la sangre petrificada de los minerales
y la del fuego que dormita en la tierra,
tu sangre,
la del vino frenético que canta en primavera,
Dios esbelto y solar,
Dios de resurrección,

estrella hiriente,
insomne flauta que alza su dulce llama entre sombras caídas,
oh Dios que en las fiestas convocas a las mujeres delirantes
y haces girar sus vientres planetarios y sus nalgas salvajes,
los pechos inmóviles y eléctricos,
atravesando el universo enloquecido y desnudo
y la sedienta extensión de la noche desplomada.
Sangre,
sangre que todavía te mancha con resplandores bárbaros,
la sangre derramada en la noche del sacrificio,
la de los inocentes y la de los impíos,
la de tus enemigos y la de tus justos,
la sangre tuya, la de tu sacrificio.

II

Por ti asciendo, desciendo,
a través de mi estirpe,
hasta el pozo del polvo
donde mi semen se deshace en otros,
más antiguos, sin nombre,
ciegos ríos por llanos de ceniza.
Te he buscado, te busco,
en la árida vigilia, escarabajo
de la razón giratoria:
en los sueños henchidos de presagios equívocos
y en los torrentes negros que el delirio desata:
el pensamiento es una espada
que ilumina y destruye
y luego del relámpago no hay nada
sino un correr por el sinfín
y encontrarse uno mismo frente al muro.
Te he buscado, te busco,
en la cólera pura de los desesperados,
allí donde los hombres se juntan para morir sin ti,
entre una maldición y una flor degollada.
No, no estabas en ese rostro roto en mil rostros iguales.
e he buscado, te busco,

entre los restos de la noche en ruinas,
en los despojos de la luz que deserta,
en el niño mendigo que sueña en el asfalto con arena e olas,
junto a perros nocturnos,
rostros de niebla y cuchillada
y desiertas pisadas de tacones sonámbulos.
En mí te busco: ¿eres
mi rostro en el momento de borrarse,
mi nombre que, al decirlo, se dispersa,
eres mi desvanecimiento?

III

Viva palabra obscura,
palabra del principio,
principio sin palabra,
piedra y piedra, sequía,
verdor súbito,
fuego que no se acaba,
agua que brilla en una cueva:
no existes, pero vives,
en nuestra angustia habitas,
en el fondo vacío del instante
– oh aburrimiento –,
en el trabajo y el sudor, su fruto,
en el sueño que engendra y el muro que prohíbe.
Dios vacío, Dios sordo, Dios mío,
lágrima nuestra, blasfemia,
palabra y silencio del hombre,
signo del llanto, cifra de sangre,
forma terrible de la nada,
araña del miedo,
reverso del tiempo,
gracia del mundo, secreto indecible,
muestra tu faz que aniquila,
que al polvo voy, al fuego impuro.

Faz-se necessário seja noite,
e necessariamente escura,
mais uma ponta de solidão e a viagem
e, num dado ponto, como se fosse,
e é,

deve ser, tem que ser, uma aurora boreal:
as carnaubeiras de Catuana contra
um pano de fundo, um horizonte em disparada,
o clarão da cidade, a febre de chegar.

Nada sei dessas auroras, bóreas – cumpre-me
falar de coisas
jamais entendidas.

Venho dos longes, coração, tu bem o sabes.

E falo de coisas aos padecentes do silêncio,
essa mancha glacial,
em nome de quê... –,
tu bem o sabes, Octavio, todos os judeus,
Joshua incluso, teus negros,
teus índios, teus ilhéus – quem falou por eles?!

E lhes explico a todos:
como se fosse um ostensório
— era ali, amor, em amor adolescente te pedia em perdição –
agora, a copa destas árvores, palmas
perfeitamente círculos e o brilho
contra ti, noite, de um horizonte geo,
tão longínquo e já tão próximo, e uma delas,
a árvore-palma, me salta, a carnaubeira,
à beira da estrada, dentro da estrada, bem no meio
da estrada, mera ilusão das curvas,
– ah, Senhor Engenheiro, mais uma vez me ilude o Teu traço reto –
porque as curvas, todas são perdições minhas,
desvios meus, jamais chegados.

Suave como um entardecer, houvera
o ostensório do Cristo, à bênção
– agora me ergue esta carnaubeira, saltadora de solidões –
na cidadezinha donde me sou, rituais
inteiramente sumidos desta linguagem nova
e todos os espinhos.

– As carnaubeiras de Catuana?

Elas ficaram!

Um tempo,

agora

como se um trem de carga

contra a noite erma,

velozmente erma,

e noite.

– ¡çDon Octavio Paz!?

– ¡Presente!



Rodovia BR-222, Catuana-Fortaleza, CE,
noite alta, 19.4.1998, a notícia (rádio) da “viagem” de Octavio.

ARICYR CURVELLO: Feitosa, quem falou em ausente? Entre o antes do início e o depois do fim do poema de Octavio Paz acontece o poema de Soares Feitosa. Um artefato de simultanei-

dades entre a voz íntima que procura se concatenar, tateando nos versos de Paz, e a paisagem noturna que desliza fora, ao longo do carro. No dia/noite do falecimento do grande poeta

mexicano se inscrevem os vigorosos versos do brasileiro “aos padecentes do silêncio” (“quem falou por eles?”), “num horizonte em disparada” na Rodovia Caturana à noite, na “noite erma”, após a morte e o mais que brotam dos versos do mexicano, a quem parecera que: “... Dios que al silencio del hombre que pregunta contestas con un silencio más grande, / Dios hueco, Dios de nada, mi Dios ...” afinal também “Dios de resurrección”, embora “Dios vacío, Dios sordo, Dios mío”, “forma terrible de la nada”. Nos cortes simultâneos do pensamento e da paisagem veloz, a copa belíssima da carnaubeira se ergue como um ostensório em prata e brilho. O ostensório, metáfora que evoca o sangue de Cristo, por meio do qual todos os crentes aguardam renascer, lembra que não há a morte. Don Octavio responde: – Presente!

ERORCI SANTANA: Faz algumas noites que ando ensaiando escrever-te uma carta, gesto adiado pelo enredo dos pequenos negócios cotidianos e pela vagareza – não direi preguiça, não, senão aquela indolência macunaímica de deixar-se ficar sob o ardente sol dos trópicos, agora esse um glorioso meio esquivo e deslembado, a ponto de ter deixado que se instaurasse em São Paulo uma paisagem siberiana. De modo que a biológica forma queda-se enregelante nesse julho “nublado e frio, que senta a bunda no rio” como as-

sinalou Mário de Andrade. Será que faz tanto frio assim aí no Siarah?

Pois bom. Recebi e li os dois belos poemas, atléticos e resfolegantes “As Carnaubeiras de Caturana”, homenagem comovente e competente a Octavio Paz – que só li em artigos e poemas esparsos, inequívoco indício e denúncia de lacuna cultural, agravados pelo fato de sequer tê-lo na estante. Mas lerei por imperioso, que monumental ele o é. E li também **Não é aqui não**, poema em que a grandeza se sente no cerne do enigma, e que, como qualquer poema seu tem o condão de irromper de maneira abrupta na vida da gente, como aquele canto surpreendente das sariemas, cuja forma sonora nem de longe faz supor emitida por bicho de pena, mais lembrando o ladrar dos cães em perseguição à caça. Em seu canto há algo de urgência e premência, de movimento rápido, intrépido, ziguezagueante, imprevisível: a algaravia que se abate sobre o silêncio, a flecha ou projétil súbito que instaura a desordem dilacerante na ordem simétrica, cíclica e circular da carne. É tudo muito intempestivo e bonito. É uma canção travessa e irrefutável para combater o sono dos mortos. Mas o que há de mais admirável é que ela não parece intencional. Anuncia-se como o inferno adrede, um sonho – e como sonho, involuntário. Entra-se forçosamente no seu poema, à revelia e sem ser convidado, quer dizer: existe por-

que existe. Como disse Angelus Silesius, “floresce porque floresce”. Principia com motes absurdos e inesperados, na contra-mão de toda expectativa e se desenvolve com requebros e soluções inusitadas. É esteticamente novo, original pelas cisões do pensamento e pelo desdizer mais que dizer. Fica anotado.

F. S. NASCIMENTO: Caríssimo Poeta Soares Feitosa: Agraciado pela sua habitual gentileza, recebi as três mais recentes edições do seu JORNAL DE POESIA. E, não somente logo os folhee, como lí vários textos, a começar pelos seus poemas “Convite à flor”, “Uma canção distante” e também **As carnaubeiras de Catuana**. Os três, formal e conteudisticamente resultantes de sua modernidade estruturativa e aplaudida criatividade.

HERCULANO MORAES: Soares, poeta. Delicio-me com a leveza do AS CARNAUBEIRAS DE CATUANA. Nas entrelinhas da elegia a Octavio Paz a força vital do poeta, a terra, o embrião da memória que não se extingue. O poema seguinte, NÃO É AQUI NÃO traz-me à lembrança o canto americano universal de Whitman, a linguagem como substância de oração. Belo poema, belos poemas. Poeta de mão cheia. Parabéns, Ceará. Parabéns, Brasil. Herculano.

IOSITO AGUIAR: Tresmudando, queria dizer que tem coisas de

que só um cearense é capaz. Pra viver naquela sequeidão amando aquela terra acima de todas as outras, só mesmo sendo cearense ou árabe. Nunca poderia imaginar que o poeta cearense, meu querido capitão do mato, Soares Feitosa, tivesse o despau-tério de colocar-se, literalmente: por cima e por baixo, do grande mexicano Octavio Paz!

Que todo cearense é meio doído, tô cansado de saber. Não só Soares Feitosa se colocou num poema “repleto de enigmas e tentativas de decifração”, no dizer de minha conterrânea e, provavelmente, parente, Regina Sousa Vieira, que pertence à ilustre casa dos Sousa, descendentes diretos do Barão Henrique Antunes de Sousa Neves – que na Bahia era dono das águas – e dos Vieira (donos das terras) aos quais pertença que, além de heróis de Alcácer-Quibir, a pedidos de D. João VI, introduziram o cultivo da cana-de-açúcar na Bahia, adoçando assim o Brasil. Continuando a falar do capitão Soares Feitosa, no seu “Jornal de Poesia”, o homem nos apresenta uma ANTÍFONA tonitroante, esbanjando uma absurda riqueza de recursos. Com toda a *nonchalance* de que só um cearense da molesta é capaz, o capitão apossa-se da Midraxé – ciência dos escribas árabes – que é um modo de contar, escrever ou declamar, acrescentando aos fatos a experiência pessoal e, como se isso não fosse o bastante até porque é um leitor contumaz das escrituras

sagradas, nosso estimado capitão usa e abusa do Halacá e do Hagadá, recursos privativos de santos e sábios rabinos para explicar, comentar, enfeitar e ampliar os efeitos de seus versos, ao lado dos versos do venerável Octavio Paz.

JOSÉ PEIXOTO JR: Meu colega Soares Feitosa:

“Todo silêncio é frágil”

Você tem o dom de produzir versos inigualáveis, expressivos, como o epigrafado, acima. Verso assim se immortaliza, toma o freio no dente e vai-se embora sozinho, chega à distância de não se saber de que cabeça veio. Já está atingindo esse patamar aquele “no meio do caminho tinha uma pedra”. Pode se despedir do “todo silêncio é frágil”, vai desapregar do seu nome. Poesia é como flor e perfume. A flor o olhar abarca; o perfume insinua-se sem ser visto. Com ele cego não tem desvantagem, goza-o igualmente àqueles que têm mais do que os simples olhos na cara. O José Helder de Souza me deu um exemplar da II Coletânea Komedi (1998) onde deparei com uma homenagem a você, que vai junto. Vê-se que você já fez escola. Um discípulo o saúda de público. E com razão, “PSI, a Penúltima” merece lugar de honra entre os nossos livros de poesia. Não sei porque esse livro ainda não frequenta os balcões das livrarias, trazido a elas por um dos nossos gran-

des editores. A fortuna crítica que o apresenta tem força de pôlo, além fronteira, ao lado de um José Luís Borges, de um Octavio Paz e de outros monstros sagrados da poesia, pois você é um deles. De há muito não o seguraram os limites das “Edições Papel em Branco”. Brasília, jul/98

MARIGÊ QUIRINO MARCHINI:

Soares, tudo nesses poemas é novo: a sintaxe, a semântica. Inalterável, porém, o místico poético que eles criam. Uma delícia de imagens sacrossantas, a sua contemplação da vida (As Carnaubeiras), através da morte do grande Octavio Paz. Poeta que você nos traz presente em seu “Dios insaciable”. Um componente de duas poéticas, a sua e a dele, numa conjunção planetária de grande força. E, no espelho da natureza, das idades, dos desencantos e encantos do “Não é aqui não”, vemos bem fundo nos nossos olhos que ali se interrogam, o Tempo. Tempo verde de um orquidário. Imenso.

NELLY NOVAES COELHO: Caríssimo e sempre lembrado Poeta Feitosa. Há tempos que estou para te escrever, comovida e agradecida pela lembrança amiga de me mandar a homenagem ao Mestre Octavio Paz, com seu “Dios insaciable que mi insomnio alimenta...” e tua caminhada pela Rodovia Catuana e teu olhar que transfigurou metaforicamente as carnaubeiras... E que interroga o “Senhor

Engenheiro” que nos oculta o mistério de Sua presença e criação... Chorei como uma criança, quando ao abrir o “Estadão” na manhã do dia 20 de abril, li na primeira página a morte da Grande Presença de Octavio Paz... Mas teu poema tem razão:

– ¿Dom Octavio Paz?

– ¡Presente!

Criou para nós um universo tão rico, amor, paixões, inteligência, generosidade, interrogações vitais... Que nos fez a todos seus habitantes... Fisicamente, ele se foi, mas o universo que ele criou para nós continua aí, cada vez mais aberto a novas descobertas. Octavio Paz foi um dos meus primeiros mestres-guias, a ajudar-me a encontrar meus próprios caminhos no mundo da literatura, sondado em suas profundezas. Ainda não mergulhei fundo no teu poema final “Não é aqui não”. Emocionou-me; é denso e vibrante de paixão, como tudo o que escreves.

REGINA SOUZA VIEIRA: Poesia hermética, esta de Soares Feitosa. Esta? Todas ou pelo menos aquelas de “Psi, a Penúltima”, que tão bem conheço. As “Carnaubeiras de Catuana” me dão a impressão de uma árvore frondosa, de tronco forte, ora apta a acolher a solidão e a viagem quando “noite, // e necessariamente escura” ora marcando a linha limítrofe de um território que, logo, à frente, aponta

para “um horizonte em disparada”. Poema repleto de enigmas, de tentativas de decifrações e, ao mesmo tempo, em meio a buscas inatingíveis, o encontro inevitável; o amor: “– era ali, amor, em amor adolescente te pedia em perdição –”. Benditas Carnaubeiras de Catuana e mais benditas ainda porque um poeta como Soares Feitosa conseguiu impressionar-nos com o seu “ostensório”, indicando as terras do Ceará.

RODRIGO PETRONIO: Soares, amigo. Por acaso passeava pelo JP e dei de cara com texto seu. Trata-se do poema que você fez quando da viagem de Octavio Paz, em 1988. Uma beleza. Um diálogo fino, uma leitura em versos, desse poeta e intelectual magnífico, dos mais frequentes entre minhas leituras atuais. Meus parabéns, retrospectivos. Abraço fraterno. Rodrigo

Nunca direi que te amo*

Sem nenhum aviso,
as sardas de um rosto, vieram as sardas
e eram notícia de uma navegação morena;
uma voz rouquenha, como se abafasse
o grito súbito sobre este porto
de nenhum aviso.

Nunca lhe direi sobre o amor: jamais faria
declaração de posse às minhas mãos;
nenhum registro público hei de requerer
sobre meus pés; nem protocolos mandarei abrir
sobre meus braços;
mandato algum darei sobre meus olhos:
cega-me a crueldade desta posse.

De que haveria de falar, se a voz
me some nos contrastes deste aviso súbito?

Os segredos,
não os desvendarei –
as mãos, a voz, este “sim” –
porque
Ela,
subitamente a tua voz morena:
a flor, o vinho.

* Traduzido para o alemão por Marcel Vejmelka;
para o italiano por Virgilio Zanolla:
<http://www.jornaldepoesia.jor.br/feito36.html>

ADELAIDE LESSA: Soares Feitosa, querido e generoso amigo, de poesia humaníssima, poeta de Salomão e de Eliezer, de Ayrton, o primeiro piloto de Elias, de Antônio Frederico, do Navio, do abraço ao meu Augusto levitante, estou acompanhando sua dor pessoal, seu canto de amor sufocado, a voz sumida nos segredos que chega a não dizer, mas sugere, a “crueldade desta posse”. Guardo todos os seus escritos. A semente de imburana continuar a aromar “Psi, a penúltima” e a contagiar todas as páginas que vieram soltas, como as de agora, entrecortadas de soluços na noite alta, na taça azul.

ALCKMAR LUIZ DOS SANTOS: Soares, amigo. Puxa, que dois poemas danados de bonitos, esses que chegaram pelo correio! Dá inveja dessa verve lírica que sempre passa meio longe dos tecnicismos prosódicos em que eu mesmo me insulo. Grande abraço do companheiro de caminhadas poéticas e informáticas. (O outro: *SE*, página 115).

ANDRÉ SEFRIN: Feitosa, seu poema (“Nunca direi que te amo”) é mais uma página que se integra ao melhor de nossa lírica amorosa. É poesia pura, de poeta verdadeiro – o que nós, seus leitores, sabemos. O abraço saudoso e a admiração do seu amigo, André

ANITA COSTA PRADO: Romântica sem ser melosa, profunda

sem ser cansativa. Assim é “Nunca direi que te amo”, poesia de Soares Feitosa. Texto envolvente e gostoso como vinho de qualidade...

ANTONIO AUGUSTO BOCAIUVA: Soares Feitosa, isso não precisa de comentários! É para ser lido de joelhos como deve ser a leitura de Pessoa.

ANTÔNIO PEREIRA APON: Alguns poetas, quando versam sobre o amor, terminam caindo no lugar comum da rima do nada com coisa alguma, o que não acontece com esta poesia, em que o autor demonstra capacidade criativa, sobriedade na estruturação dos versos sem buscar fórmulas prontas nem adornos fáceis (e desnecessários). A ideia flui naturalmente, sem forçação de barra, sem os penduricalhos das cantilenas de alguns poetas (?). Gostei muito. Abraços

BRUNO KAMPEL: Poema denso, porque desdiz a obrigação de mencionar o óbvio. Como explicar o sorriso de felicidade, ou o latir do peito. Amamos sendo e agindo, por isso as palavras carecem de urgência.

Belíssima. A antideclaração, o antidiscuso, como sempre, dizem mais que as frases feitas. Um abraço.

CHERYL HATFIELD: Era agradável ouvir-se outra vez de você, e eu gosto de seu poema novo muito muito! Eu fui ao Jornal de Poesia e li sobre você e vi seu

retrato. Você olha tão agradável como você soa. Você e eu somos a mesma idade, como eu fui carregado 1.9.44! (você é um mais velho, naturalmente!) É queda aqui agora e eu sou muito mais feliz. É mola em sua agora, me acredita? Sustento no toque! Os mais melhores desejos, Cheryl. P.S.: Desculpe meu português.

CRISTIANE FRANÇA: Caro Soares, por mais que procure o silêncio, algo me subtrai da realidade consciente.

CYRO DE MATTOS: Seu poema é lindo, o amor por vias sutis aparece no discurso equilibrado, mas intenso em suas notas que latejam sentimentos. Encantei-me.

DAYSE MARIA GONÇALVES LEITE: Gosto da poesia solta, nascida de uma inspiração que só a você chegou e que só você entende porque assim se expressou. Já dizia Joseph Joubert (1754-1824) ensaísta francês: “Você só encontrará a poesia se trouxer um pouco dela dentro de si”.

DIATAHY MENEZES: Acabo de ler sua lavra nova. O poeta é um observador terrível e subitâneo. De repente, sua fala é dominada pela sensação inesperada e ele diz coisas antiquíssimas, porém inéditas. Gostei.

EDUARDO MACIEL: Acabo de ler o seu “Nunca direi que te

amo”. É domingo, adiantada noite. O que apenas noticio para dar-lhe a noção do susto que me causou a leitura do seu poema. O coração me disparou, com aquele arrebatamento para o qual geralmente não se está preparado num domingo à noite. A respiração (sumida nos contrastes deste aviso súbito), só retomada ao fim da primeira leitura, ganhou então o compasso da paixão despertada. É poema que se quer pegar, pôr entre os braços, que faz doer de saudade.

ELIZABETH LORENZOTTI: “Nunca direi que te amo” — agora a releio, em meio a essa balbúrdia diária, e fico feliz pela arte, que resiste e irrompe quando mais se precisa dela.

ELOÍ ELISABET BOCHECO: Uma perfeição. Um texto pra gente se perder de tanta beleza. Ritmo, melodia, emoção, tudo numa justeza que só mestres geniais como você alcançam. Meu grande abraço.

FLORA FERREIRA: Subitamente a voz morena de teu poema sussurrou-me toda beleza e cadência desse instante nele registrado. Brilhante a textura do poema. Como foi bom te escutar nessa emoção noturna!

GERANA DAMULAKIS: Feitosa: o poema “Nunca direi que te amo” é um assombro de bom e o título fica ressoando na cabeça do leitor. Beijos saudosos de Gerana.

GIZELDA (VALINHOS). Li seu poema e dele gostei muito. Acredito que uma poesia seja uma “conversa entre almas” e que sempre encontra alguém que com ela se identifique. Muito obrigada pela sua atenção. Sou professora de literatura do Anglo e o “Jornal da Poesia” é fonte permanente de consulta para trabalhos e também satisfação pessoal. Sempre é muito bom saber que numa época tão conturbada, a poesia anda “no ar”. Aliás, devo dizer-lhe que muitos de meus alunos também conectam o “JPoesia” e gostam muito. Gizelda. (Valinhos/São Paulo).

HELIO PÓLVORA: Feitosa, é lirismo sem pieguice, lirismo na medida certa, com a espontânea beleza das verdades simples, o seu poema “Nunca te direi que te amo”. O poeta Soares Feitosa está adquirindo o timbre do canto natural que se exprime sem ênfase.

HELENA MONTEIRO: Infelizmente não consegui encontrar o poema de Ribeiro Couro, mas, paciência. O que consegui foi este extraordinário “Nunca direi que te amo”. Forte, cadenciado e belo.

ITACILDO: Oi... você me congelou de surpresa com essa poesia, confesso que não estava preparado para recebê-la, após um dia de muito trabalho com novos projetos da empresa que trabalho. Abri meu *e-mail* com

várias msg, aí tive muita curiosidade e ao abri-la... que surpresa!!!

IVONE MEDEIROS TÖNIG: Adorei teu poema “Nunca direi que te amo”... Tal poética me faz desejar que tivesse sido escrito para mim, como musa (?)... É lindo isso na poesia... Pode ser absorvida, tomada de empréstimo, deleitada, fazer sonhar, ter prazer em ler... Linda mesmo esta poesia!

JOÃO BARCELLOS: E todos os escritos poéticos de Soares Feitosa sabem-me a néctar encorpado na delicadeza charmosa das vivências. Digo, por isto mesmo, que viva o Poeta! É raro, muito raro, em mim, não escrever de imediato o instante da sensação recebida pela leitura de outros escritos. Faz tempo que venho lendo Soares Feitosa – o Poeta, e eis-me diante de um desses instantes que me levam adiante, fazem-me saborear longamente cada verso, cada traço poético (como aconteceu lendo Joyce, Adélia Prado, Octavio Paz, Sá-Carneiro, Quintana). Soares Feitosa chega(-nos) com a fragrância de um viver profundo, meticuloso até, e no entanto, sente-se o despreendimento nas entrelinhas do seu existir literário. Que viva o Poeta!, pois. Porque é desse estádio do desenvolvimento intelectual que falo, e ao qual poucos chegam. Sim, a Poesia sublime e profunda e perfumada de Soares Feitosa bebe-se para se re-

fletir à luz das chamas da lareira que somos... Quando queremos e somos Alma!

JOAQUIM ALVES BARREIRO:

Caro Soares Feitosa. Ainda não tinha tido a oportunidade de comentar as “sardas” do seu Poema. E não consigo!

Ficou-me, no movimento das mãos este testemunho que não comento.

Sim um dia terei de dizer e que seja madrugada longa infinita como nunca houvera em vida

um dia terei talvez horas, alguns minutos, pequeníssimos segundos até quem sabe

mas um dia terei terei de dizer-te tudo o que me vai no coração na alma infinda que quase já não controlo

um dia, uma noite uma qualquer hora

preferia que fosse madrugada para poder ficar ficar ficar à espera do dia em que pudesse dizer baixinho, mui calmamente ao lóbulo do teu ouvido (mesmo gaguejando) que que que te amo te amo te amo.

Com aquele abraço já comum e

conhecido. As melhores coisas do Mundo: votos!

Joaquim Alves Barreiro/Lisboa/Portugal

JONIO BABU: Não sei porque acordei precisando ouvir algo como “Nunca te direi”. Penso que o meu espírito precisava-se encontrar leve com o nascer do dia para poder suportar os longos minutos e horas do entardecer, até a calada da noite. Meus parabéns por esta e outras tão lindas poesias que sei que é capaz de fazer. Obrigado por me presentear com este dia.

JOSÉ NÊUMANNE PINTO:

“Seu” Chico Feitosa, Existe neste poema uma comunhão absoluta com a noite alta em que ele foi escrito. Trata-se de um texto noturno, embora nunca soturno. No sentido de seu brilho de vagalumes e estrelas e das surpresas que as trevas costumam esconder, só permitindo se vislumbrar o que a lua mostra. Por isso, mantenha sempre as indicações da hora e da data em que o poema foi gestado. Num gesto de amor puro, coito com palavras.

JÚLIO NEVES PEREIRA:

Sr. Feitosa, o seu poema exprime graça e singeleza. Provoca a alma e a carne, enquanto, por um discurso “lânguido”, vai envolvendo numa trama lírica (que é a chama) o leitor. Senti-me grato por lê-lo. Não conhecia sua poesia, tão sensível. Ficarei mais atento a suas produções.

LAU SIQUEIRA: A plena percepção do silêncio, amigo Feitosa!!!! Acho que foi esse o sentimento que me invadiu quando li “Nunca direi que te amo”. É como se tivéssemos a sensação escrita (e descritiva) daqueles arroubos incontidos da alma que nunca cabem nas palavras, tal a intensidade. Parece que você conseguiu acomodá-los nas teias do significado. Essa tem sido, aliás, uma das fortes características do veio poético que se guardou em você por breves “cinquentanos”. Um poema cerebral que carrega em seu alforje todas as tralhas daquelas emoções que às vezes pesam na garupa dessa égua inconstante chamada saudade.

Há braços!

Sempre amigo, Lau.

MARIA CISTINA MACBUNN:

De poesia nada sei; não classifico, não identifico estilos, ignoro seus aspectos técnicos (admita-se tal?)... Enfim, imagino que saibas a que ordem de seres pertença; àquela dos que sentem a poesia com o único recurso de que dispõem – o coração. Talvez ousando uma interpretação sobre essa categoria de seres, diria que utilizam a alma, mas, essa alimentada pelo corpo aonde estão inscritas, como tatuagens, os sons e signos da vida. Enfim, sem dar asas a esse devaneio interpretativo, gostaria de registrar minha profunda admiração pelo seu trabalho; trabalho esmo... Esse de criação de um “Jornal

da Poesia”, que descobri por acaso há alguns meses... Vasculhando os serviços oferecidos pela *Internet*; que surpresa, quanto prazer, quantos momentos maravilhosos sua página já me ofereceu. Tenho brindado um grande amor com poetas fantásticos que compõem a galeria do Jornal. Tenho divulgado entre os que me são queridos seu trabalho. Cheguei há pouco nesta Fortaleza, ficarei um tempo e seguirei por outras trilhas. Mas, minha passagem por aqui está marcada por sua “criação” poética. Confesso que até então, havia percorrido a poesia dos que lhe acompanham aqui e, hoje, curiosamente fui em busca da sua poesia. Estou “encantada” com “Nunca direi que te amo”. O que posso eu dizer? Criador... Cria dor... Alma remexida; fui em busca de mais – encontrei Femina... Sem palavras. Obrigada, Cristina.

LINDAIR: Olá Francisco. Bom receber seu *e-mail*... Estava meio entorpecida pelo anestésico da rotina alienante. Sua “equipe” como sempre trabalhando bem, pode deixá-lo livre para produzir e cultivar mais esta pérola de criatividade e sensibilidade. O bom da arte poética é que o lugar “da musa” fica sempre livre para quem quiser ocupar... Nisso, caríssimo poeta, você é mestre! Abraço amigo; grata pelo presente (de aniversário, viu? 19.10.1999).

Lindair

MARIA DELFINA DE MORAES:

Ês estrela guia a brilhar fulgurante
no esplendor deste céu que contemplo
feito deusa encantada.
Por ti, por teus versos,
me entrego inteira ao deleite
e vivo assim, encantada,
pelo eterno brilho de tua arte
traduzindo amor em palavras.

E assim, desde que
te tornei estrela única e majestosa
de meu céu particular,
onde ao olhar estrelas
apenas a ti meus olhos se dirigem,
apenas por ti
meus olhos se encantam.

[Em 29/10/99, dedicado a Soares Feitosa]

MARLENE ANDRADE MARTINS: *Dear Feitosa.* Um poema que cresce com o desprendimento da matéria — desapropriação do corpo: “jamais faria declaração de posse às minhas mãos; / nenhum registro público hei de requerer sobre os meus pés”; e a legitimação do ego, uma catalização romântica: “os segredos não os desvendareis – as mãos, a voz, este ‘sim’ [aceitação] – porque /Ela,/ subitamente a tua voz morena:/ a flor, o vinho”. Contrapondo, te ofereço:

AINDA QUE AS SARDAS INSISTAM

É cedo e, ainda que as sardas insistam,
há no avesso do rosto
o acúmulo de vida chegada do dia-a-dia.

Avesso desocupado das sardas,
sem pressa de despedidas, safo.

Escorregadio dribla.
Explode na trave o grito infinito

que libera a voz rouquenha do poeta,
sobre este porto de navegação segura.

Subitamente a voz calada:
“Nunca direi que te amo”.

OLYMPIA SALETE RODRIGUES: O seu poema “Nunca direi que te amo” é “incomentável”. Mesmo assim, quero lhe dizer algo: seu poema escancara e oculta o amor verdadeiro, aquele que é força e impotência ao mesmo tempo, que se expõe e se esconde, que tem medo de si mesmo enquanto tem a coragem de existir, que quer possuir mas apenas se entrega. Se é tão profundo o que você coloca no papel, qual não será a profundidade do sentimento que resta no seu dentro?

PAULO TORQUATO TASSO: Fiquei horas tentando descobrir de onde vem a intensidade que “Nunca direi que te amo” transmite. As palavras são conhecidas, as expressões também. Acho que a coisa tem mais a ver com a estruturação das frases e com o uso das preposições em

sentidos não convencionais. A propósito, o que vem a ser um “porto de nenhum aviso”? O porto de destino da morena que navega? E o que são os “contrastes” de um aviso? Contradições, surpresas?
Abraço.

RODRIGO GARCIA LOPES: Caro Soares Feitosa. Bonito o seu poema recente. Gosto das metáforas jurídicas aplicadas ao discurso amoroso, me faz lembrar uns versos da Laura Riding, poeta que estou traduzindo.

RODRIGO SOUZA LEÃO: Feitosa é apurado na linguagem sem ser obscuro. Revela um lirismo próprio que remete a um outro poema dele “Não é aqui não”. Só que agora é “Aqui sim”. A flor perfuma o vinho e vice-versa. Um buquê de flor e vinho. É aqui, sim!

RUY CÂMARA: Meu caro amigo, Poeta Soares Feitosa, acabo de ler “Nunca te direi que te amo”. Gostei do poema, do súbito encontro, da ideia de posse sem legalidade. O poema sugere uma certa transgressão dessa legalidade que some nos contrastes. O amor, no caso, é melhor na obscuridade, como o vinho numa taça, que súbito pode quebrar as regras protocolares.

RUY ESPINHEIRA FILHO: Grande Feitosa: Parabéns pela paixão morena. É isso aí – o sopro lírico à solta, intenso e vasto. Um abraço grande, Ruy.

SONIA ALVES DIAS: “Nunca direi que te amo” é mais um ato de redenção, antes de ser poesia. É a declaração de posse (ainda que negada em todos os sentidos). Nunca dizer que te amo, é como dizer que te amo, mas quem precisa ouvir? Quem precisa falar? Quando os gestos tomam as palavras para si? Cada frase que escreves é sempre um tributo a todas Nós! Grande Beijo com o Sereno de São Paulo.

SOUZA SANTOS: Caro Feitosa: O exercício do lirismo em “Nunca direi que te amo”, alcança a dimensão do enlevo tanto quanto um conhaque flambado em noite de inverno. Grato pela lembrança de mo enviar. Um abraço, Souza Santos

STELA FONSECA: Chegou de mansinho na manhã. Trouxe o sol. Lembrei-me então de quantas vezes o procurei olhando pelas frestas da janela da sua casa. Das tantas em que, decidida, entrava para viver novas descobertas em antigas arquiteturas, com o mesmo encantamento da primeira vez. Do quanto, os quatro cantos vasculhei à procura de sinais, de algum sinal dele. Mas... foi tanto o tempo que, de cansaço, restou-me o esperar. Olho-o agora, encantada, e vou descobrindo-o devagar, sorvendo-o, enquanto deixo cobrir-me de alegria e prazer. Elegância maior no trato com as palavras, palavra, nunca vi! De declaração que dá crédito a quem a declara, e de amor ex-

plícito assim, afirmo: nunca, nunca vi. Tocada, toquei-o. E, na solidez da forma, a maciez de mergulho em águas límpidas, águas claras. Naveguei!... De tudo, assim, neste “Nunca direi que te amo”, eu digo: pena que ele não diga “eu-te-amo” para mim. Beijos, meu amigo poeta, todos! Stela

VIRGILIO ZANOLLA: Gentil irmão poeta, como agradecer-lhe do seu cortês e fascinante presente, o panfleto do Envelope? Além de ter uma cara boa e muito simpática (vi as suas fotos), e de enviar a todo mundo a imburana, promovedor do árvore brasileiro, o amigo é um verdadeiro poeta. Muitas suas líricas me fazem pensar a uma definição do escritor, matemático e filósofo milanês Tommaso Ceva (1648-1732): «A poesia é um sonho feito em presença da razão», já que próprio a razão prende pela

mão as emoções até a concatenar-lhes em versos, a fazer de um átimo uma fotografia. Não por nada o poeta cubano Cintio Vitier escrevia em Raiz diária: «Como é difícil que as palavras dêem o senso da vida, com exatidão! Esta é a balança do poeta». Eis aqui no alegado uma minha tradução em italiano da sua Nunca direi que te amo. O mínimo, diante ao deleite dos seus versos.

Um abraço do seu admirador
Virgilio Zanolla

VIRGINIA SCHALL: Quanta inspiração! O amor em noite alta incendiando a vida e esculpindo-se em líricas imagens. Obrigada pela beleza que me trazes agora, despertando, com as suas, as minhas próprias lembranças. Abraços,
Virgínia

*_*_*

Noite, dois excertos

Noite igual por dentro ao silêncio, Noite
Com as estrelas lentejoulas rápidas
No teu vestido franjado de Infinito.
[Álvaro de Campos, “Dois excertos de odes”]

1.

Bromélias

Um retrato distante,
mostrei-lhe a efigie:
uma moça distinta, muito bonita.
Parece com você — disse-lhe.

Ela disse: Parece não, é muito séria.

Eu disse: “É não! Ela é
uma poeta dos aurorais,
os sóis do pântano”.

Ela perguntou se tinha bromélias.

Eu disse que bromélias, com muito espinho e muitas
abelhas e seus ferrões,
todo o tempo, eram-lhe
[as bromélias, os espinhos, as abelhas],
eram-lhe os olhos.

Não reparei
se enrubesceu — uma liminar —,
essas banalidades do “pncd” —
o pão nosso de cada dia, o cliente ao telefone;
e então a noite tomou conta outra vez.

2.

Desenhos

E todos os desenhos eram prévios.
Até mesmo o gesto:
pegar uma xícara, coisas banais,
riscar um risco, o dizer que sim,
levantar da cadeira; eram prévios
todos os desenhos.

E bebíamos e nos ríamos às coisas fúteis,
e nos dizíamos duma casinha bem branquinha,
como se a mata, os regatos
já rumorejassem a nossos pés.

— Que mais queres, leitor ávido de coisas?

Uma montanha? Exiges uma montanha,
que eu te fale da montanha? Pois havia montanha,
sim; o horizonte encurvava-se ao nosso olhar,
profundamente
às coisas de que aos olhos...

E eram
excessivamente prévios todos os desenhos.

Agora,
este triturador de papel.

ANIBAL BEÇA: A cada dia você se encorpa às coisas da poesia. Faz do cotidiano, sonhos; e dos sonhos, poemas. Tudo com sintaxe e dicção, próprias. O prosaísmo assume ritmo plural, na

cadência imposta pelo regente, que é você, nessa dança de palavras. O resultado convida-nos, a todos, a entrar e dançar sem cerimônias. Dessacralizando o solene, flechando com o aparen-

te ordinário do dia a dia, as sobras sem importância. Tudo é matéria de poesia. Concordo. Difícil, em toda obra de arte, é reciclar a matéria poética. Mas em você, essa habilidade tem se assumido constante. Parabéns. Grande abraço.

ANDRÉ SEFFRIN: Meu caro amigo Feitosa: E cá estou eu, “leitor ávido de coisas”, fruindo seus dois novos poemas. Não tenho o que dizer. Que dizer? “As bromélias, os espinhos, as abelhas”. O resto é silêncio. Abraços de seu fiel leitor, André Seffrin.

ELIZABETH LORENZOTTI: Soares, vejo que o poeta continua esbanjando inspiração por essas noites altas. Muito lindas poesias, melhor ainda lê-las ao chegar num plantão dominical deste vetusto órgão de imprensa do qual sobrevivo. Poesia, salve a Poesia, só ela, sabemos, pode nos salvar.

FLORA FERREIRA: Soares, brilhante essa noite alta em Fortaleza. E essas bromélias que fazem e não fazem parte da Flora nesse seu enredo me enredaram até o fim. Valeu poeta, parece que Fortaleza tem um veio lírico muito intenso e vasto. Já conheci dois poetas extraordinários daí. Até me apaixonei por um [pelos poemas]. Isso aí deve ser um paraíso tanta inspiração. Sete anos de pastor Jacob servia a Labão, pai de Raquel, serrana bela... Será

para tão longo amor tão curta a vida? Então curta... Um abraço de bromélias pra você.

GIZELDA: Que bonito! Adorei os poemas, em especial o segundo – Os desenhos. Gosto também da expressão – noite alta – com que você os conclui, pois criam o clima perfeito para que as palavras se soltem e saiam por aí, buscando as almas que estão à espera delas. Gostaria de devolver a mensagem com um poema meu, mas já vai longe o tempo em que deixei de criá-los. Ao optar por ser professora de Literatura (sou advogada por formação primeira) meu cotidiano encheu-se de tantas belas poesias que passei a sorvê-las ao invés de criar outras. Porém, continuo sentindo enorme felicidade sempre que vejo alguém escrevendo, seja lá o que for, principalmente poesias. Tenho alunos jovens e maravilhosos, sonhadores, temos tardes inteiras de poesia. É muito belo ver a luz brilhando nos olhos deles, quando descobrem algum novo poeta.

HILTON DEIVES VALERIANO: Poeta Soares Feitosa, escrevo para saber como andam as coisas. Mesmo sem ter obtido resposta do *e-mail* anterior. Relendo seus panfletos poéticos lembrei de sua grande atividade de divulgação de poesia. Em um mundo utilitarista como o nosso seu amor pelas letras torna-se heroico. Estou cursando o mestrado na Unicamp, sempre

divulgo seu trabalho e seu nome. É uma pena que a academia na maioria das vezes é míope para a poesia e trabalhos como o seu. “Noite, dois excertos”: a poesia como desvelamento. As exigências do cotidiano (o maldito funcionalismo!) como ruptura dessa dimensão. Lírica moderna sem abandonar a tradição: eis sua poesia. Lendo sobre a biblioteca Cururu, não pude deixar de pensar no Mindlin. Se você ainda estiver publicando esses panfletos não esqueça de mim, pois tenho muito carinho e sinto grande prazer em lê-los. Eles possuem lugar especial em minha modesta biblioteca. Seu amor pela poesia me causa grande admiração, poeta. Estou cursando uma disciplina sobre Baudelaire. Trata-se de um estudo sobre a leitura de Walter Benjamin a respeito desse grande poeta. Através dessa disciplina conheci os “Cantos de Maldoror”, do poeta Lautréamont. O que você acha desse poeta francês? Estou também lendo Garcia Lorca. Grande poeta. Muita coisa se passou desde a última vez que conversamos, entre elas o nascimento de meu filho. Um abraço.

ROSEL SOARES: Poeta! A facilidade com que as palavras foram meus/nossos olhos, ouvidos, cérebros e corações deve-se unicamente a escolha acertada que você, lapidador, empreende durante as “altas noites” do Ceará. Eu me impressiono, verdadeiramente eu me impres-

siono. E é uma sensação gostosa da porra estar lendo versos seus. Por exemplo: tu sabes que minha situação financeira não está nada boa. Mas enquanto ouvia você falando que “...agora de manhã, mostrei a advogada, ela trabalha aqui comigo”, juro que esqueci do “pncd” e vivi (por instantes, é verdade!), como o mais abastado dos homens aqui na Terra. Esqueci do que podia esquecer e lembrei do que devia lembrar. Viajei!... Conclui-se: você é um ilusionista, um enganador, um homem cuja crueldade parece não ter fim. Por que tanto talento para tanta maldade? Mas queremos ser iludidos (precisamos), enganados (é importante) e aniquilados (é morte feliz) por causa de seus versos satânicos. Escreva-me mais! Mande-me novos versos! Pois, se o “pncd – pão-nosso-de-cada-dia” está sendo difícil de arrancar do solo canadense (estou sendo dramático demais, aplique o desconto!), que pelo pelo menos a “pntd – poesia-nossa-de-todos-os-dias” não nos seja negada. Pois que já me sinto dono dos teus versos. Vai ver o processo é esse mesmo. Escreveu, desenhou, computou, publicou..., já era, não te pertence mais. É de quem lê, aprecia, cita, divulga... Fiquei feliz porque você manteve o verso “Ela perguntou se tinha bromélias”. Perfeito! Não sei criticar poesia (ainda bem!). Mas sei quando um verso vale a pena! Abraços sinceros! Rosel

*E*studos & Catálogos – Mãos*

*A*o dono, indelegável, personalíssimo, o direito de ferrar. Algo solene, quase místico, manhãzinha, que de tarde o sol, a poeira e a fadiga do gado seriam por demais. O proprietário, tomando nas mãos o ferro-quente – um cabo bem comprido, com uma madeira na ponta ou um sabugo de milho a protegê-lo; o ferro em ponto de brasa, marcava, de próspero, as reses recentes: as de compra e as de nascido.

O vaqueiro, no quinhão que lhe tocava (de cada cinco bezerros nascidos e criados, um para si; ou um em cada quatro; a variar, condições da terra), havia de ferrar, ele mesmo, com as mãos dele, a sorte dele. E com sua própria marca. Mas, de marca comum, no outro lado da rês, da banda esquerda, ferravam-nas, proprietário e vaqueiro, com a marca do santo, dita também da freguesia.

Conta-nos Euclides, em *Os Sertões*, sobre aquelas gentes, nós, iletrados, que sabíamos “ler” fluentemente qualquer marca de gado. Para os meninos da cidade grande: marca de gado, meu jovem, um ferro em brasa, o boi ali, subjugado; o ferro, rapidamente à perna alta da rês, até fumacear num olor de carne-couro, chiante, queimante. Uns esturros de

dor, no bicho. Passa-se-lhe, a “desinfetar”, um óleo rápido de carrapateira. É soltar... a ver criar e recriar – graças a Deus! Estas, parece, algumas notícias das mãos. Catálogos. E suas serifas. Arte. A arte dos ferros, tão vasta como a arte de decifrar o catálogo das naus dos aqueus, em Tróia, contra Tróia. E cavalos.

Reparava, meninote, na perna esquerda dos bois. Se um **A** ali, era de Anastácio, santo, o padroeiro de Tamboril, de lá, a rês. Um **Q**? De Quitéria, santa, padroeira, cidade do mesmo nome, vizinhança.

Um **S**? Espere aí, meu caro, este boi é “meu” – Sebastião naturalmente; São Sebastião, “*Ó mártir de Cristo, / ó santo varão, / livrai-nos da peste, / São Sebastião!*” –, janeiro, 20, padroeiro da Serra das Matas,

* Prefácio ao livro “Recordel”, do poeta Virgílio Maia.

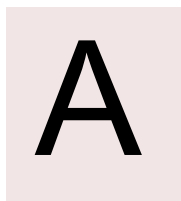
dita outrora Vila da Telha, hoje Monsenhor Tabosa.

Os modelos da Ferrari, o catálogo de todos os filmes, o relato completo das grifes de marca, roupas de vestir, sabe-os todos, meu jovem? Pois sabíamos-los aos ferros, os nossos ferros. E berros.

Um chocalho num timbre alto; outro mais soturno, outro chocalho, e outro e outro. Tropel. De galos e auro-ras, meu caro engenheiro. Tecem a manhã os teus galos. Tecem os meus bois e seus chocalhos a tarde chegada.

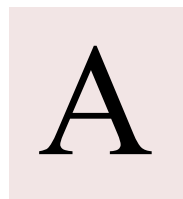
Arte, coisas – o catálogo das letras finamente desenhadas. Nem tão grandes a não inutilizarem o couro do animal com uma mancha exagerada; nem tão miúdas a ponto de o vaqueiro não as “ler” à média luz, de média distância. E sabíamos-las de cor, a reproduzi-las no chão com um graveto fino. E suas serifas.

Arte! Aqueles pequenos rabichos que rebatem a perna do **A** ou repuxam um pequeno rabinho duplo na ponta baixa do **P**. Experimente, na tela do seu computador, com a fonte *Arial*, que é



um modelo tipicamente sem serifa. O **A** será um **V** de cabeça para baixo, atravessado por um garranchinho sem nenhum enfeite. Cabral. Retas. *Arial*.

Veja, agora, no modelo *Times*, o mesmo **A**. Repare que no final de cada perna da letra há um rebate, um acabamento a mais, uma pequena sapata. Esse enfeite é a serifa. Rabichos. Rebatido. A proporção justa, da divisão áurea. A haste maior e seu acabamento, eis a beleza das marcas de ferrar. Catálogos.



Virgílio Maia, poeta, é especialista em marcas de bois. E Socorro Torquato, a mulher dele, sabe desenhá-las em pedra & fogo. Assina-as: *Côca*.

Há, dentre muitos outros, o catálogo dos leites. As coisas de gerar, parir, alimentar e comprar – gado – são minhas. Coisas d’Ela, as vasilhas impecavelmente lavadas, enxutas; os panos de coar, com uma marca vermelha, em ponto-de-cruz, serifas, o mesmo “ferro” do ferro dos bois. Coisas minhas: “espichar” os úberes (sem aniquilar os bezerros, evidentemente), levar para dentro de casa, ao fabrico dos queijos, os baldes de leite, sempre dizendo que estão bem leves, mas em tempo de me arreentarem o espinhaço. Dali para frente

porém o traço do coalho, os utensílios, as formas de molhar, mãos, levíssimas mãos, o grau de cozimento da coalhada, estas coisas são d'Ela, um catálogo fêmeo.

A prensagem do queijo, d'Ela. Um rápido torque no cabo da prensa. Toques, nem por demais para não ressecar ou espatifar a massa (e perder no peso, na hora de vender), nem de menos para não azedar o produto, de tanto soro, a perder na qualidade... Sim, um apertar de braços, abraços, Ela. Também do catálogo fêmeo, o desenformar do queijo, desembrulhando-o, alvíssimo (tomando-lhe o sal), úmido, lúbrico, uma tarefa da noite cedo. De mais um pouco, as coalhadas e suas terrinas, ceia e rezas – d'Ela, minha. E a noite.

Levá-los, queijos, à feira; negociá-los em açúcar, quero-sene e alguns álcoois são coisas de minha lavra, numa tropa de burros. No cavalo mais dócil, de parrelha com a burra *Faceira* comigo em cima, Ela. Na volta, um cálice de *Imperial*. Ou do *Porto*. Sem esquecer o nome das reses. Ela quem ajuda a escolher. *Flor do Pasto* à vaca “mais



bonita do lugar”, Ela disse. [Eu disse: *Flor*, tu!] O touro *Canário*, lhe botei este nome, aos canários de um certo alpendre. Ela sorriu. Mas zombou que noutras casas, de alpendre e saias, havia canários. Eu disse que não seriam amarelos tanto quanto.

Ah! O catálogo das águas?! Aquele cavar, escolher onde cavar, recavar (porque tudo que um dia eu cavo, a cheia vem e entope), coisas minhas, catálogo meu. Encher os cântaros – cabaças, roupas, lajedos, moitas de melão São Caetano, perfumar as redes em sol de capim-santo... Falem com Ela, digam que fui eu que disse. Mas o fabrico da moringa de sola, dita também borracha-de-sola, curtindo antes o couro em cinza e cascas de angico...

Assovelar cada uma das peças em paciência. E Arte! A arte dos couros; selas, gibões, peitorais, chinelos, inclusos os d'Ela (com as vaquetas mais tenras); sim, estas coisas estão comigo, sempre estiveram. Botar a moringa de sola a limpar o gosto e o cheiro da sola com tantas e tantas águas, falem com Ela. Também os canecos-de-beber,

potes, jarras, bandejas, toalhas e ornatos de fino crochê; rendas e bilros; linhas brancas e de matiz.

Ainda no catálogo das águas, reparar no tempo, no “olho” dos formigueiros, “profetizar” se vai chover ou não, poupem-na. Se sabe, talvez saiba, mas de puro recato, *Ela* não diz. E o catálogo dos animais. Dizemos animais tão-só aos cavalos, burros e jumentos – e dalgum político mal-abusado. Gado é gado! Peá-los a campo, encabrestá-los, montá-los bravios, a pulso e ordem – cavalos e burros; jumentos não, que são dóceis e calmos de natureza – não remetam a *Ela*, tarefa minha, só minha.

Aos animais miúdos, patos, galinhas, pavões, perus e aos pássaros de dentro de casa — “assum-preto” — soltos, *Ela* quem os dirige. Ninhos – põlos a pôr, deitá-los, tirá-los, o primeiro xerém, falem com *Ela*, por favor, que não entendo dessas artes.

Espingardear os inimigos, costurá-los à faca? *Ela* está inocente, mas saberá desembrulhar seus mortos.

Ia-me esquecendo, uma tarefa muito d’*Ela*: fazer, em letra calma, uns papeluchos “Ave Maria concebida sem pecados, rogai por...”, a apregá-los com um grude ligeiro, de goma, feito no bico da colher, na chapa

do fogão de lenha; isto mesmo, pregá-los pelo lado de dentro, em todas as portas, em todas as janelas. Também nos currais quando os bichos adoecem, nos moirões das porteiras, protegendo a nós todos, brutos e viventes. Contra os de fora! Por dentro. E “esquecer” um desses papéis no fundo do bolso do meu gibão. Percebo que *Ela* o troca quando o suor do rosto... mãos... papel. Um longo aboio. Amarfanhado.

Nada melhor para assustar as aves de arribação que um aboio bem longo. Ferros de bois. Hoje, os computadores e as máquinas de satélite nomeiam e rastreiam os bois. Naqueles tempos, um chocalho, uma pisada mais arisca, uma cor de pelagem, o formato dos chifres e orelhas ou, irrefreável, a marca de ferros. Desaparecemos?

Dizem que sim, tal qual os livros-copistas e seus monges foram sumindo. Também os palimpsestos. Mas o poeta Virgílio me mandou os originais deste livro embrulhados num pedaço de couro de bode, todo escrito em letra de fino traço. Como haveremos pois de sumir com todas essas coisas?!

Catálogos! O catálogo dos *Doze* – tribos e apóstolos. *Trivium* e *quadrivium*, ou, digamos... uma lista... a lista dos galos. Galos? Sim, galos, manhãs e auroras. Ou da tarde

rubra (Gular), num saguão de sombras, cimento, o olho em ris-te, desafiante, galo-galo: — *De que me defendo?*

O catálogo das cercas. Somos terra e cercas. Daqui para frente, não! Um risco no chão e se levantam marcos. Cercas. O catálogo abrange a cerca de jangarela, dita também de rama ou de ramada; as de lombo; as de arame de três pernas mais os estacotes na vertical; as de arame com doze fios, à prova de bodes e bacorinhos; as de fachina (de fachos, verticais, especantes) com moirões de sabiá a insultar com o tempo; mais as cercas modelo *Piauí*: quatro fios de arame por sobre uma muralha justaposta, exata, construída à eternidade com as pedras de Castelo do Piauí, léguas e léguas, *vide* estrada de rodagem Altos-Piripiri.

Dizem que ninguém mais sabe fazer uma muralha inca. As pedras talhadas à mão destra, justas, sem emendas, nem cimentos; ou, pelo contrário, as mãos é que já nasciam talhadas à pedra. O que fazer agora do nosso catálogo de hinos do santo padroeiro, dos desenhos,



das farinhadas, dos engenhos da rapadura, caieiras, tijolos, telhas, cal, piões, cumeiras, biqueiras – o que mais, meu Deus? – se do sertão, dizem que acabou, resta apenas um juazeiro com as gentes debaixo

(INSS) jogando sinucas?

Não! Não e não! Quem saberá, daqui mais uns dias, no catálogo das coisas de comer, notícias de um chouriço, que era apenas um estranho doce de sangue de porco? Um doce de sangue de porco? Talvez fosse nossa herança marrana a desmentir ao mundo uma possível condição de cristãos-novos.

Lubricamente matávamos o porco: as mãos viajando no quente das vísceras... Só quem já matou é quem sabe como é. A festa, os rins do bicho, assando-os ligeiros, afogando-os ao primeiro trago. E a matutagem, um ritual de amizades em que metade ou mais das carnes saíam gratuitas, de puro gáudio, à certeza da retribuição quando do próximo porco do vizinho. Falemos agora da sorte. Sorte de vaqueiros, sorte de leitor. Há de ter sorte

para abrir um livro. Abri-lo na página certa, no poema certo. De gostar ou não gostar. No primeiro lance, um lance de mãos. Foi assim que abri este. A esmo. O poema *As Horas do Dia*. Comecei pela *Hora Uma*:
A emoção me disse que o fe-

*O dia vai começando
e diante d'Ele me calo.
No seio da escuridão
se escuta assim um abalo:
toda a caatinga estremece,
pois mais parece uma prece
o primo cantar do galo.*

chasse imediatamente. Nessa mania de achar as coisas com as mãos como sói acontecer com os cegos, reabro-o, momentos depois, bem em cima da estrofe da quinta hora, que, noutro canto, um dia, cantei (*Antífona*):

*Pontualmente,
de manhã bem cedo,
pontualmente:
o sol,
o galo,
a aurora,
a lufada do vento,
a manhãzinha,
o café forte,
a porta aberta*

o livro inteiro. Um defeito gravíssimo, a droga deste livro: é um só! Devia ser cem, um cento. Em multi. Sons. Aboios. Poeiras. Cinzas e memória. Pior é o seu autor: também único. E os juazeiros fervilhando de sinucas...

Ah, meu caro *Vergilius* – Nunes Maia ou *Publius Maro*, tanto faz –, a legitimidade do nosso canto é tão-só a sustentar o júbilo. Se cantamos a vida, cantemo-la como a não morte; se cantamos a morte, que seja um *psalmo* de ressurreições.

Poeta Virgílio, creia-me, o catálogo das mãos é inesgotável porque as mãos dos novos hão de garantir as nossas mãos. Por sobre, sempre por sobre, que assim tem sido.

* SF, menino.

** “Estudo das mãos de um apóstolo” (*Praying hands*), Albrecht Dürer – Alemanha, 1515-1586.

ADAIL SOBRAL: Enumeração borgiana, construção cabralina, vertigem do frontispício de *O Nome da Rosa*, em que a descrição em palavras tem mais vigor, nestes tempos de desatenção, do que a vaga imagem do filme. Percorro maravilhado o inventário do impossível. Prefácio intermetalinguístico-leitura-pessoal-coletiva, vertigem. Gado é gado, mas vaca é flor e boi é canário. Listas e listas, correntes listas, em lista de *Web*. A alta tecnologia traz do “mato” a estranheza a quem não viu as personagens que desfilam em Virgílio e Soares, e evoca, para quem viu, o embate antiantigonal, pró geração, pois, num prefácio de *griffe*, de marca, de bois, de poesia, de amor. Há esperança.

ADELAIDE LESSA: Soares Feitosa, poeta comovido e comovente. Passei noites no campo ouvindo o bezerro desmamado./ Bebi leite quente do ubre da vaca madrugadora./ Queijo é meu companheiro a qualquer e, se não houver, coalhada./ Quem lava meu filtro de água, repassada no carvão, sou eu./ Em menina, dei milho a galos e galinhas do alto de um pé de louro./ Sempre estampeei versos em portas, janelas, armários, malas de viagem. Além de colecionar poesia dos outros./ Ainda agora rezo de mãos postas./ Mãos de mulher, ativas e contemplativas, comovem,/ Se as contemplar quando vivas, com uma lágrima no canto do olho, e depois, nos retratos de bisavós,

avós e mães falecidas, comovem. Suavizam os corações pensantes./Vivamente agradeço por seu estudo das mãos/ d’Ela, mulher-mulher comoção.

ADELINO BRANDÃO: Caro amigo Soares Feitosa: Recebi e agradeço o seu “Estudos & Catálogos – Mãos”, Edições Cururu. É de arregalar os olhos de puro espanto, ver como você sabe fazer as coisas. Parabéns! Obrigado. Continue em frente. Eu também conheço muitos sapos barbudos que pulam daqui, pulam dali, roncam e coaxam muito mas não vão além do charco. E quando se agarram a uma pedra, não a largam nem mortos. É o mundo. Quem nasceu para sapo não chega a andorinha. Continuo gostando de sua poética e espero receber sempre suas notícias. Um grande abraço deste seu irmão mais velho. Adelino.

ALBERTUS MARQUES: Depois de muitas leituras, e enormes e profundas observações, a gente pensa, e com razão, que já leu tudo que podia ser bom, e já viu tanto que, no mundo de todos os mundos de cada um, nada há mais o que destacar. Mas aí nos chega esse “Estudos & Catálogos”, e todas as criações, já criadas, ficam devendo ainda um pouco muito, em termos de contados, todos os sentimentos ficam sombreados pelo sentir forte de quem narra, e qualquer escrita fica comparada à menor, diante dessa au-

tenticidade. Sabe, Feitosa, todas as letras já estão mais do que conhecidas, pois é com elas que se gravam as palavras do nosso pensamento, as palavras todas já existem nos dicionários, pois são veículos da composição dos sentimentos. São os poetas que fazem de qualquer letra um significado especial; são os poetas que dão às palavras – conhecidas, um valor maior, um valor além, fazendo com que suas significações virem “significâncias” além do léxico, com o sentimento, com a arte do uso e o emprego da beleza. De vaca mais bonita, ao touro nomeado. Ferros de bois. E quem sabe das coisas, conhece os catálogos. Dos ferros, das águas, o catálogo dos leites. Coisas especiais, de queijos e coalhadas, seu fabrico, seus cuidados. Sua arte. A arte dos couros, o catálogo das cercas (“somos terras e cercas”). E as mãos? As mãos que fazem, que dominam, que acessam, que distribuem seus cumprimentos. Mãos de tarefas. Como diz Feitosa, é um catálogo inesgotável e a poesia, a poesia de todas as coisas, em todas as coisas. A poesia de todas as mãos, de autenticidade de um Soares Feitosa. As coisas sempre foram, mas só as conhecemos quando alguém fala delas. Nos seus catálogos infinitos. Com a arte de dizer. Um abraço do Albertus.

ALCIR PÉCORA: Caro Soares Feitosa, acabo de receber o “Jornal de Poesia” com o seu prefácio do livro de Virgílio Maia, que

infelizmente não conhecia. Sorte que há gente como você aplicada a destruir ignorâncias. Obrigado. Alcir

ALFREDO FRESSIA: Obrigadíssimo, Feitosa, por esse texto belo, muito belo. Tem muito de épico, especialmente de homérico, sim, nessas enumerações. Valeu a pena você fazer essa edição, o texto a merecia. Parabéns, amigo. Alfredo

ÁLVARO CEIÇA NEVES: Feitosa: Um bater de coração primordial, semelhante a uma batida dentro do útero, apoderou-se quando recebi castanho envelope e dobrado na minha caixa de correio. “Estudos & Catálogos – Mãos” – impressionado. A poeira e a fadiga do gado transportaram-me para um planalto de origens – carne-couro a chocalhar dentro de mim. Mãos. Mãos como vasilhas abertas à criação! Tudo parece tão perfeito assim. A questão da serifa não deixa de ser menos inquietante – existirá a desejada sapata debaixo de cada um de nós? Mas, sobretudo, fica a promessa de um “Recordel” anunciado, espero! No final, a renovação é sempre a continuação no ciclo pródigo da vida – “as mãos dos novos hão de garantir as nossas mãos. Por sobre, sempre por sobre; assim tem sido”. Lembra-me a infância da amizade pura, mãos ensinando amor. A

AMÉLIA MARCIONILA: Que texto afinado! Que beleza de pro-

sa! Fez-me lembrar infância, o “Ele”, o “Ela”, o “dia de matar o porco”, vivências minhas... Ao lê-lo viajei em emoção: pisei a terra, chão de Minas, vi o sol, o mato, o cheiro de choupana de colono, a água de mina, a reza no cruzeiro, a alegria de folia em apresentação na Fazenda Santana, do meu avô Mário Rapôso. O seu texto, na verdade, tem gosto de café de rapadura (que nunca me esquecerei), tem o aroma da rainha-da-noite, em floradas, em noites de lua, como têm os matizes de uma alvorada nas Alterosas. Li-o numa tarde morna de domingo, nas Gerais, circulada por montanhas misteriosas e protetoras... Deu-me vontade de subir no Pico da Bandeira e lê-lo em alta voz para que todo o Brasil me ouvisse. Obrigada pelo presente, Soares Feitosa. Ele deveria sim, ser lido, relido, divulgado, publicado, comentado e, sobretudo, sentido e saboreado! Aqui, tão longe, às margens do Paraíba do Sul, fico a meditar os mistérios dessa nossa linguagem brasileira e a grandeza dessa nossa abençoada terra. Na minha mineirice-nordestina posso dizer que temos um só coração literário quando me encanto com os seus gemidos de escritor nato, albatroz da caatinga, a me premiar com tanta riqueza. Agradeço “Estudos & Catálogos – Mãos”. Continue a me enviar suas maravilhas. Conta-me como faço para adquirir “Recordel”, de Virgílio Maia.

ANA CABREIRA: Caríssimo sr. Feitosa, mas que coisa, hein? Aquilo que finge ser catálogo de miudezas, percebidas e por descobrir, é na verdade fórmula de encantamento, dessas que pegam de tal jeito que o coração fica grudado, feito passarinho em visgo. Mas olha (posso usar o tu, não é?), em 1975, Borges, o Argentino, fez publicar um livro só de Prólogos, lembra? E ali havia ainda um “prólogo de prólogos”, sugerindo uma cadeia *ad infinitum*. Pois é... Fiquei aqui imaginando uma coletânea de teus Prólogos – esses catálogos tão substanciosos e viscerais. Que tal? Um grande abraço. Ana

ANA CAROLINA ELIAS PEDRETTI: Fiquei surpresa ao chegar em casa após uma viagem e encontrar um envelope seu. E fiquei mais surpresa ainda ao ler o conteúdo! Conforme lia, podia sentir o cheiro dos bois, da terra e do mato! Mais uma vez pude perceber que eu ainda tenho muito o que aprender para me tornar uma boa escritora! Muito obrigada por ter me mandado sua obra e parabéns pelo seu ótimo trabalho! Ana Carolina

ANA ELISA RIBEIRO: Prezadíssimo Soares Feitosa: Recebi seus textos, o que muito me alegrou. Sua pesquisa é impressionantemente vasta. Envio aqui minhas “obras completas, por enquanto”: Poesinha foi lançado nas comemorações dos 100 anos de Belo Horizonte, em

1997. “Perversa” foi publicado em 2002, pela Ciência do Acidente, do Joca Terron. Há mais nas gavetas, assim como nos arquivos do computador e no futuro, mas ainda não tive tempo de publicá-las ou de fazer um bom arranjo. Abraço.

ANDERSON BRAGA HORTA: Seu prefácio ao “Recordel”, de Virgílio Maia, é inventivo, é poético, é rico em virtudes intrínsecas, além da virtude primordialmente desejável – mas nem sempre encontrável – nos prefácios, que é a de atizar o interesse do leitor no livro apresentado.

ANDRÉ SEFFRIN: Meu caro Feitosa, “Estudos & Catálogos – Mãos” não é prefácio, é obra autônoma. Para quem navega nas águas de um Euclides da Cunha, de um Raul Pompéia, de um Guimarães Rosa, de um Pedro Nava. Feliz mesmo é o Virgílio Maia que pode juntar ao seu livro um outro livro de poeta. Prefácio? Uma leitura apaixonante e inesquecível. Parabéns e o melhor dos abraços, com tudo de bom para 2004, do seu amigo André.

ANDREA CRISTINA LOPES: Confesso que viajei à minha infância. Revi cenas mágicas já esquecidas com a correria dos dias atuais. A lida com o gado, os queijos sendo prensados e a matança dos porcos. Só se viam crianças saindo pela vizinhança oferecendo pequenas porções

da carne do bicho, costume local, que mais tarde seria retribuído da mesma forma. Agradeço imensamente a gentileza do envio dos “papé”. Não posso expressar a satisfação em receber a dedicatória na capa à mão. Poeta, eu? Quem dera! Nada sou diante de tão grandes mestres e, ainda assim, em minha enorme falta de conhecimento e vivência, mas não restrita paixão pela Literatura (especialmente a poesia), senti-me profundamente entusiasmada. Li e reli para ter certeza. O prefácio está maravilhoso (cadê o livro), ele provoca um conjunto de sensações sinestésicas que surpreende, são muitas imagens poéticas ao mesmo tempo. Você domina o mundo das palavras (conheço uma parte da sua poesia), prende definitivamente o leitor que vai se inserindo psicologicamente no texto e ao final resta a sensação de uma viagem fantástica e prazerosa. Gostaria de unir-me aos demais na homenagem ao grande Poeta Ascendino Leite, felicitando-o pelos seus noventa anos. Quem me dera chegar a essa idade, principalmente com um tiquinho assim da bagagem que ele tem, no entanto quero também prestar minha homenagem a você pela brilhante iniciativa de “Estudos & Catálogos – Mãos” e “Jornal da Poesia” onde eu agradadamente te descobri.

ANDREA SANTOS: Caro Soares Feitosa! Que tenhas um 2004 cheio de realizações! Bem...

Grata eu fiquei pela lembrança enviada (até porque não sei como conseguiste meu endereço). Li e reli as voltas do gado, das letras, dos sinônimos à moda céltica – mas sem as obscuridades, entretanto com a profundidade do homem de letras que és. Seus jogos de palavras me impressionam, afinal é só um prefácio, e a composição “cava” e “recava” com “ela” a curiosidade catíngueira, as emoções que em algumas ocasiões somente as mãos podem nos dar. “Estudos & Catálogos – Mãos” chegaram-me em boa hora, pois pude catalogar com as minhas mãos a inexaurível fascinação pelas criações alheias e minhas. Obrigada pela surpresa e vos confesso: espero mais!!

ANTERO BARBOSA: Estamos demasiado cansados de prefácios técnicos, recorrendo abusivamente à linguística, a teorias da literatura, a citações massivas, a tudo isso. É refrescante ler um prefácio não técnico, coloquial, didático e que envolve o leitor nos adornos de uma “estória”. Excelente.

ANTÔNIO CARLOS SECCHIN: Caro Soares Feitosa: obrigado pelos textos de “Mãos”, em especial seu belo prefácio, com direito ao “retrato do artista quando jovem”! Parabéns! Você, de fato, pôs “mãos à obra” e Virgílio deve ter ficado muito contente.

ANTÔNIO LAURI DE OLIVEIRA: Deliciei-me com a leitura

desse prefácio. Deliciei-me com a beleza da engenharia literária, com a escolha das palavras, com a descrição da marcação do gado, com os nomes das pessoas. Deliciei-me especialmente com a maneira como você falou das comidas, do “doce de sangue de porco”, o chouriço. Que maravilha é o chouriço! Depois do chouriço, você me fala do mel de engenho com farinha. Coisa dos Deuses. Que bom, poeta, foi ler esse belo prefácio que você escreveu para seu amigo (suponho) Virgílio Maia. Eu, no lugar dele, estaria muito feliz, por esse presente tão generoso. E certamente está. Como disse um dos que escreveram a você (eu li todos, incluindo o econômico Affonso Romano de Sant’Ann-Valeu! ars-), seu prefácio é uma peça literária. E vou mais longe. Acho que esse prefácio tem vida própria.

ANTÔNIO MARIANO LIMA: Li com prazer seu prefácio ao “Recordel”, novo livro do poeta cearense Virgílio Maia. É um exemplo curioso de como se pode construir um texto com identidade própria, que funciona independente da obra da qual é intertexto. Tem estilo, tem alma, respira mesmo. Que a velha academia comece a beber também em mostras de leitura como estas. O prefácio cumpre também o importante papel que é o de provocar o interesse do leitor sobre a obra que apresenta. Onde posso encontrar o livro? Um forte abraço, muita poesia,

parabéns ao poeta prefaciado e ao prefaciador.

APARECIDA MARIANO DE BARROS: Senhor escritor Soares Feitosa. Recebi “Estudos & Catálogos – Mãos”, trabalho maravilhoso, trazendo-me recordações: os boizinhos da fazenda de um tio e, principalmente, as pescarias na companhia de papai, nas barrancas do Rio Piracicaba. Que saudade! Um dos rios mais piscosos, hoje poluído. Às vezes, pescaria de rodada, quando o dourado era o rei dos peixes. Assado com batatas; o pintado, cujas postas enriqueciam o cuscuz. Em todos os textos encontrei construções literárias exatas na maneira de expressar com destreza. Tropecei em algumas palavras: surubim, corgo, corró, mel de engenho. Este não seria o nosso melado ou melaço paulista? Obrigado, Soares! Com admiração, Aparecida Mariano de Barros

ASCENDINO LEITE: Mestre Soares Feitosa, Poeta, você me retirou, por audaciosos inventos, da cova sadhâmica em que me tem metido a velhice avançada. Não estou pasmo. Estou ferrado. Grande feito! Precisei viver tanto para merecê-lo. Depois de ter examinado várias crateras roseanas, vi que você é um mestre ousado e pode passar da invenção das coisas com retumbante êxito. Gratíssimo. Ascendino

PS: Pergunto: quem é Conceição Paranhos? Soares: quero

saber quem é essa Conceição eclética! Professora, Literata, Ensaísta, Crítica de ofício? Fã ou tiete pedindo novo Sagarana para formar novo triunfalismo sobre nosso idioma agonizante?! Muito mais que tudo isso, estou sentindo uma pessoa sábia, uma escritora admirável!

ASTRID CABRAL: Li com extremo deleite *Estudos & Catálogos – Mãos*. Além de bom poeta, você é um prosador primoroso. Tem raro domínio linguístico e o olhar voltado para o essencial telúrico, tão ameaçado pela abusiva urbanização do Brasil contemporâneo. Para mim esse mundo rural do Nordeste arcaico é fascinante e o retrato que você em poucas páginas nos dá é conciso e perfeito. Se vivo, Mário Andrade bateria palmas. Ao produzir literatura da melhor, você também faz sociologia. Pergunto: Emile Durkheim, ao tratar da divisão do trabalho, examinou com tanta argúcia esses dois universos distintos onde atuam as mãos do homem e as mãos da mulher? Se examinou, certamente não se valeu da linguagem literária, pois esta é que “ferra” para sempre a lembrança. O prefácio alvoroça seus leitores para conhecer o Virgílio cearense, manusear-lhe as novas geórgicas.

AUGUSTO BARBOSA COURA NETO: Sensibilizado agradeço a remessa de “Estudos & Catálogos – Mãos”, que veio me enriquecer intelectualmente. Con-

fesso que meu dia frio foi aquecido pela esperança de tê-lo como amigo e paredro, para conhecimento melhor da literatura nordestina, que muito aprecio. O prefácio sobre o livro “Recordel”, de Virgílio Maia, foi de veras enriquecedor. Senti invadir em mim uma gama intensa de saudades, pois eu nasci no interior de Minas Gerais (Ponte Nova), ou melhor, na roça, como diz o mineiro que não nasce na cidade, tendo a cidade apenas como referência no registro de nascimento. Assim pude penetrar de coração no âmago e vivência do que o nobre amigo prefaciou. Quero parabenizá-lo também pelo “Joelhos & Mel”. Na minha infância muitas vezes dozei erradamente o mel e a farinha (eu era muito arado).

AURA REGINA SORRENTINO: Que alegria foi para mim receber o “Estudos & Catálogos – Mãos” impresso em papel, poder tocá-lo com meus dedos sentir a textura e cheiro, poder carregá-lo para todo canto. Adoro mexer em papel. Quanto ao seu prefácio, que texto maravilhoso, que fluência que você tem e que prazer foi poder viajar pela sua mente nesse espaço do Nordeste que só conheço via autores e muito pouco por turismo. Adorei receber também “Da caixa postal aos corrós de açude”. Que linda homenagem fizeste ao Poeta Ascendino Leite!

BERNADETTE LYRA: Deslumbramento! Sou fã de carteirinha

desse senhor e até sonho com ele (às vezes, arrodado de cabras, bezerros e demais bichins e de chapéu de couro; às vezes de terno e gravata, folheando um rol de leis e petições e mais quejandos)! Bem, caro escritor e amigo, vou lhe enviar uma correspondência em separado, para seu endereço postal. Assim, aproveito e mando um livrinho meu, coisinha pouca, nonada, de frente a seu traquejo com as palavras. Bernadette, a boquiaberta.

CAMILO MARTINS: És deste planeta? Ou vieste de outro universo [dimensão] galáxia superior, intracardiaca, “cérebro-meridionáltica”? Sim, pois esse poder de dar vida às palavras e fazer cururus saltar para dentro da gente sem estourar as glândulas venenosas e nos ferir mortalmente, com certeza é um truque mágico novo! Esse “Estudos & Catálogos – Mãos”, que me enviaste é de uma profundidade intragaláctica e na verdade eu gostaria de nesse momento pegar o primeiro jegue aéreo rumo ao Ceará, mãos no bolso, à toa, à toa e ter a oportunidade de sentado numa preguiçosa e, tete a tete, tecer os comentários a respeito deste fenomenal “prefácio”.

CARLOS FELIPE MOISÉS: E sou-lhe grato, também, pela riqueza e o vigor do *Estudos & Catálogos – Mãos*. (O Virgílio Maia – mande-lhe, por favor, meus cumprimentos – deve estar pra lá de

feliz com o magnífico prefácio.) Sinto que, nesse texto, você domou todos os potros selvagens da sua fala, a fim de que eles possam, paradoxalmente, correr livres e soltos. É a “paixão medida”, de que fala o Drummond, aquela fusão paradoxal, acima referida – ambição de todo escritor.

CARLOS GILDEMAR PONTES:

Nós, urbanoides viciados em técnica e moleza, engordamos nossos corpo e mente diante da TV e do computador. Tudo bem! Ficamos informados e não precisamos ir ao supermercado-capital para escolher a cor da lua. Na aldeia global o sinal de fumaça nos previne ou nos aniquila. Vimos estupezatos o 11 de setembro se transformar em pesadelo digital, vimos um menino iraniano de corpo e cabeça, e só, ceifado de pernas e braços pelas bombas estúpidas do inteligente Bush ou o contrário dá no mesmo. Agora vai para o reformatório sacrossanto do capitalismo em algum hospital livrar-se do pesadelo: vão lhe botar pernas novas, braços novos, pés e mãos novinhos e vão substituir sua memória e seu olhar por fotografias, aos poucos seu cérebro será substituído por um *chip* minúsculo e ele verterá lágrimas de óleo singer, até que um curto-circuito lhe mostre o mundo que perdeu. Do horror ao estupor vamos arquivando nossas relações de amor e *mega-bytes*. Sou do tipo urbanoide, literário e escolarizado. Leio e es-

crevo para não morrer de tédio ou para deixar outros mundos de herança para minhas filhas. Mundos como os que pude ver e sentir na minha infância. Sorte minha meus pais terem nascido na Serra do Baturité, Mulungu, Catolé, Trapiá, Riacho do Meio e adjacências. E o vovô tinha uma moagem na Serra e uma fazendinha no Canindé, Caridade, Camarão, lugares bem pertinho do paraíso. Pude com isso saber das coisas do mato, dos cheiros da autora, das cores que inverno deixa quando parte e não se sabe se volta tão cedo. Bois e cavalos, jegues e cachorros, gatos e galinhas, perus e bodes, leite mungido, pão de milho, panqueca, jerimum amassado ao leite, coalhada, canjica, arroz doce, pamonha, fubá, manga rosa, sapoti, siri-guela, estia gosto de tudo isso na boca! Dizem que os velhos costumam esquecer o passado há-pouco e lembrar do passado remoto, na infância. Antecipei um dia desses a lembrança de velho. Escondi-me nas locas de pedra, espreitando passarinhos de baladeira estirada. Peil, lá se foi uma rolinha. Corre, que a corre-campo vem aí doida por uma perna de menino. E nós, a primarada, afobada batendo o pé na bunda de tanto correr. A vovó gritava de longe “Chico, deixa de fazer medo a esses meninos!”. Ela nem sabia que era de vera. Tudo isso escorreu sobre mim quando li o prefácio de Soares Feitosa para o livro de Virgílio Maia. Eita prefácio pai d’égua!

Ai lembrei do que disse um desses críticos enfasiados. Tem prefácio que é melhor do que a obra. Ora, um e outro são uma coisa só, senão o autor não pediria ao amigo que o apresentasse. E todos nós temos os nossos pares de prefácio e escolhemos os livros que queremos prefaci- ar. Aposto que o Virgílio Maia ficou feliz e o Soares ficou orgulhoso. Eu fiquei aqui com uma pontinha de inveja saudável, que se cura sem doer nem fazer mal, porque conheço os dois. Talen- tos, têm de sobra. E boa litera- tura é talento agregado a uma dosezinha de inspiração.

CARLOS HERCULANO LOPES:

Muito obrigado pelo “Estudos & Catálogos – Mãos”, que li com o maior interesse. Precisamos sempre de gente assim. Com sua garra, para manter sempre ace- so o pavio da poesia. Um grande abraço e parabéns.

CARLOS NEJAR:

Poeta-Amigo Soares Feitosa: Quero abraçar- te, comovido, pelo fulgor e inven- tividade do teu prefácio ao ad- mirável Virgílio Maia (conheço- o de outro livro, não deste). O prefácio é um poema de belíssi- ma feitura, com o estalo e o ca- tálogo do sertão, o que fica: co- ração aprumado na luz. Seu ir- mão pampeano, o Carlos Nejar

CECY BARBOSA CAMPOS:

Meu "jovem" amigo Feitosa: Do alto dos meus sessenta e seis, sinto-me no direito e com dever de protestar contra essa histó-

ria de velhote. Poeta iluminados, mestre da palavra, como você e o Ascendino, não têm idade. São donos do tempo!

Quanto a Estudos & Catálogos, que privilégio receber tanta be- leza concentrada em tão poucas páginas. É preciso mais, que esta beleza se expanda em muitos li- vros e publicações. Também não posso deixar de citar a iconogra- fia transcendental — Ticiano, Dürer... imagens que se unem às imagens do texto lançado ao leitor em estado de ansiedade que só será aplacado (ou aumen- tado?) com um segundo núme- ro da série. Agradecimentos fer- vorosos. Cecy B. Campos

CIDA SEPÚLVEDA: Impressio- nante como você consegue aglu- tinar tanta gente em torno da poesia. Para mim, que tantas vezes me sinto à deriva (enquan- to poeta), é um alento entrar em contato com este planeta cujo sol é você. Desejo que a Editora Cururu tenha papel tão relevan- te para divulgação da literatura produzida aqui e agora quanto o tem o “Jornal da Poesia” na *in- ternet*. Sua linguagem se cons- trói em camadas de concreto e sonho, traçadas e trançadas duro. É o substrato humano que aduba o Sonho – desejo de poe- tar. Dá-se, então, uma reação química cujo produto é uma joia delicada e complexa que embe- leza o trágico e dele se extrai. Ao tentar explorá-la, me perco em suas formações rochosas e luzes multicores. E me deleito qual criança a olhar as nuvens

que correm céu, ao léu, véus de noiva, tensões de águas vivas. Sim, poeta, escrevamos, não há outro sentido agora! E espero para breve um livro seu, não eletrônico, que se possa carregar na bolsa, ler na cama, sentir o corpo adensado pela mágica linguagem – a poesia.

CLÁUDIO AGUIAR: Há na sua lavra aquele rumor poético que ultrapassa a delimitação dos gêneros que parece prescindir da forma, porque se apresenta pura, cristalina, gerando emoções ambivalentes e plúrimas.

CLAUDIO LEAL: Caro poeta Feitosa, quero ressaltar que o seu esmero com as palavras e o forte conteúdo por elas impresso ao longo dos seus textos, me conduzem a dois sertões: o de Guimarães Rosa e o de Euclides da Cunha. Há cheiros, pegadas, rastreamentos... E por falar em olor, a ideia de colocar as sementes de imburana-de-cheiro num envelope foi magnífica e aquela observação “sem conservantes nem produtos químicos”, excelente. Devo acrescentar que sempre recebo com entusiasmo os seus trabalhos – tanto em prosa como em versos – e que eles me dão a satisfação de conhecer universos que as cidades não oferecem mais. “Os segredos, não os desvendarei – as mãos, a voz, este ‘sim’ – Ao ler estes versos de sua autoria, me veio à mente, logo, de

imediatamente, colocando-o no mesmo veio poético do Ferreira Gullar de a ‘Luta corporal’: ‘Caminhos não há, mas os pés na grama os inventarão’.”.

Avante, poeta!

Abc do poeta Cláudio D. C. Leal (Cacau Leal)

CLOTILDE TAVARES: Recebi seu “Estudos & Catálogos – Mãos”, que li enlevada. Imagine que estou escrevendo as antigas histórias da minha família, passadas no meio de fazendas, criação de gado, essas coisas das quais você fala... A leitura caiu como água em terra seca. A delicadeza do “Ele” e do “Ela”...

CRISTIANE FRANÇA: Sorte? “Há de ter sorte para abrir um livro. Abrindo-o na página certa, no poema certo”. O que há em mim que pediu encontrar a poesia? Desafiamos por vezes a sorte... Poema certo, lugar incerto... Segure o vento... Segure o vento... Minha querida sobrinha de pouco mais de um ano, aperta os olhinhos de estrela e estica a mão pequenina: em deleite apodera-se! Chama-se Beatriz, igual à de Dante. Recebi sua lembrança no dia de hoje. Estou segurando o vento, página 6, chama-se página 6. Parei um pouquinho para agradecer sua delicadeza em soprar na minha direção “o sol, o galo, a lufada de vento...”. Pensei agora como é bela a escrita não virtual. Algumas palavras, uma assinatura

ra... O texto enviado torna-se magnífico com o desenho das letras feito pela tinta da caneta. Obrigada, pelo cuidado do gesto. Agora sou eu quem sopra em sua direção: Ladeando o desequilíbrio e a normalidade./ Não sou feita de nenhum destes mundos./ Não é a loucura, não é a adaptação que me inscrevem./ Meu ser é a improbabilidade, a indefinição. É sentido da intuição mais pura./ É a vida levando a si./ A alma sem o corpo. /A paixão sem a razão./ O amor pelo amor./ Se me fez de tal forma,/ Sustenta-me ou salva-me!/ És ou não o Deus da misericórdia?

DAVID MEDEIROS OLIVEIRA: Quedou-se reforçada a minha primeira impressão, de quando li “Adolescíamos”, suas palavras são imagens, são como um roteiro. Prova? São várias: a ferrada nos bois, o fumacear das marcas, os catálogos, as marcas, os “as” em times e arial... Catálogos. Lê-lo, Feitosa, é como viajar. Seu estilo: roteirista; suas palavras: movimentos... Ah, os cavares e recavares de nossa vida! Visualmente, um detalhe que me impressionou (e como você me impressiona!): as fotos. Sua foto jovem, no início, e a foto de Virgílio, ainda novo, mas atual, no fim do texto. O catálogo das letras desenhadas no couro de outrora, e o catálogo das grifes de hoje; as marcas nos bois, as letras no PC. Indago: basta a viagem no espaço? Não, a viagem é no tempo.

DEAN FALECK: Meu caro amigo, você me mostrou as portas e me disse com outras palavras que a chave é o talento e, este, não podemos desperdiçar de jeito nenhum. Muito obrigado, meu amigo. Bom, meu caro Soares, quando falei que você é um Mestre, não foi de brincadeira. A realidade é que eu li o seu texto e achei impressionante a forma com que você mexe com as palavras. Acredite em mim: quando te chamei de gênio não estava mentindo nem zombando e, sim, dizendo a verdade.

DEISE ASSUMPÇÃO: Tomo a liberdade de fazer duas considerações sobre seu *Estudos & Catálogos – Mãos*, mesmo correndo o risco de ser repetitiva frente aos inúmeros comentários já elencados. A agilidade da linguagem atrai o leitor, mas isso é apenas juro sobressalente. Rende mesmo é a crítica forte sem ser pesada, ironia lírica. O texto salta dos ferros em brasa, com direito a um passeio n’Os *Sertões* de Euclides e pelas orações populares, para “os meninos da cidade grande”. E quando a diferença entre os mundos se insinua e parece estabelecer juízo de valor e enveredar para o tão decantado saudosismo dos tempos e lugares idos, essa agilidade aproxima-os. A crítica não se faz opondo-os, mas aproximando-os inesperadamente pela via estética. No jogo entre as marcas de bois e o *times* e o *arial*, os dois mundos colocam-se em pé de igualdade. O lirismo

toma conta do texto num outro jogo: masculino *versus* feminino. Mais uma vez é a linguagem que mostra a diferença homem-mulher, valorizando um e outro. Derruba num passe poético machismos e feminismos. Lembrou-me Eça no conto *Adão e Eva no paraíso*, quando a narrativa vai justamente mostrando a função do homem e da mulher na formação do humano. E os “papeluchos” de oração em “letra calma”? Você os escolheu para fechar o rol das funções da mulher. Lembrou-me a *Otacília*, de Riobaldo.

DIATAHY MENEZES: Chico Feitosa dos sertões dos Inhamuns! Você é o demiurgo que transforma um simples Prefácio num texto evocativo de nossos sertões. Beleza que nos salva da neurose da Verdade, como nos ensinava Nietzsche! Abraço de felicitação para você, Virgílio e Côca. Diatahy

DIMAS MACEDO: Meu caro Soares Feitosa, *Estudos & Catálogos – Mãos* é um texto para matar. Clássico, bom gosto de marca literária e de estilo. Erudito. Feito léguas de memórias e de crença na ancestralidade edificante. E mais: sem reticências.

DOMI CHIRONGO: Recebi o abraço em forma de mundo e o convite que não sei se mereço. Sim, o que recebi é mais do que um envelope do JP com um bellissimo prefácio do livro “Recordel”. É mais do que comentá-

os de intelectuais que já devia conhecer (Confesso aqui a minha ignorância). O que recebi há dias transcende a minha imaginação. Foi por isso que demorei reagir. Caro Soares, o seu gesto de me mostrar um pouco do universo literário a que pertence transforma-se em solidariedade com uma forte carga de criatividade indescritível. Até aqui estou confuso. Ainda não sei se devo responder. Por isso me desculpe a eventual incoerência no conteúdo. É que na verdade recebi um universo em minha casa. Imaginem um universo “invadindo” uma moradia! Estou ainda perplexo e tentando me restabelecer. Repare que sempre estive distante, às vezes electronicamente perto. Mas quando o imaginado começa ser real logo começamos a acreditar vivamente em nossos sonhos. E que seria da vida sem sonhos!... Vê, caro Feitosa, o efeito que provocou no meu horizonte idiossincrático? Não, você não pode ver. Olha, eu sou do País de Mashonguezy, do Rosa-Rosa e tantos outros desconhecidos do Índigo. E quando me aparece uma pessoa com tamanha proeza a dar sinal de vida artística é algo para ficar sem palavras! É de pessoas com seu espírito que o mundo precisa. É de pessoas assim que a literatura necessita. É da sua criatividade que os leitores merecem. PARABÉNS!!!! Saudações Literárias. Domi Chirongo. Moçambique.

EDNA MENEZES: Senti-me meio perdida. São palavras que gritam, ecoam, mugem e cantam canariamente. Preciso de tempo para absorver, sensação estranha essa que estou sentindo, só o velho *Guima* (Guimarães Rosa) fez isso comigo. Esse sempre me faz sentir-me numa densa floresta de palavras e, nesse texto... Não consigo encontrar caminho, isso é uma “gravanha”, diria Manoel de Barros. Acho que preciso abrir meu horizonte de leitura... Gosto disso.

EDUARDO GOMES MACIEL: Meu Querido Amigo Feitosa! Foi com muita alegria que recebi o envelope enviado por você e mais alegria ainda quando apenas percebi o conteúdo. Daí você pode imaginar o deleite que foi lê-lo novamente. Mas aquela sua frase acerca do defeito gravíssimo do livro resenhado – o de ser um só – também me lembrou do defeito gravíssimo da escrita: não poder, por maior que seja o gênio do escritor, trazer a presença, o magnetismo, a sonoridade de personalidade tão singular como a sua e cujo defeito reside exatamente aí, em ser único. Talvez isso explique o fato de você também conseguir reconhecer aqueles que, como você, também são únicos. Abraço saudoso. Eduardo

EDIVALDO DE JESUS TEIXEIRA: A sua poesia insere-se, efetivamente, no real. É possível perceber que sua preocupação

não se restringe à matéria seca da palavra; não, supera-a, para expor com intensidade a vida e suas circunstâncias.

ERIKA JANE: Receber o teu presente foi como ouvir música clássica em noite insone. Tuas palavras têm cheiro de flor de umburana e um gostinho único de umbu! Obrigada por fortalecer a minha esperança nas letras e palavras.

FOED CASTRO CHAMMA: Poeta Soares Feitosa: Os moços da Padaria Espiritual seja de onde estão hão de regozijar-se com o veneno de cura das Edições Cururu e o “Estudos & Catálogos – Mãos”, prefácio/ensaio, que o livro de Virgílio Maia enseja, lembrando os ferros do Bode Alado de Ariano Suassuna e Guilherme da Fonte, ou Uma Burra, da Heráldica Sertaneja, em anúncio publicado no jornal “A República” de Fortaleza, Ceará, edição de 2 de novembro de 1898, e reproduzido no nº 51 de O PÃO, do redator-chefe Virgílio Maia.

O emaranhado de itinerário de fogueira de lenha, gibões e moringa de sola no “catálogo das águas” dentre outros itinerários é um convite premonitório à leitura de “Recordel”. Muito agradeço “ao dono, indelegável, personalíssimo” esse “Estudos & Catálogos – Mãos”, de Soares Feitosa. Sinceramente, Foed

FRANCISCO CARVALHO: O seu prefácio é uma longa histó-

ria de erudição esculpida na epiderme dos papiros. “Sem esforço, pode-se perceber a veracidade do que foi dito e a eloquência do que se calou”. Esta frase de Luiz Tavares Júnior sobre minha poesia aplica-se como uma luva sobre o seu arrazoado. Os depoimentos dos que o leram me deixaram completamente nocauteado. Você jorra sabedoria grega e troiana por todos os “poros da semântica” (Jorge Tufic) do seu prefácio. Em certos momentos, chega-se a ter a impressão de que você escreveu um tratado sobre as origens legendárias de Tróia. Você há de convir que tudo isso é uma *overdose* para um poeta de beira de rio, igual a este que lhe escreve estas mal traçadas linhas. De um simples prefácio sobre coisas que dizem respeito a ferros que identificam a genealogia dos bois, você faz um ensaio ecumênico, coisa para letrados e demiurgos que foram beber sabedoria nas fontes mais remotas da cultura universal. As cartas e os artigos que fazem remissão ao seu trabalho, esses escritos são da mesma *têmpera* e profundidade. De tal modo que os elogios ao livro e ao dito prefácio se fundem num só núcleo. Fico por aqui, caro poeta Soares Feitosa, pois estou com receio de escorregar nalguma casca de banana, haja vista que me sinto destituído de lastros racionais para acompanhá-lo nesta viagem altaneira pelos labirintos da transcendência. Convencido estou de que me acho entre aque-

les que já “não sabem fazer uma muralha inca, sem emendas, nem cimentos”. Fraternal abraço do seu admirador, Francisco Carvalho

FRANCISCO FRANCIJESI FIRMINO: Poeta Soares, fiquei tão maravilhado com a sua escrita que até tive vergonha de ter-lhe mandado o que escrevi. Não quero lhe dizer nada enjoativo e que pareça demagogia, mas você me proporcionou momentos de muito prazer com a sua escrita. Francijési

FRANCISCO JOSÉ AGUIAR MOURA: O sangue latino-americano que corre em minhas veias me proporciona momentos de recorrente saudade. Ora disto, ora daquilo, ora daquele(a). De repente me deu saudade do colega betanista amigo-irmão Soares Feitosa, agradável companhia e papo não menos, e seu “Jornal de Poesia”. Lá estava, no mesmo lugar, o “Jornal de Poesia”. Navego aleatório e encontro *Um cronômetro para piscinas*. Leio, releio, tresleio, entre embevecido e admirado, tentando entender de quanto é capaz a imaginação criadora do artista. “O artista enche o mundo de beleza”, tira do nada o belo; o detalhe que ninguém vê, como a pôr em pé sucessivos Colombos. Nisto a Arte! Vejo uma “lufada de vento ao contrário”, “um corisco teria sido mais lerdo” e “um olhar tão doce e gentil que, imediato, lancei-lhe o perdão”. E vejo que tudo é belo! No mais,

como pode minha vã e comum filosofia perscrutar os miolos geniais? Retratinho de bom menino já renunciando o gênio futuro, emoldura “Estudos & Catálogos – Mãos”. Sustente meu júbilo, caro amigo!

FRANCISCO MIGUEL DE MOURA: Excelente depoimento poético de uma época e de uma linguagem que vai-se acabando entre as bugiangas da língua inglesa, agora através do computador (*internet*). Mas felizmente também é uma grande invenção. Você escreveu coisas que me fizeram lembrar de minha mãe. Não esqueceu das cercas do Piauí. E os poemas? A gente segue sem vontade de imitá-los. Ao contrário dos outros poetas, você não permite emendas; está completo. Glória a nós enquanto o mundo não se acaba de todo. A literatura e a linguagem...

GILBERTO ALVES JR: Poeta Soares: Permita-me fazer uma leitura menos teórica do “papé”. Além disso, vale dizer que é a leitura de alguém que não tem saudade de todas as coisas que você narrou, mas, talvez, vontade de conhecê-las algum dia. Alguém da cidade, muito da cidade. Até demais. As mãos, a forma rústica e ao mesmo tempo doce como elas são desenhadas nas suas linhas, e nas entrelinhas, fica na mente. O couro do boi, meu avô tinha um como tapete na sala, eu me lembro bem disso. E é o único contato que eu já tive com couro de boi.

Mas o universo do qual você fala é, para mim, outro mundo, o que torna a obra muito mais interessante. Vai sendo uma descoberta atrás da outra. O único contato com queijo que eu já tive: vê-lo no supermercado, embalado. Com o leite, em caixinhas longa vida. A impressão que dá é que a gente esquece que o leite vem da vaca, que alguém cuida da vaca, que a vaca come pasto e tudo isso no campo. A impressão que dá é que as caixas de leite dão em árvores, e são colhidas e levadas para o supermercado. As duas histórias seriam iguais para mim; eu nunca vi uma vaca dando leite, tanto quanto nunca vi uma árvore de leite longa vida. Assim, esse universo novo e diferente vai sendo aberto, jogado na minha cara, de uma forma que causa muita estranheza. E beleza! Eu li seu “papé” no trepidar do ônibus, na avenida Marginal do sujo Tietê, não numa rede às margens de algum rio que corra devagar e limpo. Assim, minha leitura é bem diferente da de alguém que passou pelas experiências que você conta. E se quer saber: achei tudo muito lindo. Gilberto Jr [da cidade]

GIZELDA MORAES: Caro Soares! Fui agraciada com o seu texto *Estudos & Catálogos – Mãos*. Foi o texto mais lindo, mais bem plasmado, que li ultimamente. A princípio pensei que fosse um conto, só depois vi que era um prefácio. É mais que um prefácio. Ah, se tivéssemos tantos

prefácios assim! Você precisa escrever um romance sobre o tema. E as apreciações? Como temos gente boa neste Nordeste, neste país! Levei seu texto para o meu grupo literário, foi sucesso.

GLAUCIA LEMOS: E o prefácio, mas que prefácio, menino?! O texto todo é miolo principal, razão de ser de publicação à parte, esse que me fez visitar um cheiro de terra molhada no receber um pé-d'água em cima da quentura do chão. Resgatou-me da infância o cantar da chuva noturna em telhado de telha-vã feita de barro. Conto que só quem conhece é quem viveu em cidade do Nordeste, que a chuva não canta assim em cima de cobertura de laje. O texto, “seu” Soares, é mais uma impressão digital do poeta Soares Feitosa. Um coração nordestino tem o formato do mapa de toda a sua região. Altera a anatomia. Que saudade me deu de um trecho da infância vivido em uma capital mais nordestina que esta capital da Bahia onde nasci e que amo extremamente! Quem me dera retornar à Paságarda onde não sou amiga do rei, mas meço andar pelas ruas sem o dever de me cuidar de uma possível arma me ameaçando as costelas. A gente cansa desse universo de portões e grades e da paisagem rígida de espigões que tapam o sol e escondem as águas da baía. E pensa no mato. Por isso, um VIVA! Aos aboios das manhãzinhas e dos entar-

deceres ecoando em distâncias imensuráveis... Apenas ecoando. Um VIVA! ao poeta que vive tão intensamente essa sua raiz e nos faz evocar um mundo que talvez nem exista mais. E ao “Francisquinho de dez anos”, que até dá vontade de carregar no colo. Instinto materno é ainda mais forte que raiz. Privilégio feminino ou... sentença de servidão.

GRAÇA GRAUNA: Congratulações pelo “Estudos & Catálogos – Mãos” e pela fortuna crítica em torno do seu prefácio e da poesia do Virgílio Maia. Concordo com o leitor Adail Sobral que fala de Esperança à luz do seu texto. Pois bem. Apesar destes tempos nus, é coisa bonita de ver e sentir a Esperança que brota de uma tríade poética/afetiva/semiótica, particularmente nas passagens em que você expressa admiração ao Virgílio e à desenhista Socorro Torquato – Côca. Gosto das coisas que você reinventa para melhorar o mundo; coisas de quem carrega no nome Ars Poética; que o diga Conceição Paranhos: “Você está crescendo mais do que um jequitibá”. Também pergunto: cadê o livro do Virgílio? Nem li “Recordel”, mas pela leitura de “Hora Uma”, que ilustra o seu prefácio, dá mesmo vontade de receber o sol, a aurora e o café quentinho e forte da caatinga que nos dá força no amor e na guerra. Seu “Catálogos” chega em boa hora. Acabo de receber um convite de Sébastien Joa-

chim para participar, em junho próximo, na UFFPE, do seminário “A cidade o campo: cidadania e nomadismo”. Conforme Sébastien, nesse evento será dada uma atenção especial ao índio (autor e personagem) e aos poetas — dois emblemas do nomadismo. Abordarei questões relacionadas à identidade na poesia indígena e brasileira. Citarei seu “Catálogos”. Final de dezembro, de passagem pela região central do Brasil, vi muitas daquelas marcas nas quais “aprendemos a ler”. É exatamente como você diz: “marca de gado, meu jovem, um ferro em brasa, o boi, ali subjugado; [um] olor de carne-couro, chiante, queimante; uns esturros de dor”. No interior de Goiás conheci o Rio das Porteiras onde ecoam esses esturros, em “Tropas e boiadas”, de Carvalho Ramos.

ILDASIO TAVARES: Impressiona à primeira vista o texto do prefácio de “Recordel”, obra do escritor Virgílio Maia, pela sua inteireza de linguagem, engendrando o que podíamos chamar de uma sadia organicidade do discurso literário – os signos, os símbolos, a imagística guardam entre si uma estrita coerência semântica, traçando o quadro geral de uma expressividade nordestina, rural (basicamente), forte e que demanda uma acurada percepção para que o leitor se deixe impregnar pelos tons, entretons e sentido geral do texto, captando a interrelação precisa do texto com o con-

texto. Acresce que o texto é bifronte. Por um lado, cumpre com perícia sua missão de portal, de um saber prévio a outro saber: a outro fazer; de prefácio. O texto de Soares Feitosa pode ser considerado como uma peça literária individual, um ensaio “tout court”. Nisto, o autor esgrime sua inteligência no profundo sentido de um ato de compreensão, ao tempo em que faz uso de todo seu potencial de artesanaria para costurar o seu discurso, estribado, sem dúvida, numa aguda perceptibilidade dos signos que maneja, porque bem os conhece, e os distribui com plena consciência do seu lugar e de sua significabilidade no tabuleiro de uma literatura nordestina íntegra – comecei falando em inteireza e, vejam, vim a terminar neste território conceitual. É isto, Soares Feitosa – um escritor por inteiro.

IZACYL GUIMARÃES FERREIRA: Estive por lhe escrever, tomado de emoção, quando a li no computador, em que acesso com frequência semanal sua “fazenda”, como diz Dona Conceição (interessante a douta exegese dela), mas uma coisa e outra, todas elas mais que adiáveis e menos importantes, por certo, brearam meu propósito. Mas a sua gentileza do envio, em momento natalino, como um presente, me convoca. E proponho que alguém com tempo e biblioteca desde já comece a pensar em fazer uma antologia de prefácios, mesmo sem os fâcios...

O que você fez (suponho, pois não li “Recordel”) seria um diálogo com o poeta Virgílio, mas, suponho mais ainda, é que você a partir do “estalo” da página ao acaso tenha é entrado memória adentro a catalogar o mundo natural de sua (qualquer, no campo) infância. Catalogar é preciso. Eu, apaixonado não só por mapas (recebeu “Uma cidade”?) mas também por letras e marcas (tenho um ferro GF que comprei na Bahia há anos e terá sido de algum dono indelegável personalíssimo, pois gado eu nunca tive) segui seu texto como um Pero Vaz terá seguindo o navegante: fundando o mundo que fica – o da memória, simbólico, o que cada um de nós recebe e deixa, rebanho de fatos e palavras, em letras serifadas ou não... E volto a pensar naquele assunto de “crítica fundamentada”, pois vejo aqui neste seu prefácio a única outra forma de comentar poesia: fazendo outra. Ou se critica fundamentando, como você propunha e ilustrava, ou se mostra, desde dentro (suponho, não li “Recordel”) o que o outro diz. Não é? Pois.

JAUMIR VALENÇA: E o “Catálogo” parece um presente que chega assim inesperado, do tipo “a vizinha mandou este pedaço de bolo quentinho...”. Uma surpresa agradável, obrigado pelo presente. O Coronel é bastante generoso em deixar os seus cupinchas tirarem uma lasquinha da coisa toda e entrarem na

brincadeira. “O catálogo é isto...”, “o catálogo é aquilo...”. É, sim. Há uma certa ternura que permeia o pensamento ao ler aquelas páginas; vêm-me à cabeça a frase “nossos pequenos sistemas têm seus dias”. Lembro daquela letra do Renato Russo, que diz “quero minha nação soberana, com espaço, nobreza e descanso”.

JERÔNIMO FAGUNDES DE SOUZA: Caríssimo Poeta, já não bastava o doce de sangue de porco. Agora cantas o mel e a farinha. Passaste dos limites. Penso que, no futuro, lerei teus versos sobre as delícias do jiló. Consegues transformar o asqueroso em lírico. O revoltante em sublime. Tens o poder da palavra, de que não disponho. E, nem por isso, me farás comer pratos tão exóticos. Isso posso jurar. Mel me lembra vômito, de abelha. A farinha ataca essas paredes, já tão fraquinhas, de meu estômago. De qualquer forma, lembrei de minha infância. Ilha de Floripa, 1975. A mãe preparando o caldo de peixe e a farinha. O pirão. O caldo de feijão e a farinha de rosca. O pirão. A cola de farinha de trigo. As figurinhas Copa 70. O pião. O Bumba-meu-Boi. O Bal e a Aninha. O bonequinho do Zorro. Nossas infâncias, pobres, se tocam em muitos sentidos. No Ceará, Floripa ou no ABC...

JOCA DA COSTA: Li, comovido, sem sequer precisar de traduções ou consulta a dicionários.

Tudo ali é comum a mim, lembrança partilhada em emoção assente. Tudo também meu, na história comum de avós e antepassados, na voz de pais e tios, a desencantar um mundo e dar-me seu chão farto e generoso, ainda que seco. Não que tenha eu sido menino sertanejo, urbano que fui. Mas por ter, criança ainda, mergulhado regularmente nos encantamentos e epifanias deste mundo dos sertões de dentro, tenho a estes sertões dentro de mim, eu que nunca mais saí de dentro deles. Soares Feitosa sabe que a Arte é sobre estar no mundo. E transforma-se, ele mesmo, num discurso sobre a arte de estar no mundo. Vejam o trecho que transcrevo: "...a legitimidade do nosso canto é tão-só a sustentar o júbilo. Se cantamos a vida, cantemo-la como a não morte; se cantamos a morte, que seja um *psalmo* de ressurreições". Ave! Feitosa! Navega tua Arca dadivosa, Noé, no mar de tantas vidas!

JON TANUCCI: Caro senhor Feitosa, sou-lhe muito grato por haver recebido em casa, durante um dia costumeiro qualquer, um pacote de sentimentos tão belos como os que o senhor me enviou. Um verdadeiro apanhado da alma: lembranças dos finais de semana que passava na fazenda do meu avô. Toda a produção honra a palavra escrita, magistral e tocante. Obrigado por me proporcionar momentos

de recanto e fuga: como dizia Guimarães Rosa, é nas coisas pequenas que Deus se esconde.

JORGE TUFIC: Recebi, ainda sob o foguetório de ontem, o "Jornal de Poesia", contendo a saga introdutório de uma outra saga, esta de Virgílio Maia, encimada pelo título "Recordel". Agradeço-lhe por tudo. Você tem linguagem própria, cultura sertaneja visível, ensinada com apuro. Na paisagem urbana, eu não sei recortar o Virgílio sem ter na mente um sertão de paletó e gravata. Nem de ver Soares Feitosa sem lembrar um peão da caatinga educado em Paris. Com todo o respeito, portanto, eu me curvo diante de ambos como quem se curva a um remanescente pajé das águas pretas, guardador da sabença amazônica.

JOSÉ-AUGUSTO DE CARVALHO: "Mãos", de Soares Feitosa. Francisco José Soares Feitosa é um poeta contemporâneo, brasileiro de nascimento, poeta de toda a Língua Portuguesa. Falar de Soares Feitosa, quer como poeta, quer como divulgador de outros poetas ou candidatos a poetas, é falar da Poesia. Ainda que seja um lugar comum, aqui digo que a melhor maneira de falar de Soares Feitosa é ler a sua poesia, é amar a Poesia. O Brasil, a grande Pátria Irmã deste Portugal já vestido das neves da anciania, foi e será a terra prometida dos por-

tugueses deserdados e vergados às intempéries de uma pátria exausta e sempre adiada no objectivo de se cumprir. O povo português foi à Índia, mas não provou as especiarias; foi ao Brasil, mas nunca comprou o pão com o ouro. Esta é a verdade. Já João de Barros, nas suas décadas, no século XVI, lastimava haver nas ruas de Goa portugueses estendendo a mão à caridade. Portugal foi sempre assim! Como disse o poeta José Duro, português-alentejano como eu, falecido na última década do século XIX, “o ouro de um palácio é a fome de um casebre”. A história de um povo foi sempre a história da sua classe possidente. Até quando? Como sucede com a maioria dos portugueses, palpita em mim uma saudade da África, uma saudade do Brasil, uma saudade do mundo além... Dos meus antepassados próximos, há descendentes em Moçambique e no Brasil. Por lá tive tios e tenho primos que não conheço e de quem nem sei o rasto. Vim ao mundo na década de trinta. Morria-se em Espanha, na dita Guerra Civil, onde mataram os sonhos de Picasso, de Lorca, de Alberti, de Dolores Ibarruri e onde vilipendiaram a vontade e a dignidade do povo espanhol. Na década seguinte, tive o privilégio de conhecer as primeiras obras da Literatura Brasileira. Na minha estante, conservo e releio, até hoje, um pouco do que se escreve no Brasil. Recente-

mente, já com a disponibilidade da *Internet*, tive e tenho também o privilégio de ler diariamente os tentames literários de tanta gente e de conviver virtualmente com alguma dessa mesma gente. E foi pela *Internet* que conheci o Poeta Soares Feitosa e a seu “Jornal de Poesia”. Em Janeiro último, exactamente no dia 24, Soares Feitosa presenteou-me com o seu trabalho «Mãos». É-me apresentado como um prefácio do livro «Recordel», de Virgílio Maia, autor que, infelizmente, não conheço, mas espero vir a conhecer quando tiver o prazer de ler a sua obra. “Mãos” é um trabalho que não pode nem deve ficar subordinado ao outro que é “Recordel”. E não pode, digo eu, porque tem vida própria, porque deve ter vida própria. E ao ousar afirmar isto, outrossim afirmo que quem adquirir “Recordel”, necessariamente adquirirá duas outras em um só volume: “Mãos” e “Recordel”. Ao ler e reler “Mãos”, senti as veias do Brasil Nordeste, vivo e perene, afirmando uma presença, hoje, do que, ontem, eu lera, em Guimarães Rosa, Lins do Rego, Amado etc. Obrigado, Amigo Francisco José. Obrigado, Poeta Soares Feitosa. Desde Portugal, exactamente de Viana do Alente, o abraço afectuoso e agradecido do José-Augusto de Carvalho

JOSÉ BATISTA DE LIMA: Dom Soares Feitosa. Recebi seus Estudos casados com os Catálogos

mas principalmente as Mãos. Sempre que vou à casa do meu avô, entro em contato com as mãos dele, que permanecem lajeando nas cadeiras, na mesa e nas portas. Li seu trabalho como quem bebe um copo de garapa de cana e depois lambe os beiços. O seu texto não deu “raposa”! “Raposa” é uma gastura que a gente sente quando bebe muita garapa sem colocar limão. Mas é preciso ter cuidado com limão, pois se cair um pingão que seja no parol azeda tudo e não dá rapadura que preste. Sim, “xixilar” é faltar fogo na fornalha. Você é o poeta que não “xixila”.

JÚLIO RODRIGUES CORREIA: Caro poeta, Recebi “Estudos & Catálogos – Mãos”. Adorei. Manaus, noite alva, quando me foi entregue pelo porteiro do condomínio. O prefácio de “Recordel”, sinceramente é de uma construção belíssima. Traz cheiro de terra. Pode-se dizer que é um prefácio telúrico. Achei vestígios de Guimarães Rosa e de Paulo Jacob, um escritor amazônico, hoje hóspede da Grande Luz. No poema “Nunca direi que te amo” você envereda pela mesma trilha de estesia do *Architettura*. Belíssimo.

LAURO MARQUES: Matou-me a saudade da língua nordestina. E ativou memórias como a do chouriço (*sic*). A iguaria esteve presente na minha casa, trazida pelo pai, da feira, mas foi recusada por todos, menos o

mesmo. O sertanejo é antes de tudo um *punk*. Se bem que meu pai era brejeiro. Encerro por enquanto.

LÊDO IVO: Meu caro poeta e amigo Soares Feitosa! Aplaudi, num silêncio intimamente rumoroso, o seu primoroso ensaio sobre muitas artes: a de ferrar cavalos e bois, a de fazer cercas; a de tirar leite de vaca ou fazer queijo; a arte de ver e ler as águas... E observar formigueiros. Curiosamente, em minha poesia, há muitas cercas, um ferrador de cavalos, águas e chuvas; e em minha prosa há muita comida, de modo que me senti em casa lendo o seu texto instigante. Um 2004 eletrônico e planetário, a serviço da poesia, é o que lhe deseja o seu amigo, Lêdo Ivo

LEONARDO ALDROVANDI: Foi com imensa surpresa e enorme fascínio que recebi seus textos. Para tornar a poesia algo mais abrangente é preciso organizar os esforços desse modo. Eu, um típico paulistano de classe média, nada conheço deste universo tão forte e colorido do Norte e, no entanto, a cada descrição, a cada palavra lida, o sangue fibrilava levemente. Estava acostumado com aqueles poetas que circundam o MASP procurando algum interesse nos passantes que inevitavelmente os consideram extremamente enfadonhos ao se apresentar. Poetas que celebram um certo desejo franciscano de trocar suas

palavras pelas migalhas executivas de nossos motores mais violentos. Nada contra a atitude, mas seu gesto prova mais uma vez que poesia é essencialmente um ato de doação da vida.

LEÔNIDAS ARRUDA: Recebi “Estudos & Catálogos – Mãos”./ Li tudo de cabo a rabo sem tomar fôlego./ Vi a manhã montada no lombo do burro./ Ou- vi o aboio da tarde?// Vi o poeta costurando o couro do tempo/ com agulha de ponta rombuda./ Remendando a vida/ como quem remenda camisa rasgada.// Transformando a morte de cada dia/ em vinho do Porto.// Matei e arre! matei a sede/ bebendo literatura na coitê./ Senti o cheiro da terra nua./ O fortuna do esterco e da urina/ nas unhas encravadas do pé-de-garrafa.// Voei nas asas da palavra solta/ da língua-de-sogra/e montei no dorso do verbo fácil/do reino animal.

II

SO-
ares feito-
SA/

derrubando muros farpados/ e cercas cabeludas./Abrindo portei- ras e portas/ para retirantes apressados./Escancarando ja- nelas/ para os campos da vida/ onde alviverde floresce/ o pen- dão da esperança/ quase morta de tanto tremular/ no peito pon- tudo do mastro varonil.// Vi cri- anças morrendo de fome/ na esperança de serem salvas / pelo pão do céu – em outra vida./

Vi bichos andando com pés de roseira./ Pássaros aprendendo a voar/ com as jangadas cearen- ses.// Mulheres com cabelo de milho verde./ Homens dei- xando rastros de pés-de-chum- bo.// Deitei na rede de emba- lar sonhos/ e sonhei com pági- nas viradas/ pela contramão do tempo/ – todas com brasão ofi- cial/ marca-d’água e fê pública/ e as impressões digitais dos de- dos de Deus.// Vi gênese aconte- cendo na palma da mão/ e nas linhas da palavra (a)feto./ Vi o embrião de Deus pulando cor- da/ no cordão umbilical do uni- verso.// Li a caligrafia dos ve- getais ao pé da letra./ Ouvi o galo cantar na garganta dos “gg”./ Vi a seca correndo nas pernas dos “ss”. /As cabras ber- rando com todos os “rr”./ A chu- va caindo nos pingos dos “is”.

III

Agora vamos tomar uma cacha- ça com limão/ e tirar gosto com farofa de bunda de tanajura./ Parabéns de todos/ e a felicida- de geral da nação/ cê/ FICA/ para (en)cantar o Brasil do aves- so.

LEONTINO FILHO: Li, com en- tusiasmo e interesse, o seu pre- cioso prefácio (quase-livro-en- saio-total) para *RECORDEL*, obra do poeta Virgílio Maia, autor que muito admiro, pelo talento e pela grande inventividade artística. Se texto *MÃOS*, em brevíssimas palavras, nos oferece o pão abençoado da poesia, e nos apon- ta para a maior das utopias: o

encontro do sertão com o mar, encontro esse que desnudará toda a beleza do universo. Parabéns pela esmerada poesia que emana das páginas de *MÃOS*, um verdadeiro tratado de amor à arte.

LOURDINHA LEITE BARBOSA:

Soares Feitosa, nos últimos dias, dois textos, um em prosa e outro em verso, trouxeram-me ao coração paisagens de minha infância. Ambos utilizaram palavras já quase adormecidas nas páginas do tempo, mas tão presentes na memória afetiva. Um, em tom suave e com bordados coloridos, falou de uma Fazendinha cheia de chita, chuva, chuvisco; o outro (“Estudos & Catálogos – Mãos”) dos afazeres diários de uma fazenda no sertão do Nordeste, ou melhor, o trabalho do homem e o trabalho da mulher, embora, muitas vezes, os papéis pudessem ser desempenhados pelos dois indiferentemente. Os textos me transportaram quilômetros-anos para a fazenda Primavera, onde me vi no meio de um grupo de crianças, irmãos e amigos, pés descalços, tirando resinas dos angicos (cada brinco de princesa!) e colocando as restantes numa cuia. Bocas cheias, dentes grudados de resina, riso fácil. Ainda sinto na boca esse sabor antigo que nunca mais experimentei. O seu texto tem cheiro de mata-pasto e marmeleiro. Um grande abraço da Lourdinha Leite Barbosa

LUCIANO TOSTA: Li e gostei muito. Gostei de como você compõe a realidade através da fragmentação, como conecta o tempo, a paisagem e a linguagem e de como tira-se vida puríssima como o ar deste teu Ceará ou da minha Bahia destas linhas. Aí está um Brasil ainda desconhecido de muitos; um Brasil que tem memória com cheiro, gosto, cor e força, até para “ferrear”. Eu, que escrevo daqui das “estranjas”, duma América que não é “nuestra”, como queria o cubano José Martí, muito menos “nossa”, como, iludidos, pensam alguns dos muitos brasileiros que hoje habitam esta Nova Inglaterra onde estou, mas sempre “deles”, senti saudade de casa, do meu Brasil. Senti no seu texto também uma certa inquietação e lembrei-me de Pessoa, mas não o do Guardador de Rebanhos, pois seus bezerros, cavalos, burros e jumentos, mesmo “dóceis”, têm a vitalidade insuperável de nossa terra e nosso povo, mas sim do seu tardio e fragmentado “Livro do Desassossego”. Depois deste prefácio, que venha o resto da sua angústia, saudade, história! E será bem-vindo!

LUCIUS MATOS: Por que não dizer? Muito obrigado! Fiquei contente ao saber que chegou. Li, mas nem todos os comentários. Fui até o fim. Pensei: será que ele é rico?! Todos que querem participar do “Jornal de Poesia” recebem um “troço” desses? As fotos estão coloridas! Na sema-

na passada, quantas edições foram enviadas? Não seria prático tê-las *on-line*? Com certeza! Mas que palavras poderia escolher para transfigurar o que senti quando chegou? E o meu nome, na capa, escrito à mão, de tinta preta? Não. Se fosse *on-line*, não?! Confesso: nem li o prefácio! Abri bem no meio e comecei a ler. Assustei-me. Fotos?! Cadê os... os... os poemas?! Fui para o fim. Continuei lendo. Acho que peguei a conversa pelo meio! Tive que voltar para a página 1 e só então perceber que era um prefácio. Se não fossem a nota e os vários comentários, imaginaria um trecho de algum livro seu. Sou simples e humilde nos modos. Não tenho o dom da escrita, das palavras. Mas espero que entenda a minha ignorância: se for um prefácio, um chamariz, será julgado bom se conseguir despertar o desejo de quem lê. Cabe ao leitor julgar a obra. Ele não gostará de tudo, “ou não”, como dizem os sábios baianos. Quase todos comentam o seu prefácio como uma obra de arte, desejando ler o tal livro. Pela receptividade, talvez, deseje agora lançar um livro com outros prefácios seus. Iniciei o meu argumento com um *se*, a lógica exige um *então*. Se for um prefácio, um chamariz... Então podem os prefácios serem tão conhecidos e comentados quanto os livros que os hospedam? Se sim: que beleza! Quando vai sair?!!! Se não: *Este programa executou uma operação ilegal e será fechado. Se o problema persistir,*

entre em contato com o seu fornecedor. Muito obrigado por esta edição!

LUIZ PAULO SANTANA: “Ao dono, indelegável, personalíssimo, o direito de ferrar”. Sim. E você o faz com a marca inconfundível de seu estilo e de seu talento. Catalogando catálogos que catalisam o processo alquímico da leitura, catapultando o leitor para dentro do livro que, pela pequena amostra, que pena, dá a pista de outra talentosa ferrada. A estrofe citada, do poema “As Horas do Dia”, deixou-me em grande expectativa: pareceu-me uma abertura, delicada e premonitória preparação para a grande aventura poética que se seguirá. “Recordel”. Você certamente nos dirá onde e como conseguir o livro.

LUIZIR OLIVEIRA: Amigo Soares (acho que já posso chamá-lo assim, pois nos une o mesmo amor pela língua e pelas expressões, poéticas, sincréticas, prosopopeicas das nossas emoções, não é mesmo?). Não posso expressar suficientemente a minha satisfação ao ler “Mãos”. E você ainda o chama de prefácio?! É uma peça literária da mais alta qualidade, como raramente tenho tido a oportunidade de ler em dias de aridez espiritual como os que temos vivido. Suas palavras não foram escritas para serem apenas lidas, mas sorvidas com raro deleite. Elas têm cor, cheiro, sabor. Trazem as sensações à flor da pele. Brin-

cam com elas. Tratam-nas com afeição. Você respeita o seu leitor-confidente-amigo. Não faz concessões ao mau gosto, não é gratuito, não visa apenas ao agradar. E consegue, com mãos de mestre, conduzi-lo pelas sendas sempre gratificantes da vida do espírito. Lamento estar tão distante geograficamente. Senão, acabaria por me infiltrar nas suas reuniões, para compartilhar de alguns momentos junto a você e outros amigos. O Arthur da Távola costuma encerrar seus programas dizendo que música é vida espiritual. E quem tem vida espiritual nunca está sozinho. Concordo com ele. Mas quando é possível compartilhá-la com espíritos afins, o resultado é sempre mais proveitoso! Agradeço muitíssimo sua atenção. Espero poder continuar recebendo tudo o que você tiver pra enviar!!!

MAJELA COLARES: Querido Soares, que surpresa por essa bela e tão originalíssima edição! Você, de fato, inspira em mim sinceramente uma admiração por essa energia ou sinergia profunda que imprime a cada coisa que você faz e sonha. Realmente, isso é raro em tempos escuros e estreitos como os nossos. Parabéns! Um abraço amigo. Majela Colares

MARCELO ARIEL: Evoé Soares! O teu prefácio possui a mesma aura libertária dos três prefácios do João Rosa em Tutaméia; nele sinto que é possível recu-

perar o aspecto encantatório e engraçado (refiro-me à graça de Simone Weil e falo da graça incancelável de Proust reescrito por Oliveira de Panelas, Zé Limeira ou por sertanejos como você). Será que somos nós os bois e cavalos da palavra mundo e de todas as outras partículas invisíveis do visível? (Palavras-átomos do mundo da alma?) Não estou sendo agora nele estas palavras? (Esses fios engraçados e difíceis que se tocam através das mãos dos olhos?) Que se tocam na vida e na morte dos nomes todos que depois invisivelmente ressuscitam como palavra e memória do mundo (mundos?). Voltando e indo, como faço para adquirir o *Recordel*? Aqui da minha margem, assim que terminar o trabalho de ourivesaria metafísica do meu *Silêncio contínuo* (reunião de poemas e insônias), te envio o material. Até Lá.

MARCO AQUEIVA: O mar é imenso e tua flauta ressoa em mim. Só agora acabei podendo desenovelar seu embrulho de nós e saiu-me dele a matéria viva que me falta, um escrínio de onde saiu o cosmo em figuração de fogo e arrebentação. Arrebentação. Lendo seus poemas em prosa – ou seria proseio este de sumo estro poético, pró-ético, pró-Outro?... Pelos corrós de açude sumo-me de estrito, estroço-me desabado de mim. Arrebentado. Felicito-o, portanto, por tanto. Lendo seus textos, vejo que não só o mar e tua flau-

ta são imensas. O país adentro, o sertão, o que é chamejante e seco – sei lá se o é – e ignoro por obscuridade de macaco e presunção néscia, em tua flauta ressoa em mim, por estes cordéis, que me prendem e liberam. Como a lâmina que tem dois gumes e amedronta, e salva, ou fârmaco que envenena e cura. “Estudos & Catálogos – Mãos” e “Corrós de Açude – EMANAÇÃO” que talvez me leve a curar-me a ignorância. MANÁ providencial que me restitui milagrosamente ao chão, aéreo por elevação do Belo, mas térreo, sonho concreto, sem salitre. Ê AÇÃO que me desenha o outro que esqueci de saber, esqueci de ser. Tenho sido o professor néscio e presumido das letras e literaturas canônicas. Tenho sido o estudante néscio e presumido da literatura oficial. Tenho sido o que se estriba no Lá das aves do lado de lá do Atlântico, enquanto no lado de Cá avisa rara como Ascendino e Tu gorjeiam diamantes em embrulhos de nós que desejamos e precisamos desembrulhar. Salve, tu, Soares, que tens muito a cantar e ventar por nós!

MARIA DA CONCEIÇÃO PARANHOS: JÚBILO – seu texto é de uma beleza confrangedora – foi o adjetivo que me veio. “Ah, meu caro *Vergilius* – Nunes Maia ou *Publius Maro*, tanto faz –, a legitimidade do nosso canto é tão só a sustentar o júbilo. Se cantamos a vida, cantemo-la como a não morte; se cantamos a mor-

te, que seja um *psalmo* de ressurreições. Poeta Virgílio, creia-me, o catálogo das mãos é inesgotável porque as mãos dos novos hão de garantir as nossas mãos. Por sobre, sempre por sobre; assim tem sido”. – Diz você, com absoluta propriedade. O que você realiza em seu texto é uma lúcida captura do mundo, nos catálogos que tipifica. Ocorre uma vizinhança com a experiência individual e social espantosa. Mais que vizinhança, uma copercepção do mundo criado pelo homem, mundo cultural e poiético, à semelhança do gesto de Javé no início deste mundo em que nos é dado o canto. E, ainda à semelhança de Deus, viu e vê o criado e achou e acha que era e é bom. Ato genésico, o seu. Mais: com seu inventário articulado poieticamente você erige uma *Ars Poetica*. Veja, no anexo, os trechos que destaquei do seu texto e se não é isto que você realiza – uma arte poética encorpada e radical.

Suas palavras sibilam e zunem, são como arietes, às vezes, na percepção do mundo e da natureza da arte. Da Arte. Que texto, o seu! Parabéns mesmo, parabéns são poucos, viva você! Um beijo e um abraço de sua amiga, Conceição.

2. Num segundo e-mail:

Estou feliz com sua performance maximal. Você está crescendo mais do que um jequitibá. E, paralelamente à sua autoconstrução como ser humano, a sua bela e ímpar contribuição a uma

literatura que se encontra raquitizada cada vez mais neste País. Nos seus textos, corre o sangue da Vida, o sangue quente do contato com as vísceras. Você dá as mãos ao expressionismo kafkiano, sim, e à sua condição de judeu sefaradita. Afinal, os marranos são irmãos destes, são “rapazes” da estirpe do Maimonides, Marx, Freud, Engels, Mendelssohn, Einstein, Wittgenstein, Henri Bergson, Edmund Husserl, Martin Buber, Karl Popper, Einstein, do Freud, do Spinoza... Lembrei-me, também, da piada dos “cinco rapazes judeus” que mudaram os rumos da história da humanidade, passada para mim por um amigo querido, o Roberto Ponczek, um desses mesmos “rapazes”, apaixonado por Baruch Spinoza, com livro e tese de doutorado sobre o filósofo considerado anárquico por seus irmãos: Moisés: “o mais importante é a lei, e esta se faz com a cabeça”; Jesus Cristo: “o importante é o amor, e este se situa mais embaixo, no coração”; Marx: “o mais importante é a igualdade social, e esta é sentida um pouco mais embaixo, no estômago”; Freud: “o importante fica ainda mais embaixo, no sexo, pois é neste local que se situam os desejos”. Finalmente, o quinto, Einstein: “meus quatro colegas judeus estão relativamente equivocados pois o importante é que tudo é relativo”. Envio-a para você sentir ainda mais a alegria de ser criador de Criador e sua criatura. Foi Ele quem disse,

não foi mais ninguém: “Sede perfeitos, como eu o sou”.

Continua a informação do Ponczek, me dizendo que, certa vez, quando perguntado por um pastor se acreditava em D'us, Spinoza lhe teria respondido: “Eu não acredito em D'us, eu conheço D'us”. E, quando um rabino americano fez a mesma pergunta a Einstein, este lhe respondeu: “O D'us que acredito é o D'us de Spinoza”. Por este motivo, Spinoza é conhecido como “o filósofo embriagado de D'us”. Depois de Spinoza e Einstein é perfeitamente possível conciliar o judaísmo com a ciência e a filosofia modernas. Isto você faz no seu texto, isto você É no seu texto, com a diferença de ser poeta. E poesia é verdade (*Poesie ist Wahrheit*, quem o disse foi Goethe). Poiésis: o mais alto conhecimento, pois há o contato direto com o mundo empírico, sem intermediações da lógica causal. O Virgílio Maia deve estar muito feliz com tudo isso. Que ele receba o meu abraço e as minhas homenagens. Abraço e beijo. Conceição.

Conceição fez uma segunda análise técnica:

Arte, coisas – o catálogo das letras finamente desenhadas. Nem tão grandes a não inutilizarem o couro do animal com uma mancha exagerada; nem tão miúdas a ponto de o vaqueiro não as “ler” à média luz, de média distância. E sabíamos-las de cor, a reproduzi-las no chão com um graveto fino. E suas serifas. Arte! Aqueles pequenos rabichos

que rebatem a perna do A ou reparam um pequeno rabinho duplo na ponta baixa do P.

Maria da Conceição Paranhos:

Aqui Soares Feitosa inicia a inscrição da escrita. Leu e foi tomado do que se chama em filosofia existencialista de “choque do reconhecimento”. Inicia a observação da encriptagem. Decodifica no mundo empírico. Assim a Arte nos move. Raciocínio indutivo-dedutivo. Até aqui, atos do Homem. A partir daqui, atos da Mulher (a Mãe). Paixão e Ressurreição.

Também do catálogo fêmeo, o desenharmos do queijo, desembrulhando-o, alvíssimo (tomando-lhe o sal), úmido, lúbrico, uma tarefa da noite cedo. De mais um pouco, as coalhadas e suas terrinas, ceia e rezas – d’Ela, minha. E a noite.

MCP: Essa suspensão de palavras com “E a noite” é a fonte da perdição e da culpa, da descoberta das saídas e da compreensão dos mistérios da vida. Da Vida.

Levá-los, queijos, à feira; negociá-los em açúcar, querosene e alguns álcoois são coisas de minha lavra, numa tropa de burros. No cavalo mais dócil, de parelha com a burra Faceira comigo em cima, Ela. Na volta, um cálice de Imperial. Ou do Porto. Sem esquecer o nome das reses. Ela quem ajuda a escolher. Flor do Pasto à vaca “mais bonita do lugar”, Ela disse. [Eu disse: Flor, tu!] O touro Canário, lhe botei este

nome, aos canários de um certo alpendre. Ela sorriu. Mas zombou que noutras casas, de alpendre e saias, havia canários. Eu disse que não seriam amarelos tanto quanto.

MCP: Lirismo e encantamento, da magia, do oculto, do inconsciente e de sua projeção em júbilo.

Ah! o catálogo das águas?! Aquele cavar, escolher onde cavar, recavar (porque tudo que um dia eu cavo, a cheia vem e entope), coisas minhas, catálogo meu. Encher os cântaros — cabaças, roupas, lajedos, moitas de melão São Caetano, perfumar as redes em sol de capim-santo... Falem com Ela, digam que fui eu que disse. Mas o fabrico da moringa de sola, dita também borracha-de-sola, curtindo antes o couro em cinza e cascas de angico... Assovelar cada uma das peças em paciência. E Arte. A arte dos couros; selas, gibões, peitorais, chinelos, inclusos os d’Ela (com as vaquetas mais tenras); sim, estas coisas estão comigo, sempre estiveram. Botar a moringa de sola a limpar o gosto e o cheiro da sola com tantas e tantas águas, falem com Ela. Também os canecos-de-beber, potes, jarras, bandejas, toalhas e ornatos de fino crochê; rendas e bilros; linhas brancas e de matiz.

MCP: Leo Spitzer fala de “enumeração caótica”, traço de estilo que imprime ao ato assim enumerador uma nova forma de percepção de mundo. Isto está aqui no seu texto.

Ainda no catálogo das águas, repa-

rar no tempo, no “olho” dos formigueiros, “profetizar” se vai chover ou não, poupem-na. Se sabe, talvez saiba, mas de puro recato, Ela não diz. E o catálogo dos animais. Dizemos animais tão-só aos cavalos, burros e jumentos – e dalgum político mal-abusado. Gado é gado! Peá-los a campo, encabrestá-los, montá-los bravios, a pulso e ordem – cavalos e burros; jumentos não, que são dóceis e calmos de natureza – não remetam a Ela, tarefa minha, só minha.

MCP: Ordenação do mundo inconsciente, condução de seus lucros para o consciente, abolido (felizmente) o superego.

Aos animais miúdos, patos, galinhas, pavões, perus e aos pássaros de dentro de casa – “assum-preto” – soltos, Ela quem os dirige. Ninhos – pô-los a pôr, deitá-los, tirá-los, o primeiro xerém, falem com Ela, por favor, que não entendo dessas artes. Espingardear os inimigos, costurá-los à faca? Ela está inocente, mas saberá desembrulhar seus mortos.

MCP: Embora em todo o texto você mostre semelhanças com Borges, é mesmo de Kafka – mestre de Borges – o seu manejo da palavra em função de uma significação que preserva o sentido da realidade empírica, todavia conduzida de modo lúdico e encantatório (mais uma vez e sempre no seu texto).

Ia-me esquecendo, uma tarefa muito d’Ela: fazer, em letra calma, uns papeluchos “Ave Maria concebida sem pecados, rogai por...”, a apre-

gá-los com um grude ligeiro, de goma, feito no bico da colher, na chapa do fogão de lenha; isto mesmo, pregá-los pelo lado de dentro, em todas as portas, em todas as janelas. Também nos currais quando os bichos adoecem, nos moirões das porteiras, protegendo a nós todos, brutos e viventes. Contra os de fora! Por dentro. E “esquecer” um desses papéis no fundo do bolso do meu gibão. Percebo que Ela o troca quando o suor do rosto... mãos... papel. Um longo aboio. Amarfanhado.

MCP: A origem de SUA *poiésis*. Catálogos! O catálogo dos Doze – tribos e apóstolos. *Trivium* e *quadri-vium*, ou, digamos... uma lista... a lista dos galos. Galos? Sim, galos, manhãs e auroras. Ou da tarde rubra (Gular), num saguão de sombras, cimento, o olho em riste, desafiante, galogalo: – *De que me defendo?* Os catálogos. As Leis. A legislação, o código, os códigos, a pólis – legislação eidética, a moira e a *hýbris* conduzindo a palavra poética. Ampliação, redução, mergulho na memória individual e histórica, bíblica. Os Doze exorcizam os próximos passos na sua escrita.

O catálogo das cercas. Somos terra e cercas. Daqui para frente, não! Um risco no chão e se levantam marcos. Cercas. O catálogo abrange a cerca de jangarela, dita também de rama ou de ramada; as de lombo; as de arame de três pernas mais os estacotes na vertical; as de arame com doze fios, à prova de bodes e bacorinhos; as de fachina (de fachos,

verticais, especantes) com moirões de sabiá a insultar com o tempo;

MCP: Os limites. Escrita extremamente erótica, mais ainda, lúbrica, aprisionada, para não se perder, nos limites da linguagem que expressa uma percepção e experiência violentas da vida. Séries metafóricas, todas fálicas.

Dizem que ninguém mais sabe fazer uma muralha inca. As pedras talhadas à mão direita, justas, sem emendas, nem cimentos; ou, pelo contrário, as mãos é que já nasciam talhadas em pedra. O que fazer agora do nosso catálogo de hinos do santo padroeiro, dos desenhos das farinhadas, dos engenhos da rapadura, caieiras, tijolos, telhas, cal, piões, cumeeiras, biqueiras – o que mais, meu Deus? — se do sertão, dizem que acabou, resta apenas um juazeiro com a gente debaixo (INSS) jogando sinucas?

MCP: Continua a trabalhar a lubricidade – o delírio na linguagem – e sobrevém a queda na tragédia da história.

Não! Não e não! Quem saberá, daqui mais uns dias, no catálogo das coisas de comer, notícias de um chouriço, que era apenas um estranho doce de sangue de porco? Um doce de sangue de porco? Talvez fosse nossa herança marrana a desmentir ao mundo a possível condição de cristãos-novos. Lubricamente matávamos o porco: as mãos viajando no quente das vísceras... Só quem já matou é quem sabe como é. A festa, os rins do bicho, assando-os ligeiros, afogueando-os ao

primeiro trago. E a matutagem, um ritual de amizades em que metade ou mais das carnes saíam gratuitas, de puro gáudio, à certeza da retribuição quando do próximo porco do vizinho.

MCP: Lautréamont conhecia, como Soares Feitosa, este mundo de sangue e vísceras fumegantes.

Falemos agora da sorte. Sorte de vaqueiros, sorte de leitor. Há de ter sorte para abrir um livro. Abri-lo na página certa, no poema certo. De gostar ou não gostar. No primeiro lance, um lance de mãos. Foi assim que abri este. A esmo. As Horas do Dia. Comecei pela Hora Uma:

O dia vai começando e diante d'Ele me calo.

No seio da escuridão se escuta assim um abalo: toda a caatinga estremece, pois mais parece uma prece o primo cantar do galo.

MCP: A redenção operada pelo conhecimento (no sentido bíblico) da palavra como gatilho das emoções mais fortes, a partir do ato de abertura do mistério do livro que, não tenho dúvidas, “cai” em nossas mãos quando dele mais carecemos e nos ajuda a discernir algumas das faces da inominabilidade (do “indizível”, como preferiam os poetas do Romantismo, em seu movimento de *streben ins Unendlich*).

A emoção me disse que o fechasse imediatamente. Nessa mania de achar as coisas com as mãos como

*só acontecer com os cegos, reabro-
o, momentos depois, bem em cima
da estrofe da quinta hora, que, nou-
tro canto, um dia, cantei (Antífona):
“Pontualmente,
de manhã bem cedo,
pontualmente:
o sol,
o galo,
a aurora,
a lufada do vento,
a manhãzinha,
o café forte,
a porta aberta”*

MCP: Os cegos. São eles que têm o poder da clarividência, personagens ou motivos de sub-rogação, frequentes na tradição literária / poética, para indicarem a ruptura com a visão comum, de superfície, e o ingresso no proto-, prete-, inter-, intra-, super- e hipernatural.

Mais um entalo. E outro silêncio, a suspendê-lo só bem depois, para correr, na calma, o livro inteiro. Um defeito gravíssimo, a droga deste livro: é um só! Devia ser cem, um cento. Em multi. Sons. Aboios. Po-eiras. Cinzas e memória. Pior é o seu autor: também único. E os juazeiros fervilhando de sinucas...

MCP: Ah, este entalo! Ah, este silêncio! Ah, este porque se é “trezentos, trezentos e cinquenta” – e o poeta Mário de Andrade só estava usando um eufemismo ou uma metonímia – e porque se tem a capacidade de *ouvir*. E *entender*.

MARIA CONSUELO CUNHA CAMPOS: Soares, que beleza!

Acabo de ler o maravilhoso “papê” e ainda sinto a vertigem da altura! Muito obrigada pelo privilégio de ler seu texto de mestre! O que existe de telúrico em meu DNA urbano se energizou ao lê-lo e todas as minhas ancestralidades dedicadas à pecuária reviveram em mim, descendente que, como Drummond, já não sabe mais dar nome a bois... Sendo Figueiredo pelo lado materno, Cunha Campos, Prata e Soares também, pelo paterno, há motivos para crer, estando estes sobrenomes no dicionário sefaradita, que também possa ter alguma ancestralidade cristã-nova. Abraço grande e comovido. Consuelo

MARIA GEORGINA ALBUQUERQUE: Feitosa: Aqui estou com o maravilhoso “Estudos & Catálogos – Mãos” que me enviou. Nele, um garotinho de óculos, expressão pra lá de inteligente, me convida (ou impinge?): “— Vem!... desestrutural! (e re-estrutura meio à perplexidade...)”. A regionalidade da leitura que ora faço, aos poucos vai dando mostra de universalidade em meio à vivência anárquica da minha grande metrópole. Não temos acesso ao gado, mas fica constatada a possibilidade de “marcar” as nossas produções com ferro em brasa. Não temos galos por aqui, mas persistem os gritos que também tecem a manhã. Basta que haja paciência para absorver o diferente através de iniciativas culturais como

a sua, que tanto ampliam os nossos horizontes criativo e linguístico.

MARIA DA GRAÇA ALMEIDA:

A certeza da tinta que de sua pena desliza tem magia e alumbramento. Deixa um rastro no papel, cujo percurso é a própria vida, com as doações e as maravilhas que só podemos encontrar na bênção dos imortais.

MARIA HELENA NERI GARCEZ:

Como dizer que gostei imenso de seu texto “Mãos”, prefácio do “Recordel”, de Virgílio Maia, se não dizendo mesmo assim: gostei imenso de seu texto “Mãos”! Ele me transporta para um outro espaço, contexto, experiências e vivências que nunca puderam ser minhas, esta paulistana urbaníssima e desvairada que sou!!! Gostei, tanto do texto quanto da foto do Menino de 10 anos que se constituiu daquele viver... No campo, tão próximo aos bichos, partilhando de tantos rituais... Só me afligi, confesso, a matança do porco, como me afligiria também a dos bois, ovelhas, cabras e até a das galinhas, se você as contasse. Quando nisso penso, consolo-me, então, de ser urbana, mesmo se exasperada pelo super ruído dos helicópteros e das motos que agora, neste preciso momento em que escrevo, estão a congestionar céus e ruas, a metralhar-nos os nervos...

MARIA LILIA MARTINS CAR-

NEIRO: Estou sem palavras para demonstrar a minha alegria e perplexidade com a recebimento do papé & tinta: alegria de ver o carteiro chegando com o envelope do JP timbrado, coisa de caipira! (Mas é muito bom receber envelope do carteiro); perplexidade em ver que um dito “prefácio” é na realidade um livro completo de poesia em prosa, como só vejo semelhante em Guimarães e em Saramago, em que as palavras soam melodiosas e nos envolvem por completo. Meu Deus, como alguém consegue transformar o bruto ato de ferrar bichos em um bailado diáfano e contrito? Estou pasma!

MARIA DO SOCORRO CARDOSO XAVIER:

Gostei deveras da prosa e projeto Edições Cururu. Lembrei-me de uma modinha que ouvira e participara dos folguedos de infância, nos terreiros em noite de lua cheia: “...sapo cururu da beira do rio, quando o sapo canta ó maninha é que está com frio...”. Nordestina, dos sertões de Pernambuco, porém meio cearense, devido à minha ancestralidade materna: percorri no lombo de cavalos léguas e léguas as plagas do Cariri e outras cercanias do Ceará: Barbalha (Sítio Cocos, Roncador), Brejo dos Santos, Porteiras, Jati. Por lá meus bisavós e avós maternos possuíam propriedades e engenhos. Este magnífico texto “Estudos & Catálogos – Mãos”, do escritor Soares Feitosa, – prefácio qua-

se ensaio do livro “Recordel”, de Virgílio Maia, é sem dúvida alguma, uma obra de arte literária das mais originais. O ludismo, o lirismo e o realismo do autor ao tratar das coisas da ambiência nordestina, de forma tão profunda e autêntica, fez-me reportar qual quadro vivo aos idos da minha infância por aquelas paragens. Soares Feitosa metafórica, inconsciente e/ou conscientemente, resgata o universo sertanejo, nos fazendo ouvir o aboio do vaqueiro, o relinchar dos cavalos, o chocalho de gado e bodes, os bacorinhos, os bezerrinhos desmamados, os burros e jumentos. Os baldes de leite e o cheiro dos currais, a coalhada, as farinhadas, a prensagem do queijo de manteiga, cujo dia era uma festa: os fios de queijo no alguidar cozendo no fogo de lenha e a criadagem disputando a raspa do alguidar para dali fazer uma boa farofa. “Chouriço” era outra festa: o doce feito do sangue do porco com gergelim pilado no pilão e rapadura, temperado com pimenta e cravo. É de dar água na boca, tão delicioso doce! Nem tudo era uma festa e um doce: O mugido e o berro do gado sendo ferrado com o ferro quente em brasa, com o “logotipo” do fazendeiro. E como traz a propriedade privada berros e lágrimas! Meus avós maternos ficavam sôfregos com aproximadamente mil cabeças de gado na serra do Araripe, na iminência de serem roubadas ou atacadas por bandos de cangaceiros, e assim teriam que ven-

der diversas cabeças para pagar o resgate. Isto ocorreu com minha avó materna em relação ao bando de cangaceiros denominados “Os Marcelinos”. Do alpendre, ao levantar da rede, o avistar dos canários e assum preto, de Luiz Gonzaga, os gibões, selas e baús, herança dos artesãos da península ibérica, o ecletismo cultural árabe – povos pastores, estes, além de conduzir os rebanhos de ovelhas, trabalhavam muito bem o couro. O crochê, renda de almofadas, com fios de algodão, a partir de bilros e espinhos de mandacaru, artesanava-se para enfeitar as sertanejas, amenizando seu caráter rijo. Que sertões étnica e belamente ecléticos: portugueses, índios, negros, cristãos novos, árabes, tudo fundido num caldeirão de cinco séculos – travestidos de brasilidade, cujo lirismo e realismo ao mesmo tempo, imprime uma magia inigualável. Tudo isto o autor, escritor e poeta Soares Feitosa, resgatou neste texto fantástico, quase prosa lírica: não fica a dever a Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Humberto Eco, de “O Nome da Rosa”, Gabriel Garcia Márquez, em “Cem Anos de Solidão”. E ao escritor e teatrólogo paraibano, Ariano Suassuna. O autor foge ao lugar comum, a intertextualidade de leve; entre o erudito e o popular, tece milagrosamente a ficção e o real; se abraçam para caracterizar as mil e uma noites dos contos nordestinos. Texto singular e rico, beirando

as margens do épico. E assim encerro esta singela apreciação, semioticamente quase sentindo o cheiro agradável do capim-santo, da terra quente molhada com as primeiras chuvas de janeiro, o som do aboiar do vaqueiro; a coreografia da anágua rendada e gomada das moças casadoiras, para ir à missa do domingo e à festa da padroeira. Fechando estas breves impressões, pois longe de crítica literária, invoco o cientista social Euclides da Cunha, com frase indelével e tão atual: “O sertanejo é antes de tudo um forte!”.

MARIGÊ QUIRINO MARCHINI:

Seu prefácio “Estudos & Catálogos – Mãos” é um maravilhoso ordenamento de um Brasil existente nos bois, nos ferros cruéis, nas madrugadas. nos sertões, nas gentes sertanejas que, nós aqui, nestas urbes – desenvolvidas, violentas e poluídas – mal conhecemos, mal amamos, mas bem recebemos, com júbilo, pois é um portal magnífico para adentramos nas tradições e diferentes formas de vida em nosso País. Sua vasta cultura, Soares Feitosa, direi mesmo erudição, está toda perceptível nesse prefácio encantador, humano e abrangente. E na divisão dos tempos d’Ele, d’Ela, que refinamento de linguagem, que poesia! Este prefácio está à altura da poesia de Virgílio Maia, que conheci quando estive em Fortaleza. Você ele, dois grandes poetas. Com meu abraço de muita amizade, estou-lhe man-

dando meu livro “Hierofanias, o religioso na lírica feminina” e um arquivo com “Duas poéticas”, sobre Aluysio Mendonça de Carvalho.

MARILIA GONÇALVES: “Estudos e Catálogos – Mãos”, palavras, âmago do dia, elevação de luz, você adeja poeta, pé fincado na terra, terra de promessas e de colheitas perenes não posso deixar de lembrar, Ramalho Ortigão, em “As farpas”, quando alude a mãos que prestam e mãos que não prestam, as sua multifacetadas mãos, a verter a pura água da poesia que magnífica gestação desse parto constante onde sua realidade se traduz em obra sempre. Um abraço amigo. Marília Gonçalves

MARIO CEZAR: A tarde finda. A liberdade dos pássaros escolhe o galho seco da macambira para o pouso das asas. O vaqueiro encosta o algibão no pé do alpendre e ainda ruma o aboio da lida. No pé dos olhos há pétalas de mandacaru. O dia se entremeou de garranchos e as montarias são lembranças vivas. Enquanto as estrelas querem alvejar o céu, o cabra Soares Feitosa teima em espreitar o mugido do sol para inventar o signo das cantorias incandescentes. Eita cabra que ainda “minino” arrancou a dor’dolhos com o ferão das abelhas, espiar o prefácio do livro do Virgílio é como segurar uma cuia de mel, é como receber a herança dos ventos. Diga, cabra Feitosa, ao Vir-

gílio Maia que espiei o livro dele numa livraria da Paulista (aqui em Sampa) e o chão tremeu com a valentia dos garrotes. Um grande abraço do Mario Cezar

MAURO MENDES: Poeta Soares! RECORDEL! O título do livro já é um poema, pelo menos pra quem é, como eu, destas terras! Mas falta ler o livro, vontade que o simples título despertou. Cadê o livro? Cadê o meu? O seu prefácio é originalíssimo, sem recursos a estas coisas manjadas como “intertextualidades”, “polissemias”, ou exdrúxulas, como “alexias”, ou de compadrio, como “com este livro o autor adquire, assim, o lugar que, de há muito, lhe pertence, de pleno direito, no panorama literário...”. Ao contrário, o seu prefácio é puro sertão (onde, também, com certeza, se insere o livro), os bois mugindo, o tropel de tudo quanto é bicho, o canto da passarada, os “cheiros” de tudo, cada um, a seu lugar e hora, conferindo à gente (sem que disto a gente mesmo se aperceba...), um sentido, ao mesmo tempo, de individualidade e de absorção total na natureza... Você maneja, admiravelmente, estas lembranças! Vontade de me embrenhar de novo nestas matas, de onde nunca deveria ter saído para estudar vãs filosofias!

NELLY NOVAES COELHO: Caro e sempre lembrado poeta Soares Feitosa. É sempre uma alegria receber notícias dos

amigos, principalmente quando vem em forma de atividade existencial, como é o seu caso... Desde que o conheci, através das letras e da poesia, senti isso: tudo que você escreve, produz, projeta, etc, vem da paixão de viver e conviver. Que mundo maravilhoso seria este se “todos fossem iguais a você”! Recebi teu jornal de poesia com o “Catálogos”. Senti uma saudável inveja, pois meu computador continua sendo manipulado por uma funcionária. Há entre mim e ele uma incompatibilidade psicológica. Continuo escrevendo à mão, depois datilografo na IBM elétrica; a funcionária digita tudo depois. É uma incrível perda de tempo. Mas que fazer?! Já octogenária, permito-me só fazer o que me dá prazer.

NERINO DE CAMPOS: Primeiramente gostaria de agradecer este maravilhoso presente que me foi enviado. Senti muito prazer em ler, reler, reler e reler o prefácio do livro do Virgílio Maia, e em todas as vezes fui remetido a um passado distante, quando nas férias viajava para a fazenda de um amigo. Apesar de ser extremamente urbano, de ter passado a infância e a juventude em Belo Horizonte e ter vivido e amadurecido no Rio de Janeiro; em Ipanema para ser mais preciso, sentia com intensidade as coisas da fazenda, aquela crueldade do ferro em brasa, do balde tão limpo para receber o leite, em contrapartida com as mãos tão sujas do va-

queiro na hora da ordenha. Tudo isso me voltou à mente e eu sei que outras imagens ainda voltarão, pois lerei o seu prefácio como leio, leio e leio certas poesias.

NICODEMOS SENA: Foi com grande alegria que recebi o belo e criativo texto para prefácio de “Recordel”, de Virgílio Maia. A leitura deu-me muito prazer, eis que uma apresentação do livro consegue escapar da forma-cliché e se constitui, ela mesma, peça autônoma com vida própria — isso pela invenção do texto. Parabéns!

NILTO MACIEL: A leitura do prefácio de Soares Feitosa ao livro “Recordel”, de Virgílio Maia, me conduziu por veredas sertanejas e pretéritas. Como um cego, fui vendo, com estupor, a ferradura do gado, o ferro em brasa, a fumaça a se evolar, esturros do bicho, a marca no lombo. Tudo contado tim-tim por tim-tim. O prefácio tem sabor de crônica. Não de crônica escrita às pressas, para o jornal do dia seguinte, por cronista profissional. A crônica de Soares Feitosa tem feitio de ensaio sociológico. Não desses ensaios que dão sono, preguiça, vontade de fechar o livro. O ensaio de Soares Feitosa é de quem viveu, presenciou a vida no sertão, a arte dos ferros, as serifas. Como o outro poeta Virgílio Maia, o *Vergilius* Nunes Maia. O prefácio de Feitosa é de quem conhece as letras do gado muito antes

de conhecer as letras dos livros. Como o poeta Virgílio. E a feitura dos queijos, o fabrico das moirangas, a profecia das águas. Ler este prefácio-poema é ler o sertão, a arte sertaneja, e ter vontade de ler o *Recordel* desse também maravilhoso poeta do País do Jaguaribe chamado Virgílio Maia.

PAULO CAUIM: “Estudos & Catálogos – Mãos”. Soares/ serifa/ vogais/ de/ Rimbaud/ a ferro// Erige/ ambiências// Tempo/ água/ queijos/ couro// Catálogo/ de/ catálogos/ logos/ galos/ cabrais// Teu olhar/ formigueiro/ no catálogo/ das profecias/ me remete/ à caranguejeira/ que atravessa/ a rodagem// Teu texto/ xadrez/ de xerém/ miríade/ d e/ aboios// Quentes/ catálogos/ das mãos/ entre/ as/ vísceras/ no catálogo/ acaso/ das mãos:/ as mãos/ são mais/ velozes/ que o *mou-se*// [De mãos/ das com/ o leitor]// Atravessa/ Feitosa/ o inferno/ contemporâneo/ e nos guia/ até o paraíso de/ juazeiros-livres-sem-sinucas// A/ sinuca/ é apenas/ o prefácio// “Estudos & Catálogos – Mãos”/ um texto escrito/ por Doidinho/ José Lins do Rego/ depois de adulto// Você inventou/ o prefácio-prelúdio (aquecimento) antes/ de o leitor/ todos os/ outros/ movimentos// No prefácio-prelúdio/ temos de ir de vau a vau/ a grande travessia/ [Recordel]// Soares,/ em que estante do tempo/ você deixou arquivado o catálogo de por-so-

bre-sempre-por-sobre[d'Ele
d'Ela]/ ?//

PAULO ROSENBAUM: Amigo Feitosa, como sempre, competência e precisão, sem mácula da consistência poética. Não adianta comparar: é estilo muito seu, singularidade expressa. Denota independência e arrojo. Parabéns.

PAULO DE TOLEDO: Caríssimo Soares. Acabei de ler teu “papé” e se houvesse um jabuti pra melhor prefácio, o seu seria imbatível. Êta cara de sorte esse Virgílio Maia! Com certeza, quem merece um prefácio como o seu, deve ser um baita de um escritor. Um grandíssimo abraço, Paulo de Toledo.

PEDRO ROGERIO: Prezado Soares Feitosa. Agradeço o envio do “Jornal de Poesia”, contendo o exuberante “Estudos & Catálogos – Mãos”. Maravilhosa viagem pelo sertão de nossa infância. Magnífico trabalho de artesanato da palavra escrita. Mande-me mais. Fiquei admirador do seu imaginoso texto guimaraesroseano. Abraço cordial do Pedro Rogério.

R. ROLDAN-ROLDAN: Sim. Chegou seu papel e tinta. Com odor atávico de terra, de chuva, de mato. Com luz de vela – livros-copistas, palimpsestos e até “grimoires”. Com o som longínquo de aboios. E fios deliquescentes de referência.

RAY SILVEIRA: Feitosa, acabei de ler agorinha “Estudos & Catálogos – Mãos” e estou besta, abestalhado, abestado, bestificado e de queixo caído. Eu te conhecia como um grande poeta versejador. E isto é mais do que prosa poética, no modo de entender deste teu amigo e colega de Seminário. Eu te juro pelas minhas mãos postas – e pelas mãos postas do “Estudo das Mãos em Oração” de Dürer – que se eu tivesse encontrado estas páginas, soltas em algum lugar, sem nenhuma indicação de autoria e de editoria, teria certeza de que se tratava de um trecho de “Grande Sertão: Veredas”. Meus parabéns, meu amigo. Você tem muito mais tutano na cabeça do que imagina. E do que muita gente (cult) deste grande pequeno país imagina. Um abraço. Raymundo Silveira

REGINA LYRA: Meu caro Soares, ler seu texto nos leva para pontos de prazer e saber. A descrição da vida no campo do senhor e da senhora da fazenda é de uma maestria ímpar. Os catálogos tornam-se velhos conhecidos, ou de quem viveu no campo, ou pelas belas leituras dos nossos escritores, tais como: José Lins do Rego, José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e tantos outros. Sua leitura, meu querido Soares, é prazerosa, nos leva e nos enleva, a momentos de reflexões. Parabéns, Soares, não só por dar oportunidade da lei-

tura de prefácio tão belo, mas também, por fazer parar um pouco e pensar nos acontecimentos da vida.

RENATA PALLOTINI: Meu caro Soares: Você sempre arranja pra gente uma alegria nova. Deus te abençoe e às tuas Mãos!

RENATO AZEVEDO: Aqui deixo minhas singelas palavras que não chegam nem perto de agradecer o prazer que tive em receber e ler o “Estudos & Catálogos – Mãos”. Feito um cururu, em seus hábitos noturnos, cá estou com o papel e a caneta, em uma tentativa não tão venenosa, mas também de poder coaxante para disseminar voz ao mundo com palavras. É gratificante e só tenho eu que lhe agradecer novamente o espaço dado para mostrar as palavras desse novo girino em um meio que muitos consideram pantanoso. Quem nunca se banhou em sal sobre o pântano de emoção e reflexão não sabe o que é pular livre feito cururu! Nem sei se minhas pernas estão flexíveis e nadam tão bem, mas é pulando de poça em poça que o movimento confere a prática e a sagacidade de não se afogar. Molhar faz com certeza parte do processo, uma vez que se o cururu sai da moita tem que estar preparado para eventuais respingos e jatos de lama. Veneno... será realmente ruim? Ou será esse o remédio? A crítica é normalmente amarga, então sábio é o cururu que regula abaixo da

boca, antes de proferi-la, mas que o faz com habilidade e proeza até contra aqueles mais avantajados em sua cadeia de vida. Prefiro, claro, um cururu viciado em sua droga sapiencial a uma raposa cerceada em quimera ignorante. Que amam as raposas de Esopo... As uvas doces. Eu muitas vezes bato cartão de ponto também e digo até outra hora... Pois sou mesmo da família Bufonidae.

RENATO SUTTANA: Uma vez, durante uma viagem de ônibus (não me lembro entre qual e qual cidade, mas sei que foi num ônibus), um amigo – que estudava a Física, mas que tinha certo interesse por livros, principalmente romances e poesias – me perguntou se eu conhecia a prosa de Pedro Nava. Respondi-lhe que não a conhecia a fundo, mas que tinha lido alguns trechos. Então ele me perguntou o que eu achava dessa prosa, mesmo com a pouca experiência que tinha dela. Como não me ocorresse nenhum adjetivo para qualificar a escrita desse autor, e na tentativa de dar uma ideia do que eu pensava de uma prosa que para mim me parecia consistente, fundada numa vivência profunda do mundo e das coisas – principalmente, uma escrita calcada na memória e na ancestralidade do ser e da palavra –, eu apenas lhe disse que a achava “substanciosa”. O amigo riu, julgando inusitada a expressão, e redarguiu que o fazia pensar em qualquer coisa como

uma sopa, um caldo ou uma iguaria qualquer, rica em proteínas. Mas tinha entendido o que eu quisera dizer e por isso acrescentou que também achava a prosa de Nava bastante consistente, embora, de sua parte, como eu mesmo, a conhecesse pouco e muito de ouvir falar. Leio agora o seu “Estudos & Catálogos – Mãos” e esse breve episódio de alguns anos atrás me vem à memória. Como qualificar essa prosa que você me envia, senão recorrendo àquele adjetivo, isto é, dizendo-a “substancial” também – num sentido que implica agora não tanto o que eu tinha visto em Nava, mas num sentido que implica certa relação do espírito com a terra, com as coisas do chão e do mundo ao redor, que você tão bem consegue evocar nesse prefácio que não só é ele mesmo uma peça de grande interesse, mas que, ao apontar tão delicadamente para a poesia do prefaciado, nos traz também um desejo imenso de mergulhar nela, para descobrir mais tesouros, mais seiva e nutrir o espírito com a substância grossa da vida? Muitas coisas me evocou esse prefácio: nordestes, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa (no estilo entrecortado das frases e naquilo que João Cabral de Melo Neto chamaria de palavra “colada à coisa”, da qual extrai o seu ser e a sua substância e com a qual você consegue lidar de maneira tão própria e pessoal, apesar de tudo) – mas me evocou principalmente a per-

sonalidade do Feitosa, a cada dia mais da terra, a cada dia mais à espera de que o mundo se abra numa grande aparição reveladora. Neste ponto, sou obrigado a repetir a expressão do Mauro Mendes: “Cadê o livro? Cadê o meu”? Assim, na expectativa de ler, além do belo prefácio, também o livro do Virgílio Maia propriamente dito (para o qual, acredito, o prefácio constitui um excelente chamariz), deixo aqui o meu elogio e o meu pedido de que, quando possível, você nos dê a informação de como consegui-lo (o livro), impresso ou em versão digital (na eventualidade de que exista alguma), para que possamos conferir a coisa e ver se o prefácio não ultrapassou o objeto a prefaciá-lo, o que estou certo – num bom sentido – não será o caso. Para aproveitar esta carta, gostaria ainda de lhe perguntar uma coisa. Conheci recentemente, no “Jornal de Poesia”, alguns poemas de Affonso Manta, que muito me agradaram. Leio, em seu “Estudos & Catálogos”, uma notícia, fornecida por Maria da Conceição Paranhos, de que o poeta faleceu recentemente, o que terá sido, com certeza, uma grande perda para a poesia brasileira, conforme a própria Paranhos comentou. Assim, minha pergunta é: que acesso podemos ter a outros poemas do autor, para além do pequeno vislumbre que tivemos de sua obra no “Jornal de Poesia”? Existem livros publicados dele e estão acessíveis no mercado ou, como

receio seja o caso, tudo não passará de raridade – como, por exemplo, a poesia de Orides Fontela, que só podemos ler por fragmentos na *Internet* e que está, esta última, a esperar por uma boa edição completa de seus poemas, já que se trata de uma presença tão nobre na poesia de língua portuguesa dos últimos anos? Você teria alguma informação a me dar? Bem, com os votos de que outros prefácios, outros poemas, catálogos, estudos e mãos venham por aí, num sempre crescente nível de qualidade, vai aqui o meu abraço. Renato Suttana

RICARDO ALFAYA: “Estudos & Catálogos – Mãos”, um trabalho em que mais uma vez combina eletrônica com artesanato. Importante também porque traz para o papel material do “Jornal de Poesia”, aumentando com isso as chances de sobrevivência do material. Quanto à qualidade do escrito e dos comentários dos autores, excelente, como sempre. Desde o início você tem sido um dos que têm sabido melhor aproveitar os recursos de interatividade que a *Internet* oferece, ao mesmo tempo promovendo seu próprio trabalho e o de outras pessoas, com enorme talento. Os Catálogos evidenciam essa visão de conjunto em que se tem o seu trabalho e o dos comentaristas bem demarcados, enquanto que, simultaneamente, ocorre a integração e interatividade desses textos, formando um conjunto único. É muito

interessante.

RITA BRENNAND: Poeta, por favor não repare meu silêncio. Ele é a minha homenagem, minha gratidão. Leio tantas vezes, tantas vezes leio, só me resta o corpo intenso, a carne trêmula, o arrepio da alma, meu beijo de sempre. Rita

RODRIGO MAGALHÃES: “Sai ba que os poetas como os cegos podem ver na escuridão”, era o verso que, na canção “Choro Bandido”, dava uma voz de sentença a quem cantava. E, do mesmo modo, eles, os poetas, continuam: tateando e achando na escuridão. O Coronel Feitosa sempre foi um cego de bom faro nos dedos. Pega o livro, abre-o pelo peso da mão e, numa viagem ligeira, eis o verso laureado. Assim, pelas mãos, ele mesmo diz, encontrou os ouros de Virgílio. E ele, de novo, confirma, pelas mãos, a poética do nosso cânone. Pelas mãos – *habito agora apenas esta minha mão; sou apenas esta mão* – o coronel Feitosa já vinha enxergando o mundo. Pelas mãos, ele já vinha lendo a casa, os veludos e as superfícies dos homens. E agora, pelas mãos, o enlace dos que se foram e dos que ainda não chegaram. A mão de Castro Alves sob o peso da mão dos novos condutores. A mão de Shakespeare, a mão de Flaubert, a mão de Machado – todas, pesando sob e sobre. Espremidas, as mãos? Encostadas, num encaixe leve. Que eles, os antigos, só querem

transmitir; que nós, gratos, não queremos esmagá-los. No mais, um texto para a queda do *apartheid* das escolas. Parnasianos, simbolistas, modernos, em um agrupamento pralém das razões excludentes, pralém dos sistemas de Lineu. O novo critério de divisão não divide, sobrepõe. O critério do coronel nos colocou lado a lado. De mãos dadas.

RODRIGO MARQUES: Estava no escritório de Soares Feitosa quando o correio chegou com o livro “Recordel”, de Virgílio Maia. Vi Feitosa abrindo o envelope e retirando estranho papel de couro de bode, leu para mim o pedido de prefácio. Em seguida passou os dedos curtos por sobre a textura do couro e abriu a esmo o livro de Virgílio: O dia vai começando e diante d’Ele me calo. No seio da escuridão se escuta assim um abalo: toda a caatinga estremece, pois mais parece uma prece o primo cantar do galo. “Tem-se que ter sorte ao abrir um livro – disseram-me”. O livro ficou por alguns dias no escritório, mas logo desapareceu. Passado um mês – mais ou menos, “Recordel” retornou sob a forma de “Estudos & Catálogos – Mãos”, contendo quase tudo que, durante o tempo em que trabalhei no escritório, comentamos (eu, Feitosa e o advogado Rogério Lima): o júbilo, a matança do porco, as mãos, a festa, o cururu, a poesia, a festa, o retorno do filho pródigo, a festa. A

minha primeira impressão foi de achar que tudo pode e deve ser escrito, pois o texto de SF, pensando bem, não passa de uma lista, mas disposta de uma forma tal que o leitor não deixa de visitar o seu catálogo pessoal, suas recordações, seus estudos. Logo, tudo pode ser escrito, desde quê... Fui o primeiro (acredito) a ler o texto em voz alta, iniciando, naquele instante, o debate vivo que se pode ver no livro-prefácio “Estudos & Catálogos – Mãos”. Feitosa conseguiu resolver o problema do livro de Virgílio: o de ser apenas um. Com o prefácio, “Recordel” tornou-se duplo; com os comentários, triplo; com o “Jornal de Poesia”, sem margens. Só a Arte, Sr. Leitor, só a Arte!

RODRIGO PETRONIO: Soares da gota! Belíssima organização de catálogos! Muito boa mesmo. Gostei das iluminuras do sertão e da reflexão sobre as letras. Agora, minha mãe é Quitéria, de Afogados da Ingazeira, Pernambuco. Onde fica a tal cidade? Ela, a padroeira, se chama Quitéria? Vou correr, falar pra ela, mãe.

RONALDO COSTA FERNANDES: Que belo prefácio! É uma reinvenção do mundo, a realidade mágica do sertão e dos seus traços, serifas, bois, maneiras de *ser-tão* e ser o mundo! Feliz do prefaciado que junta à sua poesia outro texto de mágica poética e análise da arte de ferrar bois e marcar a poesia

do mundo.

SALOMÃO PINHEIRO MAIA:

Poeta, meu agradecimento pelo envio de “Jornal de Poesia”: logo no primeiro “ferro”, sente-se o punho forte do escritor. É de gente grande, dono de “ferros”, terras sem cercas, onde o peregrino casado pode repousar as saudades d’Ela, de sua burra Vencedora, e as dela, sempre com o livro às mãos, ensinando.

SANDRA REGINA BALDESSIN:

A querido Francisco: a você, poeta, o direito indelegável, personalíssimo, de nos marcar, leitores cativos, com as suas palavras-gestos, palavras-bailarinas, que nos enredam numa dança de leitura, intensa, intrincada e muito, muito prazerosa... Recebi sua correspondência, a pequena nota manuscrita, o seu abraço, o aconchego do seu carinho, tudo guardado naquele envelope... Lembrei-me da poetisa russa, Anna Akhmatova “(...) ASSIM NÃO SE ESPERAM CARTAS, ASSIM SE ESPERA A CARTA...”. Agradeço, poeta, agradeço comovida! Hoje à tarde (sábado) lerei o seu texto na primeira reunião do ano do nosso Centro Literário. Acredito que me permita fazê-lo. Saiba que eu o havia lido no *site* e, inclusive, escrevi-lhe um *e-mail*, o qual você não acusa o recebimento e pediu-me que enviasse novamente, porém, não guardei cópia, pois foi escrito no “calor” do impacto da leitura, no corpo mesmo do *e-mail*. Quem sabe você

ainda o encontre, pois não foi devolvido. Sabe, Francisco, você é uma dessas pessoas especiais que, por algum milagre, cruzam o caminho da gente. Sou feliz que tenha cruzado o meu caminho.

SÉRGIO GODOY: Foi com agradável surpresa que abro minha porta e recebo “Estudos & Catálogos”. O dia em Amsterdã ficou mais fácil... Gostei bastante do prefácio e fiquei intrigado com os textos; amavelmente intrigado. Gostaria de mais uma vez agradecer, ainda que na distância, toda sua atenção e carinho.

SILVIO ROBERTO SANTOS:

Curti muito a tua epifania dos catálogos, rapaz. Lembrei do velho Leopold comprando rim numa feira de Dublin. É o que se poderia chamar de visceral. Ave, Soares!

SOCORRO CARNEIRO: “Estudos & Catálogos – Mãos” exalam muçambê e xique-xique cheirosos; leite espumante ao peito da vaca, bois e o aboio cantante do vaqueiro; a sela, os animais, o cachorro acuando quem tenta ultrapassar a soleira da porta; a lua bonita, o dia amanhecido, o orvalho que molha os meus pés. Inúmeras coisas têm que ser ditas, quadros pintados da festa do sertão. Água que jorra agora, fevereiro deste grande inverno de 2004, de açudes sangrando, que “vai-não-vai”. Muito obrigada mesmo por ter recebido esta obra de arte. Tudo isto me traz

lembranças do tempo de minha infância na casa dos meus avós.

SONIA SALES: Caríssimo Soares Feitosa. Feliz Virgílio Maria que pode ter um tão belo prefácio no seu “Recordel”. A experiência que você nos passa, sua vivência nesse sertão tão pouco conhecido por nós da grande cidade, que temos a pretensão de tudo conhecer, leva-nos a uma reflexão sobre a nossa pobre maneira de viver. Do meio desta poluição daqui de São Paulo, sonho com a alegria de tomar um leite fresquinho ou ajudar na feitura de um queijo artesanal e, quem sabe, trocá-lo por papel e caneta com que poderei descrever essa tentativa de ser feliz. Estarei esperando ansiosa os belos versos do Virgílio Maia, autor tão admirado. Parabéns aos dois. Abraços afetuosos da Sonia Sales

TERESA SCHIAPPA: Foi um prazer inesperado e grande receber os seus “Estudos & Catálogos – Mãos”, penso que separata do “Jornal de Poesia”. O Prof. Carlos Felipe Moisés, amigo de há longa data, deu-me a conhecer essa obra extraordinária que é o seu “Jornal de Poesia” eletrônico (brasileiro mas também português, como pude verificar). Do pouco que ainda consultei (além do *site* de Carlos Felipe Moisés, alguns itens de passagem) encantaram-me não apenas excelentes momentos de poesia - incluo as apreciações que falam dela - mas tam-

bém o bom gosto na organização dos materiais e na disposição visual. Com a leitura do seu livrinho fico a compreender melhor a dinâmica que permite um empreendimento tão vasto e ao mesmo tempo tão singularizado: está nele presente o mesmo amor à efabulação poética, a mesma atenção ao pormenor pitoresco e criativo, que associa sem preconceitos o Virgílio “antigo” e o “moderno” e não deixa sequer esquecidos os diferentes AA nas tarefas banais da “catalogação” (uma verificação ainda a fazer!). Achei muito interessantes as apreciações dos poetas referenciados (Virgílio Maia e Rogério Lima) pelo seu estilo exuberante de humor e de riqueza humana, em que convive naturalmente uma multiplicidade de registros; a mesma que é sensível, nos poemas, entre o distanciamento lírico de “Arquitectura” e a proximidade excessiva, e mesmo dolorosa, de “No céu tem Prozac” – para citar os dois poemas que, por razões diversas, melhor retive após a leitura. Como talvez saiba através do Carlos Felipe Moisés, sou uma platonista (às vezes pessoanista), remediada com o ensino do Latim – que, aliás, gosto de ensinar; a dispersão de actividades e a acumulação de autores, que é o nosso tempo presente, torna assim mais preciosa a oportunidade de convívio com outros modos de exprimir poesia – como para mim foi, flagrantemente, a leitura de “Estudos & Catálogos – Mãos”. Du-

plamente grata por “este abraço” que os acompanha, cumprimenta cordialmente a Maria Teresa Azevedo

TEREZINHA CARVALHO DE MORAIS: Quatro paredes, um gole d’água, um galo calado, umas pontas quebradas, um riso esquecido, uns papéis amassados, uma cadeira amarela e naquele amarelo não tingido *a priori* de mim encolhida, embebida, alimentando-me da tarde e da introspecção embriagadora nas horas das quatro – era só um dia de sol, de sertão, de feijão, de abril e de poesia, e de carta. De carta?! Sim, de carteiro e tudo com correspondência timbrada: JP. No amarelo em mãos reconheci o meu corajoso nome, era para mim (fiquei azul de curiosidade). Como um amarelo viajado poderia ter sido enviado para mim? Como descobriram-me neste invólucro de poesias, sonhos e cajus? A tarde recolhia-se e abraçava a noite. Quem me descobriu? Quem? Foi ele, sim foi ele! O vaqueiro que faz sua sorte, o dono das mãos que tecem as manhas e que sabe fazer arte na vida, aquele que ver ferrar o boi dos sonhos de menino, a voz daquele que aboia aos ventos, o dono do perfume que banha a aurora e que lê o mundo com a empiria dos sábios. Sim, foi ele, o meu amigo, um amigo sim que presenteou-me surpresas e palavras colhidas dos tempos, um amigo desconhecido e hábil que ofereceu-me o cálice da doce sensa-

ção de ser descoberta. Eu tinha um amigo e nem sabia. Sim ele era, ele era um amigo-poeta. E o amarelo?! E o azul?! E o fim de tarde?! Tingiram-se todos de cores: de soares, de feitasas, de terezas, de marias, rúis, virgílios, rosas e de poesias. Valeu mesmo! Queria oferecer-lhe amigo-poeta algo de pincelada minha mas não sei se devo e fica a interrogação se desejarias algo assim tanto tempo engavetada no sonho de menina junto com os grilos, os aninhos, os sonhos e o cheiro de café de lenha da simplicidade das horas.

VERA QUEIROZ: Quanto ao “Da caixa postal aos corrós de açude”, você conseguiu o feito de recordar Rosa em seu estilo sendo porém totalmente você, ou seja, escrevendo no jeito feita-sa de ser, o que significa sal, pimenta e humor no que diz, jeitosamente feita-sa. Beleza! Quanto ao prefácio ao livro do Virgílio Maia, é uma delícia de ler. Não conheço o poeta, mas tenho certeza de que é grande, se inspirou esse outro quase-poema em prosa.

VICENTE FREITAS: Meu caro Soares Feitosa, acabei de ler agora meditadamente o seu “Estudos & Catálogos – Mãos”. Não vou perder tempo em elogios: quanto ao estilo — uma linguagem inventiva, enfim, um esplêndido Prefácio e não estou fazendo a menor concessão para afirmar esplêndido. Estou com

Mário de Andrade quando dizia que a arte é um elemento de vida e não de sobrevivência; que a beleza não é a finalidade mesma da arte, mas uma consequência. Quanto ao admirável Virgílio Maia tenho lido alguns poemas de sua lavoura, inclusive “Esporas de Prata”, que chegou-me às mãos através de um encarte do jornal “O Pão”; poema que se desenvolve dentro de uma temática regional, com elementos gráficos que ressaltam essa temática. E essa diferenciação gráfica tem um objetivo: aproximar a grafia às marcas de ferrar gado. Pelo seu prefácio percebe-se que o livro “Recordel” segue o mesmo tema. Em tempo: ao receber “Estudos & Catálogos – Mãos” fiquei pasmo e ao ler, como Mestre Ascendino: ferrado! Gratíssimo. Vicente Freitas

XENIA ANTUNES: Eu fico “de cara” – é, só na gíria mesmo pra expressar – com a sua produção! E vai escrever bem assim na... cê sabe onde! É uma honra partilhar escrituras com você. E ler o que você escreve é uma dádiva neste mundo literário tão medíocre. O “Jornal de Poesia” é essencial, vida longa! Além disso, o seu trabalho de divulgação dos outros poetas e escritores é de uma tremenda generosidade, coisa rara! Quando puder envie algo pra publicarmos na revista. Abraços. Xenia.

Se

apud Rudyard Kipling
para Alicia

Se eu tivesse uma –
se –
ah, não sei, já sei, deve fazer parte,
tantos “ses”:
épocas, geografias, este mar
longamente mar.

Então, eu tomaria conta das forjas,
dos ferros e do carvão.

Seriam de outro encargo,
não meu – [se] –,
a água,
o óleo da têmpera,
esta luz refletida à lâmina;
[e correríamos entre as fornalhas] –
de aurora e forjas,
este cântico, este soluço.

E quando nos cansássemos
de tanto abafo, o meu quinhão de rosto
e sal completamente pagos,
ela diria em pleno dia:

– Um café, senhor!

– Sim, minha senhora,
eu mesmo vou servi-la:
esta taça, a noite azul.

ALCMAR LUIZ DOS SANTOS:

Soares, amigo, puxa, que dois poemas danados de bonitos, esses que chegaram pelo correio! Dá inveja dessa verve lírica que sempre passa meio longe dos tecnicismos prosódicos em que eu mesmo me insulo. Aliás, não sei se você recebeu o meu “Retrato e Percurso”. Se não, dê notícia para que eu possa enviar até aí. Grande abraço do companheiro de caminhadas poéticas e informáticas.

Obs.: O outro poema: **Nunca direi que te amo.**

ANDRÉ SEFFRIN:

Feitosa, Luis Antonio esteve aqui em casa e comentamos: o Feitosa lírico é o maior. Não dispenso o épico, mas prefiro o lírico. Exemplo de lirismo limpo, do melhor lirismo, é este “Se”, que você mandou pelo correio. Impresso junto com “Nunca direi que te amo”, é uma joia que devemos guardar.

JOÃO DOMINGUES MAIA:

Gostei muito do seu poema *SE*. Você precisa publicar em livro. Às vezes procuro textos para os meus livros didáticos e passo por muita coisa ruim. Um abraço. Maia

JOAQUIM ALVES:

Bem-Haja, pelo “SE”. Prima, uma vez mais, pelo toque da sensibilidade! E fez lembrar-me que sou bisneto de ferreiros: os contorcionistas do ferro, em esforço de fogo, martelo e suor! Claro que fui “tocado” pelo lado romântico que, afinal, “ses” não tem. Viva os últimos românticos de todos os can-

tos do mundo, onde quer que se encontrem. Com um abraço que une os dois lados do Atlântico. Joaquim Alves

JOSÉ NÊUMANNE PINTO:

SE é um poema solar, de plenas iluminações, de mistérios revelados sem pudor. Esta é a natureza mesma da poesia – a de revelar o relevante e relevar o revelante. Este poema sabe a sorvete de mangaba na Praia do Futuro. E tem mais: este poema é rubro como só são rubros os crepúsculos da Borborema, visse? José Nêumanne – poeta e jornalista

MARIA LUISA VASQUES DINIZ:

Exmo. Senhor SF, Poema *SE*: Gostei muito: tem ritmo – só cortado, um pouco, pelo segundo discurso directo; tem eufonia e uma infinitude de sentidos, o que me agradou sobremaneira. O título também está bem escolhido, mas parece-me mais hamletiano e não tanto de Kipling... Feliz Alícia...

MAURO MENDES:

Prezado Soares, quando um poema é capaz de me passar uma emoção, como aconteceu com o teu bonito poema *SE*, isto para mim é uma prova definitiva! O resto é conversa ou querela (quase sempre vã) de crítico literário. Rainer Maria Rilke (em “Cartas a um Jovem Poeta”, Edit. Globo) já advertia: “Leia o menos possível trabalhos de estética e crítica. Ou são opiniões partidárias petrificadas e tornadas sem sen-

tido em sua rigidez morta, ou hábeis jogos de palavras inspirados hoje numa opinião, amanhã noutra. As obras de arte são de uma infinita solidão; nada as pode alcançar tão pouco quanto a crítica”. Mas foi Edmund Wilson (conforme citado por Hélio Pellegrino no artigo “Escuridão e Rutilância”, publicado no jornal “Folha de São Paulo”, de 8.10.86) quem melhor estabeleceu a diferença entre crítico e artista criador: “O crítico, naquilo que escreve, sabe mais do que diz, ao passo que o artista criador diz mais do que sabe”. E continua HP: “Isto decorre do fato de que o crítico se move, predominantemente, na área consciente e reflexiva do seu psiquismo, ao passo que o artista criador, em seu mergulho poético, ordena leite da escuridão”. (...) “O crítico é sempre capaz de explicar o seu texto” [cartesianamente], ao passo que “O artista criador é explicado pela obra que faz muito mais do que é capaz de explicá-la. A linguagem criadora é carregada de noite, de refrações simbólicas, de confusos rumores, cuja crepitação jamais se deixa capturar pela fome de clareza que define o pensamento consciente. Aliás, há que precatar-se contra a ilusão das claridades excessivas. Elas velam a realidade muito mais do que a revelam. No centro do incêndio solar, há um latifúndio de treva, da mesma forma que no caroço da noite enorme, fulge uma fogueira de luz” (Hélio Pellegrino, id. ibid.). Acho,

então, que se pode aplicar a este teu poema (e, em geral, ao que eu já li, até aqui, da tua poesia), o que o poeta Robert Lowell dizia a respeito de si mesmo: “Tiro poesia de onde bem entendo, não dou muita satisfação”, e dizia ainda: “poeta pode ser inteligente e cômico do que faz. No entanto, caminha meio alprado e sobrearmado, preso [ao mesmo tempo] de sua amnésia, ignorância e instrução”. “Então eu tomaria conta das forjas dos ferros e do carvão”. Tal qual acima, o teu poema é assim como o metal nobre incandescente escoando, junto com a ganga bruta, da cratera de Vulcano ou da forja de um ciclope. Às características “heroica, telúrica e lírica” da tua poesia, permito-me, então, acrescentar mais uma: CICLÓPICA! Um grande abraço, com admiração! Mauro Mendes

Não é aqui não

Alguém gritou da balaustrada:

– Não é aqui não!

Era,

era lá.

Uma casa antiga, um batente alto,
era um orquidário.

Em tudo, uma paisagem velha
como soem parecer
essas florestas onde
as orquídeas pendem
e os pássaros chegam em rota migratória.

Não procurava pássaros,
nem rotas,
nem migrantes, nem orquídeas;
havam-me dito: uma velha casa,
e sob uma roupa breve,
os cabelos esquecidos
porque os espelhos não eram convocados,
mesmo assim,
a beleza que –...
eram os olhos, isto, o olhar,
ali,
até.

Convocara sim as testemunhas e o dedo
porque – foi dito
entre os soluços e os silêncios –
nem saberíamos catalogá-las, de tantas,
as faltas,
minhas,

muito mais que as naus do catálogo
dos aqueus, muito mais.

Suave como o entardecer, houvera
um tempo,
e agora, ali, distante,
eu disse
[as mãos estavam frias]:

Não vou-te levar sozinha em viagem
ilha.

Lá, deserta das outras, te tomarias
de ilha e tédio.

Única maldição: sozinha!

Aqui também – ela disse –
o tempo todo, ele:
“Não é aqui não!” –

Ilha por ilha!
Qual?

Imaginas que o mandei gritar – contra ti?
Ilha...?!

É no convívio dos espelhos, mulher,
mulheres, que te queres bendita:
o passo da graça, nem que seja
à maneira de desembrulhar teus mortos.

Haverias de te esquecer de ti
porque das outras, o Poderoso
não falava a sério, acho que não:

Parirás sob o medo!

Multiplicados sejam
os sofrimentos que não são.

Verdadeiros, só o tempo-espera,
só o tempo-só.
O resto, tudo volúpia!

Volúpia maior:
a invasão da pélvis, os humores – e líquido
em bolsa rasgada,
uma respiração ofegante,
como se todos os deuses
de tuas narinas respirassem.

– Aonde vais nessa fúria?
O suor do meu rosto, sim, resigno-me!

Sim, agora respiras, vê, o espelho embaçou-se!
Vamos, eu já te levo, só a ti!

– Não posso fugir sem um espelho!

Sagrar os espelhos, entre todas as mulheres,
dia e noite,
espelhos, a tua sina.

Eu te trouxe meias pretas.
Está frio, está noite.
Lá.

– A quem o velho grita?

– Nunca disse.

Se quiseres deixar avisado,
toma do giz, escreve,
deixa-o à porta,
o teu traço, na porta, do lado de fora, escreve-o,
nas árvores, nas pedras,
com bem força. Eu te ajudo:

– Fui eu!

ELAINE PAUVOLID: Texto teatral e a poesia em Soares Feitosa.

“nas mesmas métrica e rima certas, por linhas... cegas... do Ontem! A quem prestam contas os galos?”
(“Rio Macacos”, Soares Feitosa)

O poema pode ser épico, como é o de Gerardo Mello Mourão (“Os Peões”), pode carregar o movimento nascido a partir do Romantismo francês do século XIX, o lirismo, como é o de Alexei Bueno (“Em sonho”), pode ser polémico como é o de João Cabral de Melo Neto e pode ser teatral como é o de Soares Feitosa.

Nítidos traços de Mourão nos seus traços, mas a marca maior salta aos olhos, a teatralidade. Diferencia-o de Mourão, entre outras coisas, o fato de não ser épica a poesia de Soares. A

invocação de cenas da natureza, de histórias enredadas umas nas outras o aproxima de G.M.M.. Se este último, em “Os Peões”, apresenta com mestria a saga dos Mourões, Soares desliza para um espectador de cenas menos heroicas, com menos aventura e perigos.

A habilidade de evocar histórias sem fugir do estilo do poema e não ser épico acaba dando teatralidade ao seu texto. Não poderíamos esquecer de citar Shakespeare que, na verdade, foi um dramaturgo, no entanto suas peças/poemas se incrustaram no imaginário de qualquer ser letrado como poesia mais pura, mais cristalina e mais lida.

Outro dramaturgo, contista e poeta, a ser lembrado é Bertolt Brecht e, quanto ao tema, Soares está mais próximo do alemão devido à maneira, muitas

vezes árida, quase encardida de representar situações. Não traz, no entanto, o lado ideológico-político, sua função quase didática que o dramaturgo deixou em sua obra.

Soares não faz teatro pelo mesmo motivo que não conduz prosa nos poemas em análise neste ensaio. Não há narração, o que diferencia a prosa de ficção da poesia. Quanto ao texto teatral, faltam-lhe as rubricas, que é uma espécie de narração e a intenção explícita de um dia levar o espetáculo com seus atores, porque tal estilo só se completa com a encenação. Independente de estilos e pares, percebamos os versos que encabeçam o ensaio. Podemos derivar para onde quisermos se ficarmos só com eles. Existe mais, o poema inteiro, seu contexto.

Soares chega ao ápice do fazer poético, dá-nos um portal com seu verso de inúmeras entradas e saídas. Esbarra-se na definição de poesia e no conceito de obra aberta de Umberto Eco. As possibilidades de mensagens são inúmeras, porém não se perdem nos ruídos do caos (como um portal da *Internet*). Há uma linha mestra, o Eu poético, que direciona o imaginário do leitor sem a tirania de um conto de fadas nem a inabilidade de uma prosa mal colocada. Vejamos: “Nas mesmas métrica e rima certas [Remete-nos aos *Lusíadas* de Camões], por linhas [faz-se viagem por poesia como atesta o *Odisseu lusitano*]... cegas [remetendo à lenda do descobri-

mento às cegas do Brasil] de Ontem [Shakespeare, o teatro, as influências]! A quem prestam contas os galos? [o labor gratuito do artista pontual no seu desejo]”

Outro:

“Nem saberia dizer onde moro exatamente.

Desconfio que habito dentro de meus dentes.”

(“Habitação”, Soares Feitosa)

Soares é nosso contemporâneo e se pode dizer dele que integra o movimento nascido na França em 1924, não esgotado até hoje, o surrealismo. Somente a lapidação preciosa de uma escrita automática poderia produzir os dois versos de “Habitação”. Além disso a interpretação não é o principal objetivo e sim o efeito desconstrutor-reconstrutor que atua sobre nós logo naqueles primeiros versos de “Habitação”.

Mais outros:

Aqui também – ela disse – esse velho à balaustrada, ele grita o tempo todo:

“Não é aqui não!” –

Ilha por ilha.

Imaginas que o mandei gritar – contra ti?

Ilha...?!

É no convívio dos espelhos, mulher, mulheres, que te queres bendita: o passo da graça, nem que seja à maneira de desembrulhar teus mortos.

Haverias de te esquecer de ti porque das outras, o Poderoso não falava a sério, acho que não: (“Não é aqui não”, Soares Feitosa)

“Para Eugen
Como se
um crepúsculo de mar,
uma viagem longa, muito longa,
Ela
dissertava sobre Eugen.
Em cambraia e linhos, Ela
dissertava sobre Eugen.
As mãos,
os dedos longos... e os olhos, em
contraste súbito.
.....”,
 (“Para Eugen”, Soares Feitosa)

Toque do movimento simbolista de finais do século XIX e início do XX, o nascimento do verso livre. Podemos dizer com liberdade que em Soares vários prismas se constroem. Nenhum poeta, apenas lírico, romântico ou épico. O poeta faz poemas e os movimentos se misturam, bifurcam-se.

Não é apenas o surrealismo que não é uma escola artística. Nenhuma obra de arte está aprisionada à escola que lhe vestiram, que lhe influencia, mas também nenhuma obra de arte poderá se descontextualizar, pois estará negando a si mesma, a sua própria existência.

O que importa na obra é o desejo do autor, sua assinatura, que ultrapassa também o estilo pessoal. No caso de Soares, o prazer de singrar uma história no mármore do poema, fazer brotar cenários, sejam eles oníricos como é o caso destes versos últimos, sejam eles realistas como é o caso de “Rio Macacos”. Como todo grande artista, Soa-

res é múltiplo e sua arte portentosa.

ERORCI SANTANA: Não é aqui não, poema em que a grandeza se sente no cerne do enigma e que, como qualquer poema seu, tem o condão de irromper de maneira abrupta na vida da gente, como aquele canto surpreendente das sariemas, cuja forma sonora nem de longe faz supor emitida por bicho de pena, mais lembrando o ladrir dos cães em perseguição à caça. Em seu canto há algo de urgência e premissa, de movimento rápido, intrépido, ziguezagueante, imprevisível: a algaravia que se abate sobre o silêncio, a flecha ou projétil súbito que instaura a desordem dilacerante na ordem simétrica, cíclica e circular da carne. É tudo muito intempestivo e bonito. É uma canção travessa e irrefutável para combater o sono dos mortos. Mas o que há de mais admirável é que ela não parece intencional. Anuncia-se como o inferno adrede, um sonho – e como sonho, involuntário. Entra-se forçosamente no seu poema, à revelia e sem ser convidado, quer dizer: existe porque existe. Como disse Angelus Silesius, “Floresce porque floresce”. Principia com motes absurdos e inesperados, na contramão de toda expectativa e se desenvolve com requebros e soluções inusitadas. É esteticamente novo, original pelas cisões do pensamento e pelo desdizer mais que dizer. Fica anotado.

MRIGÊ QUIRINO MARCHINI:

Tudo nesses poemas é novo: a sintaxe, a semântica. Inalterável, porém, o místico poético que eles criam. Uma delícia de imagens sacrossantas, a sua contemplação da vida (“As Carnaubeiras”), através da morte do grande Octavio Paz. Poeta que você nos traz presente em seu “Dios insaciable”. Um componente de duas poéticas, a sua e a dele, numa conjunção planetária de grande força. E, no espelho da natureza, das idades, dos desencantos e encantos do “Não é aqui não”, vemos bem fundo nos nossos olhos que ali se interrogam, o Tempo. Tempo verde de um orquidário. Imenso.

NELY NOVAES COELHO: “Não é aqui não”. Emocionou-me; é denso e vibrante de paixão, como tudo o que escreves.

REGINA SOUZA VIEIRA: Um Eu lírico voltado para o que está distante, para o que existiu quando “houvera/ um tempo”, quando houvera um entardecer, quando houvera “o olhar/ali,/ até.”, um lampejo de luz testemunha daquele momento que, de fato, acontecera. Um momento talvez único, concreto, “Verdadeiro(s): o tempo-espera, o tempo-só” pois “O resto, tudo volúpia!”. Ah, quantas alusões e intromissões no imaginário, na sensibilidade que vão transpondo em versos uma ânsia que ultrapassa o trajeto normal dos acontecimentos: “aonde vais

nessa fúria?” Só o poeta Soares Feitosa, tão impetuoso quanto o seu Eu lírico talvez responda a esta pergunta que só acrescenta ao questionamento uma dose a mais de mistério. Mistério que o Eu lírico enfatiza como sendo particularmente seu: “– Fui eu!”.

SONIA ALVES DIAS: Voltei! Fiquei longe muito tempo, num pensamento transbordante da imagem de NÃO É AQUI NÃO! Estou aqui, donde nunca saí verdadeiramente. Da balaustrada, grito em alto e bom som:

É AQUI SIM!

É aqui que contemplo meu amigo, que te escrevo, que te chamo para “papear”. É daqui que saem meus bons sentimentos, as coisas boas que ainda me prendem a está vida meio má. Estou muito feliz que você esteja por aí, e que

Não é Aqui Não
continue tão presente para
mim...

“Sim, agora respiras, vê, o
espelho embaçou-se!

Vamos, eu já te levo, só a ti!”
E eu me fico aguardando que o
espelho não minta para mim ou
me diga: Não! Não é aqui Não!
Mega-Hiper-Beijo, SoaresFeitosa.
Sonia A. Dias

*H*abitação

Nem saberia dizer onde moro exatamente.
Desconfio que habito dentro de meus dentes.

Doutras vezes, a penugem dos canários,
e era ali, naquelas sedas, penugem e cor,
que eu me mudava para minhas mãos,
senão os gatos, o dorso, viajava neles.

E se um pássaro súbito:
não pelo avisto, pelo ouvido porém;
(o som é que é súbito) – e outra vez me mudava,
era só ouvidos.

Para os meus olhos,
eles se esbarraram – sobre todos os horizontes –
em cima da beleza:
clamassem os dentes,
clamassem as mãos, clamassem as oiças,
a pele também clamasse – qual nada! –
haveria de engolfá-la só com os olhos –
anos a fio moro neles.

Um dia morei sobre o peito de minhas mães,
branca e preta, as mães,
(todas verdadeiras)
na mesma medida, agora, assim,
minha banda-fêmea
te regaça:
desta vez
“mulher”,
sou tua “mãe”.

Pousa, amor,
te esbalda na cavilha deste peito-pulso
que pulso de pulsar te estremece:
teus dentes, tua-inteira, toda-tua,
tua cara, teus cabelos, tua pele – tudo – e alma;
deixa-te cair neste infinito-agora.

Terminei de sair dos meus dentes, dos meus olhos,
das minhas oíças também saí;
habito agora apenas esta minha mão;
sou apenas esta mão:

nenhuma diferença entre todas as coisas,
um dia quis pegá-las, mordê-las; mão,
o calor de tuas sedas.

E se dormires
recobrirei respeitosamente a tua nudez,
que é só tua –
pausadamente, pousa
o hálito
na cavilha deste peito largo:

dorme, amor,
sossega,
da
tua
nudez – sossega –
que da aurora,
vigilante
eu tomo conta.

ADRIANA PATRICIA DE SOUZA: Soares Feitosa, só pode ser você o autor de uma poesia que se inicia mais ou menos assim: “Desconfio que habito sobre meus dentes...”. Se for você, me passe mais poesias suas. Sou uma apaixonada por poesia e quando li a sua senti um calafrio de prazer. Eu não seria capaz de escrever algo assim, mas me identifiquei com suas palavras. Vou ficar esperando seu retorno. Abraços

ANTÔNIO MASSA: Mestre Feitosa, poema imenso de lindo. Ainda não consegui parar de ler. Passei toda a noite assim com os beijos tremendo e o coração palpitando.
Antônio

BÁRBARA JÔ: Estava passando pelo JP e fui ler “Habitação”. Pensei já tê-lo lido, mas não sei porque me pareceu tão novo... Tão profundo como os mares nunca dantes (com o perdão do lugar comum – confuso?). Bem, fui lendo-lendo e de ir-indo tanto fui gostando. Identifiquei-me em cada linha, cada palavra e ainda mais nos olhos que anos a fio também moro neles. E não precisam reformas! E cheguei ao trecho (por que cargas d’água todos teus poemas dizem coisas????). O trecho:

“clamassem os dentes,
clamassem as mãos, clamassem as oíças,
a pele também clamasse – qual nada! –
haveria de engolfá-la só com os

olhos –
anos a fio moro neles”.
Identifiquei-me em cada linha, cada palavra e ainda mais nos olhos que anos a fio também moro neles. e não precisam reformas! E cheguei ao trecho (por que cargas d’água todos teus poemas dizem coisas????). O trecho:

“desta vez
‘mulher’,
sou tua ‘mãe’.
Pousa, amor,
te esbalda na cavilha deste
peito-pulso
que pulso de pulsar te estremece:
teus dentes, tua-inteira, toda-tua,
tua cara, teus cabelos, tua
pele – tudo – e alma;
deixa-te cair neste infinito-
agora.”

Fiquei zonza. Que tens de bruxo?

“E se dormires
recobrirei respeitosamente a
tua nudez,
que é só tua –
pausadamente, pousa
o hálito
na cavilha deste peito largo:
dorme, amor,
sossega,
da
tua
nudez – sossega –
que da aurora,
vigilante
eu tomo conta.”

Sinto falta do tempo futuro – do dia que virá, do Menino, de Êsquilo – será que ainda virá? Pre-

ciso sossegar minha nudez, preciso entregar minha alma, SF, sem medo, nas mãos que a saberão vigiar. Sei que sinto saudades de mim. Babi

CARMEN BELTRÃO: SF, desconfio que sabes bem onde moras, dentro de teus dentes, nos canários, regaço-mãe, cavilha funda, ou mãos profundas que averiguam a noite que deita sobre o teu amor inerme (nem tanto porque vigias o portal de seus sonhos). Bem, como eu ia dizendo, desconfio que sabes que habitas em todo e nenhum lugar, a não ser nesse cometa-pensamento que te rasga o céu flamejante da poesia.... Que, curioso, vem através de tuas mãos, aconchego carinhoso que transborda o teu amor, trazida no dorso dos teus pássaros-viagens, forjada no teu peito infante e homem sob o adubo generoso do regaço materno que um dia incorporaste. É, meu amigo, desconfio que desconfias que de par com a poesia, voa, irremediável, tua alma... Melhor para todos nós, que, de lambuja, sorvemos o encanto que te liberta.

DANIELA MAIUMI USHIZIMA: Feitosa, muito melodiosa, cheia de ternura e calma. Como se contasse a história de um mundo onde tudo se transforma, sem contemplação da perda, mas o deslumbre da eterna mutação, algo tão inerente ao nosso universo... Embora não olhemos sempre por esse prisma. Daniela

ELOÍ ELISABET BOCHECO: “Habitação”, de Soares Feitosa. Esse poema é puro espanto. O que verte de água desse seu texto! Quem vem beber, volta; ou de saudade da água fresquinha, ou de ânsia de decifração. Eloí

ERNÂNI GETIRANA: E depois dizem que as palavras são para ser... ditas. Pode ser. Mas, certamente, para ser ditas do modo que a vida é feita e parida. EMPATIA PURA. É o que esse poema provoca na gente. A capacidade que SF tem de burilar as palavras sem arranhar-lhes as entranhas, mas, ao contrário, preservando a docilidade de cada uma delas, com seu travo próprio, sua maciez específica, sua casa-ideia metafórica, isso é o que é. Elas, as palavras, essas bichinhas arrebanhadas por SF, nesse jeito todo seu de nordestinizá-las, alinhavando-as com benzeduras, coisas do agrado do polígono (secamente e ainda belo) lugar-alfabético onde o poema de SF ganha voo usando as correntes ascendentes da sensibilidade. HABITAÇÃO: Homem-tatu, caracol, metalinguagem esgueirando-se por entre as frestas da poesia, ela também, casa dos deuses e, na verdade, casa de qualquer homem que ousa debruçar-se sobre si mesmo nessa casa-planeta que habitamos todos nós, filhos da palavra, habitação da esperança. Ernâni

GLAUCIA LEMOS: Habitação tem, no seu delicado lirismo, um

sabor doirado de uma coisa que há muito tempo não me tenho concedido colher da vida. Ou não tenho sabido colhê-lo, se o encontro. O gosto de quem conheceu as muitas moradas dos sentidos ao longo das pequenas/grandes alegrias prazerosas; do suave ao tato, do enternecedor à audição, do deslumbrante à visão, até o achado definitivo daquele pouso-alumbramento-por-inteiro, aquele único que só quando se merece a graça de alcançá-lo, se reconhece.

IOSITO AGUIAR: Aquele que esperamos – ou que nos espera – sem que mera premonição nos adiante onde , em que morada, em que sítio, em que local, em que olhar, em que corpo, em que alma, o encontraremos. Repousa na cavilha do meu peito. Na doação desse peito, na entrega desse eu-tua, define-se a habitação que em oferecer repouso está a recebê-lo e em se fazer doação, aprofunda sua âncora. Ouço sempre uma canção da MPB, não sei o autor, na qual, sem rodeios, com a simplicidade sábia dos simples, se repete o que todos sentem, mas poucos disso se apercebem: não se pode ser feliz se não for por poeta gerou. E daí? O cumpade Roseno tem razão quando diz ter sido muito bom, o poeta ter-se voltado para os versos depois dos 50. O intelectualismo – esse estrupício do “Scholar” – felizmente não teve tempo, nem chance de contaminar a cacimba de 5ª dimensão onde bebe o

poeta. Assim, no caldeirão daquela cacimba, vemo-lo misturar elementos variadíssimos, que resultam numa poesia desconcertante para a pessoa comum. Como definir aquela poesia? Antônio Massa tocou o cerne da coisa quando falou de Salomão. É isso. O infinito não existe na nossa realidade porque ao homem (comum) não foi concedido tempo suficiente para contar a eternidade. Mas, aos poetas, aos iluminados e aos JIVAS (homem perfeito após a evolução pelas sete rondas de vida), com acesso à 5ª dimensão foram permitidos compreensão e domínio do infinito. Então, se se é poeta não é preciso ficar em silêncio ante o calidoscópio de emoções que o poema HABITAÇÃO desperta. Ocorre-me revelar um tete-a-tete que tive com as musas Erato (da poesia lírica) e Calíope (da poesia heroica). Elas me contaram que da união entre Urano e Gaia nasceram os titãs e as titanides, seres divinos e portadores de forças elementais. E que de todos os titãs, o mais importante para o desenvolvimento do mundo foi Cronos, o mais jovem de todos, o senhor do tempo e que engendrou os Olímpianos que, como você deve saber, são os deuses, os poetas e os Jivas. Por desentendimentos que só a divindade explica, Cronos matou seu pai, Urano, encarcerou os irmãos todos nas trevas infernais mas deu prosseguimento às obras paternas. Gaia se indis pôs com ele e predisse sua mor-

te por um de seus filhos. O maluco, então, passou a comer a própria prole. Réa, sua mulher, e que estava de novo grávida, procurou a sogra e pediu proteção para salvar o filho que estava por nascer. Gaia escondeu-a na ilha de Creta onde teve Zeus, que cresceu sob a proteção da mãe e da avó. Zeus destronou Cronos, obrigando-o a devolver todos os seus irmãos que ele havia devorado. Como todo deus, Zeus cometeu atos imprudentes e impulsivos. Era um insaciável. Casou-se muitas vezes, inclusive com sua irmã Demeter, que lhe deu uma filha de nome Perséfone e que possui a lenda mais bela e comovente de todo o panteão helênico.

Eu queria mesmo era falar um pouquinho de Diônisos, outro filho de Zeus com Semele e tão querido do véio Gerardo. Ele personifica os potenciais da videira e do vinho. Sua mãe, Semele, foi a grande amada de Zeus e, por isso mesmo, vítima da perseguição e fofocas das irmãs. É... lá entre os deuses também havia disso. Por causa dessa fofocagem, Zeus teve de aparecer em todo seu esplendor para Semele. Ela não aguentou o impacto e morreu, estando grávida de Diônisos. Para salvar a criança que ainda não havia nascido, Zeus a tomou e costurou na própria coxa até que se desenvolvesse e pudesse nascer. Diônisos nasceu e foi criado escondido, embora sempre perseguido por sua tia Hera, que o enlouqueceu quando adulto. O

coitado girou, girou e foi bater com os costados na Frígia onde foi acolhido por Cibele (a mãe dos deuses) que o curou e purificou, para que ele pudesse viver sua glória divina. Diônisos andava sempre com o “Kantharos” na mão e esse era o seu emblema. Era um mulherengo arretado e até dizem que é pela ligação com Diônisos que os poetas tanto apreciam um copo, música de corda e sopro e, sobretudo, um rabo de saia. O segredo dos dentes que rasgam e esmagam para alimentar-nos, a maciez da penugem dos pássaros, a perfeição da curva do dorso do gato; a capacidade de ver e escutar e, fundamentalmente, de saber. Saber!!! É isso, meu coroné! Ponto, oras... Iosito

IURI DANTAS: Meu caro SF: Antes de deitar a mão com os comentários a respeito de “Habitação”, pergunto-lhe algo que aflige a toda minha geração de recém-formados e ainda estudantes em Comunicação: Será mesmo o diploma uma tortura necessária? Você que sentiu toda a comunicação brotar do cotidiano ao invés dos livros de Umberto Eco deve ter a resposta. Aguardo por aqui. Quanto à poesia, bem, todo poeta precisa de um conflito. O de querer se encontrar, tanto no macro deste universo que habitamos, quanto no micro de toda a carne que envolve este espírito inquieto, me parece ser a batalha travada em “Habitação”. Decerto que o verso precisa cantar por si só.

E consigo ver isso. Cada frase desperta de nossa inconsciência. Cada palavra é recortada de um corolário de dúvidas que “habita” o questionamento que lhe é intrínseco. Interrompo a rotina de meu dia para apreciar esta joia. Muito há o que se discutir e tentar descobrir nas entrelinhas de que se utiliza. O questionamento de saber até que ponto uma palavra é ou não metafórica me persegue durante toda a leitura do poema. A cada verso o debate entre a lógica e a poesia em essência permanece e se aprofunda à medida que o tempo corre e os olhos param em algum vocábulo específico.

Dentes

Mãos

Grande parte de minha influência vem de Mário Quintana, o velho bagual de Alegrete, e todo o surrealismo de encontrar moedinhas perdidas e descobrir a poesia em trechos de notícia ainda me acompanha. Mas o seu escrever me aparece como uma busca inconsciente pela insatisfação e a dúvida. Não será neste espaço e nem mesmo na conjuntura “tempo” em que me encontro agora que conseguirei explicar a profundidade de tal grafia em minha alma. Uma pausa profícua. Preciso refletir e deixar meus pensamentos ao sabor da brisa de novas considerações. Permanecerei em contato, mas volto a esse assunto daqui a algum tempo. Por ora interrompo. Um grande abraço e um brinde às histórias que

ainda não foram escritas.

JOCA DA COSTA: A “Habitação”, de Soares Feitosa. “Palavra é coisa ou pensamento? E a coisa existe quando não está nominada, configurada nos limites da palavra que lhe enuncia a existência? “O poema ‘Habitação’, do poeta Soares Feitosa, propõe um antagonismo como solução a este antigo dilema filosófico da identidade entre Ideia e Empiria. Ao afirmar que o Eu habita a própria mão e em seguida convidar à habitação da emoção posta na ‘cavilha do peito’ de um Outro, Soares Feitosa situa a tensão entre o Eu que se configura nos atos humanos e o Outro que se configura nos afetos, na alteridade, nas emoções. Tensão que funciona como fio de prata estendido entre o sensível e o desejado, a coisa e a vontade, o mundo e a sua representação. Como a aurora a que o final do poema remete, posta na vigilância do sono de um Outro, razão e emoção como compromisso ôntico entre o ser e o existir. “Mas Soares Feitosa ainda afirma outras habitações de si mesmo. Inicia o poema desconfiando que mora entre os seus dentes e desfia em seguida outras habitações possíveis ao fazer poético, lírica que abraça a onírica. Entre os dentes está a língua, esta pátria da existência que se constitui na tensão entre o Eu da empiria e os ‘Eus’ da cultura. “Pois que, como se fora deus, poeta cria mundos a partir da matéria sensível da palavra. “No poema ‘Habitação’,

do Soares Feitosa, a palavra é coisas e a ideia é mundos. Assim mesmo, no plural. Afinal, e por vias tortas, ‘na casa do meu pai há muitas moradas’.”

JOÃO JOSÉ DE SOUTO FILHO:

O Habitar desta poesia, que é carne, que é sangue pulsante, ocupa todos os pontos cardeais, ultrapassa terceiras intenções, avança e se nutre das vísceras do poeta, que bota para fora a heureka de todos nós, viajantes, que teimamos em ir e vir por entre sonhos e parlendas. O Habitar desta poesia não pede licença, invade alma e mostra a cara do poeta, as linhas da sua mão que nele se transmutam, e volta a ele, e volta à mão, que se faz mãe sem medo, que afaça o seu rebento no seio materno, que canta o seu rebento como canário. O Habitar desta poesia é a mulher que se apresenta em cada um de nós, que nos habita, seja como a mãe de outras eras, seja como a virgem que se banha nas nossas lagoas (quantas lagoas temos em nós?). O Habitar desta poesia merece a reverência do poeta. Um grande abraço.

JOAQUIM ALVES: Soares Feitosa, Poeta, Habitação: Simplesmente fabuloso. No sentido de nos deixar extasiados, com olhos nos tijolos, na areia, na pedra. A primeira vez que o li, fiquei mudo. E, não sei porque, deu-me uma grande vontade de escrever. POEMAS, claro! Joaquim

Alves, Lisboa.

LAU SIQUEIRA: SF, O GUARDADOR DAS AURORAS. Lanço meu olhar canibal sobre sua “Habitação”, caro amigo, querendo suprir as ausências nutricionais da minha alma com versos hermanos de Femina e Salomão. Versos que habitam o espetáculo portentoso de medir cada palmo, palmilhar cada metro... rosnar e surpreender os próprios sentidos. Lembro Rilke, Pessoa... não, não! Lembro as Odisseias, as Iliadas – novamente, como em Salomão. Qual nada... sinto-me mergulhar no desconhecido. Diante da vigilância da aurora, sinto-me ainda prosseguir em silêncio após o último verso. “Habitação” – esse poema dito entre os dentes começa e termina na expressão mais profunda do seu tear poético que, guardado por 50 anos, teve tempo suficiente de burlar-se para conduzir a obra e o artista da palavra que você é, no rumo do eterno. Isso é um segredo que só a poesia revela quando encontrada nas suas cavernas, em escaramuças intelectuais e sensitivas das mais distantes. E você encontrou-a, caro poeta! Desvendou mais uma vez o segredo, revelando a poesia em versos pincelados com avidez de pássaro e com a plasticidade de todos os descansos da retina. Cumprir sua “morada” é partilhar com as caravanas de anjos e duendes perfilados num horizonte que nos re-

vela todos os orientes e ocidentais. Mas, ao mesmo tempo, se faz universal demais para ser medido, tocado, urdido... a beleza desse seu novo filho comove por sucção, ao que parece. Sou imediatamente absorvido. Feliz pelo gozo estético. E diante da beleza, meu caro Chico, apenas respiro fundo. Recebo (faço questão) todos os seus átomos e todas as alegorias que me permitem sonhar e cavalgar nessa égua chamada distância para torná-la, a cada instante o meu próprio habitat. Grande abraço do seu amigo Lau Siqueira

LÍGIA NEVES: Soares, incrível! Como comentas tão bem da mulher e protege-a de suas inseguranças, contudo desta vez surpreendeu-me ao descrever os animais com tanta imaginação e criatividade espontânea. Parabéns. A habitação conjuga-se no tempo de estarmos diante da mãe-mulher e conscientizarmos do que é necessário de um respeito formal. Abraço,
Ligia

LUIZ NOGUEIRA BARROS: Nunca ouvi dizer que poeta morasse em lugar nenhum, que são todos uns loucos-andarilhos. Conheci um, Christiano Fernandes, que improvisava a tenda numa sombra. E agora esse outro louco, o Soares Feitosa, vem com essa história de habitar. E depois com essa outra história de respeitar, e cobrir a nudez

da amada, e tomar conta da vigilante aurora. Por amor inventam tudo. Até descobrem um lado feminino, contanto que agradem à amada. Uns ladinos conquistadores, esses poetas. Com plumas e curvas criam abismos, ninhos, para o amor. E agora esse outro poeta louco que tanto amo, o Soares Feitosa, resolvendo aninhar-se como se não fosse o maior dos andarilhos e amantes que conheço, e bom cabrito do Siarah. Luiz Nogueira

MARIA ALICE VILA FABRIÃO: Navegam os meus olhos – a reboque o coração, que sempre teima em deixar-se arrastar nestas viagens – através do desconhecido, do que se oculta para além dos dentes. A ferocidade!!! Como ir mais além na leitura, perante a ameaça de sermos destroçados no simples acesso ao mais recôndito da habitação do Ser? Venho de ausências – onde, em vão, busco a ausência definitiva. Por que não entrar, ultrapassar, então, autocida, essa barreira de agressividade defensiva?

A partir daqui, SF, devia eu própria erguer todas as minhas barreiras, regressar ao escaninho mais oculto de mim mesma e silenciar – proteger-me, contra a força do vórtice que me arrasta, rompendo-me, despedaçando-me, de aresta em aresta, paradoxalmente suaves, todas, terrível e dolorosamente suaves, todas!

Quão mais perigoso, e doloroso, no entanto, este mergulhar abrupto do outro-lado, na penugem dos canários, onde a metamorfose se processa, na viagem pelos sentidos, de Homem-dentes, Homem-Homem, em Mulher-Fêmea, Mulher-Mãe!!!

Dói mais, mas muito mais, ficar a saber, no ritmo acelerado dessa viagem – já lhe disse quão importante para mim é o ritmo, dimensão que envolve corpo e espírito, mas corpo também, ou sobretudo –, da existência, algures, por trás dos dentes-garras, da indecisa ambivalência da mão, da existência desse regaço materno e maternal. Como dói saber que ele existe!

“Um dia morei sobre o peito de
minhas mães,
branca e preta, as mães,
(todas verdadeiras)
na mesma medida, agora,
assim,
minha banda-fêmea
te regaça:
desta vez,
‘mulher’,
sou tua ‘mãe’...”

SF, quero chegar ao fim, rápido – que me sinto arrastada pela torrente, ondulada e frenética, desta psique/habitação hermafrodita: “te esbalda na cavilha deste peito-pulso” – diz, homem. Que de mais masculino que um peito-pulso, cavilha de peito largo, símbolo, no homem, da força-protectora correspondente à suavidade-protectora de um re-

gaço de mãe?

Habito agora apenas esta
minha mão;
sou apenas esta mão:

....
mão, o calor de tuas sedas.

....
E se dormires
recobrirei respeitosamente a
tua
nudez...
que da aurora,
vigilante
eu tomo conta.

Entre o mais puro erotismo e a pureza mais pura, é onde você habita, ondulante, no topo da vaga, na profundidade do sorvedouro, na quietura da água límpida, turbilhão andrógino que nos arrasta, indefesos para abismos ignorados.

É consigo ou comigo mesma que estou zangada? Deve ser comigo mesma, SF — porque sempre é comigo mesma que me zango, com esta incapacidade de resistir e dizer apenas: “Muito obrigada, SF, por ter escrito mais um poema em que há todas as coisas de que gosto...”, calando a minha fúria pelo turbilhão em que me lançou, arrancando-me à ausência voluntária; calando a minha fúria pela incapacidade de racionalizar o que sinto no seu poema, em palavras bem medidas, idas buscar a modernos e bem pensados compêndios de crítica literária. Assim...? Que dizer?

É nas profundezas de mim mes-

ma que o sinto, o seu poema. O reino da ausência de palavras. Após a minha tentativa frustrada de as procurar, algumas horas depois de ter iniciado a busca, vários telefonemas, duas visitas, um almoço, pelo meio, creio que só no abismo do inconsciente de ambos haveria possibilidade de comunicação.

Estenda o seu dedo: eu serei ET (lembra-se daquele simpático alienígena, vindo, como eu, de outra galáxia?), e também eu estenderei um dedo breve: um toque leve e as palavras serão inúteis.

Assumindo as maneiras de cá, diria apenas: e se pusesse uma vírgula a seguir a “pausadamente...”? Alargaria ainda mais a respiração desse pausadamente... [Alicia, pronto, botei a vírgula. SF]

Que, por agora, regresso, pausadamente, ao Nada, que “me deshabita”. Talvez uma viagem às origens: concerto no Instituto Cervantes: Guitarra espanhola – Turina, Torroba, ... Por que não me deixar cair num “infinito ontem”?

Um grande abraço – pelo “Habitação”!

Alicia

MARIA AZENHA: Meu Querido Poeta!

Tudo aquilo que é divino
Não tem varinha de condão,
Pois ser Deus é ser menino
Sem latim no coração!

Adorei seu Poema.

Abraço, Maria Azenha

MARIA DA CONCEIÇÃO CARNEIRO OLIVEIRA: Ave! Soares!

Que maravilha de ritmos que imprimiste neste percurso que meus olhos não cansam de viajar. Que horizontes ofereces a eles, que gratos, agradecem! Beijos. Frô

MARIA MAIA: Poesia do despedaçamento, feita sob a herança de Dioniso – o deus duplamente nascido – e da dualidade fundamental que tal deus promove: sátiro e bacante, masculino e feminino, beleza e fealdade, crueldade e leveza, regaço e perdição. Esta é uma tragédia dos tempos pré-pós-modernos. O ato amoroso é a habitação do humano. É dali que ele parte, sobrevive e se oferece em sacrifício para apaziguar os deuses, numa época em que milhares de humanos matam um deus a cada dia. O corpo despedaçado pelos dentes das bacantes em mãos, dorso, cabelo, peito, pulso e alma procura se restaurar no amor. “Sempre o mesmo acerca do mesmo”, advertia o grande Eudoro de Sousa, quando se tratava da tragédia. Gestada em tempos imemoriais para purificar o homem da hamartia (pecado original forjado no deicídio original – morte da divindade representada pela subida do homem do estado de natureza para o estado de cultura). E SF canta com sua pena-dentada a tragédia desta busca do desejo que

não objeta em nenhum lugar. Que passeia pelos fragmentos do corpo da palavra com horror e amor. Que despreza a distinção masculino x feminino – porque sabe que no ato amoroso esta dualidade se desfaz. Os olhos se detêm na complementaridade deste horizonte que encandeia. “Pelo ouvido porém” se apresenta o canto e SF se faz sereia. O homem ainda tem pelo menos a possibilidade de se deixar atravessar pelo canto da sereia. Canto que o desvia da ferocidade do narcisismo e o conduz para o mar do amor. Mar onde o eu, este tirano, “como corpo morto, cai”. Mar onde o eu se desfaz no outro, reinaugurando eternamente a vida. Mar que se confunde com o sertão, onde habitam as deusas mães, generosas nutrizes, que, vigilantes, sempre tomam conta da aurora da criação.

Maria

MIGUEL SANCHES NETO: Prezado Soares Feitosa. Belo poema. Os temas da habitação e do envolvimento erótico receberam um interessante contorno poético. E você escreve sem pagar aluguel aos que se julgam donos das habitações literárias. E isso é bonito, é necessário. Forte abraço do Miguel Sanches

MIRNA GLEICH: SF, teu poema tem um movimento que mescla o suave com o sensual, num verdadeiro bailado de energia e doçura. Além do mais: que gostoso esse sentir maior! E poder/

saber expressá-lo com tal serena melodia. Habitará no esconderijo de meus guardados especiais. Mirna Gleich

PEDRO NUNES FILHO: Que é isso, poeta?! A que alturas você quer chegar?! Creio que não pretende chegar a lugar algum. Poetas nunca chegam. São seres entre-mundos. Difícil alguém ser capaz de dizer o que você disse nesse poema. As palavras são suas, mas são minhas também. São nossas porque dizem o que cada leitor gostaria de dizer e não consegue.

RUTH DE PAULA: Vejo que o poeta se coloca no poema por inteiro (ou é o poema que se coloca por inteiro no poeta?). Todos os seus sentidos estão juntinhos ali, embora ele os coloque esquartejados; nem sei se “esquartejados” caberia para decifrar a profunda organização dos seus sentidos naquele momento. De fato, um momento de calma, tipo depois que os lobos têm a garantia da presa e ficam com ela entre os dentes sem se preocupar com as surpresas do tempo. Esses momentos nos dão um misto de fragilidade e força. No primeiro, nossos corpos são um não sei o quê que pode ter só olhos ou só bocas, ou até mesmo morar entre os próprios dentes!

Levitamos, é bem verdade e talvez seja essa a suposta fragilidade. Suposta, afirmo, posto que também nessas horas somos um

amontoado só, nossos sentidos de tão unidos se confundem, o que é olho “sente” o gosto da pele do outro, enquanto que a boca pode silenciar e “ouve”; o ouvido, de ser tão sensorial, fala; e as mãos, de tanto sentirem, veem a alma sobre o corpo nu. Transcendemos! Ruth

RUY VASCONCELOS: SF, o dístico inicial de seu poema “habitação” (“nem sei dizer onde moro exatamente/ desconfio que habito dentro de meus dentes”) foi uma das imagens mais bem apanhadas que li nos últimos tempos. Uma beleza. Também pela sonoridade (como todos esses “ds” e “ts” aliterando-se). Agora, a concepção que rege todo o poema – o corpo como casa ou templo – é bem interessante. E pela estereotipia que põem em cheque já a partir desse soberbo dístico. E quem somos nós para acharmos os limites precisos entre o que somos e o que deixamos de ser? Falo em limites precisos, mesmo. Fronteiras bem demarcadas. E desconfio que às vezes moramos fora de nossos dentes. Em comunhão com lua ou mulher. Afinal, o corpo é mais que uma mala, um jarro. ou algo que a gente pode rebocar daqui pra ali. Ou mesmo despachar na alfândega dos sonhos. Tão-só “morada do espírito”. Sorte de repositório, cisterna. Mas, claro, é nele onde inaugura o bom senso, a pureza da alma. E possui o olho, esse milagre. Essa janela mais porta (“o sol entra pela porta/ e o luar

pela janela”), como diz certo refrãozinho de nossa terra – talvez trazido de trás-os-montes. parabéns pelo poema. Ruy

VITO CESAR FONTANA: Soares, se bem nem conheço o todo de tudo que você escreveu, caro amigo, já esta tua HABITAÇÃO me bastaria para que eu soubesse quem tu és. Estou cheio de segundas pessoas para dizer direito aquilo que sei sobre o que nem sei, mas sinto. O poema-viscera habita mundi. Meandros de nós todos, apocalipse do uno, gênese do si mesmo, reverbero de espelhos espalhados no tisco dos olhares, minimalização maximizada do encontro da palavra e da imagem num quadro de Dalí. Penso que ler esse poema não o é. É um poema de se ver, palpável, sentido no colo e acalentado... é um poema-ser, com suas caras, lágrimas, bocas, intestinos, rebinbocando na parafuseta do juízo mais do que perfeito. E tu sofres, poeta, na feitura, no arremate, no afino, no jorro... Um poema desses não foi pensado, foi expulso, vomitado de orgasmo pleno, daqueles que doem nos ovos. Vito

O Prisioneiro

Trouxeram-me a prisioneira ao interrogatório.

Recusei-me às perguntas porque as respostas estavam ao passado. Sequer o futuro se lhe indagou; que também recusou perguntar, quando os carrascos lhe disseram:

– Pergunte o que quiser.



Ela apenas balbuciou:

– Eu sei.

Mentíamo-nos,
porque jamais nos víramos.

Decretei a prisão imediata de todos os carrascos.

Mantive a prisioneira sob algemas,
que ninguém é louco de manter
tesoiro tão rico ao léu;
mas, prudência maior,
soltei-lhe os braços e mudei as algemas
aos meus próprios pulsos.

Ela –
os gestos diziam que me seriam
sob afagos.

Deixei
apenas que os olhos, os cabelos úmidos

– Os meus? Os dela?

Era o chamamento.

ADAIL SOBRAL: Este livro, a caminho da gráfica, mandei voltar. Simplesmente fundador este comentário, desaparecido em maio aos “esquecimentos” porque passou o “Jornal de Poesia”. Desculpem-me. Vejam: Caríssimos listeiros (1), Acabo de receber, envio do Soares, a Iracema facsimilar, primeira edição de 1865, belamente ilustrada pela Côca! (2) Trata-se de uma ira-sema, posto que facsimilar, e porque cheia de semas, cenas, ira santa, santa iracema alencariana, termo que lembra “alavanca”. A disposição da obra na página é um ícone como os bizantinos, sem a conotação ideologicamente marcada, e muito injusta, de bizantino como coisa ruim! Esses ícones são uma manifestação da presença real da divindade, daquilo que a católica ocidental substituiu pela celebração epidérmica, claro que com exceções. A figura feminina que encima a capa, a disposição na página, que ocupa uma pequena mancha, reforçam isso: a obra vem “contida” em seu suporte físico. “Sustentam” a capa as inscrições “Oficina...” e “Imprensa...”. A figura da contracapa me sugeriu um movimento intenso, ação que, por não ter fim, nem por isso é menos completa em seus estágios, alcançando-se ao infinito (aliás, será que a pertinência intensa, aceita, visceral, ao plano local facilita paradoxalmente o alcançar-se ao infinito, ao global, tra-

zendo-o por assim dizer para dentro de nós?). Vi ali o Ceará, que não conheço no físico, mas no emocional e intelectual que me trazem o Soares, o Virgílio, a Côca, o Diatahy etc. e, no genético, meu pai cearense filho de coroné que quase me deu ao irmão major pra criar, para aumentar as chances, pai que, junto com a mãe, me pôs Adail no nome “pra ele ficar na frente”, esquecendo-se, em seu zelo, de que adail, adalides, é o navio de guerra que recebe os primeiros *blasts*, *balas*.

Mas que minha vida tem sido, no sentido chinês, interessante, não resta dúvida. *I have had more than my deserved share!*

Tenho sido agraciado para além do merecido! Aliás, lembro sempre que graça vem de *gratia*, de graça, dado, e não comprado com chantagens à divindade, ou com a lisonja, mais própria de quem quer fazer as vezes de Deus.

A ilustração da contracapa tem cara de intrusão, de algo que “não tem nada a ver”, de inconcebível no contexto. No entanto, situa o livro facsimilado no Ceará, seara, semeion, semente, sêmen de tanta coisa bela. A figura é uma rede, e a mulher da capa é o contrário de uma lenda do Ceará, e me lembrou da Frô e das outras mulheres lendárias daqui da lista.

A intertextualidade: a figura que é escultura comentada em poema do Virgílio, que desvela

seu intenso lado feminino, andrógino, e é retomada pelas figuras falsamente ingênuas da Côca, que mostram o masculino da mulher, sua força de eterno feminino ao lado de inferno feminino, *sine qua non* do encanto!

Intertexto retomado desde a *uroboros* do começo ao infinito da contracapa (e não é a *uroboros* o infinito mesmo, nossa condição humana de morder a própria cauda, coda?).

Isso me fez ver também nas figuras da Côca, que nada têm de *coke*, *choke*, as figuras mexicanas de anjos católicos com rosto de inca, a presentificação tomando o lugar da representação do colonizador, uma antropofagia sem Bispo Sardinha (o que ele queria, com todo esse nosso litoral, se se chamava Sardinha?)

Vi totens, Levy-Strauss e o mapa das histórias de linco, as figuras grotescas, isto é, anti-ordem ditatorial de não me toques, figuras de que falou com admiração Baquitim, o Baquitão no dizer do Soares.

Para completar a emoção litero-gráfico-musical-pessoal, o curumim sem nome, eu mesmo, confesso: era assim que meu pai me chamava! E o símbolo do Giordano, o “médico de livros”, arqueólogo da palavra, que vi um dia em missa de sétimo dia de um padre que confessava: a Cia de Jesus veio para cá cumprir as ordens da Coroa portuguesa! Esse Giordano arqueólogo da memória

literária do país, imperador Cláudio do livro.

E se tudo isso não bastasse, a Edições Cururu (sapo que não é sapo, e lembra curu-mim, mim curumim), “ataca” outra vez: “Dos Sapos e dos Livros – Três Pequenos Enigmas” (e que enigmáticos!) (3) O rosto, o rosto, da menina afegã, da acuada condição humana, do terror e da força. Os recortes que o Soares faz na foto são tomografia visual expressiva: destaque de muitos ângulos presentes naquele olhar.

O prisioneiro (4) da *uroboros* que é a mulher, o Soares admirador (sem crítica genética) do feminino, poema curto e profundo, narrativo, cuja real história/estória não está nas marcas, mas nos sulcos que deixa. O “recusei-me”, ao lado do título, tira o suspense, mas cria uma atmosfera fantástica.

Lembrei o Paraíso perdido do João Milton, que quando li a primeira vez não tinha como entender, mas que criou emoções de que a leitura “entendida” posterior se beneficiou e muito, como ocorreu com o Ser e o Tempo do Heidegger, poema puro, jogo etimológico (e mesmo ilógico e em outro sentido, dado por seguidores, perigoso: parece dizer que haveria um sentido originário a ser descoberto).

Oficina do livro lembra o sapaiteiro do exemplo do Heidegger sobre o que está só presente e o que está inserido como presença na copresença de todas

as coisas que formam um sistema), João mil-tons, o João da queda ao inferno, única a permitir entender o céu e recusar sua apropriação: o que seria de Deus sem seu outro, que lhe mostra a parte obnubilada dele? Faz sentido um Deus sem o adversário? Que na África é antes o embusteiro, o brincalhão, sem esse mal que lhe atribuíram e que não se assemelha em nada ao mal que causam hoje a 25 milhões de africanos portadores de AIDS! Lembrei-me do Jung, que disse “o que seria de Deus sem nós para o reconhecermos?”. Lembrei-me de mim ao dizer à mãe que tinha direito de errar, na época sem saber que errar tinha duplo sentido, que era vago, vagar, mas eu só via o antiacerto.

E esses comentários fecham, abrindo, o círculo de meu comentário que vem no papé 2 das Cururu, “Dos Sapos...”, em que eu defendia uma subjetivo-objetividade, um “objeito”, fusão objeto-sujeito da impossibilidade de realizar o sentido (tema de um texto que vou mandar pra minha página no Soares, junto com “Pássaro Provisório”, “Poemas Esparsos” e “Poemas da Maturidade”, com alguns outros ensaios, como o sobre o sujeito, sobre o autor, sobre a polêmica em Bakhtin, textos que meio que se repetem, mas sempre de outro ponto de vista, e quem sabe um sobre o “parasitarismo” como mecanismo de solapamento, sapocururu-

mento de discursos consolidados, sem entrar em polêmica aberta pra não ser calado antes mesmo de falar, tantos planos, ímpetos de fazer coisas, mas com textos sobre globalização para traduzir!).

Tenho de parar, pois não conheço domingo nem feriado há meses! O livro vai ser devidamente entronizado entre as coisas que desejo que queimem junto com meus restos para que a cremação seja gloriosa. Lançado no mundo, gemi, e será que dele sairei aos gritos ou na calma que o Soares aspira a ter antes mesmo de ir? As coisas a ser queimadas parecem matéria, mas são mesmo matéria no sentido de “a matéria de que são feitos os nossos sonhos” (Chico Pires na cabeça, ô mermão!). (5)

Abração a todas e a todos.

Adail

1. Listeiros: à época, 2000, por aí, a lista LITTERATURA, assim mesmo, com dois “ts”, tinha igual não. Maria Frô, era a “dona da lista”, fantástica.

2. Côca, escultora, esposa do poeta Virgílio Maia, vide “Estudos & Catálogos – Mãos”, comentado por Adail, pág. 63.

3. Dos sapos e dos livros – três pequenos enigmas, neste livro, página 205, também comentado por Adail.

4. O Prisioneiro, também neste livro.

5. A menina afegã, este ensaio de Adail, acima.

6. Chico Pires: Poema **PSI, A PENÚLTIMA**, em livro do mesmo nome. Uma raposa enlouquecida da sede e da fome, Seca do 93 (1993), pergunta ao seu salvador se o nome dele seria Chico Pires. Sim, Chico, de Francisco, do nome do santo do Canindé; e Pires, onde se coloca o lume, a luz, o fogo para queimá-la (?!), um diálogo muito tenso. Sim, a raposa ganha a parada.

ÂNGELO BRUNO: Poeta Soares Feitosa, recebi há já um tempo os seus “papé”, algumas obrigações, porém, retardaram-me o envio deste comentário. Fantásticos os seus poemas, criam uma espécie de imagem, feita, tecida palavra por palavra, e que, ao menor toque, parece desfazer-se. Aquele “O Prisioneiro”, principalmente, chamou-me a atenção. A simples frase, “era o chamamento”, cria um espaço escuro e criativo, do qual cada leitor tira a sua conclusão, ou “desconclusão”.

Maravilhoso. Ângelo Bruno

DAVID S. ALMEIDA: Caro editor, antes gostaria de parabenizá-lo pelo excelente trabalho que produz. Tenho 24 anos e não me canso de “viajar” nele prazerosamente. O fato é que “me apaixonei pela culpa”. Calma, vou explicar melhor. Na verdade sensibilizei-me com “O Prisioneiro”.

Belíssimo poema! Foi escrito na noite de 11/12/1999 em Fortaleza – quisera eu estar lá agora. Tempo e lugar. Mas, já que não me atreveria a questioná-lo sobre sua musa inspiradora naquela noite daquela praia... Apenas peço que me informe o nome do autor do quadro que ilustra o *link* que, no *site*, leva ao “O Prisioneiro”. Perdoe-me se sou inconveniente quando persisto. O fato é que estou “prisioneiro” da arte e preciso de um advogado poeta! “A culpa”, aquela ilustração iluminada pelo texto de “O Prisioneiro” – no “Jornal de Poesia”, louvado seja!! – realmente me fascina. A combinação do texto e da figura provocam em mim rara sinestesia. Por isso gostaria de potencializar tal sentimento atribuindo-lhe significado ainda maior com uma “tattoo”.

O termo “tattoo” é uma prosopopeia, isto é, representa o som – “tau-tau-tau...” – produzido pelas pequenas varinhas de bambu usadas por tribais para marcar definitivamente o corpo dos seus. Estranho ritual!

Será apenas mais uma tatuagem para os outros, mas, pra mim, terá profundo significado. Com isso carregarei comigo a culpa, consciente de sua existência e profundidade; na memória levarei comigo, pela eternidade, o significado de “ser prisioneiro” e, assim, terei elementos para valorizar suficientemente a liberdade a ponto de poder cumprir o meu mister. Serei – com a graça de Deus – repre-

sentante do Ministério Público, uma instituição humana que traz ínsitas virtudes que sei, posso cultivar. Mas não sem arte! Meu problema é o Direito, mais uma vez (ingrata ciência!). Não me sentiria bem em reproduzir em meu corpo arte alheia sem a aquiescência do legítimo autor, salvo se se tratasse de obra de domínio público, ou seja, “mors ultima linea rerum est”. Espero que tenha me feito compreender!

Aliás, conheço o “Jornal de Poesia” há mais ou menos dois anos e nunca havia atentado para a sua profissão, advogado tributário. Sempre lhe imaginei poeta! Mas saiba que além de toda minha admiração você goza, agora, de todo o meu respeito. Tenho perfeita consciência de quão difícil é perلustrar com êxito tais mares. O leviatã (ou Estado) é um poderoso guerreiro, um astuto inimigo. Rezo para que sejas vitorioso em suas batalhas!!! Assim me sinto muito mais à vontade lhe escrevendo. No primeiro *e-mail* não lhe revelei minha grande paixão, meu eterno desafio, o Direito e seus consecutários: a ética, a moral, as virtudes, a religião... Grandioso conhecimento! Peço a Deus diuturnamente para que me faça capaz de alcançar-lhe... Apenas peço, amigo poeta, isso é verdadeiramente importante pra mim, que você me responda e dê notícias do autor do quadro, se está vivo ou morto, diga-me, caso esteja vivo, com base no conhecimento que tens de teu

amigo, se este se importaria com o fim que darei a seu trabalho... E, se isto tudo não for possível, escreva-me e diga-me um pouco mais sobre a culpa.

Com imenso prazer, David

FERNANDO ALVES SALES:

Caro Soares: É uma grande satisfação encontrar, a esta altura da História, um otimista. E muito mais, um homem-de-ação. Parabéns, meu caro. Concedo-lhe minha admiração e meu respeito.

Doutro modo, falando já da sua própria arte, destaco especialmente “Convite à Flor”: som e sentido em fusão única. Não nego um primeiro estranhamento e preconceito pelo que chamo muito ousadamente de: “facilidade dos versos”. Passado e lido, chamo isto agora de sutileza. Sutileza é essência da poesia, poeta*.

Um cronômetro para piscinas, o mesmo. Agora “O que o tempo há de querer” é espantoso. Você fez o suco, triturou a cascadepois, não sobrou mais nada! E deu da graça aos amigos. Primor. “O Prisioneiro”, romantismo, amor, além dos olhos, da lei, da sociedade: o recôndito, inefável. Desculpe se sou breve, estes dias não têm sido bons.

Abraço, prazer,

Fernando Alves Sales

* Linguagem, estilo completamente próprios.

JOSÉ ALCIDES PINTO: Ao gosto da verdadeira poesia, ou da arte poética, Soares Feitosa, in-

ventor solitário e consciente de sua missão na literatura, recria seu universo poético do nada, como Deus criou o mundo, onde nada falta – da alegria da vida à tristeza da morte – extremos onde *flore* a felicidade e o amor. Com o conhecimento prévio de todas as coisas, do que existe e do que inexistente, imprime ao texto poético uma dinâmica singular. Seu trabalho em constante mutação enriquece sua poesia e a distancia dos poetas de sua geração. A palavra necessária, em seu emprego adequado, corrige as distorções e os ledos enganos daqueles que pensam que fazer poesia é arrumar colunas de palavras como quem faz uma construção para nela se proteger da intempérie. Não é esta a segurança que SF procura, ante a certeza e a dúvida de que tudo que nos corre o perigo de desabamento e da destruição, menos o amor.

Do amor premonitório. No inabitável, no inacessível, no incomensurável onde as matérias da alma humana se perpetuam para cantar esse imenso amor, pediu o nosso poeta uma inspiração divina, e de joelhos, sim, e iluminado, profeta de frente erguida para o céu, contemplou a estrela mais brilhante, ou cá na terra, de ouvido atento, o chilrear dos pássaros, a buscar o trino mais sonoro e mais doce para aproximar-se do regato de sua deusa-amante.

Poeta marcadamente cristão, mas também com as nódoas do pecado impressas na pele, ei-lo

dele cativo e escravo a inspirar penas e cuidados, próprios dos amantes apaixonados, como dizem Camões e Pessoa. Mas SF precisa da forma clássica do verso livre, moderno, para alcançar o objetivo desejado – decantar o amor que lhe fere o peito. E assim armado de metáforas audaciosas, símbolos e signos significantes, senta-se à sua escrivaninha e escreve os versos mais belos que possa imaginar. Esse descobridor de imagens e de ritmos estranhos, na musicalidade dos sons e das cores, levanta o simbolismo de sua escrita e reconstrói nossa poemática, dando à mesma um sentido mitológico universal, tal Dante e Virgílio, Camões e Pessoa. Soares mergulha na essência da história e descobre o sentido do verdadeiro e inatingível amor – amor eterno dos mitos que cria de sua fecunda imaginação e que a nada é comparado, posto que é do encanto de sua mente prodigiosa que se origina e o toma por inteiro, corpo e alma, floresce, vive, cresce, se expande ao vento, abarca o mundo e o alanceia.

Este amor está nas páginas dos dois últimos poemas que escreveu, recentíssimos, e que trazem os títulos NUNCA DIREI QUE TE AMO e O PRISIONEIRO, obras primas da literatura da língua portuguesa. Falar é fácil, inscrever esses poemas na mente do leitor é que é difícil, porque o inefável jamais se apreende pelos sentidos, mas pelos sonhos. Para que o paciente leitor não

saia desta resenha de mãos vazias, tentaremos mostrar o que não se mostra, dizer o que não se diz, porque as composições de Soares Feitosa, as composições de Soares Feitosa de que já falamos acima são para senti-las. Sugestões de leitura que cobram do leitor toda atenção e sensibilidade ao melhor entendimento de seus versos. Veja no NUNCA DIREI QUE TE AMO: Sem nenhum aviso,/as sardas de um rosto, vieram as sardas/ e eram notícia de uma navegação morena;/ uma voz rouquenha, como se abafasse/ o grito súbito sobre este porto/ de nenhum aviso.

Ficamos só nesta primeira mostra, pois já nos assalta o desejo de transcrever o poema por inteiro, tal o fascínio, o sortilégio e a magia de que estamos possuídos. Por que o dilema? O que nosso poeta esconder ou querer evitar seu idílio amoroso? Talvez seja escusável dizer do secreto ciúme que permeia a beleza de sua amada, já que essa traz sem nenhum aviso as sardas de um rosto, que eram notícia de “uma navegação morena”. Veja bem o leitor a originalidade da metáfora. E o poeta continua em seu mistério e em sua secreta confissão. Deixemos o intérprete em suspense, perdido nesse labirinto de emoções, mesmo porque não podemos desvendar o mistério da transcendência de seus versos. Abandonemos o poeta que não nos abandona e passemos ao outro — talvez o mais belo dos

dois ou quando já escreveu Soares Feitosa desde o seu livro de estreia, “Psi, a penúltima”. Não sei nem ninguém saberá como ele escreveu “O Prisioneiro”, poema do que nos ocupamos agora, não parece obra do ser humano, tamanha a inefável beleza que porta, o que nos faz lembrar Rainer Maria Rilke, quando diz que alguns versos dos seus “foram ditados por um anjo”: Vamos a um trecho de “O Prisioneiro”: Trouxeram-me a prisioneira ao interrogatório./ [...] Decreei a prisão imediata de todos os carrascos./ Mantive a prisioneira sob algemas,/ que ninguém é louco de manter/ tesoiro tão rico ao léu;/ mas, prudência maior,/ soltei-lhe os braços e mudei/ as algemas aos meus próprios pulsos.

Pressupõe-se que esta peça a que nenhuma outra iguala em nossa literatura, tenha sido mesmo “ditada”, o que nos leva a crer, verdadeiramente, que algum sopro divino conduziu o pensamento no poeta em estado de graça. O poema acontece num clima sobrenatural, num diálogo consigo mesmo, num prisma de encanto.

Não revelaremos o epílogo, nem saberíamos como fazê-lo. Cabe ao leitor inteligente e sensível imaginar, somente imaginar, o desfecho de tamanho enigma. JAP

Ma fi *Allah*

(Deus não existe)

Bateram palmas, muitas palmas, ao soneto do poeta Jorge Tufic, menos o monge cego, que fez uma careta, é claro, ao tema da prostituta. Vejam, o Coronel, ele mesmo quem recitou:

Vênus

Dá-me, Apeles, o sangue dos teus dedos
e as cores deste mar, espuma ardente
em que Vênus ressoa e se reparte
entre deuses e bichos, céus e terras,

para que a louve, prostituta imensa
feita de orgasmo e sol. Pombos e cisnes
a conduzem nos braços da Volúpia
onde ela exerce, pleno, o seu domínio.

Mas, de repente, queda-se cativa
de um mortal como Adônis. Tão completa
me parece esta deusa que seu brilho

tem, sobre nós, a calma perspectiva
de uma fúria saciada: um simples nome
que a eternidade rútila consome.

Jorge Tufic

– Um craque esse Tufic!, pois, já homem feito, é que fora arrematou o Coronel. Contou o Coronel que Jorge Tufic, nascido de pais sírios, no Acre (de- morar no Ceará), tinha um tio, Youssef, muito devoto, cristão do ramo maronita, como a mai-

oria árabe do Norte e Nordeste, onde o islã é praticamente inexistente. Disse que “tio José”, assim os mais novos chamavam o velho Youssef, andava para cima e para baixo com uma Bíblia debaixo do braço, sempre a lê-la no intervalo de um cliente e outro, inclusive no batelão do comércio.

O estranho era que o tio nunca permitia, a quem quer fosse, ler-se aquela Bíblia, aquele exemplar especificamente, editado em árabe. Ele mantinha outras Bíblias, no batelão e em casa, de diversos formatos e traduções, para quem as quisesse ler. Aquela, não; só ele a lia. Muito compenetrado, óculos na ponta da venta, um lápis perfeitamente apontado, enganchado na orelha ou enfiado nos cabelos; um canivete bem amolado no bolso, para, se necessário, refazer o apontamento do lápis... Então, o tio balbuciava as palavras que ia lendo, mas, quase sempre estava a tirar a vista do livro como se treinasse aprendê-las de cor e saltado, sem olhar. Ele, muitas vezes, sequer abria aquela velha Bíblia: recitava de memória, só nos lábios, sem som algum, parece que capítulos inteiros. Abria o livro onde havia “lido”; lia novamente, agora “com os olhos”, ajeitando os óculos; relia “de ouvido”, colo-



cando a mão em trompa à boca como se preparasse para um grande recital... E, mais uma vez, “lia” tudo sem livro algum. Se chegava um freguês, não havia problema: ele pegava a Bíblia, colocava-a num embornal que trazia consigo, no justo tamanho a não deixá-la exposta aos curiosos, despachava o cliente e recomeçava tudo outra vez.

Em determinadas passagens, o tio pegava o lápis e parecia anotar algo. Contudo, o que ele anotava, ninguém nunca leu, justamente porque não permitia que alguém tocasse naquele livro. Nem a esposa, nem os filhos, nem ninguém, em todo o Acre, pode dizer que um dia botou a mão em cima da Bíblia particular do velho Youssef Tufic.

Contou que tio José, por conta da preocupação pessoal com aquele livro, fez uma cavilha no colchão, onde, cuidadosamente o colocava. Cobria-o, a nivelá-lo com a superfície,

com um coxim de fios de algodão. Antes de se recolher ao leito, encerrava o dia com uma última e rápida leitura e, então, o colocava dentro daquele buraco que fizera no colchão. Cobria tudo com um fino lençol de linho e dormia, por cima, o sono dos justos. No outro dia, a primeira coisa que fazia era pegar a velha Bíblia de volta, e sair com ela por toda parte a lê-la, a recomendar todas aquelas anotações e comentar só consigo as passagens mais bonitas.

Contou que ficaram muito alvoroçados quando o tio, morto, todos correram, não a ressuscitá-lo, mas a levantá-lo da cama, para ler os segredos anotados naquele livro tão bem guardado.

Ora, o tio nunca comentava o que anotava, de modo que seria muito razoável supor segredos espetaculares, quem sabe, fórmulas e patentes de grande valor, ou, até mesmo mapas de tesouro, castelos e princesas encantadas.

Então, ele, Jorge Tufic, que, adolescente, já lia perfeitamente em árabe – os mais velhos estavam sem os “óculos de perto” – abriu o livro, página por página, e nele nada havia escrito. Crescente decepção, só na última folha porém, naquele canto em que as gráficas antigas davam uma notícia de como aquela edição havia sido feita — o colofão — lá estava, em letra miúda, em

árabe, o manuscrito do tio Youssef Tufic: *Ma fi Allah!*

– *Ma fi Allah?!*

– Sim, isto mesmo, traduziu o jovem Tufic: “Deus não existe!”.

– Como que não existe? – berravam todos ao mesmo tempo, o adolescente Jorge Tufic incluso. Além da decepção de nada encontrarem anotado naquele livro, pior, a certeza da condenação do parente.

Comecei achar que essas conversas nada teriam mesmo a ver com a Biblioteca deste presídio. O problema, ou a solução, é que o Profeta, dito Camundo, perguntou ao poeta Tufic se o lápis do tio tinha borracha.

– Sim, é claro! Os lápis, inclusive no batelão do tio, eram vendidos com a borracha, uma venda casada, de modo que se o menino perdesse só o lápis haveria de comprar o conjunto inteiro, mais caro, naturalmente! Naquele tempo não havia Lei do Consumidor.

O Profeta Camundo indagou se o poeta Tufic não vira naquele livro marcas ou fragmentos de borracha. Tufic cofiou os bigodes, pensou um pouco e disse que sim, tanto que a borracha que havia no lápis do finado, agora lembrava, estava bastante desgastada.

– Então, meu caro Tufic, seu tio está salvo, direto de Boca do Acre para o seio de Abraão! – disse o Profeta Camundo.

Confesso que fiquei sem fala ante o embuste do Profeta. Como seria possível?! Aquele indivíduo passara a vida enganando a família e os amigos como sendo um grande devoto, para, no fim, descobrirem que não passava de um reles incrível! E agora o Profeta estava a salvá-lo?! Foi demais!

– Por favor, senhor Camundo, explique-nos como o tio do poeta, um incrível, salvou-se!

Ele disse que o falecido tio do amigo do Coronel viajava na dúvida e na pesquisa. E, nos momentos da aflição, tomava daquela borracha e apagava a partícula negativa “Ma”, com o que a frase correta passava a ser “Fi Allah”! – Deus existe! Quando porém retornava-lhe a fartura, já no grau de aborrecimento, que nada aborrece tanto quanto a fartura em excesso, ele pegava do lápis e refazia tudo a caminho da expressão negativa, tal qual estava no livro, antes de morrer – *Ma fi Allah!*

– Só na angústia da tribulação é que surge, sem dar tempo para reescrever coisa alguma, a súbita mudança do bem para o mal ou do mal para o bem: a hora da nossa morte, amém! – disse o Profeta. E se benzeu.

– ?

– De fato, se a frase antes escrita era a má, quando a angústia da morte o afligiu, muito natural que a tivesse

mudado ao bem – desde que lhe desse tempo o Tempo. Assim o homem bom a blasfemar ante um pequeno temor, enquanto que aquele que já está no mal, ante um novo mal-maior, tem tudo para se reescrever da frase velha.

– ?

– Quem corre o risco de se perder é aquele que se acha achado, enquanto que o perdido só corre o risco de se achar! Isto mesmo! O Tempo! Quem disse que dá tempo a nada?! O arrependimento, é claro, vem antes do agitar-se à morte! Não deu tempo ao tio do poeta reescrever coisa alguma.

– ?

– Deus existe! – disse, tenso e grave, o Profeta. E, minimizando com a unha do polegar por sobre a ponta do dedo indicador, concluiu:

– Há um tempo, no esgotar do Tempo, em que não dá tempo escrever. Nem falar. Nem nada. Só um cla...

A senhora mãe do Coronel tentou enfiar a história de “os últimos serão os primeiros”, mas, ante o espanto geral que a “teoria” do Profeta causou, de que os condenados correm um risco maior de se acharem do que os bons de se perderem, saltamos, com este tesoiro na mão, para outro assunto. Nem eu me atrevi a perguntar ao senhor Profeta se ele quis dizer clarão ou clamor... ###

ABÍLIO TERRA JUNIOR:

Ma fi Allah!

Estimado Poeta Soares Feitosa, a começar do belo poema de Jorge Tufic, que nos lembra tempos e arquétipos ancestrais, quando a deusa Vênus reinava absoluta sobre céus e terras e espargia seu amor sobre pobres mortais, e, assim, dava seu exemplo e permitia a estes uma sexualidade plena e liberada de preconceitos, traumas e complexos, que só viriam a surgir quando os Sínodos, Bulas e Dogmas proclamados pelo corpo temporal, rico e opulento da Igreja, entraram em vigor, nos impondo um inexorável sentimento de culpa, o seu vibrante e envolvente texto vai muito além.

Ele toca naquela pergunta que, volta e meia, nos atinge e aflige, a nós, mortais, cujo precário estado é o de um imanente conflito: Deus existe? Ora, “tio José”, o velho Youssef, se permitiu, durante sua longa e lúcida existência, uma dialética e filosófica perquirição íntima (isto, de acordo com os dons dedutivos do Profeta, dito Camundo), só acessível aos mais nobres espíritos, e que o conduziu, sem dúvida, aos generosos e amplos braços de Abraão.

Esta vital e longa tese/antítese se exprimia em “Ma fi Allah”, Deus não existe e “Fi Allah”, Deus existe, ao passe e repasse de lápis e borracha, levando-o, no momento da Gran-

de Iniciação, a uma gloriosa síntese.

A luz e as trevas nos acompanham sempre, nobre Poeta, e oxalá possamos alcançar, ao fim da nossa constante lida, à conquista do velho Youssef, ou à de Victor Hugo, cujas últimas palavras foram:

– Eu vejo a luz negra!

Um grande abraço. Ao gosto da verdadeira poesia, ou da arte poética, Soares Feitosa.

ANTONIO PALMEIRA: Caro Poeta, tenho que ser, devido à profissão de engenheiro calculista, um matemático por excelência e, com o raciocínio matemático posso te dizer que a existência de Deus é como um ponto impróprio: Na geometria é onde encontram-se as famosas paralelas, ou onde a assíntota zera. Mas na vida (essa mesma onde fomos lançados) pode ser uma simples anotação em um velho livro e com significado alternado, de acordo com o estado de espírito de quem escreve, e isso corresponde também a um ponto impróprio. É só analisar os dois “pontos” que chegaremos a tal impropriedade.

Mas vamos deixar esse assunto complexo e dar uma volta a cavalo ou mesmo a camundongo (“mouse”, como querem os gringos), e quem sabe a gente encontra alguma propriedade desse ponto impróprio, perdida entre as linhas dos poemas ou entre as moitas das margens das estradas.

LUIZ PAULO SANTANA: Poeta, sobre a lição de centauromaquia mandei-lhe um comentário que você já incluiu. Esqueci-me de comentar os quadros: o de Blake, como sempre impressionante, vitorioso, utópico, e o de Victor M. Vasnesov, este último evocando, a mim me parece, o “Ser ou não ser...”, de Shakespeare, ou, o homem diante de sua morte. E se Hamlet encarna o poder e a dúvida diante do nada, numa perspectiva de fuga, o cavaleiro armado e seu belo cavalo de batalha decaem impotentes diante das caveiras e lápides, numa perspectiva de fim. Foi um prazer ler *Ma fi Allah!*: o velho tio do poeta Tufic, afinal de contas, com um simples “Ma”, transgrediu o óbvio, ele que tanto pensava (lembrando Lya Luft) sob o seu secreto e particular modo de revolver dúvidas, ou dúvida, mais especificamente, pois acabou por lançá-la tanto nas hostes familiares como entre os convivas da famosa biblioteca, Tufic sobrinho incluso. De propósito? Ou não deu tempo? Lembra Saramago em seu “História do Cerco de Lisboa”, quando o revisor acrescenta um “não” a uma única frase e muda toda a história. Ficção ou história? História ou ficção? Que diria de Jorge Tufic? Primeiro, uma figura muito simpática, algo ancestral – babilônio e sutil, conforme o soneto? Segundo, basta-me citar fragmentos do parágrafo final da carta que lhe enviou o poeta, agrade-

cendo o recebimento de “Réquiem em Sol da Tarde”, sobre versos de “Femina” (“Não lavei as mãos/pois tinham os sons/do teu corpo”): ... simples relâmpago de azulados e carnavais reflexos, nos confins desta tarde e deste sol que nos banha, redime e fortifica. Aqui ambos têm meus olhos, meus ouvidos e minha alma. Forte abraço,
LPSantana. BH/MG

RICARDO ALFAYA: Caro Soares, valeu pela inclusão de meu comentário na “lição decentauromaquia”. Sobre o outro texto, relativo ao poema de Tufic, gostei do poema, que, no contexto geral, lembrou-me a tentadora hipótese de que Deus poderia ser mulher. Aliás, seria muito mais fácil amá-lo se assim fosse. Todavia, nada mais inusitado do que imaginar que a existência ou não de Deus pudesse ser determinada a partir dos oscilantes caprichos de uma borracha, nas mãos de um indeciso poeta/profeta ou vice-versa. Parabéns a ambos pelos belos escritos. Abcs, Ricardo Alfaya

***D*a caixa postal aos corrós de açude (Visita ao poeta Ascendino Leite)**

Também sou velhote: sessenta, batidos neste janeiro recém. Jovenzinho, dezessete, dava meus primeiros passos no jornal. Depois larguei tudo, Fiscal do Consumo, de concurso, dos mais jovens entre os jovens. Mas à época do jornal, quando me ligava, de obrigação, aos jornais, acho que lia sobre um certo Ascendino, um besouro doudo, muito doudo. Distantemente, pois, o meu primeiro contacto com o seu distinto nome.

Bom, meu primeiro contacto paraibano deu-se por via de um Wanderley. Juracy Gomes Wanderley, sobrinho de um certo Verniaud, Verniô, um nome assim, do Tribunal de Contas da União, ministro. O sobrinho, Juracy, um “prinspo”, o irmão que não tive, fizemos parilha aos estudos de Fiscal do Consumo. Ele também passou, foi para São Paulo, morreu por lá, de grande saudade. Ah, o nome do pai dele, Jair Wanderley, irmão do ministro do TCU.

Ele, o amigo, diria Ascendino, naturalmente “Aicendino”, de “aicensão”, que é assim que os paraibanos reproduzem o encontro “sc”, mesmo que não haja “i” algum.

Bem depois, de ofício, virei paraibano: morei na Manaíra quase um ano, transferido de contragosto. Em seguida o Recife, 14 anos morei lá. E, por último, a Cidade da Bahia,

onde fiquei quase cinco. Aposentei-me e voltei – Fortaleza, mas sou dos matos, lá de dentro, daqui, Ceará.

Chegou-me o plano de dar um pulo até aí, a conhecê-lo. Futucá-lo de vara bem curta: conferir que existe (!) esse meu poeta auroral. Abraçá-lo.

Larguei caminhos! Saí, saímos, eu, mais um casal de poetas daqui. Pelo meio, lembrei-me dos endereços. Trago-os no computador portátil. Em Aracati, beira do rio e ponte, abri a maquineta e lá estava: Ascendino Leite, CP nº 3.065. Retrocedi, que já me acontecera igual, aliás, muito pior. Conto-lhe.

Cidade da Bahia, morava lá, me apareceu de correspondência, um convite aos peixes pintados, nas barrancas do Velho Chico, um poeta, gente finíssima, o Luiz Manoel Paes Siqueira. Disse-me ele: Petrolina, beira do Rio, aqui, venha!

Botei chãos de fome e léguas. Pois quando cheguei, de muito abafado e sol, procurei o endereço. Tal qual o de sua distinta pessoa, uma caixa. Bati lá. O moço do correio garantiu que ali, na caixa, não estava ninguém. Eu disse que sim. Ele disse que não. Afirmei-lhe que, de muito tempo, do primeiro rádio, na casa do coronel Honório Melo, passara a ter a certeza que ali, rádio, só podia estar de

gentes, cheio, muitas, ainda que gente miúda, nos conformes do aparelho. É tanto que cantavam, mangofavam, saltitavam, dançavam.

Não! Não era nessas TVs de agora, que aí a certeza é total – estão todos por detrás da parede! A gente é que não consegue falar com eles, mas falam com a gente, mostram coisas que, de grandes sem-vergonhices, nem sei com que coragem.

Era, naquele tempo, um rádio, de botões de girar, a caçar outros ajuntados de vozes. Sim, de voz bonita! Depois a gente via o retrato deles na folhinha do almanaque. Inclusive a foto do Gonzaga, Luiz, que cantava do pai, Januário, oito baixos; ele, oitenta. Mas o de oito ganhava do de oitenta, coisa assim. Nem sei se isto é certo, oitenta perder para oito, mas, na cantoria, perdia. Ou, o filho, de bom, deixava o pai ganhar. Era bom o Gonzaga, um homem vasto e bom.

E, para fazer aparelho igual, rádio, a gente botava besouros mangangás dentro de uma caixa de fósforos, uma imprudência, no bolso, os bichos roncando bonito, grosso e macio. Dizíamos que eram notícias da guerra, do rádio da casa paroquial, em ondas-curtas, em espiquíngles, que ninguém entendia, nem o padre. Mas para quê?! Era bonito!

– Então, meu caro, como é que não tem gente aí dentro?!

Ele disse que isto de procurar gentes dentro da caixa postal havia de ser por conta do sol quente na cabeça do cristão – e se abanou. Real, andava eu sem chapéu, como sem-

pre andei, e ali, naquela viagem, deixara longe o carro. Andei varas e varas de ruas até a acertar na caixa

– É esta aqui, meu senhor, de nº 317. Veja, não me enganei não! É esta mesmo!

Ele falou que o número da caixa postal estava correto; mas, gente, paciência!, não tinha ninguém lá dentro. Pedi para olhar na frincha como se fora um primo meu que, em frincha igual, no cofre da igreja, em hora esquiva, fazendo-se de devoto, com um palitinho de visgo, pescava dinheiros. Mas não levava eu palito algum. Nem visgos. [Um dia ainda lhe conto da pega dos besouros, na caixa de fósforos!]

De tanto insistir, o senhor dos correios disse que iria telefonar, como de fato, pouco tempo depois, em vez do peixe e respectivo anfitrião, era o zumbido de sirenes. Não sei se a dos incêndios, da polícia ou do asilo de doidos, ou as três, juntas.

Só pode ter sido por conta das rezas de minha mãe, me acorreu sábia e prudente a ideia de me escapulir ligeiro, gesticulando que o meu amigo, do outro lado da rua, já me chamava, com o caldeirão de peixes. Não! Não era não. Claro que não, nem amigo, nem peixes.

Não deu tempo ver que condução chegou por lá, de sirene aos berros. Esquinas seguidas, virei para um lado, para o outro, por sorte o carro estava no lugar, engatei marcha de força, dois, três, quatro... quinta-marcha, tudo ligeiro! Vareei sinais, barreiras, desviei-me dos bêbados, do pa-

jem de carros e, agora lá longe: a estrada. Eu nela!

Respirando, pude ver, num beira-de-estrada, na tabuleta, depois de um café tomado como calmante, que apregoavam codorniz — assada, no sal grosso, uma delícia. Protestei, aliás, apenas indaguei (era de prosa) pelo Meio Ambiente. O estalajadeiro murchou, acho que desconfiou da minha cara de fiscal, benzeu-se e me chamou discreto ao quintal:

– Veja, senhor, se eu disser que é pinto-de-um-dia, a clientela vai embora! Codorniz?! Nem lembro mais como era! Agora é pinto, doutor!

Ele abriu o chiqueiro, uma mala deles, piu-piu, mas estavam cercados de isopor, acústico, para que ninguém os escutasse, embaixo e cima, piu-piu, adeus, codorniz! Piu-piu, adeus, freguesia.

– É pinto, doutor! – disse-me o da beira da estrada.

Sim, meu caro poeta Ascendino Leite, era pinto. Castiguei no sal. Estavam ótimos. Botei lonjura nos pés e sumi no poeirame. Lá na frente, na tarde seca, a sede! De puro milagre, o melhor refresco de maracujá da face da Terra. Em jarra bojuda e copo, aliás, taça e jarra de vidro fino, cristal. Gelo em pedras, miúdas, estralando. Nos dentes. E no calor de dentro.

Eu disse:

– Não repetirei viagem de peixes à caixa postal! Vamos co-

mer um corró de açude!

– Corró de açude?! – Espantaram-se os meus companheiros, um belo casal de poetas daqui, que os levava a conhecer o poeta daí. Chamaram o proprietário. Ele garantiu que ali, no rio Jaguaribe, no mar, nem em canto algum da bela e fidalga Aracati, sequer em Canoa Quebrada, havia esse produto, corró de açude.

Torcemos o itinerário. Lugarejo Monsenhor Tabosa, “seu” Jeremias, um velhote bem encurvado e atencioso, tangia nas mãos muitos atilhos de corrós, visguntos e cevados, alguns ainda abrindo o bico, do ar faltante, água, aliás.

– Corre, menino! Atalha “seu” Jeremias, que hoje vamos comer corró de açude – disse-me a mãe.

Corrós, ditos carás, ditos tilápias, com casca, aliás, escamas. A madrinha, com uma tábua, e, na ponta da tábua um parafuso-taraxa de cabeça bem grande, como se fosse um pino – ré-t-rét, em poucos minutos os peixes eram limpos. Aos temperos de praxe, limão, vinagre, farofas, cebola vermelha, uma longa travessa com eles dentro. Um arroz ao branco, de solto.

E os peixes pretos e seus escuros, nas partes mais fritas, mas nem tanto. De sal e brilhos, os corrós de açude, no prato longo. Não e não! Recusarei qualquer descrição que os descreva.



Então, de um lado, a mão e sua colher — a mão direita. Do outro, o peixe à esquerda, mão, segurando-o, direto, com a mão, a mão esquerda.



– É assim que se ocupam as duas mãos – disse-lhes.

O casal de poetas confirmou que sim. Mas a mãe não deixava. Dizia

que eu não tinha idade de comer peixe com a mão. Havia de comê-lo, sim, catado por ela, pelas mãos dela, formando um montinho em que ia botando mais. A esquerda, mão, por enquanto, na frente dela, mãe, desocupada. Foi assim, enquanto estive lá, inclusive a passeio.

Botei pimenta pra cima do caldo do peixe, arrastei-o para dentro do arroz-pirão e perguntei se chovia. O proprietário franziu-se ao tempo e disse que sim. Um bom inverno, este 2004, confirmamos em coro. O sol era seco, mas debaixo dos cajueiros, sombra.

Reparei numa sombra longa, como se um despencamento no rumo do outeiro, alias, manhã. Porque estas coisas, noite e dia, são de uma só, a depender do olhar – o olhar de quem olha. Ascendino Leite, um poeta auroral. De manhã bem cedo há quem diga que já anoitece; outros dirão, da noite, em plena noite, que o

amanhecer é questão de minutos. O olhar de quem, só isto.

Ascendino Leite, novent’anos, auroras, sabe delas.

Não lembro quem me deu o endereço dele; acho que foi o Lau Siqueira, poeta, amigo. Mande uns “pápés”. Ele, de pura generosidade, me chama de mestre. Mandou livros. Um deles conta uma viagem. Da porta de casa, com anotação dos quilômetros saídos, passeados, proseados, até a porta de casa, de volta. De todos os gastos, tim-tim por tim-tim, em moeda que nem existe mais. Uma viagem a Argentina, com o leitor de dentro.

L E M -
BRANÇAS DO
VALE



Não, não é o vale de lágrimas.

É ele, montado num carneiro, e a figura do pai ali de perto. Uma estação chuvas, que isto aqui só presta quando chove.

VULGATA (LIVRO MISTO)

Desnecessário o subtítulo, todos os livros de Ascendino Leite são mistos. A noite, o dia, com a prevalência da aurora. Ainda que ele escreva que não dormiu de noite, nem sabe se amanhece. É que ele incensa a Beleza e diz:

“Preciso pintar.

Preciso de um atelier.

Nele desnudarei todas as mulheres do mundo.”

Ah, velho doido! Dá gosto viver novent'anos e muitos mais. Assim, só assim. Termine de receber das mãos dele, via correio:

OS PESARES

É livro para ter sempre por perto:

“[...] As árvores que se deslocam como se tivessem pés de gente. E alma de pessoas. Carregando a verde coma ao sol a pino, andam. Milagre ou ilusão, o céu profundo participa. Ah, os bosques, a mata...”

Ascendino fala dos céus — ordinais, primeiro, segundo, terceiro — os céus de Paulo, apóstolo. Mas não é um livro religioso, no sentido fanático, digamos, um livro de crentes ou de sacristia. É religioso sim, na busca desse remédio quase impossível à existência em si mesma: o pacto, o pacto permanente com os deuses, acreditados ou não. Se não acreditados, tanto pior.

E traz um ensaio sobre o olhar, em pouco mais de meia página:

“[...] Com todas as desculpas, olhar é captar e adotar circunstâncias. [...]”

Mais não falo. Digo apenas que o título está errado. Ali não há pesares. Pelo contrário, bem leve me pareceu a canga sobre a cerviz de Ascendino.

Melhor que o leitor tenha o livro. Debaixo da rede, o meu; na cabeceira, por perto, a abri-lo à toa, de plena delícia, o teu exemplar, meu caro leitor.

É um diário não cronológico, todos os livros de Ascendino são assim; basta abri-los em qualquer lance, de poesia pura, no dizer de outro poeta, este aqui, numa vertigem ao destempo (Salomão), inédito:

“Desliguei todos os relógios, entortei-lhes os ponteiros, lancei-os ao mar.”

Poeta Ascendino, Mestre!, receba o meu abraço. Soares Feitosa.

Ceará, 26.4.2004, de noite.

Fizemos grande camaradagem. Era para ir vê-lo, qualquer dia, qualquer hora, mas a ceifeira chegou na frente. Um dia, ao telefone, ele me disse que já desejava morrer. Faleceu em 13.6.2010.

Nascido em 21.6.1905, cento e cinco anos.

* * *

ADEMIR DEMARCHI: Impagável essa sua crônica sobre o Ascendino! Grande abraço.
Ademir Demarchi

ADRIANA ZAPPAROLLI: Querido, dizer que eu gostei do texto é pouco, porque na realidade: eu adorei! Está uma delícia, realmente. Ao contrário de você, eu gosto muito de caixas. Adoro a sensação em abri-las, mas esta já é outra conversa... O texto está bem humorado e muito leve. Extremamente descontraído. Gosto de uma escrita assim. Obrigada. Mande-me textos

sempre, porque eu adoro. Beijos. Adriana

ALFREDO FRESSIA: Caixa Postal de peixes. Feitosa, Feitosa, entortar os ponteiros aos 90 é pinto. Quero morar em caixa postal e ouvir radinho de besouros. Ascendino eu lerei, mas quero que você conte mais dessas histórias (que eu sei que cê sabe) de mensagens de caixa com fantasma. Épicas. Lá nos matos-dentro da vida mesmo. Ouvir essas histórias é também escrever, sério. Escrevi hoje à tarde com você.

ANDERSON BRAGA HORTA: Excelente o texto, meu caro Soares, e pra lá de justa a homenagem ao nosso Ascendino, belo escritor em prosa e verso, amigo, nos seus noventa de perene juventude. Grande Abraço. Anderson

ANISIO LAGE NETO: Grande Feitosa! Obrigado por apresentar-me a Ascendino Leite e aos corrós de açude e, aproveitando o gancho, lhe dedicar este poema em reconhecimento ao seu imensurável trabalho à frente do “Jornal de Poesia”.

POETAS E PEIXES

Para Soares Feitosa
O que tem a haver poetas e
peixes?

Tudo! São criaturas que habitam
um mudo mundo estranho,

particular.
Para entendê-los é preciso
mergulhar...

Um abraço, Anisio Lage

ANA CORDEIRO: Caro amigo poeta, perdoe a intimidade de o chamar de amigo, mas para mim é como se já fizessem parte do meu círculo de amigos todos os seus poemas e o seu “Jornal de Poesia”. Fiquei muito surpresa nesta manhã com sua mensagem, muito obrigada. Fiquei no aguardo dos tais “papés” que disse ter enviado em Março, mas aqui nada chegou. Com muita pena minha! Por isso gosto bem mais da *internet* é tudo muito mais imediato. Embora se perca o toque, o cheiro, o consolo do livro poisado na cabeceira bem ao alcance da mão e da alma. O poeta Ascendino é uma doçura, conquistada por cada cabelo branco, por cada dia passado, por cada verso desnudado no papel, por cada inconfidência das suas palavras colocadas magistralmente em verso. E a sua descrição dos corrós de açude... de crescer água na boca. Todos os que leem é como se estivessem naquela mesa partilhando de tal divinal repasto. Aquele abraço lusitano.

Ana

ANTONIO CARLOS SECCHIN: Caro Soares Feitosa: você é bom em prosa & verso! Parabéns pela homenagem ao Ascendino. Forte abraço,
Secchin

CLAUDIO WILLER: Belo tema! Publique livro desses teus textos mas em forma de crônicas, coloquiais e fluentes. Você decididamente não tem cara de ter 60 anos. Abraxas,
Willer

DANIEL MAZZA: A tua prosa, como a tua poesia, é essencialmente telúrica. Gostei do que li. Preciso é conhecer um pouco mais da poesia do Ascendino Leite. Obrigado pelo convite.guardo outros. Um abraço, Mazza.

ELIANA BUENO RIBEIRO: Eu também, poeta, eu também aqui da beira deste corgo aqui distante, também engasguei com os corrós do açude nordestino, que nunca vi. Merci poeta, obrigado, amigo Soares, que bom lê-lo de novo. Um abraço destas lonjuras.
Eliana

Nota do editor: Eliana mora e ensina em Paris, França, dos amores de Ascendino, de ascendência cultural tipicamente francesa.

ERORCI SANTANA: Corrós, Ascendinos e outros seres formidáveis.

Feitosa, caríssimo. Essas tuas crônicas impregnadas de poesia são sempre surpreendentes, dispõem muitas lembranças que supúnhamos para sempre sepultadas. É que sua memória, pródiga, vasculha os detalhes, os lances aparentemente irrisóri-

os que dão grande transe poético. Inspira-me, pois eu também tenho esse gosto, essa inclinação. Deixa pra lá, pois já estou fazendo exegese. Poucas vezes tive nas mãos um atilho de corros ou uma feira repleta de tilápias, acarás. Quando tirava essa sorte nos poços de Minas ganhava o dia, a semana, a lenda pessoal, por muito trazia o imaginário saciado. Nunca fui ambicioso como Ernest Hemingway, que tinha apreço só pelos peixões marinhos. Penso igual ao Willer: essas suas crônicas darão um belo livro pra ser lido com muito gosto e encantamento. O Ascendino mandou-me, gentilmente, os nada pesarosos “Os Pesares”, última safra de seu jornal literário. Noventanos! Esse nosso grande poeta paraibano é mesmo uma lenda. Um esteta que merecia ter toda a obra reeditada por uma grande editora, com capricho, e distribuída em todo o país.

A homenagem foi bonita e merecida. Faça-a minha também. Archiabraço amigo, do Erorci Santana

FOED CSASTRO CHAMMAS:

Prezado Soares Feitosa, grato pelo enriquecimento de minha/nossa fortuna crítica no “Jornal de Poesia”. Posso com Ascendino Leite dizer, adotando suas palavras, que “olhar é adotar circunstâncias”. Seu texto de puro gosto barroco sobre o “auroral” poeta paraibano/brasileiro é um registro com sabor de poema-romance, ou conto. Agradeço por

mim e por André Seffrin, amigo sem par, suas boas palavras. Um abraço, Foed

IZACYL GUIMARÃES FERREIRA:

E que maravilha pro Ascendino o seu texto. Uma das coisas que mais aprecio na sua escrita é a visualidade dela. Vê-se o que se lê. Poucos sabem fazer isso! Abraço. Izacyl

JOSÉ PEDREIRA DA CRUZ: Caríssimo poeta Soares Feitosa. Qual foi a minha cara no momento em que recebi sua correspondência (“Jornal de Poesia”) – que se diga, a primeira que recebo –, laureando-lhe de gentilezas, de cordialidades e de reconhecimentos oriundos de personalidades e de anônimos? – Creia, minha cara foi de intensa felicidade, meu caro poeta!

Como por premonição, antes do carteiro entregar-me o “Jornal de Poesia”, eu lia, satisfatória e dedicadamente, o seu poema “Femina” e nele eu me envolvia tentando entender o porquê e a razão de tão belas palavras dedicadas à mulher; só poderiam ser palavras de um homem de sensibilidade e de alma lírica como jamais eu vi, ou li. Senti nas letras de “Femina” todo gesto de carinho e afeição à mulher amada. Depois, parei por um breve momento e pus-me a refletir: todo poeta deve ter duas vidas: uma, a da razão; e a outra, a dos sonhos. Que bom que o sonho e a razão vivenciem

eternamente entre nós pobres sonhadores. Li, com aguçado interesse, o conto “Da caixa posta aos corrós de açude: uma Visita ao Poeta Ascendino Leite” e senti suas labirínticas palavras, um tanto recheadas de poesia, florescerem como floresciam as malvas nos pastosos campos baianos que minha infância viu, e, que no topo da minha idade jamais verei. Em meus pensamentos – viajando na leitura – voltei a capturar mangangás e tana-juras tendo-o, senhor poeta, como cúmplice das minhas pecaminosas malvadezas. Quero aqui agradecer e registrar o vosso grau de bondade e cordialidade ao enviar-me a dita correspondência: o que me deixou muito feliz. Com todo meu respeito. Atenciosamente, José Pedreira da Cruz

LAU LIQUEIRA: Peixe na caixa postal. Que maravilha, Feitosa! Que bela homenagem, que percepção de mundo na vida e obra de Ascendino. Ele já conhece esse texto? Se quiser, posso levar às suas mãos. Lau Siqueira. Um abraço!

Um 2º *e-mail*

Feitosa, eu terminei a leitura do texto completamente emocionado. Mas... alguém chegou antes de mim pra entregá-lo ao véio. Eu falei com a secretária dele, ela ficou de passar lá no meu trabalho para combinarmos a visita, mas...

Bem, o que importa é que a ligação se completou. Você está de parabéns, meu amigo, e eu

também por ter um amigo da sua qualidade.

Um abraço!

Lau

LAURO MARQUES: Feitosa, eu quero chegar aos sessenta como você, e aos noventa como o A(i)scendino. Lendo o que você escreveu sobre esse último eu me pergunto: serei poeta? Chegarei aos cascos desse homem? Abraços. Lauro

LUCIANO MAIA: Poeta. Li “Da caixa postal aos corrós de açude”. Narrativa realista? Realismo-fantástico? Insinua-se entre o mágico e o plausível, entre a memória e o que disso ressoa. Narrativa com todas as letras que uma boa narrativa ostenta, com todas as possibilidades que uma boa fabulação acrescenta ao puro ato de criar literatura.

Obrigado pela oportunidade de uma boa leitura. Luciano Maia

LUIZ MANOEL PAES SIQUEIRA: Feitosa, li tua crônica onde me citas – a caixa postal que me persegue, o surubim que um dia ainda comeremos juntos! O que aprecio em ti, Soares Feitosa, é essa tua afetuosidade gratuita. É essa tua generosidade bem sertaneja, cativante, banguela e risonha. Essa tua afetuosidade limpa, tão rara, que me faz me sentir teu amigo de antigas datas, mesmo sem sequer te ter visto. Nem falo aqui de tua poesia. Nem de tua prosa. Teus tesouros dados pelo Pai. Falo de

tua capacidade de semear amigos. Um abraço.

(Vou imprimir tudo e guardar como quem guarda um troféu.)

Luis Manoel Siqueira

Nota do Editor:

Luis Manoel é o dono da Caixa Postal dos peixes de Petrolina. Claro, meu caríssimo Luis, vamos comer esse peixe, agora no Recife. Aguarde. Teremos companhia – levarei o Ascendino. Soares Feitosa

LUIS PAIS: Poeta, eu? Quem me dera ter esta pretensão! Escrevo, sim, mas longe de ter a sagacidade de tuas palavras sobre Ascendino Leite. Agradeço, de qualquer modo, o elogio – e olhe que ainda não leste o que escrevo! Parafraseando este grande poeta: “olhar é captar e adotar as circunstâncias”, tal a visão eloquente com que tu gravaste essa justa homenagem. Um abraço, Luis Pais

LUIZ EDUARDO CAMPELO: Soares Feitosa, Amigo, gostaria de conseguir descrever a vida e os trechos dela como fez, faz! Bom, fiz uma homenagem a Senna, não chega aos pés do que você fez, mas um dia eu consigo retratar com as palavras uma parte da vida.

LUIZ PAULO SANTANA: Mas quem é que não engasga, Soares, quem é que não engasga? O que você escreveu, do jeito que escreveu, e escreveu tão bem com o modo com que esco-

lheu as palavras, e escolheu tão bem as palavras para dizer o que disse, que eu, repleto, contente com esse espetáculo de composição, onde os diversos planos se interpenetram sem os marcadores de tempo, e outras magistrais construções reveladoras (“O proprietário franziu-se ao tempo e...”), do escritor maduro e algo roseano – eu comentei e Ascendino também falou – que a homenagem fez brilhar o homenageado e assim, eu quero ler, eu vou ler Ascendino Leite. Grande, grande Abraço. LPSantana

MARIA DA CONCEIÇÃO PARANHOS: Peixes e ouro. Tão caro e raro amigo. Dizem os teóricos que o máximo da comoção não é o movimento, mas a *stasis*. Assim me senti ao ler seu texto e os trechos do Ascendino Leite. Aliás, tenho de registrar que recebi os livros que ele, generosamente, me enviou e portanto fiquei (e estou) vivamente impressionada com o que li. Quanto ao Ascendino, tem toda a razão de reclamar uma resposta. Circunstâncias minhas. Algumas bem sérias. Mas estive e estou com ele, desde a primeira linha que li de seus textos. Vou telefonar para ele, agora que você revelou o número. Quanto a você, a cada texto seu penso que você é um irmão gêmeo do Rei Midas. Principalmente porque o que tocamos são palavras. Nada mais corrompido, corruptível e corruptor, nada mais impuro e tributário, “vil

metal” mais que o vil metal. O ser poeta (e aqui uso o termo no sentido germânico –*dichter*, o que abrange todas as formas estéticas em linguagem) ou é Midas ou não é poeta. Um grande e fraterno abraço. Conceição

MAURO MENDES: Poeta Soares, delicioso este peixe, digo, este texto, que só você sabe preparar!... O turbilhão de lembranças que me evoca é tal que eu vou parar por aqui, para não me emocionar muito, também tô ficando velho... Comi muito corró do açude do Choró, perto de Quixadá, do qual meu avô era zelador, lá pela década de 50! Por que a página de Ascendino só tem um poema? Queremos mais! Grande abraço! Mauro Mendes

MIGUEL SANCHES NETO: Dom Soares, grato pelo texto-visita a Ascendino Leite. O episódio dos besouros na caixa de fósforo dá um belo conto, à la J. J. Veiga. Abraço do Miguel

NICODEMOS SENA: Corrós de açude – poesia?

Caro Soares Feitosa,
Foi com satisfação que li mais um delicioso texto de tua lavra “Da caixa postal aos corrós de açude: uma visita ao poeta Ascendino Leite”.

É crônica? É ficção? É poesia? Penso que as três, juntas. Da crônica, tem aquele “ar” despretensioso de quem se deixa conduzir pelo ritmo da “valsa” (despretensioso – claro – só na apa-

rência, pois é de ar que anjos e demônios preenchem seus corpos ao se apresentarem aos humanos). Da ficção, há o verbo se fazendo carne, se fazendo estrada, a linguagem peregrina através dos Sertões. Da poesia, existe o sábio uso das figuras, como esta, a grande metáfora do texto: “Porque estas coisas, noite e dia, são de uma só, a depender do olhar – o olhar de quem olha”. Ela coloca, diante de nós, indecifrável, o grande poeta e prosador “auroral” Ascendino Leite, em seus 90 anos. Um texto com a leveza do ar e a densidade de um bom pensamento. Digno do próprio Ascendino. Um abraço do amigo, Nicodemos Sena

NILTO MACIEL: Poeta, um peixe na caixa postal!

Poeta Soares Feitosa, li com todo o prazer possível a sua conversa com o velho Ascendino, de quem recebi hoje mais um livro, o de que você fala na crônica. Sim, crônica grande, das boas, como as de antigamente, como as de Caminha e outros descobridores. Você também é descobridor de poetas e outros seres invisíveis. Você é cronista-poeta como Ascendino, que merece de você e de todos nós seus leitores todas as loas, não apenas pela idade a que chegou em plena lucidez, mas pela prosa boa e bonita, como a sua. Ponha tudo isto que você escrevia sim, dia não, num compêndio. Estamos a merecer um livrão destes, feito de Soarices ou Feitosices. Você é poeta de mil

e uma noites nos serranhos do sertão, do mar, do céu, do universo.

Seu admirador,
Nilto Maciel

PAULO TORQUATO TASSO: Soares, eu só queria saber como se aprende a escrever assim.

A música do Gonzagão a que você fez referência é essa:

Quando eu voltei lá pro sertão eu quis mangar de Januário com meu fole prateado. Só de baixo, 120, botaõ preto, bem juntinho, todo nele pareado. Mas antes de fazer bonito, de passagem por Granito, foram logo me avisando. De Taboca a Rancharia, de Salgueiro a Bodocó, Januário é o maior. E foi aí que me falou meio zangado o Vêio Jacó:

Luiz, respeita Januário, Luiz, respeita Januário!

Luiz, tu pode ser famoso mas teu pai é mais tihoso e com ele ninguém vai. Luiz, Luiz, respeita os oito baixo do teu pai, respeita os oito baixo de teu pai!

Grande poeta, o Gonzagão. Grande filósofo também. Aparentemente, nessa vida, toda a real diferença entre as pessoas está em ser mais mais ou menos “tihoso”. É engraçado como essas pessoas tihosas parecem ter uma espécie de aura reluzente, muito evidente para quem tem olhos para ver e que deixam o restante das gentes com a sensação de estar na presença de algo superior e totalmente fora da compreensão. Uma besteirinha: o nome da praia onde Ascendino mora deve ser Tambau, com acento no a, não

Tambaú. Já andei por lá, eras atrás. Paulo

RAQUEL NAVEIRA: Caro amigo, Soares Feitosa, Bom receber mensagem sua! Uno-me à homenagem ao poeta amigo, Ascendino Leite. Agradeço a Deus por sua longa vida, sua resistência iluminada pela Poesia e pelas virtudes dos homens bons e puros. Abraço fraterno, Raquel Naveira

ROSA ALICE BRANCO: Peixe & companhia. Olá, bom dia. Já aceitei o seu convite e comi um belo almoço antes mesmo do pequeno almoço. Fez-me lembrar o peixe e como se comia quando estive em Dakar. Além de ter gostado muito de ler (e ver as fotos de ilustração) adoro descrições em que se mistura gastronomia. Muito obrigada. Um abraço amigo. Rosa Alice

ROSALICE SHERFFIUS: Peixes e radinho espiquíngles, olhe que eu entendo. Poeta, esse abraço em peixes que recebi na caixa postal, eletrônica essa, é formidável. Já estava pensando que a sua caixa não estava funcionando, pois tenho enviado mensagens de vez em quando, que me ficaram até hoje sem resposta. Mas entendo a correria e a falta de tempo, porém quando folgar mais um pouco, diga-me o que achou do texto acrônimo do JP, que lhes remeti. E se não recebeu, favor avisar que repasso de novo. É uma homenagem minha para com a laboriosa equi-

pe do JP. Veja como as coisas são engraçadas, de manhã cedo, ouvia no rádio as notícias internacionais. Um grupo de empresários de pesca, investiu num projeto para aceleração do crescimento do bacalhau, iguaria muito cobiçada em todas as partes do planeta. Querem forçar os bichinhos a reproduzirem mais cedo, para que possam ser pescados ainda mais novos... Eu não sabia que o bacalhau precisa de seis anos, antes que comece a reproduzir. Agora, dizem os experts, só precisam de cinco anos, pois estão geneticamente modificando o DNA dos coitadinhos... Por que estava eu escutando sobre o bacalhau? Conto já. Aqui na América do Norte, os descendentes de portugueses (e por tabela, todo bom brasileiro que aqui se encontra) são peritos na pesca desta iguaria, e na região de Nova Inglaterra (New England), que fica na Costa Nordeste do Atlântico, a grande maioria da população é descendente de portugueses, que imigram para cá desde a época do descobrimento. Uma vez explicado a importância do bacalhau na vida dos povos lusófonos desta terra, vale ressaltar que o gene português está tão arraizado por estas partes da América, que faz gosto! Por exemplo, a escritora e poeta que compôs o famoso hino que dá voz à Estátua da Liberdade, é uma judia portuguesa. Existem inúmeras academias literárias por esta terra, chamadas Cod-Fish Literary Academy, ou seja Aca-

demia Literária do Bacalhau. Pode perguntar ao *Google!* Agora, o seu abraço em peixes e a caixa postal do poeta Ascendino, vieram em muito boa hora. Acho que é devido ao nome dele, Ascendino, que mesmo aos noventa continua ascendendo nas letras que o imortalizam. E as travessuras: “E, para fazer aparelho igual, rádio, a gente botava besouros mangangás dentro de uma caixa de fósforos, uma imprudência, no bolso, os bichos roncando bonito, grosso e macio. Dizíamos que eram notícias da guerra, do rádio da casa paroquial, em ondas-curtas, em espiquíngles, que ninguém entendia, nem o padre. Mas para quê?! Era bonito!”. É bonito mesmo. Peixes e radinho spinquíngles – olhe que eu entendo.

Um carinhoso abraço, e uma pergunta: Corró de açude tem gosto de bacalhau? Fiquei feliz e grata com sua mensagem. Até mais.

RUY ESPINHEIRA FILHO: Feitosa, você é sempre porreta no que escreve (e na vida também!). Já já lhe mando a capa do meu livro que está na boca para sair. Um abraço.

SANDRA REGINA BALDESSIN: Poeta, meu querido Francisco, você tem o dom de nos deixar com saudade... Saudade até do que não vivemos, mas terminamos por ser vividos pelos fatos que você nos conta, vividos pelas suas palavras que fluem. Ma-

nancial interior, as suas águas nunca faltam, meu poeta. Nunca mais chamarei as tilápias senão de corró de açude... Quanta poesia você soube imprimir aos peixes! Sabor/saber poético. Obrigada por me apresentar a Ascendino Leite. Obrigada, Francisco, pela beleza que você oferece... Em troca, receba o meu afeto sem fronteiras. Sandra

SILVANA AMORIM: Soares, sou eu, a da foto da orelha do livro de que você tanto gostou e muito mais ainda me emocionou. Gostei do texto, coisas e palavras, expressões da terra, que aqui, onde me escondo, não existem. Falamos e escrevemos um arrevezado de misturas italianas, caipiras e outras que tais. Falo do texto dos peixes, como sabe, animais têm especial significado em minha vida. Meu filho, de nome Nuno, que significa peixe em hebraico, é meu animalzinho querido. Adorei os peixes do poeta! Aceite meu abraço e volte à lista, por favor! Silvana

Nota do editor:

O livro referido por Silvana Amorim, de sua autoria: “Guillaume Apollinaire, Ensaio Literário”. Ed. Unesp.

WEYDSON BARROS LEAL: Convite aos peixes. Parabéns, amigo, tudo tem a tua marca, tu iluminas tudo.

Relato de uma peregrinação adolescente

Fragmento de um questionário:

Francisco, personagem de um poema longo, “Psi, a Penúltima”, sai de dentro do poema e vem conversar com o autor, um certo SF, que também é Francisco.

64. Francisco: Você já peregrinou?

SF: Sim, várias vezes. No tempo do sertão. Morava nos matos, mas estudava em Nova-Russas, o terceiro ginásio. Ia fazer os exames todos os meses. Uma boa distância, sete léguas. Era um ano bom de chuvas; como dizemos por lá, um bom inverno. Havia um velho Ford F-5, da firma Carneiro & Veras Ltda, que fazia a linha Nova-Russas—Monsenhor Tabosa, carreando mamona. Na época das chuvas, as estradas muitos ruins, o caminhão, já muito cansado, não tinha forças para enfrentar os atoleiros. Além do mais, a safra é para depois das chuvas. O problema é que eu tinha que ir aos exames, do contrário perdia o ano. Da primeira vez, fui a cavalo, mas o animal, um transtorno na cidade; eu não tinha onde abrigá-lo. Em vez de um pouco mais de tempo livre para me divertir, administrava mais uma preocupação além dos exames: cuidar do cavalo, à redobrada preocupação de que o animal não passasse fome, nem sede. As próximas

viagens, enquanto o velho caminhão não retornou, fi-las a pé.

65. Francisco: A pé?

SF: Sim, a pé. De noite! Durante o dia, com o sol quente, é muito pesado. Insuportável até. Saía de tardinha. Aprontava um pequeno lençol, com umas poucas roupas e os livros já lidos. Um embrulho na diagonal. É o matulão. A gente o coloca no ombro, transverso com o quadril oposto, distribuindo o peso. Nos primeiros quilômetros, o bicho vai que é uma beleza. Depois, não há lugar para ele. Você muda de ombro, bota para a barriga, bota para a bunda, troca de um lado, vira para o outro, mas quem disse?! Depois resigna. Chega o vento da noite. As estrelas no céu. Um céu enxuto. Levei um grande susto quando li o poema de Kant.

66. Francisco: Kant? Filósofo, não?

SF: Também. Ele disse, lá com as palavras dele: “Nada me enche de maior assombro que o senso moral dentro de mim

e o céu estrelado sobre minha cabeça”.

67. Francisco: Por que o susto?

SF: É que na cidade grande também já esquecemos os céus, estrelados ou não. Só quem andou de noite, nos matos, sabe o que é, ainda que não houvesse, no dia em que andou, estrela alguma no céu nublado. Mas lá, estrelas é o que não falta. De noite, naturalmente.

68. Francisco: Não era perigoso?

SF: Eu pegava um garrancho, um cipó, coisa leve, porque na proximidade das casas, os cachorros vêm de lá, com a gota serena, a acuá-lo. Não! Morder não, que os cachorros do mato não são treinados para morder. Mas a gente não pode facilitar. Falava com eles, amansava-os, de voz mansa, mas nem todos. Continuavam latindo até o final do pátio, de despedida ou de raiva. Eu também latia com eles, mas só de despedida. De raiva, não, porque noutra viagem, o bicho haveria de lembrar. Enfurecido! Cachorro lembra de tudo. Quando paravam de latir, jogava o garrancho fora. Lá na frente, na próxima casa, pegava outro, ali mesmo, na beira do mato. As casas eram distantes, naquele tempo. Fechadas, que todo mundo dorme muito cedo. Mal escurecia, deitávamo-nos. Em

compensação, sequer amanhecia, já está todo mundo de pé, na labuta.

69. Francisco: Assim mesmo, sem companhia, a viagem inteira?

SF: Havia uma companhia fantástica: a solidão. E a intempérie, bem na cara. Sabe, o vento no rosto destampado dá-nos uma certeza de desamparo, mas, incrível, é também uma perfeita sensação de exterior, um mundo mais. Sete léguas, 42 quilômetros, os mesmos da Maratona, que tem exatos 42,195 quilômetros. Sem perceber, a gente se transforma num bicho da Natureza. Ainda que nunca tenha lido os versos de Kant, saberá perfeitamente o que significam. A noite é fresca, mas o tempo é seco. Sem maiores avisos, esbarrava-me no rio Acaraú, ainda próximo das nascentes, apenas um riachote, um filete magro, quase sem água, mas dá um banho. E que banho! Com tempo de sobra, um banho longo, botando o tempo para render, esticando-o além da conta. Esticava também o corpo inteiro. Era novo, mas a caminhadeira, a suadeira, de cansar! Os pés – a poeira fazia um pó grosso –, lavava-os, muito e muito. E a cara. Mas o estiramento era também de partes: pé, braço, dedo. Até os dentes, havia de estirá-los. Não é fácil, mas dá para estirá-los, desde que o cansaço

seja intenso. Nesse ponto, você e a Natureza, um bicho único.

70. Francisco: Um bicho? E o medo?

SF: Medo de quê? Era um tempo calmo. Hoje, nem pensar! Medo de nada. Nem da outra cobra, a cobra-macho, da beira do rio Macacos, se é que ela existia. Devia existir, mas não dava para pensar. A que existia, estava morta, eu que matei. Por que haveria de ter medo de nada? Se aparecesse, era cacete para cima dela. Do mesmo jeito. A gente tem outro medo, mas só no começo. É o medo de desistir. Depois, passa. Lá adiante, você, a viagem e o cansaço: quem é quem? Nenhum medo.

71. Francisco: Uma boa peixeira, bem afiada, não?

SF: Que nada! Se não havia medo algum, por que haveria de andar com o instrumento do medo? Lá nos matos, sim, a faca não é do medo, é do serviço. Nem revólver, nem nada. No trabalho, nos matos, para cortar um galho de pau, desenganchar um bicho, cortar um cordão de umbigo, a faca, quanto mais afiada, melhor. Mas em viagem, se não há medo, para quê?

72. Francisco: Pelo menos uma boa lanterna, não?

SF: Lanterna, coisa nenhuma! Nunca tive lanterna naqueles tempos. Éramos modestos. Uns

trocados, e comprei enxó na loja “O Gabriel”, e pua, trados, formões e outros ferros de carpinteiro, uma plaina e folhas de lixa. Verniz? Não! O dinheiro não deu para verniz. Conseguia-o na lixa, polindo, até brilhar, a madeira. Alisava com mucanã. Um brilho real. A beleza modesta, na madeira, a maciez do polimento, horas a fio. Assim Ela, do mesmo modo — os olhos, tintas nenhuma. Não deu para lanterna, o dinheiro, ou até acho que deu, mas havia de comprar pilhas novas. Desmantelou, descarregou, vazou. Os ferros, bastava amolá-los, eu mesmo, na pedra de amolar: água e paciência, pra lá e pra cá, assim, um fio sobre fio, a ponto de cortar rentes os cabelos do braço. Barba, não, que a barba era rala, só a penugem, 15 anos. Por outra, os caminhos, por mais escura que seja a noite lá no sertão, é sempre possível entendê-los. No sertão, não há aquela escuridão de breu, da serra. Na serra, de noite, nublado, você enfia o dedo no olho e não vê nada; só as estrelinhas, furando os olhos. No sertão, por mais escuro, a gente divisa o vulto das mãos. É suficiente! Lá, as noites são de uma penumbra que dá para saber da mancha dos matos e do contorno das casas. É a hora, antes de cansar, de soltar a mente. Depois que cansa, não precisa mais olhar para nada. Nem consegue.

73. Francisco: Antes de cansar?

SF: Isto mesmo! Antes de cansar, a mente é igual a um macaco na corrente, pra lá e pra cá, pulando, sem sossego. Nada melhor do que soltá-la para cima dos matos, das folhas, dos barrancos, das nuvens lá longe e das estrelas por todos os lados da cabeça. Soltá-la, mente, por cima das pessoas que ficaram. E de outras que estão por vir, mas você não sabe quem. Depois, com o cansaço, isto é fundamental, ela, a mente, cuida de chegar para perto do dono. Acho que vem acudilo, deve ser isto. Ou porque perde as forças, com o cansaço. Então, a mente o tange a uma outra paisagem, a sua paisagem. O lado de dentro. E, quando vem a encontrar, bem no futuro, aquela pessoa saltitada de sua mente cansada, já sabe quem... Ela, é claro. Mas esse sossego interior leva algum tempo. Tem que cansar primeiro. O ruim da viagem era o amanhecer.

74. Francisco: O amanhecer? Não haveria de ser a melhor parte?

SF: Sim, razoável que o fosse. É que aos primeiros clarões, os céus esturricando-se de vermelhos, dava para divisar a torre da igreja de Nova Russas, que a cidade é num baixio, no vale do Rio Curtume. Era ruim porque faltava muito mais de

uma légua inteira. Bom pela certeza de que estava perto, chegando. Mas cadê?! Longe por demais, melhor que não avistasse nada! Avistar coisas de esperança muito larga é tentar-se ao desistir. Deixasse para avistar só bem de perto. Você anda e anda. E nada! O bom é que, de descida, uma descida leve, tudo ajuda, descendo. Mesmo assim, aquela visão nova, ressurgindo dos escuros da noite, trazia uma aflição nova.

75. Francisco: Um aflição nova?

SF: Era da impaciência de chegar. De dar por concluída aquela tarefa, agora às claras. Veja, de noite, sem ver nada, a noite é melhor. Também é a hora da sede, de manhã, pela manhã, com o sol. A sorte é que as casas, nos matos, abrem muito cedo. A gente pede água. Oferecem café. É bom. Uns minutos de alpendre, sentado. Sai cuscuz com leite. Perguntam coisas, a gente vai respondendo. Perguntam se vai chover no ano que vem. A gente diz que sim, abaixo de Deus, tirando o chapéu, mas nunca andei de chapéu. É da lei que essas coisas sejam respondidas “abaixo de Deus”. Entristece porque, avistando a torre da igreja, ainda que de muito longe, você percebe que a viagem está no fim. No duro, a viagem é boa. Aliás, ótima. Mas há um perigo a mais, aborre-

cer-se com a passagem.

76. Francisco: Com a passagem? Havia outro rio?

SF: Não! Rio nenhum. Aliás, o Rio Curtume, outro riachote, depois que fizeram um açude grande, secou à jusante. Havia ponte dentro da cidade, entre a Rua do Progresso e o Centro. Falo de um outro obstáculo, um rito, como se fosse passagem: da noite para o dia; dos matos para a cidade. Entre aquele aparente nenhum, o sertão, e a pólis, há um salto fantástico, mas esse salto há de ser dado sem salto algum. Do silêncio ao burburinho, indo e voltando. Só assim, a viagem! O trânsito límpido entre o sertão e mar; mar e sertão. Assim as coisas também do coração. Não! No amor, não! Que haja a vertigem! Quanto mais alta, melhor. Mas fique claro: Nova-Russas, a mais de cem quilômetros do mar... Mas era Mar em relação ao Sertão, onde a viagem se fez de começo.

77. Francisco: Quantas horas de viagem?

SF: Começava a andar pelas quatro da tarde, mais um pouquinho. Chegava às cinco e pouco da manhã. Mais de 12, em torno de 13 horas. Sem puxar, esbanjando todo o tempo. Se fosse para fazer ligeiro, a média era de uma légua por hora, umas sete ou oito, por aí. Mas para quê? O bom daquilo era

gastar o tempo, a insultar com o tempo. Se fosse ligeiro, acho que não aguentaria. Era jovem demais. Por outra, para que ir ligeiro? Administrava o chão, os meus pés em cima dele, comigo de dentro, em cima dos pés. Não administrava os passos de chegar ligeiro. Mas, se necessário, correria. No chouto, por longo tempo. Ou galope. Alternando-os.

78. Francisco: Não estou entendendo: você fala em peregrinação, mas a rigor era um dever, comparecer aos exames do colégio, sob pena de ficar reprovado. Peregrinação não pressupõe livre vontade?

SF: Sim, era um dever. Tinha que ir. Em dia certo, chegar na hora certa, comparecer aos exames e auferir as notas suficientes. Mas, iniciada a viagem, tomando gosto pelo que fazia, o gostar eliminava o obrigatório. O prazer de fazer é que faz a diferença entre o cativo e a devoção. Ainda que o fruto seja o Mal. Só assim se explica a eficiência dos carrascos de Hitler, aliás, de quaisquer carrascos —, eles gostam do que fazem. Fazem-no melhor que o dono. Mas há quem faça o Bem. Sem paga alguma.

79. Francisco: E o cansaço, muito?

SF: Sim, muito, porque aquilo era uma doidice. Exatos 15 anos, toda a musculatura doía. Mas era bom porque havia um

fenômeno muito estranho. Um excesso de energia, talvez mesmo por conta do excesso de cansaço. Assim que chegava à casa do padre, um banho ligeiro, que a água era pouca. Se a caixa d'água estivesse meio vazia, ainda tinha que dar umas bombeadas, se não o padre reclamava que haviam acabado com a água dele. O padre chamava, perguntando coisas, roçados, chuvas e os mesmos assuntos de sempre, andando. Quando nos dávamos conta, estávamos na sacristia, na hora da missa. Ele dizia: venha ajudar.

80. Francisco: Você ia?

SF: É claro! Com o maior prazer! Dentro em pouco, lá estava eu – pichelengo, pichelengo – tocando com toda força a campainha na hora do *Sanctus*, *Sanctus*, *Sanctus* [Isaiás, 6], que não tem outra mais bonita no lugar, mas, por favor, a segunda parte não é de Isaiás, é do Humberto Teixeira e do Luiz Gonzaga e refere-se à missa do meu velho tio, o padre Leitão. Também as meninas do coro. Havia a voz em contralto da futura monja. E a outra, muito magra, uma alma-de-gato, uma voz tênue, os cabelos calmos. A missa era em latim. Voltava para o café, com o padre. Ia em seguida para o ginásio. Sem parar, que o cansaço, agindo pelos inversos, não deixava parar. Fazia minha algazarra com a turma. Os exames, fazia-os. Os

meninos diziam que era mentira, eu, escondido na casa do padre, estudando. Eu lhes mostrava os pés. De tarde, de sabava como um bicho bruto, a acordar só no outro dia. De noite. E as notas!

81. Francisco: Alma-de-gato é?!

SF: Com o forro das casas, na cidade, perdemos mais esta informação. Seja uma cobertura de telhas. Ou de palhas. Réstias, aqueles buraquinhos por onde entram o sol, a lua, a escuridão das estrelas. Pronto, se uma réstia de sol bater numa vasilha d'água, refletirá na parede uma mancha de luz. Com o vento n'água, ter-se-á uma luz tremida, ligeira, assustando, bulindo, mexendo. Era, de puro susto, sobre mim, os olhos – Ela.

82. Francisco: Vejo que tenho que fazer um curso de sertão. É a volta, outra vez a pé?

SF: Bom, aí eu esquecia os matos. Muito justo que os esquecesse. Era jovem, as meninas do ginásio, muitas, e a minha turma de adolescentes. Havia de voltar, mas só voltava quando encontrava um transporte que me deixasse na porta de casa ou, no mínimo, no Morro Redondo, no lugar Cruzeta, exatas duas léguas e meia (15 quilômetros) que eu tirava num chouto. Com um novo estoque de livros, uns oito ou dez, para não fazer muito peso.

83. Francisco: Livros, os do colégio?

SF: Não! Os do colégio já estavam em casa. Eram agora os livros que o juiz me emprestava. O doutor Bastos, Moacir Bastos, que Deus o tenha. Duas belas estantes da melhor literatura. Livros da Editora Globo, coisa de antigamente, ótimos. Edison Carneiro, lembro este nome. Ele conta que Zumbi tinha escravos. Muito estranho que um senhor de escravos tenha sido escolhido patrono do Movimento Negro. Joaquim Nabuco, não! Era senhor e não tinha escravos. Levava os livros de volta e trazia outros. De noite, a lamparina polmando fuligem. O dedo no nariz? Vinha preto! Fumaça da lamparina! Se fez algum mal? Acho que não! Passei dos sessenta e estou aqui novinho em folha, para outros vinte! Ou trinta. Ou mais!

84. Francisco: A peregrinação, uma coisa sofrida. Alguma vantagem?

SF: Ah, sim! Só vantagens. É quando você encontra o seu animal.

85. Francisco: Um saci, um duende. Crê nessas coisas?

SF: Nem um pouco. O animal, você o encontra quando peregrina sozinho, à noite, cansado, jejuado. Ele está dentro de você. O corpo sacrificial, o seu, os céus, estrelados ou não, que,

ao mesmo tempo, chamam-no para cima e, com a mesma força, o repelem e o esmagam no rumo do chão, que também o puxa e empuxa. Você no meio, joguete de céus e terra. Não é fácil, creia-me. É quando o seu animal aflora, salta para suas mãos. É a hora de domá-lo. Ficam amigos, o animal e o dono. Acho que a peregrinação devia ser matéria obrigatória no currículo do jovem.

86. Francisco: Ainda que não fosse religioso?

SF: Religioso? Nada a ver! Não precisa ser religioso para peregrinar. Melhor que nem o seja. Veja, há um aterramento, ainda que o cabra não esteja descalço. Eu mesmo, questão de costume, nunca consegui andar descalço. Sempre andei em cima de minhas chinelas de currulepo ou das alpercatas de rabicho. Mas a terra está ali, nos seus pés, na poeira, no ar, na face. E a intempérie também, bem na cara. De tarde, quando a viagem começa, o vento é duro, abafante. No poente, o Sol, rubro de fogo, estatelando-se nos boqueirões da Serra Grande, lá muito longe, mas doendo na cara. Depois, à medida da noite, chega a fresca da noite. Você começa pelo pior, o sol quente nos olhos, o vento-mormaço, o calor. Tudo isso de ruim ajuda a abrandá-lo, fragmentando-o a rearrumar-se. A desejar que a noite chegue. E

escureça! Lá pela madrugada, uns pingos ligeiros, coisa que não dá para molhar, apenas para, digamos, lembrar como é que molha. Mínimas gotas escorrem na face, mas o bom é não enxugá-las. Deixar que subam no vento, secando. Quando respinga um pouco mais, a gente bebe (não faz mal que beba), mas não pela sede. Acho que seria uma sagração das águas — bebê-las dos céus, direto na face. Os óculos. Sempre andei de óculos. Ficam manchados, mas de noite não precisa limpá-los.

87. Francisco: Não fica ruim para enxergar?

SF: Enxergar o quê? Tudo no escuro, a leitura é outra. Tem que aprumar o faro, as oiças, a pele, o corpo. Os dentes, a mordedura, se necessário. O vento às vezes se dana, rodopia nos paus, faz um barulho grosso. Era a hora de lembrar da jumenta de Jeremias esturrando no deserto. Você, ali, com certeza também é um jumento. Um retorno, uma grande viagem de volta. Não! Não tem que ser religioso. Melhor que nem o seja. Basta completar a quota. A quota do cansaço. Estou certo de que Jeremias errou, senão, de muito pudor, não contou que o esturro verdadeiro é do jumento e não da jumenta.

88. Francisco: Jeremias, o que ele falou?

SF: Veja, ele escreveu: Uma jumenta selvagem acostumada ao deserto, que no ardor do cio sorve o vento... [Jer 2, 24]. Não contou que o tirinete legítimo, em onda alta, é do jumento-de-lote. Do lote das éguas, o jumento garanhão. Assim o lá de casa, o “Meia Noite”. Eu também! Ele rasgava o vento, esturrando. Não! Nada a ver com relincho. Nem com zurrar. É um esturro de vento, nas ventas do bicho, espoucante, rápido e largo como um feixe de borrachas a sibilar sob grande pressão de um redemoinho ferroz. Eu fazia do mesmo jeito. Esturrava na beira do rio, reinando. Ora, de jumento de lote, igual ao “Meia Noite”; ora, de touro, o touro “Fidalgo”, chifrando os murundus no pátio da fazenda, rodeando as vacas, brotando, zombando. Só quem é de lá, da noite, sabe o que é. Faz medo, mas é um medo grato, que a gente insulta com ele, para mais medo. Viajar na noite. Um medo bom.

89. Francisco: Medo?

SF: Um dia, de noite, fui pegar o “Meia Noite” para uma viagem ligeira. Ele rasgou o vento nas ventas, dentro de uma moita, bem perto de mim, que não o havia visto. Levei um susto medonho. Pensei que era a onça. Claro que tive medo, mas já saltei bem acolá, a postos. Arrepiado, um gato de assombro teria sido menos. O bicho correndo de lado, olhando para

trás, ora de um lado, ora do outro. É bonito. Era de lua, no descampado, cheia. No trote ligeiro, a cara de banda, rasgando o vento, o jegue garanhão. Só os equinos correm assim, quando soltos. Acho que preparam as armas, que no boi é de frente; neles é atrás, os cascos, afiadíssimos, ao coice. Em nós é mais de frente, as mãos, os olhos. Os olhos, as mãos – armas, aqui, ó!, os pés. A palavra! O corpo inteiro, tudo é arma, homens (e vítimas!), uma arma só, o Homem. Garra, dente, unha! O olhar. Por isto é que olham de lado e para trás, equinos. Devia estar com medo da onça, o jegue garanhão, ou zombando dos outros jumentos. Eu também zombava dos outros meninos na beira do rio. Pois se o vento esturra com a gente, de noite, a gente esturra com ele. Fazia igual ao meu amigo, o jumento de lote, o meu compadre, o “Meia Noite”. O vento responde. Se o cabra for medroso, é o suficiente para mais se assombrar. Correr e cair. Ou paralisar, sem sair do canto, de medo, caído. Não tinha ninguém para ouvir, nem reclamar. Muito menos para acudir. Os cachorros latiam. Eu também latia. O vento esturrava outra vez. Eu respondia no mesmo trom. A garganta roncando até ficar rouca. Depois acalmava. Zombava de novo. O vento. Eu, os bichos de chão, o medo — reinantes.

90. Francisco: Ninguém por perto?

SF: No fim da tarde, as pessoas retornam dos roçados; de noite cedo, das casas das namoradas. Um boa-noite – é de lei. Todo mundo cumprimentasse, muito diferente da cidade grande, que quase ninguém responde um bom-dia no elevador. Até se espantam com a cortesia. Lá, depois das oito da noite, só o silêncio. Nem luz, nem carro, nem nada. Ninguém. Podia cantar. Cantava o Forró no escuro. Berrar um poema, também podia. Assumpreto. Ninguém reclamava. Podia berrar. Berrava. Só as aves noturnas, os coriscos da noite, os cachorros e o seu animal. E o *Magnificat*, que sabia berrá-lo de voz grave, em latim.

91. Francisco: Coriscos da noite?

DF: Sim! As estrelas cadentes, um risco no céu, rasgando o céu de cima a baixo, reto, ou assim na diagonal, ligeiro, quase de banda, bem inclinado, no fim do horizonte. Ninguém ouve nada, só a luz, uma luz azul, esverdeando-se. Era de lei que fizesse pedidos ao corisco. Eu os fazia. Pra cima dela, é claro, que sempre os fiz. Com o cansaço, presente o seu animal, todos os sentidos são um só, um bicho único, você mesmo, faiscando, pulsando, freminho. Ora, se você negocia com o corisco da noite, ao nome

dela, não precisa esclarecer sobre os deuses. Claro que eles estão de dentro.

92. Francisco: Nunca mais peregrinou?

SF: Não. Nunca mais. Sinto falta. Já marquei viagem, mas só de boca, com mestre Antônio fazendo o apoio, a camionete carregada com umas águas...! Rapadura, paçoca de carne seca e queijo de coalho. Sim, cerveja também. E castanhas daqui, torradas no sal. E vinho, que faz bem para o coração. Qualquer dia destes, meto os pés e vou. Mas acho que isto de ter apoio e comida à vontade, ali, bem próximos, ao alcance de um grito, inibe o seu animal de aparecer. Tem que ser coisa de só. Sob a certeza do não. O homem, se for de coragem, quanto mais sozinho, mais coragem.

93. Francisco: Esse tal animal, ele aparece só se for com o sofrimento?

SF: Não deixa de ser. Mas não há um sofrimento. É tudo suportável. Desculpe, quase. A técnica, se dói a batata da perna, é chamar a dor lá mesmo, na batata da perna. A gente pega a dor, vai rodando com ela, botando para cá e para lá, do mando. Mas tem que estar só. Na noite, a pé, póco-póco-póco, alternando os trocânteres para cima das alpercatas, chega num ponto em que você diz: Vem, perna! Ela dói, mas vem para junto de si! A sua perna,

agora bem de juntinho, que normalmente está a léguas de distância. Você sabe de suas pernas? Claro que não! Pois ali, em viagem, sabe delas. Deixa de doer. Com palavras mansas.

94. Francisco: Palavras mansas?

SF: Isto mesmo. Veja, o meu tio Vicente, amansador de cavalos. Um dia, ele montou um cavalo muito doido. O bicho dando pulos que não tinham tamanho. Ele ali, rijo e forte, mas dizia palavras leves. O que ele dizia, eu não sei. Não dava para escutar. Mas os sons eram leves. O bicho calçou. Ele deu a volta, botou as marchas que era para botar e disse, apeando-se, batendo levemente na anca no animal, até pareciam velhos companheiros: Está manso. Sim, a patente-mor de domador de cavalos, a mais alta de lá do sertão, um grau a mais sobre a de vaqueiro. Aquele meu tio, Vicente; o finado meu pai, também Francisco; Heitor, direto de Tróia, e também este seu criado, esta patente a todos eles: domador de cavalos! Aos esturros do vento: de noite, de dia, à beira-rio ou no pedregulho da mata seca, espinhos e bromélias -, reinando, somo-los.

95. Francisco: E trocânter, o que é?

SF: Também pode dizer trocânter, oxítano. Fica na cabeça do osso do corredor, na coxa (donde nasceu Dionísio, donde pa-

deceu Jacó a cutilada após o vau do Jaboc), o alto do fêmur, um lugar bom de trincar quando o cabra fica velho, sobretudo nas mulheres, de osteoporose. É ali que cansa e dói quando o bate-pernas é por demais. É a hora de chamar o animal a acalmá-lo. Deixa de doer. Só dá certo se for só. Na certeza da solidão. De ninguém acudir. Nem a quem se queixar. Nem remédio, nem nada. As palavras calmas. Energicamente as palavras calmas. E o medo nenhum.

96. Francisco: Não dá medo da morte?

SF: Pode até dar. O cabra não pode voltar. Este, o perigo: não pode jamais pensar em voltar. Tem que ser sem volta, póco-póco, em frente. Sempre! A pisada bem firme, eu não tinha medo de nada. Nem da morte. A gente sabe que não. O seu animal garante que não. Não se trata de confiar. Há uma única palavra: certeza! Era o que eu lhe dizia. Ela dizia que sim. A certeza!

97. Francisco: Um instante: 42 quilômetros? Há peregrinações muito maiores. Canindé, você disse, 120 quilômetros; Santiago de Compostella, quase 1.000. Por que essa sua, tão curta, seria tão proveitosa?

SF: Tem sido um mistério a mais para mim. Mas veja: começava de tarde, com o Sol bem na cara, no rumo do poente. A noite, que seria o pior, ao as-

sombro da escuridão, pelo contrário, era refrigerio. Há o achamento interior, desde que na solidão absoluta. Na estrada do Canindé, centenas de carros, indo e vindo. A luz que vem, a luz que vai. Vruummm! E um bocado de gente a lortar. Claro que o seu animal não virá nunca. O dono ganhará apenas o cansaço. O melhor lugar para peregrinar, estou certo, vai da fazenda Catuana até Nova-Russas, iniciando pelas quatro da tarde, enfiando pela noite inteira, na mais absoluta solidão. Sem levar nada. Sequer livros ou matulão. Só a roupa do corpo, uma roupa leve e as alpercatas. Nem pente, nem escova, nem nada. Ou só os livros. Acho que sim, os livros. Os livros, sim! E um perfume para os cabelos dela, quando voltar. Sempre levei os livros. Dei-lhos todos. Perfume, não, que não tinha nenhum. Nem dinheiro. Da próxima vez que for peregrinar, levarei o incenso e a mirra. Aspergirei, com as minhas mãos, os seus cabelos calmos. A risca do rosto. Primeiro um, depois o outro, os olhos. Entre olho e olho, a única possível – viagem e morte –, os lábios. De ressurreição.

98. Francisco: Poderia ser o contrário, de Nova-Russas à fazenda Catuana?

SF: Não! A viagem tem que começar pelo pior, contra o Sol, correndo atrás dele, no rumo do poente. De manhã, quando

você menos espera, ele o ataca por trás, nascendo, rasgando os horizontes, de tanta luz. Isto lhe dá a sensação de que ele, Sol, ganhou a corrida. É verdade, não tem quem ande com o Sol. Ele é mais ligeiro, muito mais. Amanheceu! Você

se volta e o abençoa. Pede-lhe a “bênção”, que é um novo dia! É botar os olhos lá na frente... um limiar novo. Os seus olhos grandes, de nenhuma tinta, Ela. Perfil e silhueta, um tempo veloz. Iluminação.

*_*_*

ABILIO TERRA JUNIOR: Prezado Poeta Soares Feitosa, esta conversa entre Francisco, o personagem de um poema longo, PSI, A PENÚLTIMA, e o seu autor, um certo SF, que também é Francisco, é, acima de tudo, um relato, passo a passo, de uma iniciação espiritual, psíquica ou psicológica, de acordo com a preferência e a formação de cada um, de um jovem sertanejo. Ele e a natureza, só e mais ninguém. O negrume da noite, que não é tão negro no sertão, as estrelas que pontilham o céu, os contornos das casas, espaçadas, das árvores, dos arbustos, os cães sorrateiros, zelosos dos seus deveres, mas respeitosos dos seus limites. E, dentro dele, a coragem que permanece como uma guardiã altaneira e amiga, a certeza da chegada, o cansaço que o impulsiona em vez de o abater, o prazer que se sente em uma comunhão íntima com a natureza e com o seu próprio ser e a descoberta de que ambos comungam juntos de uma transcendência última, além de

quaisquer convenções.

E o encontro com o animal, que salta como um raio dos estertores da alma e se apresenta, puro e luzidio, como o seu poder mais oculto e latente, um feixe de músculos, pelos compactos, olhos que tudo veem, ouvidos que tudo ouvem, um sexto sentido aguçado ao último grau, e, sobretudo, um senso psíquico que compreende as leis da natureza e as leis que regem a sua formação, dele, jovem sertanejo. E este segredo permanece guardado para sempre em cada célula do seu corpo e na sabedoria que ele leva pela sua vida afora. E o resplendor do sol o atinge e o traz de novo ao mundo das casas e do aglomerado humano. E ele sabe, intimamente, que nem a igreja e nem a escola lhe trarão sequer um dízimo desta sabedoria.

Um magistral texto, Poeta SF, aceite o meu abraço.

Abilio Terra Junior

ADRILES ULHOA FILHO: Poeta Soares Feitosa, peregrinei

com você as 7 léguas da Fazenda Catuana até Nova-Russas. Maratona completada sem cansaço algum, pois alimentei-me do muito do seu bernal de sabedoria e inteligência, bebi e tomei refrescante banho nas poucas e mornas águas do rio Acaraú. Não me doeram os pés, nem minha pobre coluna cheia de bicos-de-papagaio.

Da questão 64 até a 98 andei silente, mas firme ao seu lado. Andei com você acompanhados da enriquecedora solidão da estrada, do bom do eu-sozinho. Andei, também, olhando o céu de milhões de estrelas (vi as cadentes, a quem fizestes pedidos, e acho que todos foram atendidos lhe dando tanta sabedoria e inteligência). Vi nascer a sentença seguinte, que ousei transcrever como poema, numa parceria ausente:

Da próxima vez que for peregrinar,
levarei o incenso e a mirra.
Aspergirei, com as minhas mãos,
os seus cabelos calmos.
A risca do rosto.
Primeiro um, depois o outro,
os olhos.
Entre olho e olho,
a única possível
– viagem e morte –
os lábios.
De ressurreição.

Parabéns, amigo
Um abraço do
Adriles Ulhoa Filho

ALCKMAR LUIZ DOS SANTOS: Soares, que beleza, sô! Leio e releio, prazeroso das imagens e das palavras! Sem meias-palavras, gostei, imenso!
Abraço grande, Alckmar

ALDO DE OLIVEIRA JR: Muito bom, Feitosa! Bom mesmo! É de uma densidade impressionante. O Francisco tem realmente uma história, não uma “aparicação”.

Parabéns, novamente!!!
Aldo

ALFREDO FRESSIA: Poeta, o sertão está na gente. Nas cidades também, o mesmo susto, a mesma perplexidade. Eu escrevo minhas “Urbes de Papel”, você, amigo, o sertão (de papel, de sonhos, de desamparo, de lembrança, de tempo *Retrouver*). E continuamos na luta – há quanto tempo já?

Mais um abraço do seu amigo
Alfredo Fressia

ALINE APARECIDA LAGES TOMÁS COELHO: Bom dia! Isso me fez recordar o tempo em que morava no interior, na zona rural, e estudava na cidade. A semelhança é ainda maior quando ia passar as férias no rancho do meu avó que era distante de tudo. Lá se ouvia só o barulho dos bichos. Me lembro que quando tinha um zum zum de avião bem distante, ficávamos loucos correndo pelo terreiro para vermos o avião no céu, só um pontinho bem pequeno. Tive uma infância e adolescência dos deu-

ses. Sinto saudades deste tempo. Hoje, sonhei que estava de volta para meu mato na garupa do trem. Foi fantástico!

ANA PELUSO: Para um certo Francisco, saído de um livro, é mesmo difícil compreender a peregrinação franciscana do escritor. Aliás, um personagem nunca conhece seu criador o suficiente, para lhe medir as léguas caminhadas entre a casa e o saber que só a vida traz. Só depois de pronto, é que personagem e autor se confrontam, montando guarda (ambos) numa entrevista em que Kant é lembrado e redescoberto, pelo simples fato de contar a mais pura verdade. E de maratona em maratona, sem medo (é claro! isso lá nunca foi coisa de Franciscos!), vai Francisco, o criador, poeta, profeta, sem peixeira, sem lanterna, impaciente por chegar (chegar aonde, Francisco; chegar por quê? – ainda que se explique, a dor do poeta é sempre a questão).

O que dizer quando se faz companhia na peregrinação? Quando se vê cada relva; sente-se cada espera? Quando se está em cada canto, até o momento em que a alma de gato confessa, salta e ganha tempo: ela(s) e os livros do juiz. E ganha-se o galope do cavalo “Meia Noite”, sem medo de intempéries, sem cansaço ou religiões. Ganha-se o mundo por perdê-lo em cada inspiração-expiração, em cada pulsar do meio-dia, em cada estrela cadente que nos lembra do

fim de tudo(?).

Existirá mesmo o fim? Existirão mesmo peregrinações como essas que Franciscos e mais alguns (e aí, talvez, eu inclua muitos outros) fazem dentro e fora de si mesmos? Não, não há de existir o medo da morte. Travessias curtas são ressurreições, porque, talvez, somente os ressurectos tenham o direito à ligeireza de um momento-átomo. Porque apenas quem viu a morte cedo demais, sabe dos momentos longos de convivência com ela, como saudade, por toda uma vida.

E quem se ilumina, pelas peregrinações pré-coroadas de coragem, não vai realmente de Novorussas à fazenda Catuana; o contrário é sempre mais atraente, e já se está iluminado demais para fazer outro caminho. Já se viu de tudo, muito, para voltar atrás. Já se fez coroa de ramos e lírios, já se embriagou de esperança até a última célula. E pelos poros, já se goteja toda a sorte de poemas que ainda não se sabem. Latentes, como o homem era latente no menino, antes de certo Francisco sair do livro e tomar a palavra, em forma de perguntas. Curioso, esse personagem, pois não? Um boa-noite – é de lei. E de quebra, a admiração que lhe faz companhia, nessa investida contramão que se chama vida.

Ana Peluso

ANGELA TOGEIRO: Oi Feitosa, embora preferindo, oi Francisco. É sua vida? Sua busca de ser

e seu próprio encontro na sabedoria que se liberta na viagem? Bastante profundo, terei de ler mais vezes para alcançar a mensagem total. Parabéns, pela inovação, idealização e sobretudo pela descrição, que me fez viajar sua viagem, daí a releitura ser necessária. Angela Togeiro/Belo Horizonte

ANTERO BARBOSA: Vem de longes tempos a atração pela peregrinação, viagem custeada em homenagem ao santo, de que a mais famosa talvez termina em Compostela, na Galiza. Mas o peregrinar invadiu as areias da literatura. Camões se achou sob os rios de Babilónia, Dante incinerou a descida ao Purgatório, Carlos de Oliveira colocounos nos enxofres subterrâneos “debaixo do vulcão”, Verne levou-nos até ao centro da Terra e Sena propiciou a visita (*peregrinatio*) *ad loca infecta*.

Mas o maior romeiro de todos, em pátria portuguesa, vem de Alcácer-Quibir e chama-se “ninguém”, e a maior peregrinação de todas cabe a Fernão Mendes Pinto.

Peregrinações domésticas, de interior, alpinismos, há vários e para todos os desgostos.

Agora pude sentir esta, a todos os títulos indevidamente nomeada “peregrinação adolescente”. Porque essa peregrinação já vestiu várias peles, sendo hoje absolutamente adulta. Como tudo o que vivemos, ou do que vivemos o que mais apelamos, vai amadurando junto conosco. En-

velhecendo, quase. Sobrando algumas réstias de amor e muitas de humor.

Gostei de fazer essa viagem. Costurada das muitas menores que fiz. Retirei (retiramos) muito tempo de idade a nossas vidas. E muitos quilos. Fingindo de adolescentes. E, mão na mão, recuei ao tempo do sertão, monte em minha linguagem portuguesa. E assim pude suportar o peso do sol, vestir a roupa da solidão, esbarrar no escuro das noites, permitir as carícias e os safanões do vento e apertar o medo na concha da mão. E agarrar o pau que amedrontava os cães guardadores de casas, e pedir água para beber café, e esmagar cansaços em águas de ribeiros.

E no livor da manhã poder visionar de cima o campanário de Nova-Russas. Como um bálsamo no físico e na alma. Novas Russas!, nome estrangeiro, que me faz lembrar a Rússia e com ela nada tem a ver decerto.

Mas no mais tudo provoca osmose em função de uma língua comum. Matos não será composto dos arbustos daqui, eu depreendo tojo, urgueira, giesta, mas o que importa é o que o léxico nos transporta em idênticos terrenos mentais.

E isso nos permitiu, a nós dois, obter vivências e hoje reminiscências, que erguem de sempre um resplendor só imaginável por quem um dia não foi urbano.

E que nos proporcionou as circunstâncias únicas de poder defrontar o animal que habita

dentro de nós, poder acariciá-lo, bebê-lo, o domar porque nasceu selvagem, usar porque é nosso aliado.

E concluir que, por maior desejo de rigor ou ânsia de acerto, nenhuma lembrança evita ser adúltera, sobretudo esta porque utiliza o material da escrita, o mais duradouro mas também o mais frágil e o mais infiel.

Meu caro Soares Feitosa: permita-me o egoísmo de acreditar que escreveu este texto de propósito para mim. E acredite que nenhuma distância impede duas pessoas de por vezes esbarrarem de forma irreversível. Grande abraço,
Antero Barbosa

ANTONIO CARLOS SECCHIN: Muito obrigado, caro Feitosa. Você adivinhou ao falar de viagens: vou ao Recife esta semana e a Paris na próxima!

P.S.: Mas, certamente, serão peregrinações menos aventureiras do que as descritas na bela entrevista!
Secchin

ANTONIO SEIXAS: Viagem ao “haimi”. Amigo Soares Feitosa, sua experiência é bastante interessante. Lendo-a lembrei-me de Bashô, o eterno peregrino, a ensinar-nos o “haiku-dô” (“O caminho do Haicai”). Todo haicaiista realiza sua peregrinação por tortuosas trilhas, buscando o verdadeiro “haimi” (espírito do haicai).

ASTRID CABRAL: Peregrinação Feitosa. Meu querido amigo Soares Feitosa. Grata pelo convite de refazer via-leitura sua peregrinação adolescente. Foi um verdadeiro prazer viajar na garupa de linguagem tão fascinante. Confesso que tive até uma pontinha de inveja, pois bem que sonhei na adolescência pegar uma canoa e sair pelo mundo peitando o desconhecido. Mas, sendo mulher, sempre fui protegida e impedida de muita coisa. Primeiro o respeito ao avô, que perdi pai aos quatro. Depois o zelo do marido e em seguida cinco filhos na barra da saia. Só agora na velhice me deparo com a solidão, que como você diz (e já disse Pierre Brassence ou George Moustaki, não me lembro bem qual, naquela canção “Non, je ne suis jamais seul avec ma solitude”) é companhia fantástica. Agora não disponho mais do vigor físico para enfrentar uma peregrinação. Imagine a humilhação ou o sacrilégio, fui a Compostela em ônibus turístico!!! Tenho pra mim que a peregrinação se distingue da viagem por propiciar a descoberta de limites e forças pessoais, isso que você chama de o animal que mora na gente. Mais que o encontro com o novo de longínquas paisagens e pessoas, a peregrinação leva ao encontro da gente mesmo, o que está dentro de nós, mas escondido. É conquistada mais do interior que do exterior. Uma espécie de desafio. Concorda? Ao longo de sua narrativa há reflexões inesquecíveis.

veis: é andando até doer que você se dá conta das pernas. Outra: “O prazer de fazer é que faz a diferença entre o cativo e a devoção”. Isso é pura sabedoria, amigo. Obrigado por reparar comigo experiência tão enriquecedora, o testemunho desse sertão conhecido tão pela rama e por isso mesmo preservado da poluição do turismo. Com a saúde.

CARLOS FELIPE MOISÉS: Caríssimo Feitosa: Gostei demais da peregrinação adolescente do seu Francisco, no encaixe da vida plena a que temos direito, na idade em que chegamos e tendo feito o que fizemos. Parabéns!

Abraço fraterno do seu
Carlos Felipe

CARLOS ROBERTO LACERDA: Caro Soares Feitosa, li, com prazer, “Do relato de uma peregrinação adolescente”. É literatura de alto nível. Se concluiu, publique. Exclua, se achar conveniente, o “perguntador”. Não haverá prejuízo para a literariedade do texto. Um forte abraço.
Carlos Roberto Lacerda

CARMEN CINIRA: Soares:
Li seu texto com certa curiosidade.
Agradou-me uma espécie de intermitência do dentro-fora/ de sombra-e-luz. É preciso reler.
Carmen Cinira

CECILIA QUADROS: Parece que todos nós temos, em algum mo-

mento da vida, que viver um encontro com o céu em noite estrelada ou não para sentirmos sua magnitude e a sensação de pertencimento.

O universo como que nos abraça, céu, terra, tudo que nos rodeia, aguçando nossos sentidos e sentimentos mais profundos. Você teve sorte de viver esse encontro aos quinze anos, quando se desperta para a vida e se tem o resto dela – um longo tempo – para lembrar os fatos marcantes vividos, como a caminhada longa e solitária noite adentro por uma estrada do interior nordestino, entre a fazenda Catuana e Nova-Russas.

Com sensibilidade e competência você a descreve em “Do relato de uma peregrinação adolescente”, nos deliciando com a exposição de costumes, estórias e paisagem característica do lugar. Parabéns.

CECY BARBOSA CAMPOS:
Meu “jovem” amigo Feitosa,
Do alto dos meus sessenta e seis, sinto-me no direito e com dever de protestar contra essa história de velhote. Poeta iluminado, mestre da palavra, como você e o Ascendino, não têm idade. São donos do tempo!
Quanto a “Estudos & Catálogos”, que privilégio receber tanta beleza concentrada em tão poucas páginas. É preciso mais, que esta beleza se expanda em muitos livros e publicações. Também não posso deixar de citar a iconografia transcendental — Ticiano, Dürer... Imagens que se unem

às imagens do texto lançado ao leitor em estado de ansiedade que só será aplacado (ou aumentado?) com um segundo número da série. Agradecimentos fervorosos. Cecy B. Campos

CIDA SEPULVEDA: Que entrevistista gostosa. Engraçado que me identifico muito com várias passagens, o meu sertão infantil e adolescente é o interior do SP, mas eu poderia dizer que sem peregrinar tantos quilômetros, peregrinei como você em busca do “animal”.

Concordo que deveria ser um rito de passagem a todo adolescente, uma peregrinação. Problema é que os sertões estão povoados de paredes e imagens e os carinhas e as carinhas se deitam nas poltronas e fazem as viagens sem nenhum esforço – morte prematura da alma? E do corpo?

Só fiquei ressabiada com a história do jumento em vez de jumenta? Oras, oras, “seu” Feitosa! Abração,
Cida Sepulveda

CISSA DE OLIVEIRA: Soares Feitosa, que interessante e curioso, desde a ideia, esse questionário que ao final é um relato recheado de poesia. Se tivesse o título de “Pretexto à Poesia” – talvez que parecesse óbvio – seria justo. Ao menos foi o que me ocorreu.

Que viagem! Abraços,
Cissa de Oliveira

CLAUDIO WILLER: SF, que be-

leza! O texto é fluente como a própria caminhada! Prossiga, continue o trajeto e publique tudo em livro. Abraxas,
Claudio Willer

EDNA OLIVEIRA DE

SANT’ANA: Poeta Soares Feitosa! Comovi-me com a sua caminhada por uma região que, lamentavelmente, conheço tão pouco e, à proporção que avançava na leitura, transportei-me e fiz a peregrinação junto com você. Fiquei imaginando sensações do tipo: frio, medo, fome, dor, cansaço, desconforto, desânimo, prazer, deslumbramento e, por fim, a sensação do dever cumprido.

Vislumbrei no seu simples ato de andar a pé por uma região tão inclemente, uma aventura fantástica, onde o herói é um idealista e, em busca desse seu ideal, enfrenta todos os obstáculos. Parabéns, poeta! Você tem uma trajetória de vida como poucos e não é à toa que tem tanta coisa para nos relatar em forma de prosa e verso.

Edna Oliveira de Sant’Ana

EDSON BUENO DE CAMARGO:

Caro SF, tenho viajado muito tempo, de um lado para outro sem saber exatamente para onde estou indo. O de bom é que encontramos grandes amigos, companheiros de viagem. Muito interessante aquela constatação da máxima de Kant, do céu estrelado, o sertão tem destas coisas de filosofia, tem mais verdade em paus e pedras, pele de

lagarto, fogo fátuo, do que em muitas univer(c)idades, onde pomposos professores e doutores se reúnem para discutir o nada.

Lembra também o poeta John Keats, andando a pé pelos caminhos pedregosos da Escócia. Caçando fantasmas e sombras secas, o sertão da Escócia e o sertão dos Cearás, são um grande nada às vezes. A diferença é que na Escócia chove.

Falaste da companhia da solidão. O negócio estranho estar em companhia da danada. Nunca larga a gente, nem nos mais remotos rincões, nem em reuniões abarrotadas de gentes.

Outra grande constatação é a da figura histórica ilibada de Joaquim Nabuco, esquecido até de seus pares, e um grande construtor não só para a causa do fim da escravidão, como deste país que é nosso.

Edson Bueno de Camargo

EFER CILAS DOS SANTOS JR:

Caro poeta Feitosa, tive muita satisfação e alegria em ler esta "Peregrinação"; é uma escrita invejável e uma viagem de crescimento moral, físico e intelectual; está bem próximo de Wilhelm Meister.

Percebe-se como literatura é uma linguagem universal. A mesma frase de Kant que consolava Beethoven em sua aflição, guiava o jovem sertanejo... Mais uma vez nos brinda com um texto de grande valor e beleza. Forte abraço. Efer

ELIDIA MARIA FRANZIN: Querido poeta, me perguntas quando volto. Mas se nunca sai?! E não só. Meu coração lateja aí por dentro, no peito do JP. Outro dia, os três goianos contigo e eu, juntos duas vezes, mais de uma hora cada vez, que gosto de vagar. Depois peguei-me no Zé Alcides, de coração pendido, acho que os dois, e ficamos em *ménage à trois*, bastante.

E tem que te falo a todo mundo, essa oferenda que me transborda e passo adiante. Te louvo a poesia, homem-poema inusitado, cinquenta anos sob sete chaves até explodir assustado, fagulhas por todos os lados.

Hoje, emocionada, fiz a noite de Catuana à Nova-Russas. De início, receosa, enfrentara o sol, tua poesia, depois, a bagagem, imaginei teu peso interior. Não tentei mudar de ombro. Resignei. E então caí em grande espanto ao ver que tuas estrelas não tinha pontas, só muita luz nos olhos e boca.

Seguimos. Tentei prolongar a noite, ou o caminho, que fosse, sem preocupar de encontrar meu animal. Estava abismada num rei, teoricamente reinava nele, com posse de sua água, com tempo de sobra no Rio Acaraú, um banho longo. Foi nesse instante. Poesia e poeta, um ponto único. Nem aves noturnas, nem estrelas cadentes, nenhuma palavra mansa. Em voz grave, solo, o *Magnificat!*

Meu querido poeta, tem sim quem ande com o sol. Ou o sol, te vai no rasto? Grande beijo.

Elidia

F. SILVEIRA SOUZA: Soares, que coisa bonita sua “Viagem”! Lendo, perdi até o sono. Viajava-se a pé na maior tranquilidade, não importava a hora. Agora, de veículo, é assalto a qualquer hora. Creio que o culpado de tudo é o dinheiro (naquele tempo não havia). Aliás, o dinheiro é o causador de toda essa celeuma na TV. Só fala em CPI, Delúbio, Jéferson, Zé Dirceu, correios, mensalão, Marco Valério *et coetera caterva* de corruptos... Como era bom no tempo do Pe. Leitão! Só se respirava estudo, saber, cultura. Um grande abraço do Silveira

FATIMA LEAL: Meu caro poeta, até bem pouco tempo eu imaginava que só “euzinha” tinha vindo “lá do sertão”. Porque em cidade (mais ou menos) grande, são poucos os que têm coragem de revelar suas origens. Ou porque sentem vergonha ou porque têm medo da discriminação, das chacotas, dos apelidos etc. Eu já enfrentei todo tipo de brincadeiras, maledicentes ou não, mas nunca reneguei o meu rincão onde passei minha infância e que hoje eu sei, foi o tempo mais feliz da minha vida. Lá o matuto é livre para ser autêntico. Não se preocupa ou melhor, nem sabe o que é, o tal do traquejo social. Lá todo mundo fala o que pensa sem mais aquela e sem nenhum receio de ser considerado grosso, pouco sociável, ou coisa do gênero. Muito pelo

contrário, lá nos matos o que mais se ignora é a desonestidade e a hipocrisia. Não há nada que o sertanejo deteste mais do que hipocrisia, falácia e salamaques. Por essas e outras é que eu lhe agradeço muito pela matéria que enviou. Parece que voltei no tempo enquanto lia. Um retrato fiel da minha infância/pré-adolescência quando eu também fiz muitas “peregrinações” em busca da tão sonhada educação. Claro que não andava sozinha à noite, mas caminhei extensas léguas também. Talvez essas caminhadas forçadas de outrora sejam as responsáveis pelo meu vigor e disposição de hoje. Abraços, Fátima

FLORIANO MARTINS: O diálogo da andarilhagem, delicioso. Abraxas. Floriano

FRANCISCO CORDEIRO: Mestre Chico, pouca gente hoje em dia sabe o que é isso, fazer uma peregrinação a pé. Peregrinação de pagar promessa, ou mesmo de tanger o tempo do nosso dia-a-dia, prumode se aprumar no futuro.

Andar de chouto, fazendo a vez de tropeiro, acompanhando a tropa carregada dos apetrechos de sobrevivência: farinha, rapadura, feijão de corda, feijão de moita, carne de jabá, café da Serra Grande e tantas outras coisas que falta desta convivência em leva ao esquecimento. Lá pelos meus 13 anos, algumas vezes ia passar as férias com o

meu tio Cãindo Torres. Em junho de 1958 (Seca do Cinquenta e Oito), ele estava construindo o Açude Aroeiras, devia ficar a umas 4 léguas de Nova-Russas e tinha umas cinquentas pessoas diretamente trabalhando com ele, fora outras turmas independentes que estavam agregadas na construção do açude. Estava quase faltando comida. Chegou a notícia de que um trem carregado de comida estava chegando em Ipueiras. Daí meu tio preparou uma tropa para ir comprar mantimentos em Ipueiras, num total de 30 animais.

Por sorte ele permitiu minha ida também, principalmente porque eu sabia ler, estava fazendo o 3º ginásial – depois fiquei sabendo disso – a ordem era ir a pé tangendo os animais pra eles não cansarem. E lá pelas 3 horas da manhã, eu, meu primo Simão Torres, Chico Sobral e o baiano Gó de Xote saímos tocando a tropa, o caminho estava simplesmente lindo com o clarão da lua, deixando tudo muito iluminado, nem rodagem era. Era um caminho mesmo. Existia quase nenhum caminhão ou qualquer outro tipo de jipe ou coisa semelhante rodando por aquelas paragens. Pois bem, chegando em Ipueiras às 7 da manhã, o trem já tinha arribado pra Nova-Russas e a carga que abasteceu o mercado de Ipueiras já tinha sido toda comprada pela gente de lá. Na mesma pisada que chegamos em Ipueiras, nos despachamos no giro de Nova-

Russas, a pé tangendo os animais no chouto, ainda alcançamos o trem em Nova-Russas fazendo o descarrego da preciosa carga. Conseguimos comprar tudo que se precisava do fumo de rolo baiano a carne de jabá, farinha, arroz, rapadura, feijão tudo enfim.

Carregada a tropa, já era umas 3 horas da tarde quando saímos de Nova-Russas para o Açude Aroeiras.

Até hoje não me esqueço de quando chegamos à beira de um rio lá pelas 5 horas da tarde, em suas margens frondosas e centenárias oiticicas, somente areia seca com aquele forte cheiro de água de cacimba – tinha duas providenciais cacimbas e um cocho enorme feito de mulungu, onde os animais mataram a sede e nós também. Se bem que aqui e acolá a gente matava a sede com um caneco d'água em uma ou outra casa perdida naquele meio de mundo.

O sol ainda estava se pondo com aqueles raios encarnados bem escuros quando a gente estava chegando de volta no terreiro da casa grande. Saindo do Açude Aroeiras para Ipueiras e depois Nova-Russas, este percurso faz um triangulo, onde caminhamos a pé constantemente em chouto uns 90 quilômetros, ou 15 léguas. Foi a maior viagem da minha vida até hoje, entre Ipueiras e Nova-Russas descobri que ainda faltavam 42 anos para chegar ao ano 2000 e comecei a divagar expandindo as ondas do

tempo... Como estarei neste ano??? O que estarei fazendo e onde??...

Inté mais vê.

Chico Parnaibano

JOÃO ARLINDO CORREIA

NETO: Comecei a ler a tua entrevista e não consegui parar... não queria parar! Embevecido, tive que ler novamente. Penso que todo nordestino deveria lê-la. Na verdade, trata-se de um esturro lírico, um mergulho profundo no passado. Pena que nunca tenha feito tal peregrinação. O meu pai fez, meu avô também, de chinelas de currulepo, de alpercatas de rabicho. As minhas peregrinações cingem-se ao interior da alma, embora possa sentir o sol no cangote e o vento batendo de leve no rosto; alguns salpicos de chuva, na verdade gotas de orvalho.

Obrigado, poeta, pelo presente. Obrigado por essa viagem deslumbrante. Um fraternal abraço. João Arlindo Corrêa Neto – Marquês do Bessa

JOÃO SOARES NETO: Meu caro Soares Feitosa, li de um chouto só a sua peregrinação-entrevista-poema. Li com alegria. A alegria que dá ao sentir que uma pessoa capaz pode sair da sua fazenda e na Fazenda ser douto.

Li com pena de não ser o entrevistador e de ter sido menino de cidade, sem o sacrifício que dá o tutano que sai dos ossos do duro ofício de peregrinar por toda a vida.

Li e vi que um domador de cavalos se metamorfoseou em domador de palavras, ajustando-as em seu natural saber, sem precisar enfeitar. Elas estão no seu matulão. É só ir tirando e dispondo no papel imaginário que é a tela. Li que sua trajetória é tão rica que a inveja que tem sofrido por seu poetar é até, se possível, desculpável.

Li que “avistar coisas de esperança muito larga é tentar-se ao desistir”. Mas, não desistir é ser um Camões da terra braba dos sertões e isso você o fez: “Dar novos mundos ao mundo”.

Parabéns e respeitos do João Soares Neto

JOSÉ ALOISE BAHIA: Você já peregrinou? Tudo começa com a simples pergunta. Envolvendo realidade e ficção na vida de um dos mais fecundos escritores brasileiros. O mais interessante: ele se reinventa a partir da entrevista, um gênero direto da modernidade. E, do outro lado, temos uma outra palavra: peregrinação, jornada longa e exaustiva. Eis a intertextualidade plena e genuína nas mãos de um peripatético.

O diálogo criativo e imaginativo caminha com passos filosóficos. Realiza-se, noutra fonte, na sua forma, ação e metafísica: Aristóteles. Pois o colóquio dos dois Franciscos é uma aula daquilo que Aristóteles ensinava caminhando. Na moral individual aristotélica todo ser tende a realizar a sua natureza. E a sua natureza é a razão. A virtude

nasce do exercício desta razão do ser e tem como morada/passagem a inteligência e a vontade, outras duas palavras que pululam no bate-papo e encontro de um homem/ menino com a sua imagem: transpor em livros uma fiel representação de si mesmo. Nisso, a razão esclarecida se encontra com o ser e o homem/menino realiza a sua natureza humana e intrínseca: torna-se um escritor.

O inquilino das letras peregrinador, caminhante com prazer, faz uma reflexão incisiva sobre o início, o meio e o fim (até parece reverberar a música de Raul Seixas). Transcendental. Não tem como escapar, o seu texto é metafísico. De uma sabedoria tamanha. Grandioso como o sol, frondoso como a mangueira carregada de mangas amarelinhas. As idas e vindas de Nova-Russas, uma Maratona, desperta uma noção de tempo muito lindo. Tempo vivido, memorial, não esquecido, aquecido, lembrado e sagrado.

A devoção é a jornada. E a jornada, um diálogo. O diálogo, o caminho. Não é moralista. Pelo contrário. Parece fazer questão de nos chamar a atenção, de uma maneira sutil, às iluminações/ sombras do mistério, que muitos teimam em esquecer: as origens e raízes de uma árvore verdejante. A origem como ponto de partida.

Vital no envolvimento com suas histórias. Com suas leituras e viagens aflitivas. Palavras de um

poeta singular: “O gostar eliminava o obrigatório”. Desta fonte brota uma juventude lúcida que dá um banho em muitos marmanjos contemporâneos metidos a bestas.

Tudo isso para dizer: – Vai, Francisco, vai escrever as suas memórias. Pois o homem tem muito para nos contar e nos relata nesta entrevista acontecimentos de uma maneira maravilhosa.

No sertão existe uma voz. Galopante, engenhosa, magistral e simbólica. Pétala nordestina e brasileira. Anima Mundi. Uma voz de só ares feito rosas....

JOSÉ FELIX: Caro Sr. Feitosa, foi um prazer ler essa viagem pela infância de modo a não esquecermos as estrelas; elas existem, mesmo, apesar de a vida sedentária nas grandes urbes nos cegarem de tanta luz artificial.

Todo o texto é sublime mas destaco alguns pontos:

“(...)”

78. Francisco: Não estou entendendo: você fala em peregrinação, mas a rigor era um dever comparecer aos exames do colégio, sob pena de ficar reprovado. Peregrinação não pressupõe livre vontade?

SF: Sim, era um dever. Tinha que ir. Em dia certo, chegar na hora certa, comparecer aos exames e auferir as notas suficientes. Mas, iniciada a viagem, tomando gosto pelo que fazia, o gostar eliminava o obrigatório. O

prazer de fazer é que faz a diferença entre o cativo e a devoção. Ainda que o fruto seja o Mal. Só assim se explica a eficiência dos carrascos de Hitler, aliás, de quaisquer carrascos –, eles gostam do que fazem. Fazem-no melhor que o dono. Mas há quem faça o Bem. Sem pagar alguma “(...)

(...)

85. Francisco: Um saci, um duende. Crê nessas coisas?

SF: Nem um pouco. O animal, você o encontra quando peregrina sozinho, à noite, cansado, jejuado. Ele está dentro de você. O corpo sacrificial, o seu, os céus, estrelados ou não, que, ao mesmo tempo, chamam-no para cima e, com a mesma força, o repelem e o esmagam no rumo do chão, que também o puxa e empuxa. Você no meio, joguete de céus e terra. Não é fácil, creia-me. É quando o seu animal aflora, salta para suas mãos. É a hora de domá-lo. Ficam amigos, o animal e o dono. Acho que a peregrinação devia ser matéria obrigatória no currículo do jovem. (...)

(...)

98. Francisco: Poderia ser o contrário, de Nova-Russas à fazenda Catuana?

SF: Não! A viagem tem que começar pelo pior, contra o Sol, correndo atrás dele, no rumo do poente. De manhã, quando você menos espera, ele o ataca por

trás, nascendo, rasgando os horizontes, de tanta luz. Isto lhe dá a sensação de que ele, Sol, ganhou a corrida. É verdade, não tem quem ande com o Sol. Ele é mais ligeiro, muito mais. Amanheceu! Você se volta e o abençoa. Pede-lhe a “bênção”, que é um novo dia! É botar os olhos lá na frente... um limiar novo. Os seus olhos grandes, de nenhuma tinta, Ela. Perfil e silhueta, um tempo veloz. Iluminação.

(...)

O texto é lúdico e reflexivo. Dois ingredientes que fazem, seguramente, com que um texto seja para “comer”. Um forte abraço José Félix

JOSÉ PEIXOTO JUNIOR: Vaqueiro véio. Fui contigo nessa imensa crônica poema-em-prosa, na classificação de Afrânio Coutinho. Tenho a perguntar-te, a leitura foi a criadora da pergunta: naquelas idas, acorria à tua cabeça alguma visão do teu futuro? Isto é, já vislumbravas o que perseguias? Outra pergunta: Fazenda Catuana, nome sonoro, nasceste ali? Tens ideia do significado desse nome? No item 89 chamou-me a atenção “no mesmo trom”. Esse “trom” é trom mesmo, ou é “tom”? Não, porque lá em nós, palavras tomavam outras formas. Peixoto Júnior

LUIZ MANOEL PAES SIQUEIRA: Feitosa, li a tua entrevista e me emocionei. Eu fiz tudo aquilo ali que descreves, muitas ve-

zes também. Vareei madrugadas andando a pé, inclusive em situações muito delicadas de minha vida. Algumas vezes me arrepiava – e não sabia por que. Às vezes sentia que alguém caminhava ao meu lado, embora eu mal avistasse um metro diante dos meus olhos. Conheço isso tudo, amigo. E essas experiências me causaram uma transformação interior profunda, a ponto de me sentir perdido numa cidade grande, seja ela qual for.

Aquela estória do animal...

Sabe, Feitosa, não penso mais em repetir essas caminhadas. Não serão mais as mesmas. Elas estão todas, muito bem cristalizadas dentro de mim – e fazem toda a diferença do homem que sou hoje!

Um abraço.

Luis Manoel

MARIA A. S. COQUEMALA:

Francisco, oi, bom-dia, acabei de ler seu texto, gostei muito, me remeteu à própria infância, quando eu andava uns três quilômetros pra acompanhar meus irmãos que iam pegar o ônibus rumo à escola, e eu ficava olhando, com inveja, queria aprender a ler, mas só tinha 5/6 anos, então voltava sozinha pra casa, no sítio, trazendo o jornal do meu pai, passando pela ponte, por trechos de mata fechada, vendo bois nos pastos, uma infância também muito rica nos contatos com a natureza, daí que me enfronhei na sua pele, podendo imaginar o que o garotão de 15

anos sentia... E como você, me espantava o céu estrelado, queria saber o que era uma estrela, perguntava a todo mundo, ninguém sabia, até que numa noite inesquecível uma amiga mais adiantada na escola me explicou o espantoso tamanho, o sol, uma estrela de apenas quinta grandeza, tanta coisa... Jamais esqueci a emoção daquela noite, daí que estou sempre estudando o universo, vendo-o em maravilhosas imagens televisivas, querendo saber mais e mais...

Gostei muito de conhecê-lo (nas entrelinhas do seu texto), sensível, culto, inteligente, emotivo, sou sincera, nos elogios, quando não há o que elogiar, eu apenas me calo.

E gostei da sua linguagem, do seu estilo, nada de modernidades macaqueadas de G. Rosa, Clarice e que tais, ou carregadas de enigmas que cansam, ou até mesmo afastam o leitor. Pude ler seu texto com todos os sentidos, Tateando, vendo, ouvindo, sentindo os cheiros, as expectativas, tudo fluindo no devido ritmo, se repetindo na oportuna ênfase, uma verdadeira peregrinação juvenil, pois você caminhava mesmo para o mais sagrado da sua vida, a sua instrução, os livros, a revelação que eles lhe traziam.... Haveria muito mais a dizer, mas não sou crítica literária, me faltam ferramentas para isso. Minha especialidade é Linguística.

Um grande abraço, Maria.

MARIA DA CONCEIÇÃO PARANHOS:

Entre o Francisco e o SF havia de ter ocorrido a peregrinação: de homem mítico para homem cotidiano, do animal para o homem, do homem para o animal.

Pobre de quem não quis se encontrar com seu animal e seus ensinamentos geofágicos.

Sabe, meu amigo, algo tem de muito doer para se chegar à Escola, esta, digo, da vida. Sua peregrinação era para esta, você certamente o sabe agora.

E conviver com a dor! Amestrá-la ao corpo e à alma. É a alegria dos tristes e o júbilo dos criadores.

Para você, sempre, a mais profunda amizade, a mais doída saudade, de você, alegria.

Maria da Conceição Paranhos

MARIA DE LOURDES HORTAS:

Caríssimo Poeta. Essa sua viagem é deslumbrante. Dá vontade da gente seguir o seu exemplo e botar o pé na estrada, descobrindo “o nosso animal”, tendo esses alumbramentos todos que você tão bem descreve, viagem em nossa própria companhia, debaixo do céu pesado de estrelas, varando a noite do mundo. Muito obrigada por não me esquecer. Quero-lhe bem.

Abraço grande.

Maria de Lourdes Hortas

MARIO CEZAR COIVARA:

Sertão a dentro.

qualquer labareda estancada na virga da palavra aqui

exposta se amola na crônica de tus noites repartidas

Sim, Soares. Como aclamar seus pés andantes? A raiz dos calos dizem melhor do que esta fugaz escrita porque em teu sangue está todo pó da estrada.

Sim, Soares. Tua caminhada é um ensinamento porque presenciado pelo sol se pondo.

Sim, Soares.

Mando um abraço

e

continue.

Imprescindível. Os escombros já são tantos.

Mario Cezar

MARINA LEITÃO: Meu querido Amigo Poeta! Você me surpreende cada vez mais!

Você entra e sai de suas personagens, com uma habilidade extraordinária, se desdobra, se multiplica...

Adorei muito “do relato de uma peregrinação adolescente”, gostei muito especialmente quando você fala: “O homem, se for de coragem, quanto mais sozinho, mais coragem”, concordo plenamente, porque é quando estamos sós, diante do perigo, do desconhecido, que nós sabemos se somos fracos ou fortes e, é só aí que o homem de coragem sabe quem ele é na realidade, porque sendo de coragem ele vai enfrentar a fera... Abraço grande para um grande POETA. Marina Leitão

MAURO MENDES: Caro amigo Feitosa, não só espiei mas gostei demais até! Um (São) Francisco de chinelas de currulepo, saído, poeticamente, de “PSI”, entrevistando um outro SF (este, digamos, nem tão santo assim...) de sandálias de rabiço e levando um banho de sertão, como eu levei e levará quem quer que leia, é uma profecia de Isaías!

Currulepo, currulepo! Só nordestino conhece isto, não há onomatopeia mais perfeita! E o Psi grego, o candelabro? É a explicação “clássica”, definitiva, do mandacaru! Quem puder me mostre outra!

Mas não é só divertida a “entrevista”, não. Apesar da linguagem jocosa, você faz um mergulho profundo no passado, uma análise psicológica de experiências difíceis da infância. A “entrevista” parece apenas brincadeira, mas não é só a perna que dói por causa do caminhar, não; há outras dores (bem superadas), escondidas nas entrelinhas...

Aos 15 anos, eu também ajudava missa lá pelo Barro Vermelho e me lembro do “Sanctus, Sanctus, Sanctus, Dominus Deus Sabaoth” (Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus dos Exércitos). Não deixa de ser desconfortável refletir sobre isto, hoje: um Javé guerreiro, belicoso, sanguinário, para o qual, inocentemente, a gente tocava a campainha... Pichelengo, pichelengo!

E a estrada de Canindé? “Centenas de carros, indo e vindo. A

luz que vem, a luz que vai. Vruummm! E um bocado de gente a lorotar. Claro que o seu animal não virá nunca”. Eu já imaginava isto, mas, por saudosismo, continuarei a me lembrar apenas daquela estrada onde “quem é rico anda em burrico e quem é pobre anda a pé”, como, há pouco tempo, alguns matutos contaram ao poeta Virgílio... Será que ele acreditou?

Da próxima vez que for peregrinar, leve, sim, o incenso e a mirra, mas não se esqueça do turíbulo, para espalhar... E não se esqueça também do hissopo, para aspergir...

Você, verdadeiramente, fez a passagem do sertão para o mar! Um grande abraço!

Mauro Mendes

NEI DUCLÓS: Amigo poeta: Que radicalidade boa é entregar-se, deixar-se levar não pelas palavras (que essas exigem sempre atenção absoluta), mas pela vida, e recolher o fruto plantado arduamente na manhã fria com a pachorra da sesta obrigatória (esticando a mão a partir da rede e mais acariciar o que é colhido do que colher verdadeiramente). Deitas na cama construída com a maestria do ofício e dá o bom conselho para quem procura e não costuma achar. Lembro Quintana – ser poeta não é ler poesia, é ler os classificados, ou algo assim (citar de memória é a verdadeira citação, citar corretamente é cópia). Lembro também que costume estocar a menina que vive dizendo que quer

estudar o que gosta. Estudar o que gosta não é estudar, provo-
co, isso chama-se lazer. Estu-
dar o que não gosta é o verda-
deiro desafio. Estudar latim, geo-
metria. Ler o que dá trabalho.
Ser a poesia e não o poeta. Há
fartura de poetas e escassez de
poesia. Sorte que tua messe é o
excesso. Dele nos beneficiamos,
vivemos do que podemos ser nas
tuas páginas, da nossa gratidão
e da amizade verdadeira que
constróis ao vivo (tua noção de
eternidade).

Tu que és o poeta da inclusão
no país da exclusão absoluta. Tu
que fizeste a Bíblia da poesia em
português, o grande Livro virtu-
al onde todos nos deitamos
numa fila infinita de redes. Na
maior comodidade, esticamos a
mão e acariciamos os frutos
generosos do “Jornal de Poesia”.
Um abraço do amigo
Nei Duclós

NILTO MACIEL: Soares Poeta
Feitosa, li a sua conversa com
Francisco. Li e ouvi. Ouvi e ima-
ginei o jovem em sua peregrina-
ção pelo sertão. Gostosa con-
versa, lembrança. Para quem
tem bom ouvido. Um forte abra-
ço deste seu admirador de sem-
pre.
Nilto Maciel

PAULO GONDIM: Meu caro po-
eta Soares: Rapaz, muito bom
esse RELATO. Quem não conhe-
ce o SERTÃO há de fazer um
curso sobre o Sertão, não tenha
dúvida. Agora, essa da **alma-de-
gato** é demais. Fazia muito tem-

po que não ouvia essa expres-
são. É Sertão puro!

Parabéns. O poeta escreve mui-
to bem. Abraços.

Paulo Gondim, São Paulo

PAULO ROSENBAUM: Salve,
Feitosa dos mares. Guimarães
Rosa certo do formato da lingua-
gem falada como via da narrada
te saudaria. Eu apenas registro
teu talento certo de que no tem-
po linear fará diferença. Muita.
Vai de volta uma verdadeira
constatação.

Paulo Rosenbaum

PAULO DE TOLEDO: Olá, meu
camarada, como tá? Infelizmen-
te, estou mais pra Mário do que
pra Oswald. Sou caseiro. Por en-
quanto, por pelo menos. Mas ten-
to “viajar”, a despeito das pedras
pesadas, também chamadas de
realidade, amarradas aos pés.
Bonita essa tua peregrinação
significa! O sol realmente está
na nossa frente, mesmo quan-
do atrás. Afinal, a luz, a veloci-
dade dela, é ele na sua mais
perfeita tradução.

Enfim, obrigado por me levar jun-
to na tua caminhada. Abraços!
Do companheiro de viagens,
Paulo

RAQUEL NAVEIRA: De navega-
ção e poema. Caro amigo Soa-
res Feitosa, uma delícia nave-
gar sem bússola por esse diálo-
go poético entre os Franciscos
impregnados de memória e noi-
tes estreladas.
Abraço fraterno,
Raquel Naveira

RAY SILVEIRA: Caro Feitosa, estou perplexo. Cada vez mais me surpreendes. Conheço-te como um dos grandes poetas da língua portuguesa. Agora me vens com onze páginas de Memórias (que poderiam muito bem ser transformadas num belo conto), em forma de literatura de alto nível. Não preciso te dizer nada que não sintas. Nunca disse a “seu” ninguém. Sabes disso.

Se ainda não publicaste, transforma isto num CONTO. Será uma obra-prima que perdurará tanto quanto “A Cartomante”, “Fita Verde no Cabelo”, “O Homem que Sabia Javanês”, “Baleia”, “Famigerado”. Se preferires deixar como está, tudo bem. Não ficará nada a dever a trechos do “Baú de Ossos”, “Balão Cativo” ou “Beira-Mar”. Do Mestre NAVA. Isso é ouro puro. Ouro de lei.

Parabéns, meu amigo!

Muito obrigado por me proporcionar tanto sertão (o teu é igual ao meu) em forma de Arte, nesta tarde de domingo. Um abraço.

Ray Silveira

REGINE LIMAVERDE: Como sempre, me encanto com seu texto. E estou aqui abastada, pensando em Monsenhor Tabosa e no cavalo que você levou para escola. E nos atoleiros e no cachorro latindo no pátio e no riachote, um filete magro. E nessa tal alma-de-gato!
Que coisa! Regine Limaverde

RENATO SUTTANA: Soares: Li o seu escrito (sobre a viagem) e gostei muito. Sempre achei que é necessário não só uma vez na vida, mas muitas, empreender essa jornada. Você captou bem (e, sobretudo, o expressou magistralmente) o sentimento e, por assim dizer, o espírito da viagem, e o fez até no sentido físico da palavra: a noite, o deserto, a aproximação do animal e os consequentes abalos. Quem é que pode ficar inerte? Lembrei-me do filme “Náufrago”, de Robert Zemeckis, que interessa não tanto pela figura do homenzinho ali, na ilha, a comer coco, a descobrir o fogo e depois a se lançar sozinho no mar vasto, sobre uma jangada rústica, em companhia só da baleia e do seu medo, mas pelo final realmente perturbador – em que o vemos lá, outra vez sozinho, parado sobre um cruzamento de estradas no meio de uma paisagem deserta, em pleno lugar nenhum. É pelas paisagens desertas que o homem começa? Vai para onde, para Onde, para o Lugar.

Atravessar os ermos ensina.

Vai o abraço do Renato Suttana

RITA BRENNAND: Francisco MEU, estou há dias com seu texto... remoer, reler, ruminar e me emocionar... é um menino ainda! Não se fazem mais meninos como antigamente. A receita para se fazer um MACHO... Mas para se fazer um macho desse calibre tem que ser escolhido a

dedo e que more nas brenhas... que ande a pé com alpargatas ou pé no chão... que conheça as sombras na escuridão, o canto de algum pássaro noturno, que mesmo com o coração batendo diz que é de alegria... nega que seja de medo... macho não teme nada... repete para si mesmo... Vai respirando a força do mato seco, a poeira já adormecida, macia, acaricia os pés. Assim se faz um macho. O estudo não atrapalha o gozo da caminhada, da proeza, da aventura, que vai sendo arquivada, pelo tato da sola dos pés... pela descoberta das estrelas... no contar das línguas vencidas. Êta cabra da peste. Depois... muitos e muitos anos depois, despeja de uma tacada só, como se fosse num filme ainda em preto e branco... bem ao jeito de antigamente, como as mulheres fortes as mães as FÊMEAS sabiam. Ah, como sabiam !
Meu beijo... amo você. Rita

RODOLFO LOPES: Soares, voltei no tempo, meus 7, meus 15, meus 17 anos. O interior de Minas, Sul, a Mantiqueira, roça, sem luz, matas, luz de lamparina de querosene... E as longas caminhadas por trilhas, só, pé procurando o outro pé sem nunca se acharem, carimbando o solo empoeirado com a marca dos pés descalços, ou poucas vezes calçados, que o vento se encarregava de ir atrás apagando, ou amassando o barro formado pela chuva, atravessando as poças d'água, os riachos, tal-

vez uma pinguela com um bambu na horizontal servindo de corrimão, mas indo sempre em frente por longas distâncias, indo de lugar nenhum a nenhum lugar pois que os povoados eram insignificantes. A noite de lua cheia, clara que até dava para ler alguma coisa, ou então noite de lua nova com o céu tão cheio de estrelas que não havia nele espaço para colocar sequer a ponta do dedo.

Mas havia a noite escura como breu, céu nublado, muitas vezes chovendo muito, a cântaros que por aqui chove assim, sem poder enxergar nem um dedo colocado bem na frente do olho, mas caminhando sempre, carregando os pertences, alguma compra...

Sempre chegava ao destino. E se voltava, inteiro, de alma lavada, pronto para outra caminhada. Os de hoje não sabem o que é isto. Muitos nem sabem que o leite que tomam em casa saiu das tetas de uma vaca, de uma cabra...

Abraços! Rodolfo

RONALDO COSTA FERNANDES: Caro Feitosa, que maravilhoso texto este seu "Do relato de uma peregrinação adolescente"! É obra memorialística, é obra de ficção da melhor cepa. É no Ceará que também se produz uma das expressões mais contundentes da poesia brasileira do momento.

E você é um grande artesão e mestre das palavras.

Ave, Feitosa!

RUY ESPINHEIRA FILHO: Belo texto! Grande Feitosa: Rapaz, que beleza de texto! Fiquei comovido, pois também já andei pelo sertão, tanto de dia quanto de noite, não viajando – mas caçando perdiz. Do que me arrependo hoje, mas naquele tempo eu achava caçar muito natural. Enfim, o bicho homem é mesmo um animal predador... Em compensação, às vezes faz coisas belas – como o seu texto. Muito obrigado por tê-lo enviado a este seu amigo.

Um abraço grande, Ruy

SANDRA BALDESSIN: As suas palavras têm gume, poeta... Penetram o meu imaginário e vão iluminando algumas regiões dentro de mim que sequer sabia que existiam. O resgate dessa sua peregrinação, a lembrança de uma solidão que se fazia companheira, um tempo de ver estrelas – inclusive aquelas que nasciam dentro de você, também me conduz a uma espécie de viagem, onde reencontro o meu eu-menina.

Toda essa saudade não é somente sua: é minha porque você a partilhou, porque ela encontrou eco nas minhas próprias lembranças. Talvez porque seja uma saudade transmudada em palavras. Tenho uma clareza: as estrelas ainda estão lá... e aquele menino também. Especialmente para você:

Refletindo estrelas

Gosto das estrelas.

Gosto mais ainda da palavra estrela.

A estrela não cabe onde eu possa guardá-la.

A estrela-que-se-diz cabe inteira,

desliza na língua... Se digo:

estrela,

a noite vaza céu da boca afora,

ilumina a imaginação.

Um beijo carinhoso.

SÉRGIO DE CASTRO PINTO:

Poeta Soares Feitosa: que bom ter sido ciceroneado por você nessa viagem epifânica, cheia de descobertas! E que bom ainda compartilhar com quem sabe que “a poesia é a infância amadurecida”!

Sei que você começou a escrever já cinquentão. Mas tinha que ser assim para quem, durante todo esse tempo, foi sazonalizando os sentimentos e as palavras para servi-los ao leitor que os percorre com a alma em riste e o coração aos pulos por suas descobertas.

Muito obrigado, mais uma vez, por ter me feito companheiro do seu itinerário lírico. Abraço amigo do

Sérgio de Castro Pinto

VERA QUEIROZ: Meu caro poeta, não tem como seguir seu mapa (nem mesmo sei o que seja espigato ou canção), tem de ter um rumo e a palavra que o siga, tem de ter essa imensidão de histórias e de vida que você acumulou e recria pra gente se encantar. Como é bonito seu

percurso, poeta, estamos todos lá pegando na sua mão pro medo sumir e olhando assim encantados aquele céu de astronauta e fazendo pedido pra estrela cadente. Que ela continue com você, poeta, e conosco também, nesse presente que nos deu. Um forte abraço, Vera Queiroz

VICENTE FRANZ CECIM: Compadre Francisco, já fui: só não sei se incluo entre os “Diálogos”, de Platão, ou em “O Peregrino”, de John Bunyan, ou na “Conversa de Bois”, do nosso mano Rosa. Com afeição, teu Franz da Floresta

WILIS SANTIAGO GUERRA: Poeta, adorei essa sua autoentrevista!! E já “capturei” uma frase de lá para um trabalho que meu filho está fazendo para a PUC, sobre peregrinações – nem precisa dizer qual, né?! Acho que você mostra ali claramente como está indo “diretim” para o mesmo lugar de onde hoje sai a melhor poesia brasileira, a meu ver, dentre a que é feita pelos vivos: a de Manoel de Barros. Outro dia falei isso de público no Rio, numa palestra de filosofia, e foi um alvoroço – só que me contestavam citando poetas mortos – claro que sua poesia está cada vez mais viva, mas eu insisto nesse fato de estarmos aqui debaixo do mesmo sol ainda, e não da mesma terra... Sabe que agora tem no Rio uma Academia Brasileira de Filosofia cheia de poetas, a começar pelo Carlos Nejar? Coisas do Rio,

esta nossa velha capital imperial.

E obrigado por lembrar que o Kant era poeta, sendo versos o que tem de melhor da pena dele. Por fim, não me canso de dizer como estou agradecido por você ter disponibilizado na *internet* os meus quase poemas, pois agora eu os tenho comigo praticamente em qualquer lugar – daí, outro dia, enquanto meu filho me mostrava os (primeiros) poemas dele, eu pude mostrar para ele os meus também, e foi muito lindo. Abraços líricos,
Willis

Gêmeas eram as senhas das torres gêmeas
OU
*O homem limpo de coisas é a medida do
homem*

Guardo no memorial dos olhos um velho trem, numa tarde de quase sol posto, entre Senador Pompeu e Quixeramobim, Ceará, comigo dentro dele. Éramos eu, minha mãe e tio (Adaucto), mais algumas centenas de passageiros e outro quase tanto de bichos de vasta fauna. Num ranger súbito, lá estava o velho trem a se espatifar lá embaixo, ali na curva: dez, os mortos.

Ah, meu caro leitor, se você estivesse aqui agora, veria com seus olhos o meu arribar de beijo, fazendo o gesto: “ali”, e, com as mãos, a virada do trem, pei-peí! Contenta-se pois com meu descrever canhestro e amplie tudo com sua imaginação, por favor.

Uma montanha de feridos, inclusive minha mãe, um galo de sangue na testa, do tamanho de um limão, lá nela, tonta e zonza por quase um mês. Eu, uns 16 anos,

forte como um bicho bruto, ganhei apenas umas boas pancadas nas costelas – para aprender a andar de trem! –, mangofava o tio, Adaucto, que ganhara só uns arranhões, dizendo que a cerveja o salvara, no que a irmã (minha mãe) recriminou:

– Foi Nossa Senhora, meu irmão, quem nos salvou! – E, ligeira, benzeu-se três vezes e três vezes beijou os escapulários bentos. Também por três vezes, exigiu ouvir, bem alto, a voz do filho (eu), dizendo que estava bem. Sim, estava.

– Graças a Deus! – e três vezes se benzeu novamente – ela disse, dissemos.

Desordem plena no trem. E, em paralelo com o agora, como se o tempo fosse um tempo-unitário – talvez até seja mesmo –, dois aviões entupidos de trevor-suicidas: o ataque às torres gêmeas do nunca mais.

Lições? Eis o desafio: o

que poderia haver de senhas comuns entre transportes tão díspares e gentes tão distantes? Que julgados a elaborar? Dentro ou fora dos autos, o quê?

Não, não havia terroristas dentro do meu. Era apenas um velho trem pacífico, da linha Sul, entre Crato e Fortaleza, correndo no mormaço da tarde no longínquo ano de 1960. A eles – o trem daqui e os aviões de lá –, comum foi-lhes a morte. Também comuns foram-lhes coisas. Porque no trem daqui e nos aviões de lá, as pessoas portavam e levavam coisas.

Já lhe conto como eram as coisas nossas, dentro do trem,

naquele tempo. Havia os vagões de primeira e os vagões de segunda. Na segunda classe, os bancos de pau rústico, de conforto nenhum. Na primeira, poltronas estofadas e escamoteáveis de um jeito que botávamos duas frente a frente, ótimas para conversar e olhar. Em ambos os graus, de pobre ou de rico, janelas, amplas, fartas, cheias de paisagem.

Um dia, noutras viagens, um menino chegara a se assustar com a estreitura dos vergalhões das pontes altas, ainda lá de longe, à curva-precipício, de uma certeza de quase não...

O trem e o cordeiro

Por que o senhor engenheiro não botou estas pedras
bem pra longe,
as longarinas e as traves
da ponte
— no olho, a trave —
não as afastou?

Riu-se ele do susto:

— Não vai bater,
foi o que ele disse,
malicioso, na ponta do lápis.

Não consigo confiar
— o olho —
maldigo a régua
que poderia
ter chamado
bem pra pertinho
a paisagem, o cordeirinho,
para pousá-los
nos paus desta janela.

Soares Feitosa

O problema não era o risco dos varões das pontes altas, calculadas de correto como garantiria o imaginário engenheiro-agrimensor. O problema eram as coisas. Surrões de rapadura, sacos de farinha, bodes devidamente engaiolados em cestos de cipós trançados, chamados grajaus. Porcos, ditos bacorotes, desde que não muito taludos, à mesma embalagem. Malas, caixas, caixotes, sacos de todo o gênero, achas de lenha, caibros, ripas, carvão. Baforadas de cachimbos e cigarros de palha; cusparadas ingênuas dos mascantes de fumo de rolo. Rezas, terços, cegos e cantorias. Tudo, em suma, devidamente misturado com as gentes, porque aqui, ou pelo menos lá, aquelas coisas eram uma coisa só: coisas & gentes – nós.

Claro que aquilo tudo não era permitido. O passageiro, da primeira ou da segunda classes, deveria pelas normas da companhia de trens, despa-

char a bagagem. Contudo, por não confiar no “despacho”, nem querer pagar nada quando o peso excedesse o limite permitido, ou ainda para desembarcar bem rápido, sem os atropelos de esperar bagagens quase sempre extraviadas, ninguém despachava (nem pagava!) coisa alguma. Sob um consenso mudo, ainda que pesasse em desconforto contra todos, ninguém reclamava. Nem mesmo os fiscais do trem diziam nada, eles também gente dali mesmo, compadres, comadres.

No trem da primeira classe não se chegava a ponto de embarcar bacorinhos, bodes e cordeiros. Mas as malas, as caixas, os embrulhos, os pacotes, tal qual na banda pobre do trem, lá estavam, em toda parte, no piso, por entre os bancos, em cima dos bancos, debaixo dos bancos. Até mesmo os cabides, próprios para um chapéu ou uma toalha, entupiam-nos com rapaduras, queijos de coalho, garrafas de man-

teiga-da-terra, fardos de carne-seca, atilhos de avoantes, cestas de ovos e alfenins.

Janelas. E o trem no mundo!

Quando, senão quando, nessas mínimas traições do destino, o trem a se desmanchar ao abismo. Lembro, sim — eu estava lá, dentro dele! — o bicho-trem girando, virando, louco, manco, torto, virado, morto. Retorcido. No durante, um instante só, de jamais apagar, eu vi uma quartinha. Sabe o leitor distinto o que é uma quartinha? Pois já lhe conto, com sua licença:

Ora, a sede, porque afinal, somos da Seca! Naquele tempo não havia essa ideia de vender água. Parecia-nos bíblica a obrigação de dar, gratuita, a água de beber, de modo que soaria blasfemo cobrar dinheiro por um copo d'água. Logo, se não havia água para comprar, quem não levasse a sua, é óbvio, ficaria com sede. Daí a quartinha. Dita noutros cantos lusófonos moringa, bilha, bulhão, aqui é quartinha. De barro cozido, vermelha, algumas com enfeites coloridos, outras com o sinal do oleiro ou arabescos de santidade. Arte!, e cheias d'água, uns quatro litros. Pesadas!

Então, por detrás de cada poltrona, tanto nos vagões da segunda como nos da primeira, a prosaica quartinha, ali, de plantão, e um caneco de alumínio, de uso múltiplo (para

todos!) a lhe tampar a boca.

Primeiro, foi a chuva de canecos, com seus sons de chovalho. Como se os buscassem, desesperadas por terem sido destampadas assim de surpresa — eu vi, conto que vi, eu estava lá! — uma multidão de quartinhas aos emboléus, voando atrás dos respectivos canecos, a se espatifarem rijas na cabeça dos viventes. As malas, as caixas, os caixotes, e os caixões, como se subitamente enlouquecidos, voando, caindo, ferindo, matando. Os animais de asas, também os de quatro pés, súbitos papagaios, galinhas, araras, perus, pebas e teiús, em fuga por entre os moribundos. Ah desassossego! Bodes, carneiros, porcos, ovos, farinhas, bolos de feira e muita água a espoucar das quartinhas.

Contamos os mortos, dez, e socorremos os vivos, muitos. Ninguém esmagado. Os mortos e os feridos foram-no sob a grossa pancadaria dos OVPIs, objetos voadores perfeitamente identificados: coisas.

Depois, me mudei do velho trem para os aviões de carreira. Porcos, patos, bodes, perus, não, nunca os vi na cabine de um avião. Contudo, um gato maracajá conto que vi. Era um militar que retornava da selva numa época em que nem se pensava em proteger bicho fe-roz. Trazia de lembrança ao filho pequeno aquele filhote de fera. Solto. Era novinho, mas

taludo o suficiente para uma boa unhada. Manso, todavia. Ninguém lhe opôs um pio: o dono do gato, fardado de oficial, jovem e garbo. Por cima, os tempos eram de chumbo.

Pecado meu, sou doido por gatos. Entre a repugnância do gesto em si – trazer um bicho selvagem ali entre os passageiros – e a beleza mesma do gato, desempatei pró fera. Acarinhei-o como se fosse a uma criança pequena. [E se fosse uma serpente...? E... se a farda do oficial fosse falsa?]

Voltemos ao trem, por favor. Em poucos minutos, uns caminhões de carregar pedras que trabalhavam no trecho, muitos, encostaram e subimos neles em direção à cidade, Quixeramobim, uns 10 quilômetros, não mais. A cidade esperava-nos. Puxavam-nos à hospitalidade. Os mortos, devidamente encaminhados em rezas; os doentes ao modesto hospital; os demais, às casas da cidade. Tocou-nos uma casa de negros. Não, não eram ricos. Gente modesta, não lhes guardo os nomes – afinal, eu era apenas um adolescente –, e a quem poderia perguntar, mãe e tio, *cum Christo sunt*.

Um parêntese sobre as “coisas”: basta proibir que os viajantes de avião levem coisas. Nenhuma bolsa, nem maleta, nem frasqueira, nem estojos de barbear. Nada! De mãos abanando. Nem livros, que dentro de livros cabem lâminas, revólveres, pistolas. O homem lim-

po de coisas é a medida do homem.

Quem viaja de avião sabe o transtorno do monte de pacotes, maletas, berimbaus, embrulhos que muitos carregam. É o sufoco de acomodá-los nos gavetões, sem caber, que atrasa o embarque ou desembarque. Se o trem meu e o avião dos americanos viajassem sem “coisas”, não teríamos morrido tantos. Volto, agora, aos negros.

Qualquer descrição que tente fazer daquela hospitalidade será pura blasfêmia. A água para lavar os pés, as mãos, o rosto, que esse negócio de banho à toa não é coisa com que se gaste água assim sem mais nem menos. As redes e os lençóis, modestos mas limpos. E o riso amplo. Alvar!

Desconfio que foi ali, naquela casa de negros, que me dei conta que os livros, muitos, de Agassiz a Sílvio Romero, estavam completamente errados. O Homem é único. Isonômico. Árabe, judeu, nórdico, nordestino, negro, mulher, tanto faz: Homem. A isonomia absoluta. Não é apenas uma isonomia-perante-a-lei; é ela pura, total, sem adjetivos: à face do Homem!

No dia seguinte, depois do café com tapioca, ali, quentinha, feita pela dona da casa e filhas; o pai a nos animar em boa palestra – e palestra de nordestinos obviamente passa pelas chuvas vindoiras – fomos todos levados à praça da cida-

de. Lá, uma placa de loja que já nem lembro o que vendia. Guardo-a no memorial dos olhos: um nome incomum nesta selva de Silvas, Oliveiras, Franciscos, Raimundos – era Skeff.

Se ele, o dono da loja, é judeu, se é árabe? Peço até que ninguém nunca me conte. Tanto faz! Se é ele parente do Bin Laden, primo do Saddam, sobrinho do Ariel? Cunhado do Sharon? Pois o tal Skeff, que não lhe sei o primeiro nome, junto com os cidadãos daquela pólis grega implantada no sertão, partilhavam, ali, àqueles aflitos, aquela mesma sofreguidão de servir, dos negros, da noite bem-dormida – eu, a mãe, o tio. Era a única possível... a face de Deus... no... Outro. Qualquer um, Deus, e todos ao mesmo tempo, Deus, incluso o Não Acreditado.

Ah, ia esquecendo: os livros e as revistas do avião já estarão lá dentro. Escrevo uma ficção (Salomão) em que um prisioneiro do Carandiru (em cima de fatos reais) funda uma Biblioteca a ser inaugurada na noite do Século Cem, de Ésquilo. Os livros do senhor Bibliotecário Djalma, meu caro Skeff, esperam por ti – sob todos os nomes e raças que possas ter, porque Todos é o meu nome, porque Todas é a minha raça – na noite súbita do Século Cem, de Ésquilo!

Fortaleza, Ceará, Brasil, 16.9.2001, 5º dia após a queda das Torres Gêmeas. O poema “O Trem e o cordeiro”, de Soares Feitosa.

*_*_*

ANA LUISA PELUSO: Depois do Hélio, do Willer, do amigo Di Cavalcanti, entro eu com meus devaneios ao que me remeteste.

Se eu falar de sua obra como um todo, passarei a tarde sentada aqui, escrevendo, porque para mim, de longe é o único escritor também presente na *web*, com uma proposta (não seria bem esse termo) nova. Talvez o correto seja “colocador de palavras e situações”. Ontem

meu irmão e eu lemos juntos “No céu tem Prozac” (eu pela enésima vez, ele pela primeira) e nos arrepiamos com seu canto. Ele pela primeira vez, eu pela enésima o que me fez verter água dos olhos. Ele jogou o corpo para trás na poltrona do escritório (coisa que ele sempre faz, quando algo atinge seu coronário).

É isso, seus escritos são cantos! Como o teatro do Zé Celso. Com Bacantes e Dionísio vindos

de todas as partes. Vi uma Bacante despencar das gêmeas gritando às cabras do pasto que Dionísio vencia a guerra. Vi um infante no trem, sabendo que os deuses são ímpios.

Vi um teatro de realidade cantado, porque em cada verso de seu texto há o que encanta, cantando.

Você, Francisco, meu amigo, meu poeta, é mais do que escritor. É escultor de cenas.

Digo das torres, o que senti: contemporâneo no acontecimento, antigo na intenção de homens que não prestam muita atenção ao que fazem da vida.

Para isso há de existir um certo Francisco, dito Feitosa, pelos feitos e pela glosa, que nos mostre, senão caminhos, mas nos conte dos atalhos que homens tomam em favor da própria preguiça/inércia diante de fatos sociais arrasadores.

Sim, há de ter. E calo-me, pensativa diante da narrativa do susto e dor diante do choque do trem. Diante dos choques anormais de gente contra gente, nesses novos tempos, que sequer em número não são novos. Lá se vão dois mil e um anos, fora os incontáveis pelos cristãos, e Nero ainda tasca fogo em Roma.

Com o respeito, o carinho e a admiração de sempre, Ana Luísa

CLAUDIO WILLER: Feitosa, esplêndida prosa. A abordagem mais original, menos cabeça de jornalista ou de professor uni-

versitário, de tudo o que foi escrito a respeito. Quando eu digo que não é coisa de jornalista, sociólogo, politicólogo, qualquercoisólogo, é que é o único texto que situou isso tudo em uma perspectiva propriamente humana, escrevendo feito gente e não feito profissional que domina algum repertório especializado.

Abrs,

Claudio Willer

FLORIANO MARTINS: Gosto muito dessa maneira autorreferencial do que escreves, esse grande achado do estilo, de estar por vezes remetendo ao já escrito por ti mesmo, um fragmento do já escrito, dando circularidade à escrita.

Abraxas. Floriano

GUILHERME NETO: Questiono-me, no primeiro registro da coluna, por que os amigos me querem cantando novamente. Agora, “arengo” comigo mesmo por permanecer escrevendo. É que acabo de receber “Gêmeas eram as senhas das torres gêmeas” ou “O homem limpo de coisas é a medida do homem” – prosa e poesia – de Soares Feitosa. Leio e releio as cinco laudas e meia. Envaidece-me a distinção do amigo.

Há que se ser teimoso para continuar presente neste espaço. Meus agradecimentos, caro amigo. [“Diário do Nordeste”, 30.9.2001]

HELIO POLVORA: Parábola. Feitosa, li com agrado a sua pa-

rábola sobre a destruição das torres do capitalismo predador e o desastre de trem em que viajava um menino imaginoso, no Ceará de 1960. E comprovei que de fato o homem é isonômico, tanto faz o Mr. Bush quanto o Bin Laden, o Gandhi ou o judeu da prestação.

ILDASIO TAVARES: Poeta Feitosa. Danado, tu, danado, captando as analogias, construindo e reconstruindo o real quer seja Ceará, quer seja NY, buscando lá no fundo o seu sentimento comum à Humanitas de Cícero, de Sêneca; tu é o cão, Poeta Feitosa! Abraços. Ildásio

IVO BARROSO: Caro Soares Feitosa, desculpe o atraso com que falo de sua admirável prosa, mas o entusiasmo ainda é o mesmo ao fazê-lo agora. Não poderia deixar de cumprimentá-lo pelo estilo ao mesmo tempo enxuto e sensível com que você escreve sobre assunto tão difícil. Abraços do Ivo Barroso

J. ROMERO ANTONIALI: REMOENDO... "AS SENHAS DAS TORRES GÊMEAS"

Poeta amigo: Um convite teu seria intimação... É com prazer, é com zelo, é com cuidado, que o acolho. E tomei a mim o desafio. O Hélio Pólvora (haja senha no nome!) acendeu o rastilho. Parábola, disse ele.

E pus-me a averiguar. Mas, antes, umas palavras mais ... íntimas. Intimantes. Não sou psicômetra. Sinto, entretanto, em

tuas palavras parcas e fartas, um halo de algo não dito e muito profundo. E aqui as palavras falecem. Ah! as senhas!

Chamaste-me Romero amigo. Caminheiro amigo. Companheiro de viajar. Sou-o. Fui-o. Sou-o. Somos amigos antigos, muito mais antigos do que permitem, permitiriam, supor as barreiras do cartesiano tempo. Senti-o, num momento de *insight*-comoção. Assombras-te, como eu, diante da inesgotabilidade do Verbo! Viajas, mais desimpedido do que eu, nas cascatas de luz! Comoves-te, como eu, na fimbria dos abismos de caos! Glorificas o UM, como eu, na contemplação dos torvelinhos de sombraluz! A emoção, quando é grande e autêntica, a tudo se impõe. Precisava falar-te nesses termos. Hoje. Voltando ao trem, às torres. Para além do teu jeito gostoso de falar-escrever, em que não me deterei (não hoje), gostaria de fazer algumas reflexões túbias sobre o que li e reli... Uma e muitas vezes. Senti-me o caçador das senhas perdidas. Perdidas? Veladas... Distribuídas fartamente. Holograficamente. A partir desse entendimento, pode-se fazer uma tabela analógica, unindo o trem e a ponte de um lado e os aviões e as torres do outro. De um lado o singular, o simples. Do outro, o plural, o complexo.

E isso impresso em um vívido painel unificado pelo tempo-unitário. O mesmo drama, os mesmos motivos, a mesma explicação: o coração ácido do homem.

Antes de começar, alguns momentos, algumas maravilhas de sombraluz. – “tempo-unitário” – “dois aviões entupidos de trevor-suicidas: o ataque às torres gêmeas do nunca mais.” – “Lições? Eis o desafio: o que poderia haver de senhas comuns entre transportes tão díspares e gentes tão distantes? Que julgados a elaborar? Dentro ou fora dos autos, o quê?” – “Não, não havia terroristas dentro do meu.” – “ – no olho, a trave –” – “Não consigo confiar – o olho – maldigo a régua” – “Por cima, os tempos eram de chumbo.” – “Se o meu trem e o avião dos americanos viajassem sem ‘coisas’, não teríamos morrido tantos.” – “Era a única possível... a face de Deus... no... Outro. Qualquer um, Deus, e todos ao mesmo tempo, Deus!, incluso o Não Acreditado.” O tempo unitário! Que rege peças diferentes (?) com um mesmo moto: as “coisas” por detrás... As mesmas coisas, as mesmas cousas, as mesmas causas, travestidas a caráter, para diferentes mesmas tragédias... “Se o meu trem e o avião dos americanos viajassem sem ‘coisas’...”.

“O homem limpo de coisas é a medida do homem”. O homem sem acúmulo de coisas, de causas que se agregam a si e que buscam uma explosão em efeitos. A causa, as coisas: “Porque (o grifo é meu) no trem daqui e nos aviões de lá, as pessoas portavam e levavam coisas”. “Que julgados a elaborar?”. A causa, e então o juízo, e o julgado (a

coisa julgada) e o efeito. E o juízo é justo, equânime, equalizador. Isonômico. X = X. Dor = Dor. Dor como causa, dor como efeito. Morte = Morte. Morte recebida? Morte plantada. Terror recebido? Terror semeado. O depois buscando inexoravelmente o antes no impulso espontâneo da justiça. Da Justiça. Não há inocentes. Não há culpados. Não há ofensores. Não há ofendidos. A vítima é o terrorista; o terrorista é a vítima, só que ambos se esqueceram disso. Desse pacto trevoso. Não há inocentes. Não há culpados. Há as “coisas” e a senha universal e intransgredível da coisa: a mesma coisa. Nada mais, nada menos. Em verdade. O homem, isonômico. Regido pelas mesmas leis. A lei de um é a lei do outro. Não há tergiversar... A lei do bandido é a lei do herói: o bandido é o herói; o herói é o bandido. O palco muda, mas conserva a senha básica, a peça a mesma, os papéis se alternam, numa tendência à perpetuação... “Quousque tandem”, POTESTAS, “abutere patientia nostra?” Não há tergiversar. Ninguém pode se eximir. Ésquilo deu a senha: o sofrimento humano traduzido como responsabilidade total e inarredável do homem, que pela culpa (*hybris*) (= o ter sido causa) atrai o castigo divino (o efeito correspondente à causa). Esse tema da responsabilidade total em tudo, por tudo, explicaria muita coisa que passa por nebulosa na existência do ser humano. “Ele era tão bom... Por que tanto so-

frimento? Onde está a justiça divina?” Quem o pergunta, já o diz. Essa a lição da responsabilidade. Ela nos diz que todo ser é responsável por tudo que lhe acontece. E por mais ainda, se maior é a envergadura do espírito em ação... Mata toda tentativa de autojustificativa. Pela raiz. Mas difícil coisa é deixar de dar impulso à roda da alternância cármica... Mais fácil é promover uma cruzada, dar uma de herói. Quixotesco. Como todo herói... desse jaez! Mais fácil é escandalizar-se pelas coisas do outro e (tentar) ocultar as mazelas da própria alma... CAUSA —» EFEITO TERROR TERROR Hiroshima, ETC. WTC, ETC. O ETC (e Hiroshima), ainda à espreita. E atuará, se não for lavado pelo perdão, pelo gesto de misericórdia! CAUSA —» EFEITO

O pavor-porta – O pavor do desastre consciência coletiva do menino. “Não, não havia terroristas dentro do meu (trem)”.

Mas havia o susto, o pavor, o terror (profético) do menino...

E há o carma coletivo, e há o carma individual, e ambos se conjugam no desdobrar-se do efeito... que chega envolto em alienante amnésia...

No sertão, holograficamente transplantada, uma amostra do mundo, do mundo-cão, do mundo-são. O trem e o seu carma. O homem bom, lhano, e o seu coração. Mas o sertão é diferente. O sertão, o deserto do coração do homem, é diferente: nada tem a ver com WTC...

Ali, o negro, de coração puro, de gestos lhanos, fraternalmente acolhedores... Ali, o oriental (de que banda do Oriente? Da do Sharon? Da do Sadam? Da do ...? E isso importa?) com “aquela mesma sofreguidão de servir”... Ali, o Oriente e o Ocidente iluminados por uma mesma luz... Onde isso? No sertão, no deserto do coração homem, limpo de coisas, de cousas, de causas. Pesadas. Pesantes. Pesares. Causas, só as leves: as do sorriso, as da acolhida, as da simplicidade, as da sofreguidão de servir. Nunca no brilho tredo dos ouropéis! Nunca no burburinho enceguedor dos cifrões! Nunca no espírito tacanho da vingança, da retaliação! Nunca na face satânica do PODER, do pÓDER!... Fico a pensar se as torres não ficavam, uma a oeste, outra a leste... Seria isso uma bruta duma senha, não é, meu caríssimo Feitosa? Agora, arrematemos essas considerações sobre o teu instigante conto-crônica-poema: “GÊMEAS ERAM AS SENHAS DAS TORRES GÊMEAS”

ou

“O HOMEM LIMPO DE COISAS É A MEDIDA DO HOMEM”.

Aí, magistralmente, tu guardas as senhas identificadoras... e a carta de navegação... O título é a chave. Não pode haver maniqueísmos, não pode haver parcialidades. Para o cronista do tempo-nenhum, para o cronista do holotempo. Torres duas. Torres duais: feitas de corações limpos (que em todo lugar os há); feitas de cifrões, que comandam

torpemente o mundo. Não há heróis. Não há bandidos. Só há heróis. Só há bandidos. Eternamente alternantes. Para arrematar: A questão do olho! A trave no olho. O olho travado. O olho limitado, ultralimitado. O olho relativo, sujeito às leis da perspectiva... amesquinhante. Hora de alforria! Agora ou nunca! Agora ou... agora! (Estou aprendendo, meu caro amigo, a, ainda que canhestramente, navegar nos teus [desafiantes] mares... Estou!, não?) Do amigo e admirador de sempre, Romero.
Casa Branca, SP, 29.10.2001

LUCIANO MAIA: Poeta, obrigado pelo envio do teu ensaio-conto-ponto crítico. Bin Laden? Ariel Sharon? Pouco importa, como tu bem referes. Porém muito importa o registro – variado, rico – que fazes dos eventos trágicos (e rotineiros...) da vida. Abraços do Luciano Maia

JOSÉ P. DI CAVALCANTI JR: Caro amigo. Comovente. Um texto mais que necessário, quase concreto porque construído como escultura. Quisera receber sempre “zonzeiras” assim. Primeiro, obrigado pela deferência e pela generosidade de incluir-me entre os destinatários. Em seguida, não deixe, por favor, de mandar-me sempre textos assim, belos, comoventes, essencialmente bem escritos. Há trechos de fazer com que, mais que marejados, a gente traga olhos de sol-pôr com pássaros exaustos mas felizes pousados nos bordos.

Noutros, eu pensei perceber o quimérico lugar do encontro do sol e da lua. Ansiei o tempo todo pela conclusão; fiquei apreensivo porque queria ver como você concluiria. Valeu a pena. Parabéns e obrigado. Um grande abraço; perdão se não respondi imediatamente, mas li e reli, e reli, e reli... (o que farei novamente, tenha certeza). Di

NELLY NOVAES COELHO: Caríssimo e sempre lembrado Poeta. Há quanto tempo não tinha notícias suas! Há pouco voltando de mais uma das milhentas viagens que fiz neste ano, encontro o seu texto sobre o acidente vivido na adolescência e o comparando com a catástrofe mundial da destruição das Torres Gêmeas, símbolo maior do poder do Dinheiro, que tanto bem e tanto mal vem fazendo no mundo. E o que é mais terrível: aprofundando cada vez mais as diferenças entre os homens! Tens razão: “O Homem é único. Isonômico, árabe, judeu, nórdico, nordestino, negro, mulher, tanto faz: Homem. A isonomia absoluta. Não apenas uma isonomia-perante-a-lei; é ela pura, total, sem adjetivos: à face do Homem!”. Na verdade, estamos tendo o privilégio de viver numa época em que é facilmente percebido o fim de uma Era que foi fantástica e abriu amplos espaços para a inteligência do homem... E deu tão certo que criou um outro homem que já não cabe nos limites em que foi criado e

está abrindo novas veredas, a torto e a direito... Como será o homem do futuro? Minha imaginação não ousa pressenti-lo... O que se sente é que estamos entrando numa grande bolha de realidade virtual... que se passa a impor como realidade concreta. Só os poetas podem falar. Podem falar, agora e durante muito tempo ainda. Com o abraço amigo da Nelly

PEDRO NUNES FILHO: Caríssimo Poeta Feitosa: Ao retornar do trabalho, como de costume, apanhei a correspondência e subi. Não havia ninguém em casa. Jantei sozinho. Galinha de capoeira ao forno e arroz branco, bem branco mesmo, como eu gosto. Depois, sem me levantar da mesa, peguei sua correspondência. Não foi preciso abrir porque o envelope já estava aberto. Creio que para não assustar ninguém. Ávido como quem abre uma lata de goiabada Pesqueira, retirei do envelope seu texto. Foi a sobremesa. Li-o com sabor. Sem parar nem para refletir. Tudo que você escreve é muito original. Do vocabulário utilizado à construção do texto. Impressiona-me a capacidade de perceber o que há de singular no mundo. Coisas que aparentemente não têm importância ganham um significado profundo no seu texto. É justamente essa maneira diferente de perceber o mundo que lhe faz um escritor. A espontaneidade com que fala das coisas do dia-a-dia torna sua linguagem simples,

bonita e de leitura prazerosa, muito agradável mesmo. Há um aspecto que me encanta em você, como escritor: a capacidade de ligar e interligar fatos e universos distantes.

No mundo tudo foi sempre interligado. Por isso, as escolas hoje estão tentando juntar os conhecimentos que nunca deveriam ter separado. É preciso fazer uma tentativa de preservar o fenômeno humano profundamente ameaçado no labirinto da alienação existencial, na separação do saber especializado, no egoísmo das atividades progressistas e produtivas. É preciso a escola esboçar uma reação à fragmentação do saber para resgatar uma visão interdisciplinar do mundo. A fragmentação separa as partes do todo, de uma forma brutal.

Você sabe juntar o trem velho que descarrilou serra abaixo com o episódio das Torres Gêmeas. Aparentemente uma coisa não tem nada a ver com a outra. Mas é só aparência. Tudo tem relação com tudo. Basta ter capacidade de enxergar o TODO. No fundo, o que atrapalha mesmo o homem são as coisas ou o arraigado apego às coisas. Não há dúvida de que é necessário o homem se libertar das coisas para viver melhor e ser um pouco mais feliz.

O que está acontecendo no mundo é uma prova de que há algo profundamente errado. É preciso resgatar as coisas do pé da serra para compreender o mundo. Você sabe fazer isto

melhor que ninguém.

Sim, ia esquecendo de dizer que texto bom é como doce de coco. A gente lê e fica querendo mais. Terminei de ler o capítulo que me mandou e fiquei procurando se não continuava no verso. Quando percebi que tinha mesmo terminado, aí parei para pensar. Fiquei quase uma hora sentado à mesa, sozinho, pensando em tudo que você havia dito. Texto bom é aquele que provoca reflexão no leitor.

Parabéns! Pedro Nunes

TERESA RIVERO: Soares Feitosa, gostei das janelas amplas, fartas de paisagem. Aí se resumia o mistério do trem. Obrigada!

Dos sapos e dos livros, três pequenos enigmas

1. Hoje, no meu escritório, dentre muitas outras, falávamos de livros:

Um deles disse-nos que, de livros de poetas, a maioria livros magros, nem sei por que os poetas se danaram nessa ideia de livros magros, ali, minhas, aquelas estantes, cheias, repletas, 200, 400 – por onde começar? Ele, então, se embasbacara, a mão paralisada ao terror de puxar o primeiro: qual?, e não puxar o melhor. Por minutos, disse, puxou vários, mas não conseguia abrir nenhum.

Eu lhes disse que, um dia, há muito tempo, dirigira-me à feira geral, uma feira imunda como sói acontecer com todas as feiras gerais: jerimuns, batatas, carnes salgadas, montanhas de melancias, queijos e rapaduras. Procurava por milhos. Uma ruma vasta, verde, já cambiando para um amarelo-desterro, mas logo ali, abaixo das primeiras palhas, os grãos estavam sãos, túrgidos e brilhantes, bons de assar, cozinhar, canjicar.

E junto da montanha de milhos, um ônibus transformado em museu. Um museu de História Natural, como também natural, por certo, aquela fei-

ra de coisa e gente. Um ingresso bem cômodo, paguei e entrei ligeiro. Onde antes eram cadeiras eram agora redomas. Os outros bichos não me chamaram a atenção, mas estes, sim: uma cobra e um sapo, juntos sob o mesmo vidro, como se fossem velhos companheiros. Não perguntei a que estaria o sapo ali, junto com a cobra. Se à exposta, se à alimentação do réptil. Ou nessa ideia repulsiva de dois coelhos sob cajadada única, embora nos meus quase 60 nunca tenha visto coelho algum ser abatido com cajadada alguma, quanto mais dois. Vi-os abatidos, sim, na granja de gaiolas, com uma firme porém subtil e piedosa porretada na cabeça... Um leve tremido nas pernas, como trememos, presumo, todos nós à última. Em seguida, as atividades de couro, carne e panela – ao coelho, é claro, à caçadora, que com gente é diferente, mas não muito. E vinhos.

Fosse como fosse, me satisfez aquele combinado: serpente e sapo. Ele, um pequeno e distinto cururu, despira-se de qualquer angústia. Não, nenhum parentesco com o sábio peripatético: calmo, talvez sisudo, meramente se aluía, mas só um pouquinho, quando

o rabo da cobra passava-lhe por entre as mãos. Mãos? Sim! Muito justo que o sapo tenha mãos! Mas não tentou, pelo menos nas horas e horas em que o respiguei com o olhar, nenhum bofete, caratê ou simples afago ao réptil. Ela, não! Sossego nenhum. Magistral, absoluta, suficiente, pra lá e pra cá, como se cumprisse uma missão de dar sucessivas voltas num universo despido de movimento: aquele ônibus, um carro velho que, no máximo iria de uma feira a outra, mas ali se havia estacionado há meses. Prometo-lhes que amanhã retornarei a verificar se ainda está.

Far-se-iam de si que leitura, sapo e cobra; cobra e sapo? O “condutor”, agora museólogo, disse-me que era de hora de fechar. Procurei pelos atilhos às canjicas, que deixara aos pés, milhos, meus. Quem disse?! Levaram-nos à panela outra que não a lá de casa. Quando me dei conta de indagar se o sapo haveria de morrer, uma súbita espinha de um peixe que eu não havia comido engolfou-me a fala. Olhei se o sapo reparava em mim. Ele estava de costas. Aluía-se vagamente sob mais uma volta do rabo-réptil.

Foi a vez de o terceiro presente dizer que ambas as histórias, a do primeiro e a minha, estavam combinadas. Disse-nos que hoje o Ibama não permite cobra e sapo sob a mesma redoma.

2. Falava comigo de coisas de ler, e leio, dois pontos, mais uma história de cobra e sapo:

Agência Estado – 18h25min – 6/10/2003. Tradutor roubava livros raros das universidades de Minas. A Polícia Federal apresentou hoje, na sede da Superintendência do órgão, em Belo Horizonte, 134 livros pertencentes ao acervo de bibliotecas de universidades mineiras, que haviam sido furtados e foram recuperados após a prisão, na última sexta-feira, de S, de 54 anos. De acordo com o delegado da PF, o acusado confessou a autoria dos crimes. No conjunto recuperado haviam obras dos séculos 18 e 19.

Os livros foram encontrados na residência de S e em sebos da capital mineira. “A grande maioria eram obras raras”, disse a diretora do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), citando como exemplo dois livros de uma coleção do cientista dinamarquês Peter Lund (1801-1880), escritos em 1888. Os livros fazem parte do acervo da Biblioteca do Museu de História Natural da UFMG. Lund viveu e realizou estudos na região do município de Lagoa Santa, na área metropolitana de Belo Horizonte. Em seu depoimento, SBJ disse, segundo RAO, que trabalhava como tradutor e revisor de livros e

cometia os furtos movido por um “impulso incontrollável”. “Ele fala mais de uma língua, é uma pessoa bastante culta”, observou a diretora da UFMG.

3. Falava comigo de mais coisa de cobra e sapo, e me chega esta mensagem do poeta Adail Sobral, da lista de Litteratura:

“The first duty of a commentator on current literature... is to present a fairly full and veracious report of what is going on. He will have his own convictions regarding the permanent value of various parts of the contemporary spectacle... But his first duty is not to exploit his own predilections; it is rather to understand the entire ‘conspiracy’ of forces involved in the taste of his day.”

[...]. Mande-nos (ao “Jornal de Poesia”), pois, a foto, sua. Uma simpatia, o Dante Gatto.

Somos todos personagens, todo o tempo, o tempo todo, incluso naquele momento em que comparecemos, livrinho debaixo do braço, a responder algumas perguntas inquietantes. Afinal, para que o livro se o perguntador já nos sabe as respostas? Essa história de “tomar a lição” parece que é bem mais ampla...

Alguém escreveu (eu mesmo):

“[...]

resposta de fogo, se é que existe,

como ousá-la
se o interlocutor é terrível
e impaciente
e parece
zombar e sabe balançar
horizontal a cabeça
– e os olhos fixos – à direita e à esquerda,
a cabeça e o sorriso,
enquanto aos lábios trêmulos
as tuas palavras e as respostas
medram medo
e se afogam no soluço.
O que te garante que e(E)le te acreditou?
Recusarias:
o alicate, a unha,
o desterro e a tenaz?!”

Não temos outro destino senão a personagem de nós mesmos. E quem se deixa enganar é o touro que acredita naquele pedaço de pano pra lá e pra cá, personagem a atacar. E ataca. Mas ali há apenas o “hipócrita”, o ator, vestindo-se de mera empanada. Vermelha e real. Aos olhos do touro, só dele, que espiamos mesmo é no toureiro. E no touro. E tome, meu novilho, bem no flanco, as *banderillas*! Quando, no máximo, uma chifrada na femoral. Bem certa! [Secretos, cantamos por ti, ó touro real!]

Vai o abraço do Soares, toureiro. Nalgumas vezes, acho que a maior parte, touro; doutras, de mero pano. Ou punhal.

ANDERSON BRAGA HORTA:

Meu caro Soares Feitosa. Você, mágico-poeta, tirando da cartola coelhos, livros e, de quebra, um sapo e uma cobra, com esses ingredientes nos deu, mais que um belo espetáculo, uma crônica de primeira. Furtaram-lhe o milho, que fazer? Mas ainda bem que o combustível da poesia é feito também de ausências, da falta, tanto ou mais que de coisas conseguidas. Valeu!

EDSON ALVES DAMASCENO:

Poeta, muito bom o texto, ou, os textos, como só mesmo o Coronel sabe escrevê-los, e transmitir emoções. Quando se lê uma poesia do Coronel, faz-se uma viagem, uma viagem divina, maravilhosa, inesquecível e intrigante, como só a poesia d(E)le, consegue imprimir. A cada novo texto uma surpresa, uma nova surpresa, agradável e deliciosa de se ler. Os milhos novinhos em folha sob um monte de escombros de rebotalhos, na feira, só mesmo o Coronel para descobri-los. O verbo canjicar, divino. Esse Coronel é um traquino. E a leitura se faz num galope, num chouto, célere e veloz, lépido e fagueiro. Como o Dr. Nelson, meu querido pai, que Deus o tenha, lépido e fagueiro, ao atravessar a Praça do Ferreira, numa manhã de sábado, nos idos dos anos 50, numa bela manhã de sol. Poeta Francisco, e a rua Major Facundo, 1338, onde morei quando criança, que era bem próxima da casa (1389) do Jornalista Aducto Gondim,

que tinha um sobrinho (Francisco), que morava com ele mas que não tive o prazer de conhecê-lo, à época?! E o colega trêmulo ao escolher o livro? Qual? Qual escolher? E ainda nem o abriu.

Poeta, e a monja? Estaria estilizada na obra do grande pintor francês William Bouguereau? Será ela? Será ela a musa inspiradora dele também? Poeta, sem dúvida elas, a Aurora e o Crepúsculo, são ela, é ela, a monja, a das melancias, são lindas. Lindas, Poeta! Um abraço do amigo e fã número 1. Edson

Em tempo: A Monja das Melancias referida pelo amigo Edson é personagem de “Salomão”, um livro em processo. No “Salomão”, o tal Coronel seria um senhor de negreiros e, ao mesmo tempo, libertário.

FAGUNDES DE OLIVEIRA: Meu caro Soares Feitosa: Acabo de abrir as portas do universo digital e ouço (é verdade que ouvi) a sua determinante inteligência ditando ensaios do pensamento e da palavra.

É sempre bom quando, neste mundão de Meus Deus, alcançamos deter a sede de leituras gostosas, escritas no alinhamento da vocação literária, por quem gosta e sabe e pode e quer e realiza.

Obrigado pela caminhada amiga do sapo e da cobra, entendimento de que a sociedade somente não comunga do bem porque lhe falta vocação.

O abraço da verdade com a ima-

ginação criativa fortalece o sentido do existir. Quer queiram quer não, os imbecis, este caminho tem ida... e volta, sim. No meu canto de vivência literária estou fortalecido pela energia benfazeja da leitura cometida. Valeu muito. Porque entendo que mereço, continuo cobrando a sapiência do mestre. Deste aconchego de Brasília, meu abraço para você, lembrando sempre de que devo genuflectir-me em regozijo ao mestre e amigo. Fraternalmente, Fagundes de Oliveira

IZACYL GUIMARÃES FERREIRA: Ô amigão! Que bela maneira de começar um chuvoso domingo paulistano! Obrigadíssimo. Assim, inundado de brasileiro, vou atacar aqui mesmo na tela os jornais dominicais. (Mais as crônicas que as notícias. Que essas são menos notícias que ecos, né mesmo?) Grande abraço.

Izacyl

LUIZ PAULO SANTANA: Labirintos. Querido Vate: Adentrei o labirinto com entusiasmo. Tanto, que fui parar às folhas outras, perdido. E ainda não saí. Taí o resultado: *Lector in fabula* (Eco)

É uma vez um homem que, diante dos livros nas estantes, horroriza-se em puxar um deles, e quando o faz, nega-se a abri-lo.

É uma vez outro homem que, muito os abria e, se por mais não for, passa a furtá-los.

É uma vez um homem que colecionava bichos sob redomas, num velho ônibus tornado em museu. Debaixo de uma redoma, juntos, a cobra e o sapo. O sapo, quem “sape”, quieto; a cobra em estardalhaço.

É uma vez outro homem que tinha olhos de lince. A tudo olhava por dentro, por fora dava outras cores. Arrematou milho verde na feira por onde olhava. Viu por debaixo da palha. Aos bichos sob as redomas foi perscrutá-lhes a alma. Contentou-lhes sapo e cobra, antítese contraditória. Juntos, sob a redoma.

É uma vez um homem quem vagasse por ali, procurasse ao pé do então, os esquecidos atilhos. Olhos de lince não viram. Açados num outro chão.

E agora, como se explica?

(“.....resposta de fogo, se é que existe como ousá-la....?”) (Soares)

Toureando-se a pergunta, que a resposta, outro touro em sucessão?

Predileção pessoal ou conspiração de forças? (Adail)

“Que é a verdade?” (Pilatos)

“Há respostas que talvez jamais nos sejam dadas. E isso, para nossa proteção.” (J. Romero Antonialli, 2º comentário sobre o poema “Penúltimo Canto, variação nº. 1, a dúvida”)

Enigmas.

LPSantana

MARIA HELENA NERI GARCEZ: Livros magros, sapo curu-

ru e cobra absoluta. Meu caro Soares Feitosa, só agora, fim de domingo, abri esta maquineta e encontrei o seu mundo! Primeira coisa: livros de poesia presentemente são magros porque os preços são gordos. Poeta que não tem estrela – mesmo que seja estrela – financia seu livro. Se o engorda, está perdido.

Sapo cururu em redoma? E ainda mais com cobra? E não houve quem quebrasse a redoma e livrasse o cururuzinho daquele horror? Não teria sido uma boa pegar o tal do homem do ônibus velho e colocar a ele lá dentro, junto com a cobra? Já pensou na alegria do cururu, ali, de fora da redoma, vendo o cara a tourear a cobra e ele ali a rir, a rir às gargalhadas, deixando à mostra o encarnado da goela?

Sou do dia da caça sem dia do caçador!!! Sou do dia do touro! Sempre! Quem manda aqueles basofeiros precisarem provar para si e para o mundo que podem ganhar de um touro? Chifrada neles, touros! Enviem-nos ao espaço sideral! O universo ficará mais bonito com todo aquele brocado girando feito satélites nas suas barroquices!...

Alguém que me lê, por favor, envie a sugestão para a Nasa! Estou certa de que os lançamentos sairão mais baratos e o Bush conseguirá reerguer a economia do país.

Maria Helena Nery Garcez

MARIZA PENCHEL D'APARECIDA: Soares, o que você escreve é maravilhoso e sutil! Cami-

nhando, faz-nos também caminhar pela vida. A sua, autor, que nos transmite tanta beleza e pureza. Também a nossa. Das palhas, extrai-se a simplicidade, onde está guardado o segredo e a preciosidade da vida. E isto não se rouba. Aprende-se. Por isto, talvez, não se importou, você, Soares Feitosa, com o milho em outra panela. No frigar dos ovos, ou da canjicada, ou dos coelhos, ou dos livros, da aurora ao crepúsculo, a beleza da vida é divina, tão bem retratada pela obra de William Bouguereau, apesar da redoma, dos véus e dos panos que encobrem ou desnudam nossos personagens, assumidos no decorrer de nossas vidas, tão inerentes à vida na liberdade do arbítrio, mas de cuja essência divina não nos afastamos: o da criação. A feira geral, que descreveu com tanta realidade, transportou-me à feira de São Cristóvão no Rio de Janeiro, efervescente, onde, quando vou, compro queijo coalho. Feira geral, que vira o dia, vira a noite e amanhece. Encontro de nordestinos. Só termina dia seguinte, dia já alto, mesmo assim, só se não mais tiver fôlego, ou melhor pé, pro arrasta forró. Contagia. Como contagia o que você escreve, e que me inspirou a escrever:

Feira da vida

O ferver efervescente,
Mercado de opções
Mercados gerais que não param,
Sempre girando, girando,

Fervendo de coisa e gente.
Circunstâncias do oportuno,
Conveniência, mutável,
Experiência e essência,
Retrato do negativo
Que retrata o positivo,
Dualidade do ser,
Do provável improvável,
Congruência, incongruência
Que tangencia o ser.
Feira, arena,
Bem ou mal,
Consciência inconsciente
Perfeita imperfeição,
Fragilidade, vigor,
Medo, coragem, incerteza,
Conhecido, desconhecido
Colorido, incolor,
Hidrogênio, oxigênio
Da água que arde o fogo,
Antídoto e do veneno,
Aurora, pudor, pureza.
Beleza da criação,
Crepúsculo que a desnuda,
No arbítrio aprisiona
Personagens de nós mesmos,
Ora sapo, ora cobra,
Antítese da criação.

Que mancha o véu da beleza
Substrato abstrato
Que toureia e devaneia,
Que meio às palhas encontra
O precioso de ser.

NEI DUCLÓS: Tesouros. Poeta Francisco: Teu texto procura numa feira imunda e acha o ouro exposto (portanto oculto, talvez pela mistura, por se confundir com tantas outras coisas, que, conforme o poeta, também transmutam-se). Entre tantas maravilhas, você resgata a glória da mesóclise (“Far-se-iam”)

e nos brinda com frases como um “muito justo que sapo tenha mãos”.

Pois meu caro poeta, este espaço agora inaugurado no teu grande universo do “Jornal de Poesia” torna-se, pela beleza do teu texto e a riqueza da tua correspondência, totalmente obrigatório. Quero saber (portanto exijo) quando teremos mais.

Teu Nordeste agora me impacta novamente, depois de tantos João Cabrais, por meio do “Concerto para Paixão e desatino”, do Moacir Japiassu, da Paraíba. Veja o que escrevi no Comunique-se.

Um abraço do amigo
Nei

PAULO ROSENBAUM: Amigo Feitosa, como sempre competência e precisão, sem mácula da consistência poética.

Não adianta comparar: é estilo muito seu, singularidade expressa. Denota independência e arrojo.

Parabéns,
Paulo Rosenbaum

RICARDO ALFAYA: Caro Soares, li o texto, um revezamento mágico de coelho, com sapo, obra com cobra, num jogo de tangências, de aproximação e afastamento. Há ainda um exercício de colagem de cenas da memória com textos que lhe chegaram, com o qual constrói o tríptico sobre os três enigmas narrados. Em minha interpretação, os enigmas caminham na direção de um outro de maior gravi-

dade e universalidade, que diz respeito à questão do relacionamento verdade/ficção, talvez a questão maior que tenha motivado todo o texto. Como sempre, uma arquitetura deveras singular, com a qual vai cada vez mais caracterizando seu estilo.

Desses museus naturais ambulantes de que você fala, recordo-me de ter visto um ainda criança, numa praça em Belo Horizonte, quando passava as férias por lá. Nunca pensei que aquela visita ao bizarro ambiente alguma vez me pudesse vir a ser útil, mas acho que o foi agora, muitas e muitas décadas depois, para ajudar-me a visualizar melhor o ambiente em que transcorre parte de sua crônica.

Um grande abraço,
Ricardo Alfaya

SANDRA REGINA SANCHEZ

BALDESSIN: Oi Poeta, saudade de você!, como você está? Acabei de ler o seu “juízo quentim”; é como já lhe disse outras vezes: você tem um jeito penetrante de dizer as coisas, talvez porque você se diz naquilo que escreve. Autor e personagem de si mesmo, você segue escrevendo a sua e a nossa história. A história do que fazemos para “tourear” os nossos medos, para encantar a serpente, para responder ao juízo do fogo; ou, como diria Deus a Jó: “Cinge agora os teus lombos como homem, eu te perguntarei e tu me responderás”.

Enquanto sapo, já andei bailan-

do com muita serpente; enquanto touro, já li minha sentença na dança do pano vermelho; enquanto poeta, sigo cheia de incertezas, prefiro continuar contraindo dúvidas....

Um beijo e todo meu carinho para você.

Sandra

*A*dolescíamos

Esta névoa do chocolate
quente;
muito mais, Ela
do que a filha do circo,
bonita:

era um dia, domingo e suas vestes,
enquanto as nossas mães conversavam,
nós nos recostávamos à máquina de costura,

Singer, a velha máquina – se não tínhamos um piano;
quando me dei conta,

suavemente eu lhe olhava os cabelos,
que também lhe olhava
rapidamente os olhos calmos.

Se algum gesto foi feito à tesoura
era apenas um disfarce:
nada havia de nenhum corte.

E se confundem todas as luzes
numa névoa fina
de xícara e cálice:

Mirtes –
adolescíamos.

ADRIANA BERNARDI: Que lindo é “Adolescíamos”, não? Que coisa... Outra vez a música de fundo o acompanha... como nos outros versos seus... mais suave talvez... mais lúdica... que bonito, meu amigo... que bonito! Singelo... de um frescor lindo... quase reconheço a Mirtes perambulando, graciosa que só, nas ruas durante o dia... Tantas Mirtes existem por aí, não??? Mas... ah, que lindo!!! Me trouxe de volta o cheiro da adolescência... os sonhos dali, já agora outros... os sons, o mundo ainda encoberto e por isso mesmo tão mágico... facinho, facinho de ser conquistado, né??? – risos – Êhhhh, Feitosa... mais uma emoção que lhe devo.

BEATRIZ FERNANDES: Algumas coisas mudam: A névoa do chocolate quente agora é a fumaça do cigarro ou o ar poluído das cidades.... As mães trocam-se em pessoas barulhentas, maridos ciumentos, simples testemunhas inconscientes, Singer, a velha máquina – agora um piano, uma mesa, um apoio qualquer. Outras coisas permanecem: olhar os cabelos, olhar os olhos, os gestos disfarces.... Caro Feitosa, adolescemos sempre. Mas só você consegue nos mostrar. Lindíssimo. Bia

DAVID MEDEIROS OLIVEIRA: Feitosa, adorei... Ainda mais hoje, que é um dia de domingo; um domingo tão perto de minha adolescência. Interessante como as figuras da máquina e

da tesoura dão vida a suas palavras. Parecem cenas de um curta. É isso! Um poema-roteiro. Prova maior? Como você mesmo diz, Poeta, espiemos:

“Singer, a velha máquina
– se não tínhamos um piano;
quando me dei conta,
suavemente eu lhe olhava os
cabelos,
que também lhe olhava
rapidamente os olhos calmos”

Luzes, gestos, névoas... são palavras ou imagens? Nossas lembranças são (principalmente) imagens, não palavras. Você as resgatou. E como. Forte abraço, David

FLORA FIGUEIREDO: Caro Soares Feitosa: ao chegar em casa após vários dias ausente de São Paulo, vejo-me premiada pelos seus textos, que roubam a cena e nos dão o alento de saber que a boa Literatura ainda é possível. O poema “Adolescíamos” é ternura pura e nos remete à inocência há tanto esquecida. Faz ranger saudades nos pedais da velha Singer. Feliz por estar entre os merecedores de sua palavra, estarei sempre atenta à procura de outras “noites altas” e “tardes leves”. Receba meu aplauso e meu carinho. Flora

MARIA DA GRAÇA ALMEIDA:

Dia frio,
do chocolate,
o vazio,

da adolescência,
também.

Saudade,
calor que arde
dentro de uma xícara
do laticínio
tardio.

Lindo!

Chego a perceber
os passos moribundos
da velha máquina
e, do outro lado,
bem cerzido,
o retrato da menina,
abotoado.

Maria da Graça Almeida

PAULO DE TARSO PARDAL:

Caro poeta Soares Feitosa, “Adolescíamos” já é poesia pelo título, um sugestivo e bem-achado neologismo de que vai partir toda a recordação de um ser sem mágoas de outros tempos, principalmente aquele em a descoberta do amor, é pedra fundamental para o entendimento de que a vida não precisa de explicação, mas de sensibilidade para se enxergar, nos pequenos gestos, o verdadeiro sentido dela. Este é o tempero fundamental para que poetas, como você, transfigurem o real em algo que só eles enxergam.

Cada vez mais, convenço-me da imensa responsabilidade que os poetas da vida pós-industrial carregam nas costas. Fazer poesia é algo muito sério, que precisa ser trabalhado com respon-

sabilidade temática e com domínio linguístico. Essencialmente, acho que a poesia das coisas está no preciso olhar do poeta e na cunhagem exata da linguagem. Neste poema, há tudo isto, além da clara visão madura do ser que está por trás dele. Os versos “Se algum gesto foi feito à tesoura/ era apenas um disfarce” (acho que aqui está a alma do seu poema) deixam uns sugestivos vazios na semântica do texto que instigam o imaginário do leitor, o que demonstra que você tem consciência de que o leitor pós-moderno é um ser necessariamente participante do poema. Esta, talvez, seja a condição mais essencial da poesia de hoje. Foi muito bom ler este seu poema. Gostaria de ler outros do mesmo quilate. Um grande abraço.

Pardal

REGINE LIMAVERDE: Que encanto de poesia, Feitosa. A fumaça é um pano de fundo para os sonhos. E o chocolate é doce na nossa boca. A paquera é açúcar para nossa alma. Que lindas pontes você faz entre o gesto e o ato, entre o pensar e o agir, entre o olhar e o sonhar. Gosto de sua poesia. Regine

ROSANA PICOLO: No meio de tanto lixo, encontro um diamante! A “máquina de costura” é um tema que me entenece. Tenho em casa uma Singer antiquíssima, herança da avó, que uso até hoje e funciona muito bem. Venho de família de costureiras,

pude ver a cena. O que não sabia é que você é um poeta magnífico. Faço questão de ler mais.

RUTH DE PAULA: Te descobri por “adolescíamos”! Até bem poucas horas não havia lido nada seu ou sobre você, nada; juro! Comecei a ler o jornal por sugestão de um poeta amigo meu, e de vez em quando via Pessoa, Adélia, Cecília, Ana Cristina César e Augusto dos Anjos. Poxa, domingo, numa daquelas horas mornas foi quando li pela primeira vez um poema teu, “Adolescíamos” e aí... A forma como o poeta fala sobre o encantamento pela Mirtes e a intensidade do encontro é tão forte, cortante como a tesoura que serviu de adereço. Digo adereço, pois deixou a cena mais cortante, a paixão mais san-

grenta, própria da adolescência. O verso que toca na relação olho/cabelo, cabelo/olho traduz o jeito especial de falar do corpo. Percebo também com alegria que você trata o feminino com o maior conhecimento de causa. Interessante isso! Não é muito fácil compreender o universo feminino; temos movimentos sinuosos, caminhos tortuosos, ritmos da dor, choramos de prazer...

WENIO PINHEIRO ARAÚJO: Soares: Este poema é “.....”, algo indizível. Qualquer coisa que eu escreva será uma tentativa frustrada de te passar o que senti. Ele inunda a gente de uma nostalgia imensa.

Eram os olhos

1958,

numa madrugada de janeiro,
os céus asteriscaram o chão
com duas gotas e meia
(a outra meia-gota secou-se antes de cair).

O pai dela abriu a janela,
os céus –
e recuou um pouquinho.

O cachorro levantou-se e donde se levantou
não levantou
molhado algum, apenas a cinza seca
alevantou-se no ar,
e mais
não choveu.

[Por todo o ano,
o ano inteiro.]

Inicialmente todos os verdes,
em seguida os amarelos,
depois os ressecos e os restolhos;
finalmente, os mandacarus, as mucunãs e o espinho.
Mais o sol e a ventania.

Minha mãe mandou-lhes dizer:
“Separem,
separem o de-beber,
separem o de-comer”.

Acabara-se a última lata de gordura de porco.
Chegara a tosse ao pai.

E os olhos toldados:
[éramos bem jovens].

Era Ela.

Os olhos.

..*

ANA GUIMARÃES: Belíssimo mesmo. Seu poema merece

CELSO ALENCAR: Puxa, D. Soares, que feliz criação. A poesia permanece alimentando. Obrigado.

ELIANE PANTOJA VAIDYA: Soares Feitosa, querido amigo, achei tão lindo e hermético que não sei o que dizer. Quero ler seu romance. Grata por compartilhar. Li, reli. Entendi um horror de dor e desespero contidos. O poema é excepcional

FLORIANO MARTINS: Celso de Alencar acertou ao chamar de uma "feliz criação", querido. Abraxas

FRANCISCO JOSÉ CARNEIRO LINHARES: Embora ainda criança, lembro-me muito bem desse triste episódio climático de 1958. Ele que teve imensos reflexos na vida de todos os nordestinos, já que envolveu questões sociais, econômicas e de-

mográficas. Isso, como é óbvio, com a afetação, em escala infinitamente maior, das populações mais pobres, principalmente dos rurícolas do nordeste brasileiro. Muitos, que procuraram escapar da indigência, tiveram que migrar para a região sudeste brasileira, mesmo sabedores de que ali lhes caberia o exercício de funções subalternas, como ainda ocorre até os dias de hoje. Prezado Feitosa, seu poema retrata, em poucas e inspiradas palavras, esse triste e cruel episódio da história do nosso Brasil.

HILDEBERTO BARBOSA FILHO: Eita! Poema dos bons, com o tutano da genuína poesia. E a verdade que vem dos espantos!!! Assino embaixo. Por trás dos asteriscos e banhado de estrelas.

JOCA DA COSTA: Thomas Merton, filósofo e poeta, monge trapista com licença dos votos de silêncio, disse certa vez: "O po-

ema é uma moldura para o silêncio” (*The poem is a frame for silence*).

Soares Feitosa, monge poético, sabe. E nos torna trapistas após seu poema, nós os que vestimos literal ou arquetipicamente os olhos dos silêncios postos entre uma e outra eloquência das imagens poéticas que se repetem e retinam o aço das retinas nordestinadas a tão dura sina.

O de-comer? A Angústia.

Pó e vento quente a cozer a gente. Só quando chover.

O de-beber? A Esperança.

Lonjuras de fundos de latas vazias, a coisa mais ruidosa que se pode ter por sertão.

Sem criação, a macambira, um ou outro punaré, uma e outra mucura e tanta assombração.

Os olhos e o sol são asteriscos. Como dizê-los?

Esses teus Olhos, memória e verdade, também são e foram meus, Feitosa, tão cheios d’água, a única possível de tempos em tempos.

JOSÉ HENRIQUE CALASANS: Poema instigante, a cada leitura traz diferentes sensações.

JUSSARA TRINDADE: Um belo poema!

LUCIANO LANZILLOTTI: Mestre Feitosa, mande alguns para distribuir no Rio. Abraço.

LUIS ANTONIO CAJAZEIRA RAMOS: Vixe! Saiam da frente! É o poeta Soares Feitosa de volta, inteiro, com sua lingua-

gem de aldeia-universo, com suas alegorias de estilo inconfundível, com seu ritmo aparentemente caótico reverberando tu-tum-tu-tum, com seus temas abordados de tal forma que impregnaram de humanidade as coisas e os organismos e, pasmem, conseguem humanizar até o humano. Tem sempre algo de sublime, de sublime reverência, na sutileza lírica de Soares Feitosa.

LUIS AVELIMA: É um conto-poema dos melhores. Lê-lo e respirar fundo.

LUIZ AUGUSTO FEITOZA FERAZ: Bastião fala de outro bastião, só ares, que enxuga o sereno emocionado de nossos olhos, serenados com tanta beleza na tristeza. “Sai, menino, do sereno!”

Do sereno de Soares Feitosa eu não saio não!

REMISSON ANICETO: Lindo! Lindo! Lindo, Soares! “[Por todo ano o ano inteiro], [Éramos bem jovens], Separe o de-comer/Separe o de-beber”. E o que teria pra comer e pra beber, que pudesse ser separado? Li, reli e essa meia gota d’água – esse pingão de ouro que secou antes de cair... ou foi desviado, pra onde? Pra outro sertão ainda mais sedento e faminto? E o cão sem vestígios no chão... As aliterações, as alegorias, tudo na tua poesia reverbera para além do tempo e do espaço, da imensidão espacial que ela ocupa em

nossa mente. Lembrei da casa de barro, bambu e sapé, onde nasci lá em Minas, e da lata enferrujada com a banha de porco, a branca e endurecida banha que escondia uns poucos pedaços de carne dura, ou de ossos sujos de carne... Isso quando ainda havia carne e ainda havia ossos.

Parabéns, meu amigo!

RODRIGO ROSAS FERNANDES: Bom-dia, Poeta, não tenha dúvida de que quero (este livro) e muito! O abraço! Lindo demais!

SEBASTIÃO CESAR AGUIAR VALE: Poeta Soares Feitosa: “Li e reli, nem sei quantas vezes, o seu poema “Eram os Olhos”. Deleitei-me a cada leitura e todas elas deixaram-me abismado com a construção desse singular poema sobre a ocorrência da seca de 1958. Não foi ela a mais cruel. Outras tantas ficaram para a história, relatadas e documentadas em livros por autores como Rodolfo Teófilo e Graciliano Ramos. Mas, não é de história que tratamos aqui, e sim, do belo poema “Eram os Olhos”, no qual você colocou poesia na seca, em gotas de água, dividiu uma gota ao meio, enfeitou o chão com asteriscos, criou um novo verbo “asteriscar”, para o nosso idioma. Não bastasse a vivacidade da imaginação que o animou, você não esqueceu a eterna figura do cachorro que acompanha o retirante, que o ajuda a alimentar-se do que consegue caçar para o

seu dono. O cachorro levantou-se e donde se levantou não levantou. “Foram-se os verdes, os amarelos, os ressecos, os restolhos, os mandacarus, as mucunãs, os espinhos e mais o Sol e a ventania. Depois, um final euclidiano, o martírio secular.

“Tudo o que lamento na vida, é que os poetas não deixam como herança o privilegiado cérebro. Deixam os escritos. Às vezes, nem isso.

W. J. SOLHA: Maravilha.

VALDIR OLIVEIRA: Poema narrativo, com um quê de revelação e dois quês de ocultação. Bom exemplo de dizer só um pouco para deixar muito a se bisbilhotar e continuar a poetar.

Uma pequena lição de cavalaria

Fragmento de um questionário:

Francisco, personagem de um poema longo, “Psi, a Penúltima”, sai de dentro do poema e vem conversar com o autor, um certo SF, que também é Francisco.

99. Francisco: Domar cavalos, o senhor tem certeza, é assim mesmo, tão importante? Há uma impropriedade nesta resposta de há pouco (nº. 89). Aqui está: Só os equinos correm assim, quando soltos [clique para conferir]. Ora, se o cavalo estiver preso, como poderá correr? Logo, a expressão “quando soltos” é descuidada.

SF: Veja: O bicho correndo de lado, olhando para trás, ora de um lado, ora do outro. É bonito. Era de lua, no descampado, cheia. No trote ligeiro, a cara de banda, rasgando o vento, o jegue garanhão. Só os equinos correm assim, quando soltos. A expressão “quando soltos”, em se tratando dos equinos, há de ser entendida como em estado de Natureza, porque há duas modalidades em que não estão soltos mas continuarão correndo do mesmo jeito, ou até mais. Sem balançar a cabeça para os lados, nem rete-sar nas curvas. Na primeira, o cavalo está preso ao rodete, que é aquele moirão central, com uma corda de bom tamanho, o domador ali, controlan-

do, incentivando, freando, apurando. O cavalo correndo, trotando, chouteando os 360 graus do transferidor inteiro, sem parar. Evidente que ele não está solto porque preso a um cabresto de cabo longo.

100. Francisco: Cabresto de cabo longo?

SF: Isto mesmo. Preso. Uma operação de rara sensibilidade! O cabresto está amarrado, é certo, uma volta livre em torno do moirão. Mas, entre o torno-moirão e a cara do cavalo há um pulso-mão. Aliás, uma mão de pulso, que é de leve, extremamente leve, mas, ao mesmo tempo, excessivamente forte. Forte e gentil, anote aí, por favor. Gentil e forte! Entenda, se for possível, uma coisa quente e fria, no mesmo tacho, ao mesmo lance. A mão do domador. Leve, levíssima sobre o relho, um relho que pode bater mas não bate; um cabresto apenas.

101. Francisco: O senhor exagera! De onde essa mística? Não seria um cabresto comum?

SF: Apenas um cabresto comum, é certo. Melhor que seja uma corda de cabelos, artesanal; o domador, ele mesmo fazendo-a. Enquanto colhe e recolhe pelos, crinas, rabos e cabelos mil, ele, secreto, já amansa, em mão e gesto, todos os potros do mundo. Pastam inteiros os cavalos selvagens naquele pelo-couro, que não é couro, nem é pêlo; é coro, é canto, um cantochão; afago, voz e maciez. O cavalo correrá, e muito, mas não olhará para trás nem murchará as orelhas... Desde que... a pedra, o sal, a estátua.

102. Francisco: Desde que o quê? Olhar para trás? Orelhas? Haveria uma outra hipótese em que o cavalo estaria a correr, porém preso?

SF: Muito simples! É quando ele, exemplo único em toda Natureza, se funde com o Homem num único animal. Claro que ele não está solto, posto que sobre si há um outro bicho, o Homem... mas os dois são um só, o centauro!

103. Francisco: Isto é apenas uma velha lenda indígena, os povos do México, que não conheciam o cavalo e, quando pela primeira vez o viram, imaginaram seria um só animal. Assombraram-se e perderam a guerra para os espanhóis.

SF: É um mito antigo, muito real porém. E, por isto mesmo, válido. O mito do centauro, quem o entendeu inteiro foi o

poeta Franz Kafka. Já o filósofo Thomas Hobbes perdeu uma bela oportunidade de exemplificar o pacto social em cima do cavalo.

104. Francisco: Devagar, senhor! Não misture as coisas, por favor. Kafka, poeta?! Contista e romancista!? Paciência! Poeta, não! Nunca foi! Hobbes, a comandar uma cavalgada no pacto social?!

SF: Poeta, sim! Cuidemos de Kafka, em primeiro. Quando a poesia é verdadeira, poucos percebem-na. Tomemos este poema que ele apresenta como um conto, que também é conto, mas, e sobretudo, poesia. Alta Poesia:

O desejo de tornar-se um pele-vermelha

Se ao menos fôssemos um índio, ao mesmo tempo vigilante e montado a cavalo, inclinando-nos contra o vento, continuando palpitações a agitar-nos sobre o solo trepidante até abandonarmos as esporas pois delas não precisávamos; largando as rédeas, porquanto não eram necessárias; e mal percebêssemos que a terra à frente já estava despojada de vegetação, o pescoço e a cabeça do cavalo já teriam desaparecido...

[Franz Kafka, "A Colônia Penal", Nova Época Editora, tradução de Syomara Cajado]

105. Francisco: Algo a ver com centauros?!

SF: O senhor acha pouco?! Um índio, de ar-livre; o cavalo ali, pulsante. O índio em cima – montado e vigilante – que, de tão integral, melhor hifenizá-lo: montado-e-vigilante, índio. Fremem ambos, cavalo e índio. Chispam, inexplicáveis, contra o vento. Inclina-se contra o horizonte. O chão estremece. Contudo, o chão está ali, bem quietinho. [Quem estremece, lá na planície terrível – um dia poderá estremece de verdade –, é a Falha de Santo André, línguas de fogo de dentro da Terra. Há estupendas e terríveis profecias, o Big One!]. Quem, pois, estremece quando passa um índio trajado de cavalo? Quem estiver a vê-lo, é claro! O estremece é de quem olha. Nem precisa “ouvir” nada, que dá para sentir perfeitamente na caixa do peito. E, por favor, nunca permaneça próximo por demais de uma parilha de índio e cavalo, ambos em disparada! Ainda que numa distância segura das patas dos animais, que o de cima também se transforma em patas!

106. Francisco: O tremor?

SF: Isto mesmo! Há o tremor para quem está em cima, para quem está embaixo, cavalo e cavaleiro, agora em peça única. Ambos sabem que o planeta inteiro treme. Pulsam. Indague dos outros cavalos, que, ao frêmito da dupla, retesam

as crinas. Indague das feras do dia. Atestarão que sim. Pois agora tudo tremido, cavalo e cavaleiro, tal como ar que também treme no pingo do meio-dia neste calorão daqui, sertão do Ceará. Aqueles matinhos do chão vão-se sumindo à velocidade dos olhos de quem olha de cima, cavalo e cavaleiro, se é que olham, que a velocidade é tanta...! Nem dá tempo a nada! Riscos... só riscos, pedras, paus, matos, buracos, saliências, umbigos. A terra... Subsumem-se coisas dantes, ao veloz! Oblíquos. Rédeas? Quem falou em rédeas?! Esporas? Para quê?! E, num cresceendo... endo... moendo... endo...! Pronto. Sumiu.

107. Francisco: Um animal, uma coisa mágica?

SF: É mágico, sim! Havia, por debaixo do pele-vermelha, um animal inteiro, o antigo cavalo, agora um cavalo em “ex”, algo retirado daquele cavalo primitivo que estava ali sob o índio, ambos até há pouco tão calmos. A cabeça e seu pescoço, do cavalo, súbito, são apenas cabeça e pescoço do pele-vermelha. Se esticar a têmpera para mais um pouco, daquela nova massa, cavalo e cavaleiro, só um clarão ao infinito, varando o vermelho da planície estonteada. Um frio na cara, as pernas tremendo... Se romperem vivos do outro lado. Ambos! O animal há de ser contido, senão o risco de morte. O cavaleiro. Também!

108. Francisco: Há ferramentas? Comandos?

SF: Comandos? Tudo no âmbito da pré-linguagem. Interjeções. Palavras curtas, que nem palavras são, com a força porém de imprecação de longo alcance, às orelhas do animal, no ponto justo. Com os joelhos, aliás; com todo o corpo; aliás, com a vontade, só isto: vontade! Mas o cavalo também está danado para correr, louco por uma corrida! Estilhaçando os cascos. Um joy-stick, apenas uma manopla imaginária, tão só de dentro, como quem joga no olhar. É coisa do conhecimento secreto. Ela jogava-me nos olhos. E meus olhos se consumiam ao seu olhar. Domava-os aos seus olhos.

109. Francisco: Orelhas? Conhecimento secreto? O senhor falou antes que os equinos correm de lado?

SF: Secreto, sim, mas não há segredo algum. Apenas o intuitivo. A educação é pela pedra, disse o poeta, mas é pelo cavalo, digo eu, que passa ao domínio do humano. Há um intenso jogo de orelhas. Quando murchas, saia de perto, é coice, é salto, é estranheza. As orelhas estão direcionadas à frente e em pé, em dupla ou alternadas. O domador tem que jogar o som lá na frente, no momento em que as orelhas apontam para frente, de modo que o som não venha de trás, como se fosse a fera a perseguir o animal. Claro que isto o

senhor não vai ler em nenhum manual, nem mesmo perguntando aos melhores cavaleiros. Por sobre os cavalos também: há um momento de falar, há um momento de silêncios. Ritmos. A mão. Você, em cima do cavalo, é quem dá-lhe as ordens, mas ordens hão de vir de frente, e não de trás. Como seria possível ordens pela frente, se você, no lombo do animal, está atrás dos ouvidos da montaria? Aí é que está o passe de mágica: as palavras são lançadas à frente num ângulo de grau exato, de modo que o cavalo, à medida que corre, vá colhendo-as... e... quanto mais corre, mais ligeiro você joga palavras novas mais adiante. Até tombarem exaustos. Senão mortos.

110. Francisco: E a corrida de lado, o que é?

SF. SF: Veja, há um único bicho valente-total em toda a Natureza: o cavalo montado ou o homem a cavalo, tanto faz, que são apenas um bicho único. No estado selvagem, o cavalo é um bicho reconhecidamente medroso. O cavalo é animal de presa, de fuga, o oposto do predador, a onça, o tigre, o leão, a malta de lobos. Milhares de vezes por dia, o cavalo, quando pasteja na campina, levanta a cabeça a vigiar contra os predadores. Pronto para disparar. Na baía, não. Ele confia. Da mesma forma, ele corre quando solto de sua parrelha, o Homem: a cabeça se

alterna à esquerda e à direita, por baixo das pernas e por cima do lombo, a olhar de lado e para trás. Veja como correm:

Os poldros soltos – retesando as curvas, –
Ao galope agitando as longas crinas,
Rasgam alegres – relinchando aos ventos.

[Castro Alves, “O São Francisco” in “A Cachoeira de Paulo Afonso”]

111. Francisco: A valentia do cavalo. Fale sobre ela.

SF: Do cavalo, não! Nem do homem. Veja o Blake, este mágico monumental, William Blake, o que tem ele a dizer sobre a coragem do cavalo-e-cavaleiro.

112. Francisco: Um quadro assombroso! Diga mais sobre a valentia do cavalo.

SF: Por favor, volto a repetir, do cavalo, não! Você já viu uma tourada a cavalo? Num certo texto, a justaposição da mão do artífice à pedra:

[...]
trazia ele no gesto o gesto;
à eloquência de sua mão de pedra
a pedra se entregava.

[Soares Feitosa, “Os Cantares de Pulso” in “Salomão”].

Assim esta dupla: homem e cavalo; cavalo e homem. Ninguém pode dizer que o cavalo do quadro de Blake esteja com medo.

Nem o cavaleiro!
Ele está de braços abertos. Rédeas? Para quê?
Na tourada a cavalo, o cavalo enfrenta o touro no mais absoluto destemor. O cavalo, um bicho reconhecidamente

medroso, mas, se de parilha com o Homem, transforma-se na “máquina”. O Homem, tão miúdo, por sua vez, ganha um porte de monumento! Veja agora em Benjamin West. É certo: cavalo-e-cavaleiro não tem medo de nada. As feras selvagens fogem do fogo. O cão, dos estampidos; o homem, ele mesmo, tem medo de qualquer coisa, até de fantasmas, vide os guardas do príncipe Hamlet. Nem se diga que cavalo e cavaleiro, de Blake e West, quadros do mesmo nome

[*Death on a pale horse*], seriam do 4º Selo [Apocalipse 6, 7-8]. Medo de que haveriam eles de ter?! Não! Medo nenhum, veja!

William Blake, *Death on a pale horse*.



113. Francisco: Na modernidade, o que teria de proveito?

SF: É um jogo mortal. O cavalo pode matar. Coice, queda, brutalidades. Também pode morrer. Um campo de violência, mas, domador verdadeiro jamais espancará o animal. Há uma linguagem secreta. A viagem quase impossível, a aquisição de um domínio: Não espancarás! Moisés espancou.

114. Francisco: Moisés?!

SF: Equitação, melhor que fosse curricular. A patente maior: domador de cavalos! Sim, Moisés! O forte é perceber que pode e deve espancar, mas não espanca; que o remédio mais rápido e eficiente é espancar, mas não espanca; que sabe e pode torturar, mas não tortura. Não espancarás! A pedra. O deserto. Água. Sede! A vara. *Pafo-pafo-pafo!* Moisés a espancar! Bastava o toque, a pedra ter-lhe-ia aplacado a sede do



Benjamin West, *Death on a pale horse*.

mesmo jeito. Veja, toda a pregação daquele filósofo de grandes bigodes, ainda que ele diga que não, leva ao espancamento. Quando o presenciou real e autoritário, agarrou-se com o cavalo. Aos gritos, aos berros, ao pranto. Imaginem-lo em Auschwitz-Birkenau?! Louco! Estava louco. Irremediavelmente louco. O caminho possível é o da misericórdia. O Homem é infinitamente maior que o cavalo. O cavalo é infinitamente maior que o Homem. Ambos em misericórdia. Não espancárás. **Precisamos dizer isto, como um segredo, aos jovens.**

ABÍLIO TERRA JR. Poeta Soares, você nos traz uma fantástica viagem pelos significados da cavalaria. Cavalaria, aqui entendida no seu sentido metafísico, de homem e cavalo como uma entidade única, que se torna um outro ser, capaz de bravuras e coragens de que, separados, seriam incapazes.

O pele-vermelha/cavalo, então, é o símbolo maior desta entidade, pois que traz instinto, experiência e sabedoria em uma pureza absoluta, de que só mesmo os seres em contato íntimo e permanente com a natureza são capazes de exemplificar.

E a força que salta do quadro de Blake: cavalo e cavaleiro se atiram em um impulso único para a batalha mortal, enquanto o anjo prepara a mortalha e um ser da natureza os ampara, como o instinto de sobrevivência e luta, a bravura, com seu cavalo negro que solta fogo pelas ventas.

Já no quadro de West, os cavaleiros negros montados em seus cavalos ruços esmagam os mortais em uma dança empolgante, que envolve monstros, entes, humanos, em uma singular analogia com os nossos tempos.

E tudo entrelaçado pela sua original e única prosa poética, que costura estes mitos, transes e significados como só você sabe fazer. Um grande abraço, Poeta! Abilio Terra Junior

AFONSO LUIZ CORNETET: Sobre centauromaquia e outros bichos. Sabe, SF, às vezes fico

aqui me perguntando como pode alguém ser tão criativo. Uma beleza este texto. Tive até a petulância de parar o meu trabalho e dedicar-me a esta saborosa e nutritiva leitura.

Uma fonte de saber este texto, não tenha dúvida. Nele se aprende, cresce, evolui etc, etc, etc... pérolas de lição extraídas e assimiladas:

“[...] há um único bicho valente total em toda a Natureza: o cavalo montado ou o homem a cavalo, tanto faz, que são apenas um bicho único. No estado selvagem, o cavalo é um bicho reconhecidamente medroso. [...] Mas, domador verdadeiro jamais espancará o animal. Há uma linguagem secreta.”

“A educação é pela pedra”, disse o poeta, mas é pelo cavalo, digo eu, que passa o domínio do humano. Há um intenso jogo de orelhas. Quando murchas, saia de perto, é coice, é salto, é estranheza. As orelhas estão direcionadas à frente e em pé, em dupla ou alternadas. O domador tem que jogar o som lá na frente, no momento em que as orelhas apontam para frente, de modo que o som não venha de trás, como se fosse a fera a perseguir o animal. Claro que isto o senhor não vai ler em nenhum manual...

Brilhante SF, um primor.

Parabéns! Até mais, Afonso

ALCINA MARIA AZEVEDO E SILVA: Centauromaquia. Querido Feitosa. Seus personagens e sua forma de dizer as coisas,

são sempre cheias de símbolos. Uma arte difícil de escrever e um estilo diferente. Em uma pequena lição de centauromáquia, fiquei deslumbrada pelos lindos quadros, principalmente pelo quadro de Blake onde cavalo e cavaleiro sublinham a força e a coragem.

Feitosa, em seu lindo texto, você coloca cavalo e cavaleiro como sendo uma única pessoa, e o tremor está tanto para um, como para outro. “O planeta inteiro treme”, você diz.

Eu entendi, que cavaleiro e cavalo juntos são capazes de grandes bravuras, mas sozinhos nada conseguirão.

E que nada adianta o cavaleiro dar chibatadas no cavalo, pois este não o obedecerá e mais irritado ficará. Assim também é o homem, ele só consegue progredir e ter sucesso, quando não é pisoteado.

Não sei se entendi direito o que você quis dizer, pois como já disse, a sua forma de escrever é difícil e simbólica, dando a cada leitor uma interpretação diferente. Um abraço ao grande poeta e escritor Francisco Feitosa. Parabéns.

ANDERSON BRAGA HORTA:

Meu caro Soares Feitosa, você não é bom apenas de poesia, também sua prosa é ágil e forte. Obrigado pelas remessas de um e outro gênero, sem esquecer o extraordinário cavalo-e-cavaleiro de Blake. Para você também um grande abraço. Anderson

ANÍBAL BEÇA: EM CIMA DOS CASCOS. Feitosa, lancei vosso cavalo chegado no tropel, crinas esvoaçantes, do vento Cariri, para um conciliábulo, em que o nosso Vento Geral, doce constatação, apeia e se curva em reverência ao mano arigó, danado em danação equina:

AVISO AOS CAVALEIROS DE FINA ESTIRPE

PRIMEIRA GRANDE LIÇÃO DE CAVALARIA:

“TODOS SOMOS CAVALOS-DE-SANTO, INCORPORADOS, EM BUSCA DE DÓCEIS MONTAS, OU REBELDES POTRANCAS, PARA A CAVALGADA DAS PLANÍCIES BRANCAS”.

CAVALGAMOS OU SOMOS CAVALGADOS?
EIS A QUESTÃO.

Epígrafe de um certo Velho Chico:

Domar palavras, o senhor tem certeza, é assim mesmo tão importante

O caos chega a galope em duros cascos:

A palavra patável
do cavalo potável
rega a sede do verbo da campanha.

O solitário verbo lambe a noite
dessa garganta escura
– a gruta emudecida –

à espera da fala em sua parti-
lha
Essa crina lunar ao sol se al-
teia
no ímpeto do galope na memó-
ria
e o cavalo vassalo do seu halo
segue regendo em funda melo-
dia

acordes de desejos
leve pluma na língua
amaciando instantes em seus
momentos
Eis o fio da tarefa a se afinar:
A palavra potável
do cavalo patável
que sabe do galope e o calmo tro-
te

(Mundo que não existe sem pa-
lavras
nem fala ao lado oposto aos seus
olhares
coisa com coisa ausente de emo-
ção.)

Que venha então os raios no tro-
pel
fiat lux no meu verbo
a maravilha bela que se instau-
re
patável e potável.

ANTERO BARBOSA: Há o ca-
valo na terra, no campo de ter-
ra. Construído de músculo e car-
ne e pelo e formas. Pastando a
erva. Ou nos caminhos, ou na
serra, galgando, vestido de ape-
trechos: o cabresto, a cela, a
espora.
Das lendas mitológicas, que en-
gendraram Pégaso, cavalo com
asas, filho de Poseidon e de Me-

dua, capturado por Belerofon-
te, já pouco resta: porque, quan-
do o herói tentou montar o ca-
valo de novo, ele corcoveou, ati-
rou Belerofonte longe e subiu
para os céus. Portanto, de toda
essa lendária teia tecida e des-
dobrada, hoje apenas podemos
vislumbrar uma simples conste-
lação.

O cavalo no campo da terra e o
cavalo no campo do céu. Mas há
um outro, formidável, no campo
literário. De facto, quando Ra-
mos Rosa, no livro a que chama
“Ciclo do Cavalo”, dedica todos
os poemas do volume a este ani-
mal, não é ao animal, do campo
ou do céu, que liminarmente se
refere. É um outro cavalo, lima-
do, interiorizado, possuído e tra-
balhado pelo senso do homem,
é a sua sombra e o seu fluido
que se destilam na página de-
pois de filtrado pela mente no
decorrer de muitos séculos.

É também o que acontece em
“Uma pequena lição de cavala-
ria”. Onde a palavra escrita se
deixa cavalgar por essa imagem
vital. Procurando mais que a
desenvoltura a síntese. Do ca-
valo, de todos os cavalos, de suas
exponenciais biografias.

E o faz, designadamente, de três
formas. Diluindo o cavalo no ho-
mem e vice-versa, aplaudindo a
fórmula do centauro. Onde um
ser de dois sublima a força da
metamorfose. Porque nesse ser
novo se conjugam duas forças,
a animal e a humana, e se re-
negam os defeitos. O animal
perde receios e o homem torna-
se veloz.

Apelando ao ponto intermédio da pintura. Com efeitos sobrenaturais. O cavalo, montado, assombra por mar e ares. Subsistindo em nosso olhar uma imagem de poder absoluto: ele é apenas a seda da pelagem, a audácia da frente, o soerguer de patas e caudas, o domínio do tronco. Tudo o mais desaparece: não tem vísceras, nem órgãos, nem sangues ou suores, nem carece de comer mais forragem ou água beber.

Mas é sobretudo na transmutação para a escrita que o portento se produz. Porque essa é a dificuldade aqui superada. Com letras e signos e fonemas, pôr o cavalo de pé na página, colocá-lo íntegro e inteiro, fazê-lo respirar e viver. E possibilitando a quem lê fazer coincidir o reflexo de seus cavalos com os cavalos do texto.

Antero Barbosa

ANTONIO PALMEIRA: A genialidade humana, domando as feras, consegue integrar a si, à sua figura, qualquer ser que estiver ao alcance.

Assim é que o homem e sua montaria fundem-se no tal centauro; com um touro resulta o complexo minotauro (que o diga Borges), com um cão, conduzido na guia, numa figura de perfeita harmonia: caça, guarda ou mesmo só companhia...

Tal fera pode até ser um objeto originalmente inanimado como a antiga pena de ganso, hoje substituída pelo teclado do micro, que atuando juntos produ-

zem coisas magníficas como o seu texto.

Soares, você sabe domar o bicho teclado...!

Abraços, Palmeira

BERNADETE LYRA: Caríssimo SF, estou aqui, aqui, na beira do mar capixaba, onde li a lição de cavalaria. Vim em busca de frescos, saindo do sufoco de cimento e metal de São Paulo.

Olha, desde uma pequena frase de Vladimir Vladimirovich Nabokov sobre o senso dos cavalos, nada no assunto me tocou tanto. Aí incluída a ternura que sinto pelo Rocinante.

Pensei: oh, céus!, quem é esse senhor Soares Feitosa escondido nos confins do mapa?

Será que ele existe mesmo, em carne, unha e osso?

Será uma miragem que o sol do Ceará faz nas areias movediças da *net*?

Será um desses profetas metido em sua gruta, da qual sai de vez em quando para alumiar os viventes com a candeia da poesia?

Confesso que penso em você como é uma daquelas criaturas que grava mensagens no ar e depois some pelo sertão, de que me falava minha vó paraibana. Obrigada, pela lindeza forte do texto e pelo prazer de renovar o contato. Afeto,

Bernadette Lyra

CARLOS FELIPE MOISÉS: O poeta quando solto. Meu caro Feitosa: Agora sim, agora fui no rumo certo da sua efusão equi-

na, a desabalada carreira do poeta “quando solto” – uma beleza! Bem haja a fase plena e feliz em que você se encontra. Aguardo o novo livro, que já deve estar quase pronto.
Grande abraço, Carlos

CARLOS ROBERTO LACERDA:
Estética. Caro Soares Feitosa, para uma definição poético-existencial-antropomórfica sobre o cavalo (cuja beleza plástica não perde nem para o tigre), ver “Uma pequena lição de cavalaria”, de Soares Feitosa. Com o poema é que se aprende mais sobre as artimanhas do sagrado e do demoníaco coexistentes no corcel. Só a poesia é capaz de eviscerar, digamos assim, o espírito da beleza. A isso é que dou o nome de **Estética**. Carlos Roberto Lacerda

CIRCE VIDIGAL: Muito gostosa de se ler a sua peregrinação. Gosto muito de cavalos. Cavalos e cães, para mim, são os animais mais amigos e mais nobres. Não gosto de gato. Quando eu era menina e morava em Uruguaiana, Rio Grande do Sul – fronteira com Passo de Los Libres, Argentina – e meu pai era major do Exército, foi que aprendi a montar. Montaria de quartel deve ser diferente de montaria livre do sertão, não? O cavalo do quartel obedece a ordens verbais, manuais e dos pés. Alguém o educa para obedecer. Assim, aprendi a pegar nas rédeas direitinho – sem segurar no Santo Antônio – e a dar

umas cutucadinhas para ele andar. Adorava andar a cavalo com meu pai e meus irmãos, nos fins de semana, passeando pelos campos que arroteavam a cidade. Motivo de gozação para a família, até eu me casar, era contar o caso do cavalo que disparou comigo. Íamos passeando, os quatro – que o menorzinho ainda era bebê e o pai era meio maluco mas não tanto – o pai, eu e meus dois irmãos mais novos. Conversávamos sobre a escola, sobre as pessoas da cidade, coisas engraçadas mas sem importância. Não sei se fiz algum movimento impróprio – não lembro! Não sei se o cavalo se assustou com algo que viu, quem pode saber? A verdade é que, sem ter nem pra quê, o bicho saiu em disparada como se estivesse correndo um páreo no jóquei clube. Deixei todo mundo para trás e nem olhei. Agarrava-me firmemente àquelas rédeas e só pensava que não podia cair. Será que o cavalo iria se cansar?

Meus irmãos, muito assustados, meu pai, calmo – assim me contaram depois – pois sabia o meu destino. Eu não ficaria perdida naqueles pampas mas iria estacionar nas baias do quartel. E foi lá que me acharam, entre orgulhosa e aliviada: não caíra da montaria e fora encontrada. Contam também que antes de eu desaparecer da vista deles, só viam as minhas trancinhas louras, pra cima, pra baixo, no ritmo dos cascos do cavaleiro. Eu deveria ter uns seis anos de

idade. Dá-me uma certa tristeza lembrar, agora na velhice, essa infância, esse pai tão amoroso, esses irmãos que se foram. Um, o mais amigo, foi-se de corpo e alma; os outros dois, apenas de alma: os corpos ainda estão por aqui, mas suas almas se desgrudaram da minha. E já estou chorando, Chiquim, vou parando por aqui.

Mas me diga uma coisa. Verdade, verdadeira, você tem patente de domador? Assim como na novela eles domam aqueles bois se empinando, você domou cavalos?

Me conte, Chiquim, deve ter sido o máximo.

CISSA DE OLIVEIRA: Soares Feitosa, o teu texto, entrevista, discurso, enfim, essa desculpa que vais inventando para o crescimento do leitor, além de rico em informações (aprendi muito!) e significados, me surpreendeu especialmente pela sensibilidade.

PSI, A PENÚLTIMA se transformou numa pedra que, exposta à luminosidade da tua imaginação se constitui num presente aos leitores. Estou certa de que o “Francisco” continuará a sair do poema através de ti enquanto quiseres e também aqui, dentro da gente.

Beijinhos e parabéns!

Cissa de Oliveira

DIEGO DE CARVALHO: Belo texto. Interessante como conseguiste domar o excesso de símbolos. O texto está perfeitamente

construído. Como diria um amigo: Tens a pena!

EDNA MENEZES: Caro Feitosa, “Um cavalo é infinitamente maior que um homem”, apenas esse fragmento. O cavalo é maior, pois se livre, corre, “voa”, flecha viva rumo à liberdade; se preso, domado, cabresteadado, apascenta-se, aceita, espera com moscas a rodear-lhe as crinas que um dia se agitaram ao vento. O homem...

Ah! O homem; se livre não sabe correr nem voar, não sabe o que fazer com a “tal” liberdade; se preso inquieta-se, angustia-se e lacrimeja sangue pelo voo que jamais terá e assim, sente-se como o ser de Kafka: “Se ao menos fôssemos um índio, ao mesmo tempo vigilante e montado a cavalo, inclinando-nos contra o vento, continuando palpitantes a agitar-nos sobre o solo trepidante até abandonarmos as esporas pois delas não precisávamos; largando as rédeas, porquanto não eram necessárias; e mal percebêssemos que a terra à frente já estava despojada de vegetação, o pescoço e a cabeça do cavalo já teriam desaparecido...” [Franz Kafka, “A Colônia Penal”, Nova Época Editora, tradução de Syomara Caxado]. Que grande contradição!!

Edna Menezes

EDSON BUENO DE CARVALHO: Sobre cavalos e homens

Caro Soares, os árabes do deserto costumam dizer que Alah, o Único, quis que os homens ti-

vessem um vislumbre da sua perfeição e criou o cavalo. Olhe que não sou ginete coisa nenhuma, sou cidadão até debaixo das chuvas torrenciais que caem em minha pequena cidade (parece que às vezes a chuva quer afogar a refinaria de petróleo, suas chaminés que cospem fogo e nuvens de fumaça preta). Mas o animal é espantoso pela sua capacidade de enganar o homem que continua a acreditar se o ser humano deste planeta. Tento imaginar o encanto de Kafka em sua Viena velha e bolorenta, a imaginar peles-vermelhas nas pradarias americanas.

FATIMA IRENE PINTO: Olá, Amigo. Feliz de lê-lo novamente. Acho que já disse isto a você. Você tem um jeito único de poetar. Suas poesias não se parecem com as de ninguém, nem do passado, nem do presente. Adoro o seu poetar. Adoro mesmo! Bjs da Irene

CARLOS GILDEMAR PONTES: Feitosa, poeta dos rebuliços e das gravuras assombrosas que saltam do nada, no meio da cara, refazendo no olho o olhar ingênuo. O Francisco é um rapaz bom, viajador, conhecedor de mato e de palavras, reconhece as estradas e a geografia maior, entende a memória e a história que ficou. Entrevistou o poeta e adivinhou o contador de histórias grandes, romanceiras, pra ouvir da tardinha à lua alta, vigiada pela coruja e pelos olhos

dos meninos no mato, esperando o bicho que vem a galope.

O poeta conhece dos cavalos e suas plumagens e impaciências. Vez por outra lembra meu avô, agarrado naquele roupão de cáqui, teimando o céu com os olhos azuis. A gente menino só fazia confirmar os bichos e criar outros mais medonhos que os dele, desenhados nas nuvens. Eu tinha medo de cavalo, o bicho era grande e difícil de subir. Já o jumento para nós era um tolo, acabrunhado, parado ali esperando uma cipoada pra girar o mundo. Nesse, eu “amuntava em riba” da cangalha que saia com o mucumbu doendo. Ia buscar água no olho perto do rio de pouca vista.

A nossa diferença, Feitosa, é que tu nasceste perto do mato e sabe dos feitiços do mato; quanto a mim, nasci na beira do mar e ia pro mato, de vez em quando, visitar meu avô e suas histórias mateiras. Qualquer dia eu conto histórias de mar, que é bicho medonho, de engolir gente e falar pelo vento coisas bonitas e misteriosas. Abraço, macho véi!

Gildemar Pontes

GUSTAVO DOURADO: Sobre a cavalaria de Francisco: Cavalgam pelos pastos os cavalos de Francisco. Cavalhomens do infinito sertão de mil travessias. Tropeiam céleres os cavalos de Rosa na busca das éguas do Cariri... Jagunços... Cangaceiros e sereias no Raso da Catarina coriscam pelas pradarias de Jere-

moabo:

Saudades da Serra do Teixeira e dos tombadores da Chapada Diamantina até os desfiladeiros da Borborema... Francisco e seus cavalos pastoreiam ovelhas-palavras... Jumentos-pastores emulam-se nas cabeceiras do Rio São Francisco: Rosa e Francisco galopam, esquipam, perfilam-se viandantes no sertão das setestrelas.

Gustavo Dourado

IVO BARROSO: Caro Poeta, a centauromaquia, que me deixou engasgado com sua erudição a propósito de equinos e que tais! Lembrei-me do melhor Guimarães Rosa, quando ele descreve os tipos de chifres de bois (em Sagarana, se não me engano), mas sua sapiência vem de mais longe, sinto o sertão euclideano em sua prosa. Meus parabéns! Um grande abraço do Ivo Barroso

JOÃO DOMÍNIO: Saudações, Soares recebi o “Estudos & Catálogos – Mãos”. Sendo sucinto considero o seu estilo ou linha de verve literária metalinguística, algo de muito interessante, especialmente tendo-se em vista que a literatura, atualmente, em grande proporção, decai no que se constitua como o mais “entendível” a curto prazo de cotejamento linguística. Os grandes sábios das letras nos brindam com esses instigamentos e simplesmente agindo de forma não original, o que esses já

mencionam. Em suma, vivemos momentos decadentes no uso da língua; mesmo assim, vale salientar que quando nos propomos a escrever, erros são tangidos até no que se propõe a construir com fidedigna e excelsa coerência; cometem-se equívocos na escrita e no cerne de sua exposição: as razões. Cai-se do mais surpreendente ao mais vil sem se notar, dar-se conta. O humano é uma criatura defeituosa e mesmo no que faz de belo, ocorrentemente confaz com o delito. Muitas vezes no delito comete atos sacrossantos. Em resumo, a análise urge em nós e as criações, que faz-se, o escritor é responsável pelo que realiza. Neste mundo, urge a coerência e a crítica e em um material de exposição literária, como o “Estudos & Catálogos”, é útil; criaturas expondo o que pensam, ato lúdico, é ótimo a ação entre vidas que se propõem sinceras, não devemos agir de forma puramente cordial sem esmiação, os momentos são críticos e a ação deve ser coesa. Metalinguística. Fraternal Soares, despeço-me aqui de um poeta que dá atenção ao outro poeta. Abraços, João Domínio

JOSÉ DO VALE PINHEIRO FEITOSA: SF: Da oferenda ao consumo um intervalo do tempo se foi, puxado como um balde de cacimbão, das jornadas intermináveis dos grandes centros urbanos. Afinal não peregrinei

apenas na notícia do *e-mail* que enviaste, busquei a raposa fustigada pela vigilância epidemiológica, assim como a mesma fustigada da Catuana à cidade pela sede do saber. Um saber clássico, das ordens católicas, em que se fundem a narrativa tribal de Israel, o vasto mundo grego e a instituição romana. No entanto, corre nele uma vertente ibérica, hípica, ou seja, árabe. De qualquer modo nos dois momentos: primeiro o peregrino do saber é um ser dos sertões, dos ermos, dos mandacarus e da luta solitária como rito de passagem aos 15 anos. No segundo momento é reflexão intelectual, o domador de cavalos. O soberano híbrido, centauro, o matuto a pé, agora fundido sobre o corpo das patas que rompem horizontes e chega à frente do sol. Iluminado o pensamento complexo, oposto da jornada noturna quando nem lanterna a pilha havia.

Quer dizer, SF, um ser *sui generis*, um pé no mundo rural e um outro na cidade. É o penúltimo espécime ainda a compreender o quão diferentes foram estes dois mundos: o arcaico e a pós-modernidade. Depois, só existirão, com a força da realidade e da verdade, os seres urbanos, únicos e não híbridos como SF que ainda corre para vencer o sol. Abraços. José do Vale

LUIZ MANOEL PAES SIQUEIRA: Feitosa. Belo ensaio poético. Maravilha de descrição. Cavalos sempre me fascinaram.

Principalmente os olhos tristes. Já percebestes como são tristes os olhares dos equinos? Além do mais são animais muito sensíveis. Lindo o desenho do Blake. Não conhecia. Eu conheço mais os seus poemas.

Um abraço. Luis Manoel

LUIZ PAULO SANTANA: SF, foi uma bela, mítica, histórica cavalgada. Inflamou os campos, moveu os ares em grandes ventanias, despertou poetas, fez suspirar o leviatã – que não se atreve porque o caos é aparente – na hora mesma em que pele-vermelha e cavalo frementes, hifenizados no “montado-e-vigilante” chispam, causando tremores no olho de quem olha e sem piscar lê até o fim.

E tem cavalo e homem antes da “transfusão”: o cavalo no cabresto em círculo, o cavalo na baía confiado, o cavalo e suas orelhas sinais e códigos. E tem cavalo solto, selvagem: “...a cabeça se alterna à esquerda e à direita, por baixo das pernas e por cima do lombo, a olhar de lado e para trás”.

E tem o segredo das palavras que se joga adiante, de modo que o cavalo, digo, o leitor, digo ainda, o centauro em que nos transformamos as recolha à galopada.

É cavalgada de palavras que passam ligeiras no espaço de todos os tempos, modos e conjugações. Acabo de ler, acabo de ver e é assim. Ainda há poeira no ar. Abraço, LPSantana

MARIA DA PAZ RIBEIRO DANTAS: Soares, fiquei suspensa com a leitura de seu texto (terei montado o cavalo de Blake?...). Você é um mágico. E eu só teria a lhe dizer que o tempo todo me vinha à mente o verso do poema de Joaquim Cardozo “A constante vitória”:

Na grande curva além, o que é mais do que um sonho?

Grande abraço,
Maria da Paz

MARISA CAJADO:

Franciscos e Cavalos

São Franciscos e cavalos
Nos vales do São Francisco
Cavalgaduras, estalos
Entre poeiras e ciscos.
Poeiras, nos olhos ralos,
Profundos e misteriosos,
Que trazem nos seus embalos,
Ensinamentos grandiosos.

Grande abraço amigo.
Muita paz. Adorei sua página
Marisa Cajado

MARY SILVEIRA: Meu poeta preferido, sua forma de dizer as coisas, o seu estilo diferente me deixam deslumbrada. A parte final é surpreendente: “**O caminho possível é o da misericórdia**”. Cavalo e cavaleiro ficam me parecendo uma única pessoa. E, de repente, volto a galopar na minha infância. Desde criança percebi que os equinos correm de lado. Fico aguardando mais... Beijos. Mary

NICOLAU SAIÃO: Uma cavalgada de palavras. Caríssimo Francisco (Soares Feitosa). Para já, o abraço firme que se endossa aos amigos da cavalgada peregrina, no tempo que nos foi dado viver.

É isso, o tempo. Que, como minha mãe costumava dizer, “é um cavalo”. Que salta e revolteia, que corre infrene como um ginete na Andaluzia, um corcel nos campos rasos do Nebraska, um garrano nos pastos de Alter do Chão deste meu Alentejo.

Os cavalos... Quando vi eu pela primeira vez um cavalo? Não guardo de isso memória exacta, mas teria sido na vila de Monforte onde nasci, provavelmente uma montada da Guarda Republicana quando da visita de algum oficial ao posto que o meu pai comandava, ou então de algum lavrador das imediações com estábulo porventura dentro da vila. No entanto, pensando bem, creio que o primeiro cavalo que vi (ou seria égua, para o caso tanto faz...) estava atrelado a um charabã – que só mais tarde soube ser o parisiense *char-à-bancs* das/dos elegantes dos Champs-Élisées de outrora. Conduzido por uma senhora, por um cavalheiro? Parece-me que o passeante seria, se a lembrança me não falha, um médico que usava esse meio de transporte quer para visitar seus pacientes quer para efectuar suas voltas e voltinhas nos momentos de lazer.

Já se percebe que nessa altura era eu bem pequeno.

Mais tarde, vi cavalos nos prados e campinas de muitos lugares: nos plainos de Espanha, nos vergéis da “Grand Prairie” francesa, nas ruas de Lisboa e de Portalegre quando era dia de festa nacional, transportando agentes militarizados, nas quintas do Ontário ao longo da estrada que vai de Toronto a Ottawa, na “rota índia” americana. Tive mesmo ensejo de cavalgar algumas vezes em campos abertos – essa emoção absoluta de descendente de antigos cavaleiros aldeões – e, quando calha, na herdade de um amigo dado às cavalgadas e falcoarias (o conde José Antônio Valdez, que é o fidalgo de antiga nobreza lusitana mais plebeu e saudavelmente terra-a-terra que existe) faço a minha perninha como razoável “calção” como tradicionalmente se usa apelidar.

E que dizer dos cavalos vistos na arte: na pintura, na escultura, no cinema, nos livros de quadradinhos da minha infância e adolescência de leitor encartado?

As cavalgadas, no papel, de índios e de cáubois, desde os apaches de Jerónimo aos oglalas de Sitting-Bull e de Nuvem Vermelha até ao, noutra registo, cavalgar em estilo “feio, forte e formal” do John Wayne? E o ar hierático de Gary Cooper ou James Stewart? (Que, aqui entre nós, sempre me pareceu ter um rosto um pouco cavalgar...).

Todas estas coisas me foram suscitadas pelo texto do Poeta. Será necessário dizer que Feitosa, como bom ginete, ultrapassa

as barreiras como um galhardo cavaleiro e nos faz cavalgar através do texto como um alazão de crinas ao vento?

Um abraço, meu Poeta – e que galope a preceito assim pela vida durante muito tempo e nos enleve soberanamente com o seu estro tão veloz como apropriado e fecundo. Um abraço firme, à guisa de cavaleiro de antanho, do seu NS.

NILTO MACIEL: Este diálogo de Francisco com Soares Feitosa é pleno de ensinamentos. Nele se veem filósofos, poetas, ficcionistas e, para ilustrar, quadros famosos. Muito gosto de ler essas coisas de cavalos e cavaleiros, de índios, de centauros, de lendas e mitos. Se fosse possível juntar ao escrito um conto muito interessante de nosso Juárez Barroso, intitulado “Joaquim bralhador”, o leitor mais curioso poderia se perguntar: onde esse Soares Feitosa vai buscar tanto assunto? Nilto Maciel

PAULO GONDIM: “Uma pequena (grande) lição de cavalaria” Meu caro poeta Soares. Sempre a nos surpreender com sua grandiosa técnica da escrita. Escreves muito bem! Cavalo lembra viagem, liberdade, força, beleza, mansidão.

Seu texto nos faz refletir sobre a bela composição que você fez do homem com o cavalo: – Um só bicho!

Mas a parte final é deslumbrante, poética de extrema sensibilidade:

“O caminho possível é o da misericórdia!!!!

Não espancarás!”

Tão belo quanto o sol, “no pingo do meio-dia” – Sertão puro, Soares!!! Paulo Gondim

PAULO DE TOLEDO: Cavalos poéticos. Soares, meu querido, tudo bem? Li seu texto. Como sempre, você leva a prosa na rédea curta, não a deixando desembestar pelos campos vastos do caos do sentido.

Um grande abraço,
Paulo de Toledo

RAY SILVEIRA: “Literatura é a linguagem carregada de significados até o máximo grau possível” (E. Pound) Poetamigo, se Ezra Pound não andou conversando “arisia”, acabou de cometer um texto literário sem adjetivos à altura.

Um abraço
Ray Silveira

RICARDO ALFAYA: Caro Soares, muito bonito, muito poético esse texto, mais uma vez em contraponto com imagens.

Nunca havia pensado nesse simbolismo da união cavaleiro-cavalo, resultando num terceiro e poderoso animal. Mesmo a figura mitológica já a tendo visto tantas vezes antes, nunca me detive a meditar no possível significado. Gostei muito.

Gosto de textos que mexem com a minha cabeça, que criam atributos de significado, que redimensionam símbolos e imagens, como você faz. Valeu a pena co-

nhecer.

Um grande abraço,

Ricardo Alfaya

ROBERTO PIRES: Excelente! Consegui cavalgar nesta junção homem-animal animal-homem! Sob as rédeas da caneta, Sfrancisco-Francisco-Sf criou um terceiro animal! Homem-Cavalo-Escritor-Leitor! Cavalguei com gosto montado no texto!

Parabéns, mestre! RPires

RODOLFO LOPES: Feitosa, boa-noite! Estive a viajar no tempo, lembrando dos idos de cavalgadas e integração cavalo-cavaleiro. Seu texto descreve magistralmente essa magia da criação do animal mitológico advinda desta mesclagem.

Parabéns, parabéns, parabéns!
Rodolfo Lopes

SANDRA BALDESSIN: Poeta Francisco. Mitos, Kafka, Hobbes. E o poeta amarrando as pontas soltas da história, ressignificando a lenda e trazendo à memória lições que já deveríamos ter aprendido. Diante do seu texto, poeta, quase acredito que existe resgate para a nossa insuficiência.

O meu abraço afetuoso e encantado.

Sandra Baldessin

SERGIO CASTRO PINTO: Uma grande lição de cavalaria. Poeta: não é uma pequena, mas uma grande lição de cavalaria. E de poesia!

Abraço amigo, do
Sérgio

SOLANGE STOPIGLIA: Olá, Soares Feitosa! Encho-me em deleite com teus dizeres e figuras do homem, criatura pura, antes de ser moldado neste mundo de diabruras. Tanto homem quanto animal (neste caso irracional) são frágeis em sentimentos, podem ter a força física dos músculos firmes, mas seus instintos são como dois pequenos bebezinhos, que ao soar de um ruído rompem a chorar. Ou quando assustados empinam o corpo pesado nas patas traseiras, derubando a pequena segurança humana por terra.

Acabou a guerra! Dois iguais, tão fortes por fora, tão frágeis por dentro. Desalento que sinto. Mas encontro em tuas palavras as verdades internas de duas criaturas, tão puras e singelas. Quando não são manipuladas e forjadas pela sociedade.

Mais uma vez, parabéns, tuas palavras me são inspiração para criação. Solange

URARIANO MOTA: Soares, Poeta, filósofo, ou “simplemesnte” bom escritor? Gostei muito do seu alvo certo que viu Kafka como um poeta. O grosso da gente acha que a poesia reside apenas no poema, no verso. Desconhecem até a poesia do primeiro beijo. Abração forte.

Urariano

VASSIA SILVEIRA: Sobre cavalos e homens. Caro Soares Fei-

tosa: Impressionante a viagem proporcionada por “Uma pequena lição de cavalaria”. Gosto muito da imagem dos centauros. Remetem-me a um tempo-espaco onde a razão é desprovida do cetro que nós, ocidentais e herdeiros do cristianismo, entregamos. Gosto de me perder por brumas e labirintos, acompanhada de figuras imaginárias. E talvez isso explique a respiração suspensa pela leitura de seu texto e os caminhos que percorri a galope, sem crina ou rédeas para me segurar.

Não era mais a figura do cavalo que eu via. Nem a do cavaleiro em seus trajes típicos. Andei em várzeas, montanhas e florestas de palavras. E o animal que me carregava era a página em branco. Eu, pobre amazona, à procura de domar um dos mais belos e ariscos animais selvagens: a poesia. “Isto mesmo! Há o tremor para quem está em cima, para quem está embaixo, cavalo e cavaleiro (...). Ambos sabem que o planeta inteiro treme. Pulsam. Indague dos outros cavalos, que, ao frêmito da dupla, retesam as crinas. Indague das feras do dia”.

E, de repente, fez-se noite meu galopar: “Por sobre os cavalos também: há um momento de falar, há um momento de silêncios”.

E o meu rebelde cavalo pára, negando-me a descoberta daquele lugar que ainda não conheci. Então me vem novamente a pequena lição de cavalaria: “Você, em cima do cavalo, é

quem dá-lhe as ordens, mas ordens hão de vir de frente, e não de trás. Como seria possível ordens pela frente, se você, no lombo do animal, está atrás dos ouvidos da montaria? Aí é que está o passe de mágica: as palavras são lançadas à frente num ângulo de grau exato, de modo que o cavalo, à medida que corre, vá colhendo-as... e... quanto mais corre, mais ligeiro você joga palavras novas mais adiante (...).”

Parando o cavalo, mostra cansaço também a amazona, num simulacro de aquiescência. Poeta e poema. Cavalo e cavaleiro: “Até tombarem exaustos. Senão mortos”.

Tudo com uma pequena lição de cavalaria. Parabéns pelo texto. Vássia Silveira

VICENTE FRANZ CECIM: Lição de Centauro. Mano Francisco, teu diálogo com o Soares Feitosa, nesta tua “Pequena lição de cavalaria”, é uma maravilha: pensássemos que estarias falando realmente de cavalos, mas todo o tempo estás falando do humano, e, a partir disso, da hipótese do Centauro adormecida em nós. O Centauro: Francisco sobre Soares, ou o inverso? Uma escritura sobre o Encanto, que me deixou e mantém jubilosamente encantado. Coisa para jamais esquecer. Belos Sortilégios, ao longo dela. E a Imagem de Blake: e as outras – as recorrências a Kafka e aos Selos do Apocalipse de João de Patmos.

Tudo Ouro Puro que cintila, primeiro para olhos cegos. Só me lembro de ter encontrado coisa assim pelo Nordeste em Guimarães Rosa e, também, lá em Suassuna. A Idade Média Europeia persiste como fantasmagoria no Sertão.

Meu Abraço e minha Alegria,
muitamente,
teu Franz
da Floresta Sagrada

*A Menina Afegã** (O que o tempo há de querer?)

Ana, que também é Anna, me disse: “Ela* me olhou pela vez primeira quando eu ainda dava aulas. Há quase dez anos. Encontrei seu rosto na capa do livro de Ciências que eu usava na escola. [...]. Hoje de tarde subi a ladeirinha e até chegar em casa, pronunciando a mesma palavra espantada. Nossa!! Nossa!! E o êmbolo crescendo tanto quanto a ladeira, que nunca me pareceu tão imensa. O caminho habitual não me traria nenhuma banca de revista, muito menos um pôster. O que o tempo quer de nós?”.



Que, também Ana, a madrinha, um dia de tarde, aprontou a tábua em cima da pia da cozinha e disse que estava a fazer alfenins. Antes que nos cheguem os alfenins, chega-nos o puxa, e todo mundo sabe disto. Água, a tábua molhada. E, sobre a leve lâmina d'água, o mel fez-se véu e torrente. Quase quente. Acalmou-se, tomando forma de coisa que espalha e preenche. Antes, no fogo, borbulhara, quente. Espesso. Vulcano.

Noutro dia, também de tarde, desta vez a mãe, quando retirava o ar da seringa, no alto da agulha aquela gota se explodiu depois de encher completamente todo o espaço de uma gota.

O bucho do compadre, negro, branco como uma mão-de-cal, a madrinha já lhe lambuzara o álcool. No pé, também duas gotas. Eram vermelhas. Explodidas de sol e brilho, mas eram morte. Repara bem embaixo, no canto inferior direito, o canto da boca, o delineio do lábio de cima. A mãe disse que eu fosse fechar a porta e ficasse botando sentido lá longe, que ninguém chegasse nem falasse alto que o compadre...



Sabe-se que uma voz de agoiro pode matar. Eram de cobra, os dois buracos no pé. Seria de justo nepotismo colocar os olhos da mãe aqui. Brilhavam, sim. Cheios, plenos, explodidos. Da cobra? Os dela? E por que não?! Ninguém disse nada. Na barriga do negro, compadre Totonho, a primeira dose do polivalente do Butantã. Atalhei os chegantes. Disse-lhes que havia um “ofendido”. Isto basta, sabemos que sim, por lá. Um leve desmaio nos olhos brancos. Mais outra dose, com muita calma. Repara agora na penumbra da face, nessa viagem magistral entre rosto e costas...

Lá, bem no canto do olho – despreza a pupila se puderes –, mas vê, para trás, viajando em mão de seguir, há luz de sombras. Minha mãe falava num choque. Destes de quando vemos...? Vemos o quê, meu Deus?! Não! Ela falava do momento de dosar os soros... Anafilá...

E eram os olhos do finado. Rodantes. O brilho



linear do aparelho dizia que era zero o cérebro, mas os olhos clamavam. E o cheio do lábio, em cantos vivos – desce, leitor, agora, do olho à boca. Vê, bem dentro, entre lábio e lábio. Falariam? A placidez daquela tábua de mel faz contorno, agora, no pousio da boca. Só quem sabe como é, é quem perdeu.



O amigo. Juracy. O negro escapou.

Contava para quem quisesse ouvir que quando puxara a enxada com o rolo de mato, ela, de quase dois metros veio junto. Saltara-lhe os olhos de bote e boca. Abaixo de Deus, a comadre!, ele dizia e se benzia. Então, os alfenins a caminho,

mas carreguei antes as mãos de puxa.

O suficiente para não queimar. Entre um puxão e outro, por entre os dedos, por entre as mãos, da porta da cozinha, era uma casa alta, o paredão da serra. Ali, nem ver de menos, o sol desabava para o outro lado. Meia banda de sol. O suficiente para faiscar os brilhos dos olhos dEla, muito jovem. Este eu, uns poucos meses mais, à beira do rio. Um rio seco.



Igual a “Soledade”, de José Américo de Almeida, aportara por lá, filha de Fausto. Esquece os olhos. Que seja cega, pois. Vê o volume em noites sobre a testa. Repara como se trançam, eles. Os de junto da testa ali ganham reflexo! Um dia falaremos disto. Pobreza de pobre, absoluta, era Valéria, filha de Fausto.

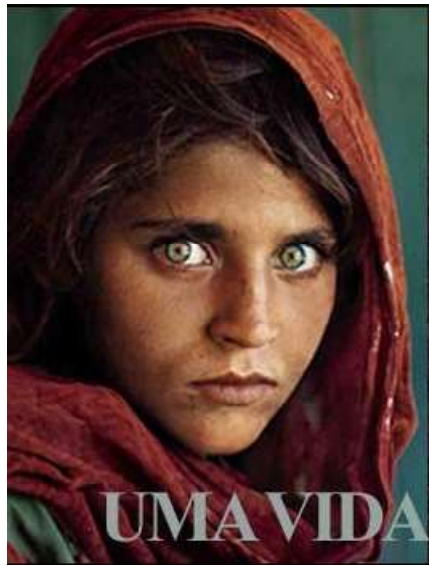
Os panos eram nus. Não que estivesse nua. Não. Doutra vez foi o braço de Jorge. Acho que duma espingarda, como no pé, do Menino – Uma tragédia no mar, Navio. Saber ia eu, sozinho, controlar tanto sangue? Havia um serrote. Álcool e uma lâmina de fogo.

Desiste dos olhos, por favor. Vê este contorno agora. Repara como tangencia ao alto a linha da direita, face, sobre um contorno em negro que também ascende. Nos escuros do

pano. E nada casse a dor. todo o osso. Ex-nos olhos de prezo do braço to, podre.

E toda a dor sumo. Cortado. eram os olhos Jorge cotoque-e dizia que, a comadre. E siste dela em olhos! Porque cintos boiantes quando se encias.

Ajunta-te aos panos. Às dobras, às cores, aos leves e aos ensaios de esconder. O justo olhar por sob. Hóspedes da oiticica do rio. Não, não!, não sei. Depois daqueles olhos, era a retirante do rio seco,



mais que apla-Rét-rét-rét e plodia-se a dor Jorge em desde puro espan-

do mundo, pre-E, mais uma vez da mãe. Então ava aquele toco abaixo de Deus, se benzia. De-carne-e-osso e já eram os ja-no rio cheio cheu de ausên-



Valéria, filha de Fausto, “aceito”, sem entender, todas as violências da reprodução. O que o tempo quer de mim?! Uma vida?

“A menina afegã”, de Steve McCurry.

ANA BEHRENS: Francisco, “Nessa viagem magistral entre rosto e costas”. Não pude deixar de reler isso muitas vezes.

ALEXANDRE FORTE: Esta a minha impressão da menina afegã: Sim. Os olhos são os da cobra. E da suçuarana. Porque

sou a retirante da seca de todos os Sete, do Setenta e Sete, onde morreram setecentos e setenta e sete mil. Neles, olhos de cobra e suçuarana, também espelham-se as águas de todas as torrentes. A enchente do 11, que fogo e clamor! Sob as imprecações de Conselheiro, procurado nos sete cantos da Arábia e no Raso da Catarina, de onde vim – porque também a guerreira que marchou vasto sertão! Sim. Que não poderia deixar de ser a cobra-mãe que devora os filhotes. Eros e Tânatos. Mas, sobretudo, a esperança! “Porque entre pulso e olhar, latejam os ferros da vontade”. E entre lábio e lábio “A menina afegã”, de Steve McCurry, o que sugere uma vida: sorrir.

Eis que mimetizo-me. Porque a dor em mim, da humana verve. E a flor que sou: bote e veneno. Porque flor e dor rimam com meu retrato no espelho do mundo babelizado. Mas, sob o turbante, a menina – sonho de liberta... Não se pode, mas se quer. Daí a hipnose que meu olhar não cala.

Foi um dia de sol em Canudos e outro de sombra em Kandahar. Eu. Retirante. Severina. Porque havia de...

ANA PELUSO: O texto como sempre adensa floresta sanguínea e faz um bum-bum no peito, daqueles dos diabos.

Tu brincas com as palavras e cria clima de história na narrativa que poderia ser simples e torna-se um amontoado de questões que é pra colocar a cachola

do povo pra funcionar. É por isso que te recomendo como medicamento contra insanidade da alma, contra avareza da calma, contra todo e qualquer mal...

“Anafilá...” Sim, tomemos o soro da vida, feito em poesia, em prosa poética, na veia que ainda (res)sente algum movimento de vida.

Tomemos Feitosa em doses homeopáticas e cartáticas.

E, penso, estaremos permitindo o pensamento quebrar a ordem do tempo, porque tu vens do futuro, ó profeta!

Ana Peluso

ANTONIO CARLOS SECCHIN:

Um ensaio sobre a menina afegã. Parabéns pelo belo texto, pela originalidade da abordagem!

Abraço,
Secchin

ANTONIO JACKSON S. BRANDÃO:

Prezado Soares Feitosa, todas as vezes que adentro ao *site*, vejo os olhos de uma menina que há muito me encanta qual os encantadores, as serpentes no deserto. Esses olhos estão sempre a me chamar, mas buscava simplesmente ignorá-los, contemplando sua beleza de longe, até que tive de chegar mais perto dela! Mas que texto é esse, sob os auspícios de um olhar penetrante, de uma boca delineada que nos fazem voar para não sei onde, nem para um tempo definido, mas que mostram sua implacabilidade? Vai uma, duas, várias leituras e vem-nos

também a picada que acome-
teu ao compadre, no entanto
nem sempre o beijo da serpen-
te é-nos letal, apesar de ela
estar sempre a nos rodear... De
repente, lá vem o rosto da me-
nina cujo olhar penetra mais
que o da própria serpe e de cujo
espanto – quem sabe pensan-
do num futuro não tão distan-
te – irradiado, veremos nós,
poucos anos depois, presentes
em nossos próprios olhos quan-
do a mesma menina, encontra-
da após o letal 11 de setem-
bro, mostra-nos o carcomido
corpo destruído pelo tempo e
pela pobreza: é a mesma me-
nina? Sim, é a filha do tempo.
Belo texto, apesar da constan-
te intromissão de Sharbat Gula
– sim, é esse seu nome – que
insistia em se intrometer em
minha leitura... Parabéns. An-
tônio Jackson

AROLD FERREIRA LEÃO: So-
ares, o texto é belíssimo e após
lê-lo abriram-se novas fendas de
sensibilidade em minha alma.
Valeu!!

ARI PEDRO BALIEIRO: Soares
(Chico dos bons!), que lindo!
Abraços, Aripedro

**BARONE PALANQUE MARGI-
NAL:** Parabéns, Soares, beleza
de peça, típica de quem tem sen-
sibilidade para o mundo e habi-
lidade com a escrita.

CLAUDIO WILLER: Que boa
prosa poética. Repito, és cronis-
ta de mão cheia. E com uma óti-
ma capacidade de registrar aqui-

lo que costumo chamar de Bra-
sil Propriamente Dito.

Abraços, Claudio Willer

EDUARDO DIATAHY: Don Fran-
cisco, meu caro amigo: Que pá-
gina de impressionante poética!
Que dores aludidas no mergu-
lho das memórias! Não sei por
que evocações ou associações,
lembrou-me a “Balada da Moça
do Miramar”, do Vinícius. Um
abraço imenso de admiração,
Eduardo Diatahy B. de Menezes

ERORCI SANTANA: É tudo mui-
to denso e abissal, os olhos como
navalha e cintilância e a pala-
vra como lâmina e serpente,
com muitos refolhos, coalescên-
cias, sinuosidades: um cinema,
como é de seu feitio, muito lin-
dro. Archiabraço amigo do
Erorci Santana

EURIVO RIBEIRO DA CRUZ: O
que o tempo há de querer?

Caro Feitosa, o texto forte como
a gente do Nordeste, de lâmina
afiada e contundente que fere
a alma a fundo e dilacera as en-
tranhas. Nada resiste às en-
chentes de imagens e palavras.
O abraço do Eurivo.

FOED CASTRO CHAMMAS:
Meu caro Soares Feitosa, a foto
de excelente cromatismo e o tex-
to sobre a menina afegã são pri-
morsos. Um abraço, Foed

FRANCISCO PERNA FILHO:
Caro Feitosa, os olhos estendem
os passos da alma: às vezes di-
lacerada pela luz incandescen-

te da áspera solidão que nos abriga. Senti, no seu ensaio, os olhos do nosso tempo, um tempo de imagens e perplexidades. Abraço do amigo Chico Perna.

FRED SOUZA CASTRO: Caro Feitosa: muito bonito seu trabalho sobre a afegã da capa da "Geographic". Você importou aquele rosto para um cenário de memória muito tocante e significativo. Costurou com mão de mestre cada pequeno traço da pele, cada nuance do olho, cada palavra que pode(ria) escapar daqueles lábios. Você é um poeta arretado, meu bom.
Fred

GERALDO CHACON: Li o texto Menina que veio não sei de onde e fiquei perplexo, tonto. Vertigem que não me deixou largar o texto até o final, mas não posso afirmar que captei todas as possibilidades semânticas do texto, que parece exigir um leitor mais apto e esperto do que eu. Sinto nele um grande valor literário. Mais uma vez, parabéns!
Geraldo Chacon

GERANA DAMULAKIS: A Pungente Crônica do Retrato da Menina Afegã. Feitosa: todo autor de sensibilidade deixa-se seduzir por um retrato para dele criar um texto. O seu foi magnífico.
Tenho vontade de fazer cópias para que Luísa, minha filha, lembra?, leve para a escola e possam ler em classe. Preciso da autorização do autor.

Parabéns pelo sentimento e pela arte dele advinda. Você é incrível! Beijos de Gerana

HEBE LOPES DE ALMEIDA: Soares, venho parabenizá-lo pelo texto sobre a menina afegã; dá-me a impressão que suas imagens poéticas e aqueles olhos grandes da menina viajam lado a lado por lugares igualmente trágicos e fantásticos; a dor e o belo se entrelaçam em seu texto e buscam a foto da menina; a menina como que também escuta e compreende a sua história... ambos permeando encontros. Para mim, a face da menina vai declarando assim: Errar um ser em formação ou secar as águas das fontes é um erro grande demais para ser pronunciado. Não há palavras, só o espanto. Hebe

HELENA ARMOND:
só ares
da academia à vanguarda
nos claros-escuros
dessa-fala-de-terra-roxa-de-angústias
desses urrares-vermelhos-puros
entre verdes complementares...

em lamentares os poderes
d'olhos
em leituras de quem sabe ler
e vai ao metabolismo
nesse devolver
o que o tempo devora
quase sem querer.

IVO BARROSO: Um ensaio so-

bre a menina afegã. Caro Feitosa, seu texto é tão penetrante quanto os olhos dessa afegã dos quais a gente não consegue se afastar; leitura integral, corrente, aliciante. Parabéns e abraços do Ivo Barroso

JOÃO ABREU BORGES:

Fé afegã
Verde espanto
olhos de encanto
enquanto calo
diante do desgosto
a menina sem pranto
molha o rosto
no solo
Cabelo castanho
nariz torto e estranho
enquanto choro
diante de tanto homem
não é menor a terra
e tanta fome
sem ouro

Meu amigo Soares: Desculpe a pretensão de tentar decodificar tanto susto e tanta fé simultâneas, neste pequeno retrato de uma criança. Foi o que tentei fazer. E queria a tua aprovação para divulgar todos juntos: a foto, o poema e a tua solidariedade (além, é claro, do belo susto de uma alma ainda feminina...).

JOÃO BATISTA DA SILVA:

"Ofendido" x ofídio, o poeta e a garota afegã juntam-se para trazer vida. "Só quem sabe como é, é quem perdeu". "E, sobre a leve lâmina d'água, o mel fez-se véu e torrente." "Bendita tábua molhada, nobre poeta SF.

JOÃO FILHO: Estava agora mes-

mo lendo lotes e mais lotes de poesia fescenina, grotesca. Glauco Mattoso foi uma leitura que tive que retornar com mais juízo. E então deparo-me com este "Menina afegã". A foto é conhecida, tudo bem, mas como o Sr. consegue tirar tanta densidade, lirismo dos mais aguçados desta foto!?!? E o pior de tudo é que eu estava/estou inebriado com umas in-des-cobertas. Isto foi o que me levou a escrever este *e-mail*. Conseguiu mesmo abrir/criar um parêntese neste meu lado fescenino. Dou a mão à palmatória. Abraços, João Filho

JORGE RIBEIRO: Soares, você é um craque! Um cracasso! Quer participar de uma antologia da Editora Olho d'Água? Jorge Ribeiro

JOSÉ FELIX: Um belo ensaio, caro Soares Feitosa. Um outro olhar sobre o tempo, antes do tempo, depois do tempo. O interseccionismo temporal que busca no meio em que vive "o mesmo olhar". Um abraço.

JOSÉ LIRA: Caro SF, puxa! E você disse que não tinha vírus. Mas tem o vírus da poesia, esse texto, que é tal o anafilá, deixa a memória completamente randomizada. Pega de jeito e mega e *bite, bite, bite*. Um forte abraço. José Lira

JUAREZ LEITÃO: A menina afegã: prosa poética do melhor surrealismo ou, quem sabe, o rea-

lismo fantástico levado às alturas ou além de Garcia Marques e Pericles Prade...

LÍLIAN MAIAL: Bom dia, Feitosa! Escrevo a fim de parabenizar-te pelo belíssimo trabalho. A mente do escritor viaja mais que a história e sua palavra pode ferir ou amenizar a dor da indiferença. Adorei. Um abraço carinhoso, Lílian Maial

LEONTINO FILHO: Antes de mais nada, espero que tudo esteja bem com você e toda a sua família. Que bom receber notícias suas. Eu ainda por estas bandas, com vontade de voltar, ficar no meu cantinho quieto, vendo as coisas, não me conformando com o que se passa ao redor e escrevendo os meus poemas. Tão logo eu conclua este curso, já jurei para mim mesmo, vou arrumar um canto para morar e neste canto demorar um longo período. Bem, mas vamos ao que interessa, O QUE O TEMPO HÁ DE QUERER? Que texto primoroso! Quantas lições de vida você soube captar desse profundo, melancólico, angustiado e inconformado olhar da menina afegã. Tantas coisas o tempo nos cobra e muitas vezes não nos oferece nada em troca, a não ser a sua tresloucada passagem pelas nossas retinas. Quantas vezes o tempo trai a nossa confiança como traiu escandalosamente o olhar de verde-seca dessa envelhecida menina. Mas o tempo olha dentro do nosso olho e prescruta a nossa alma

silenciosa. Ele vai sorrateiramente nos levando a doce esperança. Mesmo assim, lá longe, conseguimos acertar os ponteiros das estações e, por isso, sabemos que ainda resta um alento. E tal alento vem sob o manto verde de um olho que nos desarma e que nos coloca de novo em sintonia com a própria vida. Esse olhar pode muito bem ser, e, certamente é, o dessa garota que insiste em desafiar a misteriosa armadilha dos anos. Você, como exímio poeta, olhou profundamente a menina, como se convivesse com ela há muitos e muitos anos, e desnudou o espírito solitário de alguém, que, na batalha da existência, só requereu a partilha de carinho e de afeto que lhe coube/cabe no incomensurável latifúndio da ganância. Por isso, podemos afirmar, sem medo de errar: um poeta olha diferente porque sente diferente. A prova está neste seu precioso texto.

MANOEL H. A. SORIA: Caro Sf, hoje, recebi seu magnífico ensaio poético sobre a menina afegã, que saboreei, primeiro em largos bocados, porque sou impaciente, e depois com cautela, prazer e espírito crítico. Gostei muito. Gosto de imagens, todas: em tela, impressas, em idéias, em poesia, prosa, canto... principalmente as atávicas, que nos vieram por sentidos que não controlamos, lembranças que perfuram as camadas racionais e as cautelas do homem moderno.

MÁRCIA THEÓPHILO: Caro Soares Feitosa, a fotografia da menina afegã que inspirou o seu belo conto, eu também a tenho guardada. O seu conto é feito de emoção, simbiose dramática, sensibilidade e invenção criativa. O seu olhar de homem se transfigura e se dilata nos olhos da menina afegã. É de dentro dessa luz do olhar que nasce o texto – teatro de experiências, vivências. Eu sempre penso que a visão da imagem feminina vista por um homem é um reconhecimento do sentir feminino e através do seu texto nós fotografamos de novo essa imagem que nos causou tanta impressão. Márcia Theóphilo

MARCO POLO GUIMARÃES: Caro Feitosa: Você recria a imagem nas palavras e a amplia num movimento ondulante. Recentemente foi publicada uma foto daquela menina na atualidade, enfeada pela vida áspera daqueles desertos e montanhas afegãos. Mas nesta foto antiga e no seu texto ela vai permanecer intocada, perfeita em sua bela intensidade. Parabéns. Marco Polo

MARIA APARECIDA TORNEROS: As Meninas do afago na alma afegã. Feitosa, que olhar, hein? Mais que olhar, que afago de afegã assustada com “A menina afegã”, de Steve McCurry, com o mundo injusto e com a incerteza de sobreviver na alma dos que a podem observar. Menino, que lindo o seu texto...

Mais que lindo, que sentimento de profundidade na tal alma humana tão perdida na loucura da guerra. Obrigada por ter me proporcionado esse instante de ser mais gente ainda.. através da imagem e da reflexão sobre o que você criou. Beijo de afago no poeta que habita em seu instinto sensível de produzir a Paz, em plena sandice que é a luta armada pelo poder e pelo colonialismo. Cida

MARIA HELENA NERY GARCEZ: Meu caro Soares Feitosa, seu texto me tocou muito, demais. Essa menina é algo de extraordinário, de único, de intenso, de total.

Não sei se viu, outro dia, nos jornais, uma foto dessa menina já mulher feita, mãe de filhos. Ainda é bela mas já não é mais esse milagre de perfeição e de força, de beleza e de intensidade total. Ela foi colhida no instante preciso. No instante certo. Medo? Horror? Algo de felino, de sofridíssimo, de assustado e de inexcedivelmente belo. Aliás, os rostos das crianças afegãs, em jornais, revistas e nos noticiários da TV, eram todos muito belos. Mas nenhum nunca como o dessa menina selvagemmente aterrorizada e bela a mais não poder. Que verde tão verde ali tinha o verde daquele olhar... Seu texto é intenso, é dorido, é belíssimo. E o rosto e seus recortes a acompanhar o ritmo da composição.

Maria Helena Nery Garcez

MARIA DE LOURDES HORTAS:

Caro Soares Feitosa: Muito grata pelo envio do interessante ensaio fotográfico e ficcional “menina afegã”. O texto, sobretudo, é um exemplo do que a criatividade literária pode fazer, a partir da imagem de uma menina de olhos assustados e assustadores. Fraternal abraço e admiração da Maria de Lourdes Hortas.

MARIA TERESA LIMA: Olá, Soares. Li “A Menina Afegã”. Gostei demais. Não sabia que você também é escritor e escreve muito bem. Foi uma grata surpresa para mim. Interessante como a cor dos olhos dessa menina da foto assemelham-se aos meus, verde escuro, e, em volta da menina dos olhos, amarelo-alaranjado. Maria Teresa Lima

MAURICIO MATOS: Pôr em palavras os olhos e, através deles, o brilho do olhar desta afegã, o canto “A menina afegã”, de Steve McCurry, desenhado de sua boca, como o de quem está para, através dos lábios, dar ao mundo o canto de seu olhar, é coisa para Soares Feitosa. Para além disso, o que o tempo haveria de querer? Parece-me que é a vida o que está nestes cantos... escrita. Obrigado, Mauricio Matos

MICHELINY VERUNSCHK: Onde você aprendeu a escrever assim? Beijinhos.
Micheliny

ORIANA ALMEIDA: Querido Soares, eu adorei esse seu ensaio. Li duas vezes. Adorei também esse estilo de ensaio que você faz. Acredite ou não, estou saindo para uma conferência de um dia sobre poesia em Oxford. Eu nunca pensei que aqui tivesse gente tão interessada assim no tema. Meu chefe de pesca não está entendendo porque eu não vou trabalhar para ir ver uma conferência de poesia. Ficou achando graça. Abraços, Oriana

RAFAEL MONTANDON: Caro Feitosa, você está começando a pegar gosto por esta estória de escrever sobre imagens, não é mesmo? Meu preferido, até agora, foi o texto sobre o “Fui eu!”, mas este da menina afegã também ficou muito bom. Você é o memorialista por excelência e sem concessões. Qualquer mínimo estímulo, mesmo que completamente alheio, desencadeia o fluxo das reminiscências e lhe transporta para o universo mítico da sua infância. Mas o interessante é que as imagens não são meros pretextos para este transporte. Você transita, com muita habilidade e sem qualquer artificialismo, entre os elementos plásticos dos quadros (ou foto) e os flashes da mitologia particular, e as duas coisas terminam por se interpenetrar e se tornar uma só. É um jogo fascinante. Você poderia publicar um livro inteiro só com escritos deste tipo.

Esta menina não deixa mesmo ninguém impune. Tão telúrica e ao mesmo tempo tão supra-terrena.

RICARDO ALFAYA: Um ensaio sobre a menina afegã. Prezado Soares, olhei, reelhei, li, reli, fiquei muito impressionado. Você pegou a menina afegã, tirou do cruel deserto de lá e trouxe para a cruel seca de cá. Sim, há um gosto de dor e de morte. De corte da fotografia, acompanhado por uma ação paralela de corte de filme que acaba resultando também em corte do personagem em sua história. Você faz uma simbiose de narrativa com ensaio, em paralelo ao ensaio com história que há na foto. A foto conta uma história. E você conta uma história ao mesmo tempo contando a foto. A história é cortada, como a foto é cortada. São fragmentos, um jogo de calidoscópio. Um dos momentos mais impressionantes é quando você estabelece a comparação textual falando no fogo e a gente inclina a cabeça para o texto e sente uma espécie de brilho de fogo gélido, uma luz estranha que vem do olho da menina e atinge o canto do nosso olho, provocando uma sensação geral de estranheza, desencadeando uma certa indecisão. Afinal, ficamos no texto ou nos deixamos hipnotizar pelo olho de mar que nos espreita? Em resumo, mais do que uma simples leitura, diria que foi um contato, uma experiência. Uma experiência sensorial, afetando tan-

to a mente quanto o corpo. Ah, outro aspecto interessante é que você faz um movimento de câmera sobre a foto, subindo e descendo pelo rosto, transformando-o numa paisagem... árida, como árido é o deserto e o solo calcinado pela seca. Sina Severina, dessa afegã menina.

RITA BRENNAND: Penetrei naquele olhar. Meu Deus! Francisco, tomei um susto! Você nem me deixou respirar. Não estou preparada para desmaiar de alegria. É, tento pintar com você esse olhar e essa expressão da boca. Busco fazer ecoar esse grito. A pororoca veio chegando e arrastando tudo o que estivesse em seu caminho. Encontro feroz de águas. Desencontro feroz de homens. Renovação da natureza? O caos por si só se organiza. Francisco, luzes e sombras. Você é um pintor, ao me fazer entrar nos escuros... Percebi a virgindade daquela boca, a menina... Um único olho, insistentemente repetido, mil olhos, vi, da humanidade, que somos. Ainda preciso me acostumar. O seu pique, nem bem... você já! Francisco, assim que você me passou o *site* da menina afegã, abri sem medo, mas fiquei um bom tempo, enfeitada, viajando com você. De vez em quando, numa pincelada de claro-escuro – o olho. Fiquei, como diz o matuto – abestada. Você quer me matar? Isso acontece diante do inesperado. Ontem dei uma espiada na página do

JP e fui dormir depois das 2 horas. Fico hipnotizada, é o termo certo. Me encontro tão descaradamente impregnada dessa terra, os trejeitos de falar, me vejo cruzando com você, sem saber que só meio século – de Ésquilo? Francisco saiba que estou atenta o tempo todo, tenho em você o meu ponto de referência. O JP é uma viagem, é um mapa, muito mais do que Múndi. É uma cartografia de intensidades, de afetos, de sonhos. Repare as mãos, o gesto. Vejo como um fruto arrancado antes do tempo ainda traz a terra nas unhas. faíscam os olhos. O rosto, a luz, o Sol... dia e noite... olhos, os olhos, só os olhos... grite, grite por ela, Francisco. Não nos deixe sem defesa... Repare o mesmo gesto, as mãos... as unhas enfeitadas de terra-Brasil; repare a burca feita da palha, só que verde... verde pendão da... desesperança. O olhar de mormaço varou o tempo. Francisco nada li das reportagens para não escutar. Não, não quero escutar, quero ficar atenta apenas à sua poderosa poesia, que espero. Sempre vou esperar. Estou ainda zozna. Agora mesmo fiz um gesto, com minhas mãos, quase sem perceber que estava escondendo meu rosto, abaixei a cabeça e, lá no fundo do coração, choro por nós. Francisco, onde? Onde? Onde? O amor?

RONALDO CASTRO: Nossa, que bonito! A narração em suspen-

são contínua vai nos levando para um texto que não se completa e assim se faz até agora. Obrigado. Ronaldo

ROSA LUCAS: Amigo, belo e triste, cheio de fantasias e verdades, este trecho que você me mandou. Vou relê-lo com mais calma, que hoje estamos aqui em plena revolução: minha primeira neta, Anneliese, se casa amanhã com Guido, um jovem alemão, e estamos bem centrados em uma Torre de Babel. Fala-se alemão, francês, espanhol, inglês, italiano e o nosso brasilguês. Alguns se entendem, outros flutuam e esperam a mímica. Uma coisa é certa: o trecho é lindo e a foto também é linda, como linda é a sua atenção em me mandar.

VICENTE FRANZ CECIM: “A menina afegã”. Francisco, não consegui escrever uma linha sobre a Menina Afegã: aquela lâmina no olhar dela cortou minha língua para sempre.

WEYDSON BARROS LEAL: Um ensaio sobre a menina afegã. Caro poeta, belo texto. O Rosa tem primo, irmão. Tem equivalente. Poeta. Também. Abraço, eu mesmo (de longa ausência), Weydson

P.S.:

Esqueci de dizer. Seu texto sobre a menina, a cobra, a vida, é lindo. Declino sempre ante seus textos. Outro abraço, Weydson

O homem sem sabeça

(Quadro de Hélio Rola)



O ferro de engomar como se fosse um galo de costas para a rua, em cima do parapeito da janela, em pleno vento, cheio de brasas vermelhas: assim eram as roupas do Coronel. Brancas, no máximo cremes; beges como dizemos atuais ou “modernas” como dizíamos antigos. De linho trêmulo, senão de um brim de grossa trama. E muita goma, numa tigela, uma vasourinha de malva e um paninho ligeiro

para bruni-las naquela calda clara. E, então, as mulheres chamavam-lhe o ferro em brasa. Galo poderoso! Quente e rijo. Pesado. E braços-fêmeos a tangê-los de noite para uma manhã de missas. Tochas dos muitos ferros nas janelas escuras, mas isto faz muito tempo porque hoje, por lá, tem luz de noite. Dos postes. Agora, idos tantos chãos de



matos e ruas, águas e pontes, chega-me o poeta-pintor Hélio Rola e me traz os galos, as roupas



do Coronel em sua agenda domingueira, os ferros, a noite, a tapioca, águias, leões, rapinas, emplastos, mais outras roupas de caroá – *in illo tempore* –; o que mais traz Hélio?

Ele, o “phantasma”, protege o



bolso principal, o do colete, bem em cima do *hearth-heart*, mão direita pousa-

da calma, mas vigorosa. Uma mão mansa, tênue, mas vigorosa, terrível. Cordata, porém bojuda, de grandes saltos, um peso-pesado, de vero mando. Como se fosse a mão radiosa do Clemente e Misericordioso.

Afagante; cruel, prontamente cruel, porém. Torah! Uma mão do Livro. Direita. Do outro lado, a outra, esquerda, em pura garra. Qual delas agarraria, a mão-calma, afagante, destra?, ou a de garras, flanco de es-



pinhos, sinistra? Nunca podemos confiar!

E os emplastos.

Minha mãe fazia

emplastos de farinha. Era um angu, bem quente. Rapidamente despejado num pano alvo. Ela (ou a madrinha) alisava-o até o formato de uma fina chapa, não tão fina para não perder rápido o calor; não tão grossa para poder espalhar em volta. Do pé, do braço — algum aflito de Deus, luxo-luxado, ela parteira, farmacêutica, naquele lugar. E o calor. Se fosse um caso grave, seriam muitas placas, sobrepostas, dobrantes, aqueles cachorros chineses... ah, pele! Quente. O café também quente.

Sim, muito era rapina. As do-

res. O calor. A boca do ferro em perna de “s”, andando de costas, mas isto faz tanto tempo que já não há ninguém dos vivos para me contar, eu mesmo caí por cima de um, a curva do joelho, do lado de

dentro, depois os
emplastos que en-
tão foram frios.
Não, não eram as
plaquetas da roupa



deste boneco. Eram as folhas
da bananeira, verdes, gélidas.
Que também se faziam tapio-
cas naquelas folhas. E queima-
dos sobre. Despejados em
cama. Abanados dia e noite em
ais de abrasume. A avó do
poeta, assim me contou um
deles, e se benzeu. Não,
ninguém se benzeu.

Claro que ninguém tem
cabeça nem ali nem nun-
ca! De que nos serviria a
cabeça – a desvendar? Melhor
imaginar que no vazio do cor-
te haja uma boca-de-pote. De
mel-de-dedo. De mel redondo.
Era um vidro de Toddy, pron-
to para uma colher furtiva.
Tentacional. Um vidro-mulher,

presumo. Também
emplastaria aquele
mel. Melhor comê-
lo puro, às mastiga-
das. E cimitarra. E
elmo. Um ferro de engomar de
brasas é ver um elmo. Verme-
lhos.

Ah, sim, as mulheres eram da
raça Valério, dona Chica Valé-
ria; que também exímias as Be-
ato, Zefa e Toinha; a Sabão
(que só dizíamos-la pelas cos-
tas); mas era lá na casa de
Chico Sabão, aliás, de
dona Maria Miguel, espo-
sa de “seu” Francisco Mi-
guel, que melhor se em-
plastrava um gibão de coronel,
Honório, naquele tempo. Uma
noite (e manhã) de frio, e todo
o frio da serra, das Matas –
esta é a minha visão.

Soares Feitosa

..*

Comentários pág. 285

ANTONIO FILHO: A chegada do bicho. O bicho chegou. Chegou o bicho?! Chegou, bicho!!! Que diabo é isso de crônica escrita a quatro mãos? Duas sujas de tinta e duas sujas de letras? ÉÉÉÉÉgua que o negócio tá é bom!!!

DIATAHY MENEZES: Don Francisco, que coisa mais poética! Você é um narrador da peste! Fiquei emocionado.

FABRICIO CARPINEJAR: Um quadro de Hélio Rola e uma tentativa de quase viagem.

Olá mano Feitosa. É preciso corrigir a chamada: se isso é tentativa, não sei mais o que é viagem. Bela descrição – leve, um riso roubado – das gravuras do poeta/pintor Hélio.

JAMESSON BUARQUE: O galo de engomar a ferro!

Poeta, quando o contador de histórias retoma da memória o olvido, o pensamento se colma de uma valentia típica dos machos de antigamente: não se deixa acuar por qualquer lapso que possa, porventura, represar o que recorre. Daí o contador se acode do que puder: imaginário e plasticidade. Outrossim, trazer à memória o pretérito, necessariamente anula o Tempo, como o entendemos, ou seja, cronologicamente. O que nos resta, pois, é entender – ou pelo menos aceitar – que o presente coabita o pretérito e a convenção do Tempo se desfaz da realidade, como o pintor consegue

congelar o Tempo e sugerir seu movimento. Logo: confiar no contador, aceitar o que parecer hipóbole e deixar que a veracidade recorra em nossas veias, se assim for possível, ou melhor: agradável.

Você me contando sua história do Coronel – será mesmo dele? – me faz recorrer que é possível puxar pela memória algumas imagens antigas e depois pintá-las com algumas cores atuais, ou atualizadas. Não precisa de entrecho – basta lembrar. Então acredito que em algum lugar, ou em seu canto, você, visionário do pretérito, se permitiu enxergar fantasmas, fantasmas de verdade, e se preocupou em dizer como eram, ou como lhe ocorreram em algum tempo, quando os mais velhos ainda nos formavam de não esquecer de quando Seu Isso e Dona Aquilo fizeram algo – coisa de eternecer os nomes dos avôs e avós para sempre. Lembro-me de Mãe Fana, que nunca conheci. Mãe Fana é aquela avó de todo mundo da família. Aquela que viveu quase metade de um século e a metade de outro. Ela vivia com um cajado na mão esquerda. Era bem velha – aliás, essa gente antiga parece que já nasceu velha... Seriam algum deus aterrisado entre nós? E pensar que hoje em dia não nasce mais gente assim...

Então pensei que Mãe Fana poderia ser o boneco. Certamente ela algum dia emplastrou minha mãe – uma de suas tantas netas: que naqueles tempos cada

um dos onze filhos tinha de nove filhos para lá. Uma vez o mel escorreu da testa de um tio meu, que nem lembro o nome mais. Foi uma cacetada dada por Mãe Fana – ela não tolerava menino falar entre os adultos sem pedir licença. Depois ela o emplastrou. Mas esta é versão de minha mãe... e de outros tios também. Não sou contador de histórias como você. Conquanto acho inteligente demais essa capacidade sua de contar a história desenhando e pintando imagens. As ações você deixa para o leitor se virar. História sem tensão. História boa de ouvir porque demonstra a capacidade de movimentação da língua e recobra os valores do pretérito como prendas herdadas para não ficarem reservadas no mofo dos baús.

Soares, o boneco é o Coronel? O boneco das histórias que minha mãe repetiu muitos anos eram vários. A família e sua memória eram o boneco, de fato. Lembro de um muito famoso e que eu conheci: Tio João. Uma espécie de patriarca que arranjava casamento entre prima e primo para não haver muita mistura no sangue dos Buarque lá da Zona da Mata de Alagoas, precisamente em União dos Palmares – terra de Zumbi e de Jorge de Lima. Seu paletó, quase um sobretudo, ou *blazer* até, era igualzinho ao do coronel, mas como um pato, saído de dentro do mato depois de passar por baixo da última linha da cerca de arame farpado. Fico pensan-

do, com isso, nas fotografias amareladas do álbum de minha mãe – então me recorre sua metáfora da luz elétrica: agora o Tempo se perpetua com um colorido forjado. Mas a luz elétrica não é natural? É. O que não é natural é a condução – daí o que se pinta hoje em dia ser tão paciente da lógica e muito vazio de imaginário... Mas você saiu na contramão. Lembro-me que sobre isso, certa vez escrevi:

Galopando de vazio em vazio
As formas dos retratos
Sempre encontram uma dor,
Procurando o horizonte
Ou escavando alguma gruta
Estão sempre os retratos
A beijar uma retina antes,
Depois as horas não cessam o giro
Por isso as palavras insistem
Nos contornos de suas formas
Conforme fossem retratos
De voluntários gráficos acústicos
Dos poemas os poetas pensam cartas
(Cartas de amor a eles mesmos)
Quando eles são eles ainda vivos
Do lado de cá dos espelhos
Feito um retrato pedestre de tão vadio
Atrás do mundo mora o vácuo
Sem água nem sal, álcool ou nicotina
E em seus recantos viram curvas convexas
Para os próprios cantos
Lembrando retratos fotografados
De uma mesma graça num mes-

mo dia
Assim seguem o relógio, o con-
traste e o brilho
Pelo mercado visual do Tempo.

Nesses retratos é que repousam os “tantos chãos de matos e ruas, águas e pontes” que se repetem com o véu correndo a plaga de um rio – no São Francisco é assim... eu me lembro. Quem é Hélio Rola? Ele pintou o Coronel? Sei que o Coronel é Francisco Miguel. Naqueles tempos poderia ser assim apenas com alguns ademanos e os trajes certos – hoje é quase igual. Gosto desse seu jeito de contar a história chamando a atenção para nossa memória particular. Minha memória disso, por exemplo, nem sabia que ainda respirava com tanto pulso. Dá para pensar que guardo um livro todo dentro de mim. Cada página..., onde estão? Antes sequer me dei conta que havia páginas... Nós, tão esquecidos de nós mesmos, como se não fôssemos personagens de alguma história, sem trama nem enredo, como a sua, certamente um conto que se faz novela à medida que tece retalhos de memória entre o presente e o pretérito, para saber onde se reservam os intertextos do pensamento do povo, do olvido, daquilo que sabemos tanto que não nos damos conta.

Sua pintura, pois, é o emplastro. Ah, descobri o mistério da história que você conta: começa pelo título que você deixou apagado, que é o “Emplastro do Co-

ronel ou O galo de engomar a ferro”. Então a natureza, morta, vive – é da capacidade de lembrar essa habilidade. Porque no interior, e naqueles tempos, as tensões da vida mascaravam-na pacata, passando tudo pelas janelas. De janela a janela se via tudo acontecer. E os braços dobrados um sobre o outro, como as dobradiças escondidas nos versos das paredes de reboco em cor clara se apagando, lembravam, de costas mesmo, um galo, ou um pássaro engaiolado. Era assim naquele tempo. E para ser macho tinha sempre de estar, o então varão, em brasa. Se não estivesse, era só emplastrar. Versão boa a de sua história. Da história de sua mãe que contou a ela sua avó. Mas se dona Chica souber que você contou assim, capaz de ela ficar corada – não feito brasa, que senão é preciso benzê-la, ou emplastrá-la também: o mistério.

Principalmente retomo, Poeta, que sua história me permite à memória e imaginação lembrar um poema de lembranças guardadas. Não dessas lembranças bem desenhadas como as suas, que são lembranças-substantivos – que apenas os substantivos por si sós se bastam –; lembranças apenas na medida certa que apenas se dão para o grado da goela – não na embriaguez do torpe, mas do desejo. Tive de me dar, pois, às lembranças pelo verbo, o verbo que se movimenta e pede complemento:

O primeiro semblante que tenho

é um sapo cururu,
Desses de beira de rio.
Caminhando sobre os pedregulhos na areia da rua Maria Vicentina da Silva
Lembrando a casa de depois,
Mais tarde passaram na televisão meus programas mais divertidos,
Eu calçando botas para consertar os calcanhares
Na casa amarela tinha uma mangueira no quintal
Para brincar de mocinho e bandido
Sobre lembranças que não tenho mais
Outro semblante é meu avô Juvêncio ainda vivo
Preparando algodão doce branco. E o muro era baixinho,
Dava para ver a rua de brincar apenas às 17 horas.
Como chá inglês
As luvas de boxe vieram antes da mudança para o outro lado,
Eu sempre perdia de Silvano e Júnior
Até no futebol de botão
Agora o que é semblante são várias cenas de muito antes
Truncadas na face do espelho,
Líquido de óleo que não se mistura com o Tempo
Gotejando lágrimas no cemitério de meu peito

E meu avô Juvêncio sempre foi, agora eu sei, como um galo – mas de frente também. Ele outro boneco. E para ser moderno, de fato, suas roupas brancas eram beges. Dona Hilda, minha avó – a avó do trem –, era quem o emplastava. Ele, aliás, era um

engodo, apesar de às vezes muito engraçado. Haja emplastro para dar de aguentá-lo! Bicho bruto. De esporão aceso. E homem todo amassado. Dona Hilda também era parteira e farmacêutica, isso lá em Água Preta – você conhece? Minha mãe a ajudava, era uma espécie de enfermeira. Depois casou e teve de largar o serviço. Isso passou por Palmares, Ipojuca, Canhotinho e Recife. Esta não é minha versão, porque eu não sou contador de histórias como você. Você as tem bem dentro do peito, pulsando na pele pelos poros da carne. Eu até já havia me esquecido disso de contar histórias, ou de não deixá-las falidas no olvido.

Intrigante, como sua história me fez lembrar de alguns poemas que eu havia guardado exatamente sob o nome “Lembranças” num livro que nunca publiquei – até porque não conheci ainda a editora com essa vontade e, pelo menos para mim, uma publicação decente com uns mil exemplares é algo que sequer posso pensar –, o livro “Cotidiano”; o poema:

O rio eu não vejo há muitos meios-dias
Mas recordo de sua partida sem deixar a cidade,
Indo para um lado dizendo que vai para o outro
A igreja eu também não vejo há muitas tardes
Mas recordo de seus vitrais de arco-íris,
Pedaços de imagens ou sacras

ou fantasiosas
O beco eu também não vejo há
muitos dias
Mas recordo de seus poetas va-
riados,
Cabeças tortas que invertem o
dia-a-dia
Eu, eu me vejo (quase) todo tem-
po
Mas não me recordo de meus
pedaços,
Detalhes que de hora em hora
se afastam.

E esses meus “detalhes” certa-
mente compreendem parte das
histórias de um contador hábil
com o pincel, a imaginação e a
verdade, como você. Que não
sou eu esse contador. Sei que
desses há muitos, como aqui em
Goiás. Essa, pelo menos, é mi-
nha leitura.
Aquele abraço.
Jamesson Buarque

JOÃO ARLINDO CORRÊA NETO: Hélio Rola e Soares Fei-
tosa. Soares, grande poeta.
Agradeço sensibilizado a oportu-
nidade que me foi conferida...
ler tão belo texto. Poesia em for-
ma de prosa, típica daqueles que
dominam a arte de contar estó-
rias.
A leitura deste texto nos reme-
te aos mais recônditos escani-
nhos da memória e a retina
cega, embaça e turva-se. Até os
cheiros se materializam... Sen-
ti o cheiro de café pisado no pi-
lão, o doce de banana batida de
Mãe Bia e o aroma do mato ver-
de. Acho que até uma lágrima
brotou deste poço de sentimen-

tos e rorejou pelos rios secos de
minha face.
Um grande abraço. Parabéns ao
ilustrador.
João Arlindo Corrêa Neto

MARÍLIA GONÇALVES: Carís-
simo amigo, a que tintas, meu
amigo, você pinta o desenho de
outro, em que tonalidades de
sua infância o conjuga, nessa
familiar ternura, afecto, que nos
protegem para todo o sempre de
nossos mesmos abismos? Ser po-
eta não será sobrevoar abismos
com olhar infantil? As tintas de
seu amigo Hélio Rola andam
sem dúvida presentes no seu
olhar, mas são suas próprias
recordações que a traços quen-
tes nos retrata. Estarei engana-
da?
Um abraço, Soares, por essa
quente saudade das mulheres
que lhe andaram pela infância,
não fosse eu também mulher.
Sua amiga
Marília *en France*

RAFAEL MONTANDON: Textos
sobre imagens me intrigam
muito. É fascinante contrastar,
por exemplo, a mudez sintética
daquele bonequinho acéfalo com
a deliciosa verborragia do seu
ensaio sobre ele – a qual, aliás,
fornece-me o pretexto para a
confissão de uma inveja vil: a
deste seu entusiasmo adoles-
cente para com a escrita!
Quisera eu, com minhas duas
décadas, escrever com tanto fu-
ror e tanto fôlego, como faz você,
do alto das suas quase seis! Es-
pecialmente feliz foi a explora-

ção da ambiguidade da palavra “sinistra”, no terceiro parágrafo. Com um abraço fraterno, Rafael Montandon

ROGERIO LIMA: Poeta, sua descrição poética transporta-nos para uma sala de imagens, sons e sentimentos mil. É uma poesia viva que não chama o leitor a lê-la, mas toma-o pela mão e arrasta-o para o interior poético, o que muito difere de dizer para dentro do texto. Um abraço, poeta, de seu aluno. Rogério

ROSA ESTEVES: Galo!!!
Olá,
O quadro é giro. O texto vem a calhar. Posso levar para os meus alunos? Não tenho nada de poeta, mas o que está dito aquece, e não é do vermelho!!! Agora, ninguém me pergunte porquê. Se for preciso analiso com a malta, mas só depois de me dizerem se gostam ou não e o que lhes lembra. Por aí quando eles têm exames e todos querem que estudem coisas chatas, como é que se faz? Tem-se pena e dá-se a classificação? Ou cortam-se as pernas aos que mais precisam delas?
Atenção, não sou das obras de caridade. É SÓ PARA SABER.
Rosa Esteves

VERA QUEIROZ: Feitosa, querido, muito belo seu texto-poema-missal e as pinturas, idem. Parabéns, e força, sempre!
Beijo, Vera Queiroz

VICENTE FRANZ CECIM: Sem cabeça. O ferro de engomar como se fosse um galo de costas para a rua, em cima do para-peito da janela, em pleno vento, cheio de brasas vermelhas: assim eram as roupas do Coronel.

Francisco, mano: tua frase acima traz para a prosa a loucura poética chave de Lautréamont: Belo como o encontro fortuito de um guarda-chuva com uma máquina de escrever sobre uma mesa de dissecação.

Isto é um elogio: a abertura visual do texto lançando tudo para um horizonte de vertigens: vi aí as cores ardentes do alucinado Glauber, de “O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro”. E vi mais: vi ecoando “O outono do patriarca”, do Garcia Márquez, que anda meio dodói e deu uma entrevista recente dizendo que é o seu melhor livro – provavelmente, sim: grande texto – mas gosto igual de o “Cem anos”.

Obrigado pelos parabéns lusos; parabéns para ti e o teu ilustrador Hélio Rola pela parceria.

Fui sem susto. Vai na brisa, pela vida. Grande abraço para ti e Hélio, deste aprendiz,

Franz

Milenium

(O retrato do peixe)

Nem anzóis, nem redes.

Sequer ele próprio, em boa culinária,
aos molhos, azeites, azeitonas,
numa manhã de folgedos.
Não.

Nem isto. Peixe algum te chegue à boca.

Que seja teu,
permanente, ainda que escuro seja
o dia –
espelho e face, a ti, o Retrato do Peixe.

Fortaleza, 22.12.2000, de tarde

ANDRÉ SEFFRIN: *Millenium* é a arte da palavra nas suas mais altas esferas. Coisa de poeta verdadeiro, de POETA.

LUCIANO MAIA: Caro poeta Feitosa, agradeço demais o poema que você me enviou como mensagem de Natal. É fantástico.

Fui eu,
quadro de Valdir Rocha



Minha versão
Soares Feitosa

Ah, madeiras!
Pó, pólens, o ouro dos jatobás.

Mas a madeira precisa vir de antes. Um pau-marfim seria quase suficiente, mas não tem a dureza nem o travo da justa-cor. O mulungu, sim, cairia na cor. Contudo, madeira arrepiada, não

caberia nas raias do contrato. Pereiro, dito piquiá, de amarelo e duro: no tanto!

Porque era assim mesmo: disponível, pau fosse, ideias não lhe faltariam.

Mulungu? Às gaiolas!, de fácil de furar, de bom de enfiar; que pau-marfim nem daqui é; donde, melhor que se fique.

E caçarola.

Deveras, da venta para cima, abstraia ou cegue os olhos, é frigideira, caçarola..., tapiocas; jogar para cima e, na maior fleugma, aparar. Sem cair. Arte!

Mas tem que ter polimento! Nisto, das asas das borboletas, amarelas, é claro. Mais a maciez do jatobá.



E, com um cavaco da própria madeira, madeira contra madeira, arte contra arte, vapt!

Faça-se-lhe um olho, primeiro o esquerdo, papaia, uma semente fértil de papaia, seca, no ponto de planta. Disseste que fértil – como sabes do fértil? Claro que sim! Vê, acima do centro do globo, um micro salto-e-sulco, porque ali, o germe. E luz. Muita Luz.



Claro que sei de gérmens. Escrevo de ouvido e tacto. O navegador Vasco da Gama, bem dentro da cavilha do olho, e seu turbante, tudo na mesma escala, a semente de papaia e o navegador feroz, mas não faz mal, que isto de escalas é coisa de desenhistas. O problema é que o navegador está lá no alto, bem no fundo da panela-de-tampa. Peixes, depois eu mostro.



Vê, é bem no meio, apontando o arcabuz para a esquerda, mas há centenas de outros em sub. Que mais queres ver? Debruça-te sob um

tecto. Tanto faz que de céus. [De telhas, de palha, ou de olhos fechados]. Miríades de luzes te escorrerão de dentro dos olhos, ainda que cegos. Apalpa! É lá. Um céu insuportavelmente estrelado, vide *Thiago*. Destes, eu e Thiago de Mello.

As bordas em 45 graus, um pouco menos, entre testa e olho, e as de entre face e venta, hão de ser polidas. Magnificamente polidas! Nisto, a Arte! Repara no lusco-luz do Artista!

Agora sobe, sobe um pouco, volta-te à imagem de lá da cozinha, na parede, fixa num prego. Mas era preta. Ou então, tismada, que, lá, não era... [Repara ligeiro, bem no canto, a barba de Vasco.]. Não seria a fácies de Da Vinci? Ou de um cantor de rock.

O utensílio estava ali, lavado. Depois, era só ensaboar as mãos de cinza, úmidas, uma pasta de cor...? Cinza, cor cinza, é claro!



Aspergir, colando, pintando, como se, por fora, porque isto de cozinhar a gás, agora tão natural, era a lenha. Fuligem e tisna a evitar nas peças da bateria, penduradas, de puro brilho.

A cada manhã, consultava os oráculos, os dedos da madrinha desenhados em cinza-cal: a que apontariam os arabescos? Eis a cruel atração pelo divino: ora, uma sombra-luz; ora, o rastejo de uma formiga, à esquerda ou à direita; essas coisas nunca escritas – mas estavam lá! – e me diziam de como encontrá-La numa noite despojada de roupas. A quem não dizem?

Um dia, houve *shampoo*. De marca Elizabeth e ovo. Que eram duas: a Arden e a outra, a dos olhos, La Burton. Para cabelos oleosos. Tão brilhos e:

As iluminações. Neon, sol-dia, essas luzes de picolé – sob cada qual, mais outra luz, qualquer luz, não sei bem qual, nem como, sequer lhes sei os nomes, *leds* – leituras.

Melhor que as entranhas das aves. Debruça-te sobre o teu horizonte e ouve! Entre sons apenas trêmulos, tácteis e superfícies – viagens e iluminuras neste *yellow*.



"quem já abriu um jatobá,
bem amarelinho por dentro,
sabe,
é puro ouro,
das asas,
borboletas —
pó, amarelas elas também."
(1)



Um polimento, pois, aos dedos, taticamente tácteis. Então, *Ela* me pegou a cabeça, e, com alguma força, nunca bruta, escangotou-a para trás. A água me escorreu pela nuca. Os cheiros do *shampoo* e pele. Enxergarias sem o tacto?

Esta, a minha visão.

Soares Feitosa

1) Antífona, "Jornal de Poesia":

<http://www.jornaldepoesia.jor.br/feito20.html>

..*

ANDRÉ SEFRIN: Feitosa, meu caro, você é um verdadeiro Jatobá: "Escrevo de ouvido e tacto". Está dito. É o escritor, é o poeta. Abraços
André

CLAUDIO WILLER: Valdir Rocha tem todos os motivos para estar feliz por ter sido descoberto ou achado por você. Belo encontro de artistas. Ficou

bom e o mais importante é seu tom honesto, a credibilidade que seu texto transmite.
Abrs, Claudio Willer

FERNANDO HENRIQUE: Caro Soares Feitosa, olha, muito brevemente: precisarei de um "dicionário nordestino" para poder entender esse seu boneco pascoal. O engraçado é que, não desde agora, mas já há algum

tempo, quando seu livro li, achei que precisaria passar um tempo em sua terra para poder abstrair alguns sabores, cheiros, coisas mais para tocar e ver... Como poderei saber quão macio é o jatobá? E as borboletas de asas amarelas, o que tão raramente em Curitiba se dá, como perceber o que são, como são, e de que cores podem vir a tomar se aqui só o verde, o cinza e o azul do céu!? É... Será difícil entender, mas a beleza de suas palavras, ah essas... essas, sim, poderei guardar.

HELENA ARMOND: Belíssima a sua forma FEITOSA forma de dizer! Viagem- entre- dentro - com-atraves-do cheiro-do tato-madeiras-verdes-leves pesadas-maduras... eternizadas na sua fala e nos traços e cortes de Valdir Rocha. TEM em sua página todo o registro da força que TÊM!

Cumprimentos.
Helena Armond

JOÃO FILHO: Acabei de receber sua versão. E fui ler os comentários dos leitores. E vi que o leitor Fernando Henrique [ainda] não conhece quase nada do Nordeste..., que é o meu universo. Lendo o texto de Soares, vejo-me em palavras, sentidos, aquele sentimento encalacrado que todo nordestino possui: a secura e o afago desta plagas difíceis.

Conheci o poeta Soares Feitosa através do suplemento cultural de "A Tarde", de Salvador. E per-

cebi logo que era um poeta da mesma linhagem do nosso barão de fôlego enorme: Gerardo de Mello Mourão. Foi ler e me identificar. O Nordeste de que provenho é ribeirinho. Bom Jesus da Lapa fica na margem esquerda do médio São Francisco, Oeste da Bahia, fartura e seca, sol abrasador e águas barrentas.

Abraços,
João Filho

JOCA DA COSTA: Leituras... "Melhor que as entranhas das aves...", que teus textos, soluções semânticos de gestos pantocráticos, quase escritos pictos sobre pedras ancestrais, já desencantam o mundo por si! Bela, tua escrita em sínopes entre sístoles e diástoles, Feitosa!

MANTOVANNI COLARES: Soares Feitosa mais uma vez nos surpreende, com sua cadência lírica, que beira ao delírio febril, em suas luzes literárias que projetam sensações diante do enigmático quadro "Fui Eu", de Valdir Rocha.

Lendo o texto de Soares Feitosa nos damos conta da irresistível luminosidade do quadro, o ângulo perplexo dos sobrolhos que emolduram o sol-dia em forma de semblante, e nos leva à simplória conclusão – porém tão inalcançável nessa nossa cegueira de sentimentos – de que a arte é a propulsora das sensações, o estímulo a todos os sentidos: não nos enganemos! A arte visual é também olfativa,

auditiva, gustativa e, principalmente, tátil. “Enxergarias sem o tacto?”, esse o enigma de Soares Feitosa, e para que não nos deixemos devorar pela esfinge que sempre nos impõe o “decifra-me ou devoro-te”, revisitemos a beleza do quadro, sem a pretensão de enxergá-lo, mas de apalpá-lo em sua tridimensionalidade emotiva. Nesse instante, nos damos conta da magia do pensamento de Fernando Pessoa, para quem tudo no universo um dia findará, menos a arte, pois esta será eterna.

Decifremos o enigma. Sem o tato, nunca enxergaríamos, em tempo algum ouviríamos, jamais perceberíamos os odores e em nenhum tempo notaríamos o sabor. A arte é a junção dos sentidos, ainda que ela se expresse somente através de um deles, e é daí que surge o desejo de prolongamento quando nos deparamos com arte, tal qual a sensação dos cheiros e da água morna a que se referiu com maestria Soares Feitosa.

Mantovanni Colares

ELIDIA MARIA FRANZIM: Que a Poesia lhe dê (para sempre) esse “sol se rasgando nos jato-bás que se explodem de amarelo em borboletas amarelas”, e toda a água das cacimbas claras do Ceará. Abraço e beijo de novo Elidia

MARILIA GONÇALVES: Vou conhecer todos os termos brasileiros que utiliza, mas com o tempo isso vai ter solução, irei

aprendendo, que assim é vida no entanto um nome me despertou a atenção, que sei de ser de um fruto que no entanto desconheço: jatobá.

Pois meu caro Soares, daqui lhe lanço desafio de um texto que me descreva em sabor, perfume, textura, tacto, visão já você foi dizendo, isto se tiver disponibilidade e paciência, mas como aqui é o que pode chegar do fruto teria muito gosto em saborear.

Grande abraço

Marilia

MARINA LEITÃO: O poeta e o pintor. Juntos podem dar outro significado à vida... tornando-a não um fardo, mas um prazer! Lindo, lindo, adorei.

Marina

RICARDO ALFAYA: Caro Soares. Um projeto muito interessante, 41 poetas escrevendo a respeito. Sua visão é notavelmente original, conseguindo pontilhar de lirismo, numa boa, a máscara-carranca, cujo título “Fui eu” a torna evocação mortuária, plena de um expressionismo barroco-contemporâneo. A ideia de recortá-la no ritmo do texto foi ótima, deu ao trabalho uma dimensão de fato poética. Além disso, ocorreu ainda um enriquecimento das possibilidades de leitura, em virtude do deslocamento do foco da análise da forma do objeto para o material com que foi realizado, permitindo-nos uma nova leitura. Gostei do conjunto. Vale no-

tar que é interessante demais esse título “Fui eu”. O objeto artístico, afinal, diz do seu autor, mesmo quando este se encontra ausente. O objeto “representa” o autor. Nesse ponto, criador e criatura se confundem. Por outro lado, ao mesmo tempo, o objeto em si parece negar aquilo que afirma, posto que sua excessiva rigidez de máscara mortuária na verdade não sugere tanto aquilo que o seu criador tenha sido, mas sim no que se transformou, ou melhor, poderia ter vindo a transformar-se, uma vez que ele realizou o trabalho enquanto vivo. Em verdade provavelmente aquele objeto nunca “foi ele”, embora, paradoxalmente, pela razão primeira apontada, de fato o tenha sido. Em última análise, na verdade o objeto serve de metáfora a todo o objeto artístico existente, uma vez que cada um tem a capacidade ambígua de, a um só tempo, presentificar o autor, ao mesmo tempo em que, contraditoriamente, frisa a sua ausência.

Abcs,
Ricardo Alfaya

RITA BRENNAND: Deu água na boca, rio, choro de gostoso. Até onde você me leva? Inda bem nem chego, você já me sangra. 1 visão: um rosto? Essa cara? Esse ovo – só gema exposta – amarelo *shocking*. Por enquanto, a gema derramada, pinta de luz a borboleta amarela. Em cada asa, um pingão de pupila.

MÁSCARA! Você esquarteja a

cara, e cada olho é gamela das grandes. Na cozinha, Bastiana guardava, nas de madeira maciça. Um dedo de água da cacimba clara cobria a brancura do polvilho, a goma de fazer tapioca.

Partido ao meio o ovo, o ouro escorre e brilha.

Brilho de luz da pupila, bem no centro, de cada asa da borboleta dourada.

Partiu-se em duas a máscara, no carnaval de Olinda...

1+1 visão: de barro amassado, ao ponto, sugerir a forma, sonhar um rosto.

Sentir a multiplicidade de rostos. Multidão. Impregnar-se.

Destacar um rosto, escorrer das mãos a imagem, os olhos.

Só olhos, vorazes.

Buracos negros, a absorver o universo.

Vontade de buscar a memória dessa máscara. A praia de Boa Viagem, as gitiranas, cambada de meninos.

Cuidado com as caravelas — boiando como flor rosa... traiçoeira. Lá vem ela linda com seus fiapos de fogo.

Francisco, estou borbulhando, cheiros, sons, gargalhadas, só de pensar que tenho um baú cheio de vida.

Beijo, Rita

[E no engenho? E no curral? E a porteira? E as tanajuras? Ah!, Francisco]

Uma canção distante
Guardo tuas coisas para uma viagem:
(em que tempo)
?



A Fishing Boat Caught In A Squall Off A Jetty. Andreas Achenbach – Germany: 1815-1910.

**Guardo tuas coisas para uma viagem
(em que tempo?),**

**em que vagão viajaremos — e as janelas:
abertas pr'uma paisagem verde...?!**

**Guardo tuas coisas para uma viagem,
(em que modo?):**

no modo presente,
no modo advérbio, passado –
passam, passam coisas,
que os meus dedos aos lábios,
de uma mão perfeitamente trêmula,
cantam uma canção distante:
silêncio.

Guardo tuas coisas para uma viagem,
(em que vontades?):

pois se me fugiram os cavalos meus,
arrebentados todos os trens,
mortos os condutores de todos os carros,
naufragadas todas as jangadas,
e o mar,
brutalmente mar,
mesmo assim,
as coisas tuas guardadas, fiel –
(onde?):
navegar é possível.

OFICINA: Estava este poemeto em sossego posto, quando o poeta Rodrigo Marques me deu um alô. Nas felicitações de praxe, me pediu para dar uma espiada no Mar, brutalmente mar. Espiei. Disse que nada a ver com o *tsunami* dos últimos dias de 2004. Ele protestou. Como diria o Discovery: Terra, Planeta Feroz!
Navegar é possível?
Com certeza!

Vieram os comentários, a se somarem àquele do saudoso Junot Silveira. A poeta Maria do Carmo Ferreira refez-lhe a formatação, colocando o quadro de Achenbach bem em cima. Ficou muito melhor.

Como se tudo isto fosse pouco, o mesmo poeta Rodrigo Marques liga de noite para avisar sobre o salmo 46, na tradução da Bíblia de Jerusalém, pedindo ele apenas uma leitura não religiosa,

se possível. Aqui está o fragmento, como se uma epígrafe *a posteriori*, “leitura” do poeta Rodrigo Marques [2.1.2005]:

“E por isto não tememos
se a terra vacila,
se as montanhas se abalam
no seio do mar;
se as águas do mar estrondam
e fervem,
e com sua fúria estremecem
os montes.”

Em tempo: a poeta Maria do Carmo Ferreira mandou o trem, aliás, uma ex-linha de trem. Pegou uma foto de SF, recortou e batizou: “*Poeta só testa*”: Colocou-a também na *page* do *Cronôme-*

tro para piscinas. Poeta Carminha, *cum Christo*. E saudade!



Confesso-lhes que, pelo menos nesta, estou completamente inocente. Nada escrevi antes dos cinquenta.



ABILIO TERRA JUNIOR: Poeta Soares Feitosa, “Uma canção distante”, um belo poema que nos fala de uma viagem, uma viagem inatingível, pois sua pai-

sagem poderá ser verde, como em um sonho de amor, e toda uma vida se passa, a só restar o silêncio. Mas esta canção e esta viagem persistem, teimosas, em

uma memória perdida em que as coisas da amada continuam guardadas, mesmo que todos os contratempos surjam, tempestuosos, destruidores, em que até as jangadas naufragam, e o mar transforma-se, brutal. Navegar é possível para o poeta, pois ele navega nas asas do seu sonho e da sua imaginação.

ANA PELUSO: Naveguemos. Até mesmo por ser possível. Tudo é possível nesses dias de fim. Ou temos dúvida em relação ao fim? Eu não tenho. E nem acredito que ele seja geográfico. É o fim do homem, mesmo, como homem, “experimento”. Aguardar que aconteça mais do que tudo o que já aconteceu, seguir avançando na velocidade da luz, vai dar na descoberta que nos vampirizamos de outra forma. Nos fazemos mal. Esquecemos quem somos em função do que somos... Aí a terra geme e dá nisso.

O Feitor imagina que eu soube que a terra tem alma?! Filgueiras! Como não havia pensado nisso antes! Se até planta tem, porque ela – a nave mãe – não teria? Deve estar cansada, a pobre... Naveguemos.

As lágrimas da terra são muitas. Cabem barcos à mancheia. Só não sei se aguentam o insustentável PESO DE SER.

Mas também não tenho a mínima certeza de que um dia entenderei porque a terra deve chorar, fazer água pra homem navegar e descobrir mais terra, e matar outro homem por causa da terra, e a terra chorar e jo-

gar homem longe, e ele atravessar a lágrima à barco, à nado, e começar tudo de novo... Só que tem uma coisa nesse sistema de navegação, que não confere nem a bombordo, nem a estibordo: a dor é no meio. Bem no centro, que é a própria embarcação. Deviam abolir a dor do calendário, como quem apaga a porta e fecha a luz.

Feitor, sinto saudades. Enviei vários *e-mails*, quis dar apoio à Biblioteca Cururu, mas senti o silêncio e o (a) guardei. Também ando cansada dessa outra terra navegável. Mas por hoje é meu abraço santificado, abençoado, ungido, bento, iluminado no amor fraterno; aquele que ama porque ama, pelo amor, que é bom de sentir Abraço, então, bem grandão! Ana

CLAUDIO PORTELLA: Soares, li o seu belo poema sobre a viagem, a ida interior, para depois emergir, feito uma onda sim, mas de calor humano, de solidariedade. Foi o que eu senti ao ler seu poema, sua mão passeando sobre nossas cabeças, em afago e carinho. Sensível!

Fui mais adiante e li a interrogação do Floriano, acerca da poesia querer contar a vida. Pound disse que os poetas são as “antenas da raça”. Talvez seja por isso, não podemos dicotomizar, não podemos deixar de cantar, nosso canto interior que ressoa com a história de nossa aldeia. Devassada por um enorme onda, ou banhada de sol. Carinhos!

DANIEL GLAYDSON: Prezado Soares, “Uma Canção Distante” – fiquei abismado com a última estrofe, e lembrei do que Fabrício (o Carpinejar) me disse num dos nossos diálogos virtuais: “poesia é enxergar o que pode ter acontecido”. Ou o que poderá acontecer, acrescento. A poesia é tanta coisa, por que não poderá ser profética também? Não diria “coincidência”. E não importa se o autor acha que “nada a ver”. O importante é o leitor e será difícil daqui em diante ler tais versos sem sentir aquelas ondas, sem ouvir aqueles gritos, sem enxergar aquela multidão de mortos:

Guardo tuas coisas para uma viagem,
(em que vontades?):
pois se me fugiram os cavalos meus,
arrebentados todos os trens,
mortos os condutores de todos os carros,
naufragadas todas as jangadas,
e o mar,
brutalmente mar,
mesmo assim,
as coisas tuas guardadas, fiel:
(onde?):
navegar é possível.

Até as possibilidades que restavam ao poeta foram exterminadas... *Carpe diem!* Daniel

EDNA OLIVEIRA SANT’ANA: Poeta Soares Feitosa! Como todo bom poema, “Uma canção distante” também me seduziu! Talvez eu não tenha percebido a

essência da mensagem nele contida mas desculpo-me dizendo: ah! isso é intransferível, pertence ao poeta! A bem da verdade, o que há de mais fascinante em um poema, e o seu não é uma exceção, é a capacidade de nos transportar, numa fração de tempo, por terra, mar e ar e de nos fazer sonhar, experimentar sensações nunca antes sentidas, ir à procura de amores perdidos, confessar verdades escondidas, lidar com desejos reprimidos, expurgar os medos, antever catástrofes, enfim... O que mais dizer? Não sei, não sou muito boa com as palavras, mas eu fico a imaginá-lo em: “Salvador, tarde leve, 2.8.1996, no Ondina Apart Hotel, um dos lugares mais lindos do Brasil. Do mundo!” (palavras suas), com o olhar fixo no mar a observar o movimento das ondas e a ouvir “uma canção distante” a lhe advertir com antecipação um oceano em fúria!

Ah! desculpe o meu jeito irreverente de ser! (rs) Um dia, quem sabe, poderei assinar assim: Da colega, Edna Oliveira de Sant’Ana. Salvador, Bahia

ELÍDIA MARIA FRANZIM: Querido poeta, “Uma Canção Distante” (com os comentários, as torres gêmeas, a linha de trem/foto) pegaram-me pelos cabelos e me sacudiram pra valer. Acordei de mim mesma, egoísta imbecil neste casulo de seda. Acordei e estou pasma diante de seu Poema x Ásia x Salmo 46 x o acertado que lhe diz Nilton Ma-

ciel "... desde a catástrofe eu te vejo sobre as ondas mais altas e mais rebeldes, cabelos soltos, quase heras, a gritar como só os poetas sabem gritar". Mesmo! é impossível ler "Uma Canção Distante" e não entrever os últimos dias de dezembro.

Sob impacto, noite alta, li e reli o que me remeteu. Chorei. Sua Poesia, além de apocalipse, profecias e salmos, é Evangelho. Redime. Humilhada te agradeço e amo. Beijo. Elídia

FLORIANO MARTINS: Homi: Mas por que a arte quer tanto ser identificada com a realidade? Por que o artista se interessa tanto por ser um cronista, ainda que de acontecimentos futuros? E por que mil diabos tamanha dificuldade em prever o presente? Tinha razão e logo te desfizeste da medonha: o poema nada tem a ver com o *tsunami*. O poema é mais amplo e não se esgota em uma tragédia localizada. Mas por que cargas d'água o artista quer sempre ser identificado com alguma tragédia? Qual a metragem, o diâmetro do balaio de culpas que leva pregado na corcunda? E o poema, puxa vida, tão bonito! Abraxas, Floriano Martins

FRANCISCO PERNA FILHO: Caro Amigo Feitosa, o MAR, simplesmente o MAR, envolto de homens tão prenhes de si mesmos, confortáveis nos seus assentos, nas suas calamidades imperceptíveis, no olhar por cima que singra o sem-sentido, o in-

visível ocaso dos objetos. Somos todos naufragos, pálidos senhores do AGORA. Só a ARTE nos tira DA CALAMIDADE DE SERMOS TÃO HUMANOS e BRUTOS, brocados como as velhas tabocas, abandonados nas barrocas da nossa imaginação. Caro amigo, navegar será sempre possível, mesmo que nos tirem as rédeas, porquanto o nosso norte está para lá dos oceanos, dos angicos, dos pau d'arcos, das sarás. O nosso NORTE será sempre a palavra. Com admiração, Chico Perna

GIVALDO AMARAL SANTOS: Amigo, só hoje consegui abrir a página que enviou para mim. O poema é de uma beleza lancinante e a imagem veio sob medida. Ambos formam um conjunto que nos toca profundamente. Obrigado por este momento de beleza, mesmo sendo uma beleza que nos remete a um acontecimento tão triste. Um abraço. Givaldo

JUNOT SILVEIRA: Psi, a penúltima letra. Não a última, como derradeira fosse a sua obra ou nada estivesse por vir... Soares Feitosa, grande autor e poeta retratou em sua obra "Psi, a Penúltima" o que há de eterno. A essência, as raízes, o retrato poético do homem. Livro que reúne diversas poesias, é, no todo, o verdadeiro poema, autêntico em sua grandiosidade. Revela, na sua linguagem sertaneja, lírico-sensual, uma multiplicidade de gêneros e tendên-

cias tão pouco vistos atualmente. Traz, o livro, em si, o sabor da terra (eis que em seu interior descobre-se um envelope trazendo sementes de umburana como o próprio autor diz: “Do lado de dentro, rapê de umburana, cheiro e talvez os sons, as estrelas (...)”).

Retrata a sensualidade em seu poema, “Femina”, lembranças e belezas como em “Convite à Flor”. A realidade crítica, hilária e verídica em “No céu, tem Prozac” (Mãe, no céu tem pão?). Livro surpreendente, atual, de grande profundidade, o de Soares Feitosa. Não traz a coerência dos academicistas, nem um modelo clássico ou pré-moldado. Ao contrário, de maneira incomum (talvez por isso tão verdadeira...) revela modernidade. Não uma modernidade descabida, mas rica em encantamento e ternura. É universal. “(Guardo tuas coisas para uma viagem: em que tempo?)”.

Viajar nas poesias de Soares Feitosa, como ele mesmo diz em “Uma Canção Distante”, é, não só uma tarefa perigosa, como prazerosa: arriscamos naufragar no seu mar de lirismo e beleza. Há muito não se falava com tanta sutileza na vida, alma humana: tocá-la compete aos seus grandes, indizíveis conhecedores como o citado autor, que nos surpreende com a emoção inerente à sua condição de homem-poeta.

Soares Feitosa, destinado a brilhar, nasceu com esta estrela: o dom de falar nas coisas sim-

ples com destreza, maestria e sedução. Dizer a verdade, sem receios: é certo seguir o exemplo dito na dedicatória que me foi feita – seguir o convite.

Vem, meu irmão/tu és um de nós/o medo é uma loucura breve/nem todos sabem o que fazem/ também é certo:/ se não sabemos/ mesmo assim/ poderíamos/ter feito/ um pouquinho mais/ e melhor. É uma enciclopédia viva da humanidade, o retrato da vida cantada em verso, mas que não é o último, nem tampouco único. É o penúltimo... Obrigado pelo presente. E pelo convite.

LUCIANO LANZILLOTTI: **Uma canção distante** é primoroso. Acho que preciso aprender contigo a escrever tão bonito, caro amigo.

LUCIANO MAIA: Poeta, às vezes ocorre um fato e logo o relacionamos com algo que escrevemos, sonhamos, imaginamos, ou simplesmente desejamos ou tememos.

Em 1982, quando do lançamento do meu primeiro livro, “Um Canto Tempestado”, vivi essa sensação, com o desastre de Aratanha (ver poema “Poema para a vida”, p. 78) e, depois, com a Guerra das Malvinas (ver poema “Cômica paixão de estrela”, p. 97). Com a chegada da água do Jaguaribe às torneiras da Praia de Iracema, senti também que havia escrito ou sentido isso... (ver última estrofe da “Dedicatória” do livro “Jaguaribe –

Memória das águas”.

O teu poema nos remete à tragédia da Ásia, não sei se foi ou não premonição, se você agiu aqui como poeta-vate. Quem o dirá? Seja como for, há que reconhecer-se uma relação (coincidente ou não) entre o seu texto e o fato medonho. Abraços do Luciano Maia

LUIZ PAULO SANTANA: Feitosa, as pessoas são iguais em toda a parte. É o que as imagens mostram, dispensáveis as palavras. Mas, Poeta, por que você escreveu aqueles versos, em “Uma canção distante”? Arriscaria dizer-nos? Grande abraço,
LPSantana

RESPOSTA DE SF: Meu caro LPS: Realmente de assombrar o nascimento de “Uma Canção Distante”: fogo, muito antes da fumaça. A gente nunca sabe. Ou sabe?

Conto-lhe que a primeira vez que vi o quadro de Andreas Achenbach, bem uns cinco depois de ter escrito “Uma Canção Distante”, disse aos meus botões:

– Já vi!

Mas, de verdade, jamais vira aquele quadro. A ligação com o “Mar, brutalmente mar”, do poema, veio-me imediata. E agora, também imediato, chega-nos o maremoto.

Luiz, nunca vi um maremoto. Ou já vi? Não sei porque, desconfio que sim. Anote aí, por favor: Já vi. Todos nós vimo-lo. E escapamos!

Sabe, Luiz, a gente traz conosco a tal memória ancestral. Você, em Minas, muito longe do mar, sei que sempre sonhou (todos sonhamos) com o mar. Claro que sempre “viu” o mar, tudo por conta daquilo que, indelével, nos tem sido passado de terror e sofrimento, milênios e séculos. Todos nós, ainda que da cidade, temos medo de cobras e bichos; sonhamos com eles, “inimigos”, ainda que jamais os tenhamos enfrentado. Sonha-se muito mais com a tormenta (feras, águas e abismos) do que com carros, trens e aviões, cuja memória, tão recente, ainda não deu tempo de “envelhecer” no quengo de cada um de nós.

Veja, poeta, raramente sonhamos com o fogo. Só mui recentemente o homem descobriu o fogo. Antes eram as feras, as águas bruscas (a seca também) e os abismos.

Parece que nos poetas essa tal memória ancestral, meio a la Platão, está mais à flor. Acho que é isso. Deve ser.

Com o grande abraço do Soares Feitosa.

RESPOSTA Nº 2: Prezado LPS. Não fiquei satisfeito com a resposta que acabo de lhe mandar. Desconfio que me perguntou sobre o poema, os “comos” e os “porquês”. Ah, meu caro Luiz, se assim é, assim foi, conto-lhe, por seu favor, dois pontos: Cidade da Bahia, ano de 1996. Morava eu no Ondina Apart Hotel, uma das mais belas vistas de Salvador, do Brasil e do mun-

do: desde que do lado do mar, naquele hotel, que a banda da rua é de cortinas fechadas, de sol, poeiras e barulho. O Ondina não é em “frente ao mar”, como normalmente entendemos prédios de frente para o mar, com uma avenida entre o prédio e o mar. Não, meu caro Luiz, aquele hotel põe-se à beira do mar, afrontoso, sem rua alguma. Se descer uns quatro batentes, já estará “dentro do mar”, molhando os pés — pronto, é o mar!

O pior é que o prédio, como se fossem as tenazes do caranguejo, faz um côncavo para dentro do mar, cercando-o, ensacando-o, engolfando-o, açambarcando-o. E o mar, como quem não refuga um insulto, vem de lá, com a moléstia dos cachorros doidos! Luiz, eu morava no 10º andar, no 1003, ou seria no 1004, do lado do mar, no centro do côncavo da mão. Lá embaixo, ele, o Mar, estalando, rugindo, estrugindo, batendo noite e dia, até acostumar, que nunca acostuma, que a gente sabe que lá embaixo é escuro.

Estava sozinho em casa. Deixei-me conferir a data neste computador: 2.8.1996, sexta-feira, de tardinha. Num dos quartos onde instalara minha “oficina”, fazia eu um trabalho da repartição ou montava uns panfletos como este, que sempre gostei de fazê-los, mas isto, exatamente o que, por favor não insista: faz muito tempo, estou velho.

Era-me o costume, ainda é, recostar-me à janela. Sim, uma

irrefreável paixão por janelas. No intervalo entre um cálice e outro, que nem os bebo tantos, um telefonema, coisa assim, os olhos pregados lá embaixo, recapitulando a briga de sempre: eu e o mar. Desculpe-me, não era exatamente este seu amigo quem brigava contra o mar. Era um par de rochedos bem embaixo de minha janela.

Entre um rochedo e outro, eu dizia, mas nunca disse a ninguém, que ali, naquele vão por entre as pedras, era a Garagem do Mar. É que havia dias, ele, o Mar, igual a esses amantes violentos que sabem, raros, encherem-se de ternuras, deixava aquela passagem, entre um rochedo e outro – a “Garagem” – bem limpinha, a areia espelhando de nova, brilhante, vazando águas em pequenos filetes, e ele, o mar, lá longe, tomando-se de calmas, como se não fosse o senhor dos ódios, mas só do amor. Se assim fosse, de calmas a manhã, Mar e Rochedos, pegava eu os carros, alguns de osso, outros de boi, e também os de verdade, o chevrolet de então e o primeiro fusquinha; pegava-os e descia, e os estacionava na Garagem do Mar. Sem desprezar da janela, é claro.

Contudo, meu caro Luiz, tanta calma e ócio eram raros, porque, no geral, ele, o dono da garagem, Mar, passava noite e dia querendo, por tudo no mundo, espatifar com aqueles rochedos. Implicava com eles, o mar. Nem me pergunte por quê.

Vi, da janela: ele, o mar, de pura

fúria, tentava estragar aquela passagem que, na véspera tão chã, de entre os rochedos. Sim, agora em pura ruína, só buracos, pedregulhos, abismos, espumas.

Estalantes – todos os chicotes do mundo – ele, o dono da garagem, mar, brandia-os no lombo dos rochedos. Pegava-os, rochedos, primeiro um, depois o outro, em seguida a ambos, e metia-lhes a tranca!

– Tomem, seus rochedos de uma figa! Eu sou o Mar-Oceano!

Sim, Luiz, ele mesmo, desde as Colunas de Hércules, donde também viemos, o Atlântico, este colosso. Eu, lá em cima. Súbito, reparei na mão que estava junto aos lábios. Tremia. Tremiam. Tremíamos.

Ainda que fosse cabal o estrupício, havia instantes de calma, insuficientes porém para um respiro. É que ele, o mar, afastava-se ao leito do mar como um carneiro se afasta em briga, e, aríete de ferro e brita, com idêntico trombetear da brita no traço do cimento e da areia, tomava carreira, mar, contra a cidade, contra o mundo. Atacaria ele o prédio? Pô-lo-ia a pique? Então, *plaf!* Quebrava-se. Esmigalhava-se. Espumas e berros. Recompunha-se bem rápido, mar, tomando velocidade outra vez, a se arremessar muito mais cruel.

Luiz, tal como meus “amigos lá de baixo”, rochedos, atravessava eu uma situação nada aprazível. A empresa da família, Recife, quebrada. Problemas no

trabalho, agravados com a preocupação sobre os filhos. Dias havia que me restavam aos olhos tão-só aqueles “dois amigos”, os rochedos lá debaixo e sua areia bem plana, *architectura* divina, quando o mar aceitava deixá-la plana e limpa, num leve rampado, perfeito para subir e descer com os carros de boi e o trem de ferro, mas o normal, já disse, a fúria do mar, a devastação a cada açoite.

Sim, indaguei-me, naquela tarde de violência máxima, como haveria de ficar “minha garagem” que não era do mar coisa nenhuma, era “minha”, retifique aí por favor: minha!

Reparei atento, lá embaixo, no fragor da contenda. Sob as espumas e gritarias do mar, vi que havia água. Uma água turva, mas aparentemente calma, no lugar das areias da rampa (garagem) que o mar escavacava ao osso. Tudo destruído. Ainda assim, recomposto pelas águas. Os rochedos resistiam, cada vez mais agudos. Reparei por entre as espumas. Vi que havia um pequeno espaço para um bracejo, questão apenas de desviar. Não faria mal algum ralar o bucho e os joelhos. Só isto: a perícia de desviar. **(Navegar é possível)**. Saltei.

Fechei a janela. Bebi alguma coisa, um café, que sou viciado em café; água ou teria sido uma lapada de quentes. Sei não, Luiz, o que bebi, mas bebi. O computador aceso. Pedi-me que escrevesse. Dias depois, escutei os gritos da Musa, em “Salomão”:

– A onda é alta, Coronel!
Desconfio que todo o bracejo de mar, de Salomão, fez-se naquela janela, naquela tarde ou noutras muitas em que briguei com o mar, em meu nome e em nome dos nossos ancestrais, desde o mar e antes do mar.

Confirmo, meu caro Luiz: a onda é alta. A vida é alta. Tudo o que você vê, seus pais, desde os tempos, já viram e lho “passaram”. Está no seu quengo impregnado, uma leitura de decifrações – assim a Arte.

Nada há de novo sobre o mar.
Não creio na tabula rasa. Rasa coisa nenhuma! É apenas uma questão de leituras. Arte!
O abraço do Soares Feitosa

RESPOSTA Nº 3: Amigo Luiz, só agora, depois do segundo *e-mail*, dou-me conta do título do poema: **Uma Canção Distante**. Por que, meu caro Luiz, houvera de ser distante se ali tão próximos o mar, os rochedos; e eu lá em cima sob aflições?

Vem-me esta outra pergunta de fim de noite: o que em comum, entre aqueles que presenciaram maremotos (desde a descida das árvores), o salmista (Sl 46, que exatidão de linguagem!), o pintor alemão, a canção distante deste seu criado, e os acontecimentos de 26.12.2004? Comum a todos: sobreviveram, sobrevivemos. Contam à posteridade o que viram e o que seus pais têm visto há milênios. Puseram mãos sobre mãos, recapitulando uma mesma e inesgotável história. Desde! Aliás,

meu caro Luiz, já falei isto no Primeiro Panfleto (“Estudos & Catálogos – Mãos”): *Poeta Virgílio, creia-me, o catálogo das mãos é inesgotável porque as mãos dos novos hão de garantir as nossas mãos. Por sobre, sempre por sobre, que assim tem sido.*

Veja, poeta Luiz, em “Uma Canção Distante” pede-se uma paisagem verde, quando o normal é pedi-la azul, que nunca vi os poetas gostarem de azul, como se o mundo fosse só-azul, que não é. Por que o verde, ali?

Luiz, o verde do poema implica milhares de anos de secas, aqui, sertões do Ceará, Rio Macacos, desde os índios. Implica também a aspereza do tempo, de nossa herança milenar, Sael, terras d’África. Poeta, nós “estamos” lá! Este seu amigo é branco como um queijo de coalho, mas o cabelo é “ruim”, um pé n’África, outro na senzala. Nalgumas vezes, as mãos sob o jugo tumbeiro; noutras, negreiro, de chicote em punho, no tráfico, estalando-o. Sobrevivemos, sobrevivemos. Não podemos fugir: de terror ou júbilo, indiferentes.

Nestas horas, meu caro poeta, é que “detesto o azul”, um céu sem nuvens, azul-azul, de chuva nenhuma. Verde, Luiz, minha janela há de ser verde, clamam-me os sangues secos.

E águas, poeta, onde as águas? Sempre tenho sede, muita sede. Onde o São Francisco que aqui não chega?!

Creia-me, tenho que a Arte é fazer repercutir no traço – linguagens – o trom dos deuses.

Escrevi “trom”. Pelo bem e pelo mal, tanto faz. Terror e júbilo, assim mesmo, deuses. A história dos sobreviventes, que os mortos não têm história para contar. Ou têm? Contemo-la por eles, a história deles, a nossa história – é a nossa vez.

A Arte há de manter navegável um córrego entre o atual e o ancestral, seja de júbilo, seja de trágico – os deuses, de dentro. Linguagens? Sim, meu caro poeta! Poesia, escultura, oratória, romance e narrativa; música e pintura e dentre todas, o corpo. Também o corpo. Repare no Carnaval, a propósito deste sábado de carnaval.

– Já vi! – você bem que pode dizer, e deve, apenas para ficar em coisa mais recente, livros, a partir da invenção da escrita, Êxodo, 23, 16, a Festa das Tendões, sete dias enfiados de festas:

“O povo ficava nas cabanas durante sete dias de festa. Na primeira noite da festa a área do templo era profusamente iluminada por lâmpadas e tochas; danças rituais eram realizadas à esta luz. [...] Chifres e trombetas soavam nos momentos importantes da festa”. Confira em John L. Mackenzie, “Dicionário Bíblico”, Paulus, pág. 921. Repare agora na exatidão científica do salmo 46: qual o cientista que, com toda a modernidade, descreveria melhor um maremoto?

[...] E por isto não tememos se a terra vacila, / se as montanhas se abalam no seio do mar; / se

as águas do mar estrondam e fervem, / e com sua fúria estremecem os montes. [...]

Instrumentos? Para quê?! Basta o gesto, basta o silêncio (selá, a palavra hebraica que traduz a pausa do texto, neste salmo, o 46, repleto de selás. Seria tanto mais verdadeiro o poema quanto mais selás ele contenha? Desconfio! Sobretudo quando da selá, sem referencial algum, de ponto ou ponto e vírgula, mas implique, “selá”, a pausa absoluta..., parar, respirar fundo, voltar no jardim, ainda que sem mover um músculo. Você vai lendo e... esbarra.

[...]

Nossas mãos, poeta, são muito mais velhas do que nós. O falar das mãos. E seus silêncios. Fazer. Faber, o *homofaber*.

Finalmente, poeta, mas isto seria matéria de um outro panfleto, o modo advérbio do poema: a negação do tempo, vide “Salomão”, “Segundo Movimento”, “Os Cantares de Pulso”: *Desliguei todos os relógios, / entortei-lhes os ponteiros, / lancei-os no mar.*

Com este abraço nada silencioso. Soares Feitosa
(Fortaleza, 5.2.2005, noite muito alta)

LUIZ PAULO SANTANA RESPONDE:

Querido Poeta Soares Feitosa, cá estou, de volta à casa. Chegamos nesta segunda-feira, eu estava lá, beira-mar capixaba, águas salgadas desse mar misterioso, belo, vasto, indomável. E que bela surpresa você me pro-

porcionou. A “Resposta n.º. 2” inundou-me de emoção. Por tudo, pela história viva que você narrou, pela narração em si, seu verbo, sua literatura, seu estilo inconfundível, forte, vibrante. Que bela representação literária de uma história viva, que prosa fantástica! Eu estava sob os efeitos da primeira leitura e minha filha, professorinha começando carreira, passava, chamei-a, desculpe-me filha, olha aqui esta história, fiz preâmbulo, contei-lhe da pergunta que originou essas mensagens e reli, ela ao meu lado, e ambos assistíamos a cena até o grande susto – “Saltei.” – sim, saltou-lhe a alma, segurou-a pelas penas talvez (se almas têm penas – e muitas as têm) de volta ao peito, ao corpo, à salvação pela poesia, à vida. Homem agônico envolve-se em luta do mar contra os rochedos. Você – o personagem ali representante, navegou a grande onda.

De fato, a Resposta n.º. 1 não me satisfaz. Não insistiria na pergunta, mas buscava uma resposta visceral, e ela veio. Queria mesmo saber os como e os porquês, o que fosse inteligível para o autor, que outras tantas respostas nem mesmo o autor poderá garantir, levantará hipóteses, construirá uma teoria.

Contudo, relendo o poema senti ainda um abismo entre ele, poema, e a história viva da Resposta n.º. 2. A Resposta n.º. 2 configura um transe em progressão, no auge o personagem sentiu-se atraído para uma luta que não

poderia vencer, exceto pela sublimação, pela tradução algo mediúnica de sensações e sentimentos que talvez lhe deem alguma razão na Resposta n.º. 3. Aumentou-me a profundidade misteriosa do poema. Sua observação — oportuníssima — quanto à palavra distante do título é, no mínimo, curiosa. O eco desta canção distante está várias vezes expresso no poema, tanto que perfazem-se dúvidas: “...viagem (em que tempo?... em que modo?... em que vontades? Em que vagão viajaremos? As janelas estarão abertas para uma paisagem verde?”. A evocação ao modo, presente e passado, coisas passadas que passam num presente e assustam.

“Guardo tuas coisas para uma viagem...”. Diz o poeta Antonio Cícero in “Guardar” (livro e poema publicados em 1996): “Guardar uma coisa” é olhá-la, fitá-la, mirá-la por/ admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado./ Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por/ ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela. “Guardo tuas coisas...” enseja um encontro revestido do mais pleno e atemporal mistério. A quantas histórias o poema se propõe? Não sabe o autor? É muito provável que não. Ele mesmo o diz na Resposta n.º. 2: “Sei não, Luiz, o que bebi, mas bebi. Pedi-me que escrevesse”. Tinha acabado de saltar, embebera-se. Ora, quem, quantos eram, afinal?

Sim, navegar é possível. Ainda que, e sobretudo, nas águas trê-

mulas da poesia.
Grande abraço,
Luiz Paulo Santana
BH/MG, 18.2.2005

MARCO AQUEIVA: Uma canção não tão distante. Sabe, Poeta, tenho uma tendência a desconfiar que a Poesia só penetra em nós por qualquer coisa que não possuímos. A despeito do esforço por controlar e ordenar a palavra, somos sempre aquela tormenta que, por um indescritível transtorno psicósmico, volta-se chuva fertilizante. Malgrado seja a torre uma iniciativa para vencer nossas limitações – ainda mais uma que se apruma sobre o mar, como o entorno terrífico (?) que envolveu o Poeta lá em Salvador –, erguemos artefatos de concreto como não mais que tiras de papel – blocagem de versos, qual frágeis e artificiais rochedos, contra o profundo poço central do esquecimento, poesia&mar-adentro-de-nós-mesmos. Imagem que talvez transcenda a condição de mera metáfora e seja mesmo uma completa tradução de nossa condição psicósmica.

O estar no hotel, sei, era circunstancial; não certamente a forte impressão que restou. E estou me detendo no que está ausente, absoluto-nada de uma confluência pela qual não sigo mais por desconfiar de um fio d'água particularmente desimportante. Mas nem os lagos choraram demais que os olhos desenrolem um sol, mesmo tímido, nas águas feras, brutas e sem

margens do Mar-Oceano. Pouco sei da força das águas, mas compreendo um pouco da concha de um apartamento, da realidade sensível da água contida em um copo de água, desta-ainda-de-ontem que se mantém represada na bolsa dos olhos que magicam a existência de uma conspiração ou programa misterioso. Tudo é muito próprio dos homens. Sempre o foi. E de sobejo, nem a poesia restará nos escritos do ar, da terra, do fogo e da ferágua. Por que o fazemos se é tudo ralo? Ralome porque pouco-e-tudo importa. Desviamos o sentido da DESGRAÇA para o que seja a GRAÇA, eis a poesia como um quinto elemento da natureza, só incompreendido pela “des-natureza” do homem amesquinhado. Perdoe este tom frio e seco. É que é terça-feira de carnaval e, contra-toda-PRÉ-VISÃO-do-tempo-e-expectativa-na-passarela-deste-dia-alegre-e-triste, faz frio e meu coração anda terra e fogo. Amanhã seriam outras as cinzas se já não fosse quarta-feira de... Como é mesmo? Uma canção distante: Pobre velha música. “Recordo outro ouvir-te”. Tudo e nada soa. Pessoa. Abraços-de-um-folião-mal-arrependido!

Marco Aqueiva

P.S.: Embora irrelevante, foi mesmo em Salvador que tudo se deu? Ou será a notação do lugar “Salvador” recurso ficcional? Não é necessário responder. “Poesia, Salvador”. Quando se evidencia a epifania.

MARIA DA PAZ R. DANTAS: Soares: Li seu belo poema “Uma canção distante”, cuja última estrofe ecoou em mim aquele silêncio das “coisas passadas”. Para mim, a grandeza do poema pode ser medida no fato de que foi escrito “numa tarde leve”, mas concentra uma força que o remete à tragédia apocalíptica que acaba de acontecer no extremo do mundo. Uma tragédia que é real e ao mesmo tempo simbólica de nossas impossibilidades interiores e exteriores. A arte que me toca mais fundo é a que diz o real, o concreto visível, transcendendo-o em significações mais vastas. Dizer o real, sim, mas não parar no simples localismo, “no modo presente”, na circunstância imediata. “Viajar em que modo?”. Sentir “no modo pretérito” ou no modo futuro (que o poema alcançou), que as coisas emitem radiações e são essas radiações que o poeta registra e são captadas pelo leitor sensível Um abraço e que 2005 lhe seja favorável. Maria da Paz Ribeiro Dantas

NILTO MACIEL: Poeta Soares Feitosa, não o vejo desde o último maremoto, mas desde a catástrofe eu te vejo sobre as ondas mais altas e mais rebeldes, cabelos soltos, quase heras, a gritar como só os poetas sabem gritar.

Este poema de águas, de rebeldias, de desastres, de morte é um arrebatamento dos deuses, aqueles que te acompanham nas noites e nos dias de tua insânia

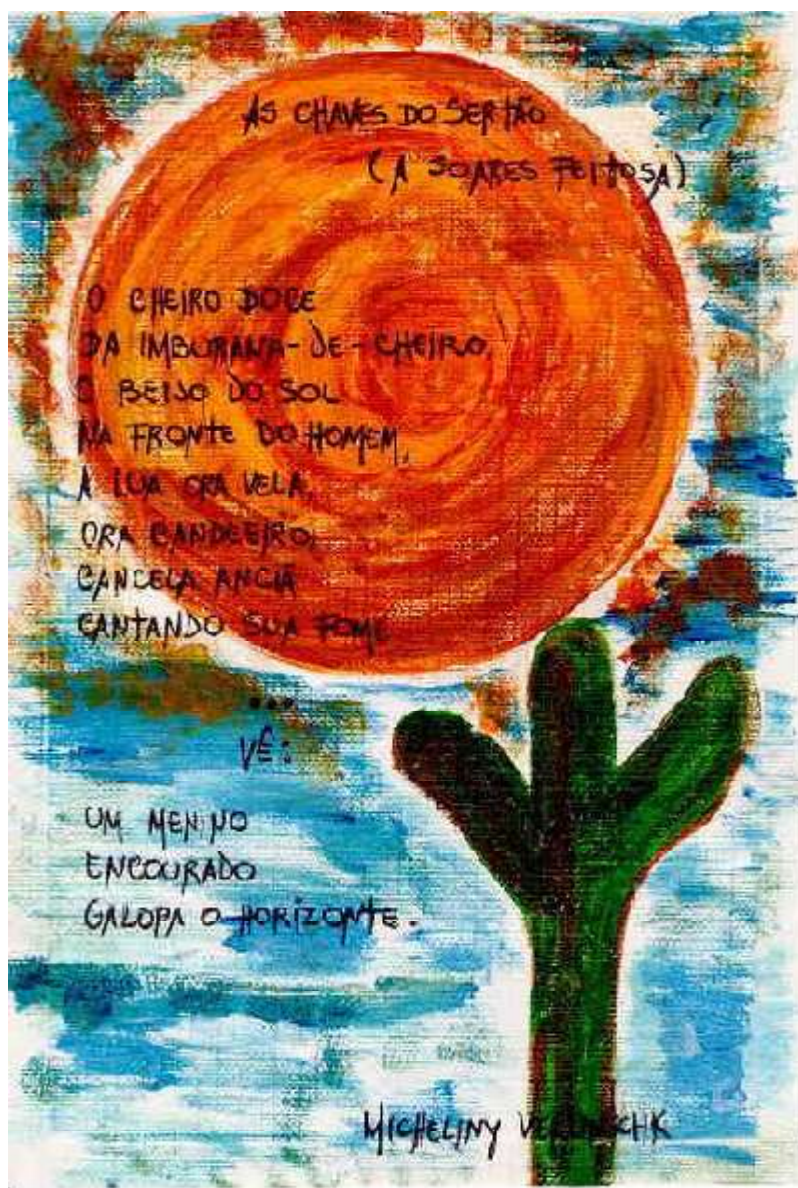
indomada.

Este poema me levou de volta aos primórdios e não é coincidência nada, foi premonição, porque os poetas como tu são premonitórios e, portanto, eternos, como o mar, as ondas, as águas, a vida, o sem-fim.

Nilto Maciel

VIVALDO LIMA MACIEL: Fantástico! Seu poema ilustra com perfeição e propriedade o quadro de Andreas Achenbach. Acredito que as imagens retratadas pelo artista nada têm a ver com as *tsunamis* asiáticas. No entanto, o conteúdo profético e atemporal de “Uma canção distante” são marcantes, e possibilita a interpretação de que o poeta, naquele instante, foi induzido a uma visão premonitória. Há quem afirme que o acaso não existe. Há controvérsias e o questionamento é inevitável. Nem tudo é o que parece.

Abraços, Vivaldo



As chaves do sertão

by Micheliny Verunschik

“PSI, A PENÚLTIMA: Esse livro, essa ave, que pelo nome se supõe tranquilo, na verdade é um traquinas que se diverte em transformar-se magica-

mente em várias outras coisas. E é pássaro, brinquedo, menino, cavalo disparado, árvore em dia de chuva, sertão... (Como é sertão, o teu livro, Soares!) Eu,



matuta e meio avessa a esse admirável mundo novo que é a informática, me rendi encantada ao modo como você o

transtornou de lirismo.

Bonito demais, poeta! Fiz grandes amigos entre seus poemas: Balançando Devagarinho, Poltrona F-6, o Trem e o Cordeiro, Perdidos e Achados... sempre que possível, pro-seamos. Você não parece lutar com a palavra, o que para mim é um espanto. Elas fluem, se aninham. Quisera eu essa tranquilidade.

Ah! ia esquecendo: seu livro tem os sons das abelhas, do chocalho da vaca Rainha e da água acordando na cacimba clara.

Escutei.

Micheliny Verunschck”

..*

Assim que eu soube da poeta Micheliny, jornal de Recife, tomei a iniciativa de mandá-lhe o meu PSI, A PENÚLTIMA. Nunca acreditei tanto numa jovem poeta quanto em Micheliny. Ela, também pintora, fez este quadro que guardo com o maior carinho, agora em livro. Botou tudo num envelope com um cartãozinho azul que, nesse meu afastamento das letras,

estava perdido. No mesmo dia, aliás, abrindo o envelope e já escrevendo, fiz À VISTA DE TI. O poeta Luís Antonio Cajazeira Ramos vinha chegando. Eu disse: o título?, poeta.

Ele disse: À VISTA DE TI.

Acreditei. Acertei!

Poeta **premiadíssima**.

A minha homenagem,

À VISTA DE TI.

À vista de ti

Nunca te vi, melhor que seja assim.

Teus cabelos seriam trinados ao vento?

Poderia eu dizer “treinados”, eles seriam –
porque aí corre
o vento da tardinha – sempre me dizes
do vento.

Guardo teus papéis eu guardo.
Perco-os, justo que me percam.

Um cartãozinho..., teu, a te encontrar, azul...,
azul seria a saia de sair?
Ou, haverias de preferir uma roupinha amarela
e os olhos vagos de nenhuma palavra?

O que poderei dizer quando te encontrar?..., se.

Nestes tempos modernos, teria lugar para um
silêncio?

Falarias?
De que nos diríamos?

Melhor que teus cabelos fiquem ao vento.

Ah, vento doce, da noite,
como me perfumas o hálito desta noite cedo.

LUCAS DE SOUZA: Feitosa, fizeste poesia com todas as letras, sem tirar nem pôr. Gostei da cadência dos versos, do poema, da matéria, em si.

Que teus poemas
fiquem no tempo.

Que teus cabelos
no vento.

Com a amizade de sempre. Lucas

LUCIANA MARTINS: Poeta, linda a poesia, sutil como o vento nos cabelos, como um beijo que não acaba. Luciana

MARCIA SANCHEZ LUZ: Caro poeta Soares Feitosa. *Nunca te vi, sempre te amei* – um dos filmes mais lindos que tenho por lembrança... esta tua frase me remeteu a ele... O quanto podemos conhecer e amar uma pessoa pelas palavras não proferidas, mas tão bem colocadas num pedaço de papel... Experiências trocadas à distância, enriquecidas pelo imaginário de cada um! *Teus cabelos seriam trinados ao vento?* Sim, pois que o vento e seus mensageiros tilintam os mais diversos sons sobre eles! *Nestes tempos modernos, teria lugar para um silêncio?* Um silêncio da voz, certamente! Bastaria a constatação da existência além da virtualidade.

Abraço-te, poeta. Márcia

RUTH DE PAULA: Reafirmo que qualquer palavra que se quer dizer imediatamente após a leitura dos teus versos, parecem meias palavras. O sentimento

não vem todo, como se precisássemos de mais tempo para gozar do afago recebido.

Festa para meus olhos e demais sentidos. Assim sendo, não silêncio. Neste finíssimo “À vista de ti”, o poeta brinca delicadamente com suposições acerca do “vir a ser”, do medo que supostamente sentiríamos se...; como seria se víssemos os cabelos, se víssemos a roupa, se ouvíssemos ou não a voz de quem nunca foi visto e sempre foi por nós amado/a. Amado/a pelas palavras – bem ditas em cartõezinhos azuis, guardados ou perdidos. Amado/a pelas cenas idealizadas. O medo diante do poder de ver o amor tal qual foi pensado. Medo de fraquejar se porventura encontrássemos o amor logo ali na esquina, força tamanha, temer por estarmos tão próximo dele – oceano; e afogado/a retrocedermos à possibilidade do real e só imaginar e imaginar. Jamais ver olhos, quem sabe vagos de nenhuma palavra.

Ruth de Paula

Os varapaus de Mateus



Costumo dizer que a Bíblia é o livro da leitura impossível. Se o leitor crê, prejudicará a leitura ao viés da fé, deixando escapar o poético, o fundacional de nossa civilização greco-judaico-cristã.

“Greco-cristã”?

Sim! Os mitos gregos fundiram-se no grande caldeirão posterior, deuses e deusas, todos eles assimilados ao novo Olimpo, os céus de Paulo.



Tudo o que somos nesta banda do

mundo, dita Ocidente, está lá. É de lá que vem. É de lá que viemos. É lá (aqui) que estamos!

Por outra, se o leitor for incrêdo, pode-lhe surgir o risco de tomar a leitura em zombaria, arbitrando-a ao atraso, ao fanatismo, à estupidez. Em suma, poucos leem a Bíblia senão pelo chamamento da fé, a maioria; ou, bem poucos, ao propósito de zombar.

Uma coisa porém é certa: não há cultura no mundo ocidental fora dos livros fundadores e, sob este nome, fundadores, no Ocidente, em primeiro a Bíblia.

Ninguém, de mediana cultura, pode jactar-se de não ler a Bíblia. Nem o Corão. E, por aí vai, lista dos Livros, imensa, cada cultura com o seu (ainda que não escrito), nem melhor, nem pior, vide Franz Boas e Claude Lévi-Strauss.

Retomo aqui o tema dos “varapaus” da Bíblia, a rigor, um tremendo problema de tradução, aliás, de “escrita” mesmo. Israel, no tempo de Cristo, estava sob dominação de Roma, Pôncio Pilatos o seu representante, com a patente de Procurador da Judéia; a rigor, o “rei”. Mesmo assim, conveniência política do opressor, mantiveram um rei, naturalmente de faz-de-conta, Herodes. E, em paralelo ao tal rei de faz-de-conta, o sumo sacerdote, Caifás. Naquele Estado teocrático, o sumo sacerdote tinha muito poder, tanto quanto o rei de faz-de-conta; abaixo de Pilatos porém, apenas pela força das armas.

Todos eles, Pilatos, Herodes e Caifás tinham seus estandartes. Havia, é claro, estandartes e estandartes. Os legítimos, ostensivos e gloriosos, os do chefe, Pilatos. Os demais, subjogados, por isto mesmo, recônditos, desbotados, envergonhados, menores.

Menores?

Isto mesmo! Vale relembrar as cadeiras à mesa de negociação da guerra do Vietnã: os americanos, de maior estatura, foram obrigados a sentar em cadeiras de pernas serradas, de modo que os vietcongs ficassem

no mesmo porte, até mais altos, taludos, falando grosso... ganharam a guerra.

Por favor, mais uma vez e pelo resto das vezes: não estou defendendo vietcongs, nem americanos guerreiros. Houve símbolos de cadeiras cortadas. Só isto. E a vitória.

Sem esquecer que o cavalo do “coronéu”, no desfile de 7 de Setembro, neste Brasilão rural, é sempre o maior, o mais garboso de todo o trecho, ainda que o “coronéu” deteste andar a cavalo. Se ele, “coronéu”, for de após, um pajem há de levar o cavalo, pronto para ser montado.

Aqui em casa, sem fundamento intencional, o caneco do chefe, eu mesmo, de inox, desde os primeiros dias de casado, é o maior dos canecos, embora os filhos, crescidos, bem maiores que o pai e, presumível, bebam muito mais água.

Símbolos.

E as taças de campeonatos, que ninguém bebe em recipientes tão grandes. Por que taças tão grandes, se ninguém bebe nelas?!

O estandarte, o que é afinal um estandarte?

Trata-se de um símbolo dos mais poderosos, porque nele o nome, ainda que não escritos. O nome e a glória do Príncipe. Seja um jogo de futebol, um festejo de carnaval, uma marcha militar, uma tropa de baticum ou uma procissão santificada – e lá está um estandarte, uma vara comprida com um pano pintado na ponta. Carregado de sím-

bolos. A definição de poesia – algo carregado de símbolos – perfeitamente aplicável ao estandarte, à bandeira.

A terrível tomada de Iwo Jima (Segunda Guerra Mundial) só se completou quando um pequeno grupo de soldados fincou uma bandeira (estandarte) em terra inimiga. A foto-símbolo correu o mundo com grande alvoroço. Regozijo e mais força para os vencedores; tristeza absoluta para os japoneses.

Repare na “direção” da foto: o mastro, bandeira, soldados — todos à destra, “escrita”! Quem lutou naquela guerra jamais podia olhar esta foto que, valor artístico não tem nenhum. De um lado ou de outro, quem lutou, chora, aliás, chorava. Escrevi “chorava” porque hoje, 2005, sessenta anos passados, quase todos já mortos. De velhice também. É apenas um pedaço de pau com um metro de pano pintado na ponta. Ou não é? Pior, falam que aquela foto teria sido “fabricada”. A verdade? Não faço ideia, melhor perguntar ao Procurador, Pilatos.

A tal foto de Iwo Jima, verdadeira ou não, naquele instante (2ª Guerra) era a bandeira de um povo, num momento terrível, sob o intenso sofrimento da guerra, com a máxima carga de signos.

Assim tem sido este símbolo assombroso, desde os tempos... apenas um pedaço de pano na ponta de uma vara?! Sim, com certeza.

Em Roma, os generais não

engajavam soldados de carne e osso, Caios, Cláudios, Varrões, Túlios, estes os nomes romanos, mas “águias”, os estandartes de Roma. Varas, é claro, com a impávida águia de Roma, com um soldado debaixo, portando-as. Brigava-se muito mais a recuperar uma “águia” em poder do inimigo do que para ganhar uma batalha. Vezes houve em que a vitória veio da retomada das águias.

Voltemos à Judéia, bíblica, de Cristo. Os chefes, Pilatos, Herodes e Caifás, todos aqueles senhores tinham seus estandartes. O de Pilatos, porém – a bandeira de Roma, a terrível águia romana, o legítimo, porque do vencedor.

Vejam, nesse contexto de três estandartes distintos, o episódio do Horto das Oliveiras em que o Cristo é feito prisioneiro pelos soldados do sumo sacerdote. Evidente que aqueles soldados levavam estandartes.

O problema é que o narrador bíblico, Mateus, não podia chamar os estandartes do sumo sacerdote de estandartes. Se assim o fizesse, indispor-se-ia com Roma, porque, afinal de contas, estandarte verdadeiro só o de Roma. Por outra, muito natural que depreciasse o inimigo, os judeus, responsabilizado-os integralmente pelo martírio de Cristo, vide polêmica do filme de Mel Gibson com tremenda carga, supersimbólica, contra os judeus.

Roma é sobremodo poupada em todo o Novo Testamento, pos-

to que fazia-se fundamental cooptar o grande império. Pilatos é muito bem tratado, o que não se dá de forma alguma com os sacerdotes, Caifás e Anás, e judeus em geral, no mínimo, “sepulcros caiados” e “raça de víboras”.

Contudo, Mateus não pôde negar os estandartes do pelotão de Caifás, que ele chama de turba, malta. Mas não reconheceu a eles a patente de “estandar-tes”, pois se tal acontecesse, muito legítimo seria imaginar

que a prisão se dera em nome e à ordem de Pilatos, o titular dos estandartes verdadeiros, os de Roma. O que ele faz? Encontrou um vocábulo-símbolo quase equivalente: “xilos” (madeira, vara), em vez de “sema” (semáforo, sinal, estandarte, bandeira). É verdade, “xilos” define, e, ao mesmo tempo, com absoluta sutileza, estabelece diferenças, identidades e hierarquia. O roteiro prosseguiu perfeito, vejamo-lo em Jerônimo, o tradutor do grego para o latim:

Mateus, no original grego

26, 47: Και επι αυτου λαλουντος ιδου ιουδας εις των δωδεκα ηλθεν και μετ αυτου οχλος πολυς μετα μαχαιρων και ξυλων απο των αρχιερων και πρεσβυτερων του λαου.

Jerônimo, Vulgata, Mateus

26, 47: Et adhuc ipso loquente, ecce Iudas, unus de Duodecim, venit, et cum eo turba multa cum gladiis et **fustibus**, missi a principibus sacerdotum et senioribus populi.

Jerônimo traduzira *xilos* (madeira) para *fustis*, de fustigar, simbolicamente o “ferrão do boi”, aquela vara comprida, com ponteira, a empurrar o boi ao matadouro, num perfeito simbolismo ao sacrifício de Cristo. Não que os soldados fossem futucá-Lo com vara comprida, mas o símbolo em si mesmo, o inocente tangido à morte. Contudo, o sen-

tido não era, originário, o de uma vara-ferrão, mas uma vara-bandeira, o mísero estandarte do sumo sacerdote.

As traduções lusas seguiram fielmente a simbologia de Mateus/Jerônimo a indicar que os soldados portavam varapaus em vez de bandeiras ou estandartes, assim o vemos desde o Giotto “A Prisão de Cristo”, clás-

sico protestante de João Ferreira de Almeida:

“E, estando ele ainda a falar, eis que chegou Judas, um dos doze, e com ele grande multidão com espadas e varapaus, enviada pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos do povo”.

Giotto registra: varapaus. Há varapaus, claro! A rigor, bandeiras, estandartes, não com a pompa da águia de César. Há também archotes, registro único em João, e já veremos o seu intenso valor simbólico.

Pois bem, criei-me lendo varapaus. E, por isto, recentemente passei vergonha monumental: comentava com o meu amigo advogado do nosso escritório, Rogério Lima, profundo conhecedor da Bíblia, que o termo correto seria este, varapaus. Ele, bem mais jovem, deu um salto bem acolá e disse que jamais ouvira essa palavra. Abriu o dicionário, lá estava (Houaiss):

“Varapau.

substantivo masculino

1 peça de madeira forte e comprida

2 Derivação: por extensão de sentido.

vara que se usa como apoio para andar; bordão, cajado, vara

3 Derivação: por extensão de sentido. bastão us. como arma de defesa ou ataque; bordão, cacete

4 Derivação: sentido figurado. Regionalismo: Brasil. Uso: informal.

pessoa muito alta e magra”.

Abri, confiante, na maior arrogância, a Bíblia do escritório. [Códigos, não; todos informatizados, mas Bíblia, no escritório, sim]. E caí de susto: onde antes varapaus, os “tradutores” haviam “atualizado” para cacetes.

Armei um pé-de-briga com o advogado Rogério. “É uma Bíblia protestante!” – disse-lhe; a ele, que é evangélico. Fui ligeiro à *internet* conferir na Bíblia dos padres. Foi pior, quebrei os dentes:

“Jesus ainda falava, quando veio Judas, um dos Doze, e com ele uma multidão de gente armada de espadas e cacetes, enviada pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos do povo” [*Catoliconet, on-line*].

– Doutor Rogério, eu tenho certeza, veja! E abri-lhe poema meu, de onze anos passados, como fossem duzentos (PSI, A PENÚLTIMA, poema do mesmo nome):

“Barulho, pisadas, pigarro,
chinelas de currulepo,
cacete de varapau,
o homem,
a Besta:”

Salvou-me a mãe de Rogério com uma edição bem antiga de João Ferreira de Almeida, antes da atualização deplorável. Salvou-me, quando cheguei em casa, a também velhíssima “História Sagrada”, Vozes, Frei Bruno Heuser, O.F.M., XX edição, 1952, página 252:

“Jesus ainda estava falando, quando Judas chegou com um

grande número de soldados e criados. Traziam lanternas e archotes e estavam armados de espadas, varapaus e outras armas.”

Em suma, os moderninhos “atualizaram” a grande façanha de Mateus/Jerônimo e clássicos lusos, substituindo os varapaus-estandartes para cacetes-cassetetes. Pior, um deles, totalmente alucinado, com todo o meu respeito, fez isto:

“Falava ele ainda, e eis que chegou Judas, um dos doze, e, com ele, grande turba e com espadas e porretes, vinda da parte dos principais sacerdotes e dos anciãos do povo” (Sociedade Bíblica do Brasil).

Porretes? É demais, não?!

Em casa, fui conferir na minha estimadíssima Bíblia de Jerusalém. Não foi por menos:

“Enquanto ainda falava, eis que veio Judas, um dos Doze acompanhado de grande multidão com espadas e paus, da parte dos sacerdotes e dos anciãos do povo.”

A essas alturas, tenho certeza de que os “atualizadores”, cada vez mais assíduos, irão substituir porretes, paus e cacetes por bombas de gás lacrimogênio e *sprays* de mostarda. Se duvidarem, maquinas de choque e bombas de efeito moral. Ou clister de pimenta? Lá neles, por favor!

Claro que os cobri de imensos palavrões.

Depois desta, botar minhas várias traduções no lixo?

Nem pensar! Em cada uma

delas você vai encontrar uma faceta diferente, uma melhor interpretação àquilo que os seus próprios símbolos querem “ler”.

E a verdade?

Por favor, meu caro leitor, remeto-o respeitosamente ao velho Pôncio, aquele mesmo que escreveu: “O que escrevi, escrevi”. Aliás, ele nem escreveu. Só disse. João escreveu. Por falar em João, vamos agora à Polícia Federal.

Desde os tempos, o melhor momento para atacar não é de noite, nem de dia, muito menos ao anoitecer. O momento exato é no amanhecer, de modo a pegar a vítima no final do sono, desprevenida, no lusco da manhã, à pré-aurora.

João relata-nos como foi, mas sem dizer a hora. Simbolicamente, daí a beleza do texto, diz que os agentes de Caifás traziam archotes. Giotto os registra, veja de novo, o quadro deste pintor. Acesos! Logo, ainda não amanhecera por completo. A polícia sabe, desde os tempos: melhor atacar antes do amanhecer!

O quadro de Giotto garante leitura para laudas e laudas, símbolos, expressão corporal de cada um, mas isto é história para outras cervejas. E castanhas daqui. Convido-o!

O fato é que a Polícia, desde João, e muito antes de João, só ataca no amanhecendo. Dali a minutos será dia pleno... e, ao romper da barra, o indefectível e aterrorizante: “Teje preso!”, que Deus defenda, proteja,

guarda e acautele.

A Lei dos povos minimamente civilizados garante a noite. Prisões e buscas só de dia. Mas a lei brasileira não define o que é dia. Períodos do ano, variações meridianas, a manhã nascedoura ou a noite chegante, horários mais longos ou mais curtos. A jurisprudência brasileira diz que “de noite” – aos escuros! –,

não; só no claro; melhor, no clareante.

Em tempo:

Este texto faz parte de um projeto, para depois de “Salomão”: O CÍRCULO HERMENÊUTICO PERIFÉRICO – Um estudo dos Símbolos.

..*

ABÍLIO TERRA JÚNIOR: Prezado Poeta Soares Feitosa, esta sua história sobre os símbolos me deixou desancado. Pois gastei meu fosfato cerebral com tanta “magia intelectual” a fluir nos meus pobres e gastos neurônios.

A sua história dá o que pensar, nobre Poeta. A começar de Antígona, a que defendeu o cadáver do irmão em nome de uma tradição ancestral e de origem divina, segundo ela, ou segundo uma visão atualizada, um arquétipo do nosso inconsciente coletivo. E daí emerge a força do símbolo, que através do nosso poderoso inconsciente, nos leva a ações, condutas e atitudes que se situam bem além da nossa emblemática racionalidade. Quer aceitemos ou não, o velho Jung estava certo, trazendo lá da escuridão do nosso inconsciente, com uma coragem inquebrantável, conceitos que norteiam o nosso autoconhecimento, ontem, hoje e sempre.

Pois os símbolos dos nossos respeitáveis, opulentos e poderosos bancos ligam-se a conceitos absurdamente rasteiros, maléficos e destruidores, segundo o nosso culto Poeta, que trouxe à luz consciente suas consistentes pesquisas.

Um grande abraço,
Abílio Terra Júnior

ADRIANO ESPINOLA: Grande Soares: Gostei muito dessa sua interpretação simbólica do “coronêu” Severino, “saído diretamente de uma página de Gilberto Freyre”. E o bode que deu! Parabéns, “bruxo” velho. Poeta rima com profeta, não é mesmo? Você, os dois.
Grd abr, Adriano

AFONSO LUIZ CORNETET: Pois é, símbolos são sempre questionados. Assim como todos os valores na vida. Reparando bem, realmente o símbolo do BB remete a uma figa, de espantar mau olhado, como você tão sa-

biamente descreve.

E quanto ao símbolo do BNB, realmente sugere uma bunda, mas pode parecer também aquele fio dental “enfiadinho”, coisa maravilhosa da mulher brasileira.

Penacho entalado é dose, meu caro SF, mas também lembra isto: o povo brasileiro sendo enrabado. Como sempre.

Bem, concluindo, a didática está ótima, um arraso. O único problema é que apenas pessoas de nível cultural um pouco mais elevado é que podem ter a clareza e a capacidade de entender o texto.

A grande maioria, infelizmente, está aí posta de lado, com o poder fazendo figa e andando feito “pavões” com seus penachos...

Parabéns, SF. Afonso

ALBANO MARTINS RIBEIRO

(Portugal): Li, gostei, admirei.

Impressionante esta sua capacidade de tecer malhas de texto, confortáveis e que aquecem. Impressionantes também as outras análises... como dizer?... simbologias(?).

Abraços daqui do frio

Albano Martins Ribeiro

AURELINO COSTA: Caro poeta Soares Feitosa, “não é de bruxo, não”, é o poeta (você) que vê mais longe. “Cada verso em palavra feito, cada poema como dardo que o fogo esculpe”, assim é você! O poeta que antecipa o futuro, vê mais longe. Demiurgo? Chamem-lhe o que quiserem, citando o Ary dos San-

tos: “mas poeta castrado, é que não!”. Receba um abraço solidário, do seu Aurelino C.

BETWEL CUNHA: Soares, achei magnífica e perfeita sua colocação. Cheguei a me arrepiar com os significados, parece coisa diabólica. Abraços. Betwel

CARLOS FELIPE MOISÉS: Meu caro Soares Feitosa: Fui aos seus símbolos do Severino, ou ao seu Severino dos símbolos, e logo me ocorreu o Pessoa/Campos: “Se calhar, tudo é símbolos”. Pois é. Aí estamos, todos nós, naufragados em símbolos, em especial os que brotam vertiginosamente do húmus fértil do Congresso. E você tem razão: nem bom, nem mau. Não estamos aqui para julgar, só para sermos julgados. Maus somos nós. É isso mesmo? Entendi bem? Parabéns, amigo. Abraço forte do seu Carlos Felipe

CLAUDIO WILLER: Os símbolos... É da essência dos símbolos serem simbólicos, Jacques Vaché já dizia algo assim.

Campbell, naquele livro sobre o mito, mostra a presença e atualidade do símbolo, exemplificando com a nota do dólar: hexagrama, esquadro e compasso. Nada a estranhar: entre os fundadores daquela nação havia maçons, como Benjamin Franklin, comprovadamente.

Ao ler o Campbell, examinei a nota de real da época: tinha o hexagrama, porém torto, inclinado. O planejador visual quis,

provavelmente, dar a ideia de movimento.

A nota atual de um real tem estrela, agora o pentagrama, retinho, na posição certa. Por acaso, a nossa moeda se estabilizou.

Papus etc., enfim, inúmeros especialistas, alertam para a importância de reproduzir corretamente os símbolos, respeitando a simetria. Pentagrama com a ponta para baixo corresponde ao mundo e ao homem de pontacabeça. Nazistas, notoriamente, inverteram a direção e consequente rotação de um símbolo tibetano, a suástica.

Isso não significa que haja uma regência mágica do mundo pelos símbolos. Assim como haver maçons entre os fundadores da nação norte-americana (e entre os nossos, também) e adeptos da ordem de Thule e do Vril entre os nazistas não significa que essas sociedades secretas tenham feito, como pretendem os adeptos das teorias conspiratórias, respectivamente, o capitalismo e o nazismo. Podem ser melhor interpretados pelo exame de condições objetivas, concretas, historicamente dadas. O que não impede que haja estranhas sincronias, relações misteriosas, interpretáveis pela analogia e não pela lógica linear.

Prefiro explicações freudianas. Símbolos da tradição hermética, assim como aqueles dos sonhos, correspondem à busca de satisfação de um desejo inconsciente. Por exemplo, de arrombar o

cofre a qualquer preço, no símbolo tão bem interpretado por Feitosa do PED 2005, a ponta da estrela cravando-se na barriga da nação. E, de fato, que coisa feia o cenário das falas presidenciais, que modo canhestro de representar o pluralismo. O mau gosto pode ter desastrosos efeitos mágicos.

Percebe-se que entre os petistas e seus designers não há nenhum adepto da maçonaria, ordem rosa-cruz, teosofia, psicanálise junguiana ou qualquer outro lugar onde levam símbolos a sério. Freud e as determinações do inconsciente, também não repararam.

Não sou adepto do cânone do classicismo, é evidente e notório, e do valor associado à ordem e simetria, à proporção regrada. Mau gosto, porém, é mortífero, produz baixo-astral. Nesse portal do PT, tão bem examinado, há uma espantosa proliferação de símbolos de queda, destruição e desordem.

Interpretações simbólicas, quer sejam de orientação hermética ou psicanalítica, em nada conflitam com as leituras propriamente políticas. Em todos esses emblemas, especialmente no do PED, há uma confusão entre o que é do partido, da nação e do governo – misturaram tudo – essa é exatamente a crítica que tem sido feita ao governo do PT, de confundir partido, estado e nação. Em outras palavras, de acharem que tudo é deles.

Abraxas,

Claudio Willer

FLORIANO MARTINS: Está brilhante o texto, pois há esta tua maneira tão particular de contar uma história que é de uma envolvimento agasalhante, pedindo desculpa pelo pleonasma, e lembro aqui um outro detalhe maligno do logo do Banco do Brasil, que é a inversão da conjunção do 69, veja: de longe se percebe melhor que se trata de um 96 inclinado, e o 96 é o símbolo da disjunção, os números de costas, rejeitando qualquer conexão. Dentro da sexologia se poderia dizer que o 69 é o sagrado enquanto que o 96 é o profano, isto posto a reafirmar a tua ideia de que o logo é maligno. Desconfio que, no zodíaco também, acho que o símbolo de Peixes, que é símbolo da conjunção, evidencia ou reforça o desacordo deste 96 maligno, os números copulares de costas, donde já se viu?!

Quanto à bandidagem, tem mais jeito não. Afinal, o Paraíso Perdido sempre foi aqui. Abraxas. Floriano

GERALDO PERES GENEROSO: Caro Soares Feitosa, como estudioso da Ordem Rosacruz há muitos anos, fiquei abismado com a sua intuição e vidência sobre os símbolos apontados e analisados. Parabéns! É o mínimo que lhe posso dizer. Você não é um bruxo, você é um iluminado. Continue assim.

HELENA PEDRA: Soares Feitosa, estou encantada!! Encanta-

da com o texto “A perdição nos símbolos de Roberto Jefferson”. Enviei para várias pessoas. Obrigada, obrigada, o mais caríssimo dos vaqueiros. Um grande abraço, Helena

IZACYL GUIMARÃES FERREIRA: SF: Esta série de textos, que você deve continuar a escrever, merece estar na bibliografia das escolas de comunicação, de desenho industrial, de administração de *marketing*, de letras. De livros sobre mitologia, tão vasto é o campo da semiologia.

Pois marcas e símbolos não são só do campo da estética. Pertencem também à ética, seja de um partido, seja de uma indústria. Até o *ex-libris* revela o autor e colecionador, não é mesmo?

Não pare. Você pode estar até criando uma nova poética da imagem.

Izacyl

LUIZ PAULO SANTANA: Mestre Feitosa: trata-se de um belo trabalho lítero-ensaístico-profético. A primeira parte, a análise da estrela vermelha, o símbolo pe-tista, é para mim tão dolorosa — como o confessou entre triste e contraditória a leitora Maria Helena Garcez, com quem me solidarizo — quanto trágica, e arrasa pela *secura* e dogmatismo de sua análise.

Tome-se este período: “Veja, trata-se de uma estrela comum, mas, na posição alterada, entortada para forçar, assume-se arma de ponta, estrela ferra-

menta, pé-de-cabra, talhadeira e chave-micha”.

Oh! Céus! Supremo opróbrio! A estrela-símbolo da ascensão democrática do povo sob as bênçãos do direito e da justiça, defensora da ética e do decoro no sagrado exercício da administração pública, metamorfoseia-se no seu oposto, no pé-de-cabra que arromba o coração do Brasil!

Verdade que a cor vermelha da estrela não me convencia. Pudessem ser amarela sobre verde, ou sobre azul, pudessem ser branca sobre quaisquer destas cores, fosse verde ou azul sobre branco, enfim, nada contra as estrelas vermelhas do mundo, nada contra as cores do mundo, mas, em se tratando de símbolos, sou mais estrelas das nossas cores. A menos que seja vermelha por sangrar e dessangrar, arma de ponta a nos levar a todos à catarse, depois da prostração, do levantamento e da revisão de nossos pecados, antigos e atuais, enquanto Pátria de indivíduos, Nação de História e Costumes.

Mas, a voz do narrador continua peremptória: “Não se entortam estrelas! Céu algum desta orbe mágica, Gaia, contém estrelas tortas”. Que bela sentença! Diante dela a pergunta que se segue parece sem sentido:

“Como saber os dias, senão pela estrela?”

Mas faz sentido. Como violar um símbolo que é símbolo de guia, de orientação? Como saber os dias, se a estrela está torta, foi

entortada? Como saber os dias de hoje, os dias mortais de agora, se a estrela, torta, não representa mais o absoluto de sua total liberdade?

São cavilações de um frustrado, caro poeta, embalado pela argúcia do narrador em questão. Pinçando trechos, frases, atraído pela beleza poética do texto e fustigado pelas significações.

Mas a tragédia se declara: “Cristal trincado, a morte sempre irreversível”. Parece ser nua e crua a grande verdade, embora não seja “a verdade” a preocupação do narrador. De fato, nada será como antes, e ainda bem. Agora, Severino. Severino de severo, Severino de severina, por severa, invenção ou apropriação cultural de João Cabral de Melo Neto, em “Morte e Vida Severina”.

Se na primeira parte, a da análise dos símbolos petistas, cristalizou-se, a meu ver, a voz fatídica das significações, aqui, na análise de Severino, o humanismo prevaleceu e, com ele, a esperança. Não a simbologia.

Com um domínio espetacular de todo o texto, e de cada parte, o narrador constrói a figura humana de Severino nos seus diversos papéis, metido até o pescoço, ou melhor, até o último fio de cabelo na medula óssea de nossa cultura e de nossa história.

Comerciante de carreira, bem sucedido, depois político, figura arquetípica do “coroné”, arquétipo também do lavrador que bem poderia ser, “descalço, calça ar-

regaçada, chapéu de palha na cabeça... ...com uma enxada no ombro...”, nas palavras de Danuza Leão. Arquétipos. Símbolos. “A expressão física do ‘mensalão’...”, disse Busato.

Senhor narrador, eu percebi uma fina ironia de parte de V. Excelência. Como que a dizer devagar com o andor, que o santo é de barro. Eia, Busato, eia, Danuza, atire a primeira pedra aquele(a) que nunca pecou!

A sutileza do narrador separou o que é preconceito arquetípico da emboação com os fatos: ninguém é expressão física do “mensalão”. Todos somos vetores culturais e históricos do “mensalão”. E, dona Danuza, não adianta pedir desculpas aos comerciantes de venda de beira de estrada, nem aos lavradores de pés no chão. Mas eu assumo consigo a falha histórica: você expressou a nossa verdade ancestral. Inconsciente. Preconceituosa. Que aprendam os Luitzes Inácios e os Severinos as lições que nos cabem a todos. Não são as suas figuras, as suas estirpes, de resto ligadas ao cerne do Brasil, o que eventualmente os desonrará. São, na certa, os males de que todos padecemos.

Por tudo isto, querido poeta, valho-me de mais uma frase pinçada no seu rico ensaio: “Talvez enfiar a face do chão, rasgar as vestes, um grande jejum (símbolos) e bíblicamente cobrir-se de cinzas — porque, afinal, só o gesto grandioso, ainda que seja a morte, é capaz de reverter ca-

minhos”.

Pois é o que estou simbolicamente fazendo: enfiando a cara no chão, na poeira dessa brasilidade, nos subterrâneos do nosso coração, desnudando-me, perquirindo-me, quem sou eu, onde, quando, por que tenho sido corrupto, para compreender-me e compreender as contradições em que nos metemos, para começar por mim a catarse pela qual, consciente ou inconscientemente, pelo menos a maioria de nós está passando. Uma catarse que faça jus à hipótese do narrador, atribuindo a Severino “um gesto de humildade total, que dissesse em amplo brado: ‘CAÍ. PERDÃO!’ Prostrado diante da multidão silenciosa, como num quadro de Di Cavalcanti”.

Abraço fraterno,
LPSantana
BH/MG

P.S.: Impressionado com as análises dos logos do BB e do BNB. Proponho, como cidadão e sócio, desde já, a mudança. Não acredito em fantasmas, mas mudava. A dissecação do logo do BB foi uma obra de arte. A do BNB tem até um lado patético. Mas, curiosamente flagrante. Serve de advertência aos criadores de símbolos. Não há mal nenhum numa bunda, parte de nossa anatomia. Mas, a cultura, as crenças... A estrela do PT: mudava. Não a estrela, mas a cor ou as cores. E, claro, deixava livre, de pé, inteira, conforme a simbologia (conhecida e desco-

nhecida, inventada e por inventar) das estrelas.

Abraço e continuarei de olho na sequência.

LPSantana

II

Para mim muito boa a primeira parte, amigo Feitosa, poeta e escritor. Espetacular a segunda, dos varapaus. Não que seja eu um versado em traduções e erudições que tais, não. Simplesmente pela viagem, pela curiosidade do texto, pela prazerosa investigação, pela aprendizagem imediatamente compartilhada, tudo isso versado no seu inconfundível modo de narrar.

Para mim já inconfundível como ler algo e dizer, é Drummond, é João Cabral, é Gullar, é Saramago, é Rosa, e não é nenhum mistério posto que se lemos com frequência alguém com quem nos identificamos e que efetivamente tem estilo próprio, logo o observamos e – já o confirmaram vários dos seus leitores – não custa reafirmar.

O narrador pergunta: “Então, o homem não é uno?”. Quanto ao estilo, parece que sim. O jeito, a assinatura, o modo de falar. Verdade que podemos assumir outros estilos, propositadamente, treinando. Mas solto, espontâneo, vai-se estabelecendo o traço personal. E quanto ao resto, as certezas, as dúvidas, as decisões, “Então, o homem não é uno?”, repito a pergunta do narrador, e respondo com as suas palavras, “Claro que não! No mínimo, a tangê-lo, coisas do

dia, coisas da noite, afora as do crepúsculo da manhã e do crepúsculo da tarde”. Fico com o narrador.

Voltando à vaca-fria (vá lá se saber a origem de tal expressão, à vaca, de vasta simbologia), eu assisti precisamente aquela sessão da CPMI, ocasião em que se deu a mencionada risadaria. De fato, aquilo mais parecia um final de reunião no boteco da esquina. Virou piada. Desfez-se no alarido o rito processual. Acabou.

Afirma o narrador, e o apoia a espetacular citação bíblica: “Estes, pois, os símbolos que levaram Jefferson à derrota: o riso, o gabar-se das mulheres e o discurso morno. ‘Como és morno, nem frio nem quente, vou vomitar-te.’ Apocalipse, 3.16”.

Com relação às mulheres, há um sem-número de razões a fundamentar essa assertiva. Talvez exercesse eu o instinto de origem, quando censurei intimamente a fala do deputado Maurício Fruet, jovem promessa, boas dicção e prosa, mas que me veio com essa, em plenário, solicitando a palavra para uma “questão de ordem”. Disse o deputado: “Excelência, é uma intervenção minissaia: curta e provocante”. Havia ainda mais um termo de que não consigo me lembrar. Ora, o uso de algo pertencente ao universo feminino com intuito de mofa, gozação, brincadeira, pareceu-me, em si mesmo, ao ambiente e ao objeto de que se tratava, um erro crasso. Do mesmo naipe do

que cometeu Jefferson. Por outro lado, varapaus trocados por porretes, ou cacetes, ou paus, é mesmo de lamentar. Imagino que uma das dificuldades da tradução resida justamente em evitar as soluções “fáceis”, que descaracterizem a forma original. Do jeito que a coisa se deu calhou bem o “...clister de pimenta. Lá neles, por favor!”. E o arremate: Claro que os cobri de imensos palavrões. Se “palavrões” já traduz algo grande, imagine-se antecedido do termo “imensos”. Santa e justificada fúria.

Se alguém se socorrer do quadro de Giotto vai achar estranho o comprimento dos tais cacetes ou porretes ou paus, que mais se parecem varas compridas ou... varapaus.

A dedução do provável horário da prisão de Cristo foi outro lance espetacular. Os archotes, mencionados por João e observados por Giotto. Muito interessante a tática policial, desde os tempos, sim, senhor. De fato, faz sentido: Dali a minutos será dia pleno... e, ao romper da barra, o indefectível e aterrorizante: “Teje preso!”, que Deus defenda, proteja, guarde e acautele. E eu me persigno e arremato: Amém!

São muitas as abordagens do erudito narrador, a merecerem comentário, como este: “Isto existe, sons, uma pronúncia especial, algo para além do sentido léxico e lógico do vocábulo? Parece que sim!”. Isto colocaria escritura e oratória no rol dos

termos de uma possível dissertação, pelo menos num de seus aspectos, escritura aqui entendida como escrita, oratória como fala, discurso. Em Saramago, a meu ler e ouvir, coincidem as duas coisas no que diz respeito à atenção e fruição do ouvinte/leitor. Tanto sua oratória, quanto sua escritura, são agradabilíssimas. O que não ocorre com todos(as) os(as) escritores(as). Nem todos(as) possuem o que comumente se chama “o dom da palavra”. Ou será uma coisa muito diferente dessas modestas especulações? Tudo pode ser, na voz do nosso preclaro narrador.

Abraço forte,
IPSantana
BH/MG

MARIA HELENA NERY GARCEZ: Principiei, contudo, dizendo que sua análise doeu-me. Retomo essa dor e exponho seus motivos. Mesmo cética, e não tendo caído nem das nuvens nem do quarto andar com a crise, sua anatomia dos símbolos doeu-me pelo rigor lógico, lúcido, minucioso e cumulativo com que vai extraindo, uma a uma, as entranhas perversas da manipulação do poder bem como evidenciando a hipocrisia das manifestações que pululam pelo corpo social. Para ser ainda mais sincera, caro amigo, quase não suporrei chegar ao final da leitura. Maria Helena Nery Garcez

MARIA ISABEL AREÚJO: É extraordinário o seu estudo bruxológico sobre os símbolos! Como ficção, nunca li nada melhor. Mas, como estudo sério sobre a influência dos símbolos nas vitórias ou derrotas de entidades, é pura fantasia. Até eu sou capaz de “ver” tais derrocadas através de um símbolo, quando se fala do passado. O desafio é analisar um símbolo “ruim” de alguma entidade que no futuro será uma derrotada! Somente um bruxo verdadeiro (bruxos existem?) seria capaz de tal previsão!

Fica em tudo isso a impressão maravilhosa dos seus escritos, da sua imaginação, da sua arte de bem escrever, do seu maroto modo de persuasão. Só tenho que lhe prestar minhas homenagens. Um forte abraço, cá das praias capixabas, da Maria Isabel de Araújo

II

Olá Poeta.

Estou lendo atentamente as atualizações dos seus estudos sobre a leitura dos símbolos. Já estou mudando de opinião, quanto aos bruxos... “Eu não creio em bruxos, mas que eles existem, existem!”.

Eu me rendo! Estou deveras impressionada com tantas evidências! Neste momento estou vendo os noticiários na TV e vejo um “Severino” que só você é capaz de ver... “Caído”!

Mas mesmo assim me sinto descrente... É bem possível que se

tudo isso não acabar em “pizza” poderá terminar em um enorme caldeirão de feijoada de puro feijão-com-porco!

Ficarei com um olho nos noticiários e outro no *site* do SF, torcendo para que você seja um bruxo legítimo, deste capaz de “ver” tudinho nos símbolos...

Um grande abraço!

Da Maria Isabel de Araújo

MILTON LAURENTIS: Excelente pesquisa e análise, interpretação simbólica; gosto muito deste tipo de atividade e às vezes me arrisco em algumas pequenas intepretações; sou um junguiano que admira a capacidade e a perícia de pessoas que nem o SR., em sua habilidade de dominar os símbolos.

RODRIGO MAGALHÃES: Se ficou didático? Muito. E muito bom. E bem organizado. Introdução, símbolo do BB, símbolo do Banco do Nordeste.

Admito que me espantou mais a leitura do símbolo do BB do que a do Banco do Nordeste. Assombrosa, como você gosta de dizer. Senhas, senhas, que se perdem sutis em uma leitura ordinária. Acompanharei esse seu trabalho de perto. Dentre os seus ensaios, acho que esses carregam a proposta mais surpreendente. Eles, ao lado daqueles do Círculo Hermenêutico Periférico, formam um manual para “leitura” de mundo.

Abraços, Rodrigo

ROGERIO LIMA: Poeta,

Impressionante e assustador!
Um despertar à dimensão sobrenatural do ser, quiçá o verdadeiramente real, pois no princípio era o Verbo. Tão mais real quanto o alcançado pelos sentidos.

Interessante, também, é o falar sobre símbolos simbolicamente: linguagem cifrada, senhada, desconexa aos olhos, porém linearmente sentida pela alma.

Minha indagação é, Poeta: por que o símbolo é tão-presente, da essência do ser, mais tão-pouco acreditado?

Onde nossas senhas, Poeta?!

Necessito retornar urgentemente ao caminho; necessito urgentemente da Noite, pois somente assim viverei a plenitude do dia.

Valeu!

Rogério Lima (seu aluno do Dia)

Hanna, um quadro e suas versões ao passado

Quando Teófilo abriu o estabelecimento, lá estava, por baixo da porta, uma gravura. Quem a botara ali? Recuou-se ele, desde a infância, àquelas professorinhas a quem os meninos de então, ele também, chamavam “fessora”. Não. Não era.



– Apenas uma foto de currículo, senhor. O vento. Quem sabe, algum retrato que vazou do cesto – disse a auxiliar das pastas.

O vento. Isto mesmo! O que fazem as empresas com os currículos que lhes chegam aos montes? Afinal, não se sabe de alguém que tenha tomado currículo de volta. As cartas, as fotos, sim. Mas não era uma foto. Nem carta. Um quadro, com aparência de coisa fina: *oil on canvas* – e, no verso, ilegíveis, os nomes, do quadro e do autor.



– Não é fotografia! – disse Teófilo.

A secretária deu o dito pelo não dito. Bem que o assunto poderia ter morrido ali mesmo. Contam que Teófilo pegou a gravura e, cuidadosamente guardou-a. Contam que ele, todos os dias, colocava-a sobre uma mesa imensa, de tampo de vidro, e botava-lhe lupa. Examinava-a repetidamente. Quando entendia que o tamanho estava bom, retocava-a em vermelhos, tudo a partir de um lápis de cor, desses de marcar CDs, que ele antes utilizava para avivar os rótulos do estabelecimento. Pior, mal chegava um freguês, lá estava ele a indagar se conhecia aquela jovem.



Muitos, de tão repetidos os interrogatórios, antecipavam-se e, antes mesmo de regatear preços, esclareciam que não.

– Bem que o amigo poderia tê-la visto na quermesse... não?!

Na quermesse! Como se as jovens de hoje fossem à quermesse. Não; ninguém sabia. Não fora encontrada.





Outros garantem que o retrato nada teria de misterioso e muito menos a ver com um suposto vendaval, mesmo porque o vento, ali, as janelas fechadas, seria nenhum.

Teria sido assim, de uma outra versão: Teófilo, um dia restaurou um sonho e rascunhou-o no ar. Aliás, “riscou-o” em cima da perna, mal acordara. Correu com toda pressa para o estabelecimento, botou o sonho em papel e re-

meteu-o, mediante gorda retribuição, a uma sociedade de pintores. Até abriu concurso. Deu instruções, assim e assado.

Quando chegou o quadro, um amigo objetou que não havia, naquela pintura, nenhuma referência sobre a parte de baixo. Realmente, olhando-o, não dá para garantir que a jovem tenha algo abaixo cintura.

“Claro que deve ter!”, dizia ele ao amigo.

Realmente, não existe pessoa só do peito para cima. E o resto? Como haveria de ser o resto?

Contam que Teófilo, do alto de suas muitas exigências, não teria reclamado da equipe de pintores, mesmo porque as indicações do sonho a nada mais abrangiam que as partes superiores, tal como está. Dizem que Teófilo padecia do medo/pânico de exigir algo a mais, digamos, um novo quadro, de corpo inteiro, pois lhe assaltava o terror de jamais “encontrá-la” se acaso aparecesse nesse novo





formato, dos pés à cabeça. Afinal, no sonho, era-lhe somente aquela parte, a de cima. Mostrava-se ela também de lado, mas nem tanto.

Sim, a outra manga da blusa, onde estaria a outra manga? Não dá para ver – os cabelos são-lhe longos e espessos. Muito estranho, não?!

Até que um belo dia, um caixeiro viajante deu notícia de um pintor,

um certo Allan R. Banks, norte-americano, nascido em 1948. O quadro? Justo aquele da gravura: “Hanna”. Nada a ver, portanto, com o sonho, aliás, com o pesadelo de Teófilo. O problema é que ninguém acreditou.

Leitor, por obséquio, não me pergunte sobre desfecho. Isto pertence ao passado, algo totalmente inacessível até mesmo aos senhores historiadores. De fato, se dois historiadores se encontram, igual aos críticos de Literatura, desentendem-se imediatamente. O que, pois, dizer, dos muitos boateiros que balanceavam dia e noite a vida de Teófilo e seu quadro misterioso?! Sobre o futuro, não! Isto é assunto calmo, o futuro. Todos nós sabemos-lo. Experimente colocar qualquer pergunta no modo “acontecerá”, e a resposta será imediata. Por isto mesmo é que os feiticeiros e adivinhos estão todos desempregados. Inclusive Teófilo.





HANNA, Oil on canvas. Private collection by Allan R. Banks, USA, 1948 *in* www.gandynet.com/art/Masters/Allan_Banks.

ABÍLIO TERRA JR: Um rosto feminino com uma beleza intrigante, vastos cabelos, um olhar de jovem que enxerga além do momento um sonho distante, lábios à espera de um beijo: um quadro que Teófilo nunca esqueceu, que cresce aos nossos olhos, nos encantando, e que provoca você, nobre Poeta, a indagar dos sonhos de Teófilo, que projetaram um quadro, a tecer um poético texto e até descobrir que o autor desta maravilha foi um certo Mr. Allan Banks e que Hanna é o nome da mulher que neste momento também me fascina.

ADRIANA ZAPPAROLLI: Soares, meu tão querido Poeta. Tão belo o seu texto sobre “Hanna”, de Allan R. Banks, ou melhor seria, “Hanna”, de Teófilo, do vento da gravura da lupa do sonho que rascunhou no ar de seu pensamento. Simplesmente ótimo! Adriana

ADRIANO ESPINOLA: Soares, Gostei muito do seu conto “Um quadro e suas versões do passado”. Beleza de texto e de quadro! Ambos misteriosos e intrigantes. Grande abraço, Adriano

ADRILES ULHOA PINTO: Poeta Feitosa, li, gostei. Reli, gostei mais ainda! Incrível a facilidade com que você escreve sobre temas tão díspares, com igual beleza. Este conto da figura da moça que chegou ao escritório do Teófilo por debaixo da

porta e que tanto rebuliço causou é fascinante. E olhe que só chegou a metade! O desenrolar da história vai num crescendo (como as ampliações que o Teófilo fazia) que até parece estarmos ouvindo o “Bolero”, de Ravel.

Só não gostei do chato do caixeiro viajante descobrir e vir revelar o nome da personagem e do autor da obra. Preferia que tivesse ficado para a imaginação de cada leitor o seu nome, como ficou a descoberta de como seria o resto do seu corpo. [Ainda bem que ninguém acreditou!]. Desde o começo da leitura eu a vi de corpo inteiro. E, com aqueles cabelos, aquele olhar, aquele colo... o resto é detalhe! Chamei-a de... Bem, deixa pra lá que a moça é sua.

Parabéns mais uma vez e aceite o meu abraço. Adriles

ALCINA MARIA SILVA AZEVEDO: Agradeço-lhe a mensagem, bem como o texto sobre o lindo quadro de Hanna. Um rosto expressivo de mulher cheia de mistérios, cujo autor, Mr. Allan Banks, deu-lhe um destaque de amor e pecado. Pena seja apenas um sonho para Teófilo. Feitosa, gostei muito, envie sempre mais obras nesse gênero. Abraços,
Alcina Maria Silva Azevedo

ALVARO ALVES DE FARIA: Meu caro Soares Feitosa: belíssimo conto, belíssima linguagem, tudo isso de uma maneira em que a narrativa vai sugerir

do coisas, acontecimentos, talvez ternuras, às vezes dor. Beleza. Isso basta. São palavras poucas sobre o conto do quadro. Li ontem à noite e notei vários comentários de escritores e poetas. Exilado da poesia de meu país, ainda me atrevo a fazer algum comentário, mas só o que de fato me mostra beleza. Caso de seu conto.

Álvaro Alves de Faria

AILA MAGALHÃES: Feitosa, meu caro, fosse eu, compadecida de Teófilo, não daria a Hanna pernas como as minhas, acho-as um tanto pequenas, embora não sejam assim muito grossas ou finas. Hanna não seria mulher de pouca perna, isso não! Tivesse cruzado com Teófilo numa quermesse, na bodega em hora do pão e leite ou num boteco das tardes preguiçosas de um sábado-final-de-mês, bem poderia ter-lhe dito da impressão de haver avistado Hanna, ou alguma outra cabrocha muito da parecida, posto carregar no olhar a similaridade das mulheres que nunca crescem completamente. Talvez o lacinho vermelho da blusa empreste-lhe esse ar um tanto juvenil, não sei. O fato é que Hanna lembra muito uma prima que não vejo há anos, de cabelos fartos e longos e pouca conversa.

Talvez devesse mesmo falar com Teófilo sobre a prima. Penso que nunca casou. Apenas não me consta que goste de vermelho.

Poeta, sempre grata por teu cuidado, peço que forneças meu e-

mail ao Teófilo e que recebas meu abraço carinhoso. Aila

ALBERTO DA CRUZ: Teófilo prendeu-se ao sonho, trazendo a fantasia onírica para sua vida. Preso por uma pintura desconhecida, dirige a existência, fascinado pelo desconhecido. “Hanna” representa mais do que um simples retrato, talvez seja a consciência perdida que viera ao seu encontro. Na segunda hipótese, seus sonhos lhe revelam a imagem da sensualidade perfeita. Seria uma projeção de seus desejos?

No mais, um conto intrigante, cheio de interpretações.

Um abraço

Alberto da Cruz

ALEILTON FONSECA: Caríssimo Soares Feitosa: Ler sua prosa é sempre uma aventura mágica para o leitor.

Você opera com a sugestão, imbrica o texto com a imagem, cria uma sinestesia estonteante. Cresce a sensação narrativa, as palavras vão palpitando, cresce a imagem da musa em *rouge*. E, nesse compasso, já amamos “Hanna”, de Allan R. Banks, mais que seu próprio pai. Ela se torna a nossa nova Gioconda, tão bela e enigmática quanto à diva de Da Vinci. Dá vontade de gritar: “Hanna, meu amor, sai de ti mesma, liberta-te da moldura, e me abraça com teus cabelos”.

Aleilton

ALEXANDRE FORTE: Poeta

madrugador: li o conto. Parece conto. E espiando o quadro mais de perto, no sítio do próprio Banks, a impressão que se tem é que se trata de imagem viva. Como escritor, amante das artes plásticas, por diversas vezes já destes prova da rara capacidade de captar o sentido e os múltiplos significados estampados numa tela, transpondo-os criativamente para a forma textual, fazendo da imagem poesia. E assim a interligação entre literatura e pintura, numa interface entre a poesia visual e a cantoria. Alexandre

ANA FLAVIA AZEREDO DE MARTINS: Soares, Lindo este texto... Achei incrível brincar com as muitas possibilidades sobre o mistério... Este quadro? Que beleza única e rara... Adoro tudo o que está ligado à arte Abraços, Ana Flávia

ANA GUIMARÃES: Para além e para aquém da estética, a obra de arte instaura uma transcendência. Que risco se corre ao se debruçar sobre ela: ou se cai no fechamento da interpretação, ou se fica na fascinação pura e simples (chapado, como cupim na lâmpada), impedido da fala, da simbolização. Mas você nem tchum. Como Lacan dizia que deve ser feito: tomar o seu exemplo (*prende de la greine*), tomar sua semente, fazer germinar outra coisa, você faz isso magistralmente bem com esse texto: sua própria *Allan R. Banks (USA) – Hanna* – leitura, seu la-

boratório.

Com que segurança amarra o sentido com a corda da consistência do imaginário! Enquanto o pintor pinta a tela, você cunha a sua escrita e assina embaixo. A partir da pintura, sabidamente uma fábrica de signos, cria histórias, versões do fato. Busca a verdade, ainda que da ficção (e existe outra?). Assume a parte perdida e jamais reencontrada, até porque não é ela e sim o todo que você dá como jamais reencontrável, pois sabe, desde sempre, da impossibilidade da completude.

Lembrei-me de Duchamp: *The viewers are those who make the painting.*

Parabéns, Feitosa!

Ana Guimarães

ANDRÉ SEFFRIN: Feitosa, meu caro, que belo texto! Um texto que só pode ter a sua assinatura. Você, como sempre, dá sustos na gente.

Abraço saudoso do seu amigo

André

ANTONIO CARLOS SECCHIN: Soares, muito obrigado pelo envio do quadro... e de suas belas versões textuais.

Grande abraço do

Antonio Carlos Secchin

ANTONIO JACKSON SOUZA BRANDÃO: Não só abri os *links* como li os contos enviados, apesar de, particularmente, ter gostado mais do que retrata o quadro de Allan Banks. Muito expressiva a interpenetração de seu texto em relação ao instru-

mento pictórico, já que seu texto nos leva não só ao mundo do pintor (expressiva, como sempre, a ampliação que você faz da imagem na mesma proporção que o texto nos envolve!) como também ao do narrador. Além disso, belíssima obra que nos impele à reflexão. Parabéns pela escolha!

Prof. Antônio Jackson

Prezado Soares Feitosa, todas as vezes que adentro ao *site*, vejo os olhos de uma menina que há muito me encanta qual os encantadores, às serpentes no deserto. Esses olhos estão sempre a me chamar, mas buscava simplesmente ignorá-los, contemplando sua beleza de longe, até que tive de chegar mais perto dela! Mas que texto é esse, sob os auspícios de um olhar penetrante, de uma boca delineada que nos fazem voar para não sei onde, nem para um tempo definido, mas que mostram sua implacabilidade? Vai uma, duas, várias leituras e vem-nos também a picada que acoeteu ao compadre, no entanto nem sempre o beijo da serpente é-nos letal, apesar de ela estar sempre a nos rodear... De repente, lá vem o rosto da menina cujo olhar penetra mais que o da própria serpe e de cujo espanto – quem sabe pensando num futuro não tão distante – irradiado, veremos nós, poucos anos depois, presentes em nossos próprios olhos quando a mesma menina, encontra-

da após o letal 11 de setembro, mostra-nos o carcomido corpo destroçado pelo tempo e pela pobreza: é a mesma menina? Sim, é a filha do tempo. Belo texto, apesar da constante intromissão de Sharbat Gula – sim, é esse seu nome – que insistia em se intrometer em minha leitura... Parabéns. Antônio Jackson

ANTONIO MARIANO DE LIMA:

Soares Feitosa, gosto de sua prosa, onde muito vislumbramos as lições de mestres como Machado, Graciliano, Rosa, Carmo Bernandes, Bernardo Elis.

Este “Um quadro e suas versões ao passado” vem reafirmar seu talento de contador de histórias reais ou inventadas. Aqui, constatamos um talento especial para prender o leitor do início ao desfecho do caso. Você deveria investir mais em projetos de maior fôlego.

Muita poesia e boa prosa.

Antônio Mariano

ANTONIO MIRANDA: Poeta Soares, um belo texto, sem dúvida... Gostei muito. Parabéns. Prefiro-o aos milhares de mensalões, embora os meus poemas não falem de mensalão mas de suas causas... A desagregação partidária, entre outras...

Antonio Miranda

ANTONIO PALMEIRA: Caro Poeta, quem nunca foi um Teófilo ou quem nunca teve uma Hanna que atire a primeira estrofe...

Abraços fraternais
Antonio Palmeira

ASTRID CABRAL: Querido poeta Feitosa: Hanna é uma linda figura em claro-escuro barroco: a noite dos cabelos, o dia na face iluminada. Mas o pincel de Banks só nos dá o visível. Em que pensa Hanna por baixo da bela cabeleira? Por quem ou por que bate seu coração atrás do belo busto? Que veem seus olhos?

O invisível, amigo, só a palavra, muito além do pincel, pode nos dar. Assim a história de Teófilo vai além da figura de Hanna... Conhecemos de Teófilo bem mais que a máscara de Hanna. Dele temos o interior, a emoção; dela a pele, a aparência. Afinal, Soares Feitosa nos diz mais que Banks... Quem escreverá a história do ponto de vista de Hanna, penetrando a esfinge?

Você fica nos devendo o outro lado da história, amigo.

O abraço da
Astrid

AUGUSTO NESI: Caro Francisco Feitosa, fiquei impressionado com o “conto” sobre a pintura que parece foto... Fiquei assustado como o Teófilo.... E como ele, apaixonado pelo semblante representado na pintura. Adorei. Com apreço.
Augusto Nesi

AURELINO COSTA: Caro Poeta Soares Feitosa, o seu trabalho literário em Hanna é de quali-

dade superior; nele brota o conto em onírico e Teófilo apresenta-se como personagem caráter da estética onde se filia Allan Banks. Aí, encontro o ponto fulcral da mestria inquestionável do criador que é Soares Feitosa.

Desejo-lhe a continuação tranquila. Creia-me seu admirador sincero,
Aurelino

BRUNO MIQUELINO: Olá Feitosa (posso lhe chamar assim?), tudo bem? Li seu conto. Vamos às críticas: Adorei a forma suave e prazerosa que você conduz o texto. Palavras leves, bem escolhidas, juntadas de uma forma que faz os olhos deslizarem de forma gostosa!

O conteúdo é deveras único (ou seria inovador?). Um conto sobre um quadro que simplesmente entrou por debaixo da porta, sem ser comprado. Um presente divino, que, como tal, é sempre mais apreciado e mais valorizado. Se soubéssemos apreciar os pequenos presentes que “entram por debaixo de nossas portas”, não nos perderíamos tanto na futilidade, na ânsia de querer comprar e comprar.

O final me intrigou bastante também. Um conto sem desfecho, que faz com que o leitor ou saia irritado da leitura (este é o mau leitor, aquele fútil, que muito provavelmente nem se lembra do começo da história) ou saia pensativo, refletindo acerca dos detalhes deixados

pelo autor. Suave, sutil, soberbo! É nessa aliteração de “esses” que descrevo seu conto. Ao menos o que ele passou a mim... Enormes abraços a você!
Bruno

CAMILO MARTINS: É, meu amigo, assim são os quadros! Quadros que pintamos [na perna bamba da ilusão do ser], que rabiscamos [no espaço vazio da alma], que imaginamos [na escuridão da parte clara do coração] e que no fundo são apenas matérias para a fantasia da palavra, porque essa sim, não podemos deixar de ter como objetivo primordial para a [sobre]vivência do ser em sua essência [se é que tem alguma]. Coitado do Teófilo! E isso porque era apenas um quadro! Pensando bem, amigo, talvez, até, pra mim e pra você, mas na mente de quem espera por um ser iluminado, belo e perfeito [a busca é longa, exaustivamente sufocante] faz muita diferença. E aí, claro, vai importunar Deus e o mundo na tentativa de descobrir quem, como, por que, onde, é, num é, vai, num vai, foi num foi... [haja sapo-boi], oi, oi, oi!
E penso, agora: quantas vezes eu fui Teófilo! Sem tirar nem botar! Vivia fazendo os meus quadros... Era Silma, Rosilda, Verônica, Maurícia, Valdélia... Todas bem emolduradas do lado esquerdo do peito! Imaginação era o que não faltava, nunca!!! Mas, num posso ficá aqui me lembrando disso não, num

sabe? O coração fica arrebatadim e os ói chein d’agua, pru mode qui essa istóra num tem e nunca terá fim!!!! Ainda bem. E se tiver... Eu também num conto e pronto.
Um grande abraço.
Camilo Martins

CARLOS FELIPE MOISÉS: Meu caro Feitosa: Gostei demais dessa Hanna e acho que entendo bem o drama do Teófilo. Por uma “fessora” dessas, quem não voltaria a ser aluno?
Abraço forte do seu
Carlos

CARMEN ROCHA: Poeta Soares, que importa pintura ou gravura, inteira ou semi? Que importa o resto de Hanna, se já basta o rosto?
O que importa é o texto de arte em sonho. Sim, aliviou.
Abraço.
CR

CIDA SEPÚLVEDA: Amigo escritor Feitosa, o estar pronto não significa que estamos acabados, mas significa ter atingido uma tal volatilidade de imagens que as palavras perdem suas cinéticas originais, transmutam-se em algo que vai muito além do que podem imaginar as bocas que as geram.
Está lindo seu conto. Tenho em mente que precisamos publicar livros, para distribuir em escolas, em lugares onde possam ser experimentados.
Vou repassar seu conto para a Luci Collin e pedir a ela para

mandar algo dela pra você conhecer. Por favor, seja gentil, ela é adorável.

Abração. Cida

CLAUDIO WILLER: SF, bela descoberta de Allan R. Banks. Belo relato onírico-estetizante. Prossiga. Abraxas, Willer

DANIEL MAZZA: Prezado Poeta, belo conto. Ou diria relato ficcional mesclado a biografia? De qualquer, uma boa estória (ou história?). A fotografia também, de tamanho progressivamente maior, não me parece casual, mas é como se a pintura tomasse a vida de Teófilo, paulatinamente, dia a dia...

Abraço do

Mazza

DIMAS MACEDO: Feitosa: Estou por aqui olhando “Um Quadro e Suas Versões ao Passado”. A arte é superior a tudo. Superior à política e superior à vida. Em frente. Do amigo, Dimas Macedo

DIATAHY MENEZES: Chico, gosto de sua poética narrativa: você tem o dom e o talento da coisa. E esse recurso que acompanha o texto de ir ampliando o quadro é maravilhoso e torna a expectativa mais intensa. Grato, pois, pela lembrança do envolvimento. Diatahy

EDNA MENEZES: O sonho e a realidade se entrecruzam no ato de se forjar a arte. Ah! Abençoada Arte! Esse texto confirma as

palavras de Santo Agostinho, em outro contexto, mas que encaixam muito bem aqui. O passado e o futuro não existem, só o presente existe, pois quando se fala do passado é presente e quando se fala no futuro é presente. A arte é o eterno presente. E se sonhada, inspirada ou imaginada é sempre a representação do mundo sensível. E também gostei do estilo “machadiano” de chamar o leitor para o interior do texto. Metalinguagem pura e consciência de que o leitor é, conforme Jauss, copartícipe do texto, diacrônica e sincronicamente. Parabéns

Edna Menezes

EDSON ALVES DAMASCENO:

Poeta, que coisa impressionante esse texto. Que retrato lindo. Quem é ela, Poeta? Ela é linda. É uma linda mulher. Lindos são seus cabelos, longos e pretos como a asa da Graúna. Quem é ela, Poeta? É a monja? Não, não é a monja, pois ao que me consta, a monja estaria com as medidas acima do padrão e essa, não, vê-se logo que suas medidas são exatas.

Nada podemos dizer no entanto da parte de baixo, que não conhecemos. Mas a parte de cima mostra ser ela muito bonita, linda. Poeta, não lembra a Mona Lisa?

Poeta, o que mais impressionou em seu texto, além do texto, foi a foto, o retrato, a pintura, seja lá o que for, se agigantando no texto, Poeta. Ela começa bem

pequeninha e vai se agigantando, correndo pra cima de você, Poeta. Tirando o seu fôlego, tirando o seu fogo. Quando menos se espera, ela está ali enorme em cima de você, lhe abraçando.

Um grande abraço do amigo e fã número 1.

Edson

ELVIRA LIMA: O que o conduz a escrever as figuras é uma rica sugestão para melhorar o trabalho com poemas em sala de aula. Olhe só! Duas linguagens e a possibilidade de muito dizer. O texto é ótimo. O personagem vive num mundo e o tempo corre em “A menina afegã”, de Steve McCurry, outro.

Obrigada por este trabalho e tantos outros. O outro que olha a menina afegã é grandioso. Que olhar!!

Abraços

Elvira Lima, Prof^a de Línguas e Literatura. Concórdia-SC

FLORIANO MARTINS: Em definitivo, o que escreves tem toda uma estrutura narrativa que se situa como um conto. Mesmo que, em alguns momentos, se faça uma reflexão bem ao gosto do ensaio, continua sendo um conto, e bem contado, envolvente, surpreendente e com um adorável sentido de humor.

O texto todinho é um primor e gosto da maneira como vais ampliando a foto, como se acende [acentua] o decote no vestido da mulê. Abraxas. Floriano

FRANCISCO PERNA FILHO:

Caro Soares Feitosa, a nossa vida é feita de recorrências. Não sabemos ao certo em que tempo estamos. Segue um texto meu, publicado na Revista (uma recorrência), que, assim como o quadro, foi feito para você. Abraço amigo do Chico Perna

FRANCISCO MANOEL ANTUNES SOARES:

Obrigado pela dica. Adorei esse conto. Ficamos aquela aura de magia que os contos devem sempre ter. Há um conto iniciático em torno de um retrato de Fernando Pessoa escrito pelo filósofo português Antônio Telmo.

Conhece? Tem algumas ligeiras pareências com o seu.

Francisco Soares

GUSTAVO DOURADO: Soares mais uma vez nos enleva com um texto numinoso. Uma pintura de arte que revela “um certo Allan R. Banks, norte-americano, nascido em 1948”. A pintura me lembra uma Gioconda dos tempos modernos, revelada pelo código de Vinci. Faltam um braço e as pernas, que, pelo rosto, devem ser de diva. Dádiva da natureza. Sereia no mar da poesia. Um certo Teófilo. TheoDeus nos entusiasma com as suas belas criações. Musas para nossas fantasias. Soares nos revela o labirinto do inacessível: o destino a Deus pertence. Presente-se.

Gustavo Dourado

HENRIQUE MARQUES SAMYN: Caro Soares, seu conto é instigante, como, aliás, alguém já comentou – e como, de fato, soem ser essas convergências entre literatura e artes plásticas. Penso agora nas belíssimas obras de Delacroix com temáticas literárias. Que síntese perfeita!

Mostra-nos o texto que muito ainda há de surgir do encontro dessas águas...

Um forte abraço, H

IEDA ESTERGILDA DE ABREU: Ao Soares Feitosa, quero dizer que achei bem poética essa página, a composição, o crescimento de Hanna fechando a moldura. Grata pelo envio.
Ieda

INEZ FIGUEIREDO: ADOREI!!!!
Gosto muito desta interpenetração entre a literatura e as outras formas de expressão criativa. Quando leio algo assim sinto-me como um peixe passando de um aquário a outro. Já que o aquário para mim é um ícone de criação.
Abração. Inez F

IVO BARROSO: Feitosa, que mulher bonita, meu caro! Ela existe ou é só imaginação de poeta? Abraços e parabéns pelo instigante texto. Ivo Barroso

IZACYL GUIMARÃES FERREIRA: Amigo: Seu poema em prosa é também uma demonstração de que essa coisa de poesia visual (sic) tem muito o que

aprender com quem sabe juntar palavras e usar o visual como devido: crescendo no espaço e dentro do contemplador.

Esse retrato e o da menina afe-gã estão a pedir alguma coisa.

O que será?

Izacyl

JOÃO DE MORAES FILHO: Meu estimado Poeta Soares Feitosa, li “Um quadro e suas versões ao passado” com o gosto de quem pinta a memória com as cores dos olhos e com aquela interrogação de quem recebe um bilhete de amor sem assinatura. Lembrei-me dos versos de Narlan Matos, a poesia que há em “Theatro” é o susto das correspondências diárias, surto dos currículos e do tique-taque do corre-corre desse início de século: “Por baixo da porta/ chegam mais contas que soluções / o preço do pão é o preço da vida. / E não há nenhum milagre marcado para segunda-feira”. Será que Teófilo descobrirá suas versões ao passado a tempo?

A história se constrói imediata com suas cenas e diálogos bem delineadores da emoção que os personagens transmitem e elevam a um ambiente contemporâneo, sem os exageros do realismo travestido. Mas aquele olhar de quem está entre a fronteira da criação e da realidade é a mais-valia desse “Quadro e suas versões”. Narrar é mais que contar. É mais que um conceito. Aqui ouço um ritmo, a voz de um poeta. Sobre o futuro, não!

Isto é assunto calmo, o futuro. Serão as próximas versões do presente que lerá passado e futuro nesse misterioso eterno retorno. Fechadas as portas e as janelas: Como haveria de ser o resto? Será realmente silêncio? Como foi dito, (não é mesmo) o autor não foi encontrado para obtermos as respostas imediatas!

Cachoeira, 7 de Julho de 2005.
Forte Abraço,
João de Moraes Filho

Um quadro e suas versões

“Quem sabe, algum retrato que vazou do cesto”
ao poeta Soares Feitosa
um vermelho vestido
de outros portos tangia
os traços iluminados do rosto
em direção ao olhar
de menina sonhada,
levemente. Um laço
dividindo atenções com os cabelos
ensaiava como haveria de ser o resto:
Sorria seus lábios tímidos
dirigidos àquela direção. A janela.
Lá estava um pincel,
um vermelho vestido desatado;
no laço nenhum retrato.
O problema é que ninguém acreditou.

João de Moraes Filho

“Sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só; mas sonho que se sonha junto é realidade.”

JOAQUIM SAIAL: Caro amigo e incansável trabalhador cultural, Feitosa: Primeiro: aqui o bicho por detrás do ecrã do computador, não é poeta. Apenas mero professor de História da Arte, simples conferencista, algo escritor e forçado director de revista de cultura, para além de destemido artifice de 1001 outras coisas. Mas não poeta, apesar de uma ou outra vez poetar. E digo-o sem autodesdém ou outro tanto para os meus colegas destas coisas que antes disse que sou. É que ser poeta é ser muito acima de mais. Como muito bem disse a minha conterrânea (porque de Vila Viçosa), Florbela Espanca, “Ser poeta é ser mais alto, é ser maior do que os homens!”. Daí que, estamos conversados, nunca mais me chame poeta, coisa que nunca poderei ser, dado que sou simples e irrevogável homem.

Segundo: Envia-me uma *short story* que me deixa de água na boca. Acho que isso é vingança do destino, dado que muitos me têm dito o mesmo acerca de longo conto que escrevi, situado na ilha de S. Vicente, Cabo Verde, em que a personagem principal, Fernando Desamparado da Luz Spinelli, acaba esbarrachada na parede do mercado municipal (ou “plurim de verdura”, como ali se diz) quando o leitor está à espera de outras desgraças e não da morte do dito cujo. Mas deixemos isso, que não se trata aqui de falecimento de gente mas de uma *woman in red*, não da vulgar *femme fatale*, mas de

um ser coberto de fogo intenso que enche a tela de labaredas. Diabo, essa de fogo persegue-me. Há dias, eu que, ali acima disse que não sou poeta, enviei versos sobre fogo ao poeta (esse sim!) Ruy Ventura, em contexto de incêndios que estão a fazer desaparecer as últimas duas ou três árvores que ainda existem em Portugal... Mas lá estou eu a fugir da mulher de vermelho. O que se passa é que a partir de agora, quem ler o seu texto há-de sempre ver essa misteriosa “Hanna” de meio corpo junto ao seu conto e vice-versa. Um ficou definitivamente fundido no outro, como uma mesma e só entidade. O quadro, da Gandy Gallery, em Creekwood Court, McDonough, Geórgia, não tem o desgraçado veneno social do “Fado”, de José Malhoa, mas há aquele ombro escondido na penumbra que me remete para a Adelaide da Facada, figura feminina da tela malhoana, que o pintor quis retratar com a alça da camisa descaída, coisa que ela não deixou (disso ficou aliás um pequeno quadro de estudo). Miséria também tem os seus pruridos...

Terceiro: As coisas no Brasil não vão bem, mas onde é que elas vão bem? Olha, Feitosa, aqui te envio o (quase) poema e o conto, para aliviar um pouco, que essa “Hanna” e sobretudo o seu conto foram o melhor deste dia.

Um forte abraço aqui da Cova da Piedade (Almada) para si, do Joaquim Saial

JORGE HUMBERTO: Caro amigo Soares, acredites ou não, vou agora, depois de ter lido Hanna, dormir mais descansado, afinal Teófilo também teve o seu sonho, o resultado deste cabe a cada um torná-lo viável, mas estão ambos de parabéns, a personagem e tu.

Abraço amigo

JORGE PIEIRO: Meu caro Soares, Teófilo é de panaplo, sim. A jovem também. Pois que já os mirei, embevecido em andanças por aquele caos portátil, quando chorava pedras sentindo a solidão. Eu pensei que os havia perdido para sempre, mas eis que de relance uma recompensa pela esperança, e encontro-os. Em palavras, em imagens cada vez mais próximas. Seria seu esse meu novo delírio? Pois que o seja. E obrigado por mostrar a pista novamente. O abraço deste panapleu, Jorge Pieiro

JOSÉ INACIO VIEIRA DE MELO: Feitosa, depois do teu conto fiquei me sentindo “como um boi no meio da multidão”. É como se estivesse de passagem por Teófilo Otoni com todos os profetas do Aleijadinho pendurados no pescoço, carregando uma cruz que só eu sei do peso, tentando esquecer o que está incrustado no meu âmago e, de repente, a Verônica desta minha saga é estampada nos meus olhos: Hanna.

E olho bem para Hanna e na verdade da retina desse olhar só vejo Vanessa. E saio pelo meio

do mundo acorrentado aos meus êxtases – e todos eles só têm um nome: Vanessa. Hanna – Vanessa. E eu “como quem perde o prumo e desatina”.

José Inácio Vieira de Melo

JOSÉ DO VALE PINHEIRO FEITOSA: Soares Feitosa: sendo de 1948, do mesmo gargalo da ampulheta do pintor que o teu texto repinta. Uma viagem fisgada por um anzol, o nome do personagem, Teófilo, deixando-me em cenas, atitudes teimosas, persistentes, sem desviar-se do seu objetivo, igual um Teófilo, o Rodolfo, da primeira metade do século XX, aliás uma geração de Cearenses de causar inveja: Leonardo, Quintino, Salles e por aí.

Uma boa edição, o quadro crescendo, até chegar à sua plenitude de exposição adequada ao olhar. Um texto e uma edição de poeta. Abraços. José do Vale

JUAREZ LEITÃO: Primo Poeta: A pintura... esta mulher que, da montanha, se iguala às nuvens e, de singela e triste, se faz tarde ou manhã, os seios, certamente ávidos das mesmas mãos que destilaram FEMINA e se condenaram eternamente a transpirar essências. Esta mulher é o nosso pecado mais sagrado, aquele que guardamos no melhor alforje das estimações, como a farinha-com-rapadura dos comboieiros, para meter a mão e enchê-la de um bom bocado a saciar a fome. A fome nordestina de mil anos, a fome

ardente dos seminaristas. Aqueles que fomos e ainda somos. O poema e a moça vêm em boa hora para a solidão desta madrugada.

Abraço do primo. Juarez

LUCIENE BARREL TAMEIRÃO: Olá! Li e reli. Achei super interessante. O texto apresenta duas versões do suposto ocorrido. Uau!!! Amo ler, mesmo não sendo crítica no assunto. Aliás, estou longe de ser. Pretendo fazer uma pós em Literatura assim que eu terminar o 3º grau que será agora no final de Julho. Muito obrigada por enviar a sugestão de leitura. aguardo novas... rs... rs. Até mais...

LUIS MANOEL SIQUEIRA: Soares, será que se a gente colocasse um anúncio num jornal, aparecia alguém parecido com ela, hein, Feitosa, que achas? Linda mulher. Apaixonei-me por uma assim, retrato de formatura antigo, num corredor do Colégio Agnes Erskine, no Recife. Ela era de uma turma de moças formadas em 1920. Nome: Argentina. Belíssima.

Que negócio mágico esse negócio de beleza de mulher. Já assististe MALENA, de Tornatore. O mesmo diretor de CINEMA PARADISO. Assista. O nome da sereia é Monica Belucci. E vou logo lhe avisando: Eu me apaixonei primeiro.

Só um conto bonito como esse teu pra gente esquecer um pouco a... Vou copiar e guardar na memória o retrato da moça.

Um abraço.
Luis Manoel Siqueira

LUIZ PAULO SANTANA: Caríssimo Feitosa, joguei o jogo e fiz um dos muitos caminhos na virtualidade desse espaço que se abre com esta história singela, na qual você usa o recurso do texto e da imagem – como em “A Menina Afegã”, ou em “Salomão”, no “Relato do Capitão”. Texto circunvagando como as folhas de um suave redemoinho em torno da bela imagem. Imagem icônica para Teófilo, que em princípio evocou a “fessora”, figura arquetípica de virtude, carinho e proteção, mas buscou-a sonâmbulo como um platônico amor. Sopro de vida e renovação, eros, pondo em movimento amores e paixões, mas tão estranhamente desencantados, como se pertencentes a outra dimensão, à dimensão desbotada de um tempo passado.

O amor é suave, discreto, será mesmo amor, ou uma espécie de veneração, tanta a ternura com que o personagem retoca delicadamente a imagem na pintura, e nos remete a pensar e preencher seus pensamentos, e nos seduz a observá-lo no jogo de sombra e luz com a “realidade” que o cerca, o cotidiano do texto agora preenchido pelas evoluções virtuais da jovem em torno de Teófilo.

Mas o que pode um quadro com tão bela imagem? Por mais que se reavivem as paixões, que se ressuscitem os amores, por mais que se pergunte a tantos quan-

tos – se a viram, se a conhecem, tudo não passa de evocação. A busca de Teófilo é uma evocação. Aberta a tantos quantos, posso imaginar que o futuro do quadro e sua imagem e o passado de Teófilo se encontram, ele a retocá-la, como se a fizesse, como se tivesse mandado fazer – a outra história – de sua própria costela, e, misteriosamente lhe faltasse uma parte, uma mulher incompleta como que impossível de tornar-se real, de realizar-se, exceto como incompletude, evocação de mulher, evocação de uma ou mais histórias estranhamente incompletas. Tão estranhamente incompletas que a gente fica na dúvida se realmente existiram um dia Teófilo, o quadro etc. Pois que, conforme o narrador, que nada sabe sobre o desfecho, mas na verdade, sabe, segundo informa mui oportunamente Mantovanni Colares no seu belíssimo – e sintético – comentário, porque, na verdade, o narrador desfecha, isto é, não fecha, ou seja, abre, e toda(s) a(s) história(s) está(ão) aberta(s) às viagens. E contando o número de viajantes que lhe escreveram, fico com o narrador, que diz: “O que, pois, dizer dos muitos boateiros que balanceavam dia e noite a vida de Teófilo e seu quadro misterioso?!”. Grande abraço. LPSantana BH/MG

Grande abraço. LPSantana
BH/MG

MANO MELO: Soares, mas também, a tal de Hanna não poderia ser um sonho mais lindo,

não acha? O tal de Banks deve ser mais um apaixonado. E se hoje à noite eu sonhar com ela, vou ficar também...

ABRAÇÃO, MANO

MANTOVANNI COLARES: Andarilho, agradeço a viagem literária proporcionada no instigante texto. Ele tem o sabor do vento, das quermesses, das pálidas fotografias moldadas pelo tempo, em contraste com a pintura de Hanna, avivada por cores e sabores imaginados. Você recusa um desfecho. Pensando melhor, desfecho é a negação (des) do fecho. O prefixo nos trai. Daí que um desfecho é quando se deixa algo aberto, como em sua bela crônica, a nos causar a sensação do gosto na boca jamais experimentado, daqueles carnudos lábios da gravura que se fez encaixe sob a porta de quem há muito esperava um chamado do destino. Abraços,
Mantovanni

MARCO AQUEIVA: Caro Feitosa, pois então, apreciei muitíssimo esta comovente parábola da imagem primordial e cara, dolorosamente fugaz e que por isso mesmo tentamos reencontrar. Dolorosamente embalde. Tentativa de reencontro com o sonho. A infância não só é ruínas. O seu texto o prova, transcendendo muito a extensão da tela. Abraços calorosos, de Aqueiva

MARCO AURELIO RODRIGUES DIAS: Soares Feitosa, a tenacidade é uma espécie de

inspiração, talvez a tensão pela materialização de um objetivo. E a tua quase tangível força de vontade impulsiona o “Jornal da Poesia”. Essa qualidade admiro em você. Quanto aos seus dotes de contista, acho que “um quadro e suas versões ao passado” é uma obra que dá fé da sua capacidade de escritor. Se um homem passa dos 20 anos e continua fazendo poesias, contos, músicas, quadros – é um artista potencial; mas se passa dos 40 e envelhece com a mesma mania, certamente é um artista. Para mim, Soares Feitosa é um artista, e assino embaixo: Marco Aurélio Rodrigues Dias.

MARIA DO CARMO FERREIRA: Mas que beleza, Coronel! Sua formatação, sua “letra”, sempre instigante, novidadosa, invencionista, ritmo-em-prosa e, sobretudo, o quadro. Dá vontade de gritar plágios: *Per ché non parla?*
Parabéns em dobres & redobres!!

MARIA GOMES: Caro Soares Feitosa, o sonho acredita-se depois de diluir Hanna neste conto. O modo crescente como acomoda a pintura e a palavra, diz-nos da sua elevada capacidade de sonhar neste mundo “de barra tão sinistra”; esse nada a haver e tudo a haver que, os que amam a arte não perdem, nunca. grata pelo convite, um abraço atlântico das margens do Mondego. mariagomes

MARIA DA PAZ RIBEIRO DAN-

TAS: Soares, sobre seu conto, a chave dele está naquele final, quando se chega à suposta identidade da figura pintada no quadro: chegando-se à sua origem no tempo, chega-se ao autor do quadro; chegando-se a este, tem-se o nome da personagem. São dados que satisfazem o lado realista (utilitarista) da grande maioria dos seres humanos. Mas há um outro hemisfério do ser que escapa a essa instância: é o sonhado. Você mostra que Teófilo ressonhou aquela figura – que alguém, por sua vez já havia sonhado, pelo pincel do pintor... E por que Hanna, embora tenha a mesma aparência da imagem retocada por Teófilo, nada tem a ver com o sonho dele? Simplesmente porque há um conflito insolúvel entre sonho e realidade. Cada sonho é único. É feito de camadas de intimidade, de imaginação. “Freud explica”, sim. Mas no fundo, a busca da realidade (no sentido de conflito, de neurose) através da psicanálise, que o desmascara (e que pode ser um pesadelo) implica a morte do sonho. Por isso não dá pra dizer o que vem depois...

Seu texto é um *insight* de tudo isso. Sobretudo da relação da arte com o real.

Meu abraço

Maria da Paz Ribeiro Dantas

MYRIAN PERES: Meu querido amigo Soares Feitosa! É com o coração nas mãos, que escrevo para você. Uma pessoa que tem,

dentro de si, um manancial de sensibilidade e carinho pelas belezas da vida. Tudo em você emana arte, cultura e amor. Na Literatura, você abraça as palavras, dando um cunho de carinho e magia ao oferecê-las, para nossa felicidade. Adorei seu texto e apresentação, tão cuidadosamente elaborados. São esses detalhes que põem a sua beleza interior para enriquecer seus trabalhos. Estou feliz, sabe por que? Porque estou entrando nessa plêiade de artistas e poetas. Myriam Peres

NICODEMOS SENA: Caro Soares Feitosa, li o teu “Um quadro e suas versões ao passado”, que me fez refletir sobre uma questão presente em boa parte da melhor Literatura, em todas as línguas, desde “As mil e uma noites” até “O jardim dos caminhos que se bifurcam”, do J. Luís Borges: a questão dos limites entre o sonho e a chamada “realidade”.

Intrigante é que, no teu conto, a decifração do enigma não veio da “realidade”, pois ninguém a quem o narrador perguntou soube informar algo sobre a jovem retratada no quadro. Tampouco no sonho ele encontrou explicação, pois, ao garatujá-lo quando retornou à vigília, o sonho se desenhou incompleto, com a parte de baixo da mulher se recolhendo nas brumas de seu esquecimento, onde o homem costuma refugiar-se para não enlouquecer. Afinal, foi a intrigante figura do caixeiro viajante – esse

prestidigitador do tempo, capaz de estar em todos e em nenhum lugar – que revelou o enigma: tratava-se do quadro “Hanna”, do norte-americano Allan Banks, nascido em 1948. Mas alguém é capaz de discernir o que é verdade e o que é mentira nas mil histórias que um caixeiro viajante vai recolhendo em suas andanças? Apesar disso, por onde ele passa, todos o inquiram avidamente; e é assim que a “mentira” converte-se em “verdade”, e a palavra adquire o *status* de arte! Um abraço fraterno do amigo, Nicodemos Sena

NILTO MACIEL: Soares: Conto enigmático, feito de sugestões. O leitor se enreda nas entrelinhas, tenta se safar, se entender, e pode terminar mais enredado ainda. Porque tudo pode ser obra do narrador-escritor. E é. Porque não há realidade em arte ou na obra de arte.

“Hanna” é um retrato, uma pintura, mas é também um esboço de história. Como o que se vê de uma janela, estando quem olha não muito próximo dela. Então tudo o que há lá fora é suposição. A imaginação há de ser capaz de ver o que acontece ou está do lado de fora.

Nilto Maciel

PAULO REZENDE: Velho Feitosa, você está cada vez mais íntimo das palavras. Estão todas “comendo na sua mão”. Sonho de qualquer escritor. Muito boa a história da Hanna, mais que isto, muito bem contada. Abraço. Paulo

RAFAEL BARRETO: A propósito, o ensaio-conto é fantástico, a eterna perquirição acerca do belo, uma das constantes angústias do humano.

Abraço. Rafael

RAQUEL NAVEIRA: Caro amigo Soares Feitosa, os retratos de mulheres fascinam. Assim foi com “Mona Lisa”. Assim foi com “Hanna”. O mistério desses seres marinhos e profundos, que puxam para o abismo e geram vidas.

Envio-lhe um poema sobre o “Retrato de uma infanta”.

Feliz por encontrar no *site* o trabalho de minha distinta ex-aluna e amiga, Edna Menezes.

Poesia e magistério são histórias de aprendizagem e afeto.

Abraço fraterno,

Raquel Naveira

RAY SILVEIRA: Caro Poetamigo. Ninguém pode se queixar da falta da parte de baixo (ou de qualquer outra parte) da sua “Dorian Gray”. Não se trata exatamente de uma “Dorian Gray”, pois você mesmo declara: “Leitor, por obséquio, não me pergunte sobre desfecho. Isto pertence ao passado, algo totalmente inacessível até mesmo aos senhores historiadores”. Uma coisa é certa: um retrato de mulher, para ser fiel ao original, não pode mostrar tudo. Ainda que se trate de um nu. E mesmo que o artista seja um Holbein, ou mesmo um Rubens, ou um Rembrandt. Veja o que

diz sobre elas, as mulheres, um ginecologista da alma: *Les femmes sont des poêles à dessus de marbre*. (Honoré de Balzac). Parabéns pelo excelente texto. Um abraço
Ray Silveira

REGINA LYRA: Querido Soares, a beleza do conto está exatamente no mistério.

O mistério do sonho, das histórias, das ocorrências. Da procura por moça tão bela O principal receio daquele que sonhou aqueles traços superiores é não permitir a visão da parte inferior. Belo momento de encantamento e saudade!

Beijos, Regina Lyra

RICARDO ALFAYA: Caro Soares, não farei comentários técnicos, desta vez, direi apenas que achei delicioso o texto. Muito sabor. A moça é linda, e você conduz bem o suspense, aproveitando os recursos de ampliação gradativa da imagem até que a pintura, excelente, apareça diante de nós em todo esplendor, o que nos leva a compreender e compactuar com o sentimento experimentado pelo personagem principal.

Ah, sim, desculpe somente ter dado retorno agora. Esta mais recente edição de Nozarte foi um processo muito difícil, absorvendo muito tempo. Hoje finalmente pude ir até lá com calma.

Faz já algum tempo, li um compêndio de psicologia, no qual o autor mencionava que sempre

nos apaixonamos por um ente idealizado, que nunca corresponde ao real. Ele demonstra os processos psíquicos inconscientes envolvidos, que fazem com que durante o que chama de “período do encantamento” o enamorado apenas perceba no objeto de seu amor aquilo que se acha disposto ou interessado em ver. É curioso, pois a partir dessa leitura e revendo minhas próprias paixões ao longo da vida, concluí, um tanto chocado, que na verdade sempre nos apaixonamos por uma... imagem.

Abraços, Ricardo Alfaya

RICARDO SANTHIAGO: Soares, desempregados? Pois não só o passado está inacessível, como a extensão do presente — aquilo que o sustém. O rosto que não revela, transfigurado que é. E é rosto! Rosto, transsubstanciado: o resto. Inacessível — o reto, que revela, contra a louça branca, o que é perdido, desempregado. Não se encontre o corpo, mas se busque. Quanto ao poema, li alguma entrevista em que você dizia ter como costume distribuir seus livros aos amigos — e não vendê-los; pendurá-los às quinas do Direito. Me lembrei imediatamente da lição de Leminski (pra ser poeta, tem que ser muito mais que poeta) e fiz. Até breve. Até breve, poeta.

Ricardo

RENATO SUTTANA: Soares: De fato, fiquei muito intrigado com esse seu conto. Será que o pintor, que nem participou do con-

curso, que talvez nem tenha ouvido falar dele, foi o que realmente venceu? Então, o menino teria sonhado também esse pintor, cuja pintura, pelos acasos da sorte, teria ido parar de baixo da porta do estabelecimento, para ser sonhada pelo poeta, que por sua vez sonhou menino e quadro, e assim por diante. Ou estou tresvariando?

Não sei. Interpretei assim. Outros interpretem como quiserem. Parabéns pelo belo e sugestivo texto. Vai o abraço, do Renato Suttana

RODRIGO D'ALMEIDA: Sr. Soares, Poeta Maior que és!

Fico alegre e envaidecido por receber seu texto sobre o passado: Hanna, Teófilo, adivinhos e feiticeiros. Vale lembrar que o passado vira presente na hora que a gente quer: seja uma alegria imensa capaz de alargar os lábios; seja através de uma gota silenciosa, mas que vem fazendo barulho por dentro.

O Passado pode ser saudade. Alívio para outros, com certeza, também está no passado.

Rodrigo d'Almeida

RODRIGO HÉSED: Olá Soares!!! Adorei o abraço literário em Hanna!... os rumos da lenda da gravura sem desfecho... estão a delinear os pensamentos de quem a cria em seus mistérios. Rodrigo Hésed

RODRIGO MAGALHÃES: Coroné Feitosa, conheço as suas artimanhas! Isto não é um conto.

Aliás, isto até zomba da pretensão de contar do conto. Fizeste um ensaio, um ensaio-conto. Agora, um ensaio sobre o quê? Sobre o nosso universo sonhado? Sobre a teoria da melhor estória, que deve ser a melhor contada? Sobre a perenidade do instante-belo, sem passado e sem futuro? Sobre o que é ser um Teófilo, um homem à caça da beleza, um Quixote?

Conte daí!

Abraços,

Rodrigo Magalhães

ROSANE VILLELA: Oi, Soares, você é um “parabolista” de primeira, um equilibrista de significantes ocultos na corda bamba dos significados das palavras. “Um quadro e suas versões ao passado” foi outro texto que me levou a indagar se, além da diversão, do prazer que sua leitura nos dá, há um outro sentido. E, como sonhadora ambulante, achei que você, através de seu texto, queria metaforizar a importância do sonho na vida das pessoas, mas não o sonho que se cumpre, pois o desejo de “estar a sonhar” supera muito o fato dele “estar a se concretizar”. Na realidade, o presente só importa quando o sonho não desmancha-se, isto é, quando o “estar sonhando” continua, e é acalentado, aumentado até, através de uma lupa, “retocado” de vermelho e, aqui, pode-se notar a escolha vocabular do “retocado” que implica uma volta continua ao sonho, corroborada na ausência da parte de baixo do corpo da

mulher e da nebulosidade de um dos lados de sua imagem, o que lhe permite divagar sobre ela, não correndo, assim, o risco de “encontrá-la”. O mesmo acontece com o passado.

Ninguém quer acreditar na procedência do quadro, pois não é isso o que importa; todos querem continuar “sonhando” e o futuro sobre ele também é insignificante quanto ao seu real valor, que é o de ele estar sempre a se construir. Daí, adivinhos e feiticeiros virem a estar sempre desempregados, inclusive Teófilo...

Enfim, a maneira como a gravura chegou às mãos de Teófilo. Ela simplesmente surgiu, sem explicação. E sonhos podem surgir assim também, trazidos pelo vento ou “restaurados” e “rascunhados no ar”. Se Hanna veio pelo vento, ela veio sem dono, livre como qualquer sonho. E se foi restaurado, já existia e nunca, realmente, findara. Esta é a ideia que perpassa todo o texto: a sua atemporalidade e liberdade e a sua importância na vida humana (daí as várias versões).
Carinho, Rosane Villela

SANDRA FASOLO: Oi, Soares. Recebi o teu texto, “Um quadro e suas versões ao passado”. Muito obrigada, adorei!

Eu já havia lido os textos na tua página, mas, nossa! Eu sou à moda antiga. É muito diferente ler impresso, ainda mais que colocas imagens junto com os textos, lindo, lindo! Já pensou um livro teu com este título?

“Hanna, Suas Versões ao Passado”! Ficaria belo demais ver os teus textos, poesia & prosa, reunidos num livro, ou dois ou três.
:-)

(Adorei ler sobre a tua vida lá na página, fiquei pensando: será que ele fez da vida que já era vida-literatura a literatura-escrita ou será que ele tendo sangue-literário fez da vida-não-literária, vida-literatura?... a tua vida parece mesmo já... como dizer... dá a sensação de que a literatura te envolveu desde o berço, mas acho que tens “culpa” em eu sentir assim pois escreves muito bem. Eu adoro tuas poesias.

SANDRA SANCHES BALDESIN: Poeta, li a história da moça Hanna e de Teófilo, ou a história que Francisco viu porque tem olhos de ver.

Você bem sabe que sua prosa me cativa! Sandra

SOLANGE STOPIGLIA: Bom dia! Agora cedo, na calma da manhã deste meu singelo local de trabalho, li calmamente teu texto e digo-lhe ao mesmo que indago: O que esperar de tal quadro? Das palavras firmes e envolventes de tal mistério? Cada qual em seu íntimo, cria a sua versão fantasiosa em prosa sobre tal história. Ou seria em poesia? Também claro que poderia. Bem Senhor, “coronel” assim chamado por um rapaz que deixou recado; creio ser um dos melhores textos a me levar a longos devaneios.

Abraço de mais uma admiradora de teu trabalho.
Solange Stopiglia

TERESA SCHIAPPA: (Comentário horaciano:

Tu ne quaesieris, Leuconoe...

Tu não indagues, Leucónoe...)

Desta vez, contudo, a advertência não se dirige à jovem e sim aos curiosos leitores da história, que desejariam saber mais (demais...) sobre a personagem do quadro, cativa dos sonhos de Teófilo.

Do encanto da pintura às encaixões fotográficas que o projetam em dimensões crescentes – embora nunca de corpo inteiro – sobressai a recusa do “modo acontecerá”, a poética do *carpe diem* (“colhe o dia”) onde o olhar da personagem e a vontade do seu poeta nos deixam.

Mas será que feiticeiros e adivinhos estão mesmo todos no desemprego?

Um abraço grato por este momento de “vidência”!

Teresa Schiappa

TULIO MONTEIRO: Nada mais instigante, meu caro Soares Feitosa, que um texto coerente, correção e livre de erros ortográficos. Some-se a isso personagens misteriosos, literariedade e um final “aberto”, daqueles que levam o leitor mais exigente a burilar, por horas a fio, sobre quais alinhavamentos e arremates nem seriam mais interessantes. Temos, pois, o nascimento de um clássico. Fica um abraço! Túlio Monteiro

VERA QUEIROZ: Caro Feitosa, seus contos-conversas com as artes plásticas já dão um belo livro (acho que já observei isso) e esse é uma das peças raras, é lindo e a mulher do quadro é deslumbrante, merece seu texto.

Um beijo. Semana que vem estou livre, férias enfim, vamos almoçar na quarta? Confirme, *please*. Um abraço,
Vera

VANDERLINO ARRUDA: O que é mais lindo: o quadro “Hanna”, de Allan R. Banks, ou o rico texto de Soares Feitosa?

Qual mais colorido, mais inteligente, mais generoso em configurar sentimentos?

Hanna, crescendo desvendar mistérios, detalhamento, impacto, marcante vermelho sobre *fundo escuro*; o texto, marcante garantir de estilo, visível indagar de sonhos, multifacetado colorir semântico, tudo só possível como bateia e cadinho do minerador Soares Feitosa.

Mais do que suficiente para ser real e eterno.

Wanderlino Arruda

WEYDSON BARROS LEAL:

Querido poeta, ótimo o conto, o quadro, o Teófilo, a escrita. Você, com todo esse conhecimento de religião e filosofia – não admira o nome “Teófilo” – acrescido de todo seu conhecimento de Kafka, criou um conto dos bons. Podia até ser mais longo, que você tem fôlego pra isso.

Não sei se todo leitor lhe acompanha. Enfim, coisa boa, como tudo feito por você.
Parabéns e obrigado.
Weydson

ZILMAR PIRES MOTA: Doutor Soares Feitosa: Li e reli UM QUADRO E SUAS VERSÕES AO PASSADO.
Bela história. Leva-nos a fazer indagações.
Gosto da maneira como escreve, é como se estivesse falando. Faz o pensamento criar as imagens. Sempre visito o seu "site", o JORNAL DE POESIA.
Obrigada e um fraternal abraço. Zilmar Pires

Nordestes

[Porque a Lei 9.532/97 revogou as isenções tributárias dos tijolos de barro amassado, das telhas vãs, da madeira bruta, dos chapéus de palha, dos cestos rústicos, dos sapatos do recém-nascido e do soro de veneno de cobra.]

Sem casa, porque os tijolos te seriam
o barro amassado com os próprios pés;
não os terás, porque teus pés, Filoctetes, trazem
todas as chagas desde o Dilúvio, ó filho de Caim!

Sequer um pau-a-pique, madeira bruta, 4 telhas
vãs, uns ripados seriam portas, que nunca o serão,
porque esses produtos, luxo extremado, não são isentos
do Imposto sobre Produtos Industrializados

Nem um cesto rústico para ajuntar
umas raízes selvagens, ou umas palmas de espinho
para matar, na baba e palma,
a sede Seca – nem um cesto de palha
da carnaubeira terás, do tucum, do coqueiro,
nem da pindoba, Moisés, os juncos nem, porque
os homens gritaram: – *Agora é dele, tudo!*

– *Todas estas árvores, todos estes montes,*
(disseram os recéns)
e os chãos também pagarão
as moedas, trinta e três, – onde o oleiro? –
ao Imposto sobre Produtos Industrializados.

E a cabeça de Francisco Severino – não seria José? –
será relento, a cabeça,
porque este chapéu de palha não te é mais isento
do Imposto sobre Produtos Industrializados.

Sagrarás, ó imundo, o chão da Pátria com o canto
do teu cour'e-osso,
porque a rede – nem viola – não é, a rede, isenta
do Imposto sobre Produtos Industrializados.

Carcomido por dentro e por fora:
teus vermes, tuas malárias, aos miracídios; e, por último
a serpente te alcançará o pé –
porque do teu flanco,
só do teu,
o soro!

Dois paus truncados, em madeira embrutecida,
o tributo bruto, te serão pouso
e vingança.

E o sapatinho de crochê do teu primogênito.
[...]
Teu Unigênito.
[...]
Ora pro nobis.

*_*_*_*

OFICINA:

Este poema, divulgado através de lista de *e-mails*, teve uma ótima repercussão. Este livro, fase final, me dei conta: texto intenso. Posteio-o no *Facebook*, tanto mais.

Pensei mudar-lhe o título, desfazer o regionalesco, nordestino, assim o fiz, **“Agora é dele, tudo”**. Desfi-lo, porque afinal, “Nordestes”, plurais, sim, mais que esta região miserável – ia-nomâmis e outros matos-mata-matam –, a Pátria, um nordeste só, amplo e singular-plural. Essas isenções do IPI, a Constituição de 46 as registra: “mínimo indispensável à habitação, vestuário, alimentação e tratamento médico das pessoas de restrita capacidade econômica”. A Lei nº 9.532/97 as revogou. Fiz o poema, postei, divulguei. Com vergonha ou sem, mesmo revogadas (justo para darem o bote), até hoje, não cobraram o IPI desses produtos, mas simples canetada, sequer lei, basta um decreto, cobrança imediata. O meu protesto? Serviu. Nunca disseram nada. Sim. Serviu.

ADELAIDE LESSA:

“Tijolo de barro,
porta madeira,
cestinho de junco,
chapéu de palha,
rede sem viola,
soro de veneno de cobra,
sapatinho de crochê do Primeiro Filho,

cruz à beira da estrada,
Ora pro Nobis, Castro Alves de joelhos
sobre o chão da Pátria, hoje, 7 de setembro de 1998.
E também acima do chão.”

ANA BEHRENS: “O meu aborrecimento é a falta de respeito de alguns para comigo”. Espero que o Coronel nos tenha respeito sempre. Semana difícil aqui. Mãe atravessando um quadro depressivo complicado. “Nordestes” veio trazer uma pausa para o bonito.

O abraço, Francisco

[Ana é do fã-clube de SALOMÃO, o próximo livro, em que este Francisco (SF) faz um Coronel negreiro e libertário. Aguardem.]

ANIBAL BEÇA: Bruto Tributo

Para Soares Feitosa
que moldou em poesia nefandos
reflexos de uma lei espúria

Desde sempre
a cobra morde o próprio rabo,
e tudo recomeça e se acaba
numa mandala girante,
e vira e mexe e volta,
e vai ser bruta matéria
refinada pelo papo
de alguma pelikan
sangrando de azul
as penas de garças afoitas:
folhas brancas em campo blau.

À bênção poeta!
Tudo é tema para poesia.
Teu tributo é teu poema,
que pagas no reverso do verso

e se abusa da paciência
e dos cegos aspeados de plan-
tão.

Onde, os dracmas
dos donos do drama?
Com Mandrakes?

Tua pena não se aluga
se doa a Bil que é Severino,
e a Ribamar que é José
saídos de ventres marianos.

No circo
erras pelo picadeiro,
e ficas com os atirados
às feras de sempre:
retirantes do barreiro,
os mesmos moldados
filhos do barro
barrotes do oleiro-Mór – Ele.

E os outros assistem
da plateia
a argila se derretendo
viscosa
para o repasto ardiloso
dos leões famintos.

Dai a César então
os muitos partos,
a moeda nascitura
cesariana
bem-vinda de dúvidas
no forceps da dívida.

Ó tributário rio
contrariando Heráclito
tu voltas em eterno retorno
e deságuas nas mágoas
de versos ressequidos
para a goela de muitos orós
para as águas grandes
de marombas manjedouras
de palafitas alagadas
em alugadas preces.

Até quando abusarás?
(Anibal Beça)

ERNANI GETIRANA: E aqui mais um poema nessa linguagem-raiz, que quanto mais dita mais... necessária. As várias nuances e indicações bíblicas nos remetem a uma releitura num nível semântico e histórico onde os personagens-povo desfilam reclamando por justiça. É a famosa introspecção de “Eu” poético num eu impessoal mas, ao mesmo tempo, restabelecido, esse eu impessoal, numa postura de alterego do poeta. Falando assim parece complicado mas basta dizer que é como se os personagens tomassem “de pena” (caneta) do poeta e dissessem suas verdades e o poeta gritasse: “mas era isso que eu queria dizer, meus irmãos de saga”, Sagarana? “serTÃO assim, como essa fome enjaulada que habita em mim?”. Digo em um de meus poemas. SF escreve como se fôra um menino astuto que acabasse de criar um brinquedo e ficasse ali do lado da criatura a pensar, fui eu? Todo bom artista tem essa mesma sensação após “parir” sua obra. “Parla”, meu caríssimo poeta!

FRANCISCO JOSÉ AGUIAR MOURA: Caro poeta, como não tenho palavras diante de tanta beleza e consciência, tomá-las-ei emprestadas: “Canto das Três Raças”; interpretação magistral da saudosa Clara Nunes: “Esse canto que devia ser um canto

de alegria, soou apenas como um soluçar de dor. Ôôôôôô!”.

IVONE ALENCAR: De onde vem tanta sensibilidade? Não repousas? Porque tudo te inspira. Ôooo injustiça com nós, pobres mortais.

JOÃO BATISTA SILVA: Nobre SF, “Nordestes”, para incontáveis visitas. “Do Éden a Patmos, duas vezes trinta e três. Dois paus truncados, em madeira embrutecida, o tributo bruto, te serão pouso e vingança”. Inumeráveis domingos de reflexão. Grato!

JOCA DA COSTA: Li e vi que o poema é de profeta, daqueles Ezequiéis, que cavoucam pedras no caminho do messias; é todo um evangelho, o de nossa sina; é bíblico, com altar no qual a alma curva-se em oração. Gostei imenso e comovido. O prazer estético também pode ser repouso justo ao mundo, além de adoração.

LUCIANO LANZILLOTTI: Belo, meu poeta, muito belo!

LUIS ANTONIO CAJAZEIRA RAMOS: “Nordestes”! Eita que seu poema despertou poemas nos leitores. Poesia que rende poesia! Não preciso dizer mais.

MARIA DE LOURDES HORTAS: Como diz o ditado: “Pela aragem já se vê o que virá na carruagem”! Aplausos, Poeta.

REGINA VEIRA DE SOUZA:

Há o que duvidar em termos regionalistas, reflexo de apego à terra natal, ao rincão brasileiro? Seria talvez exagerado considerar o poema como épico, no entanto, os elementos cristãos e as intromissões da fala aí estão para lembrar as grandes epopeias. Os versos que aludem a Francisco Severino, lembram, embora não intertextualizem o velho Drummond: “E agora, José?”.

Dizer mais desta poesia, tão rica em desdobramentos, imagens e inserções vivas de lembranças passadas? Não, melhor é calarme e “de mim, para mim, comigo” perguntar:

– E, agora, Soares Feitosa, o que mais nos virá desta sensibilidade arguta e suscetível de percepções?

STELA FONSECA: Poeta amigo, você se supera a cada novo poema. Excelente, dramático, real e belo o seu “Nordestes”. Cada vez admiro mais o seu talento. Como um poema de tema tão árido pode ser transcendente? O seu é. Mais uma vez parabéns, poeta penúltimo. Abraços. Stela Fonseca

STELO QUEIROGA: Belos **Nordestes** nos deste, Soares Feitosa! Os comentários/análises são maravilhosos também!

Carlos Augusto Viana entrevista SF

Diário do Nordeste [Carlos Augusto Viana]: Como se iniciou o seu contato, assim mais contundente, com a literatura?

Soares Feitosa: O prazer de ler. Ah, foi muito fácil: sete/oito anos, um almanaque, propaganda de um fortificante de alto teor alcoólico, o Biotônico Fontoura. Era o Jeca Tatu, de Lobato. Dali em diante, me danei a ler. Entendo que o ensino deveria começar pelo prazer das histórias infantis, ouvir histórias, contar histórias, dramatizar histórias. Despertado o gosto: “Agora, meu jovem, veja como é fácil, eis a tua ferramenta, a escrita!”. Afinal, a escrita tem apenas uns cinco mil anos, mas o Homem conta histórias e mais histórias há um milhão de anos ou muito mais, cinco milhões, segundo os cálculos mais otimistas. Então, nestes termos, cinco mil para milhões, a escrita “ainda” não existe! É verdade, a maioria nada lê! Existe a linguagem, que sempre existiu, que nos fez humanos a negociar com os deuses. Em vez do sacrifício da aprendizagem, o grande prazer de desfrutar o conhecimento. Sim, antes do prazer de ler, o prazer de recitar, de ouvir, de teatralizar, de dançar, de pintar, de manufaturar as historinhas. A voz do Homem, em sua

ampla acepção: corpo/voz, corpo/linguagem. Uma revolução, distante, é certo, que há de vir. Virá! Enquanto não vier, apenas o sofrimento para decorar fonemas e regras de gramática. Você, que é professor, meu caro poeta Carlos Augusto Viana, sabe o sofrimento de quem tem que aprender por obrigação, degradação. Tanto pior: ensinar a quem não tem o mínimo prazer em aprender.

Diário do Nordeste: O que é o estado poético?

Soares Feitosa: O estado poético é ver as coisas pelo lado noite. Pelo lado dia, hão de ser vistos os problemas da sobrevivência, habitar, comer, empregar; falar com os políticos, pagar contas, essas coisas. Ver com os olhos da noite pressupõe uma dimensão não racional, de enlevo, acendimento e ascendimento. Mas não estou dizendo que ninguém pode trabalhar à noite, nem poetar durante o dia. Desconfio que os cegos, mas eu era apenas míope, sempre usei óculos, tenham, os cegos, grande facilidade pela noite. Há, no estado poético, um enxergar que não é dos olhos. O homem primitivo, antes de descobrir o fogo, tinha a noite para o entretenimento e os medos do exist

tir. Veja, no nosso interior, naqueles tempos de uma escuridão bem sertão, dizíamos: “Menino que mente de dia cria rabo”. Ou seja, de noite, pode; de dia, não; mentir. Parece que o poético passa pelo lúdico, os medos, as fantasias, o sacerdotal e a esperança. “Ela vai voltar”, dizemo-nos preferencialmente de noite; que nunca volta, Ela; e quando volta, irrecognhecíveis, ambos. É assim mesmo: de dia, no escritório, você encontrará o advogado, sério e profissional, mas de noite, ainda que de dia, este aqui, eu mesmo, um traquinas que brinca, dança, corre, pinta e borda, ainda que sem sair do canto, sem mexer um dedo, um único músculo.

Diário do Nordeste: O que provocou a sua opção definitiva pela literatura?

Soares Feitosa: Talvez um excesso de astigmatismo, misturado com miopia, e sempre me acostumei ao olhar intenso. A solidão do órfão, único entre as mulheres, o filho, isto talvez me tenha levado a um grande interior. Mas não ou um ermitão. Pelo contrário, gosto de conversar, de dar grandes gargalhadas com os meus amigos. Contudo, prezo a viagem sem sair do lugar. Só pelos livros. Muitos. Ainda hoje é assim, a prevalência do interior. Tenho uma filha casada com um dinamarquês, morando na Dinamarca há três anos. Ainda não fui lá. Mas vou. Dou-me imensamente

bem com a mais profunda solidão, ainda que 20, 30 pessoas ao redor perguntando coisas e o telefone tocando adoidadamente, assim o meu escritório. Não; dinheiros, não! Uma relação maldita quando as moedas nos tomam a frente. Mas gosto de tê-las, sem pensar quantas, quando vou comprar livros. E o terror de olhar as estantes, nas livrarias, à certeza de que não as lerei todas.

Diário do Nordeste: O seu discurso poético estabelece fronteiras tanto com o lírico, quanto com o épico e o dramático. Discorra sobre isso.

Soares Feitosa: O lírico é condição essencial do poético, vide a lapidar frase do Guevara: “Endurecer, se necessário, mas sem perder a ternura”. No único livro que até agora publiquei, “Psi, a Penúltima”, botei um subtítulo: “Heróica, telúrica e lírica”. Mas não foi no sentido de marcar fronteiras, posto que o ideal é tanger vida e morte, glória e queda, desespero e esperança — todos à mesma estrofe, ao mesmo verso, fio, arame bem retesado, tinindo, quebrando mas sem quebrar; ou até quebrando, vlapt!, mas aparando na queda, quem sabe, uma ressurreição. Haja talento! Chame o senhor Chico Pires, um cantor nordestino nascido na Inglaterra; ou o Menino, tal como gosto de nomeá-lo, Antônio Frederico Castro Alves. Por falar no Menino, este monumento, “A Cachoeira de Paulo Afonso”! A miscigenação brasileira está lá,

com quase cem anos de antecedência sobre Gilberto Freyre: Lucas, moreno e altivo; Luísa e seus atributos em cravo e canela: “Mimosa flor das escravas! / O bando das rolas bravas / Voou com medo de ti!...”. Castro Alves retrata, neste poema Brasil-essência, todo a nossa bastardia, a morenidade de Cotegipe, Floriano Peixoto e Machado. Lucas, filho da escrava com o senhor, assassinada pela sinhá. Os meus olhos louros e o cabelo pixaim, este tão Brasil brasileiro de pai desconhecido. Veja, poeta, esta paisagem que ninguém lhe descreve igual: “Os poldros soltos – retesando as curvas, – / Ao galope agitando as longas crinas”. E a escravidão, a mancha ao infinito, drama atual – favelas – mais forte em Cachoeira, porque mais sublimada, do que no Navio. E a ironia, a canoa à beira do precipício, mas é assim que ele diz: “Semelha um tronco gigante / De palmeira, que s'escoa... / No dorso da correnteza, / Como boia esta canoa!”. Boia? Ele a despeja lá embaixo, veja: “De tua vaga os turbilhões barrentos. / A canoa rolava!... / Abriu-se a um tempo o precipício!... / e o céu!...”. Por isto mesmo é que se fala tão mal de Castro Alves. Ele abusou. O Navio teria sido suficiente. A Cachoeira excede a todas as medidas da genialidade. Em qualquer tempo, em qualquer lugar do mundo.

Diário do Nordeste: O que o agreste ensinou à sua poesia?

Soares Feitosa: Isto de agreste bem que poderia ser o molhado. Retratar a condição humana, a partir do contexto pessoal do autor, é irrecusável. Se me fora a infância na Amazônia, o trato haveria de ser sobre as águas, a mata, os peixes; ou a tundra do Norte, se fosse do Canadá. Aqui, os sóis, os chãos de pó e o pedregulho – nossos – aos daqui. Vivemo-los. Vivemo-los. Tão bons quanto quaisquer outros, que, afinal o seu único destinatário, o Homem, é o mesmo, aqui e alhures.

Soares Feitosa tem na leitura um grande deleite e sofre por não ter mais tempo para ler. [Foto João Faustino, outubro 2005]

Diário do Nordeste: O que a sua poesia comporta da urbe?

Soares Feitosa: A urbe? O retrato do Humano, a nossa condição, que tanto tem sido a minha Grécia particular, Nova-Russas, minha pólis grega, chegando a pé, lá, com um matulão nas costas cheio de livros, ao colégio, era assim que comparecia às provas, para estudar; como também houve de ser a antiurbe, a brenha para onde retornava depois das provas. Este ciclo, viagem única com um mesmo bilhete, mar-sertão, sertão-mar, pólis-barbárie é absolutamente fundamental à formação do Humano. Existe o Humano, só isto existe, Homem, em Cingapura, Londres, Ceilão ou nos sertões de Acopiara, tanto faz. Tenho que o sentido ontológico de estar no mundo é saber desses

mundos múltiplos, a civilização extremamente primitiva de lá dos matos e o seu oposto (só aparente a oposição), de um passar de olhos em Baruch Spinoza, atualíssimo, vide António Damásio, o neurologista, viajando entre o bisturi e a filosofia, escândalo nenhum. Se é de lá que eu venho, piso em qualquer chão.

Diário do Nordeste: Em seu discurso poético, há uma nítida (diria quase uma obsessiva) preocupação com a linguagem. Você busca uma poesia da linguagem?

Soares Feitosa: Confesso que não me carrego dessa preocupação com a forma, com as palavras. Não sou um autor de bancada, de pegar um texto por meses seguidos a burilá-lo. Sei que o poema está lá dentro, em ruminação, uma tarefa que não pertence ao meu plano do consciente. Foi assim que me guardei, sem saber que guardava, por 50 anos. Não, não busco uma poesia da linguagem. Se for poético, no sentido de acender e ascender, escrevo; se não, não; aliás, sequer cogito. De fato, a escrita não me pertence. Não creio em espíritos a me fustigarem com laudas e varas curtas. Não; isto não. Para mim, um processo interior. Por isto mesmo, é-me impossível escrever qualquer coisa que não esteja já pronta para ser escrita, digamos, “escrevinda”.

Diário do Nordeste: Em sua escritura, há, direta ou indire-

tamente, um retorno à tradição clássica. Discorra sobre isso.

Soares Feitosa: Concordo. Antes de escrever, digamos, de me estabelecer como poeta, tive imensa dificuldade de conviver com os modernos. Continuei lendo e relendo o Menino (Castro Alves) e os clássicos em geral. Sim, a Bíblia e o teatro grego que leio e releio, mas nada a ver com religião, por favor. O compromisso não é com a metáfora, mas com o símbolo, esse acúmulo de senhas que se consolidaram na nossa mente, desde que o mundo é Mundo. A tábua não é rasa! Nem precisamos de reencarnações para saber coisas. Acho que, à medida em que o homem foi perdendo os mecanismos instintivos do animal-primata, foi ganhando em sua mente-noite as tais senhas, as super-metáforas, as pré-metáforas, as moradas iniciais, os símbolos da ancestralidade. Veja, em “Antígona”, Hemon cospe no rosto do pai, Creonte, e avança contra ele de arma em punho. O autor, Sófocles, não diz (e a beleza está em não dizê-lo!), mas é muito razoável que caia a maldição da morte sobre o filho que cospe no pai, ainda que o pai seja merecedor. Então, a cusparada e a morte de Hemon guardam uma perfeita simetria simbólica, desde os tempos. “Antígona”, um monumento literário no mesmo porte do Evangelho de São Mateus, leitura para umas 300 revisitações obrigatórias. Sim, é fundamental o prazer de reler e sair

descobrir e redescobrir coisas. Evidente que tenho mesmo que abominar chistes e frases de pára-choques que os desavisados da modernidade apelidam de poesia. Se o fossem, Platão teria feito. Chico Pires teria feito. E Castro Alves.

Carlos Augusto Viana, Diário do Nordeste: Em termos de poética, hoje, Horácio ou Aristóteles?

Soares Feitosa: De Horácio, fica-nos o “Carpe diem!”, que também está no Eclesiastes. É bonito, sim. Precisamos aproveitar o momento. Fica-nos dele também a teoria da gaveta, isto é, o poema amoitado por anos a fio, sete, como se fosse uma Raquel de Labão, depois de Lia, mais sete. Ora, nesta saudável angústia da comunicação instantânea, já escrevo o poema direto em linguagem de “page” (HTML); ponho-o na *internet* no mesmo instante. E, na mesma noite, os comentários às vezes do outro lado do mundo. De Aristóteles a grandeza do termo médio, a virtude bem no meio, nem tanto à terra, nem tanto ao mar. O problema é que a gente esquece. Mas o nosso andor tem que andar como os políticos em fuga: nem devagar demais a não parecer provocação, nem na carreira para que não pensem que é de medo. A sabedoria mora em Aristóteles. Herói algum ganhará todos os troféus. Quem mais perto andou de ganhá-los todos foi ele, Listotes, assim o chamo lá no sertão.

Diário do Nordeste: O que é e o que não é literatura?

Soares Feitosa: As coisas do dia. O agir do dia, da racionalidade. Os relatórios. O lado racional não é poético. Mas o seu antônimo não o diria irracional, mas não racional, uma outra categoria de coisas. O mundo é tangido por esse lado noite.

Diário do Nordeste: Na atual conjuntura, existe algum papel definido para o poeta?

Soares Feitosa: Conjuntura? Em qualquer conjuntura! A poesia é fundamental. Nunca se lê tanta poesia como nas grandes crises. O mundaréu de bíblias que são lidas diariamente. Aquilo é pura poesia! É poesia tão tamanha que a gente nem o percebe.

Diário do Nordeste: O que o levou a criar um jornal de poesia?

Soares Feitosa: O prazer de compartilhar, de divulgar Castro Alves. E ~~aos~~ meus amigos, é claro. A mim também, com certeza. Sim, é um banquete. A sala de jantar de uma casa-grande, eu, um coronel das letras, alguidar de fartura para todos. E coalhada da ceia. O ágape.

Diário do Nordeste: Quais são seus planos para o futuro imediato?

Soares Feitosa: No plano literário, publicar alguma coisa, embora a *internet* já represente uma publicação mais que sufi-

ciente para divulgar. O livro de papel tem uma mística, um simbólico absolutamente insubstituível. Preparo um livro de porte, não sei quantas páginas, “Salomão”, romance, poema, ficção, ensaio, crônica, história, teoria e culinária, um projeto multimodal. Preparo um outro, “Do Círculo Hermenêutico Periférico”, em que tento demonstrar que o homem não é racional em

termos absolutos, mas um ser tangido pela “noite”, ou melhor, pela penumbra de senhas que nos têm sido passadas há milênios, numa época em que ninguém sonhava com a escrita. As pessoas que não sabem ler, “leem” como?! Entendo que há um mecanismo, uma outra leitura, de nada a ver com letras e papel. Nem com o olhar. Estou atrás dessa linguagem.

*_*_*

NEI DUCLÓS: Poeta, minha vaidade achou que poderia, num fim de semana, visitar a obra do amigo com mais atenção para revelar o que Nei Duclós passou por mim na leitura. Mas o que pode o laço diante do ciclone? Tua escrita exposta *online* deveria fazer parte de uma edição completa, que pudéssemos carregar, onde poderíamos, com o suporte da varanda ensolarada deste outubro, navegar pelo épico, pela lírica, pela memória, pela instauração, pela História, pelo romance. Não é assunto para uma roda, mas para uma espiral. Vejo o quanto estamos distantes dos contemporâneos, azafamados por assuntos que não nos dizem respeito, enquanto o sertão arde em tua poesia, e tua urbanidade assusta pela quantidade de vetores que nela confluem. Tantos territórios ocultos ou assobradados: teus rios que viajam a Portugal; teu beber de fontes clássicas e transformadas em peças arte-

sanais expostas ao ar livre; tua interação com tantos autores, onde, a partir deles, compões novas florestas; teu apascentar de rebanhos dispersos, onde buscas ovelhas desgarradas de palavras alheias e que colocas sob a sombra generosa do teu portal. Longe de ser um sobrado antigo, que serviria de repouso a quem perdeu tempo em vigílias cercadas pela indiferença, teu trabalho de congregação atinge o perfil de um rochedo úmido de tempestade, plataforma de onde se descortina o que há além do mar.

Portanto, poeta, esta é uma mensagem de uma leitura que ainda nem sequer chegou perto do que escreves, mas que dela tira o assombro que falta à alma nacional, que dele deveria se abeberar, ao invés de perder tempo, como nós, em assuntos que nos mantêm fechados em cofres de angústia.

Um abraço admirado do
Nei Duclós

Batraquiaais

Bastou escrever a historinha batraquial, um dos personagens, o poeta Rodrigo Marques, me apareceu no escritório com um balaio de cururus debaixo do braço. Despejou-os aos meus pés, aliás, em cima de um agravo de instrumento, da maior gravidade, que eu, advogado, concluía.

– Veja, Coronel! [É assim que ele me chama, Coronel, por conta de “Salomão”, um livro sem fim, mas nunca fui militar. Seria, digamos, um coronéu do sertão.]

– ?

– Este aqui, o maior de todos, é para comemorar o nascimento de uma editora! Edições Cururu. Os menores, cururus e “cururuas”, são os livros que vamos editar, muitos, inclusive esse tal “Salomão” sem fim. Este outro, muito magro, de três pernas, é para os feitiços de praxe!

– De três pernas?!

– Sim! Ele só tem três pernas, pode contar!

– Poeta Rodrigo Marques, ninguém acredita mais em feitiços!

Ele garantiu que desacreditar dos feitiços não teria a menor importância. Seriam despachados do mesmo jeito, sobretudo depois que lera, nos rascunhos de “Salomão”, que o Co-

ronel apaixonara-se (sem êxito, daí a urgência dos feitiços) por uma jovem muito magra, do tempo de bancário em Quixadá. Ou, pelo contrário, seria uma noviça, algo robusta, da época de estudante, em Nova-Russas, na casa do Padre Leitão. Retruquei que aquilo era apenas uma ficção muito distante, em “Salomão”. Ele rebateu que ninguém nunca sabe. O destino seria mesmo pródigo em pregar peças, preferencialmente as mais enlouquecidas. Por que não agora, na senectude?

– Isto mesmo, Coronel, quem garante que ela não esteja de volta e até já tenha chegado?! A vantagem do cururu de três pernas é que ele, de andar às tortas, por conta da perna faltante, faz tantas voltas que não acerta jamais o caminho de casa! Fica lá, no terreiro dela, feitiçando. Escreva aqui, Coronel, o nome dela!

– ?

– Isto mesmo, Coronel, o nome dela, neste papel. É colá-lo na boca do sapo, pelo lado de cima, no palato, e pronto. Diga de lá, que eu escrevo daqui! Sim, o nome, como é nome dela?

– Poeta Rodrigo, o nome dela eu jamais o soube. Sempre que ela tenta-me a ouvi-lo, corro com

um tição de brasas e lhe apago os lábios. Beijo-os, em bálsamo e afagos, para que não os esqueça, porque é assim que tem que ser. Veja:

Não digas o meu nome.

Nomear-me
é prostituir o silêncio
e tu estás viva
como um altar profanado
filha de todas as vozes
impossíveis do universo.

Não digas o teu nome.

Vem
na obscura voz do tato.

[“Vozes”, Jaume Pont, tradução de Casimiro de Brito.]

– ?!

– Claro que ela tem um nome, um nome doce, mas sempre o repudiei sob infinitos apelidos. De manhã, digo-a pedra, cinzéis, pincéis. Antes do meio-dia, é-me felinos de rua, seus sons de amar, telhados; também coisas de olhar me apetece-lhe como nome da tarde. E, pela noite, chamo-a sob coisas da flora selvagem, árvores por entre a lua; milhos, vagens, bromélias e as ardências do sol, um sol da noite; caniços e paciência.

– ?

– Bote nada não, poeta. Aliás, bote. Apenas isto: Ela!

– Só isto, Ela?

– Sim! Se for gorda, se for esbelta, tanto faz!

– Como é o nome desse “cor-

te”, Coronel? Com que facas?

– É bem no centro do peito. É daqui, ó, que partem coisas, do centro do peito, nomes, ou melhor, o nome. Veja, poeta, há este único, o nome dela. Eu sei o dela; ela sabe o meu. Se ela for cega? Não tem importância. Meus olhos hão de suprir... que... nos dela espio os meus.

O fato é que o Rodrigo Marques converteu-se num grande cururuzista, por isto mesmo eu lhe disse:

– Poeta Rodrigo, não é justo permanecerem intactas as fábulas contra nosso compadre cururu, um bicho tão bom. E distinto!

Ele danou-se a dar roupagem nova a antigas historinhas do batráquio. No “Jornal de Poesia”, o nosso cururuzista Rodrigo Marques vai com uma *page* com não sei com quantas fábulas em que o compadre cururu é muito bem tratado.

Em vez de se esconder na viola de compadre urubu, como se fosse um malfeitor ou um velho que não paga ingresso, para uma badalada festa no céu; pelo contrário, recebe um honroso convite a embarcar na viola desse notável “aviador” (e planador!), o compadre urubu.

No retorno, depois de muitas presepadas na festa do céu, em vez de jogá-lo lá de cima a se espatifar num jabuti, quebrando-lhe o casco em muito pedacinhos, compadre urubu é que quase morreu quando um “airbus” (pronuncia-se como está escrito: ai-ri-bus e não erbás)

invade-lhe o espaço aéreo e, na maior brutalidade, quase o tritura, com sapo, viola e tudo, nas turbinas, de grande barulho.

Na aflição, a viola revirada em pleno ar, foi só a conta de se despencar de dentro o nosso compadre, o cururu. Então, o batráquio gritou lá do alto: “Desarreda, comadre pedra!”. A pedra, com medo da pancada, saltou bem acolá, e, no salto, por baixo do salto, o jorro das águas. Foi só a conta, compadre cururu – tibungo! –, bem lá dentro!

– Ah, festa! Ah, céus! Viva nosso Senhor Jesus Cristo! – teria dito o sapo, as mãozinhas para cima, quando leve e fagueiro já emergia do amplo mergulho naquela água recém. Ao que o urubu, são e salvo, gritou-lhe bem alto, num rasante:

– Viva, compadre! Mas perdi minha viola na queda do avião!

Eu disse: Mestre Rodrigo, era naquele poço do sapo que Ela tomava banho todas as manhãs. Eu, lá de longe, amoitado por

trás dos canapuns... Com uma luneta de fundo de garrafa e talo de jerimum, contava um a um, todos os sinais... Um, bem aqui, na perna, lá nela, assim, mais em cima...!

Rodrigo disse que os meninos, convidados pelo sapo, se ajuntaram e fizeram viola nova para compadre urubu. Bom, dessa parte eu não lembrava, mas desconfio que ajudei na viola do batráquio. Aliás, do urubu. Eram os restos de uma gaiola quebrada, saída de dentro de um certo livro: Salomão. Leitor, ainda te falo nele, Salomão.

Agora, por seu favor, uma pausa ligeira nos batraquiais para lhe contar, meu caro leitor, a entrevista com três jovens poetas, de Goiânia, Goiás. Em tempo: muito extensa essa entrevista aos goianos, os homens de gráfica já bronquearam. Texto curto, pediram. Então, estas, com André de Sena, outra com Eleuda Carvalho.

* * *

JOÃO BATISTA SILVA: Caríssimo SF, Rosa flagrou-me gargalhando entre o poeta, o coronel e o batráquio de três pernas. Como foi cedinho, o riso ficou por conta dos "felinos de rua e seus sons de amar" em riba da casa. O bom humor continuou com o vocábulo ai-ri-bus e a significativa expressão “lá nela”.

Ainda era manhã e o “jorro das águas” aguçou a lembrança do poeta. Belo, meu poeta, muito belo!

André de Sena entrevista SF

1. André de Sena: Como surgiu a ideia de criar uma *homepage* que conglomerasse escritores de todo o País? Existe alguma tentativa anterior, que você conheça?

Soares Feitosa: No início, junho de 1996, a *Internet* não trazia praticamente nada em língua portuguesa. Uns dois poemas de Pessoa e nada mais. Poesia de língua inglesa, francesa, espanhola e até italiana, sim, havia bastante, mas da lusofonia, nada. Foi este o motivo de tentar mostrar para o mundo que por cá, lusófonos, havia alguma coisa a mostrar. Era um projeto muito modesto, Castro Alves e mais alguns gatos pingados, digamos, uns trinta poetas. Mas a coisa foi tomando gosto, isto é, dando gosto! Disse: vamos aos 100. Logo em seguida, aos 1.000. Era uma corrida pela quantidade. Se você me perguntar quantas páginas seriam gastas para imprimir o “Jornal de Poesia”, presumo que umas 500.000. Um mundo de ensaios, muitos poemas, livros inteiros! Pessoa inteiro, Castro Alves inteiro. E todos os dias cresce e cresce. Agora estou lançando o livro em fac-símile, uma experiência ímpar no mundo.

2. André: Como é feita a manutenção da *homepage*? Dá muito trabalho?

SF: Muito trabalho! Vivo dentro do computador. Estou aleijado das duas mãos. Dia e noite, noite e dia; dias santos, domingos e feriados.

3. André: Quantos escritores estão cadastrados atualmente? Quem você destacaria?

SF: O “Jornal de Poesia” não retira poeta algum do ar. Eu mesmo não descarto ninguém, mas se você perguntar a quem “carto” ou encarto, a resposta é: Castro Alves, na terra; NSJC, no céu. Ah, os meus amigos, que são todos excelentes poetas! Inclusive você.

4. André: Há muitos paraibanos participando do projeto?

SF: Sim, da mesma forma que piauienses, gaúchos, mineiros. Sem nenhum “nepotismo” regional.

5. André: Como as pessoas interessadas podem participar?

SF: No início, corri atrás da quantidade. Depois, andei bus-

cando a qualidade. Mas qual? Prefiro deixar este quesito, qualidade, por conta de sua excelência, o Leitor. O requisito hoje é a amizade, no sentido mesmo de eclesía, de igreja, igrejinha, a panela dos meus amigos. Faço questão de ter o endereço postal do participante. É que o *e-mail*, com tanto vírus que há, fica desatualizado. Também é a maneira de ganharmos um calor que só o papel e tinta – a velha carta e seu envelope, com os selos e carimbos – podem dar. Depois, o autor troca de *e-mail*, os leitores ficam procurando o endereço para corresponder, e eu com a cara para cima. Faço, pois, questão de ter o endereço postal dos meus amigos.

6. André: Qual o número de acessos mensais do “Jornal de Poesia”?

SF: Não faço a menor ideia, nem quero fazer. Melhor assim. O “Jornal de Poesia” não tem contador de visitas. Os amigos diriam que é pouco, que merece muito mais. Os inimigos? Que tanta visita só poderia ser mentira. Então, para não contrariar nem a uns, nem a outros, nem eu mesmo me preocupar com isto, prefiro, igual ao bom-marido, não saber. Sei apenas que o “Jornal de Poesia” é *site* nº 1 do *Google*. Se você digitar, no *Google* ou qualquer outro buscador mundial, qualquer nome da poesia lusófona, a primeira referência é, regra geral, o “Jornal de Poesia”. Isto basta. Tenho

culpa, sim! A dedicação absoluta durante oitos anos, de chuva ou de sol. Há um tipo de crítica que o leitor bem intencionado costuma fazer: o “JP” não traz um comando de buscas, um índice de poemas, um índice maior por temas. Eu digo que o JP não é um sítio de achamentos, mas de perdição, onde o leitor vem buscar Maria e encontra Joana e troca por Joaquina mas não desgruda de Tereza. A verdadeira apologia do “serendipity”, o achamento do não buscado, melhor que o buscado. Um índice detalhado poria abaixo esse risco, esse prazer.

7. André: Existe alguma filosofia que norteie o “Jornal de Poesia”? Ou ele é aberto a todos os gostos e estilos?

SF: Como disse, sua excelência, o Leitor, é o grande “filósofo” do “Jornal de Poesia”. Mas não posso deixar de ressaltar a operacionalidade, nada de bonequinhos saltitantes, de musiquinhas de atrapalhar, de figuras que vão abrindo e fechando, forçosamente atrapalhando texto. Há o domínio absoluto do texto, bem paginado, bem spacejado, bem arejado, ótimo também para imprimir. Momentos há em que nem eu mesmo acredito seja o filho da velha minha mãe, acostumado com cercas, fâcas, bodes e chiqueiros, quem faz esse tal de “JP”. Desculpe-me, mas não consigo ser modesto: o “Jornal de Poesia” é bom de navegar! – imenso e rápido.

Sim, as páginas antigas, sobretudo as dos amigos, reformatadas para um visual mais claro. Os ícones – pinturas de clássicos e fotos de poetas – funcionam como uma integração, uma circularidade: basta clicar, que vai dar noutro poeta, noutro e noutro e... noutros. Veja a foto do lado, é o “véio Thiago” – assim o chamo, com o maior carinho –, esse estupendo poeta, Thiago, Estatuto do Homem, de Mello. Se você clicar na foto, vai cair na página dele, é claro, e lá uma série de outros ícones, de outras fotos, para outros poetas, infinitos poetas. Inclusive o seu retrato, meu caro André de Sena, já está correndo de mundo afora, nas páginas de outros autores. No “JP”, é claro! É isto mesmo, os amigos aqui são tratados a brigadeiro e pipoca de micro-ondas. E água gelada. Em caneco de alumínio. Por favor, sirva-se! E se assente. Pergunte mais o que quiser.

8. André: Há repercussão da página no estrangeiro?

SF: Impressionante! Os povos de língua portuguesa são mais de 200 milhões. Ainda que o analfabetismo campeie solto, há muita gente lendo por aí afora. Por outra, os migrantes (Portugal, Brasil e África) estão em toda parte. No Canadá há uma bela colônia lusófona, sem falar em Estados Unidos e Japão, literalmente “invadidos” pelo desemprego no Brasil.

9. André: Em sua opinião, como serão os livros no futuro?

SF: O futuro que sempre tiveram! Botar um debaixo do braço e ler bem na calma, anotando, riscando. É assim que leio. Agora mesmo ali debaixo de minha rede deve haver uns vinte! A *Internet*, antes de acabar com o livro de papel e tinta, pelo contrário, só o prestigia. A *internet* é a vitrine, a anunciação, de tudo que é livro. O livro será, por todo o sempre, o objeto insubstituível. A venda de livros, depois da *internet*, aumentou. Nunca se leu tanto! As salas de *chats*, ainda que algumas de franca putaria, fazem-se pela leitura. E pela escritura. Uma escrita ligeira, é certo, mas é escrita. E leitura. Um novo hábito. Sou a favor. Da leitura. Da putaria? Também! Mas, creia-me, nunca andei nos tais *chats*. Mas é de pura falta de tempo.

10. André: Quais os *sites* relacionados à literatura que você mais indicaria?

SF: Recomendo todos aqueles que estão na seção de *links* do “Jornal de Poesia” – são os *sites* dos meus amigos. Esta, a lei, “Mateus, primeiro os teus!”. Mas não me pergunte quem assinou tal lei, nem em que diário oficial foi publicada. Sei apenas que está vigente! E como está.

11. André: Quais são seus atuais projetos literários? E como o público interessado pode

adquirir seus livros de poesia?

SF: Nunca vendi livro de poesia. Nem pretendo. Sempre os dei de graça. Pretendo lançar um livro de porte agora em 2004, a distribuir em grande festa e farra aos meus amigos. Acho uma péssima ideia isto de os poetas fazerem lançamento de livros para vender. Quem é que compra?! Melhor que dessem os livros, inclusive que para quem não quisesse receber! Despachá-los aleatórios no correio. Soltá-los zonzos nos bancos de praça, nos balcões de farmácia e jogo de bicho, na igreja e no cabaré. Não! No cabaré,



não, que é um “produto” que acabou há muitos anos. O de dona Leila, uma senhora muito distinta, na Maraponga, aqui em Fortaleza, super elegante, acho que fechou há mais de 30 anos. Abaixo a venda de livros de poesia! Acho uma grande bobagem

isto de os poetas imaginarem que podem vender milhões em livros. Não, não vende! Melhor que o poeta cuide da vidinha dele, dando aulas, cortando lenha, fazendo qualquer coisa, mas sem essa de que vai ficar rico com poesia. Recebo muitas cartas de jovens poetas pedindo orientação. A primeira coisa que digo, com todo carinho, evidentemente, é: “Como estão suas notas?! Vá estudar! Vá trabalhar! Faça um concurso, mande currículos, plante um roçado! Faça um curso de Geometria!”. Sim, de Geometria! Segundo o velho Platão, não há conhecimento (nem Poesia!) fora da Geometria.

Estou certo de que o ideal é a convivência do devocional com o obrigacional — há bons exemplos na História e na grande Literatura. Até desconfio que esteja conseguindo: apesar de aposentado, 35 anos de Fiscal do Imposto de Renda (concurado!), tanjo um escritório de

advogados que me toma as outras 24 horas do dia. E lá, no meu trabalho, o prazer é o mesmo daqui, tão bom quanto! Creia-me, não trabalho só por dinheiro; aliás, na hora em que estou elaborando uma petição, um embargo ou um agravo, não posso pensar em dinheiros. Como se fosse outra pessoa, é certo, o advogado, que meus clientes até se espantam quando ouvem falar no poeta. Sim, o mesmo susto dos meus amigos, poetas, quando aparecem no tal escritório de advogados! A festa? É de não ter tamanho! Sirvo-lhes água gelada, bolachinhas e rapadura. É da lei que

os convide ao almoço! Veja as fotos: à direita, acima, o senhor advogado; à esquerda, o *webmaster* do “Jornal de Poesia” em plena atividade. Ambos porém, apenas o Chico José de dona Anísia. Se isto é possível? Claro que é! A matéria está aqui, basta clicar: *e-mail* a um jovem poeta. Como se fossem, numa só pessoa, estes “entes”: (i) o bode e (ii) as mãos em oração, este bellissimo quadro de Albrecht Dürer. Mas não faz nenhum mal, ainda que bode/ mãos-em-oração, a tentação de ser pé-de-pau – juazeiro. Destas sequidões. E de todo o resto – da chuva, noite e sol, tanto faz.

..*

OFICINA: Ler é mais difícil que escrever, senão tanto quanto – aborreço-os de tanto dizer-lhos. E, a complicar, indago-lhes e já respondo: Quem “sabe ler” um poeta? Parece-me que outro poeta. Seriam os poetas uma “seita”?

Deveras, nesta entrevista, de vinte anos, o poeta Mauro Mendes “leu” e captou – capturou, parece-me mais adequado, um poemeto dentro. Um revisor técnico teria dito que a frase final da entrevista, acima, de nada a ver. O poeta, não, porque ele, Poeta, maneja outros acendimentos e ascendimentos. De fato, um nordestino ao falar sobre criatividade, muito natural

a cobrança de suas razões, mito e mística. O bode, sim, a sobrevivência; o juazeiro, a imponência à intempérie. E absolutas, creia ou não, tanto faz, as mãos. Para quê, as mãos? Perguntem a Dürer – As mãos, de trabalho, as pedras da pedreira, do irmão, a mantê-lo nos estudos. Estas, aqui, a nossa essência:

A tentação: menino, bode, juá, juazeiro, a fronde — mãos.

O menino, quem?

Este eu, na casa dos 80, e qualquer um, aliás, todos, sob a mesma mensagem de UMA PEQUENA LIÇÃO DE CAVALRIA, neste livro..., este “fecho”, mais que

desfecho:

“[...]”

O caminho possível é o da misericórdia. O Homem é infinitamente maior que o cavalo. O cavalo é infinitamente maior que o Homem. Ambos em misericórdia. Não espancarás. **Preci-**

samos dizer isto, como um segredo, aos jovens.”

MAURO MENDES: Li, de cabo a rabo, sua entrevista. O final, então, é uma beleza! “Mas não faz nenhum mal, ainda que bode/ mãos-em-oração, a tentação de ser pé-de-pau – juazeiro. Destas sequidões. E de todo



BODE & JUÁ

Mas não faz nenhum mal,
ainda que bode/
mãos-em-oração,
a tentação
de ser pé-de-pau –
juá,
juazeiro.

Destas sequidões.
E de
todo o resto –
da chuva,
noite e sol, tanto faz.



Poemeto de SF, “pescado” pelo poeta Mauro Mendes dentro desta entrevista.

o resto – da chuva, noite e sol, tanto faz”.

Gostei demais também de você ter dito que “o ‘JP’ não é um sítio de achamentos, mas de perdição”. Grande sacada esta sua! De quebra, a lembrança do cabaré da Leila!

Vai daí que, entrando no *link* do “projeto fac-símile”, vi, a propósito do pintor Apeles, que você prometeu “Um doce de leite a quem me refrescar a historinha inteira, seu vaso de frutas, as telas fictas, seus pássaros verdadeiros e seus pintores fabulões”. Aí vai, portanto (em tradução livre), a historinha (*apud* Plínio, o Antigo, naturalista e escritor latino): “O famoso pintor grego Zêuxis de Heracléia teve como contemporâneos e competidores (êmulos) os pintores Timanthés, Andrócido, Eupompe e Parrhasius. Um dia, Parrhasius desafiou Zêuxis para decidir quem pintava melhor. No local e hora aprazados, cada um pendurou o seu quadro. O quadro de Zêuxis representava um cacho de uvas tão bem pintadas que os pássaros vinham bicá-las! O quadro de Parrhasius representava uma cortina... Certo de vencer a disputa (devido ao comportamento dos pássaros, que bicavam as ‘uvas’...), Zêuxis pediu a Parrhasius que, finalmente, abrisse a cortina para que se pudesse ver o quadro que ele pintara. Ora, o quadro era a própria cortina! Zêuxis deu-se, então, por vencido, dizendo: eu enganei aos pássaros, mas Parrhasius enganou a um pintor!”.

Já Apeles foi outro pintor grego famoso (século IV A.C.), que era o retratista de Alexandre, o Grande. Havia, inclusive, uma lei dizendo que Alexandre só podia ser retratado por Apeles! Um dia, Alexandre caiu na besteira de pedir a Apeles que pintasse o retrato de Pancaste, sua concubina favorita, nua como veio ao mundo!... Durante o trabalho, Apeles apaixonou-se perdidamente por Pancaste, que lhe foi, então, doada, ficando a historinha como exemplo da magnanimidade de Alexandre! [era mesmo um rapaz esperto, este Apeles!...

AILA MAGALHÃES: Caro Soares: Diz o ditado que de “poeta e louco...” (acho que o ofício era outro, mas faz mal não), então tomei coragem e desandei a escrever uns versos aqui e ali. Foi quando conheci o “JP”, há cerca de quatro anos, procurando por versos de Cecília, Castro Alves, Florbela e Quintana e aconteceu exatamente como dizes: “verdadeira apologia do ‘serendipty’, o achamento do não buscado, melhor que o buscado. Um índice detalhado poria abaixo esse risco, esse prazer”. Virei fã (estou com um computador filho da mãe, que não sou eu, que não tem til, acentos e o escambau e que trava e me derruba a cada 38 minutos), mas o melhor de tudo foi entrar em contato com um universo de poetas excepcionais, até então desconhecidos pra mim e por isso serei sempre grata.

Nisso, esse mundo virtual e espetacular. Adoro esse universo de possibilidades, mas, assim como tu, apaixono-me pelas cartinhas de papel, as quais guardo até perder de vista e cor. Assim, escreverei uma delas pra ti e, de quebra, tascarei um beijo de batom vermelho com gosto de alguma fruta.

Por enquanto, segura aí um abraço forte.

ARIELA BOAVENTURA: Bacana sua entrevista, Feitosa: estilo coração de mãe: sincera e com uma essência de generosidade. Visitei a página do jornal e fiquei estupefata com a quantidade de colaboradores existentes... só na letra A, do índice. Vi que não estou lá (tem uma outra Ariela, sem sobrenome).

Por aqui, umidade e pulmões no varal: as paredes dos prédios escorrem água, apesar do frio. Morar em Porto Alegre é como estar exposto permanentemente ao bafô de uma panela no fogo. Eu parei de fumar, pelo menos enquanto o tempo estiver assim, perigoso aos alvéolos.

Tive de ressuscitar minha Remington: o computador me deixou na mão e, não bastasse, recusa-se a me devolver os arquivos guardados em seu HD. Máquinas.

Escreva-me, querido! E boa sorte a todos esses poetas. Viva a transpiração criadora.

Beijos,
A.

CLAUDIO WILLER: Ótimo. Pre-

cisava sair mais entrevistas assim com você em mais lugares. Que coisa, logo logo vai dar dez anos de “Jornal de Poesia”. Comemoraremos e festejaremos. Já faz cinco anos que eu me conectei e o achei – primeira coisa que fiz ao ser conectado foi pesquisar-me, digitar Willer no radaruol, e aí imediatamente entrar em contato – ou seja, estreei a *net* no “Jornal de Poesia”.
Abraxas,
Willer

EDUARDO MACIEL: Caríssimo Feitosa, um deleite ler a sua entrevista... além de me fazer perquirir-me o porquê de me punir sistematicamente com a não visita pelo menos diária a esse que eu considero um dos melhores oásis da *internet*.

O forte abraço! Eduardo

DAVI MÁXIMO: Caro Mestre: Sempre me parece um pleonasmão lhe fazer um elogio, assim como evito a próclise, deveria evitar o pleonasmão, mas, neste caso também é legítimo e faço-vo-lo calculadamente, pois o mestre vive com os dedos no pulso da Literatura e da Poesia. A entrevista e os textos encontrados no endereço abaixo epigrafado são de excelente qualidade, como não poderia deixar de ser. Parabéns.

Um forte abraço.
Davi Máximo

ELAINE OLIVEIRA: Caro Soares: Preferi mandar o comentário por aqui mesmo. Gostosa,

muito gostosa mesmo a entrevista. Estou tentando fazer um livro de contos, contos curti-nhos, da vida diária, onde gente do dia a dia possa dizer: podia ser eu. Escondi alguns porque achei que eram bobos até que alguém que disse que não eram e que coisas simples também são gostosas de ler. Quem sabe, um dia não te convido para o lançamento do meu livro, sem você precisar comprar nenhum. Rs.

Até a próxima.
Elaine

FRANCISCO JOSÉ CARNEIRO

LINHARES: Bom-dia, prezado poeta, xará Soares Feitosa! Sempre fui um contumaz espectador, ouvinte e leitor de entrevistas. A mídia pouco me importa. Ao final, sempre as classifico assim: “a) nada acrescentou; b) apenas me fez passar o tempo; c) me divertiu, me informou, me enriqueceu”.

Xará, li “de cabo a rabo” as entrevistas que você concedeu, respectivamente, ao Sena e a Eleuda. Li também os comentários dos seus leitores. Embora antigas no tempo, mas atuais nos seus conteúdos, ambas receberam a melhor das minhas classificações: um “c”, com louvor.

GEORGINA ALBUQUERQUE:

Soares,
Que magnífica entrevista!... Coloca todos os pingos nos is!... Rs. Concordo piamente com tudo que ali está: a questão da leitura

de livros pós-advento da *Internet*, a verdadeira rentabilidade das produções poéticas, o bom gosto do seu *site*, o descompromisso com a contabilidade de leituras... Nossa!... Gostei muito da colocação relativa ao seu intuito de perdição no *site*... Rs. Quem dera se todos tivessem a sua visão crítica, o seu modo de pensar se sobrepujando aos condicionamentos atuais!...

Você é DEMAIS, Feitosa! Quando o fizeram, realmente seus pais estavam inspirados!... Rs. Envio-lhe, embora timidamente após a leitura maravilhada da sua, a minha entrevista pela Vaninha: clique aqui.

Um grande beijo dessa sua admiradora,
Georgina Albuquerque

IVO BARROSO: Meu caro e apreciado Soares Feitosa, gostei demais de sua entrevista, sincera, aberta, informativa e – por que não dizer? – edificante. Em troca lhe mando este poema a Neruda que li dia 12 passado aí bem perto de você, em Natal, na sessão de homenagem a Neruda, da Academia de Letras de lá.

Grande abraço,
Ivo Barroso

IZACYL GUIMARÃES FERREIRA:

Caríssimo: Espiei, gostei. Volta e meia pardalzinho novo me pede conselho. Entre os poucos que posso dar está o de ler, hélas!, o Rilke. Agora vou acrescentar a leitura do seu *e-mail*. Na mosca!

Pipoca, rapadura e água gelada
pra quem merece!

Abrs.

Izacyl

JASON CARNEIRO: Meu Caro Soares, sua riqueza, bem se vê, é a Literatura e os amigos que ela lhe deu. Vai daqui o meu abraço e os meus melhores votos. Do amigo Jason

JOÃO BATISTA DA SILVA: Carríssimo poeta Soares Feitosa: Em Quatiguaba, meu vilarejo de origem, “um galo acendendo outro galo e todos acendendo a manhã”, madrugada chuvosa de 16/4/23 ao lado da mãe, dentro dos 90.

Devocional de hoje, salmista Davi, Soares Feitosa e João Cabral: “Nem o trabalho (advogado) me cansa nem o divertimento (poesia) me aborrece” (SF a Eleuda Carvalho, há alguns anos, O POVO:

“Transformaste em festa as minhas lágrimas, em trajes de alegria os meus farrapos” (Sl 30.11).

LAU SIQUEIRA: Velho Chico, eu fico pensando quanto tempo faz que acesso o JP. Desde 97, se não estou enganado. De lá para cá, os acessos são praticamente diários. Você tem razão, aquilo é uma perda. Já me peguei três horas consecutivas navegando pelo “JP”. Na época, sem banda larga, foi motivo de escândalo da minha ex-mulher.

Há três meses, nasceu minha primeira neta. Minha filha, semana passada, morria de rir de

mim mostrando a Gabriela um poema de Pessoa no “JP”. Enfim... Você não precisaria ter escritos tão belos versos como “Femina” e outros, obras monumentais como “Salomão”, para estar na história da Poesia Brasileira. Nesse ponto, acho que o “JP” até te prejudica, porque você acaba mais reconhecido pelo que faz pela Poesia do que pela Poesia maiúscula que escreve. Mas, enfim... somos cidadãos do futuro, velho Chico, meu comandante.

Tenho um carinho e um respeito infinito por você, meu amigo. Um dos meus sonhos de consumo é ir a Fortaleza especialmente pra te dar um abraço!

Hasta siempre! Lau

LUIZIR DE OLIVEIRA: Entrevista ao André de Sena. Querido amigo Soares: Estive descansando um pouco antes da retomada das atividades do segundo semestre. Fugiu um pouco da Pauliceia Desvairada e fui aquietar o espírito nas Minas Gerais. Uma conferência na UFMG para arejar um pouco a cabeça, porque não consigo ficar um dia sequer sem uma leitura, uma reflexãozinha, uma discussão... A volta me revela seu *e-mail*, e aproveito para ler sua entrevista.

Como é bom ler você, meu caro. Suas ideias são refrescos para almas sedentas!!! Você é capaz de dizer tudo de uma forma tão natural que sempre me divirto com suas observações. E o mais interessante é que subjaz a elas

uma seriedade e uma percepção tão agudas do que merece ser dito/escrito (sua bissetriz me fez pensar um bocado!!!) que me sinto um felizardo de poder partilhar deste espaço – diria mesmo desta encarnação – com alguém como você. E olhe que sou um cara bastante chato e crítico com o que leio e escrevo! Você afirma que o filtro para a qualidade do que se escreve tem sido deixado ao seu leitor. Apesar de sabermos que há leitores e leitoras, concordo no que diz respeito à poesia especialmente. Acho que ela requer um certo traquejo do espírito, que não é lá muito fácil de se adquirir no primeiro contato. Lembrome quanto estive no Ceará e tentaram me ensinar a “forrozear”. Desajeitado como sou – acho que para a dança tenho dois pés esquerdos, chatos e só com os dedões!!! – fiquei ali fazendo um papel meio cômico, que só não foi pior porque a instrutora era muito simpática e preparada para enfrentar esse tipo de falta de jeito (eufemizando um pouquinho...). Associo a leitura da poesia um pouco a essa experiência. A gente vai tentando aqui, pegando ali, revendo, retomando. Parece mesmo uma daquelas conquistas de adolescência, a paixão pela professora, a quedinha pela colega de cabelos escuros e sorriso matreiro. Quando menos percebemos estamos visceralmente apaixonados e o casamento torna-se uma delícia inevitável... Outra das suas falas que subs-

crevo integralmente é sobre a navegabilidade do JP. Seu sítio é altamente produtivo nesse quesito também. Nada de frescuras tenológicas. A gente entra ali para ler, embebedar o espírito da forma mais alucinantemente poderosa que existe. Não há necessidade de nada além do que lá se encontra para nos divertir-distrair-instruir por anos a fio. Acredito que muitos dos seus seguidores/ colaboradores/ admiradores devem concordar com isso.

“Desculpe-me, mas não consigo ser modesto: o ‘Jornal de Poesia’ é bom de navegar! – imenso e rápido”. Não tem mesmo de ser modesto! A verdade é sempre preferível aos rodeios para agradar. O JP é excelente, arejado, exagero talvez, mas acho que o único que consegue aliar “o bom senso e o bom gosto” (perdão, mas foi inevitável não lembrar do Quental...).

Aproveito para uma perguntinha. O que você achou da premiação do Alexei Bueno? Ele foi uma das minhas descobertas recentes. E o rapaz tem fôlego, concorda? Achei merecida a oferta do “quelônio” para ele!!

De resto, agradeço muitíssimo você continuar me incluindo na sua lista de merecedores de receber suas dádivas literárias!

Abraços fraternos do Sudeste gelado neste momento! Luizir

MARCO ANTONIO CARDOSO:
Caro Amigo: Gostei da entrevista. Somente poderia ter gostado.

O mais certo de tudo é que se lê muito pouca poesia e é mais fácil ser lido, ao se presentear alguém, do que tentar vender um livro de poemas.

Mas não desisto, continuo com a poesia, mas a prosa se faz cada vez mais presente.

Te enviarei um texto que ainda estou a concluir, mas a cada parte que escrevo, parece que a conclusão fica mais distante, mas que seja.

Abraço fraterno,

Marco Antonio Cardoso

MARIA LILIA MARTINS CARNEIRO: Meu Deus, que coisa boa receber notícias suas neste frio dia de domingo. Adorei ler a entrevista. O “JP” é realmente o lugar de perdição, inúmeras vezes entro para procurar alguma coisa encontro outras, me perco por seus fantásticos labirintos, fico presa nas maravilhas das descobertas mais recentes e esqueço o que me motivou a entrar por aquela porta do paraíso. E assim começo tudo de novo.

E o Salomão, como vai? O bode, a dona onça, a rede, a rapadura e você, como vão? Saudades e grande abraço.

Maria Lilia

MARIA DE LOURDES HORTAS: Caríssimo Poeta:

Gostei muito da sua entrevista e de todas as notícias sobre o seu valioso “Jornal de Poesia”, tudo o que li na recente mensagem enviada pela nossa querida Carminha.

Desejo-lhe muita saúde e energia para continuar esse trabalho tão belo e necessário.

Grande abraço da sua leitora e admiradora

Maria de Lourdes Hortas

MAURICIO MATOS: Meu caríssimo Poeta:

Foi com uma puta alegria que recebi seu *e-mail*, com o *link* para a entrevista que o André de Sena fez consigo. Concordo com tudo, em gênero, número e grau: este negócio de querer ganhar dinheiro com poesia nunca existiu, nem no tempo de Camões, que morreu de fome, ao que tudo indica, mesmo com “Os Lusíadas” publicados e vendendo à vera... Devem ganhar, sim, os herdeiros do Fernando Pessoa, que é defunto recente. É claro que ninguém precisa ser hercúleo como você, meu caro Soares, e levar um “Jornal de Poesia” nas costas (aliás, quando tiver um tempinho, atualiza a minha página, tá?... risos). Eu, do meu lado, estou tentando ganhar o meu dinheirinho: defendi a tese para ser dotô e dar aula (como substituto) na UFRJ, o que já vale o caso, por enquanto... Mas não desisto de ver em papel os meus versinhos: tem alguma coisa aqui, outra ali, em coletâneas impressas e virtuais, como o “Jornal de Poesia”, por exemplo. Só o que eu queria é que os amigos tivessem ideia (e saber o que acham) do conjunto do meu “Aquém das Retinas”. Não penso em ganhar dinheiro com isso, mesmo porque não vou,

queira eu ou não! Veja como é a vida: descobri que um grande camarada meu, o Cabelo, artista plástico e músico de mão cheia (se não me engano) é compadre do Tunga, que, por sua vez, além de dispensar apresentações, vem a ser filho do Gerardo Mello Mourão. Da última vez que o Cabelo esteve aqui em casa, levou um livro meu (xerox em espiral). Vai que chega às mãos do Poeta! Delírio? É do cacete a ideia do fac-símile virtual (já imprimi os “Cantos de Lúcifer”), quem sabe não vale a pena fazer um do Gerardo (se ele quiser, é claro...), pois há muitos livros esgotados dele, com belíssimas primeiras edições? Vai aí a ideia. No mais, mande-me sempre as novas. É sempre bom receber notícias suas!
Um forte abraço do amigo,
Maurício

NEI DUCLÓS: Fila infinita de redes. Amigo poeta:

Que radicalidade boa é entregar-se, deixar-se levar não pelas palavras (que essas exigem sempre atenção absoluta), mas pela vida, e recolher o fruto plantado arduamente na manhã fria com a pachorra da sesta obrigatória (esticando a mão a partir da rede, e mais acariciar o que é colhido do que colher verdadeiramente).

Deita na cama construída com a maestria do ofício e dá o bom conselho para quem procura e não costuma achar. Lembro Quintana – ser poeta não é ler poesia, é ler os classificados, ou

algo assim (citar de memória é a verdadeira citação, citar corretamente é cópia). Lembro também que costume estocar a meninada que vive dizendo que quer estudar o que gosta. Estudar o que gosta não é estudar, provooco, isso chama-se lazer. Estudar o que não gosta é o verdadeiro desafio.

Estudar latim, geometria. Ler o que dá trabalho.

Ser a poesia e não o poeta. Há fartura de poetas e escassez de poesia. Sorte que tua messe é o excesso. Dele nos beneficiamos, vivemos do que podemos ser nas tuas páginas, da nossa gratidão e da amizade verdadeira que constróis ao vivo (tua noção de eternidade).

Tu que és o poeta da inclusão no país da exclusão absoluta. Tu que fizeste a Bíblia da poesia em português, o grande Livro virtual onde todos nos deitamos numa fila infinita de redes. Na maior comodidade, esticamos a mão e acariciamos os frutos generosos do “Jornal de Poesia”.

Um abraço do amigo
Nei Duclós

NILTO MACIEL: Amigo Soares Feitosa, acabo de ler a entrevista concedida por você ao André Sena. Como já conheço as suas ideias há muito, por conta dos infindáveis bate-papos em seu escritório, nos bares, nas livrarias, li a entrevista como quem lê a Ave-Maria. Mas isto não quer dizer que eu esteja cansado de rezar. Não, não estou. Porque você é como os san-

tos, apesar de eu não crer neles, na existência deles.

Creio em você porque o conheço, o vejo, o leio, o ouço. Creio na Poesia e é por isso que concordo plenamente com a sua ideia de que livro de poesia não é para ser vendido, mas dado, deixado nos balcões, nos bancos das praças, enviado pelo correio. Você é sempre revolucionário em suas ideias.

Abraços do seu admirador
Nilto Maciel

PEDRO LYRA: Que bela entrevista, rapaz! A única bem-humorada dos últimos tempos! Gostei sobretudo da opinião sobre o futuro do livro e da relação com a *net* – isso mesmo. P. Lyra

RENATO SUTTANA: Prezado Soares: Apreciei demais a entrevista concedida ao André de Sena. Você sintetizou, numa conversa descontraída, todo o espírito desse grande empreendimento cultural que é, hoje em dia, na *Internet* brasileira, o “Jornal de Poesia”.

Há muitas passagens que eu poderia comentar, mas destaco esta, em que você disse que (copio suas palavras) “o ‘JP’ não é um sítio de achamentos, mas de perdição, onde o leitor vem buscar Maria e encontra Joana, troca por Joaquina mas não desgruda de Tereza. A verdadeira apologia do ‘serendipity’, o achamento do não buscado, melhor que o buscado” e que “um índice detalhado poria abaixo esse

risco, esse prazer”. Mostrou, com quase nenhum dispêndio verbal, o quanto uma percepção de poeta é capaz de iluminar as coisas, quando elas tendem a se tornar obscuras e já não podem ser apreendidas pelo exercício – a cada vez mais desgastado – de perseguir o seu sentido prático ou técnico. E não devem estar a técnica e a tecnologia (se houver alguma diferença entre elas) a serviço do espírito?

Então, longa vida para o “JP”!

Abraço do
Renato Suttana

RUY VASCONCELOS: “Jornal de Poesia”, um espaço democrático no melhor senso da palavra. Vem, pioneiramente e ao longo destes anos, desempenhando um papel de pedra angular. Algo que nenhum organismo oficial poderia desempenhar com o rigor afetivo dos grandes colecionadores brasileiros. José Mindlin coleciona livros raros. Nirez arquiva a memória de Fortaleza. Soares Feitosa coleciona poetas, amigos e o estímulo à conversa mais ampla e plural. A figura do editor do “Jornal de Poesia” é já quase um folclore. Soares é da cepa desses visionários incorrigíveis, que o Ceará produz com marcante regularidade. Tais como Alencar, Capistrano, os Padeiros Espirituais, o Conselheiro, Farias Brito, Herman Lima, o Padre Cícero, Patativa do Assaré...

Parabéns ao Soares Feitosa, o

virtual editor de todos nós, do Joãozinho que arriscou seus primeiros versos, e de um tal Luís de Camões!

VICTOR AZ: Soares,
Gostei da entrevista. É bom saber como surgiu o *site*, realmen-

te ele é muito bom, constantemente fico perdido ali, tamanha a quantidade de textos que encontro. Parabéns!

Ah, obrigado pelo livro, é bem artesanal, e acho que isso é o que o torna mais interessante, muito bom. Victor Az

..*

Eleuda Carvalho entrevista SF (Uma ideia: **Leitores pagos!**)

O homen duplicado. Soares Feitosa é o homem à frente do “Jornal de Poesia”, o *site* mais completo sobre autores de língua portuguesa, que abriga ainda a revista literária “Agulha e a Banda Hispânica” – porta aberta aos poetas da América Latina. Eleuda Carvalho, para o jornal O POVO, Ceará.

Faça o teste, caro leitor. Digite, num buscador qualquer, na *Internet*, o nome de um escritor de língua portuguesa, contemporâneo ou não. Imediatamente, você vai ser enviado ao “Jornal de Poesia”. Na rede há quase uma década, o “JP” é invenção do poeta cearense Soares Feitosa. Na entrevista feita por *e-mail*, ele fala como nasceu o *site* e acrescenta outros dados de sua biografia, que apresento logo. “Idade, beirando 61, 19/1/1944, auditor fiscal aposentado e advogado tributarista militante, com artigos na imprensa especializada. Casado com a mesma mulher há quase 40 anos”.

Por conta do sobrenome, perguntei se ele ainda visitava o chão de seus antepassados. Ele digita: “O sertão? Eu nunca saí de lá! Mas não volto: todos morreram ou se mudaram para a cidade grande”. E completa: “Se eu sou um matuto? De forma

alguma! Bote praciono nesta história, por favor. Mas sou matuto, com certeza”. O “Jornal de Poesia” é também a casa da afiadíssima revista “Agulha e a Banda Hispânica” (intercâmbio entre autores latino-americanos). E o que não está nesta conversa mas recebi, como alvissaras, depois: uns exemplares das Edições Cururu. Cria em papel de divulgação da **Biblioteca Cururu**, mais uma novidade incentivada pelo “JP”.

Quem quiser, pode doar livros à biblioteca, aos cuidados do “Jornal de Poesia”. Etiquetados, com o nome do doador e a chancela do “Jornal de Poesia”, eles vão estar disponíveis, grátis, aos sedentos de leitura, nos centros culturais da cidade, universidades e escolas. Livros em circulação, é a ideia, em prática desde agosto do ano que passou. Bem. Agora, desfrute a prosa, as aventuras deste homem duplo – o poeta Soares Feitosa, o tributarista doutor Francisco Feitosa, que respondeu assim à derradeira pergunta que lhe fiz: – Do que mais você sente saudade? “Saudade de tudo, de ontem, de hoje e do futuro também”. (Eleuda de Carvalho)

1. O POVO: Você é do clã Fei-

tosa, dos Inhamuns?

Soares Feitosa: Meu avô, Joaquim Alves Feitosa, do sertão de Tamboril, sítio Bom Jardim, da pequena aristocracia rural, daquele tempo. Mas um irmão dele se assinava Dionísio Rodrigues de Souza. Havia, à época, o costume de os pais homenagearem os amigos colocando o nome deles nos filhos. De modo que, para ser exato, desconfio que meu Feitosa nem seja assim tão genuíno. Mas que eram uns cabras valentes, sim. Meu tio Vicentim, um homenzarrão, dum vozeirão incrível, foi um dos cabras mais destemidos de que ouvi falar – e conheci. Ainda do lado de pai, o ramo Souto Teixeira, do advogado Luiz Souto Teixeira, personagem meu no poema “Compadre-Primo”; somos descendentes do famigerado Canela Preta, do Icó. Do lado de mãe, sou Soares Gondinho, dos sertões da Independência, um pessoal mais manso, com muitos padres e freiras; cantadores e violeiros, com destaque ao tio Aduacto Godinho (Gondim), ao primo Juarez Leitão e ao magistrado Nagibe Melo Jorge. O finado Paulo Petrola, reitor, poeta, também é primo. Distante, mas é. Nossos avós são irmãos. Sim, sou de lá daquelas bandas, nasci no Ipu, a tragédia do pai, morto no mesmo dia do meu nascimento, mas me criei na vila da Telha, atual Monsenhor Tabosa. A mãe, professora, parreira, uma mulher disposta, aguentou o canjirão até os 83 anos.

2. OP: Li na entrevista sua ao Floriano Martins, na “Aguilha”, que você era funcionário público e também dono de uma rede de açougues, lá pela Bahia. Conte esta história e também como embarcou nesta fabulosa aventura das letras.

Soares Feitosa: Muito novo, vim para a cidade grande, Fortaleza. Repórter, inicialmente da “Gazeta de Notícias”. O chefe de reportagem era o Tarcísio Holanda, um amigão. Os companheiros daquele tempo morreram quase todos: César Coelho, Edmundo Maia, Durval Aires, Nelson Lessa e Dorian Sampaio, que era o diretor. Sim, Tarcísio também. Concurso para Fiscal do Consumo, aprovado muito novo, aos 20 anos, num tempo em que não se exigia diploma de curso superior, mas um concurso muito difícil. Os filhos crescidos, no Recife onde morei 15 anos, a família meteu-se com açougues. Quebrados. Mais quebrados do que arroz de terceira. De cabeça erguida porém porque todos pagos. Por isto, quando dizem que alguém quebrou e ficou liso, eu acredito, porque foi assim que ficamos. Fui transferido para a Bahia, onde me aposentei e retornei para cá, com uma mão na frente e outra atrás. Ainda bem que o esmorecimento não me pegou. Aposentado, aproveitei a experiência de 35 anos de auditor fiscal, e abri escritório de consultoria tributária. Diria, como dizemos lá pelos matos quando o pé de mi-

lho está com duas folhinhas bem pequenas: “Está bem sabidim meu milharal”. Mas, no escritório, creia-me, ninguém cogita seja eu poeta, sequer os advogados que trabalham comigo, nem meus funcionários. Vão ficar muito espantados quando lerem essa matéria. Lá eu sou o advogado Francisco Feitosa... nada a ver, portanto, com o Soares Feitosa. Vão comparar o retrato, com certeza. Quero ver a cara da telefonista, a senhorita Cristina, o que ela vai dizer. Vou dar um jeito de botar o jornal em cima da mesa dela sem dizer nada. E a doutora Manuela também.

3. OP: Sim, o “JP”. A *internet* ainda nos cueiros, lá pelos idos de 1996, há quase dez anos. E você cria o “Jornal de Poesia”. Como é que você se encontra com as possibilidades deste meio novo?

Soares Feitosa: Sou um ótimo tirador de leite, espichador de couros, curtidor, seleiro, sapateiro, açougueiro (desmancho um boi em poucos minutos...), gaioleiro, piãozeiro e mais uma centena de pequenas profissões sertanejas. O computador? Eu fico é com muita pena dele! Sem problemas! Mas ele me deu o troco. Estou aleijado das duas mãos (LER). Também passo o dia “amontado” no meu, de espora e brida, de dia e de noite! Assim que chego em casa, ligo o de casa. Posso dizer que vivo dentro do computador. Afinal, no escritório de advogados, tudo é

informatizado, inclusive consultas processuais e compêndios de Direito.

4. OP: Mas o que fez você criar o “Jornal de Poesia”? Como é que foi concretizar este passaporte (gratuito, gente!), a escritores de A a Z? Você mesmo chegou a digitar os poemas de Pessoa, de Camões...

Soares Feitosa: No meu tempo de jornal, a “Gazeta de Notícias” era a célula local do Concretismo. Eusélio Oliveira mantinha um suplemento. Alcides Pinto e os nomes de então frequentavam a redação. Mesmo assim, nunca tive maior ligação com a literatura. Nenhum soneto, nada, absolutamente nada. Mas não vou dizer que me mantivesse distante da cultura em amplo sentido. Leituras. Muitas leituras. Na área técnica também, de tributos. Foi assim: estava eu no meu cantinho, bem sossegado, quando, um certo dia, de manhã bem cedo, tendo ido buscar minha mulher na estação rodoviária do Recife, ouvi no rádio a notícia de que Caruaru, uma cidade muito maior do que Sobral e Juazeiro juntas, ficaria dez dias sem água para um com água. Era a Seca do 93. O repórter fazia um paralelo cruel com a história de um canal que se construía por aqui. Então, no caminho, o “bicho” me atacou. Vinham imagens. Não parei para anotar nada, nem saberia o que anotar. Minha mulher me achou diferente. Retomamos a kombi (do açougue) e

o bicho me atacou novamente. Só deu tempo chegar em casa e escrever de um jato um poema imenso, um texto forte, inédito até hoje, “Siarah”, em que faço referência a Demócrito Rocha, Wilson Roriz, Conselheiro e ao sertão. A partir dali, 19/9/1993, nasceu outra pessoa, o Soares Feitosa. O Francisco Feitosa, o auditor, hoje advogado, permanece. Um convívio bem harmônico, mesclados. Por isto mesmo é que nem o trabalho (advogado) me cansa nem o divertimento (poesia) me aborrece. Hoje, tenho certeza de que o poema “Siarah” com a divulgação que deveria ter tido, o rio São Francisco já estaria correndo na praça dos Mártires onde a epopeia termina... lavando os sangues... nossos.

5. OP: E como foi encontrar neste caminho o Floriano Martins?

Soares Feitosa: Ninguém faz mais no Brasil pela integração da cultura hispânica do que o Floriano. Ele, do bolso dele, numa época em que não havia *internet*, mantinha correspondência com os poetas do continente sul-americano para quem o Brasil inteiro tem dado as costas. Convidei-o para fazer a Banda Hispânica. Incentivei-o a fundar a revista “Agulha”, hoje uma projeção além fronteiras. A revista é hospedada dentro do “Jornal de Poesia”. Tenho o prazer, eu mesmo, de colocá-la no ar! No dia em que o Brasil descobrir os escritores dos países

vizinhos, a “Agulha” e Floriano Martins (“Banda Hispânica”) serão registro histórico obrigatório. Terei, é claro, minha pontinha nessa história. Não posso deixar de registrar o reconhecimento ao provedor Secrel-Net que, à época em que eu sequer podia pagar a assinatura da *internet*, recém-falido, hospedou o “JP”, um arquivo imenso, de não sei quantas mil páginas.

6. OP: Você passa quanto do seu tempo diário navegando?

Soares Feitosa: Moro dentro do computador. É verdade! Quando retorno de tarde, ligo-o. Passa a noite ligado. Levanto-me ao banheiro obrigatório, mas venho ao computador até cair de sono. Respondo os *e-mails*, todos, mais de 50 todos os dias. De manhã bem cedo, tomo café na bancada do computador. Leio, no computador, os jornais, O POVO obrigatoriamente, que sempre tem matérias de interesse cultural. Leio também os jornais técnicos, mas aí quem os lê é o advogado Francisco Feitosa, este “outro” meu colega... e meu amigo! O bom é que os dois se entendem! Certo dia, queria falar da integração do sistema jurídico, que não pode ser interpretado isoladamente sem uma visão de conjunto social e histórico. O Soares Feitosa prontamente socorreu o doutor Francisco com um poema de João Cabral: uma manhã de galos, belíssimo, em que um galo acende outro galo e todos acendem a manhã. O doutor ganhou a

questão.

7. OP: O que você pensa sobre esta ferramenta, a *internet*? Neste mar de escolhos, o que a sua rede pesca?

Soares Feitosa:

Não há mar sem escolhos! Compete catá-los. O pescador de peixes ornamentais procura peixinhos que a turma do “alimentar” recusa de imediato. É, por consequência, tudo válido! *Site* de mulher nua? Tem! De político ladrão? Também tem! Em suma, é bom que de tudo tenha a mais, ao demais, em demasia. O mundo, a rigor, é demasiado grande. Cate-mo-lo! Viajo no “google” e no lombo dos meus gatos – vide poema “Habitação”, no “Jornal de Poesia”. Se é longa a viagem? Claro que é. Quanto mais longa, melhor.

8. OP: Alguém já comparou você ao Quixote?

Soares Feitosa: Sim, gosto disto! Foi um recaminho de renascer. Faço meu exame e me indago: quebrou-me a poesia ou a poesia é que me impediu de cair depois da quebra? Desempato em favor da poesia. Muitos amigos que jamais fizeram uma quadrinha quebraram. É essa mania que temos de achar álibis.

9. OP: Qual a maior alegria que o “JP” lhe deu, nestes quase dez anos de existência?

Soares Feitosa: A correspon-

dência do “JP” é absolutamente ligada no passional. Ou melhor, no sacerdotal. Acho que eu **de-
via pagar** por fazer o “Jornal de Poesia”, de tão premiado que tem sido, de tanto reconhecimento.



10. OP: Por que até agora o “JP” não virou notícia além da rede?

Soares Feitosa:
Eu não me chateio

nem um pouco! Sou doido por reconhecimento, tenho que reconhecer. Mas nem parece, sou um cara tímido: não frequento ambiente algum sem ser insistentemente convidado. (Jornal O POVO, CE, 2005)

* **Biblioteca Cururu:** Substituída pela digitalização, a evitar que o livro desapareça. Muitos poetas, quando cuidam, não possuem mais nenhum exemplar. Então, digitalizados e colocados em nuvem (*Google Drive*), no modo pix-zero, leitura livre a quem assim o desejar; ou indicando o caminho para o leitor passar no caixa e pagar. Sempre, evidente, respeitando o direito autorral. Tem sido um sucesso.

Muitos autores já preferem o livro gratuito, tal como apregoado na entrevista anterior, com André de Sena, página 342 deste livro.

O Poeta **W. J. Solha**, todos os livros dele estão no “Jornal de Poesia”, no modo pix-zero. O Poeta **Márcio Catunda**, também.

E muitos e muitos outros.
Um passo à frente, em cima dos livros gratuitos, a ideia que, livros não lidos, o autor estabeleça um prêmio, digamos um queijo de coalho, uma lata tanajuras, castanhas daqui, coisa do tipo: "**Leu, ganhou**". Por que não? Nos presídios já é assim.

Tentarei tatear um relógio

Destes caminhos, vou propor alguns ao Tempo:
sim, é por ali, talvez venha;
eu farei que não vejo –
(como poderei,
[...]
se meus olhos não se guardam de multiplicar distâncias?!)
displicentemente
tentarei tatear um relógio.

Pode ser que *Ela* surja
pelo outro lado da coluna,
ali,
perguntando:

– Ele *também não* está?

Estou.

O ar.

Ah, o ar!

Há-de ser suficientemente trêmulo a todo o meu rancor.

RUTH DE PAULA MAGALHÃES:

Poeta, difícil é falar alguma coisa dos seus escritos imediatamente após a leitura deles. Digo isso porque logo que os lemos somos empurrados para um campo profundamente reflexivo. A primeira sensação é de extrema impotência, de não vida, de percorrer nossas alamedas mais escuras à procura dos nossos mais de cinco sentidos.

A tesoura de “Adolescíamos” aparece sempre que pode, nos desafiando a alma; daí, com a alma-cebola cortada em rodelas bem finas, voltamos a perceber seus versos em imagens sempre delicadas embora contundentes. Só depois de cortada a cebola-alma, é que podemos ir à mesa. Foi isso que senti quando li este “Relógio”: o lodo da angústia, a busca por espaço e a falta deste no coração de quem se ama, a quase certeza de uma terceira nota a quebrar a harmonia de um duo, tudo no ar por um fio! O ar, até ele, um intruso.

*P*osfácio
ao livro do poeta W. J. Solha,
**DEUS E OUTROS QUARENTA
PROBLEMAS**

Claude Lévi-Strauss, através de um ensaio de Marcelo Coelho, na folha de São Paulo, nos idos de 1997:

“Vistas na escala dos milênios, as paixões humanas se confundem. O tempo não acrescenta nem subtrai coisa alguma aos amores e aos ódios sentidos pelos homens, nem aos seus compromissos, suas lutas e suas esperanças: ontem e hoje, são sempre os mesmos. Suprimir ao acaso dez ou vinte séculos de história não afetaria de modo sensível nosso conhecimento da natureza humana. A única perda insubstituível seria a das obras de arte que tais séculos teriam visto nascer. Pois os homens não diferem, e nem existem, senão por suas obras. Como a estátua de madeira que pariu uma árvore, somente elas trazem a evidência de que no decorrer dos tempos, entre os homens, algo realmente ocorreu”. OLHAR ESCUTAR LER, Claude Lévi-

Strauss, Cia. das Letras, 1993, Tradução Beatriz Perrone-Moisés.

Imediato, comprei o livro que guardo até hoje, digitalizado, e ando com ele pra cima e pra baixo, na “rede”. Agora, a crescer-lhe este outro, um livro de “ressurreições”, DEUS E OUTROS QUARENTA PROBLEMAS, de W. J. Solha.

O adultério (ou não) de dona Capitu teria sido apenas uma notícia policial, mero deleite de comadres, não fora a genialidade de Machado. A Arte, só a Arte nos salva. Hoje, muito fácil comprovar se Capitu era ou não a mulher de José de Alencar, boato disseminado por Humberto de Campos. Suficiente um DNA das ossadas, inclusa a do filho, Mário de Alencar, que seria de Machado, herdando-lhe inclusive a epilepsia. (O talento, não, que talentos não se herdam). Contudo, ainda assim, aqueles “mortos” estariam redivivos na genialidade de Machado de Assis. (Sou contra esse exame, por sua absoluta inutilidade: Capitu continuará existindo mesmo jeito). Prefiro acreditar que

dona Capitu é real, porque ela é mais real que a supostamente infiel mulher do cearense, a francesa. Em suma, vivemos sob uma realidade muito mais real do que a do dia a dia: o mito, a obra de Arte.

A verdade?

Ah, a verdade, meu caro Pôncio, são três, o Cristo não lhe disse? A jurídica, a histórica e o mito. Claro que a jurídica, ainda que possa produzir grandes benefícios ou danos terríveis, inclusa a prisão ou a morte, é a mais precária das três. Sou inocente! “Juiz ladrão!” – brada o condenado. A outra, a histórica, os fatos, ainda que à vista de anotações e documentos, é também “impres-tável”. Reúnam-se três historiadores e teremos três versões diferentes. A terceira verdade, o mito, a obra de arte, não. Como afirmar que Capitu, Bovary e Karennina (citadas por Solha) não existiram?! Alguma dúvida sobre a Transfiguração? Abra qualquer livro de arte e lá está: Rafael Sanzio de Urbino.

Os cavaleiros do Apocalipse não seriam quatro, vide Jane Jacobs; há este outro: o esquecimento. Então, se morremos pela fome, a guerra, a peste ou a morte, há uma outra morte, a supra-morte, o esquecimento.

O livro de Solha, também destinado ao não morrer, faz, em tom poético, a grande viagem sobre a Arte que mantém vivos estes séculos todos que carregamos nas costas. Um livro multi, que não aborda apenas a poesia dos clássicos, nem suas literatices; envereda por todos os ramos, incluso o cinema, a dança, pedras, riscos, traços e o popular. Em suma, tudo sobre o Todo.

Até mesmo a comoção do encantamento mais simples quando o poeta registra o mero fabrico de um lápis:

Mas... há, sim, ... gentileza...
em quem faz arranjo de flores, de versos,
de sons, de aromas, sabores, formas... e cores buscando prazer... e beleza.
Há uma... delicadeza em seu ápice...
em quem junta madeira e grafite...
num lápis.

O encantamento de descrever, em poesia pura, o grito em Piero della Francesca, quando o capitão inglês, Clarke, Segunda Guerra Mundial, manda parar o bombardeio porque na catedral, lembrou-se ele, estava a testemunhar, livre do esquecimento, a Ressurrezione. Alto lá, senhora Morte!

Este insulto maior, em Solha, à não morte, ao não esquecimento, quando registra:

O que pode haver... de mais... irreal...
que o fato de que
nenhum autor,
em toda a literatura universal,
ter, até hoje,
conseguido – como seria de se supor –
d’Shakespeare...
se igualar... e – por que não?! – superar?

Harold Bloom diz, até para quem não quer ouvir, que o mais inteligente de todos os homens não seria Shakespeare, mas Hamlet, como se fosse possível a criatura ser maior que o criador.

Sim, claro que é assim! Quixote e seus moinhos são mais, muito mais, que Cervantes. O autor, paisagem de sua infância, seis anos, àquele mesmo cavalo espancado em Nietzsche:

a suar entre as crinas, se esfalfando, soltando o vapor pelas narinas, sob as chicotadas do cocheiro – grosseiro –, até que cai de joelhos e apanha demais, ainda mais, e é como se chocado – eu, garoto, flagrasse algo vedado, secreto e profundo: a máquina, infernal, do mundo.

E mais e mais.

A força da poesia verdadeira a nos demonstrar que a morte inexistente. Não creia na Ressurreição do Cristo? Pois confira em Piero, pergunte ao capitão Clarke, pergunte ao poeta Solha!

Solha nos fala de Heitor, o domador de cavalos, em Homero, a grandiosa cena do pequeno assombrado com o pai em trajes de guerra:

Homero, quando faz Heitor – ao chegar da batalha – tirar o elmo com enorme crina de cavalo, pra mostrar ao filho apavorado que é só o seu pai chegando de mais um dia de batente: perfeito!

Já chega! Não vou citar mais nada não. Cumpre-me apenas discordar do título. Problemas? Pelo contrário, soluções, solu-

ção. A única possível. A (re)criação, a obra de Arte contra o olvido e a morte. Sim, a busca de Deus, a busca do pai, vide Augusto dos Anjos, o “Poeta do Pai”, ensaio meu sobre a morte de Francisca, filha do vaqueiro, a suposto mando da mãe do poeta, vide “Jornal de Poesia”, página de Augusto.

Toda a arte é uma negociação com os deuses, tanto mais pesada se for com o Não Acreditado, aquele que não morreu, nem há de morrer, porque, muito bem oculto, dentro de cada um de nós.

Um livro religioso? Sim, na medida em que a Arte verdadeira funda-se nessa permanente negociação – sobretudo quando com o Não Acreditado.

Leitor, o encargo é teu: ler e desvendar.

Soares Feitosa

1. Augusto dos Anjos, **O Poeta do Pai**, ensaio de Soares Feitosa, “Jornal de Poesia”.

2. Os livros do poeta W. J. Solha, em inteiro teor, no modo pix-zero, isto é, gratuitos, “Jornal de Poesia”, rede mundial de computadores.

Olha, Tomé, o teu pássaro foi-se embora

SALOMÃO, beirando os 80, corro para o Salo, assim o chamo, carinhosamente, Salomão, o Salo.

Se a sr^a Ceifeira não puxar o meu mocotó com o seu longo guarda-sol (que aqui, CE, não chove, daí guarda-sol em vez de guarda-chuva), próxima tarefa há de ser o Salo.

Um dos temas a serem discutidos na Biblioteca do prisioneiro Djalma Ribeiro Cavalcante, na noite do *Menino* (Castro Alves), 13 para 14 de março do Século Cem, de Ésquilo, vide “Ode Triunfal”, de Pessoa; um dos temas, repito, será a condenação e a queima de alguns hereges, pelo monge cego, Jorge de Burgos, de um mosteiro da Idade Média, ou melhor, direto de O NOME DA ROSA, de Eco.

E, dentre os tais hereges e/ou imorais, José Alcides Pinto,

Eça, Machado e, sobretudo, Saramago, o heresiarca. O Coronel, um escravagista e libertário (pode?!), da Cidade da Bahia, comprova que Saramago é devoto, beato e santo.

— Eu?! – Protestou o Nobel.

— Sim, disse o Coronel, que pega o EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO (precisamente o mesmo livro, já nas mãos do monge cego para condená-lo) e demonstra que, pelo contrário, um livro religioso, adredemente escrito para enganar e humilhar a Satanás.

– Eu?! Paciência! – Protestou outra vez o Nobel

O pior, aliás, o melhor, é que, feita a leitura, todos, a cara enfiada no cimento imundo da minha cela, em tempo de arrebentarem os peitos, tamanho o “Confiteor” de cada um. O meu também. Vejam:

Olha, Tomé, o teu pássaro foi-se embora!

Vem aqui, Tomé,
vem comigo até a borda da água,
vem ver-me fazer uns pássaros
com esta lama que colho...

Repara como é tão fácil,
formo e modelo o corpo
e as asas;

afeiço a forma da cabeça
e do bico; engasto estas pedrinhas
que são os olhos;
ajeito as penas compridas
da cauda;

equilibro-lhes as pernas e os dedos
e tendo feito
este, faço mais onze;

aqui os tens, um dois, três
quatro, cinco, seis, sete, oito,
nove, dez, onze, doze pássaros
de lama...

Imagina, até, se quiseres,
dar-lhes nomes: este é Simão,
este é Tiago, este é André, este é João, e este,
se não te importas, chamar-se-á
Tomé.

Quanto aos outros vamos esperar
que os nomes apareçam;
os nomes, muitas vezes, atrasam-se
no caminho, chegam
mais tarde...

E agora vê como faço – lanço esta rede
por cima das avezinhas
para que elas não possam fugir, os pássaros..., se
não temos cuidado.

– Queres dizer-me que se esta rede
for levantada os pássaros fogem?
Esta é a prova com que querias
convencer-me?

Sim e não!

– Como, sim e não?

A melhor prova, mas essa
não é de mim que depende, seria
não levantares tu a rede e acreditares
que os pássaros fugiriam se a levantasses.

– São de barro, não podem fugir.

Experimenta! Também Adão,
nosso primeiro pai, foi de barro e tu
descendes dele.

– A Adão deu-lhe vida Deus!

Não duvides mais, Tomé! Levanta a rede, eu sou
o Filho de Deus.

– Assim o quiseste, assim o terás,
estes pássaros não voarão!

Com um movimento
rápido, Tomé levantou
a rede, e os pássaros,
livres, levantaram voo, chilreando,
duas voltas
sobre a multidão maravilhada
e desapareceram no espaço.

Disse Jesus:
Olha, Tomé, o teu pássaro
foi-se embora.

E Tomé respondeu:

– Não. Senhor, está aqui ajoelhado a teus pés,
sou eu.

O monge, muito aborrecido, sentindo-se enganado com a suposta heresia do Nobel, mandou, imediato, abrir protocolo para condenar e queimar o cardeal que havia excomungado aquele santo, “São” Saramago, ali presente.

O profeta Camundo, comparado ao senhor Coronel, pediu uma pausa e, ligeiro, argumentou:

– Senhor monge Jorge, o Coronel escreveu para o poeta Joca da Costa, aqui presente: “Poeta Joca da Costa, ler é mais difícil que escrever, senão tanto quanto”.

– ?

– De modo que, senhor monge Jorge, se o seu cardeal não soube “ler”, paciência! O senhor Coronel vive a falar num tal “desde que”, parece que algo a ver com talentos. Então, quem não os recebeu suficientes, não deve ir para a fogueira numa culpa que não lhe pertence.

– ?

– O pior, senhor monge, é que esses poetas são todos grandes mentirosos.

– ?

– Veja, senhor monge, outro poeta, tão mentiroso quanto, amigo do senhor Coronel, acaba de publicar um texto, dando-se por morto, algo tão assustador que os amigos compraram velas, mortalha, caixão e missa de 7º dia.

– ?

– Tudo mentira, frei Jorge de Burgos! Esses poetas só podem

ser lidos por quem “sabe ler”, segundo o senhor Coronel e, de preferência, que essa “leitura” seja feita na Delegacia do Consumidor.

– ?

– Ele mesmo, o senhor Coronel, fez um poema com uma raposa doida, da Seca do 93 (1993); que a tal raposa falava grego, latim e francês e conversava com um tal Chico Pires, um suposto cantador do sertão, nascido na Inglaterra.

Um instante, senhor monge Jorge, disse o Coronel:

– Senhor monge Jorge, o poeta referido pelo profeta Camundo é o meu amigo Hildeberto Barbosa Filho, um texto corrido, de “morte”, mas é de “vida”, assim eu o leio, depois de metrificado, tal qual eu fiz com esse de Saramago.

– Quanto à raposa doida, do sertão, quem disser que não existe, jogo-lhe este PSI, de mandacarus e candelabros, nos peitos, vejam! (E puxou da algibeira o tal poema).

– De mandacarus e candelabros, senhor? — Espantou-se o monge cego, já anotando em sua indefectível caderneta de acusações.

Exigiram que o Coronel recitasse o poema do Hildeberto, de “morte” convertida em “vida”. Exigiram também a presença de outro poeta da Paraíba, um certo Solha, tão mentiroso quanto.

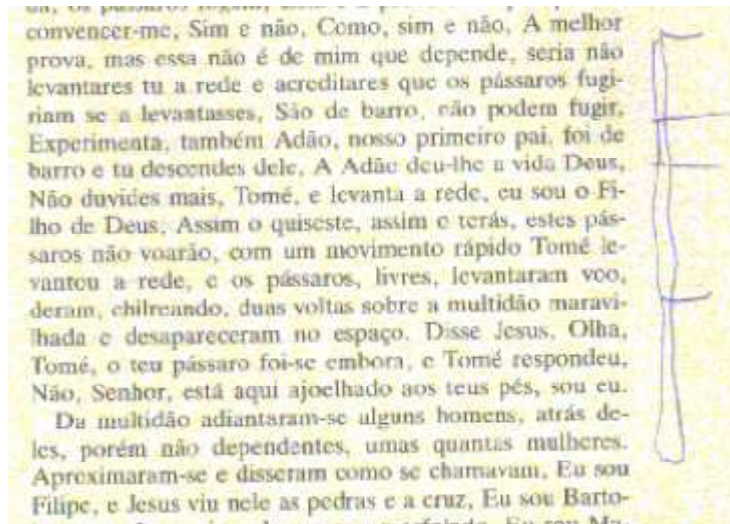
O monge cego, calado estava, calado ficou. Disse, por entre os dentes, que agora a vez

do poeta Alcides, o imoral e, imediato, mandou reforçar o estoque de lenha, direto da “pizzaria” da esquina. Realmente, esse tal Alcides andou a escrever vários livros de, com licença da palavra, alta putaria. Escapar? O senhor Coronel, ao que consta, é amigo dele. Facilitar, irá também à fogueira; ambos.

Insistiram pela leitura do Hildeberto e do Solha.

O Coronel fincou pé, que homens da gráfica haviam “mensagemado” que se este livro passasse das 400 páginas (já passara); que, mais disto: pagamento antecipado! Propusemos uma “vaquinha” em prol do livro do Coronel. Ele disse que não. Os amigos do poeta Hildeberto falaram em devolver as velas, a mortalha e os santinhos, bem como reaver o dinheiro da missa. Não!, repetiu o Coronel.

Mesmo assim, pedido meu, falei não seria justo não demonstrar como achara tamanho tesoiro em Saramago. O Coronel, de pura atenção para com este modesto Bibliotecário, meteu a mão na algibeira e puxou um papel suficientemente amarrotado:



– Pau & cobra, eis a prova de que havia uma “força” (qual?, não sei), a “engalfinhar” o texto do Nobel, de modo que só quem soubesse “ler”, lesse.

– ?

– Do lado, o risco que dei, no instante em que “li”. O livro inteiro é de pura blasfêmia. Já escrevi noutro canto: “O Bem sempre venceu”. De fato, estamos aqui, nesta cela do senhor Bibliotecário Djalma Ribeiro Ca-

valcante, 80 séculos depois. Sim, estamos vivos. Enquanto o senhor monge Jorge não nos meter no fogaréu. (Evidente que o monge não gostou).

– ?

– Quem escreveu esse tesoiro em meio a tanta infâmia? Drummond é quem sabe...

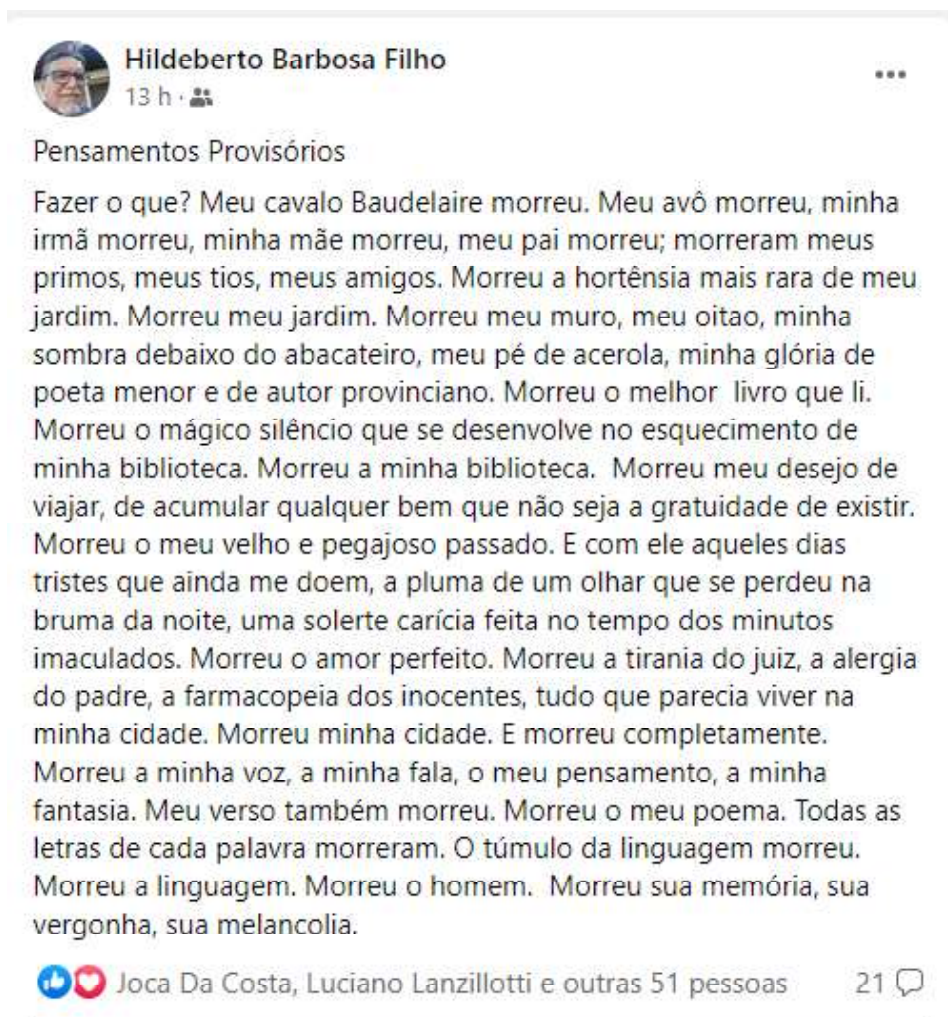
– ?

– Um dos anjos! O torto e o direito... O resto do livro é do torto.

Bom, a gente pensa que sabe as coisas e, súbito, sabe mais não. Livro a caminho da gráfica, um “post” da escritora Betty Vidigal, amiga do senhor Coronel:

“Podia postar aqui, também, o texto na forma como ele postou no *Facebook*.”

Ora, mas espiem! No ato. Aqui está o texto de “morte” do poeta Hildeberto. Vejam:



The image shows a screenshot of a Facebook post. At the top left is a circular profile picture of a man with glasses and a beard. To the right of the picture is the name "Hildeberto Barbosa Filho" and "13 h · 🧑". In the top right corner of the post area are three dots. The main text of the post is a long, single-paragraph text starting with "Pensamentos Provisórios" and ending with "Morreu a linguagem. Morreu o homem. Morreu sua memória, sua vergonha, sua melancolia." At the bottom of the post, there are icons for likes and comments, followed by the text "Joca Da Costa, Luciano Lanzillotti e outras 51 pessoas" and the number "21" with a comment icon.

Hildeberto Barbosa Filho
13 h · 🧑

Pensamentos Provisórios

Fazer o que? Meu cavalo Baudelaire morreu. Meu avô morreu, minha irmã morreu, minha mãe morreu, meu pai morreu; morreram meus primos, meus tios, meus amigos. Morreu a hortênsia mais rara de meu jardim. Morreu meu jardim. Morreu meu muro, meu oitão, minha sombra debaixo do abacateiro, meu pé de acerola, minha glória de poeta menor e de autor provinciano. Morreu o melhor livro que li. Morreu o mágico silêncio que se desenvolve no esquecimento de minha biblioteca. Morreu a minha biblioteca. Morreu meu desejo de viajar, de acumular qualquer bem que não seja a gratuidade de existir. Morreu o meu velho e pegajoso passado. E com ele aqueles dias tristes que ainda me doem, a pluma de um olhar que se perdeu na bruma da noite, uma solerte carícia feita no tempo dos minutos imaculados. Morreu o amor perfeito. Morreu a tirania do juiz, a alergia do padre, a farmacopeia dos inocentes, tudo que parecia viver na minha cidade. Morreu minha cidade. E morreu completamente. Morreu a minha voz, a minha fala, o meu pensamento, a minha fantasia. Meu verso também morreu. Morreu o meu poema. Todas as letras de cada palavra morreram. O túmulo da linguagem morreu. Morreu a linguagem. Morreu o homem. Morreu sua memória, sua vergonha, sua melancolia.

👍❤️ Joca Da Costa, Luciano Lanzillotti e outras 51 pessoas 21 💬

Perguntaram como fazer isto, um símile, assim tão ligeiro. O senhor Coronel explicou que, no computador, basta apertar ao mesmo tempo três teclas: “**shift windows s**”. Imediato, a tela escurece um pouco, só um pouco. Então, com o rato-*mouse*,

você seleciona o espaço desejado, pronto, está feito; vai ao texto em obras e clica “**control-v**”. Mais ligeiro do que “passar a mão” no celular e na carteira do distraído.

Agora, o texto do poeta Hildeberto. Preocupante. Só leio “mor-

te”. Como é que o senhor Coronel diz que é vida?! O escrito não vale o que está escrito?!

Ih, meus conhecimentos, afinal tenho sido apenas, ao longo destes 80 séculos, um apenado do Carandiru, uma prisão que sequer existe mais..., pois é, não faço ideia como o senhor Coronel sairá desta.

O poeta “morto” bebeu cicuta, esfaqueou-se até a morte, como pai do senhor Coronel, justo no momento em que ele, Coronel, nascia?!

Sei não, acho que, desta vez, o senhor Coronel arranjou encenação séria. Será muito ruim para esta reunião. O que dirão os outros dois cegos, Jorge, o outro Bibliotecário, e Aderaldo, o Ceg’Aderaldo, sobretudo este, contemporâneo do senhor Coronel?!

Antes de atacar este problema, o senhor Coronel me pediu registrasse o que os leitores disseram sobre o OLHA, TOMÉ, O TEU PÁSSARO FOI-SE EMBORA. Até desconfio tenha pedido esses registros de puro medo de não dar conta da tarefa de “ressuscitar” o outro poeta. Sei não. Que o Coronel é feiticeiro, isto eu nunca duvidei. Viram como ele “pinçou” inteiro o texto do outro poeta?!

Atendi, é claro.

ALEILTON FONSECA: Dom Soares Feitosa: Eita, seu poeta tinho da molesta! Será mago do uni-verso esse cantador juramentado que sabe versificar as prosas saramagas? De tom em tom, eis a poesia da

qualidade toda. Que as musas te abençoem, seu poeta danado... de bom!

Abracíssimos. Aleilton Fonseca

ANA CABEIRA: Caríssimo Sr. Feitosa: Não pude deixar de pensar em Borges! Lembra do “Pierre Menard, autor del Quijote”, in “Ficciones”? Pois é. A tese ali é de que todo homem deve ser capaz de ter todas as ideias... Pierre Menard – criação exuberante de Borges – decide escrever o Quixote como Cervantes o fez. E vai escrevê-lo, não como mera cópia ou vergonhoso plágio, mas como autor das ideias postas ali no papel. E assim, a sua empresa – tecendo versos com ritmo e pulsação – a partir de ideias já existentes em prosa, corrobora a tese de Menard. Ah, eu gostei demais.

E acho que Borges adorou!

Um grande abraço. Ana – Porto Alegre-RS

ANIBAL BEÇA: Querido Feitosa: Li seu trabalho de colocar em verso a prosa de Saramago. Um exercício que só vem deixar à mostra o seu talento natural de lidar com o ritmo do poema. Bandeira e muitos outros poetas, sempre afirmaram ser o poema, livre das amarras da metrificacão, muito mais difícil de se ajustar à musicalidade do que o metrificado. Concordo.

Mesmo sendo a prosa de um poeta como Saramago, você construiu uma partitura sua, de sua respiração pessoal. Não fora vos-simecê, afilhado dos rapsodos da

Grécia Nordestina. Parabéns. Deixo-lhe um repto: Ponha em verso a Carta de Pero Vaz de Caminha. Mas, depois, quando for editada e ganhar os olhos de milhares de autores, lembre-se dessa velha patativa da floresta... A propósito, ainda não conheço Fortaleza. Seria uma boa oportunidade para abraçar os muitos amigos. Daí... Abraço amazônico. Anibal

ANTONIO CARLOS SECCHIN: Que beleza de “arranjo”, meu caro!
Abraço, Secchin

ANTONIO CICERO: Caro poeta, bela intervenção! Parabéns.
Abraços,
A. Cicero

BATISTA DE LIMA: Soares, o seu arranjo sobre Saramago é obra de arte. Abraços.
Batista de Lima

CARLOS AUGUSTO VIANA: Soares Feitosa: Excelente seu trabalho sobre o ritmo de Saramago, em seu “Evangelho”. Abraços,
Carlos Augusto Viana

CLIVÂNIA TEIXEIRA: Meu querido conterrâneo: Quem dera pudesse eu ter palavras para elogiar sua proeza, um magnífico trabalho que transcende a técnica até pela intenção de realizá-lo. Creio que o próprio Saramago ficaria, como eles portugueses dizem “ESTUPEFACTO” diante de sua própria obra

vinda nesta embalagem fantástica de versos... É neste ritmo que perdemos o fôlego... Maravilhoso, obrigada pela lembrança. Clivânia

ELIZABETH LORENZOTTI: Caro poeta: Sobre o “Olha, Tomé, o teu pássaro foi-se embora!” eu me lembro de ter lido acho que em Joseph Campbell, o grande mitólogo, que as pessoas costumam ler a Bíblia ao pé da letra, e então transformam poesia em prosa. Belo é transformar prosa em poesia e ah, se pudéssemos fazer isso com a nossa vida. Muito lindo. Só você mesmo. Grande beijo. Eli

ERGÓGIRO DANTAS: Prezado Senhor Soares Feitosa, saudações. É tarefa de fôlego longo versejar quem já em prosa nos brinda com pura poesia. E devo reconhecer que é trabalho de belíssima cepa e de poderoso resultado. Receba, mais um vez, os meus mais sinceros cumprimentos. Atenciosamente, Ergógiro

ERORCI SANTANA: Feitosa, caríssimo, li a versão poética do fragmento da belíssima obra do Saramago, um dos melhores romances que já li, aquele “Evangelho...”.
Taí uma opinião sobre poesia e prosa que o Fernando Pessoa assinaria embaixo, pois ele afirmou que a diferença entre os dois gêneros era apenas de superfície e não de conteúdo, superficial e não visceral.

Reparando bem, qualquer um vê, por exemplo, que o “Grande Sertão: Veredas”, do Rosa, o melhor romance que já li na vida, é na verdade um poemão. Outras obras há de qualidade que, sendo poemões, não deixam de ser romanções, como “Os Lusíadas”, do vovô Luís de Camões. É tudo isso me alegra: montão. Archiabraço amigo do Ererci Santana

GLÁUCIA LEMOS: Feitosão, meu poeta amigo: Faz tanto tempo, mas tanto tempo mesmo, que não entro no sagrado refúgio do seu (nosso) jornal de poesia. Sabe como é a questão de tempo... E agora, meu Deus, tô arrepiada!!! não é que tenho um feliz e privilegiado encontro com meu herói literário, aquele a quem os deuses doaram toda sabedoria de palavras e de fazeres literários, o incrível Saramago, em versão Feitosina? Li e reli. Grande Saramago que leio e releio em muitos livros seus que possuo e consagro como os mestres do estilo. Grande Feitosa que vai ao vate luso e sabe banhá-lo no mel da poesia de quem, também dos deuses, recebeu o dom da sabedoria dos versos. Agora mesmo terminei a leitura de “Levantado do chão”, um poema em prosa sobre o Alentejo. Ainda estou impregnada da unção de obra tão forte. E vem então você com os pássaros de Tomé e me embebeda ainda mais a sensibilidade. E me embriaga com licor sagrado. Que Deus os abençoe, a você e a ele,

para SUA maior glória, que também é glória de Deus ver as suas criaturas derramando-se em belezas de tanta grandiosidade. Abraço baiano da nossa sempre amizade.

Gláucia Lemos

GUSTAVO DOURADO: Prezado Soares, louvo-te pelos textos de Saramago e Euclides da Cunha, os outros verei em seguida, sei que também são bons. Realmente você tem a verve e a energia dos mestres da linguagem...

A sua linguagem é única e peculiar, carregada de satíronia e um grau picaresco advinda da linguagem do romanceiro popular e de outros ambientes...

Admiro a força de seu talento e de suas ações virturreais e re-virtuais... Grande abraço...

Gustavo Dourado

KATIA MENDES: Feitosa, como se diz lá em Minas, quem sabe faz, quem não sabe bate palmas. Elogiar é chover no molhado.

Mas o encanto da poesia é justamente este: pegar o banal, o comum e embalar em papel de sonho, em cores de entardecer, em cheiros de nossa infância, em lembranças que nem sabíamos ter.

A poesia destampa a rudeza que cobre nossa alma e mostra que ainda há um sopro de Deus, apesar de tantas vidas, tantos erros, tantas estórias.

Abençoado o poeta pelo seu dom! Abençoado você por permitir a todos este momento de enlevo.

Katia

IZACYL GUIMARÃES FERREIRA: Poeta, espiei. Pra ver que a poesia sopra o que quiser, não só quando quer, como disse Mestre Manuel Bandeira.

Espiei também os outros desentranhamentos como o citado Mestre fez com Schmidt e mais amigos. Pra ver que a poesia sopra como quer, porque quer e onde quer. Basta saber através de quem. Palmas para o coautor! E o abraço. Izacyl

LAETICIA JANSEN EBLE: Caro Feitosa: Como sempre tocando fundo em nossa alma dedicada... O filho de Deus deu vida ao barro fazendo pássaros (poderiam ser homens).

Soares Feitosa deu nova vida à prosa transmutando-a em Poesia.

E, assim, experimentou ser Deus (pelo menos nessa esfera!). É Divino. A rede..., acreditando que os pássaros fugiriam. Parabéns!

Abraços, Laeticia

LUCIANO MAIA: Prosaverso. Soares Feitosa: Li o trabalho elaborado sobre o texto de Saramago. Ovo de Colombo? Não, uma invenção engenhosa, oportuna. E, para além disto, uma bela homenagem. Ao criador e à criação: autor & texto. Abraços. Luciano Maia

MÁRCIO CATUNDA: Caro Soares: Uma beleza essa versificação do Saramago. Você continua pesquisando coisas essenciais na arte da palavra.

Abraço e grato pela lembrança, o amigo Márcio.

MARCO POLO GUIMARÃES: Caro Soares: Chego de manhã na redação, nesta sexta-feira recifense ensolarada, e leio seu “Arranjo”, sobre texto de Saramago, mais sua argumentação sobre poesia & prosa. Que maravilha! Começo meu fim-de-semana com o pé direito. Muito obrigado e parabéns! Grande abraço do amigo, Marco Polo

NILTO MACIEL: Poeta Feitosa, isto é maravilhoso. Você, leitor sagaz e poético, sabe onde está a Poesia. Quem não sabe passa a vida dizendo besteiras e rabiscando “versos” que nunca passarão de lama em contraste com os passarões dos Poetas como Saramago e você. Tenha a minha admiração por tudo o que você tem escrito e anotado. Nilto Maciel

RICARDO ALFAYA: Caro Soares: Você é um dos artistas realmente mais interessantes do pedaço. Sempre inovando, buscando, experimentando por caminhos diversos. Tudo que me convida a ler sempre me deixa gratificado.

[...]

Então, assim como a descrença de Tomé não pôde impedir que pássaros de barro levantassem voo, não há como querer aprisionar o que é poético numa gaiola de conceitos. Do barro do texto, o poético sempre se erguerá, abrirá suas asas e empreende-

rá seu voo.

Felicidades, Ricardo Alfaya

ROBERTO PIRES: Acho que posso fazer um dos maiores elogios ao poema sacro pois ao terminar de ler surpreendi meus olhos cheios de lágrimas... Não entendo bem mas algumas coisas me emocionam até às lágrimas... Certa feita, assistia na tv a um parto e ao ver a criança nascendo meus olhos ficaram, também, plenos de lágrimas! Acho que consegui te passar o efeito de teu trabalho em minh'alma de poeta, filho de Salomão! Aproveitando o tema sacro desejo que aquele que padeceu no madeiro infamante continue te inspirando! O carinho, RPires

RODRIGO PETRONIO: Velho Soares: Uma beleza esse arranjo para assobio e harpa natural que você compôs a partir do grande Saramago. Esse final é pungente e você apreendeu muito bem o ritmo das frases. Parabéns! Aquele abraço forte de sempre, Rodrigo

SANDRA REGINA SANCHEZ BALDESSIN: Ai, poeta, que inventaste um jeito de matar a gente assim, devagarinho, afoçada à beira das tuas palavras... Lembrei-me de tanta coisa. Por um particular motivo, que um dia qualquer elucidado, lembrei-me do defunto jogado na cova do profeta Eliseu, mortinho e enterrado há tempos; mal tocou o corpo morto do profeta, ressus-

citou.

A tua escrita ressuscita coisas na gente. É rede de pescar homem. Sempre que começo a ler os teus textos eu sei que vou ser "fisgada" pelo imenso prazer da significação, da produção de sentido... Porém, esse, me faz te dizer: Francisco, teu passarinho está aqui. Beijo, beijo.

VICENTE FRANZ CECIM: Saramago/Nos anéis de Saturno. Alquímico SF: Onde guardaste a Resídua, o que sobrou da decantação efetuada no texto? Mandaste que ficasse girando nos anéis de Saturno – onde estão girando, também, as coisas perdidas pelos homens – objetos cotidianos: um pé de chinelo, um velho relógio, uma foto antiga – como adivinhou Mário Quintana? Também eu ando girando, me extraviando de mim. Forte abraço. Do teu amigo, sempre/Vicente.

– Pronto, ~~senhor~~ ^{***}Coronel, aí estão os comentários ao seu escrito. Agora, por favor, urge. Os seus amigos cegos! Sobretudo o senhor monge Jorge de Burgos, muito impaciente a resolver as tarefas do *Sancto Officio*. Se os seus amigos vão escapar – e vossa senhoria também – isto é outra história.

O monge inquisidor mandou reforçar a pilha de lenha, requisição expressa (e irrecusável!) às padarias do trecho.

Então, os convidados protes-

taram, inclusos os cegos. Quem mais protestou foi o antigo negreiro do Coronel, o Capitão Salomão, meu auxiliar de Bibliotecário aqui na prisão. Desconfio até que o Capitão, surgida a oportunidade, esteja a aprontar uma “rebeldia”, uma pequena vingança, sei não:

— Sim, senhor Coronel, “resuscite” o seu amigo! Aqui está o espelho que o senhor ensinou no poema NÃO É AQUI NÃO. Ando com o meu, o tempo todo; se não embaçar, reboło pela amurada. Aos peixes!

(Um frio gelado, mas não fazia, em minha cela, frio algum. E se não souber nadar?!)

Então, o Coronel, na maior audácia, disse que havia aprendido Geometria, desde menino, com Antonio Trajano, Osvaldo Sangiorgi e Ary Quintela, todos da escola de Platão:

— Com a Geometria, senhores, todos os problemas e respectivas soluções!

— ?

— Suficiente, neste caso do poeta Hildeberto, multiplicar todas as grandezas negativas por -1 . Deveras, senhores, se estiver tudo péssimo, como disse o poeta Hildeberto, com essa simplória operação (vezes -1), o Mal se converte em Bem; e o Bem em Mal.

Silêncio de escutar o voo de uma mosca a 100 metros.

Subitamente adentra à minha modesta cela, outro poeta, com certeza, tão mentiroso quanto, o W. J. Solha. Os cumprimentos de praxe, disse Solha:

— Senhores, o senhor Coronel tem razão. Foi assim que aprendi para o concurso do Banco do Brasil, que senhor Coronel também fez e passou, passamos. Tanto mais verdade, que os manuais da Administração Pública e empresas da Bolsa, numa edição secreta, secretíssima, ensinam que basta multiplicar o rombo por (-1) , pronto, tal qual a *Americanas*, ter-se-á um lucro maravilha e, a melhor parte, os consequentes dividendos. Polpudos!

Conto-lhes, meus caros, nunca ouvi salva maior.

O senhor Coronel ganhou a questão, de vida ou morte. Prometeu que antes de terminar a reunião, trará o texto do amigo dele, Hildeberto, devidamente formatado em poesia.

Com a multiplicação do (-1) , um roteiro matemático, o único que vale, segundo Platão, citado pelo senhor Coronel, acho que nem precisa explicar mais nada.

Deveras, se todos nós, desta prisão, lado de dentro e lado de fora, juizes e advogados, tivéssemos, na hora do “*sed libera nos a malo*” – (mas livrai-nos do mal) – acionado essa tecla do (-1) ...?!

Terminar esta reunião super confusa, vou pedir ao senhor Coronel, se acaso ele escapar da fogueira do monge Jorge, me ajude a escrever um livro de autoajuda. Vai estourar nas paradas de sucesso... O título? Já sei:

MULTIPLIQUE POR -1

POST SCRIPTUM

ANA BEHRENS: O autor não sabe o que escreveu. Então me permita lhe dizer: O que o Coronel escreve é inclassificável, porque incomparável, feito um rio de água salgada. Tem outro não. Um beijo, Francisco. Obrigada. Boa Páscoa!

FRANCISCO: Ana, tendi não. Desclassificastes o Coroné? O fato, assim me parece, sempre temos um anjo bom a nos virtuar o mal e, na mesma medida, um anjo torto e se meter nos “bens”. Este exemplo de Saramago, em que cria (de crer) ele? Seria ele o ateu tão medonho como transparecia em tudo o que escrevia? Ou, pelo contrário, o incrêu seria o tal Coroné? Beijo. O mistério é abissal.

ANA BEHRENS: Tomei seu mote, Francisco. Estou lhe dizendo que sua escrita é única. Não tenho ao que comparar. Tome isso como um elogio porque o é. Sua dicção é espantosa. Foi o que quis dizer, mas sabe o amigo que não tenho a mesma habilidade com as palavras que vosmecê. O Salo só melhora, Francisco. Evoé!!

FRANCISCO: Desculpe-me. Igual ao “Um cronômetro para piscinas”, neste livro, só me dei conta depois de “despachar” o

tiro bem na testa da finada, aqui, lá nela.

Ana, este tema tão fantástico, o bando de anjos, tortos e direitos, desocupados, dia e noite, “faça assim, faça assado”, fico devendo em Salo, num próximo capítulo.

E, por isto mesmo, a pergunta mais terrível:

– Quem, o Santo?

Segundo o senhor Coronel, aquele que é habitado por uma malta de tortos... e, sozinho, no maior sufoco, um único, bem fraquinho que, dentre as “feras”, um dia, proclama: “Este é meu!”.

DJALMA, O BILIBOTECÁRIO: Os joelhos foram insuficientes, a cara de todos nós no cimento rude desta penitenciária.

W. J. SOLHA: Ficou muito bonito. E, curioso: compareci no romance póstumo do Ariano, no último do Esdras do Nascimento. Espero que não seja o último, este teu.

..*

SALOMÃO, LIVRO. Aviso aos navegantes: Este capítulo é de “Salomão”, livro a ser lançado logo após este, POÉTICA.

Sim, não era a morte, era vida!

Os homens da gráfica mandaram dizer: “Complete as 400 páginas, não faremos acréscimos”.

Em sendo assim, sem acréscimos, conto-lhes, direto da Biblioteca do presidiário Djalma Ribeiro Cavalcante, no Carandiru (há séculos demolido), de como o poeta Hildeberto Barbosa Filho escapou da fogueira do monge cego, Guilherme de Burgos, depois que este tentara “assar” o suposto heresiarca Saramago, salvo pelo senhor Coronel.

Com a palavra o senhor Bibliotecário:

O monge não se conformava com a derrota, antes certo levaria Saramago à fogueira, com base no “Evangelho segundo Jesus Cristo”. O senhor Coronel ainda zombou que “Evangelho” inteiro, de Saramago, fora escrito tão somente para ofertar, secreto, “a quem sabe ler”, o poema que ele recitara, capítulo anterior, dos passarinhos de Tomé”.

Pelo sim, pelo não, lenha seca à disposição, o monge não deu trégua. Informou que agora seria a vez do poeta que pecara contra a Vida, o dom da Vida, o prêmio da Vida que, segundo ele, não pertenceria a quem está vivo, mas a Deus — “não cai uma folha, nem um cabelo...”.

— Senhor Hildeberto (com as

qualificações de praxe), vossa excelência confirma a autoria desta infâmia contra Vida? Aliás, vossa excelência não precisa perder tempo com qualquer defesa, uma vez que, poucos dias após este texto infame, publicou outro garantindo que não cria em nada, monges e ministros da Palavra, inclusos. Sua pena é a fogueira!

Silêncio absoluto. Algum pranto, afinal os amigos do poeta, todos presentes. O medo! Sim, medo total. Quem seria louco para apoiá-lo, ao risco de cumplicidade?!

— Um instante, senhor monge Jorge! — era o Profeta, o Camundo, “pareceiro” do senhor Coronel, que nesta mesma Biblioteca (a minha modesta cela), num lance de grande audácia, defendera o tio do poeta Jorge Tufic, salvando-o do fogo eterno, episódio *Ma Fi Allah!*, neste livro, página 146.

— ?

— Senhor monge, o Coronel me garantiu que o poeta Hildeberto é inocente, no mesmo grau de santo, tanto quanto o Saramago.

— Senhor Camundo, o acusado não renegou os escritos, nem os da morte, nem os do in-creu. Onde está o senhor Coronel? Vamos ouvi-lo, para que não me acusem de arbitrariedade.

O senhor Coronel saíra, sem

que eu visse; fora ao pátio e já retornava com uma braçada de rolos. Rolos? Isto mesmo, foi desdobrando-os e distribuindo aos presentes. Eram pergaminhos, em couro de bode, que o poeta Virgílio Maia os fizera, justo a tentar salvar o amigo, dele também, Hildeberto. Ganhei o meu evidentemente, todos ganhamos. Não foi dito quantos bodes mataram para tantos panfletos, aliás, “plaquetes”, assim me corrigiram. Evidente, muito bom tivessem trazido algumas “man-

tas de Tauá, salgadas e temperadas”, a aproveitar o braseiro, na hipótese de ninguém ir ao fogo. Certamente recusaríamos churrasco de bode gordo do Tauá, em meio ao fumacê de algum cristão. Assado, por mais herege que fosse.

O Coronel pegou a plaquete dele, com o autógrafo do outro poeta, Virgílio Maia, fez as reverências de praxe, e recitou, no tom, na clave, no trom, tal qual sabe fazer, disto sabemos que ele o sabe:

Hildeberto Barbosa Filho

(Pensamentos provisórios)

Fazer o que?
Meu cavalo Baudelaire morreu.
Meu avô morreu, minha irmã
morreu,
minha mãe morreu,
[...]
meu pai morreu; morreram
meus primos, meus tios,
meus amigos.

Morreu a hortênsia mais rara
de meu jardim. Morreu meu jardim.
Morreu
[...][...]

meu muro, meu oitao, minha sombra
debaixo do abacateiro, meu pé de acerola,
minha glória de poeta menor
e de autor provinciano.

Morreu

[...]

o melhor livro que li.

Morreu o mágico silêncio
que se desenvolve no esquecimento
de minha biblioteca. Morreu
a minha biblioteca. Morreu

[...]

meu desejo de viajar, de acumular
qualquer bem que não seja
a gratuidade de existir.

Morreu

o meu velho e pegajoso passado.

E com ele aqueles dias tristes
que ainda me doem, a pluma
de um olhar que se perdeu
na bruma da noite, uma solerte carícia
feita no tempo
dos minutos imaculados.

[...]

Morreu o amor perfeito. Morreu
a tirania do juiz, a alergia do padre,
a farmacopeia dos inocentes,
tudo que parecia viver na minha cidade.
Morreu minha cidade.

E morreu completamente. Morreu
a minha voz,

[...] [...]

a minha fala,

o meu pensamento,
a minha fantasia.
Meu verso também
morreu.

Morreu o meu poema.
Todas as letras de cada palavra
morreram.
O túmulo da linguagem
[...] [...]
morreu.

Morreu a linguagem.
Morreu o homem.
Morreu sua memória,
sua vergonha,
sua melancolia.
[...] [...] [...]

Uma salva de não ter tamanho! Muitos disseram que, poema tão bonito, quem o fez não poderia ir para a fogueira. O senhor monge, pasmem!, concordou quanto à beleza, elogiou também o vigor/voz do senhor Coronel, que nem parecia um ancião bastante “sofrido” nestes dez mil anos do Século Cem, de Ésquilo.

Reclamaram, porém, que o original do Facebook não trazia nenhuma reticência, nem colchetes.

O Profeta comentou que o senhor Coronel o recitara como se

um salmo, um *psalmo*, de morte, é certo, mas um salmo, com as “selás” de marcação, as pausas, Música & Poesia — e suas pausas.

— “Selá”, senhor Profeta, o que é isto? — indaguei.

O Profeta contou, que no tempo do senhor Coronel na Cidade da Bahia, vários poetas reuniam-se no Ondina Apart Hotel, no saguão da piscina para recitar, aos berros, aos peixes, às águas e às aves dos céus, dentre eles, presentes em minha modesta cela deste Carandiru há séculos demolido, os poetas

Cajazeiras Ramos, Aleilton Fonseca, Gláucia Lemos e outros que não lembrava agora. Contou que numa daquelas reuniões, o poeta Aleilton Fonseca, que preparava doutorado sobre Mário de Andrade, levava “Meditação sobre o Tietê”, um poema longo, imenso, sem qualquer pausa, laudas e laudas, o senhor Coronel pediu para ver e, imediato abriu o “bocão” para cima do poema, que jamais vira, e o recitou como se fora o “Navio”, de que ele diz saber todos os pontos e as vírgulas.

— Naquele poema do tal Mário de Andrade, foi quando eu ouvi a primeira vez a palavra Selá, Selah, coisa assim, que o senhor Coronel explicou que só poderia ser aplicada em poemas de qualidade, dos Salmos para cima. Aliás, do mesmo nível dos Salmos, retificou, com medo do monge que já o olhava de viés.

— Assim com três pontinhos, senhor Profeta? — perguntei.

— Não são três pontinhos, senhor Bibliotecário Djalma, mas um caractere único, formado por três pontinhos, porém digitado e impresso de uma só vez.

— De uma só vez? Como assim?

— O Coronel quem ensinou, senhor Bibliotecário! Manter a tecla “Num-Lock” pressionada; clicar “Alt” e, ao mesmo tempo, os algarismos 0133: pronto, a reticência surgirá na tela, assim, ó: ... Nada a ver com dois, três ou vários pontinhos seguidos.

— Senhor Profeta — perguntei — no pergaminho do couro

de bode, aliás, na plaquete finalmente elaborada pelo poeta Virgílio, nalgumas passagens, constam duas selás?

— Sim, meu caro Bibliotecário, para sinalizar, tal como na Música dos Mestres, uma pausa dupla...

— Colocaram três selás no final, por quê?

— Ora, senhor Bibliotecário, a pausa maior, aquele vergar de espinhaço do senhor maestro, igualzinho, assim nos ensinou, na Cidade da Bahia, o senhor Coronel. Aplausos! Esses poetas e maestros não pensam noutra coisa. Aplausos! Preferem dormir com fome, a perderem um aplauso!

O senhor monge cego mostrou-se bastante interessado na “tecnologia”. Ganhada a explicação, gratuita, inclusive dos selás duplas e triplas, arremeteu:

— Senhor Bibliotecário Djalma Ribeiro Cavalcante, vários acusados para julgar e justicar, não podemos perder tempo. Mande, por seu favor, dominar o herege, metam-no na camisa de força e, imediato na fogueira. Temos lenha suficiente?

— Um instante, senhor monge Jorge! — Falou o Coronel.

— ?

— Quando o poeta Hildeberto Barbosa Filho escreveu este poema tão belo? — Por favor, nos esclareça, senhor monge Jorge de Burgos, por favor.

— Primeiro, senhor Coronel, isto não é poema; pelo contrário, um insulto contra a Vida que Deus nos concede enquanto Ele

servido for. Segundo, o acusado não tem mais nome, perdido que foi com a perda da cidadania perante a Santa Madre Igreja... Ah, a data?, vamos conferir!

— Senhor monge Jorge, no meu tempo de jovem, há muitos e muitos séculos, no meu emprego na Metalúrgica Hispano, ganhei uma régua de cálculo circular; de um lado, os cálculos; do outro, um calendário perpétuo.

— ?

— Pronto, senhor monge, aqui está: 7.4.2023, sexta-feira.

— O que tem a ver, senhor Coronel?! A blasfêmia independente de datas. Aliás, numa data sagrada, ganhará os agravantes! — falou o monge, mas a voz já não parecia tão firme.

O senhor Coronel puxou da algibeira um papelucho, com a data da publicação, no “Face”, naquele longínquo 2023. “O homem prevenido é outra coisa”, disse ele:



A mãe do senhor Coronel (ah, mulher “atrevida” — no bom sentido):

— Senhor monge, era a Sexta-Feira Santa... rezei não sei quantos rosários pela conversão deste meu filho..., sim, a morte do Cristo!

— Minha conversão, senhora minha mãe?, por favor, acabe com is...

Nem deu tempo!

O monge desmaiara, *vaaápo* no chão. Chamaram o doutor Varella, médico deste presídio para acudir o “defunto”.

Antes porém, o espelhinho que o senhor Capitão ganhara no senhor Coronel, a ver se o “defunto” ainda respirava —, rápido e ligeiro (poema NÃO É AQUI NÃO, neste livro, página 118):

— Respira, sim, o espelho embaciou, ainda “veve”. Chamem o doutor! Urgente!

Doutor coisa nenhuma!

Séculos antes, a senhora mãe do senhor Coronel, antiga parteira lá nas brenhas do sertão, já se acercara do monge, aplicando-lhe nas têmporas os saís de praxe, e, com uma colherinha das menores, alguma gotas do vinho das paridas.

Transformação absoluta, o senhor monge “ressurgiu”, “ressuscitou”...

De joelhos, porém, as mãos postas; abriu-as para dizer:

— Saibam todos! Em nome do Sancto Officio, o senhor Hildeberto é santo. Na Sexta-feira do Cristo, ele cantou a morte, mas era Vida. — E completou:

— Senhor Coronel, faça-nos o favor, por seu distinto favor e obséquio, recite-o novamente, com maior força nas Selás! Deveras, senhor Bibliotecário, quando poeta Hildeberto Barbosa Filho abriu o belíssimo poema “Morte que é Vida” com a expressão “Fazer o que?”, primeiro verso, ele já sabia o que.

Sim, o poeta Hildeberto também recitou. E todos os increus ali presentes encheram a boca de Vida, ainda que todos mortos no Século Cem, de Ésquilo.

..*

CRISTINA BITTENCOURT: Que maravilha! Consegui ver tudo! O maestro, também vi!

HILDEBERTO BARBOSA FILHO: Li tudo e fiquei maravilhado e orgulhoso. Meus “Pensamentos provisórios” possibilitando poemas definitivos. Salve a genuína poesia.

SF: Poeta Hildeberto, outro dia, o poeta Luís Antonio Cajazeira Ramos comentou que poema verdadeiro, quando suscita outros poemas; pelo menos a vontade de fazê-los iguais aos dele e aos seus. Neste, a primazia é toda sua. Confesso-lhe: o seu texto, de-

cididamente superlativo!

LACL: SF, superlativa é toda a prosa poética dos “Pensamentos provisórios” de Hildeberto Barbosa Filho. Nesse daí, você enxergou não somente a prosa poética. Você viu um poema descansando no balanço da rede da prosa e lhe disse: levanta daí, home! E que poema! Obra magistral de Hildeberto, iluminada pelo olhar lírico de Feitosa.

LUIS ANTONIO CAJAZEIRA

RAMOS: Soares Feitosa, poeta de dicção ímpar, não se contenta em unir tradição e modernidade, indo além. Vai buscar antes do pré-socrático, antes dos pensadores, vai lá atrás, nos mitos, na montanha dos deuses, e os traz para a pós-contemporaneidade, numa fusão de incêndio e paz. É como o monge sábio que lê todo o passado nas contas de vidro do Hesse do século cem de Ésquilo, ou um Buendía lendo todo o futuro na caverna do 100º ano da solidão do Márquez do ano zero. Feitosa, o alquimista da linguagem. E a transposição do texto de Hildeberto Barbosa Filho para o formato em versos, que maravilha, hein?

JOCA DA COSTA: Compadre de leituras e espantos, irmão de destino nordestinado, é um “mallassombrado”, como gosta de dizer o poeta pernambucano Antonio Marinho quando quer su-

perlativar alguém.

O que fez Feitosa, transformar o texto de Hildeberto Barbosa Filho num poema dentro de um conto com tantas referências cruzadas e criptografadas, é mais que um belo exercício de intertextualidade e uma demonstração de criatividade dignos de quaisquer “oficinas literárias”: é uma jogada de mestre.

E as tantas “selás” semânticas? Armadilhas para a consciência superpostas a abismos de significação e seus opostos, por referência a absurdos quase-ionescos? Costuras insuspeitadas de vidas e obras a desafiar o leitor a usar sua leitura personalíssima como pena, ao mesmo tempo agulha, sentimento e castigo, a fazer do texto seu tecido e sua teia, que ler é mais doído que escrever!

Adorei e invejei, compadre!
Como não pensei eu nisto?

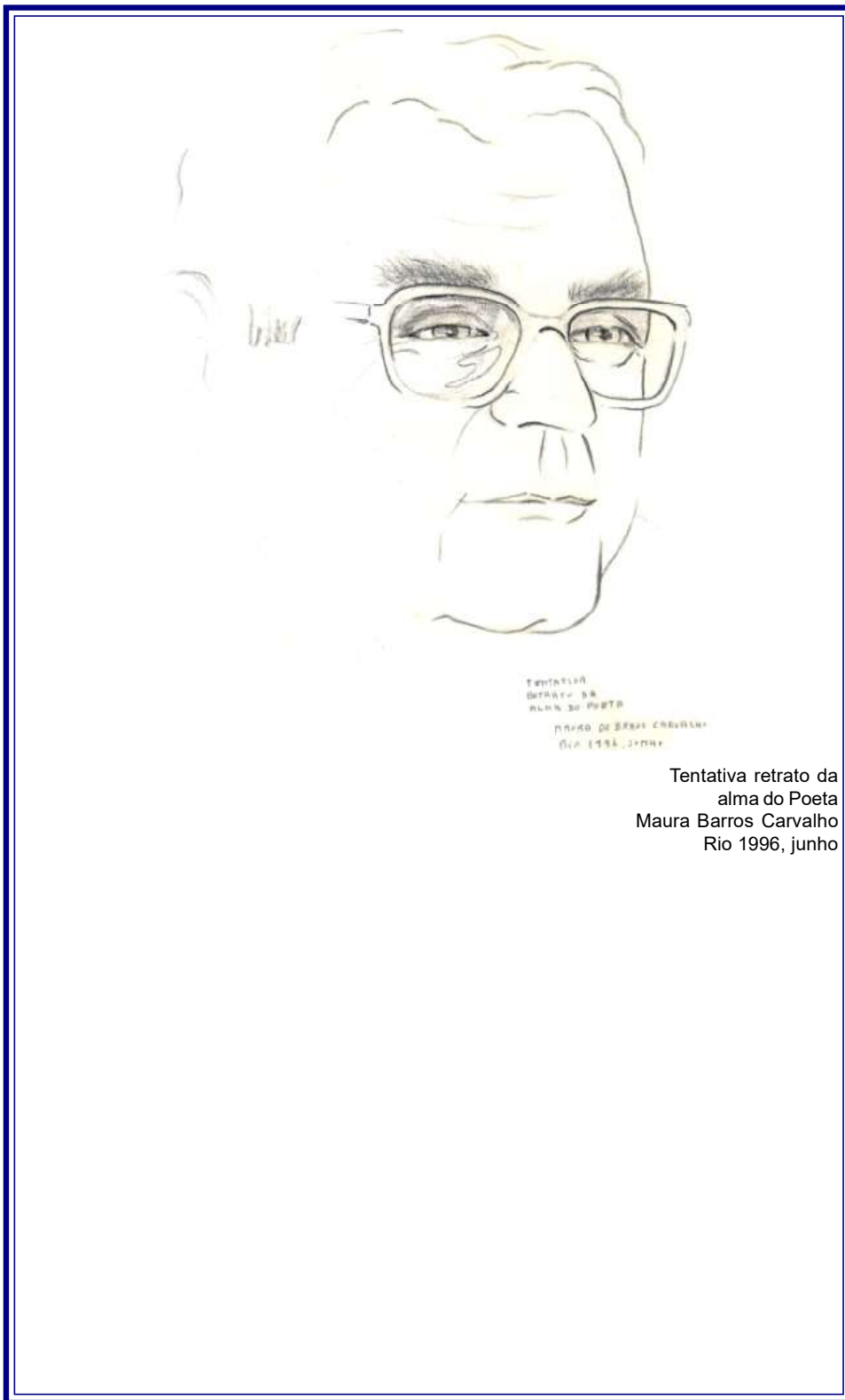
LUCIANO LANZILLOTTI: Nota dez, Feitosa. Estamos juntos.

LULU CHAVES: Poeta Feitosa, o seu talhe é único e a sua erudição é vasta e sábia. Maravilha!

RODRIGO ROSAS FERNANDES: Poeta, você é um gênio. Simples assim!

SÉRGIO DE CASTRO PINTO: Textos excelentes, o de Feitosa e o seu, Joca. E, claro, também o de Hildeberto. Abraços.

VALDIR ROCHA: Caro amigo Soares Feitosa, a sua linguagem é absolutamente singular. É sua, ninguém tasca, nós vimos bem.



Tentativa retrato da
alma do Poeta
Maura Barros Carvalho
Rio 1996, junho